REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II

Hoc facit ut longos durent benè gest per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

Segunda Serie

Tomo Quarto

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1891

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA

Segunda Serie

TOMO IV

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II

Hoc facit ut longos durent benè gest per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

Segunda Serie

Tomo Quarto

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1891

2621—90

Extracto das actas do Instituto Historico e Geographico Brazileiro da sessão de 9 de Dezembro de 1847.

Resolve o Instituto, attendendo á grande affluencia de manuscriptos cuja impressão cumpre não ser retardada, que no anno de 1848, além do terceiro volume da *Revista trimensal*, se publique um tomo supplementar, que deve formar o quarto da segunda serie, contendo: a reimpressão das peças recitadas na solemnidade do 1º de Julho de 1847 para commemorar a perda do seu presidente honorario o augusto Principe Imperial Senhor Dom Affonso; os discursos lidos na sessão anniversaria celebrada no dia 9 de Setembro; os trabalhos que se apresentarem na inauguração dos bustos dos fundadores da Sociedade; e mais outros ineditos que forem necessarios para completar o volume com o mesmo numero de paginas dos anteriores.

MANOEL FERREIRA LAGOS,
1º Secretario perpetuo.

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA,

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

VOLUME SUPPLEMENTAR

OBLAÇÃO

DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

Á MEMORIA

DE SEU PRESIDENTE HONORARIO O SENHOR DOM AFFONSO, AUGUSTO PRIMOGENITO DE SS. MM. II.

Extracto da acta da sessão de 17 de Junho de 1847

Entra em discussão, e é unanimemente approvada a seguinte proposta:

Tendo o Imperio do Brazil perdido na pessôa do augusto Principe Imperial o Senhor Dom Affonso um dos objectos mais caros de sua futura grandeza e de suas esperanças; e tendo o Instituto Historico e Geographico Brazileiro na pessôa do mesmo Serenissimo Senhor perdido tambem o seu Presidente honorario: propomos que o Instituto celebre uma reunião especial para commemorar a saudade que nos deixa tão inesperado e doloroso successo, na conformidade do programma junto.

Sala das sessões do Instituto em 17 de Junho de 1847.— *Manoel de Araujo Porto Alegre.— Manoel Ferreira Lagos.— Francisco Manoel Rapozo de Almeida.*

PROGRAMMA

No dia 1.º de Julho, ás 5 horas da tarde, reunir-se-hão na sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro todos os Senhores membros que quizerem concorrer ao acto, trajados com a decencia conveniente.

Aberta a sessão, o Exm. Sr. Presidente fará uma allocução analoga ao objecto; seguir-se-ha o discurso do Orador, e depois as mais peças, em prosa ou verso, que os Senhores socios quizerem recitar.

Todos os Senhores, que desejarem recitar alguma composição, terão a bondade de avisar anticipadamente ao Secretario perpetuo, afim do Exm. Sr. Presidente poder dar-lhes a palavra por sua vez.

Os Senhores socios que tiverem de recitar tomarão assento junto da mesa da presidencia.

Terminará a sessão com a leitura da acta respectiva, a qual será lavrada pelo 1.º Secretario, e assignada por todos os Senhores socios presentes.

Pelos jornaes se fará constar esta resolução a todos os Senhores socios residentes na côrte, convidando-os para virem tomar parte em tão solemne acto.

Todas as peças recitadas serão impressas com a maior nitidez possivel em um volume, de formato grande, dedicado pelo Instituto aos augustos Pais do Principe fallecido. D'esta publicação só se tirarão quinhentos exemplares, que serão distribuidos pelos Senhores socios, depois de numerados, rubricados pelo 1.º Secretario, e sellados com o sello do Instituto.

Rio de Janeiro, 17 de Junho de 1847.— *Manoel de Araujo Porto Alegre.— Manoel Ferreira Lagos.— Francisco Manoel Rapozo de Almeida.*

Em cumprimento da proposta reuniu-se o Instituto no indicado dia 1º de Julho na sala das suas sessões, que se achava decentemente decorada para aquella solemnidade, a primeira de tal natureza celebrada no Imperio. Fronteiro á porta da entrada, sob um magnifico docel de cortinas de velludo verde orladas de ouro, e regaçadas por grossos cordões do mesmo, pendia entre grinaldas de flores artificiaes o retrato do Principe Imperial em rica moldura: tinha o docel por friso larga guarnição dourada, a qual rematava com as armas imperiaes, e logo por baixo o precioso estandarte da independencia, meio desenrolado como em funeral; aquelle mesmo primorosamente bordado que ha servido na acclamação dos Imperadores do Brazil. Aos lados do docel descansavam dous grandes vasos de marmore pentelico com finissimos lavores sobre columnas troncadas, e debruçavam-se d'elles cardamomos e dracoenas. Elegantes aparadores com candelabros de prata, e jarras de feitio exquisito cheias de flores naturaes, e linhas de cadeiras guarneciam as paredes lateraes, cujas portas estavam adornadas de reposteiros de damasco verde: e sobre a mesa da presidencia notavam-se dous soberbos candelabros de ouro entre vasos de crystal com enfeites do mesmo, e um tinteiro de prata com as armas da rainha D. Maria I, a quem pertencêra.

A's 6 horas da tarde abriu o Exm. Sr. conselheiro Candido José de Araujo Vianna a sessão, seguindo-se depois o discurso do Sr. Orador, e todas as mais peças abaixo transcriptas na ordem em que foram recitadas. Reinou sempre o mais profundo silencio e respeito durante o acto, e no intervallo de cada discurso ouviam-se os sons de uma harmonica, na qual se desempenhavam composições preparadas para aquella ceremonia pelo socio o Sr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia, digno herdeiro de um nome tão caro e de um talento tão prodigioso.

Terminou a sessão com a leitura da acta respectiva, lavrada pelo Sr. 1.º Secretario perpetuo, e assignada por todos os membros presentes.

DISCURSO DO PRESIDENTE

SENHORES

Abrindo a sessão que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro especialmente consagra á manifestação de sua dôr e saudade, no prematuro passamento do Principe Imperial o Senhor Dom Affonso, seu presidente honorario, sinto renascerem subito as considerações afflictivas, que em relação á familia e á cidade surgiram de tropel no meu animo de pai e Brazileiro, ao ouvir a infausta nova do inopinado golpe.

Em verdade, Senhores, quão transitoria é a ventura, essa alcunhada ventura, que se esteia nos caducos bens d'este mundo! No malfadado dia 11 de Junho tocado haviam meus labios a mimosa dextra do Principe que pranteamos: então cheia de vida essa angelica dextra, que devia empunhar um dia o sceptro de ouro da Terra de Santa Cruz, revolvia na bibliotheca particular do augusto Pai, entre brincos infantis, estampas zoologicas, nas quaes com precoce penetração distinguia, apontava, e nomeava muitos e diversos animaes. Poucas horas havia que eu tinha sido jubilosa testemunha da complacencia e alegria em que se espraiavam os corações de um pai terno, de uma mãi carinhosa, revendo-se no primeiro fructo de sua abençoada união. Poucas horas havia que admirando o portentoso desenvolvimento das faculdades intellectuaes do imperial menino, eu rendia graças ao Supremo Fundador dos imperios pela bem-augurada duração e prosperidade da dynastia do heróe dos dous mundos, e pela estabilidade e ditoso porvir da monarchia americana, em cujo throno adamantino tinha de sentar-se um Principe, que na tenra idade de dous annos, tres mezes e dezoito dias, fundadas esperanças dava de succeder tambem nos talentos e virtudes dos excelsos progenitores. Eis que com a velocidade do raio circula a tristissima noticia do fallecimento do Principe adorado, doce origem de tão fagueiros pensamentos. Adeus sonhadas delicias domesticas! Adeus futuro risonho de lisongeira politica!... O mimoso filho do Senhor Dom Pedro Segundo já

não existe! E' morto o primogenito do Brazil, o herdeiro presumptivo da corôa!

Em tanta calamidade, Senhores, eu vi o dedo de Deus, conheci o effeito da cólera celeste, não pude refrear o pranto: e qual seria o Brazileiro que podesse tanto? Maldito seja o homem que em transe tão apertado se envergonha de chorar; que em deixar correr as lagrimas não se avilta ninguem! Se o nascimento dos principes é um acontecimento fausto para as nações constituidas como nós; se é assumpto de publico regosijo; se é mesmo considerado, e com razão, um favor do Céo; não póde deixar de ter-se por sinistro acontecimento, e por castigo de Deus, a morte dos principes; seja qual fôr a idade em que ella sobrevenha; embora nossa religião santa nos offereça a consolação de que os annos da innocencia os collocam desde logo na mansão dos justos. Sim, Senhores, é punição do Céo a morte do Senhor Dom Affonso: a nossa desunião, as nossas dissensões internas, denunciando a ingratidão com que insensatos recebemos os beneficios da Providencia, desvelada em outorgar-nos um Soberano de tantas virtudes, armaram a justiça divina, desafiaram a ira do Altissimo, e chamando sobre nós o golpe exterminador, foram ferir tambem os corações do pai augusto, que só acha consolação na resignação evangelica.

E' nessa mesma resignação que nós podemos deparar, Senhores, com a nossa consolação, e na esperança de que tornando-nos dignos das misericordias do Altissimo, nos seja conservada a Serenissima Princeza Imperial a Senhora Dona Isabel, e tenhamos a dita de ver brotarem muitos ramos virentes do viçoso tronco imperial.

E vós, Imperador excelso, dignai-vos de aceitar as flores, que sobre o tumulo do innocente Principe esparge a mão de um pai, que, victima de similhantes golpes, póde, Senhor, calcular a intensidade de vossa dôr; de um subdito leal, que honrado com a importante missão de acompanhar-vos no rapido desenvolvimento de vossos sublimes talentos, vos consagra um amor superior ao de um simples subdito ao seu monarcha, e sente as maguas do vosso magnanimo coração, como... Senhor! como sente um pai as de seu filho.

Dignai-vos de aceitar as oblações que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, de que sois o inclyto protector, depõe, pungido de saudade, sobre o angelico jazigo de seu augusto Presidente honorario, do vosso primogenito filho.

Está aberta a sessão.

Candido José de Araujo Vianna.

DISCURSO DO ORADOR

N'aquelle dia amavel, de tantos sonhos de ventura, n'aquella hora de felizes presentimentos, n'aquelle instante em que do alto do Castello se annunciou ao mundo que um principe americano acabava de nascer, e que o throno do Brazil já tinha o desejado successor ; n'esse dia de enthusiasmo para o Imperio, e de grata recordação para o Instituto, ninguem de certo ousaria prophetisar esta nossa reunião de hoje, nem o motivo sagrado que preside e pésa na consciencia de todos os membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

O delirio patriotico que ferveu em todos os labios, essa onda de alegria que se elevou aos Céos, como um hymno de jubilo, como um canto genethliaco, se acha agora sopitado pela mais profunda dôr ; todas essas imagens risonhas, todas essas brilhantes creações, toda essa perspectiva de desejos tão bellos, que se alongava nas azas da esperança por um futuro tão grandioso, todas essas sublimes realidades da mente e do coração se converteram n'uma tarima e n'um sudario.

Foi um somno perfumado, um sonho luminoso, uma d'essas viagens ethereas, cujo despertar é de trevas e pranto !

O Instituto teria retrogradado com suas oblações ante o Throno Imperial, e represado em seus labios esses patrioticos emboras, essas saudações de um jubilo espontaneo, se elle previsse naquelle dia memoravel a terrivel peripecia que lhe aguardava o futuro,

a perda irreparavel do seu Serenissimo Presidente honorario o Senhor Dom Affonso, em cuja fronte repousava a segurança da continuação do seu alto patrocinio, de sua felicidade e de sua grandeza.

N'essa fronte infantil, radiante de magestade, onde se mesclavam em mutua delicia os osculos do amor o mais puro, o mais suave e o mais santo que ha na terra; n'essa fronte infantil, n'esse cofre precioso de serenidade e de innocencia, tambem repousavam o amor de um povo e os destinos de um imperio! Ella era mais um elo de ouro, que se prendia a essa cadêa que cinge o pacto da alliança fraternal, era um symbolo de paz e de gloria, um legado de abundancia, um thesouro para nossos netos; era o vinculo da concordia futura, a gemma preciosa que devia rutilar debaixo d'este céo americano á luz benefica de sua augusta origem, e continuar a derramar sobre nossos descendentes esse influxo de virtudes, esse exemplo admiravel de paternidade e de munificencia que o Céo nos outorgou na pessoa dos seus altos genitores.

Essa fronte tão tenra e tão mimosa era uma pedra angular do monumento erguido no Ypiranga; era mais um alvo aonde burilava a esperança os decretos de nossa grandeza.

E' triste o acordar de um sonho de delicias; é de certo aterradora a vigilia de lagrimas e de desespero. E' uma agonia dolorosa para um povo monarchico, para um throno nascente e isolado no Novo Mundo, este vacuo, esta perda tão grande, esta anciedade que só acha allivio na esperança e na bondade da Divina Providencia.

Aonde estão todas essas emoções ardentes, todas essas vozes que cruzavam os ares do Imperio, alinhando a symphonia que denunciava a esse espectaculo augusto; quem sepultou esse mundo radiante, esse astro propicio na escuridão dos tumulos, e nos collocou em um ermo, e n'uma soidosa orphandade?

Quem foi que ousou arrebatar do gremio augusto e amoroso de sua heroica mãi esse filho, que ainda ha pouco fruia seus osculos e seus carinhos, e magnetisava com sua candura, com seus sorrisos, essas doces effusões, essas delicias que beatificam a alma e

o coração materno ; quem veio desfazer esses paineis patheticos, que mal póde bosquejar a arte de materialisar as idéas e a lyra do vate ?

Esse apparato risonho de louçanias, esse cortejo pomposo, essas galas do coração, esse mundo ungido de perfumes, esses beijos paternaes de incessante doçura, e que imprimem o sello de um amor quasi divino e superior a todos os gozos da terra : quem converteu em luto ?

Quem ordenou ao Anjo dos sepulcros que fosse bafejar em seu rosto de rosas a pallidez da morte, e que eternamente apagasse em seus lindos olhos o reflexo da luz do sol americano, e lhe arrebatasse entre vascas e agonias essa alma tão tenra e tão pura, tão intelligente e tão docil, baldando as esperanças de um Imperio e a de seus augustos genitores ! Quem ? !

A Providencia ! A Providencia, que nos quiz mostrar na humanação de um anjo o terrivel exemplo de sua omnipotencia !

Ella quiz que n'uma época vertiginosa, que no seio de um povo ingrato a tantos beneficios do Céo, se operasse este grande sacrificio, para que os Brazileiros melhor soubessem apreciar sua ventura na America ; para que elles olhassem o Throno como o palladio de sua grandeza e de sua unica felicidade ; para que elles no meio do sobresalto de um golpe extraordinario, encarando o passado, calculando o futuro, se abraçassem, se unissem, e recuassem diante do abysmo medonho, que mais de vez tem cavado a cegueira de mesquinhas paixões.

O esquecimento da patria, esse terrivel vasio, esse hediondo scepticismo, que é o primeiro annel da cadéa infernal da immoralidade e da barbaria ; o esquecimento da patria, esse crime de lesa-grandeza, esse aborto das entranhas do egoismo, é quem prepara aos povos esses cataclysmas de sangue, essas tempestades que, depois de arrasarem tudo quanto é nobre e grandioso, depois de espedaçarem todos os elementos do bello e do subblime, deixam-no erguido entre as ruinas de sua ferocidade e de sua ignorancia para usurpar um throno architectado no centro de um abysmo, entre as chammas do remorso que o devora, e que o extingue no meio da mais terrivel desesperação.

A victima para este grande holocausto, Senhores, a victima que devia expiar nas aras da morte tanto sangue derramado, estava decretada nos Céos! Ella não fez mais que descer de sua celestial morada, poisar alguns instantes no seio de uma Princeza virtuosa, offerecer seus risos e seus carinhos a um Principe magnanimo e bondoso, colher em sua fronte augusta os osculos do mais puro amor, receber de um povo os delirios de seu enthusiasmo, viver um dia, e remontar á sua eterna patria, deixando-nos um palpavel exemplo do poderio do braço do Senhor! d'esse braço que acena, e abre a terra, e submerge um povo inteiro, envolto no seu proprio sangue, e o cobre com a campa das ruinas e do esquecimento, com a poeira dos tempos, com o silencio dos seculos, até que as plantas do peregrino erradio toquem no esqueleto marmoreo de sua finada grandeza, e vão na patria longinqua levar seu nome na lista das nações extinctas.

O compasso da arte não acha assento nos desalinhos da dôr: os gemidos do philosopho, as lagrimas do patriota, todas as idéas previdentes se harmonisam n'um ponto sublime, no concerto grandioso de uma idéa generosa e creadora, que se desvaneceu. O profundo sentimento d'esta inesperada e eterna ausencia volve nossas vistas errantes no horizonte nublado do futuro, e nos colloca n'essa expectativa melancolica, que só acha lenitivo na esperança.

Olhemos para esse berço onde ha pouco o primogenito da patria resplendia cheio de vida; olhemos para esse leito de purpura onde ha pouco nossos olhos se embebiam da imagem da formosura, vertendo em nossos corações idéas tão lisongeiras; olhemos para esse leito tantas vezes embalado por uma mão materna, por uma dextra augusta; olhemos para esse berço onde esvoaçavam mil sonhos de ventura, fallaces creações, simulacros germinados pelo amor, pela mente de um pai extremoso, pela phantasia do Principe da juventude, de um augusto poeta; olhemos, Senhores, para esse berço querido onde ha pouco adormecêra o filho dilecto do Brazil; interroguemos essas regias douradas, esses muros cobertos de purpura e ouro, e perguntemo-lhes por elle, pelo nosso Principe, pela esperança da patria?

Apenas nos responde um gemido, um gemido profundo, eloquentissimo! Apenas vemos, immovel como a estatua da dôr, aquella que lhe deu o ser, abraçada com a religião, unindo a cruz do Christo ao seu peito angustiado, como para acalmar a dôr inexplicavel do seu coração materno, e a do coração lanhado de seu augusto consorte: e entregando a Deus, a Deus sómente, a sua justa afflicção, a sua saudade;... porque só Deus sécca as lagrimas no rosto do infeliz, e desmaia os quadros da memoria, encobrindo atravez do tempo essas scenas lutuosas que fazem da vida uma pendula, que oscilla entre os risos da esperança e as lagrimas do infortunio.

Debaixo dos tectos dourados do paço, no centro d'essas alamedas redolentes, d'esses jardins paternos, já não echôa a sua voz angelica, e nem um côro de risos innocentes responde com o accento do amor ás suas vivaces expansões, a esses galanteios que aos pais retratam a imagem do Céo e as delicias da bemaventurança.

A ufania paterna, a gloria de o haver gerado tão bello e tão digno de ser imitado por um Praxiteles ou por um Albano, todos esses extasis amorosos se converteram no abatimento de uma saudade eterna.

Aquelles que são pais, aquelles que são sensiveis só podem apreciar a intensidade da afflicção paterna, a dôr de uma mãi aterrada quando vê fugir de seus braços o primeiro fructo do seu consorcio, a mais cara pagina do livro de suas delicias, o seu filho, o corpo do seu corpo, a alma da sua alma, o amor do seu amor, o vinculo sagrado do seu thalamo, e o herdeiro de suas virtudes e de sua gloria, — a imagem do seu esposo.

Desgraçadas mãis, desgraçados pais, que não podem comprar, nem a troco de um mundo, a vida de seus filhos; nem rojados por terra, mergulhados nos transes mais pungentes da dôr, supplicando e chorando podem reter nos labios de seus filhos essa aura invisivel, essa vida fugitiva que se esvaece entre soluços, e que de um instante para outro instante transforma esse ente amado, essa creatura cheia de vida e de belleza n'uma massa inanimada, n'um livido cadaver; e que os deixaria na

terra como em um deserto, em uma solidão de dóres, em um ermo de desesperação, n'um cháos, se a religião não os viesse consolar, e interpôr suas maximas divinas entre a alma e o coração.

O coração de um pai é um microcosmo fiel e variado de todas as tempestades da terra: ha n'elle um espaço sagrado onde se representam os dramas do amor com tanta vivacidade e força, com emoções tão grandes e tão variadas, que é impossivel daguerrotypal-as: o turbilhão de affectos que ahi redomoinha é tão intenso, tão poderoso, que impossibilita comparal-o sem amesquinhar sua grandeza.

Os annaes do coração paterno formam essa epopéa da vida intima, cujas machinas são illusões e realidades, lampos de incerteza e de esperança; mas este canto, este sublime reflexo do mundo d'alma, duplica de magestade e de heroismo quando se opera no coração da mulher, no coração de uma mãi! Ella, e só ella possue no mais alto gráo esses rasgos incomprehensiveis, essa força sobrenatural que faz do amor materno a admiração de todos os tempos, o manancial perenne de todas as bellas artes, o throno de sua gloria, e a veneração do genero humano.

O coração materno é a lyra portentosa onde todas as cordas do amor vibram o hymno pathetico dos anjos; elle é o espelho celeste onde se reflectem todas as virtudes da mais pura alliança; é n'esse instrumento de constancia e de desinteresse que a alma se eleva e trasborda nos lances os mais terriveis em torrentes de heroismo, sempre triumphantes dos calculos da pausada philosophia.

O Principe, meus Senhores, no dia onze de Junho ao meio dia ainda expandia em suas faces essa magia de um sorriso infantil, n'essa hora venturosa ainda sagravam sua fronte as bençãos matinaes de seus augustos genitores; ainda em torno d'essa loura fronte esvoaçavam mil visões paternas, mil desejos sagrados, verdadeiras préces da mais alta amizade; ainda elle era o predestinado por Deus para um dia fruir esse futuro gigan-sco que aguarda o Imperio do Brazil. Mas... a hora infausta ra a patria, e feliz só para elle, tinha soado na atalaia da

morte ; era o signal da separação ; e abriu-se um panno mortuario, e acobertou para sempre tantas esperanças de uma prematura felicidade.

Foi no casto gremio de sua augusta mãi, entre os seus braços, no regaço triumphal de seus carinhos, no seu throno de amor, que a morte, a cruel morte o veio despedaçar !

Foi entre um tumulo e um berço, entre a morte e uma esperança, entre oppostas realidades que se operou esta catastrophe medonha para o Imperio, este quadro de sublimes contrastes que baralham todos os calculos humanos, e collocam o coração de um pai nos transes os mais assustadores:

Um filho expirando, outro tocando a méta de sua apparição, e uma innocentinha princeza sorrindo-se e atravessando este encontro memoravel, este abalo aterrador da urna dos destinos de um Imperio...

Grande Deus, muito hão soffrido os nobres corações d'esses augustos consortes n'essa hora tremenda do passamento do seu primeiro filho !

Se a Providencia prepara estas grandes catastrophes nos pontos mais culminantes da humanidade, junto dos thronos que ella dirige, para que os principes colham na escola do pranto a experiencia da desventura ; se ella desfecha estes golpes inesperados para mais humanar os grandes, e irmanal-os um dia com os outros homens, fazendo-os tambem sentar na pedra fria da desgraça ; se ella n'essa hora solemne, aprumando as flechas do infortunio sobre sua fronte coroada, lhes faz desapparecer todas as grandezas da terra, e os faz comparecer diante do suggesto da verdade, em face de um terrivel desengano, diante do abysmo do tumulo, que engole todas as categorias e nivela todas as condições:

De certo, meus Senhores, esta terrivel lição não cabia ao Principe magnanimo, virtuoso e caritativo, que rege os destinos do Imperio americano ; nem tão pouco a essa inconsolavel Princeza, a essa dignissima esposa que para elle nasceu. As suas almas foram vasadas no molde da virtude ; ellas são a realisação da mais bella idéa de Deus, d'essa idéa sanctificada por

todas as gerações e pela religião de Jesu-Christo : em suas veias gira o sangue de S. Luiz, de Isabel Catholica, de D. Manoel e de Maria Thereza.

Estava escripto nos decretos de Deus que este primogenito tambem fosse uma victima da morte.

Quiz Deus que fosse vedado eternamente a esse filho do Brazil o assistir ao espectaculo estrondoso do futuro, a essas refundições de uma natureza bruta em monumentos das artes e da industria, a esse concerto tumultuoso de uma vida progressiva. de uma grandeza incalculavel, baseada nos mais bellos elementos que a Providencia outorgára ao homem.

Quiz Deus que aquelle que nascêra coroado das mais altas esperanças para ser recebido na terra pelos reis, no meio de alas triumphaes, no meio dos vivas enthusiasticos de um povo, devesse em tão curto espaço trocar a regia por um tumulo, o throno pelo esquife da Misericordia, e as acclamações, os cortejos, os triumphos, essas recepções solemnes, todas essas pompas de magnificencia e de esplendor, pela apparição de um pobre monge, coberto de burel, descalço, por um filho de S. Francisco, que lhe estendesse a mão, abrisse-lhe o jazigo, e lhe entoasse esse hymno funereo da religião, que é a rasoura que nivela todos os homens ante os porticos da eternidade.

Quiz Deus emfim que outro fructo d'esse thalamo exemplar venha nos braços da esperança, no regaço do nosso amor, para empunhar um dia esse sceptro americano, essa haste triumphal, essa vara de ouro, que se ergue entre colossos, coroada pelo grypho imperial, debaixo de cujas azas deslisam o Solimões e o Paraná margeando o sumptuoso Delta, o leito de ouro e diamantes do gigante brazileiro.

A morte do Senhor Dom Affonso é uma grande calamidade para o Imperio do Brazil ; é uma esperança decepada para o Instituto Historico e Geographico ; e para seus augustos genitores será sempre um sentimento de inconsolavel saudade...........

Manuel de Araujo Porto Alegre.

A S. M. A IMPERATRIZ

CANTICO ELEGIACO

Ave, mater dolorosa.
Natum lugens inclytum!
HYMNO DA IGREJA.

Risus dolore miscebitur, et extrema gaudii luctus occupat. PROV. 14.

.... Le spectacle d'une éclatante prospérité n'est plus guère qu'un présage funeste. M.me DE STAEL.

MELODIA I

Um bello dia no sul do Imperio

De perto a viram na formosa plaga
Que as do Cruzeiro lucidas estrellas
Decoram com a luz que estreme afaga
Do americo hemispherio as terras bellas
E então as ternas mãis quando admiraram
 A angelica bondade
Da sua Imperatriz ou divindade,
« Aos peitos os filhinhos apertaram »
 E em voz estremecida
Ao Arbitro supremo do destino
Pediram com fervor guardasse a vida
 Do candido menino,
Que trouxera ao Brazil a paz, a esp'rança,
Que era penhor d'união, signal de alliança.

Deus, ó Deus, que nos doaste
Tão virtuosa Imperatriz!
Entre as que tem e amam filhos
Dà que seja a mais feliz.

Possa encontral-o dormindo
No fim de sua longa ausencia,
Vivo como a rosa edenica,
Bom como o anjo d'innocencia.

E ouvidas foram as ardentes préces:
Tornou a vêl-o a excelsa mãi saudosa:
Oh! como é doce vêr a prole amada
Depois de triste ausencia vagarosa!

Prazeres deleitosos
Das festas mundanaes,
Fulgores deslumbrosos
Do esplendido festim;

Oh pompas triumphaes
Prodigios da riqueza!
Dynastica grandeza,
Real poder, em fim:

Dareis ao coração
Prazer que seja igual
A' diva exultação
Do affecto maternal?

Não é o sentimento
Mais intimo e cordial?
Não dá contentamento
Já quasi divinal?

MELODIA II

Campos

De perto o viram nos fecundos plainos
Onde o Parahyba expande a grão corrente,
Calma ou rapida, muda ou refremente.
De perto o viram, numen bemfazejo,
        Ou anjo de bondade,
Favor, indulto, graças derramando,
Realisado aos seus subditos mostrando
        O ideal da magestade.
E os povos, n'um transporte de alegria,
A Deus pediram supplices a vida
Do Imperador, da Esposa esclarecida,
E a d'esse que afiançára á monarchia
        (Tenrinho infante amavel)
        Ventura perduravel.

E nos salões esplendidos voava
O jubilo em mil fórmas : a opulencia
Desdobrava a imperial magnificencia
Das pompas consagradas ao Monarcha.
Tinia a ortygia alvinitente prata
        Das preciosas baixellas,
E a flava côr, que é sempre aos olhos grata,
Do heliaco metal, em fórmas bellas,
Em vasos e ornamentos fulgurava.
O diaphano crystal, ceruleo ou claro,
D'indica porcelana, em fórmas varias,
De jaspe e marmor finctas alimarias,
E tudo quanto é rico, bello ou raro ;

O diverso matiz das lindas flores,
A fragrancia que ufanas exhalavam,
Da macia alcatifa os mil lavores,
Os sentidos e a mente lisongeavam.

A rosa purpurina,
Os cravos encendidos,
Ou côr alabastrina,
Os myrtos tão queridos
Pela bella mãi de Amor.

Em lindos ramalhetes
De fórmas mil donosas
Se alteiam nos bufetes ;
Pyramides formosas,
Symetricos festões,
Que alegram os salões
E ostantam seu frescor.

Dos convivas circula
A leda turba ingente,
Haurindo o redolente
Odôr que no ar ondula:
A musica modula
Mil canticos de amor.

Não vês que as niveas télas já recama
A copia multiforme dos manjares,
Q'os circumfluentes ares
Com effluvios suaves embalsama.
Roseos, purpureos, flavos, aureos vinhos,
Escumam, murmurejam, borbulhando
Nos concavos crystaes ;
« Pelas aureas abobadas voando »

Os brindes enthusiasticos errantes
Às estrellas se elevam tremulantes.

« Gloria e vida venturosa
Ao excelso Imperador,
Gloria e vida á augusta Esposa
E ao Fructo do seu amor ! »

E as faces de açucena ou do jasmim
Das sensiveis donzellas
Tingiram-se, tornando-se mais bellas,
De puro rosicler, ou de carmim.
E mais d'uma d'entre ellas que já sente
De ser esposa e mãi desejos vagos
Diz n'alma : « Oh tenro Principe innocente !
Com que prazer te oblára os meus afagos
Se tambem fosses vindo !
No teu semblante lindo
Talvez vislumbrem já
Virtudes com que um dia
A patria aditarás.

« Oh ! como eu beijaria
A mão que aos filhos meus
Munifica algum dia
Benigno estenderás ! »

Oh fervido enthusiasmo inexhaurivel
De povos que tem reis d'um Deus imagens !
Oh nobre sentimento irresistivel
Que escassas julgas tantas homenagens !
Persiste para sempre porque és justo.
Davam-se em honra do Sob'rano augusto
Bailes, saráos, festas incessantes ;

Dos convivas a turba fina e culta,
Já departida em pares ferve, exulta,
E já dos inebriantes
Prazeres delirantes
O electrico vapor se diffundia
Puro, invisivel como a flamma etherea.
Na rapida porfia
Da valsa incandescente
Sylphida graciosa ou nympha aerea
Era cada beldade alli presente.

E n'essa hora as amplissimas salas
Mais que a luz rutilavam diurna :
Qual um rio, expandindo-se da urna,
O bom gosto espargira suas galas.

Manavam das alampadas
E lustres elegantes
Torrentes de esplendores,
Que vivas ou cambiantes
Tornavam lindas côres
Dos trajos roçagantes
Das que á Mãi de amores
Alli dariam rivaes.

Radiavam mil fulgores,
Reflexos deslumbrantes
Dos limpidos diamantes,
E de olhos tentadores
Luzeiros celestiaes.

Se os olhos enfeitiça brilho tanto,
alma pelos ouvidos se extasia
Co'o ineffavel encanto

Dos magos sons da alada symphonia ;
E mais de uma formosa, palpitante
Na duvida, no pejo, e na esperança,
Almeja por ser par do augusto Imperante,
E exulta quando esta honra insigne alcança.
No volver d'estas horas de delicias,
Como lédos annuncios de ventura
As festas vem dourar as fieis noticias
D'aquella que assegura
A felicidade da Nação Brazilea,
O idolo d'ella, a Imperial Familia.

MELODIA III

Dominus illuminatio mea et salus mea: quem timebo.
PSALM. 26, v. 1.º

De rosas tropicaes, benigno lume,
Cingido, abrilhantado,
De auras do Paraiso perfumado,
Assoma um dia solemne.

Exulta, ó grande Imperio americano !
Escolhidos do povo que escutais
Quão nobremente louva o Soberano
O amor que achou em subditos leaes,
Guardai no coração
O almo voto da augusta gratidão.
Exulta, ó grande povo americano !
Quem póde annuviar os teus destinos
Se o Deus de perennal misericordia
Olha para ti com olhos tão benignos,
Dá-te ordem, liberdade, paz, concordia ?

Raiára um bello dia, e no socego
Da solita morada o Grão Monarcha
Do tempo seu, qual sóe, o digno emprego
Reparte nos que innumeros abarca
Cuidados e pensões a missão regia.
Sabio e leal ministro tem ao lado,
Nobre em virtudes, genio illuminado.
E a Imperatriz egregia
Em maternaes cuidados desvelada
Na mente e labios tinha a prole amada.

Dorme, dorme, tenro Infante,
Como a flôr
Emquanto o alvor
Da manhãa não vem radiante.

Entre os Principes, donoso
Qual racimo
Lá do cimo
Das collinas de Engaddi;

Reinarás, e glorioso,
Qual a rosa
Primorosa
Reina na oriental Delhi.

Dorme! qual dorme o plumoso
Passarinho
No seu ninho
De musgo ou vêllo mimoso.

MELODIA IV

> If thy breast soft pity knows
> O ! drop a tear with me.
>
> KNOX.

Oh susto inesperado, annuncio infando !
Porque, gentil menino, assim despertas
Tão doloroso grito ao ar soltando ?
        Porque vagam incertas
        Tuas vistas, e tremente,
        Em vascas convulsivas,
        Em ancias afflictivas,
Extincto já pareces de repente ?
        Oh Deos ! o anjo da morte
        Pousou-lhe junto ao leito,
        E a mão pesada e forte
        Lhe pôz no tenro peito !....
Como ferida a subitas do raio
Cahiu, cahiu n'um subito desmaio
        A terna Mãi que o adora,
        E o coração presago
Lhe diz que o perde—e já perdido o chora—
Na eterna ausencia ao seu materno afago.
Estrella matutina, flôr da aurora,
Primogenito infeliz que á prematura
Morte és fadado por destino adverso !
Porque teu existir tão pouco dura ?
Ah !...deixarás teu Pai na dôr submerso ;
Os olhos maternaes serão duas fontes,
E enlutados de novo os horizontes
        Do imperio teu futuro,
        Dirão teu caso escuro.

MELODIA V

D'un bel pallor ha il bianco volto asperso:
. . . . In questa forma
Passa *il bel fanciullin*, e par che dorma.

TASSO, *Gierus.*, cant. 12.°, st. 69.

Já de mortal pallor lhe tinge a face
A Parca illacrymavel:
Eis solta o suspiro extremo, e a fugace
Vida troca pela vida perduravel.
Celeste defensor, brazileo archanjo.
Nos penetraes do Empyreo acolhe o anjo;
Filha extincta do herôe, Real Menina,
E tu, ó santa, augusta Leopoldina,
E tu que ergueste solios nos dous mundos;
Primogenitos, victimas mimosas (*),
Da Casa Bragantina,
Roubadas quaes recem-nascidas rosas
Por turbilhões rompentes e iracundos;
Vós que brincais nas aras
De nunca vistas gemmas,
Da mystica Sion,
Com as palmas preclaras
E auriferos diademas;

(*) Imitação do admiravel hymno da Igreja aos santos innocentes:

Salvete, flores martyrum,
Quos lucis ipso in limine
Christi insecutor sustulit,
Ceu turbo nascentes rosas.
Vos, prima Christi victima,
Crex immolatorum tener,
Aram ante ipsam, simplices,
Palmâ et coronis luditis.

Esta alma recebei que a terra indigna
Era de possuir :—Virgem, padroeira,
        Do Imperio da Cruz santa,
Protege a Imperatriz em magoa tanta,
Ora a Deus pela familia brazileira.

Qual som de rouco estrondo se propaga
        A nova desastrosa ;
Por theatros, ruas, praças circumvaga,
E a publica alegria tumultuosa
        Se torna em dôr silente.
Os que o viram tão lindo e tão formoso
Despontar como um sol no seu oriente
Choram-lhe o fim, o fim tão lastimoso.
Cessou do vulgo insano o passatempo :
        Se alguem se não contrista,
E' desnaturado ignavo egoista.
O amante se esqueceu por algum tempo
Da que adora, donzella pudibunda,
        E a prenda sua querida
        Na face rubicunda
E nos olhos deu signal de commovida.

MELODIA VI

La creatura bella bianco vestita.

DANTE.

Eil-o defeso á dôr, embalsamado
Pela poetica myrrha do sepulcro ;
De niveas vestimentas ataviado,
        Espera em leito pulchro
Homenagens de amor, eterno adeus
D'afflictos subditos e d'amigos seus.

Eil-o deixando a estancia em que nascêra,
Onde o vagido seu echoou primeiro,
D'onde voando a nova pela esphera
Foi ao Brazil inteiro
Dar esperança, jubilo, alegria,
Espancar os horrores da anarchia.

Eil-o na sala do Brazileo Throno,
Onde algum dia empunhando o sceptro
Verificar devêra o fausto abono
Que o infortunio tetro
Em poucas horas mallogrou tolhendo
Que resistisse a flôr ao turbo horrendo.

Aqui lisonjas doces não lhe infundem
Orgulho como sóem aos homens-numes.
Qual ante as aras thuricremas se effundem
Arabicos perfumes,
Assim o cheiro aqui de suavidade
O ambiente purifica da vaidade.

Como ardem estes cirios tristemente !
Como da morte os psalmos são funereos !
N'esta hora em que o sol desce ao occidente
Dos vertices ethereos,
Voltavas com teu lindo estado e guardas
Para a Quinta : a hora chega, porque tardas ? . . .

MELODIA VII

É noite : a azul esphera constellada
Resplende, ostenta de pureza estreme :
Sobre a pompa de um prestito espalhada
A luz siderea treme.

Dormem as auras placidas,
E as civicas bandeiras
De armigeras fileiras
Pendem sem fluctuar.

Ė tempo, amado Principe ;
O tumulo te demanda :
Na igreja veneranda
Te cumpre repousar.

Cidade colossal, rainha do Austro,
Ahi tens dos filho teus o predilecto,
O enlevo, o mimo do teu doce affecto,
Tirado em aureo plaustro.
Não é conquistador qu'em triumpho se ergue
Brandindo a fera espada coruscante ;
Ė um debil menino, tenro infante,
Que humilde entrou no funerario alvergue,
Oh Principe adorado ! em paz descansa !
Comtigo se acabou mais d'uma esp'rança :
Tu devias abrir o seculo d'ouro
Das lettras e da sciencia mal aceita,
Dando aos cultores seus amenos dias,
Futuros amplos, e não sorte estreita.

Quantas hei visto glorias eclipsadas !
Quantas vidas findar inda immaturas !
Gloria a ti, Senhor, lá nas alturas (*) :
Tu, só tu és o Immortal :
Tudo existe n'este mundo,
E tudo acaba segundo
Tua lei providencial.

(*) Imitação de Lamartine.

Sobre o cume do Libano exaltado
Vi magestoso incorruptivel cedro :
O Imperador, o Rei, o grande Pedro,
O digno de mil thronos e venturas.
E cahiu, e vagou com a cara Filha,
E morreu : — e aos furores e loucuras
De infidas turbas a infeliz se humilha.
Gloria a ti, Senhor, lá nas alturas :
Tu, só tu és o Immortal :
Tudo existe n'este mundo,
E tudo acaba segundo
Tua lei providencial.

Como a palma de Iduméa
Que, se peso immenso a opprime,
A copa ergue mais sublime,
Vi a santa Imperatriz
Na sua quadra mais feliz
E depois nas amarguras.
Gloria a ti, Senhor, lá nas alturas :
Tu, só tu és o Immortal :
Tudo existe n'este mundo,
E tudo acaba segundo
Tua lei providencial.

Como o lirio de Saaron
Nevado enfeite do val,
Oh Princeza virginal,
Só dez primaveras duras.
Gloria a ti, Senhor, lá nas alturas :
Tu, só tu és o Immortal :
Tudo existe n'este mundo,
E tudo acaba segundo
Tua lei providencial.

E hoje no bosque intonso
De existencias transitorias
Te vejo, recente arbusto,
Cortado por ferro adusto.
Mas que digo? não, Affonso!
No vergel das veras glorias
Ora existes transplantado,
Cresces, vicejas, ao pé
Da celeste Siloé,
Cujas mysticas e puras
Aguas já te hão outorgado
Felicidade eternal.

Santiago Nunes Ribeiro.

DISCURSO

Raptus est ne malitia mutaret intellectum ejus, aut ne fictio deciperet animam illius.

Foi arrancado para que a malicia não lhe pervertesse o entendimento, ou para que não seduzissem a sua alma as apparencias enganosas dos bens d'este mundo.

Liv. da Sabedoria, cap. 4, vers. 11.

Brazileiro e amigo sincero dos Objectos sagrados, em cujas mãos se acham depositados os destinos da patria, pai de familia já ferido com a dolorosa perda do primogenito, apaixonado cultor das sciencias naturaes, cujo progresso tanto importa

promover na terra da Santa Cruz, tão rica de beneficios do Creador, membro titular emfim do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, eu não podia, Senhores, deixar de verdadeiramente magoar-me e sentir um golpe terrivel com o funesto acontecimento por que teve de passar o Brazil no infausto dia 11 de Junho.

O Principe Imperial, o herdeiro da corôa diamantina, o nosso Presidente honorario, predestinado para protector das sciencias no seu paiz, do qual devia ser o esplendor, o Senhor Dom Affonso, em quem já se começavam a divisar os signaes de uma alta intelligencia, e das eminentes qualidades que um dia o haviam de tornar digno successor de tantos ascendentes illustres, deixou de existir na tenra idade de vinte e oito mezes incompletos.

Ah ! quem tal diria ! Quem poderia presumir que tão breve devia ser a carreira d'este menino augusto, que ainda ha pouco tempo com o seu desejado nascimento enchêra os nossos corações das mais doces illusões do amor, da alegria e da esperança ! Quem poderia prever que o Infante Imperial, destinado para sustentar em suas mãos as redeas d'ouro do magnifico imperio americano, dentro de tão curto espaço deixaria de animar-nos com a sua presença encantadora, e que hoje estaria eliminado já do numero dos vivos ?

Eis o que desgraçadamente acaba de acontecer. Seus olhos cerraram-se para sempre à luz do dia. Ás graças infantis succedeu a pallidez da morte, e as rosas que adornavam o seu berço murcham hoje sobre a urna que encerra seu inanimado cadaver. Que segurança nos podem inspirar, á vista de tal exemplo, a mocidade, o vigor e os mais ternos desvelos empregados para prolongar os dias do fragil mortal ? O que é a vida do homem ? Pó que o vento espalha, leve fumo que se dissipa e esvaece. O tempo, à maneira de uma torrente precipitada, a envolve no seu turbilhão, fazendo-a desapparecer para nunca mais voltar. A eternidade como um abysmo insaciavel sorve os dias do moço como os do velho, e para me servir do bello pensamento de um profundo moralista, o conde d'Oxenstirn, — o instante em que entramos na scena da vida perto está do instante em que d'ella

sahimos (*). Nascer e morrer, tal é a divisa do homem, eis a historia do Serenissimo Principe Imperial o Senhor Dom Affonso.

Sim, elle não conheceu as penas e as afflicções d'este mundo, e se acaso se demorou por um momento á porta da vida, direi com o religioso cantor dos tumulos (**)— foi sómente para se purificar da mancha original.

Dotado de uma constituição, onde se não descobria germen d'essas enfermidades que ameaçam na infancia a existencia do homem; tendo nascido perfeito e cheio de vigor e belleza, atravessou são e robusto o espinhoso periodo da lactação; e quando de dia em dia se tornava mais interessante e encantador pelo successivo desenvolvimento do seu organismo, a vida lhe foge, e com a rapidez do raio em um instante sua alma vôa ás regiões celestes. O Supremo Regedor dos imperios, que tudo dispõe com sabedoria e misericordia, o manda trocar a vida temporal pela eterna, as glorias caducas d'este mundo pelas glorias da immortalidade que o esperam, a corôa imperial por uma corôa de luz perpetua no Céo. Em menos de seis horas os decretos do Todo Poderoso estavam cumpridos, e o nosso adorado Principe tinha deixado de existir, terminando a carreira de seus dias. Tal foi a dnração de sua enfermidade, e o pequeno espaço que precedeu a sua lamentada morte.

Dispensai-me, Senhores, de traçar aqui o doloroso quadro dos tormentos que soffre em seus ultimos instantes; não vos pintarei as convulsões violentas qne agitam seu tronco e membros, os descompassados movimentos de seus olhos, o estado anormal do seu pulso, as faces pallidas, o gradual resfriamento de suas extremidades, o rosto coberto de suor frio, a respiração cansada, e finalmente...; mas para que despedaçar ainda os nossos corações com a pungente renovação de dôres tão penetrantes? O Senhor o deu, o Senhor o tirou, seja sempre bemdito o seu nome santo.

A vida do nosso amado Principe, breve porém dourada pelas mais doces e mais bem fundadas esperanças, foi para o Brazil

(*) Pensées de M. le comte d'Oxenstirn. Haye, 1764, tom. 2, pag. 198.

(**) Meditações do Dr. James Hervey, traduzidas. Lisboa, 1805, pag. 80.

um d'esses brilhantes meteóros, cuja luz ephemera refulge e desapparece nas abobadas celestes. Em seu apparecimento nós o contemplámos com enlevo, e durante o pouco tempo em que gozàmos de tão bello espectaculo, não cessámos de bem dizer o Creador por nos ter permittido observar phenomeno tão portentoso. Eis aqui, illustre auditorio, o que aconteceu com os Brazileiros nos poucos dias que tiveram a fortuna de ver no meio de si o Principe Imperial, delicias do povo, esperança do throno.

Mas, oh dôr! Este brilhante astro tendo apenas nascido, e só percorrido uma mui diminuta parte da orbita que lhe era destinada, depressa eclipsou-se para sempre. A morte, cortando inexoravel o fio d'esta vida que nos era tão cara, deixou-nos tristes e oppressos nas trévas, procurando anciosos a estrella que de repente nos fugira sem que podessemos saber o como, ou indicar o ponto para onde se havia retirado. Justo Deus, para que nos privastes do anjo que nos tinheis concedido como um signal precioso do vosso amor! Para que assim despedaçastes os puros e nobres corações dos virtuosos Soberanos do Brazil!? Si acaso o Senhor Dom Affonso tinha de morrer ainda no berço, para que o fizestes ver a luz do mundo!

Parece na verdade cruel que os Brazileiros, mimoseados com este fructo de benção, quando alegres principiavam a gozal-o e a saborea-lo com doçura, se vissem d'elle privados quando menos o esperavam. Que crimes commettemos nós para se impôr tão grande pena? Oh Deus de prodigios, quão incomprehensiveis são teus juizos! Deixas sobre a terra inficionando-a com seu halito mortifero o assassino feroz, o nefando calumniador, o blasphemo sacrilego, e fazes d'ella sahir o pai de familia, a mãi carinhosa, o cidadão prestante, o filho querido, as primicias de um casto amor. Como penetrar decisões à primeira vista tão injustas e crueis! Como vir ao conhecimento da razão de taes mysterios!

Temerario! que acabo de proferir?! Ser infinito, tuas obras e teus caminhos são inescrutaveis, teus decretos são dictados pela justiça e sabedoria: adoral-os é um dever da tua creatura, e o melhor uso que ella póde fazer da sua razão é humilhar-se diante de ti.

Com effeito, para que havemos de formar queixas contra esta providencia paternal do Creador! O Principe cuja perda lamentamos era uma bella e mimosa planta, que o Senhor quiz esconder no seio da terra, e d'esta sorte salval-a antes que ella chegasse á estação turbulenta das tempestades; ou usando das expressões das Sagradas Escripturas, foi arrancado para que a malicia não lhe pervertesse o entendimento, ou para que não seduzissem a sua alma as apparencias enganosas dos bens d'este mundo. Sim, se aos nossos olhos parece que morre, a sua alma hoje se acha em paz.

Perecem as nações e a sua gloria, perecem os trabalhos que a mão do homem pretendia oppôr á voracidade do tempo, o viajante passa muitas vezes desapercebido por esses theatros de grandes acontecimentos nas idades passadas, sem ao menos descobrir o vestigio dos seculos, porém a campa dos sepulcros não póde abafar o fogo celeste do espirito creado para arder, brilhar e permanecer a par da existencia do mesmo Deus, e é a immortalidade quem lhe assegura tão grande beneficio.

Quanto não é pois consolador o dogma sublime da immortalidade! Mysterio profundo, elle encerra a origem de toda a ordem, de toda a justiça. Só baseados n'elle é que nós Brazileiros podemos achar o balsamo saudavel e proprio para dar allivio á dôr causada pelo golpe tremendo que soffremos. E é possivel que houvesse pensadores tão preoccupados, ou antes tão degenerados, que julgassem que o homem tinha unicamente vindo a este mundo para como bruto viver sem gloria e morrer sem esperança! O que é a consciencia se a alma não é immortal!

Que valor ficavam tendo para nós o amor, a amizade e a natureza, se não devessemos encontrar depois da morte aquillo que perdemos de mais caro n'este mundo de enganos, se não tivessemos a certeza que estes amados objectos iam receber longe de nós o premio de sua innocencia e virtudes? Felizmente para a humanidade tudo sobre a terra, tudo até a illusão e a dôr, lhe recorda a immortalidade. Quem senão ella podia encher de inspirações a alma elevada de Chateaubriand? Foi ella quem lhe dictou as admiraveis paginas do *Genio do Christianismo*,

quem inflammou a lingua eloquente de La Mennais e afinou a harpa sagrada de Lamartine.

Com esta convicção consolemo-nos pois, o nosso querido Affonso goza do verdadeiro bem a que se póde aspirar na companhia de Deus, Senhor da Natureza.

Mas, Senhores, se hoje o Principe, fóra das miserias humanas, possue a bemaventurança eterna, se agora anjo da côrte celestial implora sem duvida a protecção divina a favor dos Soberanos e povo brazileiro, não é possivel todavia apagar em nossos peitos fieis a pungente saudade que sentimos pela sua eterna separação.

Sua morte contristando nossos corações não nos deixará por muito tempo outro lenitivo senão as lagrimas e o pranto, e por isso n'esta sessão solemne, dedicada especialmente á sua memoria, seja-me licito repetir com o incomparavel auctor dos Threnos — distillem lagrimas os nossos olhos, e as nossas palpebras se alaguem de rios d'agua (*).

Quem, reflectindo nas grandes esperanças que o paiz depositava n'este augusto menino, não se sentirá acerbamente magoado ao lembrar-se que com a sua morte tudo foi-se, tudo se desvaneceu! Quem poderá condemnar o justo pranto que dos olhos nos faz verter tão grande perda (**)?

Teçamos pois graciosas grinaldas, emblematicas do nosso profundo sentimento de dôr, para ornar a magestosa fronte de quem tanto pranteamos; e para melhor podermos desempenhar este patriotico e louvavel dever, venha cada um dos membros do Instituto depositar sobre o tumulo do Senhor Dom Affonso, seu Presidente honorario, este tributo de amor e respeito.

Principe! Nós viamos em ti a esperança da patria, a estabilidade do throno, o futuro progresso das sciencias e lettras brazilicas, assim te amavamos, ou para melhor dizer, te idolatravamos. Tivemos o infortunio de te perder, achamo-nos penetrados de immensa dôr, e devorados de saudade acerba de todo o

(*) Jeremias, cap. 9, vers. 18.

(**) Quis desiderio sit pudor aut modus tam cari capitis!

HORACIO, *livro* 1.º, *ode* 24.

nosso coração te choramos. Tua angelica imagem, tuas graças infantis, teu immortal nome, jàmais se apagarão da memoria dos Brazileiros que tiveram como eu a ventura de pela ultima vez beijar tua já fria mão.

Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.

A S. M. A IMPERATRIZ

O PRINCIPE PERDIDO

BALLATA

NA QUINTA DA BOA VISTA, JUNTO Á FONTE DA SAUDADE

Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua..........

CAMÕES.

Lá Dom Pedro creava
O vasto Imperio seu,
Que aos ferros libertava,
Que tanto lhe deveu.

E a angelica Princeza
Em afflicções mortaes,
Nos braços da tristeza
Aqui soltava os ais.

Aqui desconsolada
Soltava o pranto seu,
Chorando amargurada
O infante que perdeu.

E elle — a innocencia
  No brando e meigo olhar,
Com o riso da clemencia
  Na face a despontar :

E elle — a sua vida,
  Seu sonho, seu porvir,
Cuidado e doce lida,
  Eternos no carpir :

E elle — do novo Imperio
  O anjo tutelar,
No aposento sidereo
  Novo anjo foi poisar !

E d'alta Magestade
  Ao pranto aqui brotou
A fonte da saudade,
  Que nunca mais seccou.

E o Céo, por mitigar-lhe
  Tão tetrica afflicção,
Quiz novo anjo mandar-lhe
  Como em reparação.

Cedo gentil menino
  Do Céo rindo baixou ;
Ao seu anjo divino
  Todo o Brazil saudou.

E si a patria soffria
  Audaz guerra civil,
Do Céo o anjo pedia
  Pelo anjo do Brazil.

Mas inda, ó mago encanto!
  Murmura a fonte os ais,
Vertendo o amargo pranto
  De seus males mortaes.

OBLAÇÃO

Princeza, sobre a terra
  O bem une-se ao mal,
A' paz segue-se a guerra,
  Por ordem natural.

Não vês? Que mago encanto!
  Murmura a fonte os ais,
Vertendo o amargo pranto
  De seus males mortaes.

Mas ah! tambem respira
  O grande Successor,
Que á bella patria aspira
  No orbe alto esplendor.

O Céo mil bens concede
  Por um cansado mal;
E Deus quando nos pede
  Nos pede um bem real.

Não vês? Que mago encanto!
  Murmura a fonte os ais;
Vertendo o amargo pranto
  De seus males mortaes!

J. N. de Souza Silva.

CANTICO

C'est ainsi qu'il mourut, si c'était là mourir !....
De Lamartine.

Com o sorriso de amor nas faces bellas
Sonha a querida patria
Fallaces dias de ventura e gloria ;
Sonha almas esperanças
A despertar com tristes realidades !
E ha de a flôr mimosa
Murchar-se inda em botão mentindo o fructo !
Apagar-se entre trévas
O astro que desponta radioso
No turbado horizonte,
Envolver-se no manto da tormenta
O iris de bonança !

E elle, loiro e meigo e bello infante
No berço da innocencia,
Qual lindo beija-flôr em molle ninho,
O gozo saborêa
Da existencia que placida se escôa
Entre caricias, mimos,
Como tremulo arroio a desfiar-se
Por entre selva e flores !
Os brincos infantis o embriagam
Mais que a luz rutilante
Do diadema imperial, que deve um dia
Ornar-lhe a augusta fronte ;
Mais que o brilho da purpura que o aguarda,
Mais que a esplendida pompa

Do throno que descansa em fidos peitos ;
Mais que o esplendor do sceptro,
Que empunha da justiça a mão benigna
Do Prata ao Amazonas ;
E o anjo do Senhor, que traz extincto
Facho de luz de vida,
Vem com elle sentar-se merencorio
Qual junto á vida a morte.

Que dôr ao vel-o alçar tenros bracinhos,
Quaes duas brancas azas,
Como almejando paternal afago
E com elle a existencia !
Ah ! é o abraço eterno, o adeus extremo,
A sua despedida,
Que na angustia fatal que o assoberba
Mal expressar lhe é dado.
A dôr em ais dos peitos se desprende !
Amargo pranto vertem
Paternos olhos, que o conter mal podem ;
Crueis presentimentos
O futuro de mágoa patenteiam,
O véo lhe adelgaçando.

Mas qual celeste raio de bonança
As procellas rompendo,
A' terra mostra o céo sereno e rindo ;
Assim a dôr se abranda,
Roça-lhe o riso da existencia as faces,
E nos augustos peitos
Já renasce a esperança, já se acalmam
Os mortaes sobresaltos,
Os pensamentos horridos, funestos,
Qual mar, que após as iras

Branda e suavemente se abonança,
E os céos em si retrata.
Mas ó dôr, ó pezar, ó mágoa, ó pena!
Não é a doce vida!.....
E' o tufão traidor que pelas ondas
Qual a brisa se espraia!
E' a nuvem que doira a luz do dia
E em si aloja o raio!
E' o sorrir da morte que lhe assoma
Entre as graças da infancia!

Qual pende emmurchecida á debil hastea
A flôr de um breve dia,
Ao prepassar da brisa alma, que espira
Gratissimos odores,
Como que nos convida á doce vida;
Assim gentil menino
Sobre o berço da infancia o embala a morte
A duro e eterno somno,
Lá quando o sol em sombra atra se involve
A despontar mais bello,
O sol, que não verá mais no Oriente
Surgir em lago de oiro!

Oh! como revocal-o á existencia?
Falham d'arte os prodigios!
Ah! poupe ella si quer a fatal nova
Aos corações paternos!....
Mas a noticia vôa resoando
Nas curvadas abobadas,
E os ouvidos que soffregos bebiam
Balbuciantes phrases
De innocencia e de amor, de mal formados
Passageiros queixumes,

Como ora escutarão o caso triste,
O compungido brado
A um coração de mãi — teu filho é morto ! ?
E aquelles ternos olhos,
Os olhos com que amor via constante
Candida imagem sua,
Com que mágoa entre o véo de acerbas lagrimas
Verão esses despojos,
Triste recordação do fatal golpe,
Real e cara sombra
De um sonho que embriaga a phantasia
E fiel permanece ?

Oh ! como ainda é bello ! Como ri-se
N'aquelles frios labios
A morte que o tomou, qual doce somno
Nos congelados braços !

Alma candida e cheia de bondade,
Ah ! torna, ah ! desce à terra
A consolar o Imperio, que suspira
De dôr e de saudade !
Anima inda outra vez a massa inerme !
Vem nos dar nos sorrisos
Doces consolações a tanta pena !
Vem enxugar o pranto
Dos olhos paternaes, que em vão te buscam
No berço da innocencia
Por entre as flores, que comtigo murcham !
Oh ! que este sol tão pulchro,
Que em tanta louçania hoje se eleva,
Oh ! que este céo tão puro,
Estas aguas sonoras, estes bosques,
Estas vastas campinas

Que se cobrem de flores odorosas,
O alegre estampido
Da artilharia, que repete o echo,
E o som quebro e miudo
Que brinca saltitando sobre o bronze
Nas elevadas torres,
São imagens da vida e não da morte!
Ah! sim, tu não morreste!
Em breve os Céos te mandarão de novo
Ao teu immenso Imperio!

Ouço nos ares canticos festivos;
Victoria! brada a terra;
Nuvens de flores pelos ares voam;
Os pavilhões tremulam;
Sôa o canhão; retinem as trombetas;
Nas praças se levantam
Mil arcos triumphaes, que em pompa assombram;
Sorri-se a patria mesta,
Hymnos alterna alegre a mocidade;
Resôa o orgão sagrado
Nas curvadas abobadas dos templos;
E os caros Pais de novo
O seu Principe abraçam, afagam, beijam,
E o povo os felicita!...
Gloria! gloria ao Senhor, ao Deus da patria,
Que ouviu as preces suas!

J. N. de Souza Silva.

OBLAÇÃO

Happy the babe, who privileg'd by fate
To shorter labour, and a lighter weight,
Receiv'd but yesterday the gift of breath,
Order'd to-morrow to return to death.

PRIOR.

N'esta hora augusta e sublime, em que vós, sacerdotes dos affectos do coração, celebrais o mais ingenuo e o mais cordial holocausto; n'esta hora consagrada aos sentimentos que nos deixou a perda de um anjo, permitti, irmãos, que o mais obscuro sacerdote d'esta festa cordial se contriste comvosco, que confunda as suas com as vossas lagrimas: permitti que elle lance nos vossos thuribulos o incenso da sua devoção, que elle espalhe no tumulo do vosso Principe, no tumulo do Sobrinho da sua augusta Soberana, alguns punhados de goivos e de rosas, de jasmins e de magnolias.

Similhante a uma flôr mimosa que abriu as petalas ao rocio da manhã, similhante à tulipa que exhalou perfumes e aromas com os primeiros raios do sol, mas que pendeu desfallecida na hastea quando este se tornou mais intenso, assim esse tenro e delicado menino existiu e pereceu entre nós.

Destinado para um dia cingir o diadema de seus pais, predestinado para um dia empunhar o sceptro e a lei d'este vasto Imperio, elle nos foi arrebatado para ir a um outro mundo mais feliz — que não é este nosso — cingir as auréolas de glorias, e empunhar a palma triumphal dos anjos.

O venturoso e illustre menino não provou no calix amargo da vida as desventuras d'este desterro, não conductou com lagrimas as horas duras e penosas de uma angustiada existencia. A sua passagem foi rapida, foi o hospede que se abrigou — apenas

horas — debaixo do nosso tecto, para nos deixar captivos de suas virtudes e contristados com a sua partida.

Justa é pois a tua mágoa, a tua profunda tristeza, ó Terra veneranda de Santa Cruz. Envolvida n'uma nuvem caliginosa de dôres e amargura, tu pareces vergada e cahida debaixo do arco tremendo da cólera divina.

Similhante a um athleta que se prepara para o combate, assim tu, ó imperio dos novos Assyrios, te preparavas e caminhavas para o teu futuro epico, para o futuro das tuas glorias homericas. Tu gozavas um presente de prosperidades, e com os olhos cravados no futuro, o primogenito dos reis era a estrella polar que te conduzia ás eras vindouras.

Mas a Deus aprouve estender sobre elle o sudario da morte, e parece que o teu futuro se tornou medonho e assustador, porque a morte, armada da sua secure terrivel e assoladora, ceifou o cedro que começava a estender os seus ramos gigantes, cedro que um dia seria a soberba dos teus bosques virentes e perfumados, e á cuja sombra repousariam dias de paz, de gloria e de ventura.

E tu eras, ó venturoso Principe, a esperança do Imperio que te estava predestinado no futuro ; eras o orgulho nobre de teus augustos Pais, eras o Anjo da guarda collocado junto d'esta nação, a quem o destino tem açoitado com tremendas calamidades, e chegado aos labios a esponja do fel e do vinagre.

Que pungente e que tocante quadro de dolorosas amarguras não é este em que o golpe despedido no filho teve de traspassar os corações nobremente apaixonados de dous pais ainda jovens ! Que profunda não foi essa tristeza que aterrou uma nação tão devota de seu Soberano e de sua augusta familia !

Ver no rosto d'esse terno Pai, ainda cheio de vida e da frescura da mocidade, a correrem as lagrimas envergonhadas do rei, e sondar no fundo d'esse nobre e apaixonado coração a lucta de sublimes affectos: — os do pai, que via abysmar-se no tumulo as premicias do seu amor conjugal, e os do Soberano, que devia dar ao seu povo predilecto um exemplo de resignação tão difficil em tal conjunctura ! — Oh ! tal agonia, revolvida e debatida no peito

do Soberano pai, deveria ser um sacrificio incruento da mais augusta e sublime dôr.

E contemplar depois essa Mãi vendo morrer-lhe nos braços o filho extremado e querido, o filho que era a pagina mais querida dos seus affectos de mãi e de esposa: — vêl-a receber o ultimo suspiro de vida d'aquelle que a recebêra no seu seio: — vêl-a n'essa cruel ancia soltar os ais e os adeozes ao angelico romeiro que se despedia para aquella tremenda viagem da bemaventurança: — era por certo necessario que houvesse n'aquelle peito um verdadeiro coração de mãi — que é o mais forte e o mais heroico n'estes cataclysmos da dôr — para a ver olhar com religiosa resignação o vôo que tomava o cherubim, e chorar depois sobre a mortalha da vida que elle cá deixava.

Morte ! morte ! — porque assim foste tão desapiedada e cruel passar os umbraes da casa dos Reis para tocares com o teu sceptro fatal no leito do seu primogenito, no leito d'esse Principe, que era a esperança d'este Imperio colossal e immenso ?... Verdade cruel e tremenda é a de que não ha dominio que tu não ultrapasses, e que diante da tua foice tremem e cahem o poderoso e o desgraçado, o venturoso e o infeliz, o rei e o vassallo.

Vê pois a tua obra, soberana despotica e terrivel ; e regosija-te com as nossas dôres e com as nossas mágoas. Contempla esses pais absortos e mergulhados na sua dôr, e agonisando no cenaculo das suas recordações as saudades do filho extremoso. Vê seis milhões de habitantes, como um só homem, animados de uma só vontade, a deplorarem a sua orphandade pela perda do seu Principe ; e vê-nos tambem a nós, no meio d'esta ceremonia cordial e sincera, deplorar o thesouro que nos arrebataste.

Mas ! ... quem sabe se tu foste uma mensageira enviada pelo Eterno para consumar este sacrificio cruento ? ... Grandes e insondaveis são os designios da Providencia : não os busquemos decifrar, porque iremos após da luz e poderemos encontrar trévas: — resignação e paciencia evangelica.

Consolemo-nos no meio das nossas angustias, tenhamos fé e esperança, porque quem nos emprestou um anjo e o deixou por algum tempo habitar entre nós, ainda nos dará um Principe

digno de seus Pais e do Imperio que elle ha de um dia reger. E nós, hoje sacerdotes da dôr e da saudade, exultaremos de prazer quando esse novo Salomão se vier sentar aqui como illustre collega d'esta familia de letras.

Abracemo-nos com a esperança; resignemo-nos, irmãos; porque no meio da tribulação e da agonia por que passámos não se nos apagou a véla da esperança.

Deus tinha de adornar a sua côrte com mais um anjo, e foi-o buscar á familia soberana do Brazil. Tenhamos fé de que elle lá está com as azas estendidas sobre esta nova Sião, sobre o Imperio de seus pais, de seus irmãos e de seus vassallos, velando e rogando pelas nossas felicidades communs, e orando junto ao throno de Deus como o nosso Anjo Custodio.

Francisco Manoel Rapozo d'Almeida.

CANTICO

Mane floreat, et transeat:
Vespere decidat, induret, et arescat.
De manhãa lindo e contente,
Robusto medra e floresce;
Chega a tarde, e de repente
Definha, sécca, enrigece.

PSALMO 89.

No regaço da innocencia
Repousa, Infante gentil,
Pelo Céo justo e clemente
Dado aos votos do Brazil.

Adornam teu berço d'ouro
Sceptros, c'rôas rutilantes,
Verdes louros triumphantes,
Raios de luz immortal.

Como é doce o teu somno ! em teu semblante
Magestoso fulguram
Qual pura luz do céo, claros reflexos
Das paternas virtudes ;
E's a imagem de Pedro ; de Thereza
Tu retratas nos labios
O sorriso divino ; almos thesouros
De celeste bondade,
Em sua alma encerrados, no teu peito
'Stão já depositados.
Feliz a patria nossa, que um tal mimo
Do Senhor dos imperios,
Em seu amor, consegue venturosa,
Como Iris da alliança
Que o Deus de nossos pais firmou comnosco.

No regaço da innocencia
Repousa, Infante gentil ;
Prospéra, cresce, floresce,
Para gloria do Brazil.

Dos Céos dadiva sagrada
Todo o Brazil te proclama ;
Seus clarins prepara a Fama
Para o teu nome cantar.

Do Pai sabio, clemente e justiceiro,
Do povo seu delicias,

As virtudes heroicas reflectindo,
Em columnas eternas
De porfido, de bronze, em refulgentes
Adamantinas taboas,
Vencedoras dos évos, da Memoria
No templo sacrosanto
Um dia entalharás teu nome augusto,
De louvores, de bençãos,
De virentes capellas rodeado.
Seu defeso sacrario,
De par em par abrindo as ferrolhadas
Solidas portas de ouro,
Magestosa a sublime Sapiencia,
Como excelsa rainha,
Te ha de franquear ; na douta fronte
Ha de cingir-te auréolas ;
E divo has de inda ser no sacro empyreo.

No regaço da innocencia
Repousa, Infante gentil,
De teus Pais fiel retrato,
Flôr mimosa do Brazil.

Formosa a têa luzente
Da tua bella existencia
Quiz a sabia Providencia
Para bem nosso tecer.

Sereno despertaste, como acorda
No dourado Oriente
A aurora apavonada, precursora
De um dia de ventura.
Como esplendem teus olhos ! na Mãi terna
Como contente os fitas,

Para colher seus risos, seus afagos,
Que te cercam no berço !
Ser Soberana e Mãi sabe Thereza.......
Mas que ! ! ! teus olhos fixos
Não se volvem, não brilham, da alegria
Com o fogo inquietos ?
A voz que meigos sons, quaes doces cantos
De grata melodia,
A soltar começava, triste accento
Da dôr agora sôlta ?
Que dragão venenoso, entre bramidos,
Soprou na tua face ?
Convulso arqueijas ; sem vigor teus membros
Desfallecem cansados ;
Pára o sangue veloz ; livor da morte
Te eclipsa a formosura.
De suor glacial se inunda a testa,
A testa crystallina,
Como cobre da noite o frio orvalho
A mimosa violeta,
Que brotou solitaria entre sepulcros.
De estragos sequiosa,
Te impelle a Morte ao bárathro profundo
Da negra sepultura ;
De tristes passiflóras, rôxos lirios,
Te enluta as roseas faces.

Anjo implacavel, que ante o rosto irado
Do Senhor das vinganças
Caminhas com tremendo aspecto, o raio
Que tens na dextra acceso
Suspende.—O' Deus de amor, ah ! tem piedade
Da virtude que em pranto
Invoca o teu soccorro. Ouve os clamores

Do povo teu afflicto,
Que a prenda idolatrada te supplica
Propicio lhe conserves.

Na prisca idade, a um pai que aos teus decretos
A cabeça curvava,
Á desolada mãi, que n'um deserto
Vertia pranto acerbo,
Os filhos conservaste. Ah! serás hoje,
Senhor, menos piedoso?

Affonso, Affonso, ó Principe adorado,
Da Mãi mais carinhosa,
Do Pai cheio de amor ouve os suspiros;
Da patria attende aos votos.
Quando o Brazil te diz « Principe excelso,
De heróes estirpe clara,
Tu és o meu penhor », queres deixar-nos,
Na dôr, no pranto envoltos?
Com buido punhal cruel saudade
Nossos peitos traspassa.
Olha a dôr que da Tyro americana
As cupulas douradas
Cobre de negro luto. Inuteis préces!
C'o fragor das procellas,
As azas fulgurantes sacudindo
O ministro das iras,
Vibra o gladio de chammas, e fulmina
O golpe com que fere
A cabeça dos reis.—Affonso expira!
Pallido, mudo, immovel,
De frio jaspe imita a branca estatua,
Da lua ao clarão frouxo;

Ou qual pende sobre a haste, ao sopro ardente
Dos Euros furibundos,
Na sombria floresta desbotado,
O manacá cheiroso.

Tão fera desventura,
Brazil, saudoso chora :
O lindo Infante agora
Desceu á sepultura.

O estadio já mediu
Da vida fugitiva,
Qual flôr, que apenas viva,
Pendeu, murchou, cahiu.

Marmorea urna fria
Seus restos hoje encerra;
Tão rica prenda a terra
Gozar não merecia.

Da vida no horizonte despontavas,
Como fulgida estrella
Destinada a espalhar luzeiro eterno.
Mas ah ! pesada nuvem
O pólo azul tingiu da côr da morte;
Teu gyro luminoso
Invejosa offuscou. Tua existencia,
Tão rica de futuro,
Foi um sonho brilhante. Como cruza
No ar setta ligeira;
Ou qual da noite nas opacas trevas
Corusco meteóro
Traça o sulco de luz no plaino ethereo,

E logo des'parece:
Assim passaste, Affonso. — Que! podeste
Tão cedo abandonar-nos?
Não nasceste p'ra o mundo, alma celeste.

Não, não eras mortal, eras anjo,
Que o Brazil em um extase viu;
Eras anjo, que a terra deixando
A' syderea morada subiu.

Eras d'aguias a prole formosa,
Que fitando no sol divinal,
Desprezaste os imperios da terra,
Por um throno de gloria immortal.

Os despojos de barro depondo,
Remontaste ás espheras celestes;
Do teu Deus a visão hoje gozas,
E de brancas estolas te vestes

Alado seraphim, ao som das harpas
De harmonia ineffavel,
Que o mortal nunca ouviu, cantico novo,
Sempiterno trisagio,
De triumpho e de amor hymnos sublimes,
Que a mente humana excedem,
Entre os córos brilhantes, onde vives
Em fraterna concordia,
Ao Deus, ao Rei dos Céos feliz entôas.
Diante do seu throno
Vês o tempo voar, fugirem seculos,
Como escapa um momento

Que o prazer nos dourou com mil encantos.
Diante do seu throno
Vês o mundo a teus pés; gozas n'um sorvo,
Em transporte perenne,
Torrentes de delicias, que te inundam,
Saciam, embriagam,
Que podeste perder, perdendo a vida,
N'este valle de pranto,
Onde o filho da culpa, agrilhoado
Ao lôdo primitivo,
Tristes dias arrasta desterrado?
Feliz, augusto Infante,
Anjo agora de luz, nós te saudamos!
Do centro d'essa gloria,
Onde alegre repousas, onde offuscas
D'aurora as vivas côres,
Do teu povo saudoso, que te chora,
Compassivo te lembra.
Suba das préces tuas o perfume
Ao Sanctuario Eterno,
Em favor do teu povo, qual subia,
Em tarde de mysterios,
Ondeando o vapor do sacrificio
Em nuvens transparentes.
O' Deus, ó meu Senhor! tu que chamaste,
Por teus altos arcanos,
Para os teus escolhidos um dos nossos,
Aos seus e nossos rogos
Piedoso ouvido inclina, quando humildes,
E co'as faces em terra,
Por tua mão feridos, imploramos,
No mal que nos opprime,
Teus auxilios, — e cheios de esperança,
Em nossa dôr clamamos.

PSALMO 89

Senhor, de idade em idade o nosso amparo
Tens sido. Antes que os montes orgulhosos
Seus pincaros alçassem ;
Inda a terra, inda o globo
Não tinham tuas mãos arredondado ;
Desde immovel perenne eternidade :
Tu foste sempre Deus.

Do teu pé sob a força, ah ! não esmagues
O caduco mortal, tu que traçando
De seus dias amargos
O circulo penoso,
« Sois pó, disseste, fumo, leve sombra,
« Que um momento dissipa ; convertei-vos,
« O' vós, filhos dos homens.»

Aos olhos teus, que os évos infinitos
Medem n'um só volver, quanto avolumam
Annos mil decorridos ?
Bem como o dia d'hontem,
Que ligeiro passou, e como vôa
A vigilia nocturna, e ninguem sente:
Taes deslisam seus annos.

Como em aurea manhãa gentil a floresce
No verde prado a herva, assim a vida
Do mortal desabrocha.
Na alegre madrugada,
Viçosa pullulando em garbo, em força,
De flores se corôa. Chega a tarde,
Desbóta, murcha e morre.

Tua cólera ardente, como incendio
De força irresistivel, consumiu-nos ;
Teu furor assustou-nos ;
Dos nossos feios crimes
Pozeste o quadro horrendo ante os teus olhos,
E à luz do teu semblante a vida nossa
Toda inteira expozeste.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Da tua indignação quem a grandeza
Chegou a conhecer, e temeroso
Calculou tua sanha ?
Temida, respeitada,
Seja, ó Deus, tua dextra omnipotente.
O nosso coração seja instruido
Na lei da sapiencia.

A belleza immortal da face tua
Faze-nos ver, Senhor. Tua justiça
A espada de dous gumes
Até quando suspensa
Ha de ter sobre nós ? O' Deus, piedade.
Teu coração paterno se enterneça
Em favor dos teus servos.

Desde a luz matutina os beneficios
Da tua mão piedosa nos confortem.
De um justo prazer cheios
Palpitem nossos peitos.
Todos os dias nossos pura enchente
D'almas consolações orvalhe, regue,
Dos Céos como rócio.
. . . .
. . . .

Fr. Rodrigo de S. José.

RECORDAÇÃO

Sanctificat mihi omne primogenitum, quod aperit vulvam in filiis Israel.... mea sunt enim omnia. Exod. 13, 2.

Primogenitum filiorum tuorum dabis mihi. *Ibid.* 22, 29.

Herdeiro das crenças escriptas ou tradicionaes de seus maiores, o homem da civilisação moderna embora quiz, obedecendo á voz d'esse esterilisador positivismo de seu seculo que lhe bradava : « duvida de tudo ! » embora quiz repellir de si com mofador riso, que mal lhe deslisára os labios, esses legados do passado, que desde as remotas éras da mais alta antiguidade até ao fruir de seus dias a mão do tempo, como seu patrimonio, lhe havia enthesourado no gazophylacio humanitario.

Debalde! affectando de espirito forte, ao fenecer do seculo decimo oitavo, pelo desdem da herança paterna (envergonhado quiçá de ser homem), altivo julgou emancipar-se do ligamen que o prendia a seus ascendentes fazendo cortar pelo ferro dos guilhotinadores (*) os nós que com aquelles os uniam, e que não haviam podido desatar os sophismas philosophicos dos Voltaires e dos Diderots!

Debalde! assim como a montanha que com o pó de éras por sobre éras se tem accumulado até conchegar suas cumiadas da mansão das nuvens, e que parece, sob o influxo de um sol abrasador, querer desnudar-se do manto de nevoeiros que lhe ensombra a coma, afim de ostentar sua galhardia e desplante á luz meridiana, e só nos patenteia descalvados pincaros, estereis penedias; do mesmo modo o homem debalde acreditou sacudindo de sobre seus hombros ao menos dezoito seculos do que denominou superstições; debalde acreditou surgir no decimo nono leste, lepido e vigoroso... Misero! só se deparou leviano.

Sim! pois trocou o crer pela decepção, porque desprendendo-se das promessas do passado, esteril e prosaico se lhe offereceu o presente, antolhando-se-lhe o porvir sem esperança.....

Impossivel era o conservar-se n'este estado; por isso exasperado, infeliz e pobre, no conflicto de sua angustia e penuria, como o filho prodigo que o Christo descreveu na sua parabola, em que não mais symbolisou do que o constante fado da humanidade, arrependido volveu a solicitar seu quinhão do paterno expolio, vergonhoso de havel-o despresado quando até o proprio selvagem das florestas americanas, á mingoa de outros legados da posteridade, como symbolicos hieroglyphicos consagrados a commemorarem seus ávos archiva os ossos de seus pais, e em sua vida nomade os conduz para toda a parte.

Assim pois o homem que havia descrido por orgulho, de novo crendo, pela necessidade que lhe impunha a voz de sua con-

(*) Alludo ao decreto da Convenção nacional, na época da revolução franceza, obtido por Condorcet, e depois ao do Directorio, ordenando que se corrigisse em Bossuet, Racine e Massillon, etc., tudo o que concernisse á religião e realeza.

sciencia como uma convicção. Porque?... porque crer se tornava para elle saber, pois que sem fé, elle viu que a luz da razão não mais era do que mortiço facho, bruxoleando sob céo de trevas, ou reflectindo-se fragmentariamente sobre myriades de isolados objectos, ou lampejando nos umbraes de um abysmo!

O homem pois de novo creu, e como toda a crença tem seu principio em Deus e suas raizes no passado, outra vez elle revolveu os archivos d'este, com mais meditação e mór avidez, para ahi ainda ir perscrutar os destinos da humanidade.

O Oriente, o Occidente, o velho e o novo mundo, se invidaram para lhe fornecerem documentos a tal respeito; e elle viu que por toda a parte um mesmo mytho, embora que reproduzindo-se sob manifestações diversas, formulava e exprimia physiologica e psychologicamente o existir do homem em todos os seculos, em todos os paizes e em todas as civilisações.

Sim, uma decadencia, uma expiação, uma iniciação purificadora e uma rehabilitação, em fim, um dogma de dôr a par de um dogma de redempção, eis o caracteristico do condão humanitario que se achou consignado nas tradições geraes do genero humano, traçado ora pela religião sob a fórma poetica, ora pela sciencia sob a fórma religiosa.

Com effeito, nos mais remotos fastos da vida humana, lá n'esses amenos climas em que o Ganges e o Indo deslisam suas ondas sagradas, e aonde como se com o astro que aviventa a natureza despontou a civilisação, embalando-se no berço da aurora; ahi, na cosmogonia de Menou, nos vedas e pouranas dictados por Brahma, primeiro lampejo da sciencia escripta pelo homem, como um reflexo do fogo divino ateado nos cimos do Himalaya; ahi desde logo se deparam expressos aquelles dous dogmas.

O primeiro effectivando-se annualmente na festa de Ganga Sangor, por essa terrivel hecatombe de virgens que seus proprios pais immolam, precipitando-as nas aguas do Ganges.

O segundo, pela incarnação de Buddha, descido do céo ás entranhas de Mahama, da mais illustre familia dos Brahmanes, afim de preencher na terra uma missão redemptora.

Dogmas que simultanea ou successivamente ainda mais se realisam: na lei escripta dos Parseos, o Zenda-Vesta de Zoroastro; nos cinco Kings; no livro Hermetico Egyptano; no dos Dias e Trabalhos de Hesiodo; no das Metamorphoses de Ovidio; em fim no texto de todas as crenças cosmogonicas e theogonicas, quer monitheistas, quer polytheistas, de Persas, Chins, Egypcios, Gregos, Romanos, Scandinavos, Mexicanos, etc., etc., até ao lado da Biblia Sacrosanta, pois que em todos elles constantemente se vislumbra um pensamento sombrio, um stigma de dôr, e depois uma auréola, velada, porque a offuscam nevoas, mas que sempre brilha.

De facto, no polytheismo, Jupiter, depois de amaldiçoar Prometheo, assim como suas gerações, condemnando-as ao mal por aquelle haver raptado ao céo a chamma celeste, contrariando assim seus designios; todavia ordena a Pandora, ao determinar-lhe de abrir sua urna, que ahi retenha sempre a esperança. No theismo, Jehovah expelle o homem do paraiso, mas predizendo sempre á serpente, symbolo do mal, que um dia a posteridade da mulher lhe esmagará a cabeça.

Sempre pois uma condemnação, mas sempre uma esperança. Uma condemnação proveniente da culpa de um só; uma esperança surgindo tambem do sacrificio de uma victima; o que frisantemente exprimiu S. Paulo nas seguintes palavras a respeito de Adão e da missão de Jesus Christo: « E' porque como pela « desobediencia de um só muitos se tornaram peccadores, do « mesmo modo pela obediencia de um só muitos se tornaram justos.» (*)

Do que se deprehende pois que o influxo d'aquelles dous dogmas não se exerce tão só sobre individualidades isoladas, que elle é extensivo a toda a especie humana, tanto para o existir terrestre, como para bemaventurança.

Com effeito, tudo nos assevera que na humanidade, mesmo no viver actual, no viver contingente, os individuos não se isolam da especie, as gerações das gerações; que solidarios seus

(*) Epist. aos Romanos, cap. V, v. 12.

membros entre si por intermedio de uma communhão material e espiritual, gozar e soffrer, décahir e rehabilitar-se, debalde isto se manifeste sob aspectos individuaes, é todavia condão inherente á generalidade dos seres. D'est'arte, embora cada individuo na sua personalidade, pelo seu merito ou desmerito, se torne na vida de além tumulo credor de recompensas ou passivel de penas; comtudo, no ser presente, se enxerga que um principio centralisador, um nucleo de amor attrahindo as individualidades á unidade social para se approximarem cada vez mais e mais da unidade divina, estabelece entre aquellas uma communidade de existencia, que se fortifica por sacrificios mutuos, e que faz portanto redundar o devotamento e abnegação completa da personalidade de uns em beneficio dos de mais todos, em relação á regeneração e aperfeiçoamento moral e social do homem; isto é, ao bem estar da especie.

Eis aqui por sem duvida o motivo porque disse o Deus de Israel a Moysés, ao cumprir suas promessas a nossos pais Abrahão e Jacob de remir seus descendentes do captiveiro de quatrocentos annos, para os conduzir á fruição da ventura material na terra da promissão, eis aqui porque lhes disse:

« Consagra-me todos os primogenitos de entre os filhos de Israel..
« porque todos elles são meus.

« Quando pois teu filho te perguntar algum dia, e te disser:
« Que significa isto? tu lhe responderás: O Senhor nos tirou do
« Egypto, da casa da escravidão, á força de seu braço... por isso
« é que eu sacritico ao Senhor todos os machos primogenitos que
« abrem o utero de sua mãi, e resgato todos os primogenitos de meus filhos.

« Isto pois será como um signal na tua mão, e como um memo-
« rial diante de teus olhos para que a lei do Senhor ande sempre
« na tua bocca: pois que o Senhor te tirou do Egypto á força de seu
« braço. » (*)

Ora, se cotejarmos a doutrina d'estes preceitos e a natureza do sacrificio ahi exigido com o mais que a tal respeito se deprehende

(*) Exod. 13, v. 2, 14 e 15.

das tradições ou legendas mencionadas esparzidas pelo resto da terra, não se despertará no espirito de todo o verdadeiro crente que, se é sina humanitaria o regenerar-se e progredir mesmo na felicidade terrena, com acquisição successiva de novos conhecimentos tendentes ao alcance de uma verdade absoluta, isto por intermedio tambem de successivas expiações pelo sacrificio de victimas de impoluta nitidez e de alta valia, não se despertará pois no espirito de todo o que tiver fé o pensamento de que, em virtude do cumprimento de condições impostas por aquelle fatalismo, é que o Brazil acaba de sentir a dolorosa perda de um Principe, emquanto que folga o Céo recebendo em seus alcaceres mais um anjo para velar na guarda das nações ?....

Oh ! tudo nol-o assevera ! Sim, basta a succesão constante de factos de identica natureza para confirmar a veracidade d'aquelle crer.

Um sacrificio precioso por um resgate, ou bem uma provação em troco da iniciação dos homens em um maior grão de perfeição, são coincidencias que a cada passo nos patenteia tanto a historia antiga como a moderna.

Entre os Gregos, Codrus, depois de ter consultado o oraculo, se devota á morte, e perece victima voluntaria pela liberdade dos Athenienses. Com Bruto succede o mesmo entre os Romanos, pois que o sangue de seus filhos corre de envolta com o da innocente e generosa Lucrecia, em paga da emancipação do patriciado, do mesmo modo que mais tarde, pela da plebe, é derramado o de Virginia ás proprias mãos de seu pai !

Finalmente, se de entre outros muitos factos, ainda escolhidos em virtude d'esta accepção, passarmos ao exame de alguns analogos de mais recente data, sobre todos, como um dos mais caracteristicos nos fastos dos povos christãos, é o da missão de Joanna d'Arc ! Victima sem mancha, holocausto que, como a Phenix, fez renascer de suas cinzas a já quasi que moribunda França, afim de ser sempre, como ainda é hoje, a pedra angular do equilibrio da Europa.

Em vista pois de tantos e tão repetidos factos poder-se-hia suppôr mero effeito do acaso o passamento do augusto Principe Imperial, do Senhor Dom Affonso ?....

Oh! para isto carecia-se suppôr tambem que não mais do que uma cega fatalidade era a razão d'essa sina terrivel (até hoje inexplicavel) imposta desde o reinado do Senhor Dom João IV sobre a augustissima Casa de Bragança, em virtude de que todos os seus primogenitos tem sido feridos de morte prematura!....

« Primogenitum filiorum tuorum dabis mihi »

Ficou dito, decretou o Senhor a seu povo quando o remiu do captiveiro do Egypto.

Igual consagração, identico sacrificio não poderia ter sido exigido do preclaro chefe da dynastia bragantina, para remir Portugal dos ferros da Hespanha?

Sim! ahi estão os factos que o confirmam. Factos que constantemente revelam que essa gloriosa cruz de Ourique, que Portugal hasteou em seus estandartes como symbolo de uma independencia nacional e de sua emancipação politica, quando Dom Affonso Henriques fundou a monarchia, foi a cruz da redempção, que cinco seculos depois sobre seus hombros tomaram os representantes do bragantino tronco, devotando-se pelo resgate de seu povo.

Cruz que ainda depois o Senhor Dom Pedro I, como si ainda por fatal coincidencia de latente voto, fez estampar em nossas bandeiras, cimentando ahi a união dos circulos da esphera armillar, emblema do Imperio Brazileiro, que elle acabava de inaugurar sobre os manes de seu filho primogenito.

Curvemo-nos pois ante os designios da Providencia, adoremos seus mysteriosos arcanos, convencidos que Sua Alteza Imperial, como hostia consagrada sobre o altar da patria, feneceu para arraigar altas verdades, cimento do bem-estar physico e moral de seu povo, depois de ter despontado para consolidar a união brazileira, como outr'ora o iris do Senhor symbolisou o pacto de Deus com os homens.

Sim! curvemo-nos, e embora que de nossos olhos jámais se possa estancar o saudoso pranto que vertem pelo Principe que se finou na terra: conscios de sua sacro-santa missão; deprecando ao Anjo que trocou o diadema dos reis pela auréola de Deus, e o amargo

lidar de uma mente entre limites pelo seu expandir no seio do Infinito, antes que o senão do mal lhe esculpisse na innocente fronte o estigma da dôr moral ou do remorso; deprecando-lhe que vele sobre este Imperio, sáia d'este recinto o brado ingente que revele ao Brazil o alto mysterio de seu precioso sacrificio, recordando-lhe pois que a todo o transe força lhe é, a fim de alcançar um porvir de ventura e prosperidades, identificar sempre seus destinos com os do Senhor Dom Pedro II, e os de sua Imperial dynastia.

Luiz Antonio de Castro.

ALLOCUÇÃO

Rolam os tempos, cahem os imperios e as cidades, e as maravilhosas façanhas do inclyto capitão do grande seculo sumiram-se com elle nos inhospitos rochedos de Santa Helena, e ainda assim, Senhores, a machina humana marcada pelo dedo compassado da Providencia continuou seu andamento. Elle mesmo, o vencedor de tantas campanhas, o dador de thronos, o regulador da politica da Europa, elle mesmo nos legou essa verdade tão palpitante: « Ninguem é necessario no mundo, eu não o sou, Alexandre e Cesar morreram, e elle não parou. » E' um dogma aconselhado pelo christianismo, é um corollario tirado da sequencia dos factos e cousas humanas a proposição que deixamos enunciada: mas qual o stoicismo tão granitico, qual a resignação tão evangelica, qual o philosophismo tão apurado, que cordialmente não pranteará a perda que soffremos, que comnosco não reconhecerá que a existencia da illustre vergontea de tantos Cesares era uma necessidade publica, uma necessidade indeclinavel do Brazil, o penhor da futura prosperidade da patria?! Arrancado a nós, Senhores, elle vai ornar o throno do Altissimo; mas que vácuo insondavel sua ausencia não deixa no paiz?!

Descrever as previsões sinistras com que esse acontecimento

infausto assaltou nosso espirito, pairar por um momento sobre as eventualidades futuras de um facto de tanta magnitude, seria por sem duvida fatigar vossa attenção, e querer pintar-vos o que certamente não poderá ter escapado ao vosso atilado criterio. Temos porém a intima convicção que o passamento do illustre Princepe foi-nos um castigo providencial infligido pelo commettimento de tantas culpas, foi uma lição severa, que deve entre nós extirpar todos os elementos de discordia, todo o vislumbre de dissenções internas. Alegra-nos porém pensando com o Instituto, que o estado de subversão das idéas não é o estado normal das nações; que é necessario que as paixões politicas sejam habilmente exploradas por alguns ambiciosos para que a brisa das revoluções sopre com vigor, e divida em dous campos os povos da mesma lingua: no correr natural e pacifico da existencia das nações, difficil se não impossivel é transgredir essas regras fixas, essas normas certas descriptas no codigo dos seculos. A nós, Senhores, que desde o alvorecer de nossa vida politica temos lutado com tanto afan para arraigar no paiz as idéas de ordem, o systema de tranquillidade, a nós, dizemos, tendo certeza da infausta perda do illustre Principe, d'essa nova provança por Deus mandada á nossa resignação, impressionou-nos sobremodo — o temor pelo futuro das cousas da patria. Em compensação porém, Senhores, das idéas melancolicas de que fomos possuidos, o reverso do quadro nos patentêa o cuidado incessante que sempre temos merecido á Divina Providencia, que constante véla nos destinos do paiz e na conservação da augusta Dynastia que o rege; e com olhos fitos tambem no amor de todos os Brazileiros pela ordem congenita da prosperidade publica, e pela idolatria com que aman os augustos Pais do illustre finado, temos segura fé no lisongeiro porvir do Brazil. E o Omnipotente, que aprouve doar ao Imperio um Soberano de virtudes tão eminentes, conceder-nos-ha sem duvida dignos renovos de tão illustre estirpe. Ao angustiado coração dos augustos Pais do finado Principe sirvam de lenitivo as sinceras demonstrações de pezar de todo um povo, que os acompanha em sua justa mágoa, e vigore a sua resignação a idéa de um melhor mundo onde vai habitar o seu primogenito.

E nós, que nos reunimos hoje para commemorarmos a perda irreparavel de nosso Presidente honorario, vertamos uma lagrima de sincera saudade sobre a lousa que o rouba á nossa vista e ás esperanças da patria!

Antonio Pereira Pinto.

VISÃO

O sol ia caminho do Occidente; e eu, desamparando aquelles que faziam resoar nos valles os harmonicos sons de seus instrumentos, subi pela encosta da montanha da Itapuca (*), cuja base de granito é atravessada pelas ondas que vem gemer nas suas cavernas, e o cume açoutado pelos ventos que sibilam enleados nos cocares de suas gigantescas palmeiras.

E chegado que fui ao cume, estava alquebrado de fadiga.

E minha fronte suava, e minhas arterias batiam.

E as pancadas me reboavam no cerebro, como o echo do trovão nas abobadas celestes.

Arrojei-me sobre a relva que cresce á sombra dos coqueiros, e medi a altura a que me elevára baixando os olhos pelos valles cobertos de arbustos e flôres.

E meus olhos se fecharam involuntariamente, e uns como dedos de chumbo carregaram sobre minhas palpebras.

E vi espessa noite, descendo sobre minha cabeça, envolver parte do orbe.

A noite era carregada de nuvens, e como rufo surdo e prolongado roncava a tempestade ao longe.

E ao clarão terrivel, que tingiu rapidamente as nuvens de

(*) Em Nictheroy, na praia do Icarahy.

sangue, ergueu-se do lado do Norte um como espectro com a espada em punho.

E bradou: guerra e exterminação!

E ergueu-se do lado do Sul outro espectro tambem com espada em punho.

E respondeu: guerra e exterminação!

E ergueram-se de todas as partes outros espectros, tripudiando com as espadas em punho, e seguidos de numerosas turbas.

E repetiam: guerra e exterminação!

E as espadas eriçadas, como a cota do javali embravecido, enredaram-se em confuso torvelinho.

E o tinido das espadas era horrivel, e a voz de dôr e desespero era horrivel, e o ribombo do canhão que despejava a morte era horrivel, e tudo resoava como a orchesta desordenada da tempestade.

E negra bandeira, como um panno mortuario, elevou-se do centro das turbas, e era como o seu estandarte de guerra.

E tinha por emblema uma caveira, que alvejava sobreposta a dous ossos encruzados.

E mais e mais os espectros se emmaranhavam n'esse torvelinho, mais e mais as espadas tiniam como cadêas de prisioneiros.

E os ais eram immensos, e soavam como o ranger dos condemnados do inferno.

E o céo era negro como as paredes dos templos nos dias de tribulação, e a terra era rubra como um lago de sangue.

Vi que o céo começava de clarear.

E que era o crepusculo que bruxoleava no thalamo da aurora.

E que era a aurora que roxeava no berço do sol.

E que era o sol que ascendia bello e pomposo, e luzia para a terra.

E a luz do sol, cahindo em torrentes sobre a terra, era como a purpura sobre o cadafalso.

Porque a terra estava juncada de ossos mirrados e de cadaveres corruptos.

E de moribundos que agonisavam nas ancias mortaes, e suspiravam pela luz que lhes despontava nas sombras da morte.

E de feridos que se pelejavam com espadas gottejantes de sangue á luz do astro da vida.

E os rios rolavam ondas de sangue por sobre arêas de ouro e granitos de diamante.

Ouvi que uma harmonia suave como o hymno dos sabiás saudava á luz que raiava no Oriente, a qual elevando-se da terra, mesclava-se ao estampido do canhão e perdia-se nos ares.

E que um brado forte, que soou mais alto como o bramido das sucuriúbas, foi distinctamente ouvido.

E alguns espectros voltaram-se para o Oriente.

E ou fosse de afan ou porque attendessem ao brado, limparam as nodoas sanguentas das espadas, e sobre a lamina gravaram um P e dous II.

E rasgaram os vestidos empoeirados e golpeados, e que eram vermelhos como os dos que pisam n'um lagar.

E trajaram-se de galas, e coroaram-se das flôres rosadas do fumo, dos rubins dos cafezeiros, e das folhas de esmeralda recamadas de ouro do arbusto da primavera.

E o sorriso da vida corou-lhes as faces, e o brilho do diamante reflectiu de seus olhos, e já não eram espectros.

Porém outros surgiram como que do seio da terra, ainda mais terriveis, como um rio que se afunda e resurge ao longe rugindo como um leão, e sacudindo suas clinas de espuma ennovelada.

E como uma torrente impetuosa tudo arrebatavam em sua marcha; e como uma chuva de pedra tudo assolavam; e como uma labareda immensa que lavra pelos campos de macega tudo abrasavam.

E então uma como matrona respeitavel, joven e formosa, olhos em lagrimas e a mágoa debuxada nas faces, caminhou por sobre cadaveres, tropeçando em moribundos.

E seu andar era grave, e o diadema imperial scintillava sobre a sua fronte.

Parou ante um carcomido e velho madeiro plantado n'uma praia em fórma de cruz, e em cujos braços estão gravadas estas lettras M D.

Suas lagrimas cahiam ao pé da cruz que ella abraçava, e eram como gottas de chuva saltitando sobre as folhas das arvores.

Suas préces eram ardentes, e ella dizia:

« Senhor! Por ventura já não sou eu aquella que tanto hei merecido de ti?

« Por ventura já não és tu aquelle mesmo que jàmais deixaste de attender-me em os dias de minha tribulação?

« Que com o sôpro de teus labios varreste de sobre a face d'esta terra, que é tua, os meus inimigos que eram tambem teus?

« Que me dotaste com a mais fertil porção do orbe, que me disseste:

« Tu és a filha predilecta d'entre as minhas filhas, e por isso choverão sobre ti as graças do Senhor.

« O teu céo será de saphira, e o astro imagem de minha magnificencia, como é o raio symbolo de meu poder e da fortaleza de meu braço, o abrilhantará sempre.

« E à noite o esmaltarei de myriadas de estrellas de diamante, porque não haja n'elle sombras, mas sim ausencia do dia.

« A tua terra será fertil e produzirá o sustento de teus filhos sem que seja preciso regal-a com o suor de suas faces.

« E suas entranhas serão de estanho, de chumbo, de ferro, de cobre, de prata e de ouro.

« E a regarei com os maiores rios do mundo, tão vastos como dous mares, e serão elles dous braços de gigante que a defenderáõ ao Sul e ao Norte.

« E esses rios e outros rios de fartissimas torrentes rolaráõ suas aguas por sobre leitos de topazios, de saphiras, de rubins, de esmeraldas, de chrysolithas, de amethystas e de diamantes.

« Levantarei montanhas altissimas, e serão ellas como gigantes enfileirados que a defenderáõ ao Occidente.

« E estas e outras montanhas terão entranhas de argillas, de basaltos, de granitos, de jaspes e de marmore.

« E as vestirei de florestas magnificas, vastas, immensas e numerosas como nenhumas no mundo.

« E a primavera e o outono serão n'ellas eternas, e as arvores brotaráõ folhas, flôres e fructos a um tempo.

« Collocarei o Oceano à sua frente, e elle, como um abysmo que é, te defenderá ao Oriente.

« E se cobrirá de possantes náos, que viráõ e iráõ a todas as partes do globo.

« E nem as montanhas te assustaráõ com seus volcões, nem a terra com seus uivos e tremores, nem o ar com seus tufões, nem o Oceano com suas tempestades e invasões.

« O teu clima será sadio, porque eu afastarei para longe d'elle a peste com todos os seus males.

« E a brisa da manhãa perfumada com o odor das flôres, e a viração da tarde impregnada do sabor marinho, serão como bafejos de meus labios, que tudo vivificaráõ.

« E porque o teu seio não seja retalhado pelos golpes matricidas de teus filhos, dar-lhes-hei um chefe que os dirija na paz e na guerra.

« E elle se assentará sobre um throno, que terá por base a justiça e a liberdade.

« Sobre elle derramarei o meu espirito, e sobre a sua cabeça descansará uma corôa de gloria.

« E regerá pela vontade de seu povo e a bem de seu povo, e será o seu Cyro.

« Porque eu despedaçarei com a sua espada as portas de bronze, esmigalharei com o seu braço as cadêas do captiveiro, e bradarei por seus labios.

« E esse brado será respondido por todo um povo, e ouvido por todas as nações, e applaudido por todas as gerações.

« E deixando sobre seu throno a esperança de toda uma geração n'um orphãosinho, atravessará os mares e irá despedaçar novas portas de bronze, esmigalhar novas cadêas.

« E essa esperança será como um raio de bonança, que atravessará as nuvens das tempestades ; que crescerá e desdobrará suas amplas azas na immensidade dos céos, como um grande dia.

« E a luz d'esse dia será a auréola de gloria mais pomposa e mais bella que adornará a fronte do augusto orphão.

« E sua dextra, ainda infantil, será vigorada pela fortaleza de meu braço e sustentará a espada da liberdade, e por isso será mais respeitavel que temivel.

« E seu espirito será illuminado pelo raio de minha intelligencia, e promulgará justiça a seus povos, e por isso elle será chamado o justiceiro.

« E sua descendencia imperará de geração em geração, de um seculo a outro seculo, porque eu te isentarei das commoções da anarchia, essa loba faminta que devora os filhos de tuas conterraneas.»

Ouvi uma voz que dizia:

« Filha, põe a tua esperança no Senhor, que não está longe o dia da tua salvação.

« Os teus filhos tornaram para trás de alienados, peccaram e accrescentaram peccados sobre peccados, como uma voragem que enrola uma onda sobre outra onda.

« E blasphemaram do Senhor, quando o Senhor os tinha enchido de beneficios.

« E armaram-se fratricidas; e a terra fartou-se de seus cadaveres, e os rios embriagaram-se com o seu sangue, quando o Senhor os tinha preservado da peste e de todos os seus males que dezimam as povoações.

« E atearam o incendio nas suas proprias habitações, reduzindo-as a combros de cinzas, quando o Senhor os tinha preservado dos terremotos que subvertem as cidades.

« E disseram entre si : « O nosso rei somos nós mesmos ! » E deixaram de obedecer a aquelles que mantinham a observancia das leis, quando o Senhor lhes tinha dado um chefe nascido na purpura dos reis, que os guardasse da ambição do mando, que produz as discordias.

« E nem o chefe tinha sido injusto para com elles, nem justo ; nem soccorrido o opprimido, nem deixado de o soccorrer ; nem feito nem deixado de fazer justiça ao orphão, porque tambem era orphão e outros governavam em seu nome.

« E com as espadas ensanguentadas nos peitos de seus irmãos, dilaceraram o pacto que tinham escripto, e transgrediram os preceitos que tinham jurado observar.

« E rojaram por terra o estandarte emblema da primavera e da opulência, espedaçaram-lhe o circulo de saphira, e roubaram-lhe as estrellas que eram de diamante.

« E profanaram os templos que seus pais haviam erigido ao Senhor, e o Senhor os havia santificado.

« E macularam as donzellas, e mofaram do recato das viuvas, e insultaram a honestidade das consortes.

« E os cadaveres de seus pais e de seus maridos foram despojados de seus trajos e expostos nas praças publicas á irrisão dos que passavam.

« E cuspiram nas faces dos cadaveres, que eram de seus irmãos, e arrastraram-nos pelo lodo das ruas, em que se fizeram pedaços, porque não pensavam como elles.

« E em suas orgias e bacchanaes entoaram canticos de victoria, quando seus irmãos gemiam nos calabouços ou vagavam foragidos pelas terras dos estranhos, cobertos de saccos e esmolando o pão dos proscriptos.

« E em nome de tanta torpeza, e da vingança de seus corações damnados, invocavam a Liberdade por seus labios impuros !

« E deleitavam-se em regosijo satanico com tantas e tantas abominações commettidas, que não houve logar que não fosse nodoado por ellas.

« Por isso o Senhor fez que as fontes ardessem em labaredas e seccassem ; e reduziu a fertilidade de seus campos a um abrasamento de fogo ; porque n'elles corriam rios de sangue, e o murmurio de suas ondas era um clamor de vingança.

« E fez que as aguas impetuosas transbordassem de seus leitos, e correndo por cima de suas margens, inundassem os campos onde em vez de arado rodavam carretas de artilheria.

« E fez que seus escravos se alevantassem e forjassem espadas

das relhas dos arados, e fabricassem lanças de suas fouces, quando a liberdade em delirio hasteava o pendão da revolta contra a lei, e a desobediencia clamava: somos todos iguaes!

« E fez que se entesassem os arcos do gentio, que vivem nas trévas do paganismo pelas enredadas florestas com as feras, e que suas flechas fossem disparadas contra os que pozeram a terra como n'uma assolação de inimigos.

« Mas infinita é a misericordia de Deos, e o Senhor compadeceu-se de ti.

« Eis ahi está que o Senhor que fere na sua indignação, tambem sabe curar o golpe e atar a ferida em sua conciliação.

« E eis aqui o que ha de acontecer :

« O anjo da paz se assentará sobre os Andes, e seus olhos vagaráõ pelas terras que banham o Amazonas, o Madeira, o S. Francisco, o Tocantins, o Parahyba, o Doce, o Paraná e o Paraguay.

« E acontecerá que n'aquelle dia o seu sorriso fará brotar flôres, e o ar bafejará os odores da baunilha e do manacá.

« E ao seu aceno surgiráõ aldêas, cujos povos atiraráõ com settas, e colonias, cujos habitantes virão de longe por cima dos mares.

« E as villas prosperaráõ como cidades, e as cidades transbordaráõ muito além de seus muros.

« E as provincias serão nações ; e o Imperio de Santa Cruz um mundo.

« E a união de seus filhos tornal-o-ha respeitavel, porque o vento que balança uma canna, não as verga atadas n'um feixe.

« Mas tambem acontecerá que elle sacrificará uma victima, por isso que o Senhor ferirá de morte o primogenito d'aquelle que se assenta sobre o unico solio da America, e o collocará sobre os degráos de seu throno.

« Porque assim como o seu Ungido soffreu por toda a humanidade, assim tambem soffrerá por todo um povo o primogenito de seu chefe.»

A palavra do Senhor ainda soava, e já o astro de exterminio, augurio fatal aos reis, como uma espada de fogo, turbava o céo do Cruzeiro com sua luz turva.

« E passaram-se mezes, e chegou um dia em que o anjo da paz veio sentar-se sobre o throno dos Andes.

E baixou seu olhar, que era sereno como o das virgens, sobre os valles e planicies da terra de Santa Cruz.

E o iris de paz desdobrou pomposamente como sete têas diaphanas de sete côres unidas por nuanças delicadissimas, e simulava um laço que prendia a terra ao céo.

E a guerra civil com todos os seus espectros desappareceu por entre turbilhões de fumo ; e a amizade fraternal, com rir ainda de tristeza, e com lagrimas que já eram de alegria, tomou em seus braços os irmãos que se pelejavam.

E o canhão das dissenções politicas retumbou em signal de paz por tres vezes.

E por tres vezes dezoito echos repetiram o ribombo do canhão.

E ouviu-se uma harmonia, que não era da terra, mas do céo, como os sons da cythara e da lyra, e do pandeiro e da frauta.

E nasceu o primogenito d'aquelle que se assenta sobre o solio da America, e cujo sceptro se estende a dezoito povos.

E os reis da terra enviaram embaixadores para saudal-o.

E os povos preromperam em brados de contentamento, e victoriaram-no.

E disseram entre si : « Eis o primogenito que ha de governarnos um dia.»

E o proprio Monarcha disse, tomando o seu primogenito nos braços, e apresentando-o a seu povo :

« É um Principe que Deus..... E mais não póde, porque lhe era vedado.

Porque não quiz o Senhor que elle mentisse a seu povo.

E os bardos tomaram seus alaúdes de esmeralda, que eram encordoados de ouro, e ao som d'elles desprenderam canticos de jubilo, e bemdisseram o Senhor.

E vieram os enviados do povo e os anciãos da patria, e disseram:

« Eis aqui o Primogenito Imperial ; e nós em nome do Senhor nosso Deus o reconhecemos por successor de seu Pai em todos os seus direitos.»

E lavado que foi nas aguas do baptismo, chamaram-no Affonso.

Porque assim como Affonso libertou os povos da Lusitania do jugo do captiveiro, assim tambem este trará a regeneração a seus povos abrindo-lhes as portas do futuro.

E passaram-se mezes, e chegou um dia em que o anjo exterminador penetrou nos umbraes da habitação dos Imperadores.

E o Primogenito Imperial subiu ao céo deixando o pranto e a consternação sobre a face da terra em que nascêra.

Desde um até o outro rio, que como dous braços de gigante a cingem, desde as montanhas que se elevam além das nuvens até as aguas que se estendem pela profundidade do abysmo, para defendel-a.

Ouviu-se uma harmonia celeste, e era o côro dos seraphins, das potestades, dos cherubins e dos anjos, que com dulias canções applaudiam o novo bemvindo.

E conduziram-no ao throno de Deus, e o Senhor, abraçando-o, fel-o sentar-se sobre seus degráos.

Despertei ; volvi os olhos, e vi o sol como um globo de sangue a esconder-se no horizonte.

E a luz que derramava era rubra, e seus raios cahindo sobre o palacio de S. Christovão, como lagrimas de sangue, o cingiam da purpura da morte.

E das montanhas, onde estava encastellada, alevantou-se uma nuvem negra, como um gigante que desperta, e para logo transformou-se n'um sarcophago.

E de seu seio partiu um como gemido doloroso.

E minha alma perdêra-se em divagações.

Desci a montanha, e já não resoavam nos valles os canticos de alegria.

E a terra era triste, e as flôres da manhãa estavam murchas.

E o Icarahy transvasava-se por sobre as suas represas de arêa, e suas ondas corriam silenciosas como lagrimas sem murmurio.

E o Oceano gemia funebremente quebrando-se pelas praias.

E soavam ao longe os sinos nas torres celebrando as exequias do dia.

E as aves do crepusculo esvoaçavam soltando pios agoureiros.

E a nova da morte do Principe herdeiro era levada por todos os ouvidos, como um susurro sobre as azas da viração.

Então vi que era real a visão.

E senti dobrarem-se-me os joelhos e alçarem-se-me os olhos para o céo.

E disse a sós com a minha alma, de mãos postas :

« Cherubim de paz que estendeste tuas azas, como dous iris, sobre o Imperio.

« Ao som do hymno que succedeu à celeuma da anarchia.

« Ao ribombo do canhão, que cessára de vomitar a morte entre irmãos.

« Quando todo um povo como um só homem erguia-se para saudar-te como o seu bem vindo.

« E que para logo tomou-te como o talisman de suas sonhadas venturas, porque extinguiam as dissenções entre si.

« Que viste teus Pais ausentarem-se de ti banhados no pranto da saudade por irem aos campos que talára a anarchia a derramar balsamo consolador nas chagas que ainda sangravam, e aplacar animos que ainda se resentiam da vingança.

« E ficaste como em penhor de amor e de felicidade à capital do Imperio.

« E tiveste por baluartes nossos peitos e por armas nossos braços.

« Ah ! pede a Deus que a sua promessa se realise !

« Implora pelo Imperio que deixaste, e pelos Pais que te perderam.»

Joaquim Norberto de Souza e Silva.

ODE.

> Assim como a bonina, que cortada,
> Antes de tempo foi, candida e bella,
> Sendo das mãos lascivas maltratada
> Da menina, que a trouxe na capella,
> O cheiro traz perdido, a côr murchada:
> . . . .
> . . . .
> . . . .
>
> CAMÕES, cant. 3.º, estroph. 134.

Musa qu'aos patrios genios
Tristes nenias, chorosas inspiraste,
Que da mimosa lyra as cordas d'ouro
De dôr quebraste amarga,
No dia em que foi victima da morte
Affonso o regio Infante;
O coração m'embebe em tuas mágoas,
N'essa dôr tão acerba, qu'inda punge,
Tristes côres apresta
E de funereo dó meu peito cobre !
Mas não, ó Musa ! o pranto teu suspende !...
Abafa as ancias e meu estro accende,
Que as azas soltarei ao genio ousado
Por outras regiões.

Ai ! que o implume cantor que o adêjo ensaia
As nuvens não devassa ;
Nem aligero vôo deslizando,
Qual aguia altiva que perlustra os ares,
Nas do Parnaso regiões sublimes
Sacrilego penetra !

Porém, ó Musa, teu auxilio invoco !
O ousado arrojo de teu fogo anima,
Com teu favor entoarei sonoros
Cantigos festivos.

De lindas galas arreiada Aurora,
E deslizando enamorada e bella
Aurifina madeixa, que ondulava,
Beijada docemente
Do zephiro suave,
Que manso e manso e timido a tocava ;
De mimosos festões de vivas côres
Cingia o horizonte.

No diaphano campo retumbaram
Estrepitosos echos
De afogueados bronzes ;
E dentr'as aguas alevantou garbosa
A humida cabeça
A gentil Nictheroy de jubilo cheia.

De seus pincaros nossas altas serras,
Que entre os agigantados braços prendem,
Qual outro Adamastor, o patrio solo ;
Festivas saudações, alegres vivas
Em mil torrentes despejaram grandes,
Como largos lençóes de lympha clara
Que resplendem ao sol.

A natureza inteira trajou galas,
E afogada em prazer entôa canticos,
Que ao Eterno sobem,
Humedecidos do sensivel pranto,
Que rebentára na emoção sublime

D'esse supremo instante,
Em que pai fôra aquelle que rei era.

Ao som de um grito doloroso, agudo,
Grato a mil corações
Que de esp'rança e susto palpitavam ;
Arregaçando as palpebras mimosas,
Como alquebrado de passado esforço,
Do somno despertou, sorrindo ao mundo,
Gentil infante, cuja fronte augusta
Moldàra a natureza
Para o peso suster da regia c'rôa.

Qual rosa aljofarada pelas gottas
Limpidas, prateadas
Do rocio matinal, que embevescido
Em extasi suave,
Uma a uma cahir-lhe deixa as lagrimas
Que de seus olhos humidos vertia,
Tal as mimosas faces lhe orvalhára
O doce maternal suave pranto.

Como se coruscante luz celeste
Lhe animasse as feições, leve poisando
Um sorrir divinal,
Sorrir angelico,
Lhe enfeita os labios, qu'ao rubi não cedem.

Como ės encantador, tenro menino,
Tranquillo repousando n'esse berço,
Cercado d'esperanças, de futuros,
Levemente embalado pela brisa
Que em doce oscillação murmura branda
Suave melodia !

Tu ó Musa gentil,
Que santo enthusiasmo, ardente fogo
Em minha alma accendeste,
Conduz-me agora a devassar do Fado
Os secretos arcanos.

Que subita mudança em ti se opera!
Que fria pallidez, qual véo da morte
O rosto te annuvia?!
Que pungentes gemidos dolorosos
Os meus ouvidos ferem?!...
Morreu!... repetem, como em dôr desfeitos,
Os echos lacrimosos!!!...
Morreu? E inda hontem
Saudára aurora radiante e bella
De seu primeiro dia!
E hoje já na campa submergido
Frio como o cadaver!
Ainda hontem no berço
A's doces maternaes ternas caricias
Começava a sorrir;
E os ternos Pais já iam soletrando
N'essa doce emoção que alma inunda,
Que é prazer ineffavel, que é delicias,
O caro nome—filho.

Grande Deus! Ah! Senhor! porque tão cedo
E tão inesperado
De tantos beneficios nos privaste?
Como irado teu braço de um só golpe
A cadêa cortou de mil futuros!?
Senhor! que te fizemos?
Assim porque nos punes?!

Ah! sim! meu Deus, é justa a ira tua:
A tantas culpas é ligeira a pena!

Que!... E póde a morte
Despedaçar o fio
Que em torno da celeste magestade
Prende todos os anjos?
Affonso não morreu! porque só morrem
Os miseros mortaes que a carne prende!

Sim! Affonso não morreu,
Rapido somno o arrebatou de novo
Ao continuo soffrer, que vida chamam;
Dorme o somno dos anjos,
E scintillantes raios
Do sublime esplendor do ethereo throno
O extasi abrilhantam do innocente!

Mui rapidos momentos
Em seus brilhantes olhos
Feriu do mundo a luz escassa, turva,
Como o clarão da alampada dos mortos.

Qual candida assucena bella e fresca
D'hastea arrancada pelas mãos mimosas
De pudica donzella,
Ferida do calor desbota e murcha;
Assim tocado o anjo da impureza
Do ar infecto, que respira o homem,
Torpór intenso lhe abateu as forças,
Murchou como assucena.

Elle pois dorme o somno da innocencia!
Dorme o somno dos anjos!
Enxuguemos o pranto amargurado
Que a paz perturba ao anjo que repousa,
Na gloria do Senhor todo engolfado.

Ais! saudades! expressões d'angustia,
Que tanto nossos peitos magoastes.....
Cessai um pouco.... não façais ruido,
O Principe dorme!

Dr. Francisco de Paula Menezes.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

SETIMA SESSÃO PUBLICA ANNIVERSARIA

NO DIA 9 DE SETEMBRO DE 1847

A's 5 horas da tarde em ponto annunciou-se a chegada de Sua Magestade o Imperador, que, segundo o programma publicado, foi recebido na entrada do paço com as ceremonias do costume por todos os membros do Instituto presentes; e depois de tomar assento, o Exm. Sr. presidente conselheiro Candido José de Araujo Vianna abriu a sessão.

Sua Magestade o Imperador, por sua alta munificencia e protecção ás lettras, destinou a nova e mais vasta sala do paço imperial para estas solemnidades litterarias. A riqueza do tecto, construido de largas architraves douradas e de um estylo serio, correspondia perfeitamente ao luxo das paredes ornadas de quadros historicos, e ao pavimento coberto com uma inteiriça e elegante alcatifa da fabrica dos Gobelins.

Notava-se no lado da mesa da presidencia o quadro colossal de Mr. Debret, representando a sagração do Fundador do Imperio na capella imperial, e offerecendo aquella vasta composição os retratos de todos os varões que tomaram maior parte na independencia do Brazil: e no tôpo da sala sobresahia o primor d'arte do pincel de Vieira Portuense, figurando o juramento de Viriato.

Avultava esta pompa, verdadeiramente regia, a presença de mais de quinhentos expectadores, entre os quaes se distinguiam os membros das mais nobres corporações do Imperio, os agentes diplomaticos estrangeiros, e muitos litteratos de diversas nações e do paiz, causando bastante sensação ver-se no numero d'estes ultimos o insigne orador Fluminense Revm. padre mestre Fr. Francisco do Monte Alverne, que depois de haver feito por tanto

tempo echoar os nossos templos com os sons da mais sublime eloquencia sagrada, se encerrára em um claustro, d'onde apezar de cego sahira para pela primeira vez de novo apparecer em publico e assistir á sessão magna do Instituto, ouvindo áquelles que haviam bebido suas lições.

Depois do discurso d'abertura passou o 1.º Secretario Manoel Ferreira Lagos a apresentar o relatorio dos trabalhos academicos, findo o qual o Sr. 2.º Secretario supplente Manoel de Araujo Porto Alegre leu a acta da concessão dos premios; e á proporção que ia nomeando os premiados, o Exm. Sr. presidente os convidava a approximarem-se do augusto Protector do Instituto, que risonho e benevolo entregou-lhes com sua propria mão as medalhas de ouro, que de um lado tinham a sua effigie, e no reverso o distico em roda — INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO — e no centro — PREMIO IMPERIAL. — No acto em que os illustres premiados dobravam os joelhos para receberem de S. M. Imperial aquelle triumpho publico de suas lucubrações, toda a assembléa se levantava, e ouvia-se excellente orchestra, que nos intervallos dos discursos executava peças de musica adequadas a um espectaculo que annunciava certa elevação da sociedade brazileira, e que era o primeiro d'este genero celebrado no Imperio, graças á munificencia e amor das lettras do Senhor Dom Pedro II.

A' exposição dos trabalhos do Instituto seguiram-se os Elogios abaixo mencionados pela ordem das leituras:

1.º Elogio historico geral dos membros fallecidos, pelo Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, orador do Instituto.

2.º Elogio historico do finado 1.º Secretario conego Januario da Cunha Barboza, pelo socio effectivo o Sr. Dr. J. F. Sigaud.

3.º Elogio historico do membro correspondente conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira, pelo socio effectivo o Sr. conselheiro José Antonio Lisboa.

4.º Elogio historico do membro honorario, patriarcha de Lisboa, D. Fr. Francisco de S. Luiz, pelo socio correspondente o Sr. Francisco Manoel Rapozo de Almeida.

5.º Elogio historico do membro honorario conselheiro Antonio

Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, pelo socio correspondente o Sr. Antonio Pereira Pinto.

Terminou a sessão com a leitura do programma dos premios propostos para o anno seguinte pelo Instituto e por Sua Magestade o Imperador, que se retirou com as mesmas formalidades da sua entrada.

DISCURSO DO PRESIDENTE.

Si minha presença n'esta honrosa cadeira tem sido por vezes necessitada pela ausencia, ou por impedimento temporario do nosso muito douto primeiro presidente, hoje é ella desagradavel nuncia de sua perda irreparavel: o Sr. visconde de S. Leopoldo foi-nos pela morte arrebatado, deixando-nos, com a saudade de sua pessôa amabilissima, a memoria de muitas virtudes, e de relevantes serviços prestados á patria e ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Nos dous precedentes annos não celebrou a nossa Associação a publica sessão anniversaria de sua installação por causas que vos não são desconhecidas: na posse de ser agraciada em tal occasião com a incomparavel mercê da imperial presença de seu augusto Protector, teve por mais acertado differir a reunião solemne, do que celebral-a com a privação de tão subida honra.

Não sendo este, Senhores, um acto de simples apparato e ostentação, mas tendo por fim principal dar conta dos trabalhos do anno social decorrido, e render homenagem á memoria dos socios que n'esse periodo tenham desapparecido da scena da vida, triplicada tarefa pésa hoje sobre os hombros (inda bem que possantes são elles) dos dignos primeiro Secretario e Orador; porque nem o Instituto dormiu em culpavel ocio, nem a Parca inexoravel teve em descanso o ferro exterminador.

Assim é que vereis não ter corrido inglorio o periodo de quasi tres annos, de que vos devemos conta. A *Revista trimensal* regularmente publicada dá abonos de vida e actividade; rica de

documentos interessantes, ella continúa a revelar successivamente os thesouros do nosso archivo, que já offerece abundante, precioso e util promptuario aos escriptores das cousas da nossa terra.

Fiel na execução do programma que abraçára, tem a Sociedade procurado elucidar diversos pontos obscuros da nossa historia ; e alguns trabalhos sobre elles em concurso apresentados mereceram os premios propostos pelo Instituto, e os que o seu augusto Protector magnanimamente instituiu para a historia e geographia.

Mas não é, Senhores, sómente nos capitulos especiaes de seu programma, consignados na lei social, que o Instituto dispende patrioticos esforços : desejoso de ampliar o circulo dos serviços ás lettras brazileiras, acolheu elle com jubilo a concepção de muitos de seus membros, dando o ser a uma associação que se occupe especialmente da litteratura patria, com o titulo de Academia de Litteratura Brazileira, dividida em tres secções : de litteratura propriamente dita, de linguistica e de arte dramatica. Bemfadada seja a nova associação ! cresça ella e prospere sob os auspicios do Instituto, como este medrou, feliz emanação do gremio da illustre Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Vereis ainda que no periodo, de que tratamos, grande numero de distinctos litteratos estranhos e naturaes se inscreveram no nosso quadro ; mas vereis de outro lado que muitas illustrações, que eram o ornamento da nossa terra e a gloria do Instituto, foram d'elle eliminados pela mão da morte, e entre elles deparareis com aquelle illustre Brazileiro que concebêra a idéa da creação d'esta sociedade, que mais serviços lhe prestára, e cujo nome andará sempre a par da recordação dos que promoveram a independencia do Brazil : fallo, Senhores, do conego Januario da Cunha Barboza.

Quasi nove annos de existencia conta esta instituição ; e tendo ella correspondido ás esperanças dos fundadores, e á expectação do mundo litterario, que a acolheu com applauso ; sendo auxiliada patriotica e generosamente pelos poderes politicos do Estado, e sobre tudo amparada pela mão poderosa do Monarcha, é facil augurar-se-lhe longa duração, que assignalada seja por impor-

tantes serviços ao Brazil no desenvolvimento e aperfeiçoamento dos estudos de sua historia e geographia.

Prosigamos, illustres consocios, na espinhosa tarefa que emprehendemos ; continuemos a bem-merecer da patria e das lettras; tornemo-nos dignos das mercês de S. M. o Imperador, nosso immediato Protector, que agora mesmo nos está outorgando uma de subido quilate, dignando-se de franquear-nos os imperiaes paços, e de assistir, com S. M. a Imperatriz, a esta solemnidade academica. E si esquecidos da pobreza de merecimento, vós, que me conheceis desde a aurora d'esta conspicua associação, me collocastes agora á frente d'ella, estais na rigorosa obrigação de serdes indulgentes; de minha parte porém cumpre-me invidar todas as forças (bem poucas são !) para corresponder a escolha tão benevola, e rastrear as pisadas (tomar o passo é impossivel) do douto varão, para cuja substituição vos approuve designar-me. *Prodire tenus, si non datur ultra.*

DISSE.

RELATORIO

DOS TRABALHOS DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

Pelo 1.º Secretario perpetuo Manoel Ferreira Lagos.

Senhores.— Quando em dia tão solemne como o de hoje competiu-me pela primeira vez a honra de soltar minha fraca voz n'este augusto recinto, reclamei a devida indulgencia pelas imperfeições de um trabalho que me legára o impedimento repentino do meu illustrado antecessor. Escolhido depois por vossos benevolos suffragios, tão engenhosos em dissimular minha in-

sufficiencia, para exercer o lidado encargo de 1.º Secretario perpetuo, não poderei agora pretender que me seja relevada a incorrecção do quadro que vou expôr diante de um horisonte tão vasto e esclarecido; mas ao menos, Senhores, attendereis á amplitude e difficuldades do assumpto, desculpando ao Instituto as faltas que conhecerdes no seu orador.

Antes de entrar em materia, seja-me tolerado um pensamento bem consolador para aquelles que consagrando sua vida ao estudo, desacoroçoam no meio d'ella, certos de que a brevidade do tempo lhes não permitte percorrer a distancia desejada. Na verdade, são tão rapidos actualmente os passos da sciencia que seu circulo alarga-se e os limites recuam á proporção dos maiores esforços para attingil-os: correm os dias, succedem-se os annos, e as forças já se acham exhaustas quando apenas se tem adquirido os conhecimentos indispensaveis para emprehender alguma tarefa importante. Mas este inconveniente, tão grave para o homem isolado, cessa completamente para os que, reunidos em instituições taes como a vossa, depositam em thesouro commum os fructos de suas vigilias. Toda a descoberta nova causa então prazer indizivel, qualquer facto que vem avultar o numero dos já conhecidos é mais uma garantia para o porvir da associação, onde cada um confia na dedicação de todos, esperançoso de chegar ao conhecimento do positivo.

Vossos esforços, coroados do mais feliz successo, e applaudidos não só nas duas Americas, mas ainda além do Atlantico, no outro hemispherio d'onde a civilisação e a sciencia se transplantaram para este, constituem prova convincente da verdade enunciada. Bem quizera, retrocedendo até á hora em que foi assentado o cimento d'esta Sociedade, medir com vista rapida a prolongada esteira do navio que primeiros ousastes aventurar sobre o tenebroso oceano da geographia brazileira; eu realçaria os progressos que se tem accumulado sob vossa impulsão perseverante: porém não posso ultrapassar as linhas prescriptas ao meu relatorio, o tempo foge veloz, e bem curto é o espaço que me resta para recapitular as transacções dos dous ultimos annos academicos, cuja conta se vos deve.

O Instituto não é mais uma empreza nascente, que haja mister de fazer-se conhecida, pois já se acha collocado a par d'essas uteis associações cujo nome encerra o elogio: objecto para nós de justa congratulação. Os mais brilhantes raios d'esta auréola de gloria emanam do benefico influxo do magnanimo Monarcha Brazileiro, que constantemente possuido do amor das lettras nos tem outorgado irrefragaveis testemunhos da sua alta e animadora protecção, já acolhendo affavel as nossas deputações encarregadas de o cumprimentarem nos dias de regosijo nacional; já mandando fornecer ao nosso consocio Sr. Dr. Caetano Lopes de Moura a generosa pensão annual de 4,800 francos para colligir nas bibliothecas de França os materiaes relativos á historia do Brazil; já brindando-nos com preciosos manuscriptos e propondo premios para fomentar louvavel estimulação; já finalmente honrando com a sua augusta presença as nossas festividades litterarias. Tão grandes e repetidos favores jámais se apagaráõ da memoria do Instituto, que n'elles encontra fortes motivos para esmerar-se ainda mais no desempenho do seu patriotico compromisso. Tambem o Governo Imperial, propenso a favorecer emprezas vantajosas, reconhecendo que esta instituição *tem dado honra e muito proveito ao paiz*, de accôrdo com as camaras legislativas acaba de accrescentar mais um conto de réis ao subsidio annualmente votado, o que mostra quanto se desvela pela prosperidade litteraria da patria. O Instituto muito se ufana de ver assentados em suas cadeiras a todos os Ex.mos ministros da Corôa, a quem cordialmente agradece tão prestante coadjuvação, que lhe vaticina perduravel e proficua existencia.

A Revista trimensal se acha em dia, e na sua redacção tenho continuado o mesmo systema, não só publicando de preferencia os escriptos dos membros do Instituto, ou antigos codices ineditos de subido quilate, dos quaes possuimos grande copia, como ainda exornando cada numero com a biographia de algum Brazileiro illustre, sobre cujos feitos, dignos de n'elles se espelharem os vindouros, reprehensivel olvido deixava ir passando a esponja do tempo. D'est'arte convergem para um unico fóco todas as luzes historicas e geographicas esparsas em confusão,

formando assim correcto promptuario de adminiculos indispensaveis a quem se propõe a escrever com verdade e criterio a historia do Brazil, e que qualquer individuo por si só, ainda à custa de muito perlustrar, jámais poderia obter : porém as pesquizas, as elucubrações, as despezas impossiveis a um foram repartidas por muitos, tornando-se d'este modo mais faceis, mais suaves, e igualmente productivas. Temos recebido repetidos encomios pela selecção dos documentos impressos no nosso periodico, tanto de afamadas academias estrangeiras, como de mui distinctos litteratos, que de novo os entregam ao prélo traduzidos e annotados com as suas judiciosas reflexões. Fôra nimiedade enfadosa reproduzir aqui todas as animadoras expressões com que fomos obsequiados a tal respeito : ouvireis todavia a leitura do excerpto de uma carta que nos dirigiu de Pariz o socio honorario Sr. Ferdinand Denis, bem conhecido pelo muito que se ha occupado das cousas do Brazil.

« Estou perfeitamente inteirado dos trabalhos do Instituto, cujo merecimento mais de uma vez tive occasião de apreciar. Resta-me comtudo o pezar de que os muitos e preciosos documentos reunidos na *Revista trimensal* não tenham sido publicados na épocha em que comecei meus estudos historicos sobre o Brazil. A' vista d'essas paginas tão habilmente apresentadas, não só o horisonte se teria dilatado a meus olhos, mas ainda erros teriam sido evitados, e não se encontrariam lacunas. Empregarei novos esforços a fim de para o futuro os meus escriptos offerecerem uma prova evidente de que esta leitura séria produziu seus fructos. »

O Instituto, emulando outras acreditadas corporações suas coirmãas, tem devidamente considerado a geographia, sem restringil-a ás mesquinhas proporções de uma simples delineação do solo apontado pelos itinerarios do viajante, ou medido pelas triangulações do geometra ; e menos ainda cingindo-a ao conhecimento d'essas cartas onde a arte do desenhador resume em signaes differentes o curso dos rios, o relevo das montanhas, a situação das cidades, os limites naturaes e pacteados. E se não fosse assim, a que outra sciencia, pergunta

com razão Avezac, se recorreria para pedir conta dos phenomenos da vida terrestre? Que outra sciencia, a não ser a geographia, registrará em quadro synoptico a disposição geognostica dos terrenos, a direcção e a violencia das correntes oceanicas, a regularidade das marés, a lei das variações da bussola, as circumstancias meteorologicas e climatericas, a habitação dos seres organicos desde o lichen até ao cedro, desde o zoophyto até ao homem, e a distribuição das raças humanas segundo seus caracteres physicos e moraes? Que outra sciencia, excepto a geographia, se arrogará a missão de reunir todos estes grandes traços, dos quaes nenhum deve ser esquecido na *descripção da terra?* Não nos deixemos todavia perder em um pélago sem margens, seguindo em todas as suas ramificações as sciencias connexas, cujas applicações especiaes vem grupar-se no systema geral dos conhecimentos geographicos. Sómente estas applicações tem direito de nos occupar: ás sciencias mathematicas pediremos suas formulas para a determinação das posições geonomicas, a medida das dimensões do globo e de suas partes, a projecção graphica das coordinadas do espheroide; ás sciencias physicas, a exposição dos phenomenos geraes de magnetismo terrestre, de meteorologia, de climatologia; ás sciencias naturaes, a distribuição dos seres, tanto inorganicos como organicos, sobre a superficie da terra; a cada sciencia, em uma palavra, o que ella tem de essencial, de exclusivamente geographico, ou que possa servir para a dilucidação de alguma duvida.

Tal a extensão, taes os terminos do campo que lavrais, e é tempo de apresentar-vos a resenha da colheita.

Não ha ainda muitos annos se podia applicar aos geologos, sem estes terem razão de agastamento, o dito galante de Cicero — que não comprehendia como dous augures encarando-se continham o riso —, pois a sua appellidada sciencia consistia apenas em uma simples serie de hypotheses extravagantes, de maneira nenhuma fundadas em observações precisas, ás quaes davam o pomposo titulo de *theorias da terra*. Hoje porém a geologia já conquistou logar entre as sciencias exactas; o quantitativo dos trabalhos parciaes de que ella se compõe é immenso; os factos

colligidos são tão numerosos como bem observados, adverte Arago; e alguns dos resultados geraes deduzidos merecem toda a consideração, pois nos esclarecem sobre o estado primitivo do globo terrestre, e sobre as espantosas revoluções physicas que o tem sacudido em épochas distantes, separadas por intervallos de tranquillidade. « Devemos principalmente ao estudo dos fosseis as luzes recentes adquiridas ácerca da theoria da terra, que só elles nos confirmam não haver sempre o actual involucro revestido nosso planeta; sómente elles nos certificam que as camadas se foram depositando com lentidão em um liquido, fazendo-nos reconhecer de maneira indubitavel a natureza d'essas mesmas diversas camadas, e habilitando-nos para provar que se a mór parte são de formação marinha, tambem as ha de agua doce.»

Os estudos *geographicos*, pondera Amedeo Burat, os estudos *economicos* mesmo, carecem absolutamente do auxilio da geologia. A constituição physica de um paiz não é consequencia evidente de sua constituição geologica? e o *solo* não influe sobre os costumes e a industria de seus habitantes? Não se julgue que esta influencia seja apenas a das condições physicas: parece ainda que as rochas tenham reflectido sobre cada raça caracteres especiaes, estampados tambem nos monumentos e nos habitos da vida particular. Lendo-se Cuvier, Élie de Beaumont e Dufrenoy, reconhecer-se-ha em suas descripções scientificas serem taes estas influencias, que o habitante de um paiz calcareo não opéra nem pensa da mesma maneira que o de um terreno schistoso ou granitico. Leia-se ainda Michelet, e ver-se-ha em sua excellente descripção da França as raças distinctas por sua origem, por seus costumes, grupadas em cada divisão geologica.

A' vista do exposto, é obvio não poder o geographo prescindir da geologia, e menos da palæontologia (archeologia da organisação), para alcançar noções exactas sobre a formação primordial do terreno que descreve. Ninguem ignora como um illustre naturalista francez, cuja vida marcará uma das mais brilhantes épochas na historia da sciencia, nos divulgou os mysterios do mundo antediluviano, chegando a recompôr, por meio dos fragmentos imperfeitos que se encontram sepultados na

terra, os esqueletos dos viventes a quem elles pertenceram, fazendo assim surgir de seus antigos tumulos, como se o anjo tivesse soprado a trombeta da resurreição, grande numero de animaes inteiramente desconhecidos. Desde então não se acreditou mais na existencia de Poliphemos nem de Adamastores, e esses femures e vertebras de enormes dimensões, attribuidos aos gigantes vencidos pelos deoses, ou aos heróes cantados por Homero, passaram a fazer parte de mastodontes, de megatherios, de palœotherios, de toxodontes, e de outros quadrupedes que já desappareceram da face da terra. Desde então a curiosidade activou as pesquizas d'estas reliquias de gerações extinctas, que se foram descobrindo por toda a parte baralhadas com as de outras que ainda respiram, e até em regiões onde se não julgaria terem podido existir, como no norte da Siberia: alli se encontraram restos de elephantes, de rhinocerontes e de mammouts, e não só seus esqueletos, mas ainda cobertos de musculos preservados da putrefacção pelo gelo! Em 1806 foi exhumado nas margens do mar Glacial um elephante tão perfeito que os cães e ursos poderam cevar-se em suas carnes; e além da narração de Pallas, nada mais admiravel n'este genero do que a historia do pachyderme visto por Adams junto á embocadura do Lena, e descripto no tomo 8.º das *Memorias* da Academia das sciencias de S. Petersburgo.

E nem se julgue ser unicamente no velho mundo que a apparição de tão evidentes testemunhos nos veio rememorar as vicissitudes successivas de que tem sido ludibrio o globo terrestre. Em muitos logares do Novo Continente, sobretudo na extensa planicie do Prata, no Mexico e Estados Unidos, se tem aberto prodigiosa quantidade d'essas catacumbas em que jazem as *faunas* e as *floras* das épochas anteriores; notando-se, a par de outros restos fossilisados de especies exterminadas, ossos de elephante, de rhinoceronte, de hippopotamo, de giraffa e em geral dos maiores quadrupedes conhecidos, que todos sabem já não existirem na America. O padre Ayres de Cazal, em sua preciosa *Corographia Brazilica*, narra que no termo da villa do Rio de Contas os alimpadores de um caldeirão de pedra

descobriram uma ossada, já consideravelmente destruida, e occupava um espaço de mais de trinta palmos de comprimento! as costellas tinham palmo e meio de largura, um dente molar já sem raiz pesou quatro libras, e para tombar a mandibula inferior foram precisas todas as forças de quatro homens. *A Gazeta* d'esta côrte de 30 de Junho de 1819 faz menção de outra, quasi completa, desenterrada em Pernambuco; e tambem nos sertões das provincias da Bahia e do Ceará se tem encontrado algumas.

Tereis lembrança, pelo meu relatorio anterior, da mui curiosa memoria que de Minas Geraes nos dirigiu o nosso sabio consocio Sr. Dr. Lund, dando conta de suas importantissimas explorações nas cavernas d'aquelle paiz, onde observou grande porção de ossos de animaes que já desappareceram, e outros de raças ainda existentes, de envolta com alguns craneos humanos offerecendo todos os caracteres fosseis! Agora devo noticiar-vos que descoberta do mesmo genero acaba de ser effectuada n'esta provincia, em Cantagallo, pelo socio correspondente o Sr. Jacob van Erven, em uma pequena planicie rodeada de montanhas calcareas stratiformes, altas e alcantiladas, cujo terreno é conhecido sob o nome de *lavras de ouro de Santa Rita*. O Instituto confiou os fragmentos que lhe foram enviados ao exame de uma commissão especial, composta dos Srs. Drs. Ponte Ribeiro, Sigaud e Vilardebo, a qual reconheceu n'elles duas vertebras cervicaes de megatherio, um dente molar do cavallo fossil, sendo todos os mais de megalonix.

« Os megatherios, os megalonix, os glyptodontes, os mastodontes e tantas outras especies de animaes que acabaram em consequencia de diversas catastrophes (assim escreveram os entendidos membros da commissão), povoaram pois o vasto continente americano n'essas remotas épochas da creação; e seus ossos espalhados sobre esta immensa superficie são tanto mais preciosos aos olhos do philosopho, quanto elles lhe dão uma idéa dos primeiros mammiferos que habitaram o globo, e que suas formas tão extravagantes, como gigantescas, lhe fornecem novos motivos para admirar a inexhaurivel fecundidade da natureza, e as transformações successivas porque tem passado a organi-

sação animal para produzir os mammiferos actualmente espalhados sobre a superficie da terra. »

O Instituto recommendou novas excavações no mesmo logar e suas circumvisinhanças, onde é provavel que se encontrem soterrados outros seres organicos destruidos por inevitavel alluvião.

Estas medalhas da creação, como um sabio do seculo corrente appellidou os fosseis, que a Natureza parece ter tido cuidado de conservar premeditadamente nas entranhas da terra afim de nos avisar dos desastres de que podemos em qualquer momento ser victimas, e outros dados, cuja enumeração tornar-se-ia agora fastidiosa, assás demonstram que tambem o nosso paiz passou por cataclysmas espantosos e successivos. A sua constituição geologica bem o prova, e já de ha muito esta asserção foi emittida pelo esclarecido naturalista brazileiro Dr. José Vieira Couto, descrevendo a provincia de Minas Geraes. De mais, ninguem ignora que a tradição de um diluvio, guardada em todas as nações do antigo mundo, é unanime entre os povos selvagens da America : verdade eterna, cujo sello existe gravado na superficie dos continentes.

E como poderemos ver com indifferença signaes tão manifestos das convulsões subterraneas de que nosso planeta tem sido theatro, e das numerosas gerações que se succederam ? Quem sabe se n'este mesmo espaço que ora pisamos, outros viventes antes de nós não calcavam tranquillamente antigos destroços deixados pelo mar, quando elle, voltando repentinamente, os encapellou tambem em suas ondas furiosas, confirmando-nos assim de que o tridente de Neptuno é o sceptro do mundo ? E collocados nas mesmas circumstancias, nesta camada de ruinas que presentemente nos dá pão e flôres, como fizera a outros, não devemos receiar igual sorte ? Terá a terra já passado seus periodos de turbulencia e de mocidade, girando agora pacifica entre limites constantes, ou nos ameaça novas calamidades ? Estarêmos condemnados, como prophetisou Fourier, a ver os rios, os lagos, todos os mares, e até o mesmo Oceano evaporar-se gradativamente, a ponto de chegar ella a um tal gráo de resiccação que se ateie com o fogo do sol ? Mas este fim pouco agradavel é assim

mesmo preferivel ao opposto : elle é mais prompto, como graciosamente lembra Virey ; e o magestoso fogo de artificio, que offerece em perspectiva, aterra menos a imaginação do que a eterna morte gelada com que nos ameaçou Buffon.

Somos tão jovens sobre o globo, diz Bertrand, que ainda não tivemos tempo de reconhecer a mesquinha porção de sua superficie que nos foi cedida pelo Oceano. Doze ou quinze vezes o numero de annos que póde viver um carvalho, cincoenta ou sessenta vezes aquelle a que chegam os homens, nos levariam além da época em que a raça humana appareceu pela primeira vez. Pobres homens, nascidos de hontem, que ousamos considerar-nos senhores da terra, não devendo dar um só passo sem estremecer sobre este planeta, sempre prestes a nos tragar. Como não tememos que no zenith do nosso orgulho um ligeiro abalo restitua ao Oceano o torrão que elle nos abandonou outr'ora, e que uma parte de suas aguas sepulte amanhã para sempre nossas populosas cidades, e com ellas toda a lembrança dos monumentos de que nossa pequenhez se atreve a mostrar-se tão soberba ? Procuremos porém arredar de nossa mente estas recordações assustadoras que a assaltam quando ella tremula contempla os vestigios de tão espantosas tormentas : o perigo acompanha o homem por toda a parte, e sob todas as fórmas, como a sombra ao corpo ; e esta idéa faz com que sem receio hoje se entôe canticos festivos e se baile sobre as cinzas que suffocaram Herculanum e Pompeia.

Continuemos a pairar sobre o abysmo insondavel da antiguidade, e vejamos se além da natureza a arte nos administra documentos para reivindicar a idade d'este continente, que a ingratidão ainda denomina America, do nome do cosmographo florentino, usurpando esta honra a Colombo, que com Vasco da Gama ultrapassou os limites chimericos fixados pelo genio dos antigos.

A intelligencia humana, sempre activa, instinctivamente lança vistas escrutadoras para as regiões nubladas do passado, e consegue não poucas vezes romper o silencio das nações sepultas, levantando o véo que por muitos seculos eclipsára a sua gloria ; mas nem sempre assim acontece, e então o espirito

ardente e insoffrido de alguns antiquarios os arremessa na arena das conjecturas e absurdos : aberrações estas todavia desculpaveis em parte, attentos os multiplicados obices que concorrem a desalentar os archeologos, mormente quando se entregam ao estudo dos antigos monumentos, cujo exame escrupuloso nos revela a religião, a historia, a philosophia, as artes e costumes, todos os progressos emfim dos nossos predecessores. Além do facho da erudição e atilada critica, de absoluto mister para interrogar com successo carcomidos esqueletos de pedra, sublimes epopéas mudas, segundo a energica expressão de um brilhante escriptor moderno, nem todos podem ir visital-os a seus lugubres jazigos, d'onde quasi sempre se regressa poeta, disse Horacio; nem todos tem forças para seguir os passos de Volney por longos e aridos desertos, e sentando-se com elle em um capitel de columna desabada, defronte do cadaver da orgulhosa Palmyra, meditarem profundamente sobre as causas da decadencia dos imperios e os decretos incomprehensiveis da Divindade ! Não é dado a todos o delicioso prazer de palestrar com a historia no meio das ruinas, de lhe pedir reminiscencias do passado, e de ouvir as suas narrações : fada encantadora, a historia transforma então as ruinas em palacios, o pó em nação, e substitue pelo ruido das cidades antigas o silencio mysterioso do deserto: ella embellece o presente com os sonhos gloriosos do preterito.

Em geral os viajantes, ainda que conscienciosos, não sendo comtudo iniciados o mais das vezes na ardua leitura dos caracteres cuneiformes, runicos e hieroglyphicos das inscripções impressas n'esses desamparados artefactos humanos, as copiam com inexactidão, reproduzindo traços abertos no original pelo buril do tempo, e omittindo outros já meio apagados de summa importancia. Acaba de ser removido este grave inconveniente: o distincto archeographo Lottin de Laval, em sua recente e aventurosa viagem pelo interior da Asia, inventou um novo processo por cujo meio com a maior facilidade obtém de gesso o *fac simile* de quaesquer inscripções ou baixos relevos. Tão vantajosa descoberta sobremaneira deve tambem influir para o adiantamento da archeologia americana, e em breve Champollion, Sauley e

Longpérier sem se affastarem de seus gabinetes poderão comparar as maravilhas de Persepolis e de Ninive com as não menos curiosas d'este continente, saudado com o epitheto de *novo*, e já hoje reconhecido tão *velho* como o antigo.

Bem debatida ha sido entre os sabios, e será ainda por muito tempo assumpto de controversia, a pretendida sciencia que houve antigamente na America, revelada pela tradição immemorial do Ophir, da celebre prophecia em um côro da *Medéa* de Seneca, e sobretudo da famosa Atlantida de Solon, que desde época tão affastada ficou insculpida nas paginas de bronze da historia como uma imagem frisante das peripécias das grandezas humanas; porque aqui, assim se exprime o Sr. conde de Castelnau, não se trata d'esses herões ephemeros que, semelhantes ao relampago, fulguram e tornam ao nada, nem tambem das nações que, depois de alguns seculos de existencia, morrem de corrupção tendo vivido de iniquidades ; mas sim de um vastissimo continente, o qual ferido sem duvida de anathema celeste, se engolfa todo no olvido e apenas deixa por unica lembrança algumas tradições mythicas. Não carecemos recorrer ás éras mythologicas para provarmos haver sido a America visitada por Europeos, e bem recentemente, antes de Christovam Colombo n'ella aportar pela primeira vez. As *sagas* ou chronicas islandezas, publicadas em Copenhague pela Sociedade Real dos Antiquarios do Norte na preciosa obra *Antiquitates Americanæ*, confirmam com authenticidade incontestavel terem os Scandinavos precedido ao intrepido Genovez, pois da Islandia, por elles subjugada em fins do seculo nono, se passaram no seguinte para a Groenlandia, estendendo-se depois para o sul, onde estabeleceram varias colonias, as quaes se viram obrigados a abandonar por diversas causas. O nosso sabio consocio Sr. Dr. Rafn, secretario da sobredita sociedade, registou em uma erudita memoria todos os factos que comprovam o descobrimento da America pelos Scandinavos no seculo decimo, e correndo já impressa a sua traducção na *Revista trimensal*, ahi poderá ser consultada por aquelles d'entre vós que desejarem obter mais amplas noticias.

Longe de nós o mais leve pensamento de minorar o tributo de

admiração pago ao genio e intrepidez do immortal filho do Mediterraneo; quando elle em 1492 conquistou a America, já esta havia volvido ao nada em que a encontraram os Scandinavos. Ninguem recusará louvor á constancia e resignação com que viu a Universidade zombar do seu *louco* projecto, até que Izabel a Catholica, como inspirada, exclamou um dia: « Empenharei se fôr preciso, as joias de minha corôa, mas o Genovez ha de partir...» E com a descoberta da America Colombo não grangeou sómente um novo mundo para Castella e Aragão: lêem-se as seguintes palavras no mais bello livro que se tem escripto a este respeito:

« Colombo serviu o genero humano offerecendo-lhe ao mesmo tempo innumeraveis objectos novos... Elle engrandeceu a massa das idéas, e fez progredir o pensamento humano... Em nenhuma outra época entrou em circulação uma massa mais variada de idéas novas do que na éra de Colombo e de Gama, que foi tambem a de Copernico, de Ariosto, de Durer, de Raphael e de Miguel Angelo. Se o caracter de um seculo é « a manifestação do espirito humano em um tempo dado », o seculo de Colombo, ampliando inopinadamente a esphera dos acontecimentos, imprimiu novo impulso aos seculos futuros.»

Rejeitam alguns auctores como fabulosas as *sagas* islandezas e negam as viagens dos Scandinavos á America: admittida mesmo esta opinião, provas de outro genero e mais sensiveis nos attestam que existiu d'antes mui adiantada civilisação n'este hemispherio; quer ella fosse originaria do proprio paiz, quer proveniente de communicações estrangeiras: fallo das innumeraveis ruinas de monumentos cyclopeanos, que rivalisam com os mais decantados da Asia e Africa, e a cuja vista o homem admira-se que o tempo vorador haja respeitado suas obras, e applaude-se do espectaculo como de uma victoria devida a seu poder. O mysterio que involve a origem e os auctores d'esses edificios singulares, e a época em que foram construidos, mais de muito avulta o seu valor a nossos olhos, pois são para nós as expressões ainda ineditas de um volumoso livro de historia que o genio moderno começa a decifrar; e tambem nos recordam por analogia as impressões que a vista de Balbek, da maravilhosa cidade do Sol,

produziu no espirito do sublime auctor da *Historia dos Girondinos.* « As idéas que moveram e accumularam tão enormes massas nos são desconhecidas: o pó de marmore que trilhamos sabe mais do que nós, mas nada póde dizer; e d'aqui a alguns seculos as gerações que por seu turno visitarem as reliquias de nossos monumentos de hoje, perguntarão, sem haver quem lhes responda, porque edificamos e esculpimos. As obras do homem duram mais do que seu pensamento; o espirito humano é regido pelo movimento; o definitivo é o sonho de seu orgulho ou de sua ignorancia. »

Folheando as paginas e desenhos dos magnificos volumes em que correm descriptos tão ricos archivos da historia primitiva americana, com facilidade acreditariamos ter entre mãos ficções poeticas, contos orientaes ou phantasticos traços de imaginação artistica, se não fosse o testemunho fidedigno de mui respeitaveis viajores.

Na sessão extraordinaria da Academia das artes e sciencias de Connecticut, de 7 de Julho de 1846, o Sr. Squier entreteve a assembléa com as suas recentes investigações scientificas sobre as antiquissimas muralhas e immensas circumvallações guarnecidas de parapeitos e de torres angulosas que se topam em diversas partes do territorio dos Estados-Unidos, e cuja regularidade junta á prodigiosa extensão assás testificam serem provenientes de um povo consideravel e versado na arte da fortificação e defeza; emittindo afinal a sua opinião relativamente ás glebas de terra disseminadas por milhares nas planuras dos Estados d'Ohio, Missouri e outros.

Vacillavam os espiritos ácêrca da origem e destinos de taes monticulos, a ponto mesmo de alguns observadores intelligentes, como o professor Hitchcock, os considerarem depositos diluvianos, e não producções humanas; mas o Sr. Squier satisfactoriamente esclareceu esta incerteza: coadjuvado pelo Dr. David de Chillicothe examinou com a maior minuciosidade as sobreditas glebas, das quaes abriu oitenta no valle do Scioto, adquirindo plena convicção de que muitas são sepulchraes (tumuli); outras destinadas aos sacrificios, e algumas eram postos para signaes. Nas primeiras achou ossos humanos, e instrumentos

de pedra muito curiosos, mas de uso desconhecido; figuras de animaes feitas de porphyro, e representadas (mais de cem especies) com bastante exactidão; pontas de dardos e de flechas fabricadas de obsidiana e de quartzo, machados de cobre, collares de marfim, e vasos de argilla de fórmas caprichosas: desenhos exactos de todos estes objectos, em numero maior de seis mil, acompanharáõ a obra do Sr. Squier, a qual já corre no prélo. Os altares para holocaustos, tambem cobertos de terra, são construidos de barro endurecido ao fogo, e raramente de pedra; n'elles se encontram ossos calcinados, carvão e outros indicios do emprego do fogo. E as elevações para signaes ou telegraphicas são mais altas e collocadas em linha a distancias convenientes; fogos accesos na parte superior dariam instantaneamente aviso da approximação do inimigo.

Vêem-se nas margens do Mississipi antiguidades de outra especie; rochedos carregados de caracteres incognitos, que se pretende phenicios, e outros similhantes aos monumentos druidicos ou celticos.

Apezar de ter cabida n'este momento, não repisarei todavia o que fica referido no meu ultimo relatorio àcêrca das excursões de Stephens e Norman nas priscas cidades do Yucatan, e particularmente das ruinas de Uxmal e de Chi-Chen, que ainda mostram no mais subido grão tudo quanto póde produzir o luxo asiatico e a paciencia dos povos escravos, conforme narra Waldeck, que tambem as visitou. Em vez das gramineas e musgos que alcatifam os antigos castellos feodaes europeos, gigantescos cactos, espinhosas *daturas* e flores saxateis se misturam entre as massas d'essas architecturas americanas: elevadas palmeiras substituem com suas columnas as columnas cahidas.

Devemos porém considerar o Mexico, essa terra encantada, cuja cordilheira possue todas as zonas, e onde reina o condor, o rei dos ares, que se eleva a regiões onde nunca chegaram os nossos mais ligeiros aerostaticos, como a terra classica da antiga civilisação e das artes na America: o capitão Dupaix e outros sabios egyptologos não hesitam em comparal-o com o reino de Sessostris, ou sob o ponto de vista de suas obras, ou

por sua mythologia. Palenque e Mitla! estes nomes magicos trazem instantaneamente á memoria tudo quanto o engenho e a força humana reunidos podem produzir de mais grandioso e de mais duradouro. — Palenque! emphaticamente appellidada a Thebas americana, com suas ruas de templos colossaes de marmore e de basalto, ornados de primorosos baixos relevos, um d'elles manifestando antigo culto da cruz! Os seus monumentos offerecem um mixto de indico, egypcio e arabe: muitos imitam as obras indostanicas, approximando-se do caracter dos templos de Ellora e das cavernas de Salcete. Ha na representação de um idolo, que está n'um painel do palacio de Palenque, muita similhança com as vestes dos actuaes Boopés do Pará, de cuja tribu possuimos uma bella vestimenta no Museo Nacional, doada ultimamente pelo Sr. tenente-coronel Francisco Raymundo Corrêa de Faria. Devo dizer-vos que o nosso erudito consocio o Sr. Araujo Porto Alegre acredita que quanto se encontra nos manuscriptos Azteques sobre o culto da cruz e tormentos de Indios é tudo moderno. « Essa cruz, diz elle, nada indica; é uma fórma, uma combinação de linhas: tambem ha signos de Salomão e triangulos, que se poderiam reduzir a cometas, quando não passam de escudos com caudas de pennas, como tiveram os Egypcios, Gregos e Persas.» — Mitla! a necropole magestosa, com suas muralhas de mosaicos, ornamentos gregos, arabescos e variadas esculpturas! Toda a extensão do paiz existe juncada de *téocallis* prodigiosos por sua altura; notam-se monolithos, obeliscos, aqueductos, pontes e hypogeos construidos de pedra lioz; sobresahindo entre as mais a admiravel pyramide de Paupatla, as cidadellas de Xochicalco, e o famoso e desmedido templo de Copan, no qual a arte collocou idolos extravagantes, figuras de crocodillos gigantescos, zodiacos e hieroglyphicos, que mostram terem sido traçados por mão muito habil de um povo chegado a seu grande desenvolvimento das faculdades intellectuaes. Não se póde dar um passo sem gemer ao observar a desapparição gradativa dos unicos contemporaneos de tantos seculos de gloria. O estado de devastação d'estes monumentos, occultos em espessas florestas cujos

circulos concentricos das corpulentas arvores denotam as centenas de annos que estão ao desamparo tantos modelos da architectura, da esculptura, da pintura e de todas as artes que adoçam a vida, os faz remontar a uma data anterior áquella em que os annaes dos povos da Europa começam a apoiar-se sobre provas historicas, pois não existe a mais leve tradição ácêrca d'elles.

Descobriram-se ultimamente lapidas com lavores no Estado de Venezuela, na estrada de Porto Cabello a Valencia, junto da aldêa de S. Estevão. Os caracteres e figuras, que tem mui fraca analogia com os encontrados n'outras partes da America, foram remettidos por debuxo ao Instituto Nacional dos Estados-Unidos.

Não nos consta com certeza que no Brazil hajam apparecido vestigios palpaveis de povos civilisados existentes antes do venturoso Cabral aqui hastear o pendão das quinas. Brevemente uma commissão do Instituto irá de novo examinar a supposta inscripção phenicia do alto da Gavia, e nos certificará serem sulcos arranhados pela unha do tempo entre os veios do granito, que iguaes se encontram em pedras destacadas na base da montanha : podendo-se talvez avançar outro tanto a respeito dos pretendidos signaes runicos esculpidos em um penhasco da ilha do Arvoredo, defronte da barra de Santa Catharina ; das celebres *lettras do Diabo*, que a crença popular colloca n'um rochedo em Cabo Frio ; e dos caracteres que Koster na sua viagem pelas provincias de Pernambuco e Bahia conta ter visto em uma rocha na margem de um rio, então secco, certificando-lhe algumas pessôas que haviam mais da mesma natureza nas proximidades. E quanto aos marachões antigos, que é fama acharem-se reconditos nos bosques de algumas de nossas provincias, o Instituto, depois de dados mais exactos, se apressará de envidar todas as suas forças para descortinal-os. Releva notar que muitas d'essas inscripções copiadas por varios viajantes, como as da linda collecção das *Palmeiras* de Spix e Martius, são devidas ás raças actuaes, e vem agora bem a pello transcrever o que exarou na sua *Viagem pittoresca ao Brazil* o nosso consocio Sr. Debret, tratando dos emblemas gravados na serra da Anastabia.

« Nenhuma duvida ha de que os Tupis, possuindo um idioma cujas engenhosas combinações podem exprimir até os seus mais ligeiros pensamentos, não tenham naturalmente procurado reproduzil-os, de uma maneira intelligivel e duravel, por signaes ou figuras hieroglyphicas. Será pois com a intelligencia d'essas combinações que ensaiaremos traduzir o sentido da inscripção, para nos convencermos da verdade da interpretação abonada no paiz. — Suppõe-se que ella encerra a descripção de uma batalha começada á noite ou ao luar, *tarou te tou* (sol da noite). O astro é designado por um sol radiante collocado acima de duas estrellas; o quadrado de pontinhos deverá representar uma grande quantidade de guerreiros combatendo; as outras linhas que se seguem explicam os prisioneiros feitos durante a acção, que se prolonga até ao dia, indicado por outro sol na parte superior de muitos pontos grandes, que figuram uma reunião de classes ou conselho de guerra; segue-se ainda o numero dos prisioneiros, que precede um renhido combate dado no meio do dia, e afinal a ultima assembléa dos chefes ou capitulação; o dia do conflicto termina pela enumeração dos ultimos inimigos aprisionados durante esta guerra, que durou uma noite e um dia, o que coincide perfeitamente com a sua tactica militar. Sou levado a crer que esta tradição é uma das mais provaveis de todas as acreditadas no Brazil. »

A decifração dos symbolos dos aborigenes não deve ser despresada, como chave que pouco a pouco nos irá franqueando os umbraes por onde penetraremos no sanctuario da historia antiga dos povos primitivos d'este paiz, ainda tão mal conhecido. Não desanima porém o Instituto de encontrar ainda indicios de remota illustração, partilhando as idéas do citado Dr. Martius quando expende que muitas das construcções hoje conhecidas descansavam assombradas por mattas altissimas e millenarias, e que portanto talvez as nossas florestas, ainda não accessiveis, encubram esses Nestores mudos.

Cabe aqui instruir-vos que no logar onde se está construindo o collegio de Santa Theresa, em Porto Alegre, achou-se na abertura dos alicerces grandes excavações, e n'ellas muitos sarco-

phagos de indigenas. Estes testemunhos de piedade foram destruidos e entregues ao despreso da indifferença que ainda existe n'aquella provincia para com os monumentos historicos. O Instituto mandou vir dous dos sarcophagos, sem serem abertos ou profanados, para depositar em seu museu.

E' chegada a vez de vos informar, que anciosos o esperareis, do resultado das averiguações do Sr. conego Benigno José de Carvalho e Cunha, que ha cinco annos corre em demanda da cidade deserta, que sôa repousar nos sertões da Bahia. Depois de ter batido em vão grande parte das cordilheiras do Cincurá, soube da existencia de um rio pouco conhecido, nem especificado nos mappas, e que as pequenas povoações limitrophes do Andrahy tem sempre temido navegar pela antiga voz de passar por um quilombo, no qual esteve um negro que dá minuciosa noticia da povoação abandonada, e sua situação. Accrescenta o nosso consocio que esperava esse negro, pertencente a uma fazenda do Orobó, para dar começo à exploração, *podendo affirmar que a cidade está descoberta*. O que fica dito é resumo de um officio dirigido pelo investigador ao Exm. presidente da provincia em 1845, relatando circumstanciadamente os perigos e sacrificios que lhe tem custado a empreza, e pedindo auxilio para terminal-a. Posteriormente não nos ha chegado mais noticia alguma; e o Instituto aguarda sofrego o regresso do Sr. conego Benigno, pois quando mesmo as suas fadigas não sejam coroadas do exito esperado, o paiz muito lucrará com a publicação dos seus roteiros e observações, além de que, segundo nos consta, tem reunido grande porção de fosseis para locupletar o museu d'esta Sociedade.

O nosso consocio Sr. Theophilo Benedicto Ottoni, que tambem divagou as serras do Cincurá, considera o roteiro da cidade esquecida como uma allegoria feita pelo descobridor das ricas minas de diamantes aos seus parentes, afim de disfarçar o feliz encontro. Concorda que varios pontos ha de similhança na descripção que faz o roteiro, porém com a differença que o auctor, ou chefe da bandeira, os dá como fabricados pela mão do homem, não passando de effeitos naturaes.

Um dos problemas mais difficeis e obscuros da ethnologia é, sem contradicção, o que versa sobre a origem dos autocthones da America. Todos os dias apparecem novos livros e systemas a este respeito, e multiplicam-se debalde as pesquizas ácêrca das communicações antigas entre os dous mundos. Até certo tempo esperou-se achar a solução do problema nas indagações geographicas e geologicas, e quiçá nas da physiologia, comparando as analogias das terras e das raças de ambos os hemispherios, visto não haver historia escripta e as tradições serem confusas e contradictorias. Hoje em dia é provavel que a palavra do enigma nos seja dada pelos estudos archeologicos, e sobretudo pela comparação dos monumentos anciões da America. E' a unica fonte veridica onde possamos ir beber. Extinguem-se os livros, apagam-se as tradições, desapparecem os povos, e muitos annos depois d'estes funeraes historicos invocamos os manes das cidades mortas, que Deus sepulta nos cemiterios da terra, assim como nós enterramos os nossos cadaveres. E que interesse nos inspirariam as ruinas de Carthago sem a lembrança da malfadada Dido, ou das inclytas façanhas de Annibal? Que nos importaria o *campo onde foi Troia* se a Iliada, o prototypo eterno da epopéa, o não houvesse illustrado? Que valor dariam os sabios ás agulhas egypcias, se n'ellas não estivessem symbolisados os pensamentos dos herdeiros d'essa casta sacerdotal, unica que antigamente possuia os mysterios da creação?

O homem, mais espalhado sobre o globo que qualquer outra especie do reino animal, e tão differente nos diversos paizes que habita, é derivado de um unico tronco, no entender de alguns naturalistas. E o poder vital, perguntam outros, que formou o primeiro habitante das margens do Ganges ou do Euphrates, não terá podido obrar e seguir as mesmas leis de desenvolvimento nas abas do Altai, nas ilhas Oceanicas, nas margens do Nilo ou do Niger, nas do Amazonas ou do Orinôco? « Tudo quanto está ao nosso alcance sobre a creação, raciocina o Dr. Link em seu *Mundo Primitivo*, é insufficiente ; o homem nada póde saber de sua apparição na terra ; n'esta ignorancia inevitavel de seu principio, elle se lança além dos limites do mundo material para

se refugiar no seio da Divindade ; a cosmogonia de todos os povos faz parte de seus dogmas religiosos.» Sem aspirarmos todavia ir até ao berço da especie humana, muito convém indagar as phases que desde as mais remotas éras, a que podermos chegar, tem agitado os povos.

Depois que uma geração nova, faz sentir Vivien, amadurecida nos estudos fortes e racionaes comprehendeu o fim e a dignidade da historia, por tanto tempo desconhecida ; depois que a simples narração dos assedios e das batalhas, as genealogias reaes, a biographia das côrtes, já não satisfazem ao espirito positivo e recto de grande numero dos leitores ; depois que se collocou a historia no logar que lhe compete, no quadro dos destinos dos povos, foi necessario recorrer ás causas primordiaes dos maiores movimentos que influiram nas massas, e d'este conhecimento resultou uma vantagem até então inapreciada : para exemplo bastará citar a habilidade com que o celebre autor da *Historia da conquista da Inglaterra pelos Normandos* soube fazer sobresahir a poderosa influencia exercida sobre todo o futuro de um paiz pela natureza de sua população primitiva ou de suas emigrações successivas. Pois bem, o que Thierry executou com tanto successo em prol de uma parte restricta da historia européa, cumpre ser applicado á historia do Novo Continente, que d'ahi receberá clarões inesperados. E terminarei este topico do meu discurso com uma curiosa reflexão do coronel Galindo : « A mais antiga raça da terra é a americana, assim pensa elle : a raça caucasica, que se arroga a mais alta antiguidade, é a mais nova de todas as raças ; e a mais idosa população do globo, a dos Americanos, vai em decadencia, e brevemente desapparecerá. »

O estudo geographico d'este paiz de dia em dia desperta maior attenção pela sua importancia transcendente sob todos os pontos de vista. « A descoberta da America (escreveu o eloquente barão de Humboldt no seu *Exame critico da historia da geographia do Novo Continente)*, e os trabalhos emprehendidos para ampliar o conhecimento de sua geographia, não se tem limitado sómente a affastar o manto que por tantos seculos occultou uma

vasta parte da superficie do globo; esta descoberta e trabalhos tem tambem exercido a mais notavel influencia sobre o aperfeiçoamento dos mappas e dos methodos graphicos em geral, como e não menos sobre os meios astronomicos proprios para fixar a posição dos diversos pontos. Estudando os progressos da civilisação, vemos por toda a parte a sagacidade do homem augmentar com a extensão do campo que se descortina a suas explorações. A astronomia nautica, a geographia physica, a geologia dos volcões, a historia natural descriptiva, todos os ramos das sciencias mudaram de face depois do fim do decimo quinto e principio do decimo sexto seculo. Uma terra nova offerecia aos nautas o desenvolvimento de costas de 120 gráos de latitude; aos naturalistas, novas familias de vegetaes e de quadrupedes difficeis de classificar-se segundo os typos e methodos conhecidos; ao philosopho, uma mesma raça de homens diversamente modificada por longa influencia dos alimentos, da temperatura e do habito, passando (sem atravessar o estado intermediario de nomades pastores) da vida caçadora á vida agricola, dividida por uma infinidade de idiomas de estructura grammatical caprichosa, mas moldada sobre o mesmo typo. Ella apontava ao physico e ao geologo uma cordilheira immensa de montanhas elevada por fogos subterraneos, rica em metaes preciosos, abrangendo no seu declive rapido os climas e producções das mais oppostas zonas. Nunca, desde o estabelecimento das sociedades, a esphera das idéas relativas ao mundo exterior tinha sido engrandecida de maneira tão prodigiosa; nunca o homem sentira necessidade mais urgente de observar a natureza e de multiplicar os meios de interrogal-a com vantagem. »

Bem compenetrados da verdade pintada com tão brilhante colorido pelo nosso illustre consocio no quadro que acabo de copiar, grande numero de sabios tem vindo d'alémmar colher em regiões incognitas flôres exoticas para ornar o templo da sciencia; e ultimamente o Brazil parece se ter convertido no *El-Dorado* que incita a insaciabilidade d'esses infatigaveis indagadores dos arcanos da natureza, como se deixa ver pelas successivas expedições scientificas e viajantes parti-

culares que abordam ás nossas praias, embrenhando-se depois nos dilatadissimos sertões com a convicção intima de que suas fadigas hão de ser recompensadas liberalmente. Com effeito, se os mares já sulcados em todas as direcções por habeis navegantes fazem perder a esperança de avistar novos continentes, não acontece assim com o interior de muitos paizes, e principalmente do nosso, onde ha numerosas explorações a effectuar: e esses ardidos peregrinos que se atrevem a devassar terras onde nunca penetrou o mais leve vislumbre do estado social, arrostram difficuldades e perigos tão temiveis como os que vão sondar os oceanos. Se o solo não lhes offerece abysmos nem syrtes, e se ha menos a receiar das tempestades, as aturadas privações por que tem de passar multiplicam os obstaculos; a vida d'esses viajantes acha-se sempre ameaçada pelo encontro de animaes ferozes e de monstruosos reptis, pela barbaria dos indigenas desconfiados, pela criminosa cobiça dos malfeitores que espreitam sua victima para despojal-a, e a influencia maligna dos climas accrescenta riscos inevitaveis: as descobertas de que a America e Africa tem sido theatro foram compradas não poucas vezes com o sacrificio de muitos martyres da sciencia.

N'este mesmo momento, Senhores, varios naturalistas estrangeiros, membros do nosso Instituto, esquadrinham os inexhauriveis thesouros do interior do Imperio. Nada de positivo vos poderei informar quanto ás diligencias do Sr. Dr. Alfredo Demersay, que nos veio recommendado pela Sociedade de Geographia de Pariz, incumbido de uma missão scientifica e litteraria, e que actualmente se acha na Assumpção do Paraguay, havendo já percorrido as provincias de S. Paulo e do Rio Grande; do Sr. Dr. Virgilio von Helmreichen, professor da Universidade de Vienna d'Austria, que depois de concluir a geologia da provincia de Minas Geraes, deve dirigir-se pelo interior ao Pacifico; e do Sr. conde de Goltz, conselheiro do governo de S. M. o Rei da Prussia, distincto litterato que presentemente effectua uma viagem de instrucção pelo littoral do Brazil até ao Rio da Prata; porque ainda não alcançou o Instituto o menor conhecimento, bem a seu pezar, de tão importantes e espinhosas jornadas.

Mas em compensação farei un succinto esboço da longa e arriscada viagem da commissão scientifica commettida pelo Governo Francez aos Srs. conde de Castelnau e visconde de Osery, que constantemente nos tem endereçado os seus roteiros.

Depois de ter atravessado a provincia de Minas, a expedição, que sahira d'esta côrte em principios de 1844, chegou sem novidade a Goyaz, d'onde fez varias digressões, encaminhando-se pelo rio Crixá ao Araguaya, até ao forte de S. João, e d'ahi regressou pelo Tocantins, perfazendo 150 leguas de sertão. « N'esta viagem obtive dous resultados (refere o Sr. conde de Castelnau) : fui o primeiro a passear pelo rio Araguaya a bandeira de Sua Magestade o Imperador do Brazil ; e resgatei dous Indios Chambiôas e quatro subditos Brazileiros retidos prisioneiros, restituindo-os ás suas familias. »

De Goyaz a commissão marchou para o Cuyabá, a mais central cidade do mundo, assentada 500 leguas distante do Pacifico, o mar mais proximo ; e n'aquella provincia demorou-se bastante tempo, occupada no exame das minas diamantinas, 40 leguas ao norte, e na verificação das nascentes do Paraguay e do Arinos, no primeiro dos quaes entrou no dia 4 de Fevereiro de 1845 pelo rio S. Lourenço, que n'elle desagua. Estes rios são habitados pelos Guatós, Indios cujas feições, as mais bellas e regulares que o Sr. de Castelnau vira, são em tudo differentes do typo ordinario da raça indigena do Brazil, e cujos costumes tambem não deixam de ser assás curiosos. Chegando ao presidio de Coimbra, penetraram na formosa Gruta do Inferno, da qual fizeram elegante pintura. Apraz-nos todavia recordar que já aquella furna fôra visitada em 1791 pelo nosso finado compatriota o philosopho naturalista Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, que d'ella deixou uma linda descripção, e a este precedêra o sargento-mór engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, seu primeiro escrutador, que a baptizou com o nome de *Gruta do Inferno* por achal-a escurissima, mesmo nas horas mais brilhantes do dia.

Proseguiu a expedição até ao forte Bourbon, onde repousou um mez, e restituida a Albuquerque subiu o Mondego para exami-

nar o ermo que se estende entre o Brazil e o Paraguay, pelo qual introduziu-se no lago Gaïba e no Uberava, não lhe sendo possivel marcar os limites d'este ultimo, como desejava, por falta de guias, *pois os Indios juram que elle não tem fundo, e o respeitam muito por causa das medonhas tempestades de que é frequentemente agitado*. Descriptas outras particularidades d'estes e mais pontos em que tocaram, assim remata o Sr. de Castelnau o ultimo officio datado de Lima em 20 de Fevereiro de 1846:

« A nossa navegação no Paraguay nos assegurou que da foz do Jaurú ao forte Bourbon não recebe elle rio algum que venha do oéste, e que os esforços do Governo de Bolivia para estabelecer por esse lado uma navegação serão conseguintemente sem resultado. Os melhores mappas, taes como o de Arrowsmith e de Brué, não indicam menos de quatro ou cinco rios imaginarios n'essa região. Gastei tres mezes gyrando as fronteiras do Brazil com o Paraguay e Bolivia e os grandes lagos Uberava e Gaïba. Não me alargarei sobre o resto de nossa viagem, que receio abusar de vossa paciencia, e só referirei que passámos successivamente por Mato Grosso, Santa Cruz de la Sierra, Chuquisaca, Potosi, Puno, e Arequipa para chegar a Lima, onde pretendemos tomar por alguns dias o repouso necessario, depois nos dirigiremos a Cuzco, e d'ahi procuraremos penetrar até ao Amazonas, atravessando os celebres *Pampas do Sacramento*, habitados por tantas nações barbaras: e espero, com a graça de Deus, chegar em menos de um anno à cidade do Pará, d'onde voltaremos à França. »

Reservando para um trabalho especial, que opportunamente submetterei ao vosso discernimento, a analyse das participações officiaes do Sr. conde de Castelnau, apenas vos direi que durante o seu aventurado transito colheu a commissão muitas especies novas concernentes às nações selvagens, maximè sobre suas theogonias e geogonias, e organisou vocabularios dos respectivos idiomas. Determinou astronomicamente a posição geographica dos logares principaes, esmerando-se na observação dos phenomenos magneticos ; fez um nivelamento barometrico

do Rio de Janeiro a Chuquisaca, e preparou preciosas collecções em todos os ramos da historia natural.

Acabais de ouvir, Senhores, o feliz evento da primeira parte d'esta proveitosa empreza : outro tanto não aconteceu com a segunda. As explorações do Amazonas são commemoradas com celebridade nos fastos geographicos da America ; e bem presentes tereis, para que eu vol-as relembre n'este momento, as viagens de Orellana, o primeiro que fallou da existencia de uma republica de mulheres guerreiras ; de Orsua, que em 1560 foi enviado pelo vice-rei do Perú em procura do famoso El-Dorado ; de Pedro Teixeira, que foi diffusamente historiada em Madrid pelo seu companheiro o padre Cunha; do academico La Condamine, que apresentou a sua relação à Academia das Sciencias de França em 1745, publicada logo no anno seguinte ; e de outros mais modernos, que se circumscreveram a algumas das pujantes ramificações d'esta grande arteria do Novo Mundo.

De Lima continuaram os Srs. conde de Castelnau e visconde de Osery a sua romaria procurando Cuzco, para d'alli ganhar o Amazonas, descendo pelo Apurimac e Ucayale ; mas sendo o primeiro d'estes rios sómente navegavel para embarcações pequenas, foi necessario reenviar à capital do Perú as enormes caixas que continham os productos destinados ao museu nacional de Pariz, assim como os instrumentos que ao Sr. d'Osery facilitára a Academia das Sciencias. Concordaram então em separar-se por algum tempo, voltando a Lima o visconde afim de presidir ao embarque das caixas para a Europa, e tendo convencionado antes reunirem-se na confluencia do Maranhão com o Ucayale. Concluida a sua empreitada, o Sr. d'Osery tomou caminho do Maranhão ; e consta por um officio do sub-prefeito de Jaen, duzentas leguas ao sul de Lima, que havendo elle embarcado com quatro remadores, no dia 1° de Dezembro estes o assassinaram no logar chamado Jusamaro ; que os assassinos foram presos, e expediu-se logo força armada com ordem de arrecadar os effeitos, e de conduzir a Jaen o cadaver. Ignoramos ainda o motivo e promenores d'este deploravel assassinato, provo-

cado talvez pela sêde d'ouro, pois o Sr. d'Osery havia recebido em Lima uma somma de dinheiro para a segunda parte da sua viagem.

Infeliz Osery! quando no fim de tres annos dedicados ás mais duras agitações de corpo e de espirito, havendo já transposto o mais difficil de tua missão e escapado não poucas vezes da morte, contavas tornar a ver a patria querida, onde sem saberes te esperava a ambicionada cruz da Legião de honra, naufragaste, para assim dizer, na entrada do porto, e foram teus esperançosos dias obscuramente cortados pelo ferro traidor!

Quanto ao Sr. conde de Castelnau, chegou sem novidade no dia 16 de Março ultimo á cidade de Belem, onde a pedido do consul de França lhe foi franqueada pelo Exm. presidente da provincia a barca de vapor nacional *Thetis*, na qual partiu com as pessoas da sua comitiva para Cayenna a 5 de Abril; e se transportará aos patrios lares, lamentando a perda de seu constante amigo e compatricio, como em igual viagem acontecêra em 1739 a La Condamine, que na cidade de Cuenca no Perú viu ser barbaramente crivado de golpes o seu collega Seniergues.

Não passará desapercebido que o Instituto acolhe sempre com agasalho fraternal a todos os viajantes que lhe vem recommendados, alistando-os em seu gremio, e fornecendo-lhes os esclarecimentos indispensaveis para os seus estudos, assim como cartas de introducção para as pessoas influentes das paragens a que se destinam. E o Governo Imperial tambem lhes presta a sua poderosa assistencia, ordenando ás auctoridades subalternas que por todos os esforços ao seu alcance concorram para tão louvavel fim, como o que dirige a esses afoutos peregrinos. Felizmente já não deploramos o triste systema de dissimulação e mysterio que obrigava certos governos, avaros de monopolio commercial, a aferrolhar no silencio as viagens que se faziam em suas colonias, com a mesma solicitude empregada pelos nossos governos liberaes para attrahir sobre os trabalhos de seus agentes o clarão da publicidade.

Observai, Senhores, como o espirito de indagação, expellindo a apathia de suas azas, com o vôo alto e arrojado da aguia

corta o espaço, e vem pousar n'este hemispherio para alimentar-se de novos desenvolvimentos. As luzes scientificas derramam-se sobre a terra não á maneira dos primeiros raios da manhãa, que douram sómente os pincaros das montanhas, mas sim como os do meio dia, que penetram os mais profundos valles. Essencialmente cosmopolitas, as sciencias não são como as artes da imaginação o apanagio exclusivo de uma ou de outra latitude, d'este ou d'aquelle povo. A ninguem é negado o direito de gozar de seus beneficios e de associar-se a seus triumphos, e por isso tambem tenho de revelar-vos algumas viagens e importantes progressos geographicos de nossos compatriotas.

O benemerito membro d'esta Sociedade Sr. barão de Antonina, que em 1842 nos remettêra uma narrativa das entradas feitas por sua ordem nos sertões desconhecidos onde n'outro tempo, entre os annos de 1557 a 1577, fundaram os Jesuitas hespanhóes a cidade de Guayrá e mais treze reducções; inflammado sempre de incessante desejo de concorrer para o adiantamento do paiz, e em signal de reconhecimento ao Instituto, emprehendeu ulteriores tentativas para melhor se conhecerem os mencionados sertões, que já foram dominados por uma nação estrangeira, e hoje guarida do gentio selvagem, sem ficar um documento que servisse de bussola. Seguiu pois a expensas suas uma bandeira de sertanejos, cujo *Itinerario* ou *Roteiro*, redigido pelo Sr. Elliott, engenheiro americano contractado para acompanhar a expedição, a qual effectuou um circulo de 205 leguas em torno da comarca de Corituva, vulgarisou-se no nosso periodico, e portanto me dispensareis o seu transumpto. Escreveu-nos o Sr. barão de Antonina haver encetado, para offerecer ao Instituto, outros ensaios sobre o conhecimento geographico d'aquella porção do Imperio, que pelos recursos com que a dotára a natureza não tardará talvez a constituir uma nova provincia, como é notorio.

O Sr. major Henrique de Beaurepaire Rohan presenteou o Instituto com a descripção da sua *Viagem* de Cuyabá ao Rio de Janeiro pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catharina, em 1846. N'esta caminhada de 804 leguas portuguezas

applicou-se em observações meteorologicas e de latitude, merecendo-lhe não menor attenção o estado physico, moral e historico dos paizes por onde passou, e os celebres Guatós, que vagueiam pelas margens do Cuyabá, do S. Lourenço, Paraguay e lagôa Gaïba, e dos quaes já vos fallei tratando do Sr. conde de Castelnau. Tudo quanto se puder obter ácêrca dos nossos indigenas é de um valor bem real para a historia do Brazil. Este vasto theatro tem sido habitado por numerosas nações e tribus, que successivamente se tem destruido, e muitas nem se quer deixaram a mais leve pegada da sua passagem sobre a terra. As que existem ainda hoje são, pela mór parte, mui confusamente conhecidas, e dia virá, prophetisou o padre João Daniel em seu *Thesouro do maximo Amazonas*, em que nem se ha de saber que côr tinham os Indios. O estudo do homem é capitulo de que por longo tempo menos se occuparam os viajantes, e sua indifferença n'isto é incomprehensivel, como reparou Cuvier. Não ha ramo da historia natural na zoologia, na botanica, na mineralogia e na geologia, cujo progresso não tenha interessado a algum viajor. Não ha canto da terra accessivel que não hajam visitado para fazer apreciadas suas riquezas. Não sómente elles tem descripto com precisão, mas até figurado todos os seres dos tres reinos, desde os que escapam á vista até os de dimensões gigantescas; e só se tem esquecido d'aquelle que domina a todos: elles quasi sempre o tem desprezado, como se fosse assumpto de pouca importancia, dignando-se raramente representar-nos suas feições. E esta indifferença é uma desgraça que devemos lastimar. — Nada mais particularizarei sobre a viagem do Sr. major Rohan, por isso que ella já foi tambem impressa, e só resta recommendar a sua leitura como um trabalho que reune o util ao agradavel, pois n'elle se acham explanados com elegante penna os variados successos e observações de mais de cinco mezes, « dos quaes não conserva hoje senão recordações agradaveis, e a satisfação de ter conhecido esse Paraguay, que tão penosa nomeada adquirira durante o seu injusto captiveiro.»

O Sr. major Beaurepaire se acha presentemente entretido por ordem superior em delinear topographicamente alguns pontos

centraes do Imperio: fazemos ardentes votos pelo bom resultado d'esta incumbencia, assim como pela proxima tornada do nosso consocio, para poder dar á estampa a sua *Corographia* da provincia de Mato Grosso.

Seria agora o ensejo de me estender amplamente sobre o merecimento do bem elaborado Relatorio dirigido no corrente anno ao Governo Imperial pelo Sr. Dr. Benedicto Marques da Silva Acauã, inspector geral dos terrenos diamantinos da provincia da Bahia, se eu não fugisse de roubar os vossos momentos repetindo o que já tereis lido na *Revista trimensal*.

Este informe do nosso digno collega consta de duas partes: a primeira trata da administração dos terrenos diamantinos e seu arrendamento, expondo com todo o bom senso e conhecimento de causa os embaraços e inconvenientes que tem obstado o seu avanço, e mostrando os meios de removêl-os: a segunda, mais apreciavel para nós, é consagrada á descripção dos mesmos terrenos, feita com toda a clareza, demorando-se principalmente em especificar o que se póde tornar manancial de riqueza para o Estado. Esta parte do relatorio do Sr. Dr. Acauã parece confirmar não ser fabulosa a existencia das ricas minas de prata na serra dos Paulistas ou da Muribeca, denunciadas por Roberio Dias a Filippe 2.º, e que não foram descobertas por negar este áquelle colono o titulo de marquez das Minas, que em recompensa pedira; os indicios d'esta presumpção se acham extensamente relatados no trabalho de que trato. O acaso as descobrirá talvez em pouco esperar, como succedeu com as minas diamantinas, que até Setembro de 1844 ignotas n'aquella serrania, hoje são lavradas em uma distancia de setenta e oito leguas. O Sr. Dr. Acauã afadigou-se pessoalmente por todos os logares sujeitos á sua jurisdicção, conseguindo d'esta fórma descrever com toda a perfeição aquelles terrenos abençoados, « onde se vê o reino mineral cercado dos melhores terrenos agricolas cortados de rios, nos quaes, mórmente á margem esquerda do Paraguassú, existem mais de cincoenta leguas de matas incultas e desertas, onde a phitologia teria muito que colher para seu augmento e progresso. Só falta a tanta riqueza natural uma mão que lhe dê homens

que a colham e a reproduzam, e esta mão será a da augusta e sagrada Pessoa a quem hoje se acham confiados os destinos do Imperio.»

A estes interessantes *Roteiros*, entregues à luz publica pelo Instituto, tenho de accrescentar a *Viagem* ás villas de Caravellas, Viçosa, Porto Alegre, de Mucury, e aos rios de Mucury e Peruhipe, effectuada em 1845 pelo Sr. Hermenegildo Antonio Barboza de Almeida, a quem devemos o manuscripto original, que traz annexo um curioso vocabulario dos Indios das brenhas do Mucury, que fallam sempre quasi cantando, e cujo idioma parece ser muito conciso.

Tambem o Instituto fez copiar na sua *Revista* o relatorio da exposição dos rios Mucury e Todos os Santos, feita por ordem do governo da provincia de Minas Geraes pelo engenheiro Pedro Victor Reinault, encarregado de procurar um ponto para degredo. Este documento, com que nos obsequiou o Exm. presidente d'aquella provincia e nosso consocio Sr. Dr. Quintiliano José da Silva, além da sua importancia geographica, merece ser lido por conter muitas noticias sobre os indigenas e producções naturaes.

O rio Mucury em breve prazo tornar-se-ha vehiculo facil de commercio, pois ninguem ignora que um nosso consocio acaba de obter privilegio para a sua navegação : dignas são pois de consideração todas as instrucções que se fornecerem o respeito d'elle, pelo que o Instituto não se descuidará d'este futuro canal de opulencia nacional.

Acham-se igualmente na imprensa as *Noticias corographicas, ou Roteiro de viagens por algumas provincias do Brazil*, obra do nosso consocio o Sr. capitão Ladisláo dos Santos Titára, auctor de varias composições em prosa e verso com que tem illustrado as lettras brazileiras, ás quaes se dedica nas poucas horas vagas que lhe deixa o activo exercicio das armas.

A divergencia, leviandade e enganos de uns, e a omissão de outros que até hoje tem escripto das cousas do Brazil, apoiados ou sobre alheias e falsas informações, ou sobre pesquizas proprias, mas inexactas e perfunctoriamente feitas, diminuindo quasi

sempre a magnitude ou predicados de objectos assás recommendaveis, obrigaram o auctor (são estas suas expressões) a aproveitar-se do ensejo que por vezes lhe proporcionaram marchas que fez pelo interior da provincia da Bahia até ás fronteiras do Piauhy e Minas Geraes, e pelo das de Santa Catharina, S. Paulo e Rio Grande do Sul, para com miuda e accurada indagação, pelos seus proprios olhos, ou pelo testemunho de pessôas habilitadas por conhecimento pessoal dos logares, emprehender e coordenar as suas noticias corographicas, contendo o itinerario minucioso das forças expedicionarias, de que elle fez parte, por sitios das mencionadas provincias, alguns ainda pouco ou nada conhecidos, e sobre cujas distancias e propriedades até hoje não se tem escripto: e addicionando ao referido itinerario um resumo topographico e descriptivo de cada uma das ditas provincias, tratará por conseguinte da importancia politica e commercial d'ellas, e das suas riquezas naturaes. — Constará de dous volumes: o primeiro contendo o que é relativo á provincia da Bahia, e o segundo o que pertence ás tres provincias de Santa Catharina, S. Paulo e S. Pedro do Sul.

O Sr. coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, tão incansavel pelo incremento do nosso Instituto, já favorecendo-o com escriptos de propria lavra, já da alheia, promette enviar-nos a sua *Descripção topographica e politica do Rio de S. Francisco*, á qual auguramos a mesma boa acceitação com que as pessôas lidas tem sempre recebido todas as producções d'este nosso consocio; e nos brindou com um exemplar da *Restauração da Bahia* publicada em 1628 por D. Thomaz Tamayo de Vargas, e ultimamente por elle vertida em portuguez. Traduzindo obra tão excellente no seu genero, e tanto mais recommendavel por ser composta por um chronista em presença dos documentos officiaes respectivos, cuja publicidade constitue ainda hoje uma especie de mysterio no governo hespanhol, o Sr. coronel Accioli fez um serviço de valia á historia do Brazil, e de duplicado preço pelas apuradas notas com que esmaltou a sua elegante versão. E' de sentir com o traductor no seu *prefacio* não ter o grave historiador Robertson podido compulsar o archivo reservado de Simancas

na Castella Velha, um dos mais ricos paradeiros de monumentos archeologicos relativos à America que possue a Hespanha, e com o qual rivalisam, segundo consta, o archivo das Indias em Sevilha, as bibliothecas do Escurial e de Santo Izidro em Madrid, e as de Toledo e Segovia.

A esta offerta precedeu a das biographias dos jesuitas Anchieta e Nobrega, escriptas pelo mesmo Sr., e de varios manuscriptos, dos quaes só apontarei os relatorios das excursões do Sr. Przewodowski no rio Jequitinhonha: e convém igualmente não ignoreis que o Sr. Accioli traz já bastante adiantado o seu *Ensaio geographico-estatistico sobre o Brazil*, e da mesma fórma a continuação das *Memorias historicas* da Bahia.

Seria desagradecimento deixar de inscrever aqui o nome do Sr. Henrique Raymundo des Genettes, em cuja pericia louvou-se o governo de Minas Geraes para o exame das nitreiras existentes n'aquella provincia, e que teve a delicadeza de offerecer ao Instituto o jornal da sua viagem, que por falta de espaço não se acha ainda na *Revista trimensal*. E com grande prazer sabereis que o nosso consocio residente em Paris, o Sr. Augusto de Saint-Hilaire, participou-nos estar tratando da publicação da 3.ª parte da sua interessantissima *Viagem ao Brazil*, a qual comprehende a provincia de Goyaz.

Depois d'estas explorações de logares pouco conhecidos ou de todo incognitos, passo a outra ordem de trabalhos não menos dignos da nossa attenção — os do homem de gabinete — que diversamente concorrem para o mesmo fim. Resumindo o que está feito, mostram melhor quanto resta a fazer, aclarando o passado e o futuro da sciencia.

O nosso consocio Sr. coronel Conrado Jacob de Niemeyer ultimou a sua Carta corographica do Imperio: está ella mui longe do cunho da perfeição, pois é tal a extensão do Brazil que, não obstante as obras de muitos insignes escriptores nacionaes e estrangeiros, precipitar-se-hia no ridiculo quem intentasse em tão pequeno lapso de annos conhecer com exactidão um paiz de superficie tão vasta; cujas fronteiras demoram a mil leguas das costas, e algumas em regiões desertas, ou senhoreadas por hordas

absolutamente barbaras! Temos assim diante de nós altas barreiras, que não poderemos transpôr brevemente; mas esta mesma perspectiva servirá de maior estimulo aos homens instruidos e laboriosos. O Sr. coronel Conrado é um dos nossos concidadãos que com mais perseverança se tem occupado da geographia do Brazil. A sua carta corographica, organisada á vista dos melhores mappas publicados e ineditos, e com o auxilio de numerosas informações de pessoas habilitadas das diversas provincias do Imperio, é um monumento de gloria, que retocado pelo tempo acarretará sobre o auctor a gratidão dos Brazileiros. O Instituto designou uma commissão especial de seu seio para ir apontando as correcções que julgar acertadas, e em reconhecimento de lhe ser dedicado o trabalho elevou o Sr. Conrado á classe de socio honorario.

Os Srs. visconde de Villiers de l'Ile Adams e Pedro Victor Larée projectaram um Atlas physico e administrativo do Brazil, dividido por provincias, e subdivididas estas em comarcas e freguezias, e que constará de 20 a 25 mappas, todos reduzidos ao meridiano do Rio de Janeiro, e á mesma escala, de sorte que reunidos formem o mappa geral do Imperio. Facil será a uma critica pouco indulgente apontar inexactidões, omissões e erros na parte que já corre lithographada: sómente muitos annos poderáõ melhorar similhantes trabalhos, como disse ha pouco tratando da carta do Sr. Conrado; mas nem por isso deixam de recommendar os seus auctores á gratidão publica. O Instituto, á proporção que os mappas forem apparecendo, transmittirá aos editores as suas observações sobre o que deve ser corrigido, como pediram offertando-lhe um exemplar da parte respectiva á provincia de S. Paulo, visto a lithographia permittir a rectificação das obras acabadas.

A concisão de um discurso academico veda-me de entrar em considerações sobre o *Diccionario geographico, historico e descriptivo do Imperio do Brazil*, organisado pelo nosso consocio Sr. Milliet de Saint-Adolphe, o qual offertando-nos graciosamente um exemplar, convidou o Instituto a concorrer com as suas luzes para uma nova edição franceza que tenciona dar á luz, tendo o

editor supprimido periodos importantes d'esta obra, destinada a fazer conhecer na Europa o Imperio do Brazil. Com todo o bom grado prestou-se o Instituto aos desejos do Sr. Saint-Adolphe, e o nosso consocio Sr. conselheiro José Antonio Lisboa foi escolhido para director da commissão nomeada *ad hoc.*— O Exm. Sr. senador José Saturnino da Costa Pereira intenta tambem uma segunda edição do seu *Diccionario geographico*, muito mais correcta e accrescentada.

Devemos á generosidade do nosso consocio Sr. Dr. Sigaud o seu *Annuario politico, historico e estatistico do Brazil.* A idéa productora d'este annuario, destinado a memorar os principaes factos do paiz, á imitação do *Annual Register* e do *Annuaire historique* de Lesur, não póde deixar de progredir e de desenvolver-se, como todas as idéas uteis e simplices. Pelo volume publicado, o qual abrange o anno de 1846, vê-se que o plano do auctor não é tão vasto como o das compilações ingleza e franceza, circumscrevendo-se unicamente ao Brazil e ás relações estrangeiras que com elle tenham alguma tangente : é o primeiro esboço de uma obra indispensavel, que de anno em anno se irá aperfeiçoando, e para o futuro será consultada com proveito, poupando ao leitor a fastidiosa lida de esmerilhar documentos cujo numero limitado de exemplares extrahidos torna escassos em poucos annos, quando não desapparecem de todo. A leitura d'estes verdadeiros annaes tambem contribuirá a espalhar pela Europa conhecimentos exactos do Imperio e seus recursos, pois só a falta de um corpo collectivo de noticias officiaes e minuciosas poderá porventura desculpar os erros e hyperboles que alguns estrangeiros estampam ácêrca de nossas cousas : sirva de exemplo a *Encyclopedia moderna* (impressa na magnifica typographia de M. Firmin Didot), onde no artigo *Brazil*, que ainda ha tres mezes sahiu do prelo, entre outras inexactidões imperdoaveis divide este Imperio em vinte governos, distinctos em grandes e pequenos, dando aos chefes dos primeiros o titulo de capitães-generaes, e aos dos segundos o de governadores ; elevando tambem a 548 os membros da nossa camara temporaria !—O conde de Suzannet, que em 1844 acafelado com o nome de Chavagnes imprimiu na *Revista dos*

dous Mundos uma serie successiva de improperios e falsidades, que produziram n'esta côrte a mais justa indignação, não se pejou de dar ultimamente á luz em separado a sua *viagem*, na qual seguindo a vereda trilhada por Paw, que com absurdas declamações intentou denegrir a America, praticou o mesmo a respeito do Brazil, ensopando para este fim os seus pinceis no humor negro da maledicencia e no fel da calumnia ; todos os seus traços parecem dirigidos não pela observação e bom senso, mas antes pelo desejo de humilhar o paiz que com tão benevola hospitalidade o acolhêra !

Ressumbra do exposto que o auctor da erudita obra sobre o *clima e enfermidades do Brazil*, com a feliz concepção do *Annuario historico* acaba de grangear novos titulos á gratidão dos amigos d'este paiz, e fazemos ardentes votos para que medre tão util tentativa.

Cumpre tambem registar a offerta, que regularmente nos tem feito o Sr. Dr. Sigaud, dos preciosos *Annuarios de viagens e da geographia*, publicados em Paris sob a direcção do Sr. Frederico Lacroix.— D'entre as sciencias fundadas na observação e exactidão dos factos, a geographia é uma das que tem conseguido maior avançamento no seculo presente, como acertadamente enuncia o editor. Se a encaramos por um lado, vemos explorados paizes quasi desconhecidos, descobertas novas terras, começados ou decididos muitos reconhecimentos hydrographicos, e determinados astronomicamente numerosos pontos do globo: se por outro lado, adquirimos plena certeza de que as sciencias accessorias, taes como a geologia, a physica, a botanica, a zoologia e a ethnographia, tem attingido um grão de perfeição relativa, cuja influencia sobre a geographia ha sido assás poderosa. A somma dos conhecimentos geraes vai avultando, assim como dilucidando-se as noções especiaes, e tão rapidamente que os Tratados geraes ou particulares, impressos ha vinte annos, já se não acham na linha dos resultados obtidos no dominio scientifico. Quando o espirito humano accelera sua marcha, ai do que pára em um ponto fixo do estadio ! O ultimo que chega é sempre melhor acolhido, pois acarreta comsigo, para offerecer a seus contemporaneos,

não só os productos das seáras antigas, mas ainda os da nova colheita.

Foi com o fito de dar publicidade a tão seguida serie de conhecimentos geographicos que Malte-Brun fundou seus *Annaes de viagens*; mas com este illustre escriptor morreu a critica geographica, e as descobertas, os mais importantes trabalhos e relações de viagens entraram na prensa quotidiana e periodica, por falta de um centro comum e de um deposito, onde os adeptos da sciencia podessem conservar os thesouros de seu saber e de suas observações. Foi este o incentivo para o apparecimento do *Annuario das viagens*, cujo fim é apresentar ao publico o resumo das explorações novas e trabalhos geographicos executados no decurso de cada anno, e constituir assim um util manancial, onde em pequeno espaço se reunan os factos disseminados; que economise aturadas fadigas em indagações, e o enojo de longo estudo, colhendo-se n'uma hora o fructo de annos de afan. O *Annuario* tem preenchido sua louvavel e proficua missão, e os seus volumes serão consultados com vantagem pela nossa sociedade.

Bastaria eu citar o nome do Sr. coronel José Joaquim Machado de Oliveira para trazer á vossa lembrança um dos membros d'esta associação que mais tem concorrido para a sua prosperidade, ora com impressos de inquestionavel merito, ora com manuscriptos preciosos, tornando-se saliente entre estes ultimos, pela sua variedade, uma carta do capitão-mór João de Godoes Pinto da Silveira, descendente do celebre e intrepido Paulista Bartholomeu Bueno da Silva, appellidado o *Anhanguéra*, que descobriu as minas de Goyaz.

Nomeado director geral dos Indios da provincia de S. Paulo, mostrou logo este nosso prestante compatriota quão acertada foi a escolha que d'elle fez o Governo Imperial, escrevendo e offertando ao Instituto uma *Noticia raciocinada sobre as aldêas de Indios d'aquella provincia, desde seu começo até a actualidade*, tomando por epigraphe a veridica asserção de Raynal—« que os dous terços de uma tão grande população (os Indios) acabam pela fadiga, pela fome e pelo gladio. »

E' incontestavel, nota judiciosamente Millot, ser a transição de um estado horrivel de barbaria á cultura dos costumes um dos mais nobres espectaculos que a historia nos apresenta : mas não é sómente debaixo do ponto de vista historico que este importante objecto merece nossa attenção, pois mais nobre é ainda estender mão caritativa aos barbaros em luta contra os obstaculos que empecem seus progressos, e sabemos que na actualidade o Governo Imperial lança seriamente suas vistas sobre elles, e emprega todos os meios para trazel-os de suas brenhas e matas aos commodos da civilisação. Ninguem ignora os relevantes serviços que a este respeito devemos a varias ordens religiosas, e sobre tudo á companhia de Jesus, a quem era impossivel que o novo mundo revelado ao genio europeu não abrisse uma carreira assás gloriosa, e se tornasse um vasto theatro de esforços apostolicos, e por isso a vimos logo transportar-se para aqui em numerosas colonias, espalhando-se em toda a amplitude d'estas immensas regiões. Sabemos como os indigenas eram salteados, perseguidos a ferro e fogo, avexados contra todas as leis da razão, á maneira de animaes ferozes ; e nem elles em outra categoria eram considerados, pois que os theologos sustentaram nas escolas que os Americanos não eram *homens*, nem tinham alma, e o cruel Sepulveda pretendia que se podia trucidal-os sem commetter peccado venial, até uma bulla do papa Paulo III declaral-os verdadeiros homens, e portanto capazes da fé de Christo, sem o que talvez houvessem sido de todo exterminados. Tambem os incriveis soffrimentos por que passaram os Jesuitas, o que emprehenderam de util e generoso para adoçar os costumes da conquista, para atemperar o orgulho de um dominio feroz, para arrancar as hordas selvagens a suas superstições e barbarias, não ha penna que possa descrever : os nomes dos padres Vieiras, Anchietas, Nobregas, Leonardos e de outros zelosos missionarios, jámais se riscarão da memoria dos Brazileiros amantes de seu paiz. Quantas vezes estes martyres da fé encontravam os restos ensanguentados de seus companheiros de apostolado, a quem a fauce das feras ou o furor dos cannibaes havia devorado ! Mas elles, depois de tribu-

tado o ultimo adeus funebre a seus infelizes irmãos, iam sempre caminho da pregação mais compenetrados da sorte que os esperava; os doces fructos todavia que se colhiam compensavam tantas fadigas e perigos, e as missões chegaram a um grão de prosperidade que os mais acerrimos perseguidores da Companhia não poderam desconhecer. Hoje porém já tudo desappareceu, como é proprio da estabilidade humana. Quando os filhos de Loyola, como diz Saint-Priest, similhantes aos Chinezes, a quem tanto imitaram, e cuja vaidade colloca Pekin no centro do globo terrestre, se julgavam ainda no coração do christianismo, sua hora fatal soou com a maior facilidade, pois segundo uma expressão popular, mas energica, não era mister mais do que uma gotta d'agua para fazer transbordar o vaso. Com os Jesuitas foram destruidas as Missões, das quaes já nem restam as ruinas; e os selvagens, reunidos com tantos suores e perigos, andam outra vez errantes nos bosques, e são na verdade dignos do maior louvor os passos que se derem para a sua conversão.

Outro assumpto que se não póde desligar do precedente, que é tambem merecedor de toda a ponderação do Instituto, vem a ser o estudo das linguas indigenas, de tanta influencia na conversão dos cathecumenos, e além d'isso reclamado pela philologia nacional. O sabio Dr. Martius no-lo aconselha como documento mais geral e significativo na historia dos autocthones do Brazil «Pesquizas n'esta actualmente tão pouco cultivada esphera não podem jámais ser sufficientemente recommendadas, e tanto mais que as linguas americanas não cessam de achar-se de continuo em uma certa *fusão*, de sorte que algumas d'ellas em breve estarão de todo extinctas.»

Depois do conhecimento das fórmas exteriores, nenhum ha mais apreciavel para distinguir as raças do que o da linguistica, sciencia cujo nome é tão moderno como ella mesma; e para mostrar a sua maxima importancia basta dizer-se que, ainda não ha muito tempo, o estudo comparativo dos idiomas constituia a base principal, se não exclusiva, das classificações ethnographicas. Segundo a analogia ou disparidade das linguas, fundados

no conhecimento philologico ou historico de suas derivações, tinham os sabios separado em grupos homogeneos, ou nações, a totalidade do genero humano; eram estes os unicos fios de que julgaram poder coadjuvar-se na averiguação da origem dos povos, de sua consanguinidade, de suas filiações antigas, de suas migrações primordiaes, de sua diffusão pelos continentes. Capacidades das mais distinctas nos altos estudos linguisticos reconhecem ainda hoje a utilidade da philologia comparada n'estas obscuras questões da historia primeva dos povos; e um naturalista assaz conhecido, cuja perda prematura a sciencia deplora, Abel Rémusat, sustentou a importancia da comparação dos idiomas como meio de classificação natural dos povos, ensaiando estabelecer uma especie de paridade entre os elementos puramente glossographicos e os elementos physicos, aos quaes todavia concedeu implicitamente o primeiro logar.

No *Cosmos*, n'essa obra immortal que a geração contemporanea transmittirá com orgulho aos seculos vindouros, lê-se o seguinte: « As linguas, creações intellectuaes da humanidade, e que tão ligadas se acham aos primeiros desenvolvimentos do espirito, offerecem, pelo cunho nacional que as acompanha, uma alta importancia para ajudar a reconhecer a semelhança ou a differença das raças. O que lhes dá essa importancia é ser a communidade de sua origem um fio conductor para penetrar-se no mysterioso labyrintho, onde a união das disposições physicas do corpo com os poderes da intelligencia se manifesta sob mil fórmas diversas. Os progressos notaveis, que o estudo philosophico das linguas tem feito na Allemanha em menos de meio seculo, facilitam as indagações sobre seu caracter nacional, sobre o que ellas parecem dever ao parentesco dos povos que as fallam. Porém, como em todas as espheras da especulação ideal, a par da esperança de um lucro avultado e seguro, caminha o perigo das illusões tão frequentes em tal materia. »

O respeitavel decano da sciencia na Allemanha, acostumado a penetrar os arcanos da natureza, e que com vistas de aguia póde comparar e interpretar os phenomenos dos dous hemispherios, nos fornece ainda uma reflexão digna de nota, com a qual fe-

charemos este topico, e vem a ser: que o antigo continente e o novo mundo apresentam um contraste frisante, quanto á correlação da analogia ou da diversidade dos idiomas com a analogia ou a diversidade physionomica dos povos: no novo mundo observa-se prodigiosa variedade de linguas entre nações de uma mesma origem, e que o viajante europeu apenas distingue por suas feições; e no antigo continente raças de homens mui differentes fallam idiomas cujo mechanismo e raizes offerecem as maiores analogias.

De ha muito está o Instituto convencido da urgente necessidade do estudo da lingua geral dos aborigenes e de seus dialectos, pois com Balbi reconhece que o Brazil é ainda a *terra incognita* da ethnographia americana. Espera poder em breve dar andamento a uma judiciosa proposta formulada em 1840 pelo Sr. Varnhagen, fazendo não só imprimir os vocabularios indigenas que possue em manuscripto, assim como a preciosa collecção de orações e doutrinas christãas attribuidas aos missionarios jesuitas Anchieta e Nobrega, mas ainda reimprimir as grammaticas e diccionarios já publicados, e hoje rarissimos, sobretudo a grammatica da lingua *kiriri*, da qual apenas temos visto um exemplar existente na Bibliotheca publica d'esta côrte.

A carencia de meios tem inhibido ao Instituto de dar largas aos seus patrioticos desejos vulgarisando por meio da imprensa estas e outras obras ineditas, que por extensas não cabem na sua *Revista*. Pelo mesmo motivo estão ainda ignorados muitos trabalhos geographicos de abalisados auctores, sobresahindo entre elles o interessantissimo mappa geral do bispado do Pará, construido em 1759, com observações geometricas e astronomicas, pelo perito engenheiro Henrique Antonio Galluzzi. Por igual razão finalmente não tem o Instituto tratado da mantença de uma cadeira de historia e geographia patria, que deve estabelecer em observancia dos seus estatutos, e menos podido prestar o necessario auxilio a alguns engenheiros e naturalistas nacionaes para explorarem as matas, rios e montanhas dos nossos sertões, e colherem além de muitos productos dos tres reinos da

natureza, com que adornariam o Museu nacional, varios esclarecimentos sobre a topographia do paiz, afim de que se não possa dizer que os estrangeiros o conhecem melhor que os nacionaes. Confia porém o Instituto que o tempo e constante coadjuvação do Governo Imperial irá quebrando as pêas que demoram sua marcha até chegar ao alvo de suas esperanças.

O nosso consocio Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen concluiu o seu exame das listas dos *autos de fé* da Inquisição de Lisboa no seculo passado, e das respectivas aos tribunaes de Coimbra, Evora e Gôa, onde raros casos se encontram de Brazileiros, pois que foi a capital da famosa Lusitania quem se arrogou officialmente a malfadada gloria de purificar a Terra da Vera-Cruz do sangue israelita, realisando as prophecias sobre a ruina da raça deicida, cuja condemnação está escripta nas paginas do livro santo mysteriosamente guardado em suas mesquinhas synagogas. Dos *excerptos* recebidos colligo-se que a cruenta empreza começou a ser executada com ardor do anno de 1704 por diante: o Rio de Janeiro foi um dos pontos que mais filhos seus enviaram á metropole para abjurarem entre as chammas o sangue judaico que lhes imputavam circular nas veias; e sómente por esta culpa, no anno de 1713, o de maior safra, sentenciaram-se sessenta e seis colonos do Brazil, pertencendo trinta e nove d'estes ao sexo feminino, com quem o santo tribunal não tinha a menor contemplação, e nem mesmo á innocencia ou á decrepitude, por quanto a par de sentenças contra infelizes meninas de treze annos, vemos outras condemnando algumas mulheres quasi centenarias, em quem recahia a maldição que ha dezoito seculos pesa sobre a descendencia de Jacob. Farei menção especial de uma unica victima: em 1720 ardeu na fogueira expurgatoria, relaxada em carne, Thereza Paes de Jesus, de sessenta e cinco annos de idade, parte de christãa nova, casada, natural e moradora da cidade do Rio de Janeiro, *convicta, ficta, falsa, simulada, confitente, diminuta, variante, revogante* e *impenitente !!* « Era com estas palavras cavilosas que a superstição e a maldade humana sophismavam na terra a alta justiça de Deus (reflecte o Sr. Varnhagen). Por impassivel que seja o escriptor, e por mais que se

queira persuadir que já não existe nenhuma d'essas infelizes creaturas, é instinctamente illudido pela imaginação, que quasi lhe faz ouvir gemidos e lamentos desfallecidos das desgraçadas velhas moribundas; e ao cahir em si, apenas ousa clamar: — Quão mesquinhas, acanhadas e cheias de erros são as obras dos homens! »

Brevemente espera o Instituto ver cumprida a promessa do Sr. Varnhagen de remetter-lhe uma copia exacta de todo o processo do Santo Officio relativo ao poeta fluminense Antonio José da Silva, relaxado em carne como sectario do Talmud no acto de fé de 18 de Outubro de 1739. E era possivel suffocar elle o seu odio contra um tribunal, que escudando-se com o sagrado nome de Jesus, seguro de reinar por meio do terror e da força, se constituira o flagello da humanidade? pelo qual na idade de seis annos vira sua innocente mãi arrastrada no auto de fé de 9 de Julho de 1713, por seguir a religião de Moysés, como lhe imputavam? E poderia tambem a desditosa mãi ficar reconciliada com a absolvição recebida dos filhos de S. Domingos, vendo depois o seu já na idade adulta ser-lhe roubado para sempre pela terrivel milicia de Christo?.... Tres annos mal são decorridos, e em outra procissão solemne de fé figura ella, a infeliz Lourença Coutinho, condemnada para Castro Marim, ainda por christãa nova! E dez annos mais tarde, quando o *Judeu* caminha em prestito, de carocha e san-benito, para ser devorado pelas labaredas, a tremula mãi, viuva sexagenaria, o acompanha em lagrimas, e fica na terra orphãa de tudo, com uma sentença de carcere a arbitrio, que naturalmente completou no dia da sua morte.

Aos *excerptos* de que acabo de tratar ajuntou o Sr. Varnhagen outros manuscriptos illustrativos da historia brazileira, e escreveu para a *Revista trimensal* as biographias dos nossos patricios os dous epicos mineiros auctores do *Caramurú* e do *Uruguay*, do famigerado chimico Vicente Coelho de Seabra, e dos poetas Antonio José da Silva, Eusebio de Mattos, João de Brito Lima e Manoel Botelho de Oliveira. Officiou-nos tambem haver encontrado na Torre do Tombo uma carta de Thomé de Souza, datada de S. Paulo, na qual falla de João Ramalho com circumstancias muito

particulares: com este documento e notas extrahidas das cartas dos Jesuitas propõe-se a dissertar da mesma maneira que procedeu àcêrca do Caramurú.

O Ex^{mo}. Sr. conselheiro Candido Baptista de Oliveira, ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha, querendo satisfazer um tributo de antiga amizade e veneração, em sessão do Instituto proferiu o elogio historico do nosso sabio e fallecido consocio marquez de Paranaguá. Sobresahem n'este discurso todas as qualidades reconhecidas no estimavel auctor do *Systema financial do Brazil ;* a sciencia reunida ao talento litterario, a observação judiciosa e profunda ligada a um gosto apurado, e admiravel sagacidade esclarecida por vasta erudição.

O Sr. Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães fez leitura publica da sua *Historia da ultima rebellião do Maranhão* : trabalho que offerece novo ponto de contacto entre o melancolico auctor dos *Suspiros poeticos* e o das *Meditações :* ambos os lyricos bem acabam de provar que a poesia não é incompativel com a historia, segundo a opinião de alguns espiritos apoucados. Nos mais celebres engenhos da antiguidade as vemos abraçadas: ha historia em Homero e Virgilio ; ha poesia em Plutarco e Tacito. Para escrever a historia, o Sr. Dr. Magalhães revestiu-se da gravidade requerida ; mas na exposição dos variados successos se revela a alma do nosso consocio. Fazendo reviver os factos de maneira que o leitor involuntariamente experimenta as sensações de uma testimunha ocular o auctor se manifesta ora feliz e triumphante, ora sombrio e irritado, soffrendo todos os movimentos dos que veem em Deus o competente juiz da consciencia. Seu estylo é sempre accommodado ás variadas scenas que descreve. E o que é um historiador ? Segundo Barrière é um philosopho que segue sem sorpreza, mas não sem emoção, o jogo das paixões e dos interesses humanos ; é um juiz imparcial, incorruptivel, que não póde offuscar o brilho da categoria, dos talentos, da gloria, e que pesa os homens por suas acções ; é um pintor que, em painel de vasta disposição, escolhe as côres para o assumpto e grupa os factos, colloca e traja as personagens com arte e

dignidade ; é um architecto de gosto, cuja mão poderia estender-se sobre mil objectos de preço, pinturas, marmores ou bronzes, e que todavia tem a coragem de abandonar todas estas riquezas porque não entrariam no plano, ou mal se ligariam com a belleza severa de seu magestoso edificio. O Sr. Dr. Magalhães reune as qualidades do philosopho, do juiz recto, do pintor, e do architecto habil. Collocado na mais feliz condição para bem observar os successos que narra, sem alteral-os pelas paixões proprias, que constantemente conturbam o juizo do historiador: extranho aos partidos que lutavam entre si n'esse periodo calamitoso da historia da provincia do Maranhão, elle póde apreciar o encadeamento de causas diversas que acarretaram aquella medonha explosão da guerra civil e da anarchia, e distinguir a natureza e diversidade de elementos que a formavam. Secretarie do governo, tinha á sua disposição todos os documentos officiaes e authenticos, por onde lhe era facil chegar ao conhecimento aprofundado da variedade das scenas, e da parte que representou cada actor n'esse drama sanguinolento. O Instituto, acolhendo com os maiores applausos o trabalho do Sr. Dr. Magalhães, votou sua prompta impressão, sem comtudo ficar solidario de todas as idéas emittidas pelo auctor.

O socio correspondente Sr. Dr. Francisco de Souza Martins escreveu para a nossa *Revista* um artigo com o titulo de *Progresso do Jornalismo no Brazil*. Hoje é bem reconhecida a utilidade da estatistica, já vai desapparecendo de todo a tendencia geral dos espiritos em encaral-a sómente pelo lado practico e material: ella tem recebido desenvolvimentos muito extensos, sobretudo na Allemanha, onde se acha quasi elevada ao grão de sciencia. Profundos pensadores, sabios professores, administradores esclarecidos e habeis diplomatas tem feito da estatistica objecto de seus estudos e de suas meditações. O artigo do Sr. Souza Martins mostra claramente os passos agigantados com que entre nós caminha a arte typographica. Calculando em doze mil as pessoas que presentemente vivem da imprensa, d'esta industria recente apenas introduzida, ou antes franqueada ao publico depois de 1820, conclue com as seguintes palavras: « Assim pois

com vinte e quatro annos de independencia, e vinte e seis do gozo da liberdade da imprensa, o Brazil, em vez de duas unicas e mesquinhas gazetas, que tinha no começo da sua carreira politica, possue actualmente perto de oitenta publicações periodicas, muitas de grandiosas proporções, e outras scientificas e litterarias, das quaes algumas redigidas com gosto e talento, e todas em fim disseminando por toda a superficie do Imperio mais de oito milhões de folhas proporcionadas aos gostos e instrucção dos seus leitores. Não provará isto que n'estes vinte e quatro annos havemos percorrido um dilatado campo no desenvolvimento do gosto litterario? E se porventura a diffusão da instrucção publica fôr para o futuro mais favorecida e mais scientificamente dirigida, não poderemos esperar que d'aqui a mais vinte annos corramos o páreo com as nações mais civilisadas do antigo continente? »

Encontrareis na nossa bibliotheca o *Complemento dos ineditos de Alexandre de Gusmão* e a *Memoria sobre o descobrimento das terras do Preste João das Indias*, publicações do insigne paleographo e membro d'esta sociedade o Sr. Albano Antero da Silveira Pinto, que nos offertou o nosso consocio Sr. Antonio Lopes da Costa e Almeida, além de todos os volumes do seu *Roteiro geral dos mares* que tem sahido a luz, uma descripção manuscripta da costa da capitania do Ceará desde a Ponta Grossa até Iguaraçú, acompanhada de mappas originaes esboçados pelo auctor, e varias outras memorias hydrographicas.

Ainda que á primeira vista seu objecto pareça restricto, raciocina o almirante Halgan, a hydrographia é comtudo um auxiliar bem apreciavel para o desenvolvimento da sciencia geographica. Creada com o fim de dirigir as explorações do homem sobre a vastidão dos mares, ella não se occupa sómente de reconhecer e determinar os contornos das costas que servem de limites ao oceano, e das ilhas que o esmaltam : acautela tambem ao navegante d'esses terriveis syrtes, cujos simos, escapando ás vistas, por isso mesmo ameaçam perigos maiores ; e assim protege a segurança do viajante que corta os mares a procurar terras incognitas, e colligir para a descripção do globo novos elementos, que tendem quotidianamente a completar a sciencia geographica.

Demais, a hydrographia ou marinha (que ambas parecem confundir-se) tem ainda prestado á geographia outros serviços. Se a observação dos diversos accidentes dos mares o preoccupa, se não lhe merece menor attenção o gyro dos corpos celestes, seus guias na immensidade de planicies onde nenhum signal subsiste, o nauta é quasi sempre o primeiro a apontar novas regiões ao estudo do geographo, e com effeito se devem aos navegantes as maiores descobertas geographicas : os nomes de Colombo, de Vasco da Gama, de Alvares Cabral, de Magalhães, de Cook, de Lapeyrouse, e de muitos outros, são garantias d'esta verdade. Além de que, em sua diversidade, a missão do viajor terrestre e a do hydrographo offerecem analogias salientes. Assim como o primeiro, no centro dos continentes, percorre as montanhas com o barometro na mão para verificar e descrever o relevo do terreno, para reconhecer essas desigualdades imperceptiveis relativamente á curvatura, e todavia tão importantes na apreciação de muitas circumstancias physicas, que variam os climas e reagem sobre as deducções cosmogonicas, como sobre as condições da raça humana: da mesma sorte o hydrographo, com a sonda na mão, escruta os abysmos do oceano para marcar o ponto dos funestos escolhos ; estuda o rolo das vagas, sua direcção permanente ou periodica, e indaga as leis a que são sujeitas, as oscillações do nivel dos mares incitadas pela influencia dos astros, os effeitos do magnetismo, esse agente invisivel ao qual o nauta deve tambem a facilidade de seguir sua carreira, mas sempre precavido contra as suas variações : todos estes phenomenos são objecto de um estudo cujos resultados aproveitam igualmente á geographia.

Nas actas publicadas consultareis a relação de todos os manuscriptos e obras impressas, que durante o periodo abrangido por este relatorio fizeram subir o valor da nossa bibliotheca : pelo que apenas tratarei de algumas offertas, mencionando simultaneamente as de patriotismo brazileiro com as de consideração estrangeira.

Enviou-nos de Lisboa o Sr. João da Cunha Neves de Carvalho Portugal os seguintes manuscriptos : *Descripção diaria dos pro-*

gressos da expedição destinada da capitania de S. Paulo para a fronteira do Paraguay em 9 de Outubro de 1800, e terminada em 1802, sendo commissario o tenente coronel Candido Xavier de Almeida e Souza : *Descripção da descoberta dos campos de Guarapuava*, pelo mesmo auctor, em 1770; e a *Viagem* do sobredito official em Maio de 1783 para examinar a parte occidental do Paraná.

Além d'estes ineditos tivemos de agradecer : ao nosso consocio o Ex.mo Sr. ministro da marinha uma interessante *Memoria sobre as mattas das provincias de Pernambuco e Alagoas*, escripta em 1807 pelo desembargador Mendonça : ao membro effectivo Sr. conselheiro José Antonio Lisboa uma collecção de cartas de Alexandre de Gusmão : ao socio correspondente Sr. padre João Joaquim Ferreira de Aguiar a copia da sentença proferida contra Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) e outros réos da rebellião projectada em Minas Geraes nos fins do seculo passado.

A varias obras sobre historia, diplomacia, medicina, etc., ajuntou o nosso consocio Sr. João Diogo Sturz o *Catalogo de posições geographicas determinadas segundo as observações mais recentes*, ultimamente publicado em Vienna pelo celebre Littrow, director do observatorio imperial, e lente de astronomia na universidade d'aquella capital.— Sendo a descripção da terra o objecto da geographia, é por sem duvida necessario determinar a posição relativa dos pontos em relação uns a outros sobre a superficie do globo, que isto constitue certamente a base da sciencia : tal o fim que se teve em vista quando se imaginou os circulos de latitude e de longitude para se estabelecer a posição dos logares. O Sr. Littrow foi encarregado em 1841 de redigir, para um diccionario de physica então no prelo, o catalogo de todas as posições geographicas conhecidas com exactidão. A tarefa não era facil, mas a utilidade do trabalho fez com que elle o acceitasse, e d'ahi resultou a publicação do volume de que trato, para cuja perfeição seu auctor não se poupou a fadigas ; e esta obra, elaborada com o maior cuidado, tem de mais a grande vantagem de apresentar os resultados de trabalhos geodesicos recentes, dos quaes muitos não haviam sido ainda publi-

cados, e por consequencia será sempre consultada com proveito quando se quizer conhecer as latitude e longitudes dos logares n'ella mencionados.

Recebemos do socio correspondente o Sr. conselheiro Luiz Moutinho de Lima Alvares e Silva, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Roma, um exemplar da obra, hoje rara, impressa n'aquella côrte em 1698 com o titulo : *Historia da guerra do Brazil com a Hollanda*, pelo carmelita Fr. José de Santa Theresa. — Do socio honorario Sr. visconde de Santarem a segunda parte do quarto tomo do seu *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal ;* e o tomo quinto, que contém as transacções politicas que tiveram logar entre aquelle reino e a França durante o reinado d'el-rei D. João V, entre as quaes se encontram muitas noticias relativas ao Brazil, e que interessam em maximo gráo á historia d'este Imperio. — Do socio honorario Sr. conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira as suas obras : *Questões de direito publico administrativo, philosophia e litteratura ;* e *Resumo de um curso de Direito Publico.* — Do socio honorario Sr. conselheiro Sergio de Lomonosoff sete volumes do *Annuario do Jornal das minas da Russia*, impresso em S. Petersburgo. — Do Sr. conselheiro João Duarte Lisboa Serra um *Mappa geral do mundo*, em inglez, com muitas notas manuscriptas em portuguez, interessantes não tanto pela parte geographica, que remonta a uma grande antiguidade, como pelas noticias curiosas que encerra, pelas plantas, prospectos de diversas cidades, e objectos notaveis que acompanham as vinte e sete cartas geographicas do dito mappa. — Do Sr. conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond varias obras impressas, uma medalha de prata mandada cunhar por D. João V por occasião de declarar em côrtes o Reino de Portugal sob a immediata protecção de Nossa Senhora da Conceição, e o manuscripto : *Memoria geographica do rio Tapajós*, escripta em 1799 pelo coronel Ricardo Franco de Almeida Serra.

Do socio correspondente em Palermo, o Sr. D. Vincenzo Mortillaro, marquez de Villarena, a collecção de suas obras

reunidas em dous volumes de quarto: do Sr. cavalleiro D. Francisco Zantedeschi, residente em Veneza, algumas publicações de sua penna versando sobre pontos de physica: do Sr. cavalleiro D. Luigi Chretien, residente em Napoles, o seu Curso de observações meteorologicas feitas na zona torrida em 1843: do Sr. D. Antonio Schembri, residente em Malta, os seus tratados de ornithologia: e do Sr. C. Wiet 36 volumes sobre a historia de diversos paizes, commercio, navegação, litteratura e politica.

Merecem especial attenção as noticiosa memorias sobre os ultimos progressos da geographia que o nosso douto consocio residente em Florença, o Sr. conde Graberg de Hemso, faz imprimir todos os annos, depois de havel-os lido nas reuniões solemnes do congresso scientifico italiano. Com assisada critico são commemorados n'esses trabalhos todos os esforços em prol da sciencia, seu adiantamento, e novos resultados a esperar; exposto tudo com o profundo saber, brilhante estylo e longa experiencia em materia geographica de que é dotado o Sr. Graberg de Hemso, tornando-se assim acredor dos maiores elogios este veneravel decano da sciencia na Italia, o qual nos tem sempre memoseado com as suas producções.

O bem conhecido vate portuguez Sr. Antonio Feliciano de Castilho, em signal do seu reconhecimento por haver sido inscripto na lista dos nossos socios, brindou-nos com um elegante exemplar das suas *Excavações poeticas*, ultimamente impressas e dedicadas a este Instituto. Tanto a carta que acompanhou a offerta, escripta com as mais lisongeiras expressões e luzido estylo do auctor, como a sua obra, são preciosos documentos para o Instituto por conterem a assignatura d'aquelle famoso engenho, a quem Deus privou da vista em uma idade tão tenra.

Recebemos tambem de Lisboa, além da preciosa *Collecção de discursos parlamentares* proferidos pelo Sr. Duque de Palmella, com que nos obsequiou este illustre membro honorario, varias outras obras de alguns nossos consocios alli residentes, a saber: do Sr. conego Francisco Freire de Carvalho *Memoria sobre a an-*

tiguidade do emprego da artilharia em Hespanha ; e *Ensaio sobre a historia litteraria de Portugal*: do Sr. Alexandre Herculano o 1.º volume da erudita *Historia de Portugal* que actualmente está publicando: e do Sr. conselheiro José Joaquim Lopes de Lima *Ensaios estatisticos das possessões portuguezas*.— A leitura d'esta primorosa producção é assás recommendavel, pois ella póde servir de modelo aos que se occupam de trabalhos identicos: e em apoio do seu merecimento transcreverei algumas palavras de uma auctoridade superior a todo o elogio, o Sr. visconde de Santarem, no seu Relatorio apresentado em 1846 á Sociedade de Geographia de Paris :

« Todos sabem que a corôa de Portugal póssue ainda vastas e importantes colonias, principalmente na Africa ; mas o que se ignorava, apezar do grande numero de viajantes que tem tratado d'aquelles paizes, é o estado actual de taes possessões, tão longinquas, tão celebres na historia dos grandes descobrimentos dos XV e XVI seculos. A obra do Sr. Lopes de Lima veio preencher esta lacuna, pois contém noticias mui preciosas e exactas a respeito, e tanto mais dignas de interesse e uteis á sciencia, pois que foram colhidas pelo auctor ou nos logares mesmo, ou nos archivos de Portugal. Por consequencia este trabalho é digno da attenção dos sabios, e seu auctor prestou um verdadeiro serviço á sciencia enriquecendo-a com um livro indispensavel para todos os que de ora em diante se quizerem occupar do archipelago de Cabo Verde, e da parte do continente que d'elle depende. E a tudo o mais a obra do Sr. Lopes de Lima reune ainda o merecimento de ser escripta com grande pureza de estylo, e de conter bons conselhos e planos tendentes ao melhoramento intellectual e material dos habitantes d'aquella parte dos dominios da corôa de Portugal.»

Recebemos do nosso prestantissimo consocio o Sr. desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, que se tem constituido cada vez mais benemerito do Instituto, a *Historia do territorio oriental do Uruguay* por D. João Manoel de la Sola, e uma collecção do periodico publicado em Montevidéo, *Comercio del Plata*, onde se acham muitos do-

cumentos e memorias relativas ás questões de limites entre este Imperio e aquella Republica. — Sobre a mesma materia enviou-nos o nosso consocio Sr. D. Pedro de Angelis, de Buenos Ayres, varios opusculos alli impressos, promettendo-nos um novo mappa do Estado Oriental do Uruguay, levantado segundo as observações e notas do coronel d'engenheiros D. José Maria Reyes, actualmente em serviço do general Oribe. Este mappa foi lithographado sob a direcção do Sr. Angelis, que o considera como o mais circumstanciado e exacto de quantos até hoje tem apparecido.

Não esquecerei que nos endereçou o Sr. Samuel George Morton, de Philadelphia, as suas *Investigações sobre os caracteres distinctivos da raça aborigine da America*: o Sr. James Hall, de New-York, a sua *Geologia* d'aquelle Estado, ornada com muitas gravuras: o Sr. Hermann E. Ludewig a sua *Bibliotheca local dos Estados Unidos*: e o nosso consocio Sr. Luiz Henrique Ferreira de Aguiar, que sempre mostra ter em lembrança as obrigações que o ligam ao nosso Instituto, um bello exemplar em 5 volumes de 4.º com estampas e mappas da *Narrativa da expedição scientifica* que por ordem do governo executou a marinha dos Estados Unidos nos annos de 1838 a 1842, sob o commando do intrepido official Carlos Wilkes. Tanto já se tem occupado a imprensa periodica d'esta viagem á roda do mundo, a primeira expedição maritima emprehendida pelo governo dos Estados Unidos no interesse da sciencia, que nada poderia dizer de novo sobre ella: como existe em nossa bibliotheca, sua leitura vos convencerá do seu merecimento.

De outros nossos collegas, que tambem concorreram para o augmento da livraria do Instituto, apontarei sómente os nomes, bem conhecidos pela sua dedicação ao progresso intellectual: são os Srs. Manoel de Araujo Porto Alegre, Dr. João Manoel Pereira da Silva, tenente-coronel Frederico Carneiro de Campos, Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa, coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena, L. L. Wauthier, Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão, Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba, Padre Joaquim

Gomes de Oliveira e Paiva, Gaspar José Lisboa, e Dr. Henrique Kopke, que nos deu posse de muitas obras sobre o Brazil, e de 75 mappas de uma parte das Indias Orientaes e da America.

Em seguimento d'este arido inventario de offertas havidas de doadores particulares, vou tratar das corporações scientificas e litterarias, que pressurosas tem contribuido para o successo de nossos trabalhos.

D'entre as instituições francezas conservarei o primeiro logar à Sociedade de Geographia de Paris, que caminhando directamente comnosco para o mesmo fim não tem deixado amortecer as relações mutuamente proveitosas que entabolou com este Instituto desde sua origem, já testemunhando por uma simples homenagem de cortezia a alta estima que consagra á nossa modesta reunião, já encaminhando-nos regularmente as suas *Memori s* e *Boletins*.— A Sociedade da historia de França, fundada em 1834 para organisar com documentos originaes relativos á historia nacional uma collecção accessivel a todas as classes de leitores, transmittiu-nos os seus *Boletins* e outros impressos, que foram recebidos com muita satisfação pelo Instituto ; e com a mesma o 2.º volume das *Memorias* da Sociedade Ethnologica de Paris, que nos foi remettido pelo seu digno Secretario e nosso consocio o Sr. conde Imbert des Mottelletes.

Continuamos a corresponder-nos com a Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, que constantemente occupada em esclarecer a historia ante-colombiana do Novo Continente, adquirindo assim novos direitos á nossa affectuosa gratidão, nos fez apreciar uma recente edição da importante *Memoria sobre o descobrimento da America no seculo X*, do nosso consocio Dr. Rafn. Esta edição é augmentada com o desenvolvimento do testemunho astronomico contido na saga de Erico o *Rubro*, determinando exactamente a situação da colonia que os Scandinavos fundaram na America em principio do seculo decimo primeiro: illustrada com muitas gravuras em aço, póde ser considerada como supplemento ás *Antiquitates Americanœ*.— Annuindo aos desejos da Sociedade Real dos Antiquarios, o Instituto mandou traduzir e publicar o prospecto do museu de antiguidades americanas por

ella creado em Copenhagen, no qual já existe quantidade consideravel de antiguidades europeas pertencentes aos tempos ante-colombianos, e igualmente de objectos de Esquimáos, de Indios da America do Norte, de Caraybas das Antilhas, de Mexicanos, e de Indios da America Meridional.

A Sociedade Real das Sciencias de Goettingue, por intermedio de seu Secretario perpetuo o Sr. conselheiro Hausmann, convidou-nos a uma fraternal correspondencia, propondo a troca da nossa *Revista* pelos *Commentarios* que publica em allemão e latim, e que traz entre muitos tratados valiosos os do famoso astronomo Gauss. Deseja possuir a *Revista* em consequencia das luzes que derrama sobre este vasto e importantissimo Imperio, «que de dia em dia se vai tornando mais interessante para a Europa, e particularmente para a Allemanha, porém que infelizmente não é ainda tão bem conhecido como deveria sel-o».

A Sociedade Ethnologica Americana manifestou-nos lisongeiramente o seu anhelo de estabelecer relações litterarias com o nosso Instituto, as quaes por certo devem ser de não pequeno proveito para ambas as associações, e em geral para o progresso da sciencia no continente americano. Remetteu-nos o 1.º volume de suas *Transacções* e outros escriptos de seus membros sobre Indios e antiguidades americanas. Accedendo com o maior prazer a tão honroso convite, o Instituto conferiu o titulo de socio honorario ao Sr. Alberto Gallatin, Presidente d'aquelle congresso, e o de correspondente ao seu Secretrio o Sr. John Russell Bartlett, enviando com os respectivos diplomas uma collecção da *Revista trimensal*.

A Sociedade Historica de New-York, creada por uma reunião de patriotas para colligir e conservar tudo quanto possa ter relação com a historia natural, civil, litteraria e ecclesiastica dos Estados-Unidos, e do Estado de New-York em particular, não se tem descuidado de fazer-nos chegar as suas actas, memorias, e mais publicações avulsas.

As vantagens que se devem colher da communicação reciproca dos trabalhos das sociedades americanas, são bem deduzidas em uma carta que nos escreveu de New-York o Sr. Ludewig, quando

diz: « O futuro do novo mundo, a alta vocação d'esta parte brilhante de nosso globo, torna cada vez mais importante qualquer averiguação sobre sua historia, e seria de desejar que collocando os monumentos ethnologicos, historicos e litterarios d'este vasto continente o mais possivel ao alcance da sciencia, o sol de uma critica sã e racional podesse emfim esclarecer uma noite na qual até hoje apenas temos podido admirar mui raras estrellas. Um concurso de todas as sociedades historicas do continente americano para este ponto importante não poderia deixar de ter as mais felizes consequencias; e quando mesmo essas sociedades só se occupassem de communicar reciprocamente os resultados de suas investigações respectivas, avançar-se-hia já um terço do caminho a percorrer. Todavia ainda até hoje não se tem cuidado n'isto, e continúa a ser sempre na Europa onde se centralizam finalmente todos os esforços, mesmo os mais nacionaes, dos sabios do novo mundo. E' em consequencia d'este individualismo tão pronunciado na raça anglo-americana que haviam, ainda não ha muito, sociedades historicas nos Estados-Unidos que duvidavam mesmo de sua existencia respectiva; e quanto ao illustrado Instituto, a cujos membros tenho a honra de dirigir estas linhas, apenas d'elle pude obter algumas informações, pois que sua *Revista trimensal* não se encontra em nenhuma de nossas bibliothecas — Por ventura os apaixonados da historia do novo mundo não devem esperar que uma associação fraternal e scientifica, que uma troca reciproca das publicações respectivas brevemente consiga occupar o logar d'esta taciturnidade mutua ? que o sul e o norte se coadjuvaráõ em suas indagações, cujos resultados serão de então em diante uteis a ambos ? que todos os Americanos farão emfim causa commum para explorar os thesouros historicos de seu vasto continente ? — As vantagens immensas da associação, das quaes nunca se esteve mais convencido do que em nossos dias, nos dão uma garantia quasi incontestavel que estas esperanças, estes desejos não tardaráõ a realisar-se, e é n'esta convicção que a Sociedade Historica e a Sociedade Ethnologica de New-York são as primeiras a estender-vos amigavel-

mente a mão para o entretenimento de relações scientificas e fraternaes.»

Muitas outras sociedades estrangeiras nos tem feito sentir toda a importancia das contribuições individuaes que seus membros depositam no thesouro commum da sciencia. Occorrem-me agora os nomes da Academia Real das Sciencias de Munich, da Sociedade Geographica de Londres, da Academia Real das Sciencias e da Associação Maritima e Colonial de Lisboa, da Academia Real das Sciencias e Bellas Lettras de Bruxellas, da Academia Real das Sciencias e da Academia Pontaniana de Napoles, do Instituto Nacional de Washington, e da Sociedade das Sciencias Naturaes de Philadelphia.

Se, de todas as partes do globo, as nações estrangeiras que amam e cultivam as lettras tem vindo ou correspondido ao nosso appello, tambem não tem faltado o concurso das sociedades nacionaes, tanto estabelecidas n'esta côrte, como nas provincias, onde o movimento intellectual se vai mostrando com grande vigor.

Lembrou-se o Instituto de dirigir uma circular a todos os socios residentes nas provincias, assim como aos Ex^{mos}. Presidentes, solicitando hajam de concorrer para o augmento de seu museu, não só com a remessa de productos naturaes, mas ainda de quanto possa servir de dar conta do grào de industria e de civilisação dos seus habitantes ; e encarregou ao Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia de redigir uma instrucção ou lembrança dos objectos cuja acquisição seja de maior vantagem, a fim de acompanhar a referida circular. Acreditar que a collecção do nosso museu será augmentada pelo resultado de dons gratuitos, é render justa homenagem ao zelo e generosidade dos socios do Instituto e das pessôas que o apreciam, pois que por esta fórma temos visto crescer successivamente a nossa bibliotheca : ao reclamo já acudiram com diversas medalhas de prata e de cobre, e curiosidades naturaes de valor, os Srs. conselheiros Paulo Barboza da Silva e Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, Manoel José Pires da Silva Pontes, coronel Antonio Vaz da Silva, e outros membros d'esta associação.

Approvando os pareceres criticos e imparciaes de commissões compostas de pessôas habilitadas para designar os trabalhos dignos de serem premiados, em conformidade dos programmas publicados na nossa ultima sessão geral, o Instituto proclamará hoje os nomes dos auctores que julgou merecerem distincção: a liça porém em que alguns dos nossos consocios obtiveram a palma fica ainda aberta a seus rivaes, como vereis pelos novos programmas que d'aqui a pouco serão lidos pelo Sr. 2.º Secretario.

Toca-me ainda a obrigação tristissima de memorar os nomes dos nossos consocios fallecidos depois da ultima reunião annua. Em tão curto espaço, e em despeito das sciencias e da patria, a morte confundindo idades e jerarchias trancou em seu reino vinte e cinco companheiros das nossas pacificas conferencias: foram elles os membros correspondentes senador João Evangelista de Faria Lobato, Visconde de Itabayana, conego Antonio Marques de Sampaio, Wenceslão Antonio Ribeiro, Bernardo Jacintho da Veiga, Estevão Raphael de Carvalho, Dr. Francisco Alvares Machado, conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira, conego José Luiz de Freitas, Dr. Antonio Navarro de Abreu, Antonio Francisco Dutra e Mello, Barão de Planitz, Visconde de Osery, conselheiro José Ricardo da Costa Aguiar: os membros honorarios Marquez de Paranaguá, Marquez de Baependy, Marquez de Lages, Bispo de S. Paulo, conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado, J. B. Eyriès, D. Fr. Francisco de S. Luiz: os membros effectivos conselheiro Joaquim Gonçalves Ledo, e Fr. José de Santa Eufrazia Peres: o nosso Presidente Visconde de S. Leopoldo, e Secretario perpetuo conego Januario da Cunha Barboza!

Invejando-nos a posse d'este benemerito cidadão, deixou a morte privado o Instituto de um dos seus mais firmes esteios. O conego Januario succumbiu quando ainda com fructo envidava toda a fortaleza de seu pensamento e toda a actividade de seu genio para accrescentar a lista dos inapreciaveis serviços que prestára ás lettras e ao paiz. Franco, obsequioso e communicativo, todos corriam a consultal-o, que sua conversação instructiva suppria a leitura de muitos livros. Seus amigos, pungidos de

saudades, foram dar-lhe um ultimo adeus, e tributar os deveres da estima e amizade no logar funebre onde elle os espera. Desejára eu agora recordar todos os titulos do homem de bem, do propagador das sciencias e das artes uteis, do fundador do nosso Instituto, e sobretudo de um amigo que amei de coração e com ternura ; mas além de me faltarem as forças, não sou eu a quem escolhestes para interprete de vossos pezares, e se um momento os renovei foi para pagar a divida de admiração por aquelle cujos écos de eloquencia e erudição resoam ainda em nossos ouvidos n'este palacio. Lancemos algumas flôres sobre os tumulos dos nossos collegas; suas virtudes e talentos vão ser explanados pela elegante e nervosa locução do nosso orador ; mas não esqueçamos que os homens passam, frageis instrumentos, emquanto que o edificio da sciencia, para cuja elevação todos vós concorreis, ergue-se magestosamente sobre os destroços amontoados das gerações.

Importou a receita do Instituto até o fim de Junho proximo passado em 5:488$350 rs., e a despeza em 5:266$203 rs., passando para o anno seguinte o saldo de 222$147 rs.,

Senhores. Acabando de esboçar toscamente o quadro das tarefas litterarias do Instituto, confio que a magnitude do objecto terá em parte disfarçado os defeitos e falta de colorido da minha exposição. Emprega todas as forças para continuardes a gozar dos prazeres innocentes que produz a cultura das sciencias, tão fecunda em beneficios publicos e particulares, tão necessaria ao aperfeiçoamento dos povos, e sem a qual as sociedades civilisadas perderiam seu logar entre as nações, e voltariam à rudeza primitiva da barbaria. Não deveis esmorecer em vossa nobre missão, que o mais sublime premio vos é reservado : *contribuireis ao mesmo tempo para o progresso da sciencia e para a gloria da patria.*

Senhor ! Rendendo mil graças a V. M. Imperial, em nome do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, pela munificente protecção com que V. M Imperial tem honrado esta Associação litteraria, que só póde medrar bafejada por um sopro tão animador, repetirei as palavras do maior sabio da nossa

época no seu discurso pronunciado em 1829 na sessão extraordinaria da Academia Imperial das Sciencias de S. Petersburgo: « Ditoso o paiz cujo governo outorga uma augusta protecção ás lettras e ás bellas artes, que não recreiam unicamente a imaginação do homem, mas tambem augmentam sua força intellectual, e vivificam os nobres pensamentos; ás sciencias physicas e mathematicas, que influem tão felizmente sobre o desenvolvimento da industria e da prosperidade publica; e ao zelo dos viajantes que se esforçam de devassar regiões incognitas, ou de examinar as riquezas do solo. »

RELAÇÃO DOS MEMBROS PREMIADOS PELO INSTITUTO EM CUMPRIMENTO DO PROGRAMMA APRESENTADO NA SESSÃO PUBLICA DE 14 DE DEZEMBRO DE 1844.

Medalha de ouro ao Sr. Dr. Carlos Frederico de Martius, residente em Munich, auctor do melhor *Plano de se escrever a historia antiga e moderna do Brazil, abrangendo as suas partes politica, civil, ecclesiastica e litteraria.*

Dita ao Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, por haver escripto o melhor trabalho sobre o seguinte ponto: « Qual o gráo de veracidade em que se deva ter o facto maravilhoso de Diogo Alvares Corrêa e da celebre Paraguassú, conforme refere Rocha Pitta na sua *America Portugueza*, Liv. 1.º, p. 59, n.ºs 98 e 99 —« de que, deixando a nado as praias da Bahia de todos os Santos, acolhidos em uma náo franceza, e levados á França, onde reinava Henrique II, alli foi ella baptizada com o nome da rainha

Catharina de Medicis, e unidos em matrimonio, sendo padrinhos os sobreditos monarchas.»

Dita ao Sr. tenente-coronel José Joaquim Machado de Oliveira, auctor da *Noticia raciocinada sobre as aldêas de Indios da provincia de S. Paulo desde o seu começo até á actualidade.*

Dita ao Sr. Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, auctor da *Memoria historica e documentada da revolução da provincia do Maranhão desde 1839 até 1840.*

Dita ao Sr. coronel Conrado Jacob de Niemeyer, auctor da *Carta corographica do Imperio do Brazil.*

PREMIOS PROPOSTOS PELO INSTITUTO NA SETIMA SESSÃO PUBLICA PARA O ANNO DE 1848.

1.° Uma medalha de ouro, no valor de 200$000 rs., a quem melhor desenvolver o seguinte programma: — « Quaes as tradições conservadas pelos autocthones, ou vestigios physicos descobertos até hoje, que possam confirmar a opinião de alguns auctores—de haver o Brasil sido visitado por Europeos ou por outros quaesquer descendentes do velho mundo antes da chegada do venturoso Cabral.

2.° Outra medalha de ouro, tambem do valor de 200$000 rs., a quem apresentar a melhor Historia dos Jesuitas no Brazil, e sua influencia sobre a civilisação e artes até a sua queda, comparando-se com as outras Ordens religiosas.

3.° Outra medalha de ouro, de igual valor, a quem escrever a melhor Historia da cidade do Rio de Janeiro, dividida em tres épocas: da fundação até a chegada d'El-Rei, d'esta até a abdicação, e d'esta até nossos dias ; comprehendendo-se tambem no plano os arrabaldes.

PREMIOS PROPOSTOS POR S. M. O IMPERADOR.

Assumptos fixos para todos os annos.

1.ª medalha de ouro.—Ao que sobre o Brazil ou algumas Provincias suas apresentar melhores trabalhos estatisticos.

2.ª—Ao que melhores trabalhos historicos offerecer ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro no anno de 1848.

3.ª—Ao que apresentar a melhor Geographia do Brazil.

Condições.

As pessôas que quizerem tomar parte no concurso deverão enviar as respectivas memorias até o fim do mez de Setembro de 1848.

Os nomes dos auctores das Memorias virão escriptos em cartas fechadas, que trarão a mesma divisa das Memorias, a fim de se abrirem sómente no caso de ser premiada a Memoria respectiva.

A Memoria premiada ficará sendo propriedade do Instituto, que a fará imprimir e publicar, posto que d'ahi se não deva deduzir a approvação implicita de todas as doutrinas da Memoria publicada.

O auctor receberá 50 exemplares.

N. B. A segunda medalha dos premios propostos pelo Instituto foi offerecida pelo socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen.

Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo

ELOGIO HISTORICO GERAL

DOS MEMBROS FALLECIDOS.

PELO ORADOR DO INSTITUTO O SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Senhores.— O dever imposto ao logar de orador, de pronunciar nos dias de jubilo os sentimentos patrioticos do Instituto, é aquelle mesmo imperioso dever que o obriga n'esta solemnidade a vir commemorar os feitos illustres de nossos finados consocios.

A vida do Instituto está intimamente ligada com a vida dos mortos ; nutrida das memorias do passado, prosegue triumphante atravez d'esse espaço de tempo que, parando a todos os instantes diante da méta passageira do presente, é abraçado pela memoria do homem. O olho de Deus é o unico perscrutador das entranhas do futuro : o homem jámais nunca poderá archivar os annaes da esperança; e se assim fosse, a ordem do mundo seria bem diversa, e a humanidade não precisaria dos exemplos do passado, nem de suas lições.

A lousa, cobrindo o que ha de caduco no sabio e no heróe, não destróe os vinculos sagrados de um ser que bem mereceu de seus similhantes, e que nutriu com as suas idéas, com as suas acções, aquelle facho immortal, que Deus dera ao primeiro homem para com elle atravessar as idades, e roboral-o de geração em geração até o dia terrivel em que hade soar no alto dos céos a trombeta das exequias da humanidade.

A voz do vosso orador, similhante á do sino da cathedral, se rola sobre vossas cabeças os sons festivos de um dia triumphal, tambem vos annuncia as horas de agonia e de pranto !

Ella vos tem acompanhado nos brilhantes epinicios de uma paz tão desejada, nos hymnos genethliacos de esperanças realisadas, e nas nenias da mais pungente e inesperada desgraça. E hoje vos vem ainda avivar saudades inconsolaveis, perdas irreparaveis, nomes que viviráõ longo tempo na vossa memoria, e na memoria de toda a posteridade americana.

A colheita da morte no seio do Instituto foi abundante n'estes dous ultimos annos. A campa se abriu para nos roubar vinte e seis socios. As lagrimas e o dó cobriram o imperio, a provincia e a familia; o cidadão e o amigo choraram; por toda a parte correu o pranto, por toda parte se gemeu. O paço e a casa particular foram nivellados pela rasoura da dôr. Os que viram a mão de Deus espalmar-se n'este doloroso conflicto, tambem d'ella receberam as esperanças de sua infinita bondade e sabedoria.

A maior parte dos homens da Independencia, ao completar um quarto de seculo, se envolveram no sudario da morte: e parece que baixaram á sepultura cheios de gosto; aquelles heróes que nos legaram as delicias da liberdade, unidas á convicção das idéas monarchicas e de sua vital utilidade, devem-se comprazer da sua obra.

Nunca bruxoleou em meus presentimentos que me fosse dado perante um sabio congresso, perante tudo o que ha de mais grande e de mais illustre na terra da Vera Cruz, o annunciar a perda de tantos sabios, e de tantos benemeritos; nem que minha alma tivesse de se aniquilar diante de tanta grandeza, diante de tantas perdas, e em face do mausoléo que guarda aquelles Brazileiros que insculpiram seus nomes no monumento do Ypiranga.

A' frente d'essas grandes realidades, d'essas sombras venerandas, se levanta em primeiro logar, para o Instituto, a imagem respeitavel do conego Januario da Cunha Barboza, 1.º Secretario perpetuo e fundador d'esta illustre sociedade. O elogio d'este illustre Brazileiro, d'este litterato, orador e philosopho, do redactor do *Reverbero*, e do cantor de *Nictheroy*, se reune em duas palavras: A Independencia e o Instituto.

No apostolado das lettras o seu fervor foi como a traita do condor; magestosa, progressiva, e igual desde o seu começo até á sepultura. Nenhum braço, lavado nas aguas melodiosas do Carioca, roteou esta terra com mais afinco, e procurou semear n'ella idéas civilisadoras, elementos grandiosos.

Os annos, á proporção que lhe podavam o brilho da juventude pareciam roborar sua actividade, e alentar seu nobre fanatismo

pelas lettras da patria: parecia que cada ruga, que o tempo burilava em sua frente, era a inscripção de um monumento que elle erigia á gloria do Brazil.

A minha voz n'este recinto, Senhores, pertence á historia: e se no mundo houvesse outra linguagem mais digna de vós, e superior á verdade, eu a empregaria no grave ensejo em que me acho, e onde a luz da verdade deve apparecer com toda a pureza do seu brilho, para esclarecer os ausentes e as gerações futuras. Porque a verdade, Senhores, é a estatua mais digna, mais perfeita e mais eloquente que se póde collocar sobre o mausoléo de um morto.

E' ocioso proseguir no elogio d'este Brazileiro incansavel na sua missão de idealista, e no desempenho de uma vida cheia de contrastes, que oscillou entre a gloria e o exilio, entre a abundancia e a miseria ; é ocioso mostral-o como uma pendula sagrada movida pelo amor da patria, e impellida a cadenciar entre a modestia e o genio.

Seria ocioso proseguir n'esta tarefa, quando o programma d'esta solemnidade vos faz aguardar um elogio do nosso finado irmão, traçado pela erudição de um varão consummado nas sciencias, nas lettras e nas artes, e dictado pela mais estreita e desinteressada amizade.

No dia 22 de Fevereiro de 1846, dia nefasto para o Instituto Historico, recebeu tambem a terra o corpo virgem de Antonio Francisco Dutra e Mello.

A morte d'este joven, que um trabalho imprudente envelheceu na idade de vinte e dous annos, foi de uma grande perda para a patria: havia n'elle tudo quanto se póde crear de grande e de sublime. A sua capacidade se assemelhava a um vastissimo terreno, entrecortado de rios crystallinos e de bosques frondosos ; circulado de marmores e baseado em metaes preciosos ; abraçando uma bahia como a do Rio de Janeiro, e contendo em seu seio, em suas dimensões, em seu clima benefico tudo quanto a imaginação e as sciencias podem calcular para a fundação de um rico emporio, de um centro capaz de permutar com o universo suas riquezas e suas idéas.

Elle lia Virgilio como um Romano, Milton como um filho do Tamisa, e Châteaubriand como o espirituoso habitante das margens do Sena. No centro do seu modesto gabinete, nas horas de repouso de um pesado magisterio, conversava com Eschylo e Herodoto, balbuciava os threnos epicos de Klopstock, os hymnos de Gœthe; abria as suas azas para voar por cima do Libano, com a Biblia na mão, com a harmonia do Hebraico, para se ir sentar no meio d'essa Asia sanscrita, no centro d'esse delta talhado pelo Indo e pelo Ganges, pelas alturas do Himalaya, pelas ondas do mar luso, e ahi contemplar o berço da humanidade.

Hoje só temos d'elle os seus primeiros e derradeiros cantos: foi como a cigarra clangorosa, que amanheceu n'um dia radiante de belleza, e que entoou no seu primeiro canto o seu canto de morte.

As suas poesias parece que elle as escrevêra já sentado no esquife; ellas tem a côr do lucto, e ressumbram o halito da sepultura; ha n'ellas um véo de tristeza, como a mortalha que o vestiu; uma pureza d'alma, um sentimento profundo da sua pouca duração, um desejo constante de desertar do mundo, e uma anciedade de fugir da terra para ir habitar os céos.

E o anjo desappareceu; e com elle a sombra de um engenho, as esperanças de um grande varão; de um filho que era o prototypo de todas as virtudes; este anjo, nascido na pobreza, se educou na orphandade.

Um d'esses homens que concentram no seu nome uma parte da gloria do seu paiz; uma d'essas realidades espantosas que honram em todos os seculos os seus contemporaneos, desappareceu para sempre. O nosso socio honorario, o senador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva já não honra o parlamento brazileiro com a sua eloquencia.

O ultimo dos tres Andradas, o membro d'aquella tripode fraternal onde o Brazil sentou-se sobre as margens do Ypiranga para, nos seus dias de gloria, na sua augusta emancipação, proclamar ao mundo inteiro — Independencia ou morte — baixou á sepultura

coroado de gloria, e no meio do sentimento geral de todo o Imperio. Os homens de todos os partidos politicos choraram o illustre Brazileiro no seu leito de agonia, e collocaram sobre o seu tumulo louros, cyprestes e saudades.

Este triumpho, Senhores, só é dado ao verdadeiro merito; só é colhido, nas épocas criticas, por essas capacidades incontestaveis, que hão firmado com os tempos os titulos da sua gloria.

A vida d'este immortal orador, d'este recondito erudito, d'este homem talhado á antiga, que reunia tão altas convicções, tão profundos conhecimentos, tanta singeleza e tanta elevação, se apresenta como as sinuosidades volcanicas dos Andes, ou como o condor americano, librando-se n'um céo tempestuoso, e atravessando incolume nuvens carregadas de trovões e de borrascas.

Elle cingiu a alva e o baraço da infamia, depois de maniatado como um escravo e sepultado n'um carcere secreto; d'ahi foi refulgir em Lisboa, no seio das côrtes portuguezas, e teve de atravessar um bosque de punhaes, que luziam nas mãos de uma gentalha açulada pela imprudencia.

Depois de haver assistido a esse espectaculo unico, á inauguração da primeira Assembléa brazileira, depois de haver ahi trovejado eloquencia, e despedaçado os ultimos anneis das cadêas coloniaes redigindo uma constituição, soffreu uma injusta deportação, o esquecimento, e a ingratidão de seus contemporaneos, de seus timidos admiradores.

De regresso á patria, quasi desabusado, dormindo o placido somno da vida privada, foi despertado pelo estrondo da queda do throno americano; correu para sustar o turbilhão devastador, e foi por elle arrastado até perder o equilibrio de sua alta razão; e exilou-se voluntariamente a convalescer dos soffrimentos de um sonho mallogrado.

Rehabilitado de novo, no auge de sua gloria, cheio dos respeitos e admiração de seus contemporaneos, e dos louros de seu alternado destino, ajudou com seu braço a rasgar as empoeiradas cortinas que tapavam o solio americano, e a collocar no seu legitimo

throno esse orphão sagrado, esse augusto herdeiro do sceptro brazileiro, esse Tito almejado por um povo cansado de esmaniar em oscillações sanguinarias, em represalias desmoralisadoras, em transformações repentinas, em reformas superficiaes, em uma febre ardente de liberdades, em uma menoridade que havia demonstrado praticamente a impossibilidade de se realizarem todas essas harmonias populares, todos esses dourados sophismas forjados por aquelles que haviam preparado os elementos da abdicação do fundador do Imperio.

A estrella de Antonio Carlos tres vezes brilhou no meio da tempestade, e tres vezes se eclipsou entre o redomoinho de sua effervescencia.

Seu coração parecia reanimar-se, sua alma parecia agigantar-se, todas as vezes que o archote da adversidade salpicava em sua fronte as faiscas de um fogo devorador. Sua fronte se alisava de uma serenidade heroica á vista do escarneo, dos sarcasmos e de todos os manejos da intolerante mediocridade; havia n'elle uma profunda convicção do seu valor, um sentimento poderoso de sua honradez, e uma força activada pela alavanca do genio.

No anno de 1817, no vigor da idade viril, na madureza de todas as suas convicções, soffreu, e soffreu muito por amor da liberdade; por amor de uma prematura liberdade, que em seu coração brazileiro fervia como o rescaldo de um volcão.

A Providencia, quando o arrebatou da mão do algoz e o fez encerrar no fundo de um ergastulo, ahi mesmo, Senhores, lhe abriu um campo maravilhoso para novas conquistas, e para mais captar a admiração dos homens.

Novo Socrates, ungiu seus labios com os dictames sagrados da sciencia, e entre a morte e a liberdade, entre o patibulo e a esperança, senhoreando todos os azares, jámais vergou seu animo ante os horrores de um futuro ameaçador. Alli, no logar do crime, n'aquelles muros ennegrecidos pelo halito das blasphemias dos condemnados, por mãos conspurcadas de sangue, pelo roçar de corpos impuros; alli, placido, resignado, abriu de seu cerebro os

cofres do seu engenho, pousou em seus labios o cirio de sua palavra luminosa, e instruiu seus socios de desgraça no estudo das linguas, da historia e das sciencias sociaes e philosophicas. Homens té alli votados á servidão sahiram do carcere instruidos, purificados, e capazes de se aperfeiçoarem nas sciencias e no magisterio: eu conheci, Senhores, um caboclo, que tinha compartilhado a sorte do infeliz Caneca como seu creado, que n'aquella universidade chapeada de ferro e vigiada por baionetas tinha alcançado o grão de um habil advogado.

Este facto, Senhores, é tão sublime, tem rasgos tão gigantescos, eleva tão alto o caracter brazileiro, que occupará sem duvida a musa dos futuros engenhos, e os pinceis dos nossos vindouros artistas.

Insinuado n'aquelle transe para que pedisse perdão, para que implorasse a clemencia do Senhor D. João VI; do fundo do calabouço das Cinco Pontas o gigante sacudiu suas cadêas e bradou: «Perdão a Deus sómente eu peço; ao rei peço justiça.»

Em Outubro de 1820 atravessa o oceano o grito de liberdade soltado em Portugal, á imitação da Hespanha. Absolvido finalmente pelos tribunaes, se lhe abrem as portas da prisão, e Antonio Carlos é conduzido em triumpho a bordo de um navio, não como um relaxado, mas como o representante da sua provincia, como deputado brazileiro. Eil-o desembarcando em Lisboa, na vaidosa e despeitada metropole; toma assento nas côrtes, n'essa liça brilhante, cuja têa era tecida de pensamentos nobres e erroneos, e onde a par de admiraveis idéas se mesclavam as de uma politica infantil, baseada n'um direito que havia caducado perante os acontecimentos do seculo, perante a posse de regalias que impossibilitavam um subito retrocesso.

O nobre campeão enrista logo a lança de sua dialectica cerrada e inesgotavel, trava-se com os mais valentes e adestrados cavalleiros; ameaça e defende os inauferiveis direitos da sua patria, consagrados por Deus, pelo tempo, que é o maior dos reformadores, pela posse de um throno paternal, e pelos deveres da fraternidade: mostra que a mãi não se deveria tornar ma-

drasta, e estigmatiza esse punhado de homens inquinados de um infundado orgulho, de uma intolerancia, que devia fructificar tantos males ao desgraçado Portugal. As agonias de uma vaidade decrepita eram as alavancas d'aquella fracção parlamentar, que apressou a crise, e que desfechou o raio da separação: ella não via na cegueira do seu triumpho ephemero que era impossivel a tolerancia de arestos injustos e quasi que fratricidas, e que nenhum povo póde escrever leis sobre a tarima de uma catasta, e remoçar com o tinir das cadêas de seus filhos.

Já era tarde, Senhores, quando o congresso mediu a profundidade do abysmo que cavava, e quando os seus membros generosos fizeram todas as manifestações de uma cordial reconciliação. Em vão bradavam de todos os lados: vinde, vinde, que não sois mais uma raça espuria: sois todos Portuguezes, somos todos iguaes. O oceano se havia agitado, e impedia que se ouvissem taes vozes!

Antonio Carlos deixa precipitadamente Lisboa, e se asyla em Inglaterra.

Eil-o de novo no mar; eil-o de novo regressando á sua querida patria, e relendo no meio do oceano esta carta que lhe dirigira o principe regente do Brazil, o Senhor D. Pedro I: carta que será sempre um padrão de gloria para a sua fama, e um diploma eterno de benemerito da patria. São estas as palavras do fundador do Imperio.

« Meu amigo e do meu amigo Brazil. Constando-me que ao congresso não foram apresentadas algumas das minhas cartas escriptas a meu pai, as quaes lhe deviam fazer conhecer os meus sentimentos, amor do grande e fertil Brazil, e zelo nacional; busco este meio remettendo-lh'as todas para que me conheça, e os meus pensares, e possa (se as não tiver ainda visto) pedil-as para que se façam publicas.

« Eu o conheço como o mais digno deputado americano; conheça-me a mim como o maior Brazileiro, e que pelo Brazil dará a ultima gotta de sangue.

« Resta-me dizer-lhe que se lá não o apoiarem, em logar de se cansar com debates, volte, que os Brazileiros o desejam cá para as suas côrtes municipaes.

« Tomo esta deliberação de me expressar assim porque conheço que é um verdadeiro Brazileiro, e de mais Paulista, estimado de todos seguramente, e mui em particular — D'este seu amigo — PRINCIPE REGENTE. »

Esta carta, de 30 de Abril de 1822, é toda do punho do Augusto Fundador do Imperio.

Ressumbra no contexto d'este sagrado e historico documento a Independencia do Brazil.

O seculo bradava por toda a parte : « é impossivel uma recolonisação. » Borges Carneiro havia ateado o incendio com seus baldões, com seus insultos aos filhos do Brazil, e sobre tudo com o seu infundado desprezo, ... que.....

Não; o universo portuguez não podia ser mais escravo d'aquelles que nasciam na terra do Reino, na patria sagrada dos novos Bramenes, d'aquella raça que se proclamava — pura — e que se arrogava o privilegio de dominar, e de ser a herdeira legitima de tanta gloria, de tantas palmas, de tantas victorias, de tantas conquistas, e de um nome proclamado pelo oceano e pelas quatro partes do mundo.

E o que eramos nós, e o que eram nossos irmãos espalhados pelo universo? O que eramos nós, que tinhamos no peito a cruz de Ourique, e nos labios a lingua do Camões.— O seculo decidiu.

No dia 7 de Setembro de 1822, nas margens do Ypiranga, o filho de Affonso Henriques consummou a obra!

Antonio Carlos chega ao Brazil, toma assento na nova assembléa constituinte, e ahi redigiu esse projecto de constituição, que serviu de base á que nos deu o Fundador do Imperio.

Este homem vehemente havia nascido para soffrer, para ter uma vida cheia de contrastes: eil-o de novo entre bayonetas, e saudando ironicamente uma bocca de fogo como á soberana senhora das nações! Eil-o encarcerado no rochedo da Lage com os mais fortes campeões da Independencia! Que singular peripecia!

O Principe era então mui joven e inexperiente: elle não sabia

n'este jogo revolucionario conhecer as cartas pelo tacto, como os velhos jogadores que se haviam apoderado de sua confiança: elle ignorava ainda que as decadas da historia de sua nova creação se marcariam pelas pegadas dos seus passos, e que a memoria dos povos é um documento incontestavel. Comtudo, Senhores, esta violenta deportação foi obra da vontade do Principe, foi-lhe arrancada por homens que encubriram sua ambição com a mascara do zelo, e o seu interesse com um simulado patriotismo.

Os acontecimentos occorridos n'aquella inesperada deportação abordo do navio que os conduzia, eu tremo de os narrar. A historia ainda não divulgou esse horrivel acontecimento, essa especie de Odysséa, esse naufragio sui generis, essas revoltas, essas traições, essa fome; e a energia de José Bonifacio, e as representações ao governo da Hespanha. Mas quando o divulgar, a posteridade hade tremer, como eu estremeci ao ouvil-o da propria bocca das victimas, com uma serenidade patriarchal, e com aquelle amor com que narramos os perigos do passado.

Em 1828 regressou do exilio Antonio Carlos com seus illustres irmãos: o processo que se havia instaurado sobre infundadas culpas tinha cahido e rehabilitado sua innocencia. Ainda me recordo da impressão que fizera sua chegada! O nome dos Andradas era um nome fascinador para toda a mocidade do meu tempo; uns descreviam as suas feições e gestos, outros recitavam de cór valentissimos trechos do orador nato, e todos lamentavam a sua forçada ausencia: e eu vos asseguro, Senhores, que a primeira vez que vi o veneravel José Bonifacio, beijei-lhe a mão, aquella mão tão alva e tão descarnada, que havia firmado a Independencia da minha patria.

Antonio Carlos me parecia um heróe d'antiguidade, uma victima do ostracismo, uma d'essas imagens reproduzidas pelo cinzel grego, e escapadas debaixo das ruinas de um imperio.

O erro maior dos tres Andradas era baseado n'uma louvavel virtude, baseado na sua união fraternal; eram elles consideradamente congeneres nas idéas, e no seu desenvolvimento, na sua practica, possuindo entretanto tres temperamentos di-

versos: esta solidariedade, tão santa e tão rara na terra, os irmanava no talento, na probidade e no amor da patria. José Bonifacio era a sciencia, Martim Francisco a administração, e Antonio Carlos a eloquencia.

Homem admiravel! Homem inabalavel: no meio dos escravos e aduladores, que plantavam nossa corrupção, firme em suas crenças, ousava fallar de liberdade: Homem incorruptivel: os triumphos da impunidade, a abundancia dos prevaricadores, a indifferença para o genio, as saudações á prosperidade ephemera, as conquistas da hypocrisia, com pobreza nunca o poderam alterar. Homem desinteressado: collocado no mais alto grão da sociedade, no ponto mais nobre da escala do cidadão, cheio do reflexo da gloria do martyrio, nunca se curvou ao idolo da avareza, a esse Deus das gerações corruptas, que se assenta n'um throno de lodo chapeado de ouro; nunca para elle os meios justificaram os fins; sempre cavalheiro, sempre enthusiasta, não foi assaz comprehendido pela maior parte dos homens. Os seus inimigos capeando a propria fraqueza artefactaram sophismas, que metamorphoseavam a sua alta franqueza em orgulho, a sua vastissima erudição em pedantismo escolastico, e a sua ardente imaginação em volubilidade. Elles desconheciam, ou fingiam desconhecer, que os grandes caracteres atravez das revoluções, ou devem acabar inglorios debaixo do cutello, fugirem, arrebentarem de magoa, ou acceitarem as consequencias, as modificações operadas em um laboratorio composto de tantos e tão heterogeneos elementos: porque elles tem um unico fim, um unico alvo: a patria.

Em 1831 Antonio Carlos obteve um grande numero de suffragios para o alto posto de regente do Imperio: a sua candidatura, naufragando na urna da representação nacional, não o annullou para ser eleito enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto ao rei de Inglaterra.

N'essa época terrivel, n'esse grande incendio das idéas monarchicas, applacado no alto pela Regencia, e fóra d'ella pela mão poderosa de Evaristo Ferreira da Veiga, era-lhe necessario tomar um partido: e elle seguiu aquelle que mais alto proclamava as idéas monarchicas, e que se dizia seu unico defensor.

Emmaranhado nos delirios das discussões da imprensa, victima da satyra, ausentou-se do Brazil para contemplar de longe a tempestade. Com o seu habitual cavalheirismo, o illustre Andrada foi constrangido a partilhar todos os disparates do seu partido, e a soffrer com animo inabalavel os baldões lançados por seus contrarios sobre aquella fronte onde se enthesouravam riquezas tão grandes e tão raras de adquirir no curto espaço da vida, e no meio dos vaivens da fortuna.

N'aquella cabeça respeitavel se encontravam todas as harmonias da intelligencia; a sua prodigiosa memoria era como o bronze, que depois de moldado fica com fórmas inalteraveis. Em oito linguas conversava com os mortos e os vivos, e possuia todos os thesouros da antiguidade classica com a mesma certeza e profundidade que um Visconti ou um Carlo Fea.

Eu o vi, no seu desterro voluntario, vivendo como o mais simples estudante no seu trato, e como um illustre sabio nas bibliothecas e na companhia dos varões os mais abalisados que ornavam a intelligencia da França.

Rematarei este leve bosquejo, este mal acabado contorno d'aquelle colosso litterario, d'aquelle insigne jurista, lembrando-vos que no seu novo regresso á patria ainda o illustre Andrada foi chamado ao parlamento ; que elle foi um dos primeiros ministros na maioridade, que foi escolhido pela briosa provincia de Pernambuco para seu senador : o Senhor D. Pedro I o fez grão cruz do Cruzeiro na Independencia, e o Senhor D. Pedro II seu camarista na sua maioridade.

Em todos estes balouçamentos da sua vida, em todos estes contrastes de grandeza e de desgraça, foi sempre o mesmo homem ; e morreu possuindo o pouco que herdára de seu honrado pai.

Um complemento á sua vida e á sua memoria vos será apresentado por um dos nossos illustrados socios : chamo-lhe um complemento porque a ordem do programma me faz preceder ao eloquente orador, cujos brilhantes talentos vos traçarão um quadro completo dos feitos patrioticos de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.

Em uma de vossas sessões, uma das primeiras capacidades do

Imperio vos traçou a vida e feitos do Marquez de Paranaguá. O vosso orador nada tem que juntar a esse quadro magistral senão o seu profundo respeito, a confissão da sua insufficiencia, e a sua ufania patriotica por ver aquelle illustre morto passar á posteridade pelas mãos de outro sabio, e de outro artista de igual merito nas lettras e nas sciencias.

O Instituto perdeu igualmente o reverendissimo Bispo de S. Paulo; e o lente Fr. José de Santa Eufrazia Peres, homem de virtudes, que occupou os mais altos gráos da ordem carmelitana, e que muito se distinguiu no ensino da philosophia e das sciencias ecclesiasticas: A vida d'este religioso foi deslisada entre o estudo e a practica de suas virtudes austeras.

O Cabido e o Instituto lastimam a perda de mais dous sacerdotes: o conego José Luiz de Freitas e o conego Antonio Marques de Sampaio. Ambos finaram cobertos de serviços á igreja e á humanidade.

O primeiro era um amavel improvisador na cadeira da verdade: o immortal bispo D. José Caetano da Silva Coutinho o levou por toda a parte, por essas longas e cansadas visitas que tanto o fizeram amado, e que tanto concorreram para a salvação das almas e para a boa disciplina do clero. No exemplo d'este grande mestre bebeu o nosso finado consocio essas virtudes, essa generosidade evangelica, essa modestia no trato, essa grande actividade que o faz lembrar na memoria de seus freguezes, e de todos aquelles que o viram no honrado e laborioso posto de vigario da freguezia do Sacramento.

O conego Sampaio tambem era um orador; as suas practicas tinham, além dos seus talentos, o cunho de uma santa uncção, o sello de suas virtudes, e o caracter de sua vida bemfazeja. Parece incrivel, Senhores, que os pais de familia d'esta populosa cidade recusassem entregar seus filhos nas mãos de um sacerdote tão respeitavel, e tão instruido como era o conego Sampaio, para os aventurarem ao ensino e á educação do primeiro charlatão ou aventureiro que arriba em nossas praias, sem outras habilitações que a sua ousadia, a sua impudencia e a sua fallacia.

O conego Sampaio, fundado em falsas promessas, havia pre-

parado com todo o esmero e brio um vasto collegio na Ilha do Governador, em um sitio aprasivel como o promontorio Sunio, como aquelle logar onde Platão se deleitava em colher da natureza suas maravilhas, e trasvasal-as na mente de seus discipulos.

O seu plano de educação, que era firmado nas mais sãas doutrinas do Evangelho, e elaborado por uma consummada experiencia, daria em resultado aos pais filhos obedientes, modestos e religiosos, e cuidadosamente iniciados nas lettras humanas.

Annuncia e abre o seu collegio abundante de promessas. Um só homem o acha digno de educar seus filhos ! Voam os dias, pagam-se os salarios de mestres alojados no estabelecimento ; o seu cofre, o cofre do homem honrado, se desfalcava, e o illustre preceptor desabusado em suas esperanças, combatido por tão terriveis resultados, é assaltado pela morte, deixando a patria no momento em que elle lhe ia ser tão util e tão precioso.

Aquelle faceto deputado que tantas vezes estigmatisou com seu espirito pungente os vicios politicos da quadra, o maranhense Estevão Raphael de Carvalho já não pertence á lista dos vivos. Todos esses Spartanos tropicaes, embalados pela mão de um escravo á sombra das palmeiras, fruindo a suavidade de um clima oriental ; todos esses Timoleons pacificos, que colhiam ovações ao clarão dos cirios das sociedades secretas, sacrificando tudo ao seu bem estar, e bofando dia e noite libellos de empreitada contra uma imaginada tyrannia ; todos esses Brutos e Graccos dos bailes e festins, que se sentavam na praça publica cantando ao som de voluptuosas arias o hymno exterminador da realeza ; todos esses turbulentos possessos, esses Demosthenes da cartilha de Alfieri e de Dumarsais, foram por elle atados ao pelourinho do ridiculo ; e ao som de sua voz, no parlamento, foi aniquilada e dispersada essa caterva de ociosos, que se denominavam — os patriotas. O nosso consocio completou a grande obra do ministro Diogo Antonio Feijó.

No posto de representantes do Governo Imperial foram de subito privados de servirem a patria o Visconde de Itabayana e o amavel joven Wenceslão Antonio Ribeiro.

O primeiro, o mais antigo diplomata brazileiro, completou a sua peregrinação no alto posto de ministro plenipotenciario junto á côrte de Sua Magestade o Rei das Duas Sicilias.

O Visconde de Itabayana era um d'esses homens que ao nascer se constituem logo individualidades, e que marcham pelo mundo escorados no seu proprio merito : discipulo da escola antiga, escravo das formulas, nunca colheu um desagrado proveniente de uma distracção. Nas importantissimas missões diplomaticas de que o incumbiram sempre se houve com uma consummada prudencia.

Na quadra da Independencia, e sobre tudo n'esse intrincado labyrintho dos negocios de Portugal, elle se houve de uma maneira honrosa. E' talvez á sua perspicacia e habilidade que a Rainha de Portugal deva uma parte da segurança do seu throno n'aquella época em que um mau tio, e mau irmão, calcava aos pés a nacionalidade de um povo e as proprias leis que lhe garantiam o posto de Infante. O governo da Rainha concedeu ao nobre visconde uma boa pensão em paga dos grandes serviços que fizera, não só á causa d'aquella soberana, como tambem a seus subditos emigrados.

Wenceslão Antonio Ribeiro, encarregado de negocios em Santiago do Chile, foi arrebatado á patria na flôr dos annos, no meio dos sonhos da esperança.

Era este moço de um coração magnanimo, de um trato encantador, de uma instrucção variada e fortalecida por longas e estudiosas viagens : escrevia e fallava as mais cultas linguas da Europa, amava as bellas artes, e possuia o fogo sagrado do enthusiasmo por tudo quanto é bello, sublime e grandioso. No dia 12 de Dezembro de 1845 perdeu o Brazil este cidadão na flôr da mocidade, e cheio de lisongeiras promessas.

Somos chegados ao conselheiro José Ricardo da Costa Aguiar e Andrada, ex-deputado ás côrtes portuguezas e á constituinte, ministro do tribunal supremo de justiça, e sobrinho dos immortaes Andradas. No nosso paiz, quando uma sepultura se abre e recebe um cadaver amortalhado com uma folha de jornal, julgam os indifferentes que o benemerito acaba com os mais altos

sacramentos, com os sacrificios expiatorios, com todas as oblações funereas que se podem prestar a um grande homem; uma simples necrologia não é bastante; são necessarios esses louros, essas apotheoses repetidas com que as nações civilisadas adornam o tumulo dos seus varões illustres.

O conselheiro Aguiar era um homem prodigioso, era um homem da mais alta civilisação, um homem do futuro. Como deputado brazileiro na época da Independencia preencheu a sua commissão com um nobre desempenho; como magistrado era o prototypo da probidade; e como cidadão era um modelo de amenidade e docura para com todos.

O estrondo das batalhas, o silencio do gabinete, o tumulto das assembléas, a solidão do peregrino, o borborinho dos theatros, o socego das bibliothecas, o turbilhão das capitaes, a mudez da contemplação, os gozos ineffaveis da meditação, os triumphos tumultuosos das victorias, formam o tecido alternado da vida d'este illustre Brazileiro, d'este homem prematuro para a nossa civilisação, e que morreu estreitado na toga do seu recolhimento, depois de haver libado a longos sorvos todos os prazeres do philosopho.

Do Tamisa ao Jordão, do Neva ás pyramides de Memphis, do Etna ao Olympo, do Tejo ao Bosphoro, e do Elba ao Tibre, nada se encontra de grande, de historico, que não fosse observado por esse nobre Paulista, por esse peregrino incansavel nas suas pesquizas.

Elle ainda escutou os ultimos accordes d'esse hymno dos cedros do Libano, que a musa de Lamartine tachygraphára em um claustro maronita; curvado ante o sepulchro do Grande Reparador, collou a sua fronte sobre a pedra fundamental da religião da victima do Golgotha; guiado por Pantaleão d'Aveiro e Châteaubriand percorreu essa via lacrimosa, essa estrada sagrada, salpicada com o sangue do Crucificado; purificou a sua fronte com as aguas do Jordão, olhou para o céo de sobre o monte das Oliveiras, e contemplou o deserto historico de sobre o monte Sinai.

No crystallino e azulado Bosphoro espelhou-se enamorado; e

sobre as ruinas do hippodromo de Theodosio, n'essa dourada Byzancio, o filho do novo mundo meditou sobre a campa dos Cezares, sobre a prodiga herdeira de Roma, sobre o tumulo das artes, sobre as miserias do homem e as transitorias grandezas da terra.

Alli, ladeado pelas sombras de duas religiões, de duas civilisações, sepultadas debaixo das ruinas da cidade de Constantino, embalsamadas nos carneiros da historia, via o nosso illustre compatriota abrir-se um novo columbario para receber a espada de Islam, o pallido crescente, e o ensanguentado alcorão, que teria avassallado o mundo com o seu braço fatalista se nas planicies de Tours a espada de Carlos Martel não lhe impeasse os passos sanguinarios.

A náo e o carro do Europeo lhe eram tão familiares como a jangada brazileira e a caravana do Oriente. As tempestades do oceano, os perigos do deserto, a furia dos alarves, as vexações de embrutecidos Effendis, de avarentos Janisaros, dos Arabes errantes, o fogo das arêas ardentes, a peste, a fome, os gelos do norte e o suão meridional, todos os trabalhos e privações do peregrino foram superados por esse filho do Brazil, que jámais arripiou diante dos contrastes e da incerteza, para proseguir triumphante em suas nobres perlustrações.

Havia n'elle aquella mysteriosa alavanca que impelle o homem à poesia contemplativa ; havia n'elle aquella sêde devoradora do estudo, que só se mitiga á sombra dos delubros de magestosos templos, e com beijos repetidos nos frios marmores dos sepulchros dos imperios, nos cenotaphios carcomidos das civilisações extinctas, que hojesó vivem na palavra historia.

Para esta grande empreza, o filho da America se havia munido de quasi todos os idiomas da Europa, das linguas turca e arabica e seus quatro dialectos. Sentado debaixo da tenda hospitaleira do Arabe, fruindo praticamente o quadro dos tempos patriarchaes, no meio d'essas tribus que atravessaram os seculos e as revoluções com os usos e costumes que a Biblia nos descreve, o conselheiro Aguiar, drogmane da Europa e da longinqua America, praticava com o christão e o musulmano de uma maneira familiar e sorprehendedora.

O conselheiro Aguiar afastou-se do turbilhão politico para legar á patria monumentos mais duradouros, mais proficuos á gloria nacional e á civilisação americana, do que esses torneios de recriminações quotidianas, do que essas péllas jogadas pelo egoismo, do que esses vaivens de mesquinhas individualidades, que devoram um tempo precioso para uma nação que principia, e só plantam as raizes de novos embaraços. O conselheiro Aguiar escreveu, e escreveu para a gloria do seu paiz.

Restam-nos de suas preciosas lucubrações duas grammaticas, uma da lingua turca e outra da arabica, varios escriptos sobre as provincias do Norte, tudo em estado de ver a luz da imprensa. A morte o sorprehendeu na idade de cincoenta e oito annos, no meio do mais delicioso trabalho, do saudoso limar de sua ultima viagem ao Oriente. Copiarei aqui, Senhores, as tocantes palavras de um seu biographo, porque ellas são um digno trophéo á sua memoria:

« A magistratura brazileira perdeu um dos seus mais brilhantes ornamentos, e a patria um dos seus importantes servidores.

« A musa das viagens chora a perda do illustre viajante; choram-no sua familia e seus numerosos amigos; e o mundo litterato lastima a morte de um profundo philologo, e todo o Brazileiro a de um sabio e honrado magistrado, e respeitavel cidadão.

« Os religiosos do Santo Sepulchro carregaram-lhe o corpo da porta do templo até o seu jazigo derradeiro. Foi para elles um dever doloroso, e quasi que uma missão providencial, por se acharem no Brazil a tempo de saudarem pela extrema vez o peregrino que os fôra visitar em tão longes terras : elles foram como os Gregos acompanhando o corpo de Byron, ou como os Polacos esparzindo a terra da Polonia sobre os restos de Delavigne, murmurar suas saudades de gratidão sobre o corpo do viajante da Terra Santa. »

O Visconde de Osery, de que já vos fallou de uma maneira tão digna o nosso Secretario perpetuo, foi victima de uma imprudencia : nas aguas do Solimões se sepultaram com este nosso consocio um thesouro de idéas, que o tempo e os embaraços das viagens lhe haviam vedado exarar em seus manuscriptos. Apezar

da capacidade de seu companheiro o conde de Castelnau, a sua viagem, esse monumento americano não hade ser tão perfeito e tão harmonico em ambas as especialidades.

Temos de lamentar a perda do illustre geographo Mr. J. B. Eyriès, homem de labor, e o traductor de Humboldt e do principe Maximiliano. Era um d'esses sabios que affeccionavam a America, e sobre a qual não cessou de escrever.

O Instituto já deplorou sobre a sepultura de Bernardo Jacintho da Veiga, irmão do illustre Evaristo Ferreira da Veiga, a perda d'este benemerito e modesto cidadão. A' sua intelligencia deveu a escolha de ser nomeado para o primeiro cargo de administrador da importante e vasta provincia de Minas: homem probo e activo, morreu nos braços de seu illustre e bemfazejo irmão, chorado por todos os seus amigos, e no posto honroso e delicado de director geral dos correios.

Todos ainda se recordam d'aquelle bello e corajoso joven, que á frente do povo caminhava triumphante na época da maioridade, d'aquelle representante que activou com seu genio fogoso o desenvolvimento de um facto que tantos bens tem derramado sobre o Brazil; todos ainda se lembram do Dr. Antonio Navarro de Abreu. Pois já não existe; a sua vida foi um delirio rapido; descreveu um circulo estreito sobre tres pontos bem differentes: começou nas aulas, brilhou no alto do parlamento, e eclypsou-se nas grades de ferro do aposento de um alienado.

No leito das agonias da morte, abjurando a seita do protestantismo e abraçado com a imagem do Christo que beija o verdadeiro catholico, findou os seus dias o muito erudito Barão de Planitz.

Trabalhou este sabio nos catalogos da Bibliotheca publica debaixo das ordens do conego Januario; era versadissimo na archeologia da idade media, na arte eraldica de todas as nações, e sabia nove linguas; foi professor de historia e geographia allemãa no collegio de Pedro II, e falleceu nos braços dos seus discipulos, chorado por elles, que o acompanharam até á sua ultima morada.

N'um retiro voluntario, coberto de desgostos, no leito das

dôres, se eclypsou a musa do conselheiro Joaquim Gonçalves Ledo, nosso socio effectivo, companheiro do conego Januario na Independencia, collaborador ardente do *Reverbero*, procurador de provincia, deputado, homem de luzes, poeta de uma suavidade anacreontica diante do altar da belleza e do amor, e de vôos pindaricos em face da patria, auctor de varios dramas: n'um momento de despeito entregou ás chammas todas as creações de sua musa harmoniosa, todas as flôres brotadas por sua alta inspiração. O conselheiro Ledo tinha uma bella imaginação como poeta, uma lima diamantina como litterato e escriptor, uma cabeça forte como legislador e economista, uma lingua de ouro como orador; mas não possuia a bussola que guia os homens no intrincado labyrintho da politica: a sua intelligencia bifurcava de improviso todas as questões, alongava as linhas do raciocinio em raios tão longinquos, que não podia abarcal-os depois e reunil-os! e ficava proplexo entre os dous extremos de seus raciocinios.

Este caracter, filho de sua viva intelligencia e de seu temperamento sanguineo o constrangia a não poder abraçar um dos lados e n'elle permanecer; esta situação involuntaria o constrangia a ponto tal que se retirou do mundo, e o deixou apoz sua querida esposa. A posteridade não tem culpa da injustiça dos contemporaneos, antes ella é o vingador supremo, o justo reparador d'aquelles que soffreram injustamente: a posteridade releva sempre os desvios do homem, uma vez que elle lhe consagre uma flôr do seu engenho, um legado de sua riqueza intellectual, ou um facto que lhe sirva de proveito.

Na cidade de Lisboa falleceram cheios de gloria duas grandes notabilidades; uma sentada na cadeira patriarchal da Sé luzitana, e a outra no meio de seus discipulos e admiradores.

O cardeal patriarcha Fr. Francisco de S. Luiz, e o mestre dos diplomatas do mundo o sabio Silvestre Pinheiro Ferreira, já não pertencem ao catalogo das glorias vivas da nação portugueza.

Do nosso socio honorario historiador das antiguidades de Portugal, mestre da lingua, vos entreterá em breve o Sr. Raposo de Almeida, que o conheceu, que o amou, que o respeitou, que o

viu coberto de pó na estrada do abatimento, e resplendente de gloria e de santidade sobre o solio sagrado da igreja portugueza, derramando de suas mãos purissimas os thesouros da sua caridade e munificencia.

Do segundo, d'esse idealista incansavel, que depois de haver viajado no mundo das mais altas abstracções desceu a estudar a humanidade, e a procurar um ponto de harmonia onde podesse centralisar os raios disparatados do circulo de seus interesses; d'essa estupenda intelligencia que baixou do céo sobre a fronte de Silvestre Pinheiro Ferreira, vos hade traçar um quadro completo o nosso benemerito socio o Sr. conselheiro Lisboa, amigo do sabio.

A amizade profunda e respeitosa que consagrei ao Montesquieu da Lusitania, as provas que da sua alta bondade recebi desde o momento venturoso em que fui apresentado a aquelle varão illustre, me induzem a lançar n'este recinto uma flôr, uma saudade sobre sua veneranda memoria; não com o sabio, porque me é vedado medir o seu vulto colossal; mas como seu amigo, e amigo de seus virtuosos filhos.

« O throno de ouro em que se assentaram ás portas do céo da gloria o invicto Affonso Henriques, o Infante astronomo, o audacioso Gama, o piloto Magalhães, e o divino Camões, é n'este seculo occupado por ti, ó Montesquieu da Lusitania.

« O raio celeste que esclareceu o genio de Lycurgo e de Platão, essa luz que refulgia na mente de Carlos Magno e do chanceller Bacon; esse astro que illuminou a fronte de Vico e Filangieri, e de Napoleão, tambem rutilou em tua fronte, ó homem pensador.

« Os povos e os reis, acceitando as praxes que coordenaste, ordenam ainda hoje aos seus embaixadores que sigam os teus dictames.

« O *Manual* de Martens, que era um padrão de gloria para a Allemanha, tu o transformaste em um monumento para a Lusitania.

« Genio creador, que do centro da civilisação do mundo mandavas o lume da tua sabedoria ao velho e novo mundo.

« A legislação do universo tinha um sanctuario, que era a tua vasta fronte, que era a tua harmoniosa intelligencia, onde as taboas da lei e a lyra da poesia vibravam accordes o hymno da civilisação.

« A tua alma era como o perfume do insenso, que depois de purificar-se no regaço dos Anjos, desce endeosado sobre o altar, onde se consagra o mais alto mysterio.

« O teu coração era um vaso de amor e de candura; era uma gemma digna de ornar a fronte dos cherubins.

« As tuas mãos se espalmavam para derramarem a caridade, para entornarem balsamo nas chagas do infeliz.

« O teu corpo, mirrado pelas vigilias, era o involucro de um genio, era a fragil capsula de uma intelligencia permanente.

« Se eu tivesse uma palma crescida nas margens do Amazonas, e um lirio colhido no throno das estações, n'essa escada celeste dos Andes, eu t'os consagraria, ancião venerando, amigo da minha patria, homem de um só caracter e de uma só fé.

« Sobre o teu tumulo repousa uma grande parcella da gloria portugueza; repousam as affeições do velho e novo mundo, e a minha eterna saudade.»

Tenho enlutado a vossa paciencia com estes quadros dolorosos, com esta lista de perdas tão grandes, com a narração d'estes naufragios eternos de tantas capacidades; mas já vou findar esta tarefa. Sêde benignos; devemos n'esta solemnidade commemorar nossos irmãos.

Manoel Jacintho Nogueira da Gama, marquez de Baependy, um dos redactores da constituição que nos rege, já não existe.

Viveu este illustre Mineiro oitenta e dous annos, e a sua passagem sobre a terra do velho e novo mundo não foi marcada com o sello da mediocridade.

O Marquez de Baependy foi lente da Academia Real da Marinha de Lisboa, onde leccionou dez annos; tinha grandes conhecimentos medicos, gabados pelos homens professionaes. Escreveu varias obras de summa utilidade para o paiz; traduziu Carnot,

Fabre e Lagrange. Foi varias vezes ministro de Estado, era do antigo conselho de Estado, e teve a subida honra de occupar a cadeira presidencial do senado brazileiro. Na biographia d'este illustre Brazileiro terei a honra de mostrar-vos mais amplamente os seus serviços.

Ligado a este nome, caminhando em igual categoria, carregado igualmente de serviços, quer no campo da batalha, quer no gabinete da administração, quer no seio da representação nacional, se nos apresenta o nosso finado consocio Marquez de Lages.

Não é dado ao homem, Senhores, o poder de atravessar quatro reinados e uma tempestuosa menoridade, ficar sereno sobre as ruinas de uma administração a que pertenceu, atravessar incolume por entre as armas e as pocemas freneticas das revoluções, e dias depois rehabilitar-se nos seus altos gráos da administração, sem que se tenham grandes convicções e provas de haver bem servido, e de estar perfeitamente preparado para exercer tão altos cargos.

O Marquez de Lages serviu á Rainha, ao Rei, ao Fundador do Imperio, ás Regencias em nome do Imperador, e ao Senhor D. Pedro II. N'esta viagem politica e militar atravez de quatro monarchias e de uma menoridade de tres regencias e de tres differentes épocas, este nobre soldado fez sempre uma marcha progressiva, uma ascensão triumphal, como passo a enumerar-vos com a maior brevidade. Cada anno de sua vida lhe grangeava um posto, uma maior dignidade.

João Vieira de Carvalho, que de soldado se elevou á patente de tenente-general, e de cidadão a marquez, era filho do coronel João Vieira de Carvalho e de D. Vicencia da Silva Nogueira. Assentou praça de soldado em 1786, e foi reconhecido cadete em 1796, dez annos depois. Foi alferes em 1801, ajudante do 2° regimento de Olivença em 1805.

Estudou no collegio dos Nobres, e foi successivamente premiado durante o seu curso mathematico, como o provam os honrosos documentos que possue a sua illustre familia.

Na invasão franceza militou na peninsula, mas não quiz servir as armas do conquistador. Deu-se por incapaz de serviço, e

soccorrido pelo marquez de Alorna veio para o Brazil offerecer ao Rei seus talentos e serviços.

No posto de sargento-mór de engenheiros fez as campanhas do Sul dos annos de 1811 a 1812, e de 1816 a 1817. Serviu debaixo das ordens do general Manoel Marques de Souza, e dos capitães-generaes D. Diogo de Souza e marquez de Alegrete. O seu valor e pericia lhe grangearam lisongeiras ordens do dia; e na batalha de Catalão teve por distincção o posto de tenente-coronel: a carta regia de 26 de Julho de 1817 é um documento que muito honra a sua memoria.

Comportou-se sempre salientemente naquelles rigorosos invernos em que cahiram dedos aos soldados, já nos trabalhos das fortificações que dirigia, já nas terriveis viagens que emprehendia atravez do inimigo, atravessando rios caudalosos, perigosos tremedaes, e passando da Lagôa Mirim ao Uruguay com uma actividade e zelo que o honram. Não cansa a leitura d'esses historicos documentos que abonam sua coragem e pericia, e que se tornam respeitaveis pelas assignaturas de tantos guerreiros illustres.

Em 1821 foi o nosso consocio nomeado commandante militar e director da colonia de Nova Friburgo, onde prestou valiosos serviços. Em 1823 foi nomeado fidalgo cavalleiro; em 1824 brigadeiro e official do Cruzeiro; em 1825 barão com grandeza; em 1826 conselheiro d'estado; em 1827 marechal effectivo; em 1828 conde; em 1829 senador do Imperio, cuja cadeira occupou dezoito annos completos, tendo n'esse respeitavel corpo colhido a honra de se assentar na eminencia presidencial.

O nosso socio parecia haver plantado a arvore do seu engrandecimento n'um terreno o mais feliz do mundo. Todas as vezes que sahia do ministerio, recebia a par da sua demissão uma nova graça do soberano! Seis vezes foi ministro da guerra, e serviu interinamente em outras repartições. Homem votado ao paiz, nunca se negou a servir, uma vez que lhe era ordenado em nome do soberano.

Na feliz acclamação e sagração do nosso virtuoso e illustrado Imperador, teve o Conde de Lages a honra de servir de alferes-

mór; e foi por S. M. Imperial elevado a grão-cruz de Aviz em 18 de Julho de 1841, e a Marquez de Lages em 9 de Abril de 1845.

Ah! Senhores! Quão difficil é o atravessar este mundo com um nome isento das manchas da calumnia e dos dardos da inveja?

Felizmente para a familia d'este honrado servidor do Estado existem incontestaveis documentos de sua inteireza e das suas sinceras intenções. Admira a franqueza, a liberalidade e o brazileirismo com que fallava ao Fundador do Imperio nos seus pareceres e consultas. De outra parte se vêem á margem das petições e das propostas, pela propria letra do Senhor D. Pedro I, a sua vigilante protecção á justiça, e os cuidados que elle empregava para que não houvessem preterições.

O Marquez de Lages foi o fundador da escola dos menores no arsenal do exercito, e d'essa companhia de artifices d'onde tem sahido tão habeis officiaes de officio, e tanto amparo aos filhos desvalidos.

Foi elle o que reorganisou a fabrica da polvora, e a mandou para a Estrella; foi quem fez da fortaleza de S. João um asylo para os invalidos.

Todas as accusações que pezaram sobre sua memoria, de haver concorrido para se intentar uma restauração do governo absoluto, cahem diante dos documentos que possue sua nobre familia; documentos que o collocam na situação a mais honrosa, porque o conservam no posto constitucional que havia jurado manter.

Morreu o benemerito marquez com 66 annos de idade, deixando á sua familia um nome honroso, e o exemplo de uma carreira feliz adquirida pelo trabalho e pela fidelidade.

O senador João Evangelista nasceu n'essa terra feliz, que tem dado ao Brazil tão grandes talentos em todas as especialidades. A sua infancia foi emballada n'esse clima que nutriu os genios divinos do padre Rosa, do cantor de Lindoia, de Claudio, de Alvarenga, e do erotico Gonzaga.

O compatriota do epico americano, do cantor do Caramurú, desde a infancia mostrou as mais altas disposições para as lettras e para as artes; e as producções que por ahi correm do nosso finado consocio provam que a flexibilidade da sua musa era elegante e poderosa, quer nos arrojos da poesia grave, quer nos combates facetos do genero de Marcial e Boileau.

Mandado á Universidade de Coimbra, foi este illustre Mineiro o predilecto amigo e companheiro de quarto do immortal José Bonifacio de Andrada.

Na honrosa profissão de advogado, e nos differentes cargos que occupou da magistratura, João Evangelista serviu com uma inteireza proverbial.

Na época da fermentação dos espiritos independentes, foi enviado a S. Paulo para persuadir ao seu antigo camarada de que era necessaria a sua pessôa para aquella perigosa empreza, e desvanecer os perigos que se entolhavam á perspicacia de José Bonifacio, fundados na pouca illustração do Brazil, e na crença de que uma curta civilisação não frustrasse um pensamento tão grande e tão necessario de se realisar.

E João Evangelista lhe chamou: « Os idealistas são os que fazem os seculos, e os seculos não fazem os idealistas. As circumstancias precisam de homens, e o Brazil precisa de ti. Se não tens coragem, se não queres concorrer para o bem do teu paiz, se lhe não tens amor, se estás inteiramente mudado, fica deitado no teu leito, e contempla, cheio de remorsos, a consummação de um facto inevitavel, a realisação de um pensamento que te deve gloriar, e mandar teu nome á posteridade. Tu colherás mais louros n'esta obra, mais bençãos de teus patricios, mais fama no universo, do que aquella que te tem grangeado teus trabalhos scientificos, as tuas descobertas. A independencia está feita no coração dos Brazileiros. »

O velho Andrada despiu as vestes caseiras da vida privada, revestiu-se das armas dos combates, despediu-se de seu honrado irmão Martim Francisco, e veio a esta capital fazer o que o mundo sabe, o que sabe todo o filho do Brazil.

Este discurso, Senhores, eu o ouvi ao proprio senador Evangelista, em casa do Marquez de Paranaguá, por occasião da formação de uma commissão que alli trabalhava para erigir uma estatua equestre ao Senhor D. Pedro I, e da qual eu era secretario.

No dia 25 de Junho de 1846, na idade de oitenta e tres annos, se finou este denodado campeão, este velho intrepido, que a par do Visconde de Cayrú foi sempre um grande sustentaculo do throno, n'aquella crise terrivel em que todas as vozes eram sopitadas pelo estrondo das vozerias de um povo, que esmaniava açulado por invisiveis ambiciosos.

Tambem já não existe o outro combatente d'esse duello terrivel que cruzava as suas armas por cima dos telhados da capital, d'essa lucta que agitava os dous recintos de nossas camaras: esse muro de bronze levantado pela fraqueza humana entre dous velhos amigos se esboroou no claustro do mosteiro de S. Bento. Alli repousa o nosso socio Francisco Alvares Machado: alli repousa o grande Antonio Carlos!

Alvares Machado, na hora da agonia, no meio dos seus amigos e de tudo quanto lhe era mais caro, disse, e disse com aquelle accento soberano e solemne do moribundo:— « E' chegado o ultimo momento das miserias humanas! —» N'aquella grande mente dobrava o sino que lhe annunciava as exequias de um mundo, e n'ella se via o funeral do passado, o esvaecimento d'esse orbe das illusões humanas, que é representado á borda do sepulchro por um estrondo longinquo e por um pouco de fumo, que desapparecem com o ultimo suspiro do homem! E comtudo, Senhores, o nosso finado consocio não tinha passado sobre a terra como um meteoro no deserto, como o homem das florestas do sertão. Deputado eloquente, homem de coração, operador delicado, philantropo conhecido, presidente da provincia de S. Pedro na época d'essa desgraçada lucta, nunca o nobre caracter de Alvares Machado se desmentiu, nunca em sua alma esvoaçaram as incertezas de um peito fraco. Morreu no dia 4 de Julho de 1846, deixando-nos eternas saudades.

Sinto sangrar o coração, fallece-me o animo diante de tantos

mortos illustres, diante d'essas lousas venerandas que narram a gloria d'esses arautos intrepidos, que primeiro cingiram no braço esquerdo o laço e o angulo da Independencia. Eil-os no mundo da eternidade, acobertados pela clemencia divina, fruindo as delicias da bemaventurança dos justos: eil-os no mundo da historia, entregues à posteridade, e atravessando as gerações futuras.

Todos esses protogonistas do grande drama, que verteram lagrimas de dôr e de prazer, que soffreram dos homens, e que foram arrastados em triumpho; que beberam na taça do desterro o fel da proscripção, e que occuparam os mais altos cargos da sociedade, hoje repousam sentados em um solio de luz e de eterna serenidade: hoje, sorrindo-se para a terra que os viu nascer, aguardam o grande restaurador do passado, o juiz que os hade julgar perante a humanidade, e collocal-os no competente posto!

E onde está, Senhores, esse grande reparador, esse ousado vingador das injustiças de uma época que passou ao dominio da historia, e que parece encadeada à verdade pela tradição e pela imprensa?

Talvez n'um canto escuro; talvez batendo as ruas e as praças com seus brincos infantis; talvez agora esteja-se ainda acalentando nos braços maternos; e elle mesmo sem ter a mais leve sombra da sua futura missão, e do importante papel que lhe reserva a Providencia!

A' musa de Luciano assás interlocutores já offerece o tumulo, no theatro da critica, para esses terriveis dialogos em que o philosopho, descarnando o morto, lhe expõe ao sol da humanidade o esqueleto de suas miserias, ou as fórmas de sua belleza heroica, depois de o houver laureado.

Para a musa de Verri se desdobram os quadros brilhantes das noites paulistanas nas margens do Ypiranga! Alli, esvoaçando transparentes como a verdade, radiantes da luz da propria gloria, envolvidas no manto augusto da immortalidade, se veria um grupo de sombras historicas conversando, em torno da pyramide erguida à Independencia, sobre a consummação de um facto, que

deu ao mundo mais uma nação, e firmou na America um sceptro sobre um throno.

Que espantosos mysterios não se revelariam! Quanta luz emprestada, quantos reflexos brilhantes não seriam aniquilados, talvez por uma outra larva sahida do mundo da obscuridade, do seio da modestia, e sem pomposos pergaminhos sellados de ouro, sem uma tunica bordada por bayonetas, e sem louros ensanguentados?!

Ah Senhores! minha alma se extasia diante d'esta magestosa visão, e preliba com a posteridade os gozos d'esses encantos, d'essas saudosas recordações, d'esses rasgos sublimes do engenho brazileiro.

O poeta e o historiador, esses dous gigantes terriveis que se erguem no horisonte da humanidade e no occaso das gerações, hão de vir abarcar todo o nosso passado com a justiça nos labios, com manoplas de ferro, ou com braços meigos e enthusiasticos. Um adornando os tumulos de harmonias, o outro reconstruindo um seculo desmoronado pelo tempo; mas ambos, tocando a trombeta da resurreição, farão as cinzas se aggregarem, os esqueletos vestirem-se de carnes, e a alma do passado reanimar esse mundo que se escoava talvez no erro e no esquecimento.

Oh! maravilha das artes, maravilha do engenho humano, que abysma o proprio homem quando contempla a sua potencia creadora!

Nenhum de nós, Senhores, á hora em que estamos conhece o homem, o retratista que do fundo do seu gabinete, no silencio da noite, apanha e desenha hora por hora as feições variadas dos acontecimentos que correm no dia: nenhum de nós conhece esse occulto tachygrapho de nossas palavras, esse modelador de nossas attitudes, esse terrivel archivista dos documentos que escapam á luz do vulgo.

Talvez agora esteja elle sacudindo de sua modesta fronte a lama com que o salpicaram as rodas da polida berlinda de um arrogante sacerdote do ouro, de uma d'essas victimas já por elle atadas no pelourinho da historia, para zombaria do genero humano, e que passeia na terra tão descuidada como um menino na cratéra de um volcão.

As vozes descompassadas da tribuna, as manobras cerradas dos partidos, a celeuma do povo amotinado pelos conspiradores, o sangue derramado, as lagrimas das victimas, os hymnos dos triumphos, a impunidade e a justiça, a indifferença e os applausos, o crime e o heroismo, tudo, tudo, Senhores, vai ser daguerrotypado e propalado por essa voz da imprensa, que é a fama das cem boccas sonhada pelos antigos e realisada por Guttemberg.

Já se alistaram debaixo do dominio da historia o Fundador do Imperio, quasi todo o seu Conselho de Estado, os tres Andradas, quasi todo o primitivo senado, quasi todos os actores d'aquella época, velhos generaes, soldados, sacerdotes, e.... e em breve o anjo da morte soprará na terra, e novas campas se abriráõ para nos roubarem os preciosos restos d'aquella época gloriosa.

O poeta e o historiador, sentados sobre as pedras que cobrem essas paixões finadas, poderáõ atravez das novas tempestades, do borborinho contemporaneo e dos interesses do dia, navegar sem estorvos e protestos n'esse mundo do passado, tão placidos e firmes como o Indio do Amazonas reclinado na sua rede atada aos ramos de um cedro gigantesco, que desce ao grado da corrente, embalado pela tormenta e acariciado pela esposa que lhe prepara a comida.

Seja-nos sempre grata a memoria de todos estes illustres Brazileiros; seja o nosso reconhecimento a recompensa de suas virtudes, e os nossos peitos o pantheon de sua immortalidade.

Esperai, Senhores, que ainda não me é dado findar! Mal sabia o Instituto que o ponto final do discurso do seu orador seria uma lagrima, uma lagrima do Instituto; não digo bem, Senhores, uma lagrima de todo o Imperio do Brazil.

O Visconde de S. Leopoldo já não existe! Nunca mais se assentará n'esta cadeira presidencial aquelle varão exemplar: nunca mais aqui veremos aquelle sabio, que tantos respeitos mereceu dos seus e dos estranhos.

Na cidade que deu ao mundo Alexandre de Gusmão, o celebre Voador e os tres Andradas, nasceu José Feliciano Fernandes Pi-

nheiro, filho do coronel José Fernandes Martins e de D. Thereza de Jesus Pinheiro, a 9 de Maio de 1774, seis mezes depois do grande Antonio Carlos.

Foi para Coimbra em 1792, e formou-se em canones em 1798. Em Lisboa foi empregado no Arco do Cego, como traductor da lingua ingleza, pelo conde de Linhares. Em Dezembro de 1801 chegou ao Rio de Janeiro, despachado juiz das alfandegas do Rio Grande e de Santa Catharina, e encarregado de creal-as. Foi tambem auditor geral da gente de guerra. Em 1802 retirou-se de Santos para o Sul afim de exercer os seus empregos: lutou com immensos embaraços, e só no anno de 1804 é que pôde crear a alfandega de Porto Alegre e o consulado do Rio Grande. Na creação da junta da fazenda foi contemplado como procurador da corôa, servindo ao mesmo tempo de juiz conservador dos contractos do quinto, dizimo, e inspector do papel sellado. Chamado por D. Diogo de Souza a reunir-se ao exercito pacificador, fez a campanha de 1811 a 12. Tendo vindo ao Rio de Janeiro em 1811, foi predicamentado no primeiro banco com beca honoraria, e graduado coronel na auditoria. Foi membro da primeira junta de justiça que se creou na provincia de S. Pedro.

Em 1821 as provincias de S. Pedro e S. Paulo o elegeram deputado ás côrtes portuguezas, e elle optou pela sua. Em Portugal comportou-se como um verdadeiro Brazileiro, e acompanhou em tudo aos seus honrados collegas. Foi igualmente outra vez eleito pelas duas provincias para a assembléa constituinte, e de novo tomou assento como Paulista. Dissolvida a constituinte, foi nomeado presidente da provincia de S. Pedro, e o primeiro que n'esta categoria governou aquella terra. Fundou, e elle mesmo dividiu os prazos na colonia de S. Leopoldo. Foi o primeiro provedor da Santa Casa da caridade de Porto Alegre, que elle fez servir aos doentes, e organisou a primeira typographia que foi para aquella provincia.

Em 1825, sendo ainda presidente, foi nomeado ministro do interior, e pouco depois visconde com grandeza e conselheiro d'estado. Na creação do senado tomou assento como Paulista.

Foi exonerado do conselho d'estado por causa de uma expressão que usára n'uma carta particular; o visconde beijou o punhal que o ferira tão gravemente, e conservou-se no seu posto de honra com a mesma serenidade: retirou-se do mundo para servir o mundo, e publicou a segunda edição dos seus *Annaes da provincia de S. Pedro.*

Na fundação do Instituto foi eleito seu presidente perpetuo: o Senhor D. Pedro II o nomeou veador e dignitario da imperial ordem do Cruzeiro. Falleceu na cidade de Porto-Alegre em 6 de Julho de 1847, tendo de idade 73 annos, um mez e 25 dias.

Todo o Imperio do Brazil o conhecia: a sua vida é o seu elogio. Em cumprimento do meu dever direi pouco sobre este illustre brazileiro n'esta solemne circumstancia. Está reservada a nobre tarefa de o considerar largamente como homem d'estado, litterato e historiador, ao primeiro luzeiro d'esta nossa associação, ao seu muito illustre e digno successor na cadeira presidencial.

Ligado por mais de um laço á sua honrosa amizade, tendo-o praticado desde a minha infancia, sempre conheci o Visconde de S. Leopoldo por um incansavel estudante.

Como artista mencionarei, cheio de gratidão, o facto de ter elle aberto as portas da Academia das Bellas Artes á mocidade brazileira, no dia anniversario da chegada da santa Imperatriz á terra da Vera-Cruz; foi elle quem venceu os obstaculos que não poderam superar em dez annos os seus antecessores, e que acabou com essa serie de desgostos, que a indifferença lançava sobre homens tão abalisados, sobre artistas de primeira ordem.

Permitti que em dous traços eu vos pinte o caracter d'este homem eminente, porque eu o conheci, porque eu ainda o venero.

Sendo presidente do Rio Grande, no 1º de Janeiro de 1825, aquelle respeitavel cidadão abriu o novo hospital da Caridade, e trasladou os enfermos de uma casa velha para o novo e amplo estabelecimento: toda a cidade de Porto-Alegre o viu, cheio de uncção, com a sua farda dourada, carregando ás costas um

doente deitado em uma rede, e dando este exemplo de humildade evangelica, que foi por todos seguido.

Aqui está todo inteiro o caracter do Visconde de S. Leopoldo. A mão de Deus parecia proteger aquelle santo homem, que nunca afrouxou na estrada da beneficencia: á sua mesa se assentaram não só os seus parentes, como tambem os de sua virtuosa esposa. A sua casa era o templo da honra, da modestia, da economia e da beneficencia.

O Visconde era um homem que possuia todas as mais altas qualidades para bem desempenhar o mais nobre e o mais difficil de todos os cargos; elle nasceu para ser historiador, para illesamente transmittir a verdade dos factos á posteridade.

Nos seus preciosos escriptos, a adulação era substituida por um severo respeito, a superstição por uma crença pura, a inepcia por uma sciencia profunda, cultivada com placido afinco durante meio seculo ; a mocidade pela experiencia, a duvida pelos conhecimentos dos factos, pelos preciosos documentos que colhêra durante os seus cargos administrativos ; os prejuizos que poderia suggerir sua alta posição eram equilibrados pela sua modestia proverbial ; os erros tradicionaes por uma fria e atilada critica ; e os seus soffrimentos, no meio de tantos embates, eram modificados pela sua alta resignação, pela sua paciencia evangelica. Elle possuia a coragem civica no mais alto grào de sua serenidade: o chanceller Bacon havia dado em sua alma o ultimo toque de força no quadro da morte, cujo aspecto deve ser sempre agradavel ao homem que conhece este mundo de dôr, de susurro e de fumaça.

Era grande enthusiasta de Gibbon, mas elle possuia um predicado superior aos do mestre: o Visconde era poeta. E para bem escrever a historia, segundo a demonstração de Mr. Villemain, é necessario ser artista, é necessario ser poeta.

O historiador é obrigado a desenhar sitios, a descrever monumentos, a retratar personagens, a talhar habilmente o drama, e a repassar sua alma do colorido dos tempos, para ser eloquente verdadeiro.

Victima dos acontecimentos desgraçados que tiveram logar na provincia de S. Pedro, o Visconde não pôde gozar d'esse sonho que Horacio lhe infundira na mente, d'esse repouso que deve perfumar o ultimo quartel da vida do sabio, e do honrado servidor do Estado. Sobre o portão de entrada da sua casa de campo havia elle exarado estes dous versos:

> N'estes Elysios, quaes pintou Virgilio,
> Em ocio honroso a vida deslisamos.

O tropel da cavallaria, as balas da guerra civil e o sangue brazileiro derramado sem fructo para a civilisação e a riqueza, lhe desfez esta obra: a capella, a bibliotheca, a gruta de Camões, as inscripções votivas das arvores brazileiras a novas Dryadas, toda essa poesia plastica, toda essa esperança dourada desappareceu, e lhe deixou um monte de ruinas sobre um deserto.

Este venerando futuro que elle preparava, e o acto de carregar publicamente um enfermo da infima classe, nunca foram desmentidos em toda a sua vida sem mancha. As virtudes que o nobre Visconde plantou no seio de sua familia designam altamente o caracter do nosso finado consocio, que eleva a dignidade brazileira a par dos mais bellos modelos patriarchaes que offerece o mundo ás paginas da historia.

A vida d'este benemerito cidadão parece deslisar-se placidamente: é um engano. Tudo era devido á sua alma.

A sua vida unida á vida de seu irmão collaço Antonio Carlos formam um reciproco complemento para o cabal conhecimento da historia da Independencia. Dai-me a biographia completa de dous homens salientes de uma época, dizia um sabio da França, que eu vos dispenso a sua historia.

Estas duas grandes realidades representam os dous principaes elementos d'aquella grande época: a sorte bipartiu entre estes dous homens o desenvolvimento das phases do drama inteiro.

A alma do Visconde era como um espelho polido, onde todos os objectos se reflectiam com serenidade e doçura: era um lago tranquillo acobertado pelo céo risonho do seu ameno e inalte-

ravel caracter.—A alma de Antonio Carlos, ao contrario, Senhores, era um amplo crystal que tudo reflectia, mas que tudo engrandecia, e ondulava entre as sinuosidades do seu caracter vehemente: era um oceano que se agitava ao menor sopro dos acontecimentos.

O Visconde era uma estatua tranquilla, sentada n'um gabinete. Antonio Carlos era uma estatua talhada para o fastigio de um monumento, para ser vista da praça publica. No primeiro a arte havia limado estheticamente todas as fórmas da sua postura: no segundo ella se havia esmerado no hardimento da attitude e no grandioso da expressão. O Visconde era uma obra de marmore, e Antonio Carlos um colosso fundido de um só jacto; era uma concepção dantesca executada por Miguel Angelo.

O primeiro era lymphatico-nervoso, e o segundo era sanguineo-bilioso. O Visconde procurava a palavra para revestir o pensamento; Antonio Carlos derramava os pensamentos nas palavras que borbotava; tinha nascido para dictar, e o Visconde para escrever: eram dous altos engenhos, caminhando triumphantes por duas vias diversas, e representando no mundo duas entidades, mas harmonisados por dous corações que batiam accordes pelo amor da patria.

Um punha as idéas em movimento, o outro as acompanhava realizando-as: um era a tribuna, o outro o gabinete. Para melhor retratal-os, seguirei o engenhoso toque do pincel de Lamartine, do historiador dos Girondinos:

Antonio Carlos era um homem de enthusiasmo, um homem de idéas; e o Visconde era um homem de reflexão, um homem de administração. Andrada era a época critica na tribuna; Pinheiro era a época organica no gabinete: o homem parlamento, o homem palavra, era segundado pelo homem governo, pelo homem historia. Cada um d'elles figurava uma das faces da medalha dos acontecimentos: o homem movimento de um lado o homem conservador do outro.

Fallem pelo primeiro o martyrio, o carcere, a deportação, as luctas incansaveis, as continuas alternativas de alto abaixo, a sua vastissima erudição, e a sua brilhante dialectica: fallem

pelo segundo a sua placida constancia, o hospital da Caridade em Porto Alegre, a colonia de S. Leopoldo, a Academia das Bellas Artes, a Escola medico-cirurgica, as duas escolas de Direito, os seus conscienciosos escriptos, e o Instituto Historico e Geographico, que elle tanto amou.

São estes factos, Senhores, as pedras do padrão de gloria do nosso finado presidente; são estes factos as notas gloriosas do seu hymno triumphal, e as proficuas conquistas que elle fizera para a sua querida patria.

São estes pontos que hei tomado rapidamente da vida do nosso consocio, e projectado no espaço d'este sabio recinto, os que em breve serão uniformisados em um perimetro regular, em uma figura harmonica pelo nosso illustrado presidente: d'elle haveis de receber um traço gigantesco, um traço de mestre, que vos mostrará mais amplamente as dimensões do vulto do nosso finado presidente, do Visconde de S. Leopoldo, cuja saudosa memoria será sempre grata ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

ELOGIO HISTORICO

Do Secretario perpetuo conego Januario da Cunha Barboza

Pelo socio effectivo o Sr. Dr. J. F. Sigaud.

Senhores. Vós já partilhastes as magoadas queixas de um verdadeiro amigo, o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, por occasião de se darem á terra os restos mortaes do conego Januario da Cunha Barboza! Vós já tambem lestes com todo o interesse esses quadros de saudades, em que o nosso sabio correspondente o Sr. visconde de Santarém desenhou em uma sessão da Socie-

dade de Geographia de Paris os serviços prestados á historia do Brazil por aquelle, que primeiro mereceu ser eleito Secretario perpetuo do nosso Instituto! Hoje, cabendo-me pronunciar perante vós o elogio historico do conego Januario da Cunha Barboza, eu ouso cumprir o pesado encargo de reproduzir com franqueza os principaes traços da vida e das obras de um dos fundadores da nossa associação, d'essa que absorveu todo o pensamento de seus derradeiros dias, para quem elle cobiçava como o poeta os destinos do rochedo do mar « *Isla velut pelagi rupes immota resistit* » e que sahindo triumphante do desdem de seus adversarios, das repulsas que a invasão actual da politica multiplica, e finalmente dos doestos e do ridiculo que contra ella atiram os espiritos apoucados e retardatarios, consagra o setimo anniversario de sua installação, honrada pela presença do Monarcha e das primeiras notabilidades do paiz.

Vós o sabeis, Senhores, nossa época é a da publicidade, d'essa publicidade vigilante, motejadora, indiscreta e curiosa, que de tudo se senhorêa, e apprehende em uma como rede os mais ricos materiaes da historia, como as particularidades picantes dos dramas intimos. Aquelle, cuja vida me incumbe esboçar, foi a expressão viva e movel de seu tempo; elle não teve a ambição de querer dominal-o, visto que nem possuia o genio, nem o ascendente imperioso do talento, da vontade, e do caracter perseverante que certos homens manifestam, e que os tornam senhores de seu seculo ou de sua patria. Pelo contrario, o conego Januario da Cunha Barboza foi o espelho em que se reflectiam as phases de seu paiz; porquanto sua vida destinada ao sacerdocio, cedo consagrada ao pulpito, contrastada pelas tormentas da politica, dedicada á cultura das musas, atrellada ao ensino da philosophia, e toda inteira do jornalismo, terminando pela devotação a duas associações uteis, fornece a imagem reveladora das idéas e das oscillações da época actual.

Januario da Cunha Barboza nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 10 de Julho de 1780. Foram seus pais Leonardo José da Cunha Barboza e Bernarda Maria de Jesus, aquelle natural de Lisboa, esta do Rio de Janeiro. Perdendo sua mãi quando apenas con-

tava nove annos, e pouco tempo depois seu pai, ficou a sua educação, assim como a de seus irmãos ainda mais moços do que elle, a cargo de um tio paterno, que o sustentou nos estudos preparatorios ao estado ecclesiastico, que elle abraçára no anno de 1801 pela ordem de subdiacono, entrando no sacerdocio em 1803 logo que completou a idade para isso requerida. Em 1804 fez duas viagens a Lisboa, e voltando em Junho de 1805 entregou-se ao ministerio do pulpito, em que adquiriu credito.

Estabelecendo-se a capella real no Rio de Janeiro no anno de 1808, teve Januario da Cunha Barboza carta de prégador regio. Desvelou-se no desempenho d'este encargo, do qual colheu o habito de Christo, os applausos dos cortezãos e a estima de seus patricios. Em Setembro d'esse mesmo anno foi Januario admittido a substituir a cadeira de philosophia racional e moral, habilitando-se para isso na mesa do desembargo do Paço, e começou tambem em Janeiro seguinte a servir o logar de pro-commissario da ordem terceira dos *Minimos*. Em Dezembro de 1814 teve a propriedade da cadeira, vaga por jubilação de seu proprietario.

Em 1821 o grito de liberdade soltado em Portugal achou echo no coração de Januario da Cunha Barboza, que como visse desenvolverem-se os destinos do Brazil a esse brado, que retumbou promptamente em todas as suas provincias, quiz logo, associado a um amigo e collega em seus estudos, Joaquim Gonçalves Ledo, concorrer com um contingente necessario em tal ensejo. O *Reverbero constitucional fluminense*, periodico semanal, appareceu pela primeira vez em 15 de Setembro d'esse anno, encaminhou os Brazileiros á independencia, fortificou-lhes a opinião contra os disfarçados acommettimentos das côrtes de Lisboa, accendeu-lhes o enthusiasmo d'aquella época dispondo os animos para a emancipação do Brazil, proclamada em Setembro de 1822, mas começada verdadeiramente em Maio pela representação redigida pelos dous redactores do *Reverbero*, lembrada pelo então presidente da camara municipal José Clemente Pereira, e discutida por estes e mais dous patricios, José Marianno d'Azevedo e José

Joaquim da Rocha, que assim lançaram a pedra angular no alicerce da independencia do Brazil.

Quando em Setembro d'esse anno os negocios do paiz chegavam ao ponto de seu maior desenvolvimento, Januario da Cunha Barboza marchou á provincia de Minas Geraes para coadjuvar os Mineiros na Acclamação do Principe então escolhido para reger os destinos da nação. Apezar de que os sentimentos de quasi todos os Mineiros estivessem accordes para este acto, comtudo a presença de um fidalgo portuguez, que alli governava com algum partido, fez necessaria a sua ida á capital de Minas. D. Manoel da Camara nem se póde oppôr ao acto da acclamação que havia poucos dias antes desapprovado, nem se demorou alli depois d'esse acto, que fôra celebrado na melhor ordem e com enthusiasmo impossivel de descrever-se. Januario da Cunha Barboza tratou então em Villa Rica, Marianna, Caethé e Sabará, de temperar algumas paixões irritadas pelos acontecimentos anteriores ; trabalhou por si e por seus amigos em ordem a fazer chegar ao centro da opinião nacional os que erradamente divergiam, ou que achavam graves embaraços na indignação dos escandalisados por seus primeiros actos ; e conseguiu gloriosamente fazer muitas reconciliações. Mas quando Januario da Cunha Barboza acabava a inteira conversão dos dissidentes, um mez depois da acclamação do Imperador constitucional na capital de Minas, em que tivera não pequena parte, elle foi preso em seu regresso ao Rio de Janeiro, recolhido á fortaleza de Santa Cruz em 7 de Dezembro no mesmo instante da sua chegada á côrte, e no dia 19 posto a bordo de um bergantim francez, e deportado para o Havre sem processo, sem se attender a um só de seus requerimentos, e sem subsidio para manter-se em terra estrangeira !

Não tardou muitos mezes que não soubesse em Paris que o processo intentado em sua ausencia a outros Brazileiros envolvidos na mesma deportação fôra sentenciado em favor de sua innocencia ; por isso em Setembro de 1823 se retirou da capital de França para embarcar no Havre, tendo adoçado as suas amarguras com as consolações que offerece o estudo, e mais

rico de conhecimentos, de muitas observações interessantes, desembarcou no Rio de Janeiro em Dezembro d'esse anno. Benignamente acolhido pelo imperador D. Pedro, foi em 4 de Abril de 1824 despachado official da ordem do Cruzeiro, e em 25 de Setembro conego da capella imperial. Pouco tempo depois o conego Januario recebeu um publico testemunho de estimação, que lhe deram tanto os Fluminenses como os Mineiros, nomeando-o seu deputado para a primeira legislatura, que começou em Maio de 1826, e na qual tomou parte pelo Rio, preferindo o logar de seu nascimento, como era de lei.

Finda a tarefa quatriennal foi encarregado do *Diario do Governo* e da direcção da typographia nacional; e o dever de sustentar n'essa folha alguns actos da administração lhe causou certo esfriamento na opinião dos que menosprezavam os seus sentimentos liberaes e os seus esforços em livrar a monarchia constitucional dos perigos de uma revolução, que poderia ter um desfecho bem contrario aos intentos dos que n'ella se empenhavam. A redacção da folha do governo lhe foi tirada em Abril de 1831, mas logo em Julho d'esse mesmo anno a administração da Regencia permanente deu provas de que conhecia melhor os sentimentos do conego Januario, chamando-o de novo á tarefa de publicar os seus actos.

No decurso dos quinze ultimos annos de sua vida o conego Januario, empenhado em promover a prosperidade de seu paiz por todos os meios a seu alcance, foi nomeado examinador synodal, chronista do Imperio, e depois da maioridade de S. M. I. director da Bibliotheca nacional e publica da côrte. São testemunhos de seu constante amor da ordem não só muitos escriptos, que deu á luz no mesmo periodo de tempo, como o beneficio que prestou á agricultura creando o periodico *Auxiliador*, e concorrendo com incrivel actividade á fundação do Instituto Historico e Geographico do Brazil. Se a tudo isso accrescentamos o seu desvelo no ensino da philosophia, em cuja cadeira se jubilou com vinte sete annos de serviço; se ponderarmos os trabalhos incessantes da correspondencia que elle entreteve com as principaes sociedades litterarias da Europa e da America do Norte ; se contemplarmos

as difficuldades de crear, redigir e sustentar o *Auxiliador* e a *Revista trimensal*, periodicos que contam já o primeiro quatro volumes, e o segundo quasi sete ; se nos lembrarmos de que depois da publicação do *Reverbero* elle deu à luz o quadro das sessões da camara dos deputados do anno de 1828, varios discursos sobre materias politicas, innumeraveis sermões e orações de acção de graças, que cantou a gloria da patria em um pequeno poema intitulado *Nictheroy*, e que com muito trabalho colligiu em dous volumes as poesias mais estimadas dos poetas brazileiros, juntando-lhes as vidas de alguns d'elles que o descuido deixava em lethal esquecimento ; não nos admiraremos que o conego Januario conseguisse no decurso d'esses ultimos quinze annos tantas distincções, que chegasse a ser Secretario perpetuo das duas mais uteis sociedades da capital do Imperio, socio do Conservatorio dramatico, correspondente de quatorze associações litterarias estrangeiras, e que ás commendas do Cruzeiro e de Christo, que antes possuia, juntasse a ordem da Rosa, e as commendas da Conceição de Portugal e de Francisco I de Napoles.

Poeta épico e satyrico, orador sagrado, escriptor politico, professor de philosophia, jornalista, ao conego Januario foi dada a eminente faculdade de brilhar, não com esse fulgor duvidoso, mas com essa luz viva e duradoura, em cada um d'esses ramos litterarios.

Poeta. Como poema épico, *Nictheroy* nos offerece uma engenhosa metamorphose dos primeiros tempos da descoberta, quando as tribus indianas davam o nome de *Guanabara* à bahia do Rio de Janeiro, que um dos companheiros de Villegaignon, Thevet, representava mais tarde a Henrique II como um novo rio transatlantico. O poema satyrico dos *Garimpeiros*, cuja leitura tantas inimizades provocou contra o auctor ; os versos epigrammaticos da *Mutuca*, cujas picadas ainda hoje sangram, patenteiam o espirito incisivo sceptico, e critico de Marcial. Se a critica que se arma com o latego vingador contra os contemporaneos é temeraria, arriscada e de comprometter ; se ella volta contra o auctor a arma que no pugilato lhe servira para atacar seus adversarios ; cumpre

todavia confessar, os poetas satyricos são aquelles cuja leitura é a mais proveitosa para quem busca ajuntar os elementos esparsos da sociedade no meio da qual viveu. Assim é que Juvenal e Persio nos fazem comprehender essa sociedade romana, em que dominavam os homens do instincto e da materia.

Orador sagrado. Chamado joven ao pulpito, o conego Januario deu-se á leitura das melhores obras de litteratura religiosa, que com a litteratura profana é uma magestosa arvore de immensos ramos. Os sermões originaes do padre Anchieta, do padre Vieira, de Las Casas, foram-lhe familiares. Mais tarde elle soube apropriar-se, com tanta arte como graça, das mais eloquentes passagens dos oradores sagrados que a França possue desde as guerras das Cruzadas até o presente; mina fecunda, inexhaurivel e variada, em que sobejam os modelos para prégar aos povos e aos reis, para deixar-se inflammar do ardor legitimo do proselytismo como um santo da idade média, ou para se preparar ao martyrio a exemplo d'esses corajosos missionarios que a fé sóe arrastar aos confins do globo. O conego Januario durante quasi meio seculo fez um estudo aprofundado dos innumeraveis sermões publicados em as diversas linguas latina, portugueza, hespanhola e franceza; a erudição que elle soube adquirir n'este estudo não lh'a contestam, nem os seus companheiros, nem ainda aquelles mesmos que constantemente se mostraram seus mais fortes inimigos. Seus numerosos sermões e orações de graças altamente attestam a tendencia de suas idéas progressivas, e reflectem a época social e politica em que foram pronunciados de sobre o pulpito, primeiro em presença de um soberano absoluto, depois perante uma monarchia nascente, mais tarde no meio de um auditorio já affeito á liberdade de pensar e de escrever, finalmente ante um principe nascido sob o regimen constitucional, e n'esse periodo do seculo em que o romantismo catholico dos Lamennais e dos Lacordaire acabavam de sepultar a tradição classica em tres partes dos sermões e das homilias.

Escriptor politico. O pequeno numero de publicistas e de escriptores politicos que o Brazil possue até o presente não permitte fixar o logar que deve caber ao conego Januario. Poderá

elle ser dignamente collocado entre o visconde de Cayrú, que se distinguiu pelo sentimento da fé monarchica, e Evaristo Ferreira da Veiga, que animou o espirito de reformar o paiz ? Foi o litterato cujos trabalhos estou esboçando um escriptor de rara fecundidade; elle multiplicou os recursos da sua penna facil, do seu estylo lucido e por vezes caloroso, de suas citações hauridas nas melhores fontes, na defeza da causa dos diversos governos que se succederam no poder, porém sempre para o triumpho da ordem e do systema parlamentar. Similhante ao historiador Daunou, elle pudéra dizer morrendo: « Eu passei uma grande parte de minha vida a defender, sustentar, e encomiar o governo parlamentar, no qual os deputados fazem e desfazem os ministros, que a seu turno fazem e desfazem os deputados. »

Professor de philosophia. Suas primeiras lições pertencem á época em que o Brazil foi erigido em reino. Inculcar á juventude os preceitos da philosophia antiga, traçar o systema completo de philosophia de Aristoteles, cuja força e extensão de pensamento, riqueza e solidez de conhecimentos ainda ninguem ultrapassou, foi a inspiração que cedo fecundou as lições do lente de philosophia. O *ego cogito, ergo sum*, de Descartes, os erros de Spinosa, de Mallebranche, a analyse das idéas dos sentimentos e dos deveres segundo os modernos philosophos da escola franceza, as causas finaes de Kant e de Schelling, em fim o espirito eterno e absoluto de Hegel, esse espirito que anima a natureza e reflecte na consciencia do homem, tudo foi por elle estudado, e reproduzido depois com felizes recordações em suas lições, ás quaes durante um quarto de seculo assistiram numerosos discipulos, que hoje occupam os primeiros cargos da nação.

Jornalista. E' uma condição inherente ao regimen representativo que os homens desejosos de fruir os gozos que elle lhes negocia, e experimentar suas attractivas decepções, deverão começar pelo jornalismo. Sem ir buscar exemplos ás nações estrangeiras, nós não vimos saudada a aurora da independencia do Brazil por uma multidão de escriptos periodicos ? D'esta parturição prodigiosa o que é que nos resta hoje senão a saudade dos dous primeiros

jornaes d'aquelle tempo, o *Reverbero* de Januario e Ledo, o *Tamoyo* dos irmãos *Andradas?* Para aqui era a historia do jornalismo desde essa época até os nossos dias, porquanto elle é só por si a principal força motora dos acontecimentos do paiz; mas nós não temos por ora a pretenção de escrevel-a. Basta dizer que o conego Januario foi o mais activo comparticipante no jornalismo do seu tempo; que se elle arrebatava no pulpito pela sua nobre presença, por sua fronte larga, por seu olhar vivo, por seus gestos regulares e por sua voz accentuada e sonora; no exercicio do jornalismo ninguem melhor do que elle possuia a fecundidade, a variedade dos argumentos, nem melhor sabia em seu tempo manejar a linguagem das circumstancias, o elogio encomiastico dos felizes do dia, e o sarcasmo aos vencidos. Como que estava encarnado o espirito do jornalismo em sua organisação sanguinea, movel e susceptivel. Era um agitar continuo, um incansavel produzir e um improvisar inexhaurivel, que só a paralysia da mão direita pôde diminuir e suspender na idade de sessenta e dous annos.

O homem de quem estou fallando teria sido promovido ás primeiras dignidades da igreja, se ella se não houvera deixado distrahir pela influencia das tormentas politicas: teria sido promovido aos primeiros cargos da nação se unicamente se tivesse dedicado ao estudo das suas necessidades, em vez de se deixar arrastar das musas, e de confiar nas infieis promessas das revoluções. Elle poderia ter a gloria, em logar do titulo de historiador do Brazil, se lhe houvessem bastado o tempo e o methodo. Em compensação porém, o estudo aprofundado da lingua materna, uma concepção viva e facil, uma memoria vasta que tinha presentes as cousas, as palavras, os pensamentos e as datas com tal exactidão que era uma fonte de prazer e de instrucção para os que o ouviam, uma applicação incessante aos trabalhos de gabinete; taes foram, Senhores, as qualidades distinctas que collocaram entre os homens illustres do paiz o homem cuja perda todos deploramos. Para nós foi elle um amigo fiel e intelligente, como fôra para seus discipulos: elle nos trazia á lembrança por sua conversação cheia de chistosas anecdotas, por

seu modo de escrever ou de dictar artigos ao mesmo tempo que se entretinha em zombetear, em fim pela analogia de varias phases de sua vida publica uma das notabilidades intellectuaes da Inglaterra, genio facil e desinteressado, espirito de tolerancia e de progresso que por espaço de trinta annos foi a alma das revistas litterarias de Londres e d'Edimburgo. Bem como elle poderia dizer que assás vivêra, por quanto ao morrer deixava à sua patria, cuja independencia saudàra contribuindo para dar o titulo de Imperador ao primeiro soberano constitucional do Brazil, o regimen representativo fortalecido pela practica de um quarto de seculo, e lhe legava duas sociedades uteis, a Auxiliadora da Industria Nacional e o Instituto Historico e Geographico.

Terminando o esboço da vida e das obras do conego Januario da Cunha Barboza, fallecido no Rio de Janeiro em 22 de Fevereiro (*) de 1846, aos sessenta e seis annos e meio de sua idade, quando deputado à assembléa geral legislativa cuidava na refórma da instrucção publica, e ambicionava para seus ultimos dias uma das primeiras dignidades da capella imperial, eu creio que devo repetir n'este illustrado auditorio o que o historiador do advogado Makintosh disse concluindo o bosquejo biographico d'aquelle escriptor politico da Gram-Bretanha :

« Instinctivamente somos levados a medir por datas historicas a existencia dos homens que se ennobreceram por sua devotação a essas grandes causas, que são a obra e a gloria d'esta ou d'aquella época : deploramos aquelles que morrem antes de haverem tocado a terra da promissão, cuja entrada abriram à sua geração ; o mesmo sentimento deve impellir-nos que deploremos a sorte d'aquelles que não sobreviveram à obra do seu tempo e da sua vida. No dia em que a civilisação terminou um de seus monumentos, n'esse dia ella começa outro, mas com outros obreiros que outras vezes, ai de mim ! ultrajam seus predecessores com a indifferença e com o esquecimento. E' glorioso

---

(*) Paula Menezes mata-o a 21.

morrer após a victoria da causa por que se empenharam os mais caros interesses da vida, quando ainda somos soldados triumphantes e não passâmos ainda a inuteis invalidos. »

ELOGIO HISTORICO

Do conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira

Pelo socio effectivo o Sr. conselheiro José Antonio Lisboa

E' sempre com o mais doloroso sentimento e pungente dôr que o Instituto Historico e Geographico do Brazil se vê privado de um dos seus membros, cujas eminentes luzes e solidas virtudes faziam o seu ornamento e concorriam para a sua gloria e esplendor. Os homens dotados de um genio superior e transcendente, pagando á natureza o indispensavel tributo, deixam sempre um vacuo, muitas vezes difficil de preencher, e de que a humanidade se resente por longo tempo. E' por isso que a memoria do nosso socio o muito illustre e respeitavel conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira será sempre saudosa, e que o Instituto Historico e Geographico do Brazil lhe dedica na ordem dos seus trabalhos uma pagina distincta, de que elle tão eminentemente se fez merecedor.

Nascido em Portugal de uma familia honesta da villa da Covilhãa o em 1770, desde a mais tenra mocidade, e nos seus primeiros estudos na Universidade de Coimbra, elle desenvolveu talentos não vulgares, e um genio tão elevado e transcendente, que fez a admiração dos proprios lentes d'aquella universidade. Ainda era discipulo, e já dava lições de philosophia, e tanto se distinguia pela sua exactidão, clareza e profundidade, que muitas vezes excitou o ciume dos mesmos lentes. Chamado para a vida diplomatica pela recommendação do cavalleiro Araujo, conde da

Barca, que conheceu o seu transcendente merito, foi na crise européa produzida pela revolução franceza de 1789 que elle o desenvolveu em gráo eminente na missão de Berlim, que desempenhou com a mais completa satisfação do governo portuguez. Foi aos incessantes e efficazes avisos do conselheiro Silvestre Pinheiro que o Senhor D. João VI deveu a sua salvação, e evitou a sorte que o Imperador dos Francezes lhe destinava, retirando-se com toda a Real familia para os seus Estados do Brazil, aonde creou os primeiros elementos d'este grandioso Imperio, que seu augusto e magnanimo Filho fundou com tanta gloria, que dia em dia se faz cada vez mais florescente pela estabilidade do systema monarchico constitucional representativo, e por ter á sua testa o augusto e adorado monarcha com que a Providencia, na effusão da sua bondade, mimoseou a terra da Santa Cruz. Chamado ao Brazil logo depois da chegada do monarcha, foi o conselheiro Silvestre Pinheiro empregado em official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros e da guerra, e deputado do tribunal da junta do commercio, aonde prestou os mais relevantes serviços ao governo.

A vasta erudição e profunda perspicacia de que era dotado, ferindo a susceptibilidade de um dos ministros da corôa, fez com que elle fosse mandado desterrado da côrte para a Ilha da Madeira; mas o rei justo e benigno, reconhecendo a sua innocencia e fidelidade, o restituiu ao exercicio de seus empregos, até que em 1821 o chamou ao ministerio dos negocios estrangeiros, e com elle voltou para Portugal, não o exonerando d'esse encargo senão quando a isso foi obrigado pelas imperiosas circumstancias do tempo, conservando-lhe sempre o titulo de ministro de estado honorario, e uma pensão decente para a sua subsistencia, como premio de seus longos e relevantes serviços. Retirado então para o paiz que mais convinha á sua posição e indole, elle achou na capital da França aquelle abrigo, socego e tranquillidade que precisava para se entregar inteiramente ao estudo das sciencias e das lettras, que faziam o seu paraiso sobre a terra, e que lhe grangeou a justa reputação de sabio e erudito em todo o mundo illustrado.

Quereis saber, Senhores, a profundidade e vastidão dos seus conhecimentos em philosophia? Lêde as suas *Prelecções philosophicas*, as *Noções elementares de philosophia*, impressas em Paris em 1839; o *Summario do curso de estudos de philosophia*, impresso em 1840: lêde os seus *Ensaios sobre a philosophia*, publicados em 1826. Quereis saber a vastidão dos seus conhecimentos em politica e administração publica? Lêde o *Projecto de ordenações* por elle feito para o reino de Portugal; as *Observações sobre a carta constitucional portugueza, e sobre a constituição do Brazil*; o seu *Parecer sobre os meios de restaurar o governo representativo*, ou *Projecto de um codigo geral para uma monarchia representativa*. Em jurisprudencia? Lêde as *Declarações dos direitos e deveres do homem e do cidadão*; os *Principios do direito publico constitucional administrativo e das gentes*. Em economia politica? Lêde a *Synopse da economia politica de Mac-Culloch*; o *Summario de um curso de economia politica*, publicado em 1840; e as *Varias questões de direito publico e administrativo*, escriptas em 1844.

Foram estes e outros muitos escriptos, de que não faço menção, que deram a conhecer ao mundo litterato a vastidão dos conhecimentos e quasi universal erudição do conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira. Qual outro Bacon, elle não se limitou a tratar das sciencias no estado de atrazamento em que ellas se achavam no seu tempo, rompeu o véo do futuro, e previu os progressos que um dia fariam no mundo civilisado; escreveu para os contemporaneos e para os vindouros. Suas idéas, comquanto pela sua sublimidade pareçam algumas vezes utopias, um dia esses vindouros, livres dos prejuizos que ainda dominam o nosso seculo, as apreciaráõ no seu justo valor, e n'ellas conheceráõ o homem eminentemente sabio, que dedicou toda a sua vida em instruir e moralisar os seus similhantes.

Chamado finalmente pelos votos dos seus compatriotas para a representação nacional de Portugal, no recinto da camara dos deputados mostrou o conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira o que sempre tinha sido, vasto, illustrado e profundo em todos os ramos da publica administração; cidadão recto, probo, e modelo

exemplar de todas as virtudes civicas; patriota zeloso, votado ao bem e prosperidade de sua patria, sempre amigo e saudoso do Brazil, aonde, com a maior effusão do seu coração, confessava haver recebido o maior acolhimento, e aonde tinha uma unica e interessante! filha que tanto amava e prezava. Mas tudo desappareceu: a mão inexoravel da parca cortou o fio de tão preciosa vida em 1846. Perdeu Portugal um dos mais abalisados sabios, que fazia a sua gloria e ufania; o Instituto Historico e Geographico do Brazil ficou privado dos trabalhos e interessantes escriptos com que o conselheiro Pinheiro sempre mimoseava esta interessante associação, que tanto respeito e consideração lhe merecia; e o mundo litterario perdeu uma das suas mais eminentes notabilidades.

Lamentemos, Senhores, a perda de tão illustre e respeitavel socio, e honrando a memoria de tão insigne varão, dediquemos-lhe o tributo do nosso profundo sentimento e eterna saudade.

ELOGIO ACADEMICO

Do Eminentissimo Senhor Dom Francisco II,

Cardeal Patriarcha de Lisboa,

Pelo Socio correspondente o Sr. Francisco Manoel Rapozo d'Almeida

N'esta época de transição, em que um falso movimento de vida social se agita e debate no meio da sua propria impotencia; n'esta época em que todos os olhos se cravam n'um futuro de anciedade e agonia; n'uma época em summa, em que a intelligencia tem muitas vezes conspurcado na sentina da desmoralisação politica e religiosa; ainda bem que, no meio d'esse tresvario assustador,

apparecem grandes virtudes personalisadas, que formam uma an tithese completa, e que similhantes ás arvores do deserto, triumphando das tempestades, assim essas virtudes humanadas vegetam entre a aridez do egoismo, embora açoitadas pelo bafo pestilente das luctas scepticas e do individualismo politico.

Similhantes ao percursor, similhantes á voz que clama no deserto, similhantes aos apostolos da paz e da verdade, que se offerecem ao martyrio de crenças profundas e sinceras, assim esses luminares do saber e virtudes são postos entre nós para darem um grande exemplo de doutrina evangelica; mas no accesso vertiginoso de nossas transformações moraes e sociaes, elles passam desapercebidos, sem que se chegue a comprehender a sua augusta missão. A este numero pertence o Sr. D. Francisco II, cardeal e patriarcha de Lisboa.

N'esta hora de solemne magestade, e quando nos vimos felicitar por haver legado mais uma pagina á historia de nossos trabalhos, quando em summa vimos render nossos votos ao nosso augusto Protector pela munificencia com que tem amparado esta nossa academia de historia, força é, Senhores, que conductemos esta nossa satisfação com um tributo de justa saudade pelos romeiros que nos acompanhavam na peregrinação das lettras, e cuja vida o archanjo da morte sacudiu para a terra do sepulchro.

E eis-nos aqui consummando esse augusto e solemne holocausto. Com mão valente e magistral se tem descoberto á nossa exposição uma galeria de grandes homens, cuja perda hoje lamenta esta nossa familia de lettras; foi-me dado tambem levantar o sudario de um busto venerando, que, n'esta ceremonia de saudade, deve offerecer-se á nossa devoção, e eu, Senhores, cumpro o mandato tremendo que me encarregastes, pronunciando o nome do nosso socio honorario o Exm. Sr. D. Fr. Francisco de S. Luiz, senhor de Coja, conde d'Arganil, cardeal Saraiva, patriarcha de Lisboa, maxima gloria e maxima honra da igreja, das lettras e da nação portugueza.

E' para um grande livro, e para livro de grandes e profundas doutrinas, a vida do nosso illustre academico. A suprema influencia que elle exerceu nas lettras, na politica e no sacerdocio,

está de tal maneira ligada aos factos da historia contemporanea, que não é para este logar, nem para o mais obscuro dos seus discipulos e dos vossos collegas, que será dado folhear esse livro immenso onde se tombaram os factos portentosos da historia da época actual.

Solemne e tremendo é pois o sacrificio que me foi confiado, porque n'este logar de tanta magestade, onde sou inteiramente hospede, eu me sinto no mais fundo abysmo da confusão; e muito mais tremendo e solemne, porque a victima incruenta, porque a hostia que eu tenho de levantar em minhas debeis mãos, constituem um tremendo sacrificio da mais tremenda responsabilidade para o sacerdote. Mas cumpre-me obedecer.

Desde o berço da infancia, aonde nascêra o nosso respeitavel socio a 25 de Janeiro de 1766 na villa de Ponte de Lima, depois estudante cursando as aulas, depois exercendo um logar importante e distincto no magisterio, a vida de Francisco Justiniano Saraiva, depois Fr. Francisco de S. Luiz, fórma um encadeamento de honrosos factos, de virtudes santas e austeras, e de um verdadeiro triumpho; mas um acontecimento espantoso da historia moderna é quem vai mostrar o nosso academico debaixo de um ponto de vista do mais vivo interesse.

Quando Portugal em 1820 se levantou como um só homem para proclamar o grito das suas liberdades, quando todas as intelligencias, quando tudo que era nobre e grande n'aquella terra épica, quando os descendentes d'aquelles Portuguezes de 1640 se lembraram de resgatar o seu paiz de um affrontoso jugo, e emfim se resolveram a levar ao cabo a sua obra, ou a morrer sobre o cadaver da patria uma morte de briosos combatentes; n'aquelle quadro de immensas figuras, n'aquelles grupos de heróes, n'aquelle concilio magno de patriarchas da liberdade, destaca-se da multidão e vem para o primeiro plano do quadro uma figura interessante, amortalhada na roupeta negra de monge benedictino: era o nosso academico, era essa figura homerica, digna do pincel de um Raphael, ou do scopro de um Canova.

Fôra longo, e materia de livros, enumerar aqui a influencia que teve o nosso socio honorario nos acontecimentos politicos que se succederam áquella época. Citaremos apenas, seguindo um dos seus biographos, algumas datas da nomeação dos altos cargos que elle tão dignamente occupou e honrou.

Em 20 de Julho do anno de 1821, noméa-o El-Rei, o Senhor D. João VI coadjutor e futuro successor ao bispado de Coimbra; e a 20 de Outubro seguinte reitor e reformador da Universidade. Por morte do bispo D. Francisco de Lemos toma posse da diocese no 1.º de Junho de 1822 com o titulo de conde d'Arganil e senhor de Coja, sendo logo em Setembro sagrado bispo.

No seguinte Novembro é eleito deputado ás côrtes ordinarias, e d'ellas feito presidente em 1823.

Cahida a Constituição de 1822, é demittido de reitor e reformador da Universidade em 1823, e tres mezes depois, em Setembro, resigna o seu bispado, sem reserva alguma, retirando-se para o mosteiro da Batalha, onde se recolhe á descansar dos baldões da fortuna e esquecer-se, o que bem pouco lhe custava, das ingratidões dos homens, na formosa e sempre suspirada terra da sua infancia.

Veio a Carta constitucional : eil-o outra vez na scena politica, deputado ás côrtes de 1826, as quaes por quasi unanimidade o elegem seu presidente.

Mudadas as cousas em 1828, é desterrado para o mosteiro da Serra d'Ossa. Aqui vive incommunicavel seis longos annos, entre frades ignorantissimos, e reduzido, por unico pasto do espirito, á pequena livraria da casa, só composta de sermonarios rançosos, theologias escolasticas e casuisticas.

A este degredo do corpo e alma lhe veio pôr termo, em 26 de Maio de 1834, com a sua expedição no Alemtejo, o general de S. M. F. o Exm. duque da Terceira.

A 4 do proximo Junho S. M. Imperial o noméa guarda-mór do real archivo da Torre do Tombo, e a 24 de Julho conselheiro de Estado.

E' terceira vez eleito deputado ás côrtes em Agosto do mesmo anno. Preside-lhes até 24 de Setembro, dia de luctuosa memo-

ria, em que falleceu S. M. Imperial; então é tomado por S. M. a Rainha para ministro dos negocios do Reino, logar em que permaneceu até 17 de Fevereiro de 1835, e cujas honras lhe ficaram conservadas; recebendo de mais ao sahir deste ministerio a nomeação de par do Reino e de grão-cruz da ordem de Christo.

Quarta vez é eleito deputado em 1836; mas sobrevém a revolução de 9 de Setembro; pede logo e consegue ser demittido de guarda-mór da Torre do Tombo.

A 22 de Dezembro do mesmo anno é feito membro honorario da Academia das bellas artes.

Quinta vez o fazem deputado em 1838. Em 1840 finalmente lhe conferem o primeiro logar da igreja lusitana, o titulo e officio de patriarcha de Lisboa: subsequentemente recebe de Roma o barrete cardinalicio, e é nomeado vice-presidente da camara dos dignos pares.

E muitas vezes disse aquelle santo velho que o barrete que o representante de S. Pedro lhe collocara na cabeça era uma pesada corôa de espinhos,que na consummação da sua paixão civilisadora se lhe tornára tão pesada, tão dolorosa e tão cheia de angustias.

Quem haverá por ahi que ignore a suprema influencia que teve este nosso illustre varão na litteratura portugueza e nos destinos da nossa historia?... Aquellas mãos laboriosas e fieis, que não escondiam o talento como o mau servo do Evangelho, desentranharam as mais reconditas verdades historicas, apartaram as trevas que pesavam sobre factos controversos, e expondo-as á luz da verdade, da razão e da critica, n'um estylo fluente e de grave poesia, mostrou o illustre e profundo archeologo que não era para desesperar de possuirmos ainda uma verdadeira historia de Portugal.

E quem ignora tambem, Senhores, a suprema influencia que o sabio philologo exerceu sobre os destinos da nossa lingua?... A bella linguagem de Camões, de Frei Luiz de Souza, do padre Antonio Vieira, de Barros, e de outros muitos luminares da litteratura patria, estava condemnada a um desprezo de Getas, porque

a invasão das novellas francezas n'uma linguagem derrancada ameaçava de morte e exterminio as nossas velhas dicções. Todos nós sabemos os importantes serviços que elle prestou, todos nós sabemos que elle com o exemplo e com a doutrina restituiu a lingua portugueza á sua nobreza e privilegios de senhora; — nobreza com que a vemos hoje sustentada e cultivada pelos primeiros de seus discipulos.

E' preciso agora, Senhores, contemplar o quadro debaixo de outro aspecto, é preciso contemplar a influencia d'este homem secular exercida debaixo do mais tremendo cataclysmo por que teve de passar n'este seculo a igreja lusitana.

As nossas transformações politicas tinham trazido á aquella terra de Portugal o flagello de um scisma religioso, e diversas provincias do Reino ardiam n'uma conflagração assustadora. Cortadas as nossas relações com a curia de Roma, invocára-se e desfigurára-se as disposições canonicas para atear o incendio, e com effeito a igreja lusitana semilhante á arca do diluvio boiava no mais travado da tempestade. Mas n'este anciar de agonia, e logo que o Sr. D. Patricio I deixou vaga a cadeira de patriarcha, era para ver como todos os olhos, todas as attenções, todos os braços, todas as vozes apontavam e proclamavam para a successão o Sr. D. Fr. Francisco de S. Luiz : S. M. a Rainha sanccionou esta solemne indigitação nacional. A tempestade do scisma serenou, porque aquella pomba trouxera á arca o ramo de oliveira; e mezes depois estavam abertas as nossas relações com a curia romana, e tudo restituido á sua antiga ordem e communhão canonica.

Mas consummar-se-hia uma vida tão illustre, tão doutrinal, tão cheia de saber e virtudes, sem que ella esgotasse até ás ultimas vezes o calix amargo da vida?... Não, Senhores, o Sr. D. Francisco II teve a sorte dos grandes genios; elle supportou atado á columna dos mais acerbos padecimentos quanto custa a exercer sobre a terra a missão do genio.

Por todos os lados porque possa ser contemplado este vulto homerico, esta figura patriarchal, é elle sempre admirado e respeitado com um interesse quasi religioso; mas nunca elle me

pareceu tão nobre e tão deslumbrante, como quando as febres politicas, que atacaram a Portugal de 1836 a 1838, o precipitaram para o mais fundo abysmo da miseria, convertendo o gabinete do sabio n'um horto de tremenda agonia.

A revolução vertiginosa e no seu accesso de loucura tornou-se vandala, tornou-se assoladora e cruel, e ao passar pelo pantheon dos grandes homens derrubou esta grande estatua, e enlameou na praça da revolta e nos comicios anarchicos o arminho sacrosanto do sabio, a facha candida do patriota e a estringe do sacerdote.

E foi n'esta Gethesemani que eu, o mais obscuro de seus discipulos, o contemplei tão grande no excesso da desgraça, como Deus o tinha feito grande no excesso do genio. Eu o vi, Senhores, neste abysmo da sua queda gloriosa, cercado de uma auréola de virtudes politicas e evangelicas, como ao depois todo o Portugal e todo o orbe catholico o contemplaram no throno da igreja lusitana com as vestes candidas e roçagantes do patriarchado e com o barrete purpureo de cardeal. Avisinhou-se finalmente o termo fatal da sua existencia, e contemplemo-lo com as mãos já nas beiras da sepultura e agonisando o derradeiro estrebuchar da vida. O quadro é de severa lição, e fôra proveitoso desenhal-o, mas apenas mencionaremos um facto que celebrou e recolheu em suas columnas um jornal contemporaneo.

El-Rei, digno apreciador do que são meritos moraes e intellectuaes, fôra em todo o tempo amigo sincero e intimo do distincto varão. Muitas vezes o fôra pessoalmente visitar, esforçal-o e consolal-o na sua enfermidade; certifical-o do affecto que lhe tinha, e offerecer-lhe tudo quanto de suas reaes mãos podesse depender. N'uma d'estas edificantissimas visitas, na ultima d'ellas, houve um lance, que sobre modo releva não deixar no esquecimento; foram muitas doutrinas, n'uma só lição.

Senhor! — disse em voz desfallecida o ancião para o seu augusto amigo, que em pé junto á cabeceira se debruçava para o escutar. — « Senhor! desejava eu poder ainda escrever á minha

soberana, protestando-lhe n'esta hora de solemnes desenganos, em que não cabe senão verdade, e jurando-lhe pela minha alma, que vai subir á presença de Deus, que nunca o meu coração deixou de ser fiel ao throno e á patria: que se alguma vez desservi (o que não sei) ou a Sua Magestade ou a seus subditos, quer no conselho, quer no ministerio, quer nos parlamentos, ou em algum outro dos altos logares em que a sua bondade me collocou, culpa foi sem duvida do meu entendimento, nunca, nunca, da minha vontade; mas que por esses mesmos erros, se os houve, com a alma de joelhos e de mãos postas lhe peço humilissimamente perdão.»

Procurava El-Rei tapar-lhe a bocca, e só com lagrimas e soluços lhe respondia:

—« Não, não: vós fostes sempre, e ainda agora o estais sendo, um exemplo de todas as virtudes, um servidor fiel e incansavel, um homem como oxalá houvera sempre um ao pé de cada throno. Quietai a vossa consciencia delicada, pensai no Céo que é vosso.»

O velho sorriu de innocente alegria; quiz beijar-lhe agradecido a mão, que apertava a sua com uma expressão indefinivel de amor, e despediu-se do rei da terra para só pensar no do Céo, a quem tambem e tão bem havia servido.

Aquella grande alma, depois de haver vergado debaixo do tremendo peso da pesada cruz da vida, despediu os seus vôos para a eternidade a 7 de Maio de 1845.

E' tempo, Senhores, de correr a cortina sobre este quadro de dôr e saudade. As lettras perderam no Sr. D. Francisco um dos seus mais brilhantes ornamentos, a igreja catholica um virtuoso e respeitavel sacerdote, e Portugal, o desventurado Portugal, no meio das dolorosas e tremendas provas por que tem passado, lamenta com acerbissima e eterna saudade a perda irreparavel do litterato profundo, do sacerdote respeitavel, do politico verdadeiramente virtuoso e patriota. Ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro coube tambem tomar parte no luto que nos deixou tamanha perda; porque o illustre academico honrava toda a cadeira em que se sentava, e abrilhantava o livro em que se transcrevia o seu nome tão famoso e tão honrado.

Grande e verdadeira é pois a magoa que nos contrista, mas ainda bem que a esta corporação litteraria coube tomar parte na herança do seu nome tão distincto. Seja pois o seu nome eternamente lembrado e honrado nos nossos fastos academicos, seja elle sempre invocado como o primeiro mestre da nossa lingua: seja o seu grandioso espirito, o amplo vulto da sua gloria e nome um brazão de eterno respeito entre nós.

Perdoe o illustre Patriarcha, e perdoai vós tambem, Senhores, o pallido das côres e a inexperiencia do pincel: n'este grande quadro, que eu reduzi a miniatura, respeitai a verdade da personagem, indulgenciai a temeridade do artista.

Lá na terra da patria levei eu no dia de seu passamento, junto do seu sarcophago, as minhas lagrimas de Portuguez e a minha dedicação de discipulo; hoje consummei outro testemunho de dôr, de saudade, de respeito e gratidão. Não chega a mais a pobreza da minha insufficiencia; ainda bem que o nome do Sr. D. Francisco II, patriarcha de Lisboa, resume em si o maior e o mais universal elogio.

ELOGIO BIOGRAPHICO

Do conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.

Pelo socio correspondente o Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto.

Senhor.— Hoje que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro desfructa a incommensuravel honra de possuir a V. M. Imperial em seu seio; hoje, que o direito de socio d'esta illustre corporação scientifica me confere a prerogativa de alçar minha debil voz na presença de V. M. Imperial, seja-me permittido, Senhor, esboçar em tosco quadro e mal alinhado estylo as emi-

nentes virtudes, os serviços incontestaveis prestados á causa da patria, e á pessoa de V. M. Imperial, por um de seus mais fieis e dedicados subditos, pelo finado conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.

Não é o vão desejo, o fofo orgulho de arrancar do olvido o nome illustre d'esse prestante cidadão, o incentivo que me impelle n'esta ardua tarefa, superior ás minhas forças ; é um tributo de brazileirismo e sincera saudade pela memoria d'esse distincto sabio a mola que moveu-me a encetar uma empreza digna de mais subido talento.

Nem esse finado Brazileiro necessitava do fraco contingente de minhas luzes para ser inaugurado no pantheon dos homens illustres de nossa terra, por quanto nomes ha que de per si só abrangem uma época inteira, que vivem puros de toda a nodoa no presente, e incolumes da menor pécha passam ás gerações vindouras ! Senhor, foi no Brazil, na patria dos Gusmões e Alvarengas, dos Caldas e Cayrùs, onde viu a luz o finado conselheiro Antonio Carlos : foi seu berço a cidade de Santos, já distincta por ser a terra do conselheiro José Bonifacio, o patriarcha da Independencia, naturalista abalisado e poeta harmonioso ; do conselheiro Martim Francisco, philosopho profundo e consummado orador ; de Bartholomeu e Alexandre de Gusmão, o primeiro celebre aeronauta, o segundo diplomata conhecido, que recebeu dos augustos Maiores de V. M. Imperial inequivocas provas de consideração e estima, sendo por varias vezes incumbido nas terras d'além mar de missões espinhosas, nas quaes correspondeu sempre com aprazimento à confiança de seus soberanos ; do Visconde de S. Leopoldo emfim, cuja morte o Instituto tão pungentemente deplora, e cujo vacuo na republica das lettras é bem difficil de preencher !

Oriundo de uma familia nobre e distincta descendia o conselheiro Antonio Carlos de varões da primeira plana nas côrtes dos antigos reis de Portugal, augustos progenitores de V. M. Imperial : foram seus ascendentes os Senhores d'Entre-homem e Cavado na provincia do Minho, antigos condes de Amares ; sua familia foi illustrada nas lettras pelos Drs. Tobias Ribeiro de

Andrada e padre João Floriano Ribeiro de Andrada, o primeiro celebre canonista e jurisprudente, thesoureiro mór da Sé de S. Paulo, o segundo poeta de imaginação vivaz e florida, que legou entre outros manuscriptos a vida de S. João Nepomuceno, irrefragavel prova de seus conhecimentos litterarios e vastidão de estudos. Foi seu pai o coronel Bonifacio José de Andrada, cidadão de proverbial honestidade e raras virtudes, e D. Maria Barbara da Silva, senhora dotada de relevantes qualidades, dispensadora de esmolas aos necessitados, e digna em tudo de tão honrado consorte. Tendo feito seus estudos preliminares na cidade de Santos, foi o finado conselheiro Antonio Carlos mandado por seu pai para a capital de S. Paulo a encetar os estudos de ordem mais elevada. Começaram desde então a desabrochar nessa alma cheia de fogo e ardente desejo pelas lettras os germens da fecundidade, que a tornaram um dia uma das maiores summidades litterarias do paiz.

Em pouco tempo as linguas vivas e mortas, a rhetorica, todas as bellas lettras, que então se ensinavam em S. Paulo sob a direcção e acrisolado amor pelas sciencias do digno bispo D. Frei Manoel da Resurreição, tornaram-se familiares ao joven Antonio Carlos. Concluidos seus estudos preparatorios, resolveu seu pai, presenciando os intuitivos progressos de sua intelligencia, mandal-o cursar a escola de Direito em a Universidade de Coimbra. Novos signaes de subido talento foram-se desenvolvendo no distincto estudante de Direito; com incalculavel celeridade comprehendia elle as mais espinhosas theorias do Direito das gentes, e com atilado raciocinio desvendava as questões mais complicadas do Direito civil e financeiro, como attestam a maior parte de seus collegas de então, e as honrosas menções que mereceu a seus lentes, de que tambem são presenciaes testemunhas seus condis ipulos d'esse tempo. Percorreu o conselheiro Antonio Carlos o longo estadio dos annos marcados pela lei para lhe ser conferido o grão de doutor com a maior distincção, e afinal chegou ao termo de sua litteraria peregrinação laureado de estrondosos elogios de seus mestres, e tendo legado à Universidade de Coimbra indeleveis

reminiscencias de seu elevado talento e deslumbrante imaginação. Partindo para a cidade de Lisboa precedido da honrosa fama e conceito que houvera grangeado em Coimbra, como aproveitavel jurisconsulto, foi logo despachado juiz de fóra para a cidade de Santos. Vir gozar da fresca viração peneirada por entre os frondosos jequitibás da patria, volver de novo ao torrão bemdito onde primeiro se articulou o doce nome da carinhosa mãi, vir renovar as ternas sensações da mocidade, é o desejo natural do coração humano, era o afervorado desejo do novo magistrado : assim recebeu elle como justa compensação de seus trabalhos academicos a nova distincção com que o honrára o soberano de Portugal. De Santos foi o conselheiro Antonio Carlos promovido ao logar de ouvidor para Pernambuco. Placido e sereno corria o tempo, distribuindo elle no seu novo encargo recta e direita justiça, amado e bemquisto de seus patricios, quando começou a fermentar em Pernambuco essa lava, que mais tarde produziu a explosão dos acontecimentos de 1817. Levado pela torrente das circumstancias, desejando de um lado não tomar parte activa em um movimento que se lhe afigurava uma hostilidade aberta ao legitimo soberano, impellido de outro lado pelo desejo de concorrer com o seu contingente para a libertação da patria, repugnava ao caracter generoso do conselheiro Antonio Carlos conservar-se neutral em uma peleja, em que se achavam compromettidos os interesses mais vitaes do Brazil. Abraçou pois a causa dos insurgentes, e teve de soffrer as crueis amarguras de sua dedicação. Preso, levado para a Bahia, e lançado em escuro segredo, nem por isso seu animo forte se abateu: na mesma prisão ensinava elle a seus companheiros de infortunio as linguas vivas, e grandes vantagens de suas prelecções tiraram muitos d'elles, como ainda o confessam.

Era Seneca o auctor favorito d'essas longas horas de prisão, e sua alma fortalecia-se com a leitura d'esse philosopho. Arrefecidos os odios, voltando a calma das paixões, foi o conselheiro Antonio Carlos relaxado da custodia ; n'esse tempo appareceram a lume suas poesias, que são hoje tão populares. Curto foi o espaço que decorreu de então á época em que seus patricios, tendo de man-

dar deputados às côrtes constituintes de Portugal, com razão incluiram no numero d'elles o conselheiro Antonio Carlos. E 'esse, Senhor, o periodo da maior gloria do nosso illustre consocio ; foi n'essa arena de sabios, n'esse congresso de tantas illustrações, que o nome do nosso distincto patricio não ficou somenos ás capacidades que n'elle formigavam ! Com que energia, com que patriotismo então não pugnou pelas prerogativas da patria, que se pretendia ferir e desconhecer ?! Foi sem duvida a sensação causada no Brazil pelos discursos do nosso sabio compatriota n'esse congresso quem começou a germinar a semente, que mais tarde deu em fructo a proclamação da Independencia ! Era bello de ver, Senhor, como no meio de uma assembléa, que tentava maniatar com fortes elos ao jugo da metropole o Imperio do Brazil, era bello de ver, dizemos, como em meio d'ella o inclito Andrada Machado atroava com sua voz poderosa os salões do ongresso portuguez, e com uma eloquencia vigorosa como o ferro do Ipanema, corrente e pura como as aguas do Ypiranga, altaneira como o cimo chimboroso, levava a convicção ao animo mesmo de seus mais decididos contendores ! Diz Plutarco, de Demosthenes, d'esse orador que encheu com seu nome a época em que viveu, que a principio suas orações eram recebidas no meio das vaias e apupadas da plebe, e que desanimado de não dispor dos meios oratorios ao agrado da populaça, enbrenhava-se em escuro gabinete, tendo meia rapada a cabeça, e ahi ia todos os dias exercitar-se na declamação e formar a voz : o nosso compatriota, porém, sem a lição dos parlamentos, sem ter orado nos congressos, apresenta-se na assembléa constituinte portugueza, e ousa medir-se com os provectos nas phrases parlamentares, com os oradores de maior pulso, e seus discursos attestam os triumphos tantas vezes conseguidos sobre seus antagonistas: então nosso illustre consocio excedia ao orador da Grecia ! Emquanto n'esse congresso seus patricios, patriotas como elle, menos corajosos porém, pareciam desesperar da causa publica, e temer as iras da mãi patria, o conselheiro Antonio Carlos põe-se á frente da deputação brazileira, toma o leme dos negocios, governa atravez dos mugidos da tempestade, e singra com galhardia por

entre as circes aqui, alli espalhadas no meio d'essa assembléa, que tentava cortar em botão todas as esperanças de uma nova éra de regeneração para o Brazil, e conservar de novo vergadas a dominio alheio as terras de Santa Cruz !

Senhor, o monumento que houver de ser erguido no alto Ypiranga ao Fundador do Imperio conservará sem duvida um logar bem distincto para n'elle ser gravado em perduraveis lettras o nome de um dos mais estrenuos propugnadores da independencia do Brazil, o conselheiro Antonio Carlos !

Os odios que o conselheiro Antonio Carlos tinha amontoado sobre sua cabeça, os resentimentos pessoaes que houvera angariado em razão de sua conducta patriotica e verdadeiramente brazileira no congresso portuguez, e finalmente a repulsa com que respondeu ao juramento que se lhe pretendia extorquir á constituição feita n'essas côrtes, pacto leonino, que continuava ainda o systema de vassallagem e feudo pelo Brazil prestado à metropole, todas estas razões compelliram-no a deixar esses reinos, e procurar as plagas da patria afim de collaborar para sua independencia. Aportando porém ás costas do Brazil, soube com indizivel jubilo que em o faustoso 7 de Setembro de 1822 o Fundador do Imperio havia bradado do cume do Ypiranga ao Brazil :— E's nação livre e independente ! —Nomeado para a assembléa constituinte tomou parte activa em seus debates, e offereceu á sua consideração um luminoso projecto de Constituição, do qual muitas disposições se aproveitaram para a que actualmente nos rege, trabalho digno das lucubrações de Sieyes, bem que escoimado de suas utopias, como mui acertadamente se exprime um escriptor contemporaneo sobre este assumpto.

Os acontecimentos que então occorreram, e que toca á posteridade aquilatal-os em seu buril imparcial, arredaram-no longe da patria por não pequeno periodo. De volta ao Brazil, e purificado de todas as imputações com que o haviam onerado, o conselheiro Antonio Carlos tomou de novo todo o interesse pelas cousas do paiz, e na camara dos deputados, de que foi constantemente membro, promoveu com afinco o engrandecimento material e moral do Imperio.

Entra sempre nos debates, e seus discursos cheios de irresistivel encanto, de valente logica, e muitas vezes recheados de delicadas facecias, convencem, e em não poucas occasiões arrebatam enthusiasticos applausos, sendo pelos proprios adversarios victoriado. Era sem duvida o conselheiro Antonio Carlos o homem da tribuna, possuia todos os segredos d'ella, com summa habilidade sabia explorar o caracter da nação para quem fallava, o genio da lingua, as necessidades politicas e sociaes da época, e a physionomia do auditorio, qualidades relevantes para um orador parlamentar, e tão recommendadas por um grande mestre.

Tudo concorria para o fazer, como Mirabeau, o soberbo dominador da tribuna : uma figura proeminente, sua testa larga e protuberante, uma vista de aguia, sua voz tonante, taes eram outros predicados que n'elle fixavam a attenção dos ouvintes quando sua voz vibrava do alto da tribuna !

Chego agora, Senhor, á época memoravel em que V. M. Imperial dignou-se assumir para felicidade publica os poderes magestaticos, época que poderia marcar a data de longos desastres e acerbas discordias, filhas da escandescencia das paixões politicas, se a mão protectora de V. M. Imperial não fizesse parar a torrente de males, que parecia prestes a despenhar-se no paiz. Então, como em todos os tempos criticos, não podia o conselheiro Antonio Carlos ficar impassivel ante o perigo que corria o paiz, e nós o vimos destemido soldado da realização d'essa idéa grandiosa pelejal-a com o raciocinio no recinto das camaras, e demonstrar a toda a luz, e com o enthusiasmo com que se combate por toda a idéa grande e sublime, os innumeros beneficios que a patria colheria com a ultimação d'esse projecto. Era o Iris de concordia que viria abonançar as procellosas ondas das dissenções civis, e o conselheiro Antonio Carlos, Senhor, não se illudiu em sua bem fundada espectativa. Começou desde então uma nova éra de regeneração para o paiz, a magnanima resolução de V. M. Imperial apagou os vislumbres do novo cataclysma, que já bruxoleava no horisonte da patria, e o Brazil ainda hoje

bemdiz a hora sagrada em que V. M. Imperial empunhou o sceptro de ouro de seu augusto genitor!

Chamado para os conselhos da corôa, o conselheiro Antonio Carlos foi fiel aos principios que formavam a divisa de seu caracter politico, leal dedicação ao serviço de V. M. Imperial, e accurado afan em cimentar no paiz as raizes de seu futuro engrandecimento.

Ha homens, Senhor, que na phrase de Julio Cesar a natureza faz grandes esforços para produzil-os; no numero d'esses podemos contar o conselheiro Antonio Carlos: dotado de conhecimentos quasi encyclopedicos, na idade avançada de setenta e dous annos tinha o ardor da mocidade, seu physico debilitado por tantos transes de uma vida sempre açoitada pela adversidade, porèm curvado ao peso de tantos entraves, o coração fervia ainda no santo amor da patria, e a cabeça constantemente elaborava projectos pela futura prosperidade do torrão natal. Taes predicados faziam o conselheiro Antonio Carlos conhecido não só no paiz, mas tambem na velha Europa, e foi como um tributo a tantas virtudes, como uma homenagem a tanto saber, que as provincias de S. Paulo, Pará, Minas, Ceará e Rio de Janeiro, rivalisaram na honra de o mandar á representação nacional. Coube porém á briosa provincia de Pernambuco pagar ao conselheiro Antonio Carlos a divida contrahida por todo o Brazil na época de sua Independencia, coube a essa illustre porção do Imperio Brazileiro recompensar já no cahir da vida tantos serviços, tanta dedicação, tantos sacrificios feitos pelo illustre morto em prol da causa publica! Incluido na lista triplice para senador por essa provincia, teve o conselheiro Antonio Carlos, e o paiz que conhecia suas virtudes, a grata certeza de que a honra, a probidade e os serviços acham sempre guarida ao pé do throno de V. M. Imperial.

Levado ao recinto dos anciões da patria pela escolha de V. M. Imperial, começava o conselheiro Antonio Carlos a desenvolver uma nova cadêa de uteis lucubrações em beneficio da patria, sua voz era ouvìda com religioso silencio pelos senadores do Imperio, quando soou na atalaya da morte a sua derradeira hora!

Aos 5 de Dezembro de 1845 se finou o conselheiro Antonio Carlos a despeito dos sobre humanos esforços feitos pelos mais distinctos facultativos d'esta capital, seus particulares amigos, para o salvar: o dia de seu passamento foi um dia de luto universal! Nasceu o conselheiro Antonio Carlos no 1.° de Novembro de 1773, tendo completado setenta e dous annos quando falleceu.

Senhor, o dia 5 de Dezembro de 1845 roubou á patria um esforçado cidadão, a V. M. Imperial um subdito fiel e dedicado, ao senado brazileiro um dos seus dignos ornamentos, ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro uma de suas mais radiosas luminarias, á sua familia e amigos o modelo das virtudes domesticas!

A mim, pallida lamparina d'este illustre congresso das brazilias lettras, coube-me a honrosa tarefa de descrever os feitos e relatar os serviços do conselheiro Antonio Carlos: releve V. M. Imperial e meus illustres consocios se preenchi essa missão muito áquem de seus desejos e esperanças!

SESSÃO PUBLICA

NO DIA 6 DE ABRIL DE 1848

PARA INAUGURAÇÃO DOS BUSTOS

DO

CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOZA

E DO

MARECHAL RAYMUNDO JOSE DA CUNHA MATTOS

Fundadores do Instituto

No dia 6 de Abril de 1848, pelas cinco horas da tarde, celebrou o Instituto Historico e Geographico Brazileiro uma sessão publica no Paço Imperial da cidade, para inaugurar solemnemente os bustos de seus fundadores o conego Januario da Cunha Barboza e marechal Raymundo José da Cunha Mattos. Esta reunião, a primeira do seu genero no nosso paiz, foi honrada com a augusta presença de SS. MM. II., concorrendo tambem ao acto mais de quatrocentos espectadores, tanto nacionaes como estrangeiros, entre os quaes se notavam os Ex.mos Srs. Ministros e Conselheiros de Estado, senadores e deputados, grande parte do corpo diplomatico e consular, medicos, advogados, militares, religiosos de todas as ordens, e litteratos de diversas nações.

Principiou a sessão pelo discurso do Ex.mo Sr. Presidente do Instituto, que passou depois a collocar sobre os bustos dos benemeritos corôas trançadas de folhas de *cesalpinia*, d'aquella celebre arvore que deu o nome á Terra de Vera-Cruz.

Em conformidade do programma seguiu-se a leitura dos trabalhos abaixo publicados por sua ordem :

1.° Discurso official do orador do Instituto o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre.

2.° Elogio historico do marechal Raymundo José da Cunha Mattos, pelo socio correspondente o Sr. Francisco Manoel Rapozo de Almeida.

3.° Elogio historico do conego Januario da Cunha Barboza, pelo 2.° Secretario o Sr. Dr. Francisco de Paula Menezes.

4.° Discurso sobre a necessidade de se protegerem as sciencias, as lettras e as artes no Imperio do Brazil, pelo socio correspondente o Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho.

5.° Canto inaugural dedicado á memoria do conego Januario da Cunha Barboza, pelo socio correspondente o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva.

6.° Psalmo ao amor da gloria, pelo Secretario supplente o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

7.° Canto inaugural, pelo socio effectivo o Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias.

8.° Discurso do socio correspondente o Sr. Luiz Antonio de Castro.

DISCURSO DO PRESIDENTE

O amor da patria e o amor das lettras, a lisongeira perspectiva da gloria da nação, e o generoso estimulo da propria honra, suggeriram no animo de dous distinctos Brazileiros a idéa grandiosa da fundação de uma associação litteraria, que curasse de reunir e organisar os elementos para a historia e geographia do Brazil, dispersos por suas provincias e fóra do Imperio. Em verdade, Senhores, era tempo de renunciar á fria e reprehensivel indifferença, com que viamos sepultados no olvido, ou despintados pela ignorancia ou pela má fé, em naturaes e estranhas escripturas,

acontecimentos dignos de memoria, o façanhas de subido quilate: era tempo de patentear ás nações cultas que o genio brazileiro habilitado estava para figurar no mundo litterario, contribuindo com seu obulo para o thesouro commum do genero humano nos importantes estudos da historia e da geographia, como já contribuia nos diversos ramos das sciencias medicas, e nos da agricultura e industria, promovendo a diffusão dos conhecimentos especiaes por meio de associações, cujos valiosos trabalhos attestam a patriotica dedicação de seus membros. A feliz concepção dos illustrados Brazileiros marechal Raymundo José da Cunha Mattos e conego Januario da Cunha Barboza, formulada em proposta, e offerecida á consideração da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, foi abraçada com enthusiasmo, e debaixo dos auspicios d'aquella muito util e benemerita sociedade recebeu existencia o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que foi installado a 25 de Novembro de 1838.

Levantada a magestosa fabrica, seus primitivos architectos, ajudados dos novos operarios, redobraram de esforços para aperfeiçoal-a; e com effeito subiu o Instituto ao elevado ponto em que se acha: honrado com a immediata protecção do Monarcha Brazileiro, vê consignados nos registros de seus membros os nomes augustos de principes, e os de abalisados sabios e litteratos nacionaes e estrangeiros; mantém com as mais acreditadas corporações de lettras amiga e fraternal correspondencia; e tem recolhido em seus archivos muitos codices preciosos, e numerosos escriptos importantes para a historia e geographia do Brazil, a que vai dando periodica publicação.

Não póde o marechal Cunha Mattos ver realisadas as esperanças que nutria ácerca do estabelecimento: a morte o arrebatou tres mezes depois da fundação. Mais feliz do que elle o conego Cunha Barboza, em sete annos que lhe sobreviveu, gozou do aspecto consolador do progresso e prosperidade da instituição, e lhe prestou os relevantissimos serviços de que somos testemunhas.

Para render a devida homenagem á memoria de tão prestantes varões celebra o Instituto esta solemne sessão, que eu tenho a honra de abrir, possuido de ineffavel jubilo e profundo reconhe-

cimento pela mercê que Sua Magestade o Imperador se dignou de outorgar-nos, franqueando-nos os imperiaes paços, e honrando-a com a sua augusta presença. E' este o mais cabal testemunho de seu amor ás lettras, de sua protecção à Sociedade. Senhor, em nome do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, de que V. M. Imperial é immediato protector ; em nome das lettras, de que V. M. Imperial é cultor infatigavel e justo apreciador, eu rendo a V. M. Imperial infinitas graças por tão assignalada mercê.

Não vamos, Senhores, erigir aos nossos fundadores sumptuosos monumentos de metal ou pedra : elles levantaram em seus escriptos padrões de gloria mais duradouros que o marmore e que o bronze ; e os estearam em feitos illustres, que hade a historia eternisar em adamantinas paginas, collocando no eminente fastigio, a que tem direito, o guerreiro erudito, o patriota energico e illustrado, que intrepido se apresentou entre os denodados mantenedores da nossa Independencia.

Será pois, dignos consocios, a nossa homenagem de menos estrepitosa demonstração, mas nem por isso terá menor valia aos olhos do sabio. Vamos patentear nos vultos d'esses varões respeitaveis, nas suas feições amenas e expressivas, que soube conservar habil artista, a generosidade, o patriotismo, a humanidade, e mais virtudes que os ornaram : cinjamos as veneraveis frontes com os virentes ramos da arvore ditosa, cujo nome, conferido ao descobrimento do venturoso Cabral, prevaleceu por fatalidade sobre o da sagrada arvore da nossa Redempção. Seja essa corôa o symbolo da patria que fazia bater seus corações generosos ; da patria, a cuja gloria dedicaram seus pensamentos e suas fadigas. Presidam os bustos venerandos aos trabalhos da nossa associação, perennes despertadores do nosso zelo pelas lettras, e de nossa devoção á patria e á monarchia.—Disse.

CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA.

DISCURSO DO ORADOR

Senhores.—De todas as oblações consagradas ao homem, quer na infancia das sociedades, quer na sua opulencia, ou na sua decadencia, são sem duvida as mais nobres, e as que entram no dominio do heroismo, as honras conferidas aos mortos.

As que dedicamos n'esta solemnidade á memoria dos nossos presados socios, o marechal Raymundo José da Cunha Mattos e o conego Januario da Cunha Barboza, encerram um pensamento que esclarece o futuro, vinga o passado, e assella, n'esta época de transição, a nossa saudade, o nosso reconhecimento para com os dous principaes fundadores do Instituto Brazileiro.

Este acto de publica gratidão, sanccionado pela augusta presença do Monarcha Americano, é mais uma conquista, mais um solemne triumpho da geração actual, que pisa sobre um solo que ha sido o sumidouro onde a indifferença confundiu as cinzas do padre Vieira com as do escravo, as do Caldas com as do analphabeto, e as do general Abreo com as do soldado mercenario.

Um povo se retrata todo inteiro nas honras que confere aos seus mortos illustres. As nações que entregam ao vento as cinzas dos seus benemeritos, não tem futuro: são raças barbarisadas, cuja patria é um vasto mercado, cujo berço é um balcão, e a vida uma cadêa tecida de anneis terrenos; são homens que fazem consistir toda a sua gloria, toda a sua felicidade n'um pouco de metal: um sordido e limitado horisonte circumscreve-lhes o universo de suas mais altas aspirações; e o templo do seu Deus, o altar de suas adorações se resume nas taboas azinhavradas de uma criminosa gaveta.

Nos columbarios, nos cemiterios, nas sombrias naves de verdura e de marmore, é que um povo encontra os titulos de sua gloria legitima: a lista dos obitos é o grande indice dos fastos da humanidade.

Cada lousa, cada epitaphio, é uma pagina d'essa grande epopéa

creada pelo passado, engrandecida pelas tradições, illustrada pela historia, e venerada constantemente pelo futuro: as mais bellas recordações da humanidade estão no catalogo dos tumulos.

A tradição oral e a palavra escripta no papyro ou no marmore são os mananciaes de todas as lições; são as depositarias de todas as gloriosas reminiscencias, e os incentivos de novas virtudes. Com ellas se forjam essas poderosas alavancas, que suspendem um povo do charco da barbaria ao céo da gloria. As recordações de um brilhante passado são o arado do presente e o facho do futuro.

A nossa vida, tão rapida e limitada, fórma os instantes da grande vida da patria; somos os bagos d'essa immensa ampulheta que corre com os seculos: trabalhemos, Senhores, para que elles sejam de ouro, porque trabalharemos para a nossa propria grandeza, e para uma santa realidade.

Os espiritos terrenos não comprehendem as harmonias que Deus estampou no destino do homem; aquillo que a seus olhos se mostra como um contraste, como um antagonismo invariavel, é uma perfeita combinação, uma marcha prescripta pela vontade do Senhor.

A vida pousa entre dous leitos de trevas e de somno: um existe no ventre materno, e o outro na sepultura. No primeiro dorme o homem, aquecido pelas entranhas do amor, para acordar no mundo da esperança; e no segundo, gelado pela mão da morte, dorme para acordar no mundo da eternidade. Os actos praticados durante esta ligeira vigilia, este passo entre os dous leitos, são os legados que atravessam as idades, e fazem o cabedal dos thesouros da humanidade.

Os predicados da materia, a belleza, a força physica, todo esse ouropel ephemero, todas essas realidades caducas, se desvanecem debaixo da estreita arcada de uma catacumba, sob uma lousa, uma pedra rustica, ou no seio de uma gleba solitaria, que se confunde no deserto com uma cidade de vermes, ou com o palacio de uma serpente.

Os predicados d'alma tem, pelo contrario, essa vida progressiva, essa longa duração que reconheceis. Os actos do espirito,

manifestados no throno do legistador, no campo da batalha, no suggesto da justiça, nas emprezas temerarias e proveitosas, nos sacrificios do heroismo, nos artefactos das artes, na lyra dos poetas, no proscenio, no amor, no reconhecimento, na amizade, à vista dos céos, no mar ou na terra, na praça ou em casa, são realidades mais proveitosas e duradouras; elles dirigem e ennobrecem esse grande corpo collectivo que marcha continuamente, e que denominamos—a humanidade.

Perguntai ao oceano pela esteira das quilhas de Colombo, do Gama e de Magalhães; perguntai ao deserto pelas pegadas de Alexandre, de Mafoma e de Napoleão; interrogai ao Palatino por esses rios de sangue derramados em suas regias pelos carrascos do mundo; perguntai ao ar pela estrada de Gusmão, e ao firmamento pelas suas terriveis revoluções; e vereis, Senhores, que as ondas, as arêas, o ar, o espaço e Roma seriam mudos, se a voz da historia não se levantasse das Antilhas e do Orenoque, do Cabo das tormentas e dos volcões da Terra do Fogo, dos campos de Arbella e das ruinas de Babylonia, do nascimento da Hegira e da espada de Omar, das pyramides do Egypto, de Waterloo e de Santa Helena, das praças de Lisboa e do hospital de Sevilha, do compasso de Hipparco e dos telescopios de Galileo e de Herschel, das aguas do Tibre e dos muros do Capitolio, para vos vir esclarecer, para vos guiar no meio de tantos acontecimentos, tão grandes e tão variados.

Todas estas vozes ressumbradas da superficie da terra são o hymno solemne, progressivo e universal da historia, são os tubos do orgão da intelligencia humana, que exprimem o que ha no homem de sublime, de immortal e de divino.

A historia é o manancial que fertilisa o enthusiasmo, que o prepara e fortalece para apparecer no meio dos homens trajado com as vestes do heroismo e das outras virtudes.

A reunião de todos os actos da humanidade é a grande epopéa da civilisação: Homero, Thucydides e Eschylo, Lycurgo, Demosthenes e Phidias, Numa, Cesar e Cicero, Agrippa, Virgilio e Tacito, Carlos Magno, Alcuino e Dante, Gioia, Vinci e Buonaroti, Brunellescho, Raphael e Vico, Camões, Descartes e Newton, Leibnitz, Lavoisier

e Napoleão, Newcomen, Laplace e Cuvier, David e Alexandre Soumet, são as estrophes variadas e magnificas d'esta narração pomposa, d'este canto sublime e progressivo que narra as victorias do entendimento, e faz da humanidade o herôe de tantas e tão variadas conquistas.

Se este monumento fosse um aggregado de chimeras, um acervo de joguetes de ouropel, ou um templo de caduca argilla, o tempo, o inexoravel tempo o teria consumido, e depositado seu fragil esqueleto entre as camadas fosseis de tantas illusões e crenças passageiras, como uma medalha de um reino que findára.

Pelo compasso das probabilidades, pela analyse dos estragos do tempo, por esta especie de chimica que a archeologia emprega em suas pesquizas, se póde calcular a duração das pyramides de Memphis, de inconcussos talhamares e de todos os baluartes da terra; mas a vida de um livro da Biblia, de um canto de Homero, de uma pagina de Herodoto, quem a poderá calcular? quem poderá medir a existencia de um monumento de idéas?

Quem poderá traçar a circumferencia do circulo de uma d'essas obras, que apenas nascida se encadêa harmonicamente na memoria da humanidade, transmigrando de intelligencia a intelligencia, proseguindo e conquistando a admiração do futuro, fazendo uma parte das delicias de sua existencia, e tornando-se o espelho magico onde se vem aviventar todas as scenas de um mundo que se extinguiu?

Ninguem, Senhores: o povo que lega sem enthusiasmo as producções do engenho, e que olha para a historia como uma palavra morta, como para a estatua de um desconhecido, não é ainda um povo: é uma cafila, é uma horda errante, que pousa por alguns seculos n'um ponto da terra, tendo por deus o ouro, por templo as tendas do seu bazar, e por dogma o individualismo: tudo n'elle é provisorio. O principio que congrega taes elementos, esse mesmo os separará: a historia póde apenas ahi archivar mais um nome; e a philosophia nada encontrará de proficuo no montão de ruinas que esse povo sem futuro lançou na estrada da civilisação.

Olhemos, Senhores, para a superficie da terra, cavemos na flôr de sua crosta, desenterremos os milhões de ossos que ahi se acham, separemos os das nações diversas que tem existido; façamos um inventario secular de todas as gerações, formemos acervos que representem existencias e civilisações successivas, folheemos n'esse livro da morte, desde o bulcão immemorial das éras patriarchaes até os nossos dias, e veremos que todos os povos que exclusivamente se abraçaram com as conveniencias do presente, que estamparam na aurora o symbolo do egoismo, que não honraram o passado, morreram sem nome. Morreram sem nome, porque não legaram á humanidade um patrimonio de idéas.

O balcão dos povos sem industria, o balcão que não permuta a alta missão do commercio, é um esquife funereo para o bello, o sublime e o consagrado; é o Tartaro aonde se precipitam todos os arrojos do heroismo e da verdade eterna. Napoleão, o colosso da nossa idade, conheceu perfeitamente o funesto influxo do espirito do trafico, e seus progressos na corrupção e decadencia de um povo.

O traficante não é sómente indifferente ás maximas que engrandecem uma nação, que elevam o espirito, sublimam a moral e emparaizam a terra; não, elle despreza em sua limitada arrogancia, em sua ignobil fatuidade, o que não entra no positivo concreto: o seu instincto o levará a vender os ossos de seus pais, uma vez que o valor d'elles, posto a gyro ou a premio, lhe augmente uma cifra no capital, que é sempre a idéa primordial de sua alma monetisada. Elle nunca teve patria: vende armas e polvora aos inimigos de seus pais e de seus irmãos: todo o seu futuro se encerra nos quatro muros de uma casa, e nos conchegos materiaes que póde appetecer um peito sem amor, um corpo sem alma.

Felizmente para a época actual e para o futuro, hoje, n'esta casa sagrada, n'este recinto radiante das luzes e da magestade do Principe Americano, vimos collocar na concha da balança opposta do egoismo mais um contrapeso civilisador, mais uma medalha diamantina, que diminua o peso do espirito da actuali-

dade, d'esse espirito devastador, que avassallaria todo o Imperio, se uma porção de homens de fé e de crença inabalavel não se levantasse, e não viesse buscar um seguro asylo junto ao throno imperial, gozar do munificente amparo de sua alta liberalidade, de sua protecção paternal. Aqui estamos seguros: temos em face um homem que val uma nação, e uma intelligencia que abraça todas as verdades da philosophia da historia: este homem nação, esta vasta intelligencia é o nosso Protector; porque fóra d'aqui, fóra do curto estadio dos homens do futuro, é como diz Sá de Miranda:

« A tudo dão novas côres
« Com que enleam os sentidos.»

São severas estas verdades para um povo que nos devanêos de sua vaidade não olha para esse passado tão rapido e tão deserto, e que parece acreditar que as idéas archetypas brotarão espontaneamente n'este solo adubado de gemmas e metaes, como as suas florestas, sem outra cultura que a da natureza virgem.

A obra da civilisação só é ajudada pela natureza quando o homem transforma em utensilios da industria o ferro dos rochedos, e converte as pedras e os bosques em templos e esquadras: os rios, o oceano e as estradas lhe servem de telegraphos galvanicos, de poderosos vehiculos para a permutação de suas riquezas e de suas idéas.

Quantas tentativas tem feito alguns homens generosos para materialisarem em monumentos plasticos a gratidão da sua época para com os nobres protectores da sua patria, para com aquelles a quem se devem tantos bens e tanta gloria? Quantos nobres arrojos, quantos sonhos brilhantes se tem empanado com o bafo do indifferentismo, e morrido no enredado labyrintho de capciosas promessas?

Todas estas dividas ao passado vão sendo lançadas na verba da esperança, n'esse grande livro do futuro: a gloria e as benções da humanidade não recahem nas gerações que deixam tudo por fazer a seus descendentes.

O Instituto, com as posses de sua leal vontade, vem hoje satis-

fazer uma fracção d'este empenho numeroso; não cabe á sua limitada fortuna a posse de marmores cinzelados, que transmittam á posteridade as imagens venerandas do sacerdote e do general; mas cabe-lhe a maxima ventura de honrar a sua memoria, compensando da maneira a mais nobre que lhe é possivel a perda de sua presença com a sua imagem: é uma grata illusão para todos os membros d'esta academia, que elles crearam, e deixaram florente e respeitada.

O aresto, que decretou esta apotheose, foi lavrado á vista dos documentos que estes varões legaram ás lettras e á civilisação americana: foi decretado em face dos diplomas de capacidade, que elles em vida traçaram no contexto de tantas e tão variadas producções; o tempo e a critica já as sellaram com o cunho do merecimento.

Ermo de lisonjas parciaes, o Instituto fruirá em paz este triumpho; e com testemunhos tão publicos e tão solemnes, irá sempre mostrando que a sua missão não é obra de uma vaidade transitoria. No reinado das lettras não apparecem os despotismos das revoluções populares; a vontade de um tyranno que impõe altares, e força com a espada na mão um povo a se ajoelhar diante do seu ignobil favorito, annulla-se na republica das lettras: os Ephestiões e Marats aqui não acham apotheoses; somos surdos á prepotencia e aos oraculos de enfumaçadas possilgas; aqui não se enthronisa o sacrilegio, nem se tolera a profanação á face do sol, marchando em triumpho, envolta no manto da patria, coroada com o pileo da liberdade, e sobre um plaustro composto de segures e punhaes.

Discipulos da historia, temos no tempo o grande reformador, o vingador das affrontas, o restaurador da verdade, e o juiz soberano que ordena ao homem e o força a descer ao Tartaro para recolher as cinzas que elle deslustrára, e collocal-as n'esse mesmo pantheon, n'esse mesmo mausoléo, que erigira e conspurcára com os restos de um monstro engorgitado de sangue nos delirios de sua atrocidade. Não, Senhores, no tribunal dos sabios não ha essas reacções tumultuosas e parciaes: o esculptor nunca se converte em iconoclasta.

Vejamos em um lampejò quem eram estes dous Brazileiros, e teçamos à sua memoria um hymno, composto da simples enumeração de seus serviços e de suas lucubrações. Para avaliarmos o preço d'estes varões, que agora honramos, é necessario que nos colloquemos no ponto justo de sua devida apreciação, e nos afastemos das inconsideradas exagerações da mediocridade na estima dos homens.

A maior graça que Deus póde conceder a um sabio é fazel-o nascer e crear-se n'uma grande nação. Actor n'um theatro, que tem por platéa o universo, póde ahi exercer livremente o seu talento e a sua nobre missão; porque todos os recursos, todas as recompensas o vem esperar na estrada dos seus triumphos.

Nos gelos da Groenlandia, ou nos desertos da Patagonia, que fructos daria á civilisação um homem nascido como Platão ou Frederico? que faria uma alma como a de Bramante ou de Buonarotti fóra de Roma, e junto a outro throno que não fosse o de Julio II? que missão preencheria na terra um Napoleão em tempo de paz, e estreitado entre os rochedos que o viram nascer?

A patria, Senhores, é a segunda placenta do homem adulto: sem o seu influxo moral não ha virtudes, não ha heroismo, não ha o bello, não ha o sublime: o povo que anticipa a prevenção ao juizo, o ridiculo á critica, o sarcasmo á razão, a inveja á gloria, e a indifferença ao enthusiasmo, é uma tribu que caminha com passos gigantescos para a escravidão, tão desgraçado e tão cego que fôra melhor não existir. No meio de tal gente, Spartaco passaria de catasta a catasta, como um ruim escravo; Eschylo, obedecendo aos impulsos do seu engenho, armaria na praça publica um theatrinho de titeres para dialogar suas creações; Linneo erraria nos bosques a contemplar mudamente a natureza; e o mesmo Napoleão talvez não passasse de um habil pedagogo, de um bom instructor, ou talvez se transformasse em um Tiliboras no meio d'essa raça degenerada.

No estado de indifferentismo em que nos achamos, principalmente para as lettras, o homem que aqui produz como um, era destinado a produzir como dez em outro qualquer paiz que tenha uma vida organica; em qualquer paiz que de envolta com a

corrupção do seculo apresenta ainda o exemplo de severas e antigas virtudes. Ah! Senhores, é necessaria uma extraordinaria elevação de espirito para debaixo do mormaço de uma athmosphera narcotica se appetecer a morte de Eleazar: o pesado e furioso elephante caminha á reacção material: supra a intelligencia á força, que a victoria será completa. Acabe-se com esse erro fatal de compararmos os nossos homens com os grandes homens da humanidade; desappareçam esses parallelos odiosos entre os filhos de um paiz novo e os filhos de um paiz velho; o horoscopo do seu nascimento póde ser o mesmo, mas os elementos de civilisação que os circumdam são diversos: seria comparar o filho do pobre com o mancebo nascido na opulencia, e exigir de um modesto cidadão a pompa e as prodigalidades de um principe.

Admiremos os homens que hoje consagramos, e que souberam, debaixo do pesado sceptro de um despotismo pouco illustrado, elevar-se ao ponto em que os vimos antes da éra de pensar e de escrever livremente, e de progredirem até merecerem este acto de publica veneração, legando aos seus parentes e amigos a gloria de ouvirem victoriar seus nomes no seio de uma academia illustrada, e perante o Imperador Americano.

Havia na alma do marechal Cunha Mattos um reflexo da de Thucydides e de Cesar; bravo no campo da batalha, e instruido nas lettras humanas, no meio do estrondo da artilharia, do sibilar dos pellouros, dos gemidos e da confusão, tinha a poderosa faculdade de tudo observar; no meio de marchas forçadas, de perigos incessantes, o nosso finado consocio achava tempo de escrever largamente, e para analysar tudo quanto se passava na guerra do Russilhão: era um d'esses temperamentos que se não curvam á fome e ao somno, era um espirito que dominava a carne: era um homem de quatro almas; em qualquer ponto onde se achasse, caminhavam com elle o soldado, o naturalista, o geographo e o historiador!

Collocai, Senhores, um varão d'esta tempera em um paiz que offereça—o calor com que mais se accende o engenho..., e tereis um d'esses luminares que esclarecem e abrilhantam o seculo em que nasceram. Possuidor de um espirito vasto e de idéas gene-

rosas, o marechal Cunha Mattos advogou a causa da Independencia com o seu braço e a sua penna. Filho da Europa, abraçou a causa americana com um santo enthusiasmo; isento das paixões parciaes, que em tão melindrosa conjunctura deviam apparecer, sempre com denodo e firmeza marchou zombando das ameaças e baldões que lhe atirava a imprudencia de alguns seus compatriotas, té que um dia irritado e ferido no mais alto ponto da sua dignidade e sua consciencia, estampou duas obras, onde defendendo a causa brazileira, estigmatisou com a força que lhe era propria esse punhado de homens, que conspiravam contra um paiz que os havia acolhido fraternalmente, enriquecido e estimado.

Estes dous escriptos grangearam ao nobre marechal a estima geral, aquella mesma estima e respeito com que acabou seus dias.

Legou-nos este sabio, além de outras obras alheias á missão do Instituto Historico, os seguintes trabalhos:

Itinerario do Rio de Janeiro a Matto-Grosso.

Memoria ácêrca das navegações dos antigos e modernos que deram logar ao descobrimento da Terra de Santa Cruz.

Corographia historica da provincia de Minas Geraes.

Corographia historica da provincia de Goyaz.

Memoria historica ácêrca dos mappas antigos e modernos.

Mappa e itinerario desde o Rio de Janeiro até os confins da provincia de Goyaz, com os do Pará, Matto-Grosso, Maranhão, Piauhy, Pernambuco, S. Paulo e Minas Geraes.

Dissertação ácêrca do systema de escrever a historia antiga e moderna do Imperio do Brazil.

Apontamentos sobre a navegação do Rio Doce, com mappas.

Taboas das latitudes e longitudes de alguns logares do Brazil.

Um volume sobre a botanica e zoologia do Brazil.

Diario dos trabalhos de ataque e defensa da cidade do Porto, durante a lucta entre os dous principes reaes da casa de Bragança.

Repertorio de legislação militar, contendo, além das materias que o titulo indica, muitos dados e observações convenientes aos que professam as armas. E muitas memorias no *Auxiliador da Industria Nacional*.

Governador justiceiro e vigilante, deputado illustrado, repertorio vivo de consultas nos altos tribunaes e commissões a que pertenceu, poeta contemplativo diante da natureza, tal era o fundador d'esta Academia, tal era o homem de quem hoje inauguramos o busto, e de quem sempre conservaremos uma grata memoria.

No seio do Instituto não ha um só academico que não sinta em seu peito um sentimento inextinguivel de saudade com a recordação do benemerito conego Januario da Cunha Barboza. Este nome tão caro para nós, tão querido do povo, tão respeitado dos estranhos, é uma pagina brilhante da nossa historia litteraria e civil.

A sua erudição foi amealhada no espaço de meio seculo de todos os thesouros da antiguidade classica, dos padres da Igreja, e do que ha produzido a civilisação moderna.

A fecundidade da sua musa, quer implorando a graça do Espirito Santo, quer invocando o genio da poesia, no pulpito e nas palestras litterarias e scientificas, sempre se reproduziu com uma elegancia e pureza de lingua digna de ser invejada. Quarenta annos ensinou a moral do Evangelho, e vinte e cinco as maximas de uma sã philosophia. O aperfeiçoamento do espirito da mocidade foi a sua voluntaria missão; elle se comprazia todas as vezes que se rodeava d'esses herdeiros do futuro, d'esses entes destinados a plantar no tumulo do scepticismo a crença, a rechaçarem do templo das idéas o mercenario, a limitarem o terreno do trafico, suspendendo a sua invasão no mundo da intelligencia.

Os talentos do conego Januario nunca foram nem levemente contestados, mesmo nos dias terriveis de inopinadas peripecias, e nos transes e oscillações de sua vida, que não foi igualmente risonha e placida: a inveja, no meio de tantos turbilhões, foi sempre constrangida a respeital-o.

Na quadra em que o pulpito era occupado pelos S. Carlos, Sampaios e Montalvernes, o conego Januario já era uma realidade oratoria.

O clero perdeu n'elle um brilhante florão; as lettras um apostolo incansavel, e a patria um modesto e utilissimo servidor.

A poucos homens é dada a ventura de se collocarem n'um ponto tão alto e tão saliente como aconteceu ao conego Januario: elle teve uma honra na sua vida, que é a maior de todas as honras humanas: teve por inimigos todos os inimigos da sua patria.

Na volta da sua deportação, o nosso illustre consocio não trouxe odios, nem libellos; Januario reappareceu nos longes do horizonte, tangendo a sua lyra harmoniosa, risonho e sereno, e saudando os montes de sua querida patria, tecendo um hymno ao sol dos tropicos, e cantando Nictheroy. A espada do Anjo exterminador nunca reflectiu um lampejo de sua alma na lamina cruel: no seu coração nunca houve essa esponja fatal que se embebe do fel das vinganças.

Foi elle o primeiro que importou as necrologias; foi elle o primeiro que offertou no altar da morte um tributo, um culto merecido á memoria dos varões illustres: e quaes foram as sepulturas que receberam estas primicias de sua veneração ao genio e ao talento? A primeira foi a do padre José Mauricio, a do maior artista do novo mundo! o Rio de Janeiro lhe deve uma memoria: e a segunda foi a do padre mestre Sampaio, cujos ossos tiveram a sorte das suas eloquentes orações!

« Que exemplo p'ra futuros escriptores. »

A orbita da vida do conego Januario teve tres pontos invariaveis, que estavam profundamente gravados nos seus nobres instinctos: o de uma extrema bondade, o da sua generosidade illimitada, e o do seu grande amor pela patria.

Homem de acção e de perseverança, membro nato da propaganda da civilisação, escreveu muito, porque escreveu toda a sua vida; mas a maior parte dos seus escriptos não foram lançados para a posteridade, e nem poderiam ser: um homem que se constitue missionario do presente, que marcha acompanhando o tempo e as circumstancias, que escreve para combater de hora em hora nos periodicos, lança todas essas folhas ao ar, que desapparecem com a ephemera vida dos acontecimentos que as fizeram sahir á luz.

Legou-nos o sacerdote e o sabio mais de cem sermões, o poema

de Nictheroy, bellissimas composições lyricas, valentes relatorios, muitas memorias originaes e traduzidas em diversas publicações litterarias, e alguns brinquedos de sua musa faceta, que fizera em horas de desenfado e de descanço.

Eu vos disse, Senhores, que a gloria de um povo repousa toda inteira nos seus tumulos, e que a lista dos obitos era o indice dos seus fastos; eu vos disse que a civilisação de um povo se media pelas honras que elle conferia aos seus mortos illustres, e que os epitaphios eram paginas da epopéa progressiva da humanidade.

Comecemos esta grande obra; renovem-se n'este Imperio os dias como os de hoje; as artes foram dadas ao homem, por Deus, para que elle materialisasse aos olhos do povo todas as virtudes, e mais facilmente o instruisse nas verdades sublimes. Vamos escrevendo com monumentos plasticos a nossa gratidão: a divida do passado cresce de dia em dia; o tumulo consome tudo o que sahiu da mente e não se realizou com o alphabeto, ou com o marmore: o alphabeto é a alma da civilisação, o marmore o seu corpo, e a imprensa o seu carro triumphal; as artes são as tecedeiras da tunica veneranda do passado, são os obreiros do throno sobre que se assentam todas as civilisações; o thermometro que marca o seu desenvolvimento é graduado com templos, tumulos e livros.

Alfieri sentiu o amor da gloria passeando entre os tumulos de Dante, Buonarotti e Galileo: d'aquelles marmores lhe sahiu uma voz occulta, um mysterioso oraculo que o arregimentou na linha de Euripides a Shakspeare e d'este a Racine, promettendo-lhe um nome no universo, e um jazigo entre aquelles semi-deoses: Alfieri escreveu, e a Italia o compensou.

Assim como a belleza não é sómente uma camada de carne sobre um esqueleto, assim tambem os mausoléos e cenotaphios não são a expressão da vaidade e do orgulho, mórmente aquelles que a patria erige ao modesto cultor da intelligencia, àquelle que afastado do mundo tinha um mundo de harmonias em torno da sua creadora lucerna.

As solemnidades do Ceramico, a alameda monumental da Via

Appia, o valle de Biban el Molouk na antiga Thebas, todos esses hypogeos e cryptas, que recordam o polytheismo e as finadas crenças, todos esses soberbos mausoléos de Roma, de Paris, de Londres e da Hespanha, não são chimeras, não são jactos de uma ostentação improficua ao genero humano. Todas essas estatuas que povoam as praças da Europa, representam o estado moral das gerações que as ergueram, e são a voz da patria reconhecida á memoria de seus filhos benemeritos; são um testemunho publico do enthusiasmo e da gratidão; são muitas vezes uma reparação da injustiça dos homens.

O cemiterio de Bologna torna a idéa da morte agradavel e lisongeira; todas essas naves sombrias, essas capellas que se occultam á luz mysteriosa de uma alampada, todas essas avenidas de marmore, que o genio do christianismo levantára aos céos com um hardimento insolito, rendilhando-as como o véo que esconde o rosto da pulchra e virginea esposa do Senhor; todos esses pavimentos ladrilhados de lousas e inscripções, todos esses jardins da morte, plantados nas margens do Sena, do Bosphoro, ou do Tejo; todos esses artefactos sumptuosos que margeam o Indo e o Ganges; todas essas glebas solitarias de Marathona, esses jazigos quebrados de Platéa, esses campos de Toura, da Palestina e do lago Trasimeno, que ainda resumbram a morte, tem uma voz poderosa, tem ainda os echos dos epinicios e dos gemidos que a humanidade alli soltára: os olhos do viandante alli se embebem de idéas grandiosas, e filtram-lhe no peito centelhas divinas, força e enthusiasmo.

A morte é quem traça o circulo da reforma do mundo: a fabula da Phenix é o mytho da renovação do homem, é a imagem da humanidade renascida: o espaço que um berço occupa é o mesmo que o de uma sepultura; o altar e a terra serão sempre os depositarios do espirito e da carne; as palpebras que se abatem e os labios que emmudecem eternamente, são logo substituidos por olhos radiantes, por labios que sorriem; entre os horizontes da vida e da morte, entre a luz e as trévas, entre o berço e a sepultura, vive e marcha um corpo indissoluvel, um corpo perduravel — a humanidade.

O Mendrão dos Indios revela este pensamento de uma maneira expressiva e grandiosa : poetisa o phenomeno da regeneração e da perfectibilidade moral com todas as côres da musa oriental.

O Mendrão é uma ave grande, tem no seu longo bico cincoenta largos orificios, e no prolongo do seu dorso outros cincoenta ; quando elle canta todos estes canaes despedem sons differentes, que se harmonisam de uma maneira admiravel ; tem vida millenaria, e dizem os poetas persanos que fôra elle o que ensinára a musica aos homens. Ao presentir seus ultimos instantes, o Mendrão construe um leito de feno e de vergonteas sêccas ; deita-se n'elle como Hercules na fogueira, olha fixamente para o sol, ergue-se e bate continuamente as azas, até que arrebente d'ellas a luz do astro que elle invoca, e incendeie o seu leito funereo, o abrase, e o consuma entre as suas chammas : das suas cinzas se ergue um novo Mendião ; e assim se perptúa como a Phenix dos Egypcios.

Este ser que respira por cem canaes harmonicos, que tem uma duração tão longa, esta vida que se renova de suas proprias cinzas, é a imagem da humanidade, com sua vida successiva, com suas civilisações, com seus renascimentos ; essa flamma que lhe infunde o sol, o astro que preside à vida do universo, é a luz que guia o homem no estudo da natureza, é a nova inspiração, é a idéa que vem presidir e metamorphosear um povo na nova geração ; todos aquelles canaes são as vozes de todas as intelligencias, são os tubos d'esse orgão civilisador de que vos fallei; e a musica que elle ensinou ao homem é o hymno progressivo da historia e da philosophia, é finalmente a expressão do que ha no homem de immortal e de divino.

Magnanimo Senhor, principe illustrado pelas virtudes do coração e da mente.

A hospitalidade que concedeis aos homens de intelligencia, o acolhimento que prestais aos idealistas, não é infructuoso para a vossa gloria e para o futuro do vosso throno : com elles marchareis ao archetypismo da perfectibilidade ; com elles tereis

azas para voar do Amazonas ao Prata ; com elles formareis a alavanca que deve erguer o vosso reinado acima dos de vossos antepassados ; com elles se hão de realisar vossas idéas sublimes.

Os idealistas são os espadeiros que forjam o gladio que aniquila os impetos da anarchia ; são os missionarios que convertem um povo criminoso n'uma nação virtuosa ; são elles os que rechaçam a molleza, quebram os ferros da escravidão, e abatem a tyrannia : são os chimicos que lentamente decompoem uma nação, e a refundem n'uma raça de heróes.

Principe da juventude, vós sois o Messias immortal da nossa salvação : a Providencia pôz em vossas mãos uma das mais bellas missões que se possa desejar ; uma palavra vossa é a vara magica que póde transformar a Terra de Santa Cruz n'um paraiso, os Brazileiros n'um povo civilisado, a nossa época n'uma época organica, e o vosso reinado n'um exemplo luminoso para o futuro, n'um facto que convença toda a America que a monarchia é a mais solida base da grandeza e felicidade das nações.

Ainda temos algumas antigas virtudes, e a principal é o respeito, a veneração e o acatamento que consagramos a Vossa Magestade Imperial.

ELOGIO HISTORICO

Do Marechal Raymundo José da Cunha Mattos,

Pelo socio correspondente o Sr. Francisco Manoel Rapozo de Almeida

O culto de respeito e consideração que as gerações posthumas costumam consagrar aos homens que trabalharam no progresso da illustração humana é na verdade grandioso e solemne. As homenagens assim rendidas sobre o tumulo dos benemeritos são,

além de um dever, um poderoso incentivo para animar os novos genios a não desanimarem na estrada escabrosa da sua missão civilisadora.

O Instituto Historico do Brazil comprehendeu o immenso alcance da execução d'este pensamento, e como herdeiro da gloria e dos trabalhos de seus benemeritos fundadores vai hoje dar um publico e solemne testemunho da sua consideração e do seu reconhecimento á memoria illustre d'esses homens benemeritos.

Na hora consagrada á celebração d'esta nova lithurgia, e no momento em que vai consummar-se o augusto holocausto, cumpre-me ir bater á campa de um sepulcro, e citando ahi uma intelligencia que repousa no seio de Deus, bradar-lhe: « Vem escutar o processo da tua gloria, vem receber as homenagens devidas á alta missão intellectual que exerceste cá na terra.» E' este um encargo tremendo e superior ás minhas forças, mas cumpre-me obedecer, e a vós perdoar á mão timida que em nome do Instituto rasga o crepe funerario do busto venerando do Sr. marechal Raymundo José da Cunha Mattos, d'essa grande e vasta intelligencia que soube elevar-se ás maiores eminencias sociaes, trocar a cacela de soldado raso pela dragona de marechal, e percorrer essa immensa distancia sem queimar o incenso podre da adulação aos poderosos da terra, nem lisongear as paixões dissolutas dos tribunos da anarchia.

O elogio historico de um homem, cuja biographia é uma serie de boas acções, e cuja memoria é perenne nas obras que elle legou á posteridade, encerra-se no amplo vulto do seu nome, e na simples menção dos factos. As pompas oratorias, as dicções sublimes, os conceitos, estudos, e as elevações forçadas, tornam-se como véos lançados sobre uma estatua de Buonarotti ou Canova. A simplicidade historica constitue o elogio o mais verdadeiro: sigamol-a.

O Sr. Cunha Mattos, segundo o seu illustre biographo, a quem seguimos, nasceu a 2 de Novembro de 1776 na cidade de Faro, sob a influencia d'aquelle céo puro e benigno do antigo

reino dos Algarves. Seus pais, o tenente Alexandre Manoel da Cunha Mattos e D. Isabel Theodora Cecilia de Oliveira, esmeraram-se na educação d'este seu predilecto filho, que votaram á carreira militar. Aos quatorze annos vestiu o joven Mattos a sua fardeta de soldado, e aos dezesete partiu para a celebre e famosa campanha do Roussillon, levando já no seu braço direito as duas listas de cabo, e na sua mochila uma carta de honroso exame em sciencias mathematicas.

A historia do joven lidador não ficou sumida nas fileiras dos soldados: ella se revelou não só em provas de valor, como n'uma conducta exemplar, e nos escriptos que já annunciavam esse engenho que ao depois tomou tão grande vulto, e se converteu em factos reconhecidos.

O fim das guerras trouxe o militar á terra da patria, mas aquelle espirito ardente e ousado anciava um novo theatro para exercitar o seu talento. Não o via elle no solo meridional; e, desprezando as intemperies de um clima doentio, e muitas vezes mortifero, pediu e conseguiu ir para a ilha de S. Thomé e Principe com o humilde posto de furriel de artilharia da marinha.

E' aqui onde se manifesta a realidade do grande talento que distinguia o Sr. Cunha Mattos. E' admiravel, senhores, como debaixo d'aquelle céo pesado e mortifero se desenvolveu aquella colossal intelligencia. Por espaço de quasi vinte annos a actividade proverbial do distincto militar exerceu-se em altas e importantes commissões, tando civis como militares. Os cargos de commandante da fortaleza de S. Sebastião da Barra, de ajudante d'ordens do governo, de provedor da fazenda, e feitor da alfandega de S. Thomé, foram desempenhados com uma assiduidade e honradez a toda a prova. Durante este longo periodo escreveu o Sr. Cunha Mattos importantissimas memorias sobre a estatistica d'aquellas ilhas.

Os talentos e a honradez que distinguiam este prestante cavalheiro foram reconhecidos na côrte, que então estava n'esta cidade, e apresentando-se n'ella em 1814 foi promovido ao posto de tenente-coronel, e agraciado com o commando da ilha de

S. Thomé, para onde regressou, e d'onde voltou outra vez em 1817 com a patente de coronel.

A parte activa e importante que o distincto politico, que o sabio militar tomou nas commoções e nos destinos nacionaes do Brazil, é materia para longos volumes. Como deputado, no gabinete e no parlamento, como militar suffocando e esmagando no campo da revolta a hydra da anarchia, como funccionario nas altas e difficeis commissões de que foi encarregado, o Sr. Cunha Mattos foi sempre um talento superior e uma distincta capacidade.

Deixemos ao historiador nacional apreciar e sentenciar esta illustre personagem, que representou um papel tão distincto no drama politico do Brazil ; e consideremos o incansavel academico exercendo, já na volta da sua velhice, uma missão litteraria, e applicando a sua intelligencia e profundo saber aos melhoramentos moraes e materiaes do paiz.

A Academia militar deve em grandissima parte o pé de melhoramento, em que hoje se acha, ao impulso que lhe deu o nobre marechal. A Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional recebeu dos seus esforços vantagens de muita magnitude, e em consideração aos seus valiosos e reconhecidos serviços o distinguiu com a nomeação de seu Secretario perpetuo. O Sr. Cunha Mattos comprehendêra a suprema utilidade de ir edificando o edificio da historia do Brazil, á proporção que elle ia caminhando na carreira da sua existencia. Juntando pois os seus esforços ao proverbial empenho do Sr. conego Januario da Cunha Barboza, lançaram a primeira pedra fundamental nos alicerces d'este edificio, que é a arca onde se salvam do diluvio do tempo os codices, os escriptos e os monumentos da história d'este territorio, que assombra a imaginação, ainda a mais gigante, quando o pretende sondar ou percorrer.

Os illustres fundadores do Instituto doaram-o com valiosos legados de suas vastas intelligencias ; e os seus nomes e escriptos, constituindo as primeiras paginas da historia de nossos trabalhos, estarão sempre presentes á posteridade litteraria, que a este

sanctuario vier sacrificar o fructo de suas vigilias e saber à historia e geographia do Brazil.

Os bustos venerandos, que hoje inaugura o Instituto à memoria illustre d'estes homens distinctos, permanecerão entre nós respeitados com o culto da nossa devoção e saudade. A essas imagens eloquentes pediremos inspirações e alento para proseguir na carreira encetada; e nós e os que nos succederem, ou os que tiverem de vir engrossar nossas fileiras, passaremos respeitosos por diante d'esses simulacros respeitaveis.

Desejára eu, Senhores, traçar o devido encomio ao nosso illustre academico: mas já que o não posso louvar como merecem seus talentos e sua famigerada memoria, sirva o catalogo de suas obras para avaliar-se aquelle incansavel talento, que deixou tantas copias e tantos monumentos da sua intelligencia superior.

As suas obras são:

Itinerario do Rio de Janeiro a Matto-Grosso.

Memoria àcêrca das navegações dos antigos e modernos que deram logar ao descobrimento da Terra de Santa Cruz.

Corographia historica da provincia de Minas Geraes.

Corographia da provincia de Goyaz.

Memoria historica àcêrca dos mappas geographicos antigos e modernos.

Mappa e itinerario desde o Rio de Janeiro até os confins da provincia de Goyaz, com os do Pará, Matto-Grosso, Maranhão, Piauhy, Pernambuco, S. Paulo e Minas.

Dissertação àcêrca da maneira de escrever a historia antiga e moderna do Imperio do Brazil.

Apontamentos sobre a navegação do Rio Doce.

Taboas das latitudes e longitudes de alguns logares do Brazil.

Diario dos trabalhos de ataque e defensa do Porto.

Repertorio da legislação militar. E muitas outras memorias no *Auxiliador da Industria Nacional.*

Contemplemos agora, Senhores, o militar, o politico e o sabio já na quadra de ancião, mas ainda com o vigor da mocidade. Membro de muitas associações, oraculo na politica e nas lettras da sua nova patria, patriarcha n'esta associação filha de seus

esforços, e decano na Auxiliadora da Industria. Aqui sentado na cadeira vice-presidencial, e na outra encostado à meza de secretario perpetuo. Nos seus hombros as dragonas de marechal, no seu peito os crachás da imperial ordem do Cruzeiro e da veneravel ordem de S. Bento d'Aviz. Na sua carteira as procurações nacionaes para duas legislaturas, e os mais ricos documentos que reconhecem o seu saber distincto. Este homem heróe, que nunca soffrêra na sua robusta compleição a influencia de climas inhospitos, este bravo militar que nunca empallidecêra diante dos perigos da guerra, nem se atemorisára quando a morte esvoaçava em torno da sua cabeça, este homem, em summa, que parecia superior ás vicissitudes da vida, ficou abatido e prostrado diante da tumba de uma joven filha, a quem, ainda na flôr dos annos, o archanjo da morte cobrira com suas azas fataes. Aquella filha, que era a parte mais querida da sua alma, o bordão da sua velhice, a sua secretària intima, e o reflexo do seu espirito, deixou este pai inconsolavel, até que uma doença consumidora o riscou do livro da vida, e o tombou nos fastos da morte a 2 de Março de 1839.

As lettras perderam no Sr. Cunha Mattos um dos mais assiduos e vastos cultores, o Brazil um cidadão prestante, e a sua familia um pai carinhoso, um amigo desvelado e honrado. Justa é pois a nossa saudade, justo o tributo de consideração que consagramos á sua memoria, inaugurando-lhe um busto, como penhor do nosso reconhecimento.

O Sr. Cunha Mattos era um obreiro infatigavel na obra da illustração humana ; era um homem que sabia harmonisar a idolatria politica com os sentimentos mais suaves de familia : este grande homem resumia em alto gráo as nobres qualidades de pai, de cidadão e assiduo cultor das lettras.

Dotado de caracter firme e energico, honrado e integerrimo no exercicio dos empregos que occupava, denodado no transe dos perigos, urbano e accessivel na elevação das grandezas humanas, heróe na adversidade, religioso sem fanatismo e quasi ascetico desprezador das honras mundanas, taes são as brilhantes recommendações com que passa á posteridade o nosso illustre

e finado consocio o Sr. marechal Raymundo José da Cunha Mattos.

Perdoai, Senhores, o mau desempenho da honrosa missão que tomei sob minha responsabilidade : a mais não póde chegar a pobreza do meu saber. Ainda bem que o panegyrico do nosso illustre academico é celebrado por quantos o conheceram, e o será pela posteridade, que o ha de sempre respeitar nos escriptos que elle nos legou.—Disse.

ELOGIO HISTORICO

Do conego Januario da Cunha Barboza,

Pelo 2.º Secretario o Sr. Dr. Francisco de Paula Menezes

Senhor.—Ha solemnidades em que o orgulho e a vaidade do homem buscam esconder sob a magnificencia do apparato e brilhantismo das galas a ridicula futilidade de suas pretenções; mas em vão, porque bem depressa desfeita a mentirosa exterioridade que illudia, deixam ver o verdadeiro fundo em que assentavam : outras porém calculadas sobre um pensamento civilisador, ageitadas ás feições de um seculo, sabem elevar-se á altura das grandes inspirações, eternisando a memoria de uma época, e marcando as escalas do progresso. E' a estas que a curiosidade publica assiste respeitosa, toda embebida na contemplação de sua belleza : a humanidade, por entre os encantos de uma pompa cheia de elegancia e simplicidade, colhe a proveitosa lição de sua propria força, e da grandeza de seus proprios recursos.

Tal é, Senhores, sem duvida o caracter do acto grave e magestoso que aqui nos reune hoje, e em que precedendo a posteridade, que invejará esta gloria que a deveria ennobrecer, viemos

collocar em alto pedestal, coroado de vicejante cesalpinia, a memoria de uma de nossas maiores illustrações litterarias. Ha ainda ahi uma proficua lição de elevada moralidade, que com justiça nos deve collocar entre os povos os mais civilisados : porque honrar de um modo tão faustoso e grande a memoria dos homens verdadeiramente celebres, é abrir larga carreira aos vôos do genio, é alentar os mal seguros passos do timido talento. Nem d'outra sorte procederam as nações, que ainda hoje nos deslumbram com o esplendor de suas glorias e clarão de suas celebridades.

Eu não devêra, bem vejo, erguer minha voz para tecer o elogio de um homem, que talentos de primeira força tem tão eloquentemente louvado ; porém ha dividas sagradas pela honra, sagradas pela gratidão—ha promessas escapadas á irreflexão e ao esquecimento da propria inferioridade— que comprommettem áquelle que teve a imprudencia de as enunciar. O que poderei eu fazer agora, senão apanhar algumas d'essas flôres, ou esquecidas ou pallidas e sem aroma, para tecer a tosca coróa com que sou obrigado a ornar a fronte de tão respeitavel cidadão ? Tosca embora, o que importa, si é ella a sincera expressão do meu reconhecimento e de minha saudade ? Nem menos nobre é a offrenda porque é pobre, quando parte de uma alma agradecida. O prazer de ser grato, Senhores, não me deslumbra a ponto de fazer-me olvidar as difficuldades do empenho que voluntariamente contrahi ; não, bem sei eu que o louvar a um homem como o illustre conego Januario da Cunha Barboza é discorrer sobre uma época inteira de illustração, é abranger de relance todos os productos das duas grandes influencias que maravilhosamente exercêra. Nem ignoro que devo subir á altura de seus pensamentos para medir a vasta extensão de suas idéas ; folhear o incalculavel livro de sua intelligencia para ler as grandes concepções e verdades que lá existiram ; que deverei finalmente descer a seu coração para ferir uma por uma as cordas d'essa harpa divina, e estudar o typo de sua sensibilidade, tão exquisita e tão comprometedora.

Já vêdes, Senhores, que a obra de que me incumbi é um vasto

quadro, que talvez o não comporte o acanhado de minha tela. Porém não espereis que para executal-a minha natural deficiencia se vá amparar das exagerações do panegyrista, ou das ficções brilhantes do poeta. Não, Senhores, não o farei, pois que para pintal-o eu tenho os pinceis da verdade, e as tintas que acaba de fornecer-me vossa mesma admiração.

E tu, ó meu illustre e saudoso mestre, gloria das lettras e da patria, dá que eu me inspire na contemplação da tua memoria respeitavel, das sublimes inspirações de teu genio, para que possa fallar de ti, retratar-te tão digno como fôras por tuas qualidades e virtudes, tão sublime como o eras em teus momentos de gloria ! Anima-me, oh verdadeiro genio ! para que menos temeroso eu vá caminho de tantos obstaculos.

Ha glorias que se perpetuam, ha renomes que parecem eternisar-se, passando como uma heranca sublime dos avós aos netos. Quando se nasce, Senhores, em uma época cheia de vida e de força, como nos gloriosos dias de um Racine e de um Molière, de um Boileau e de um Voltaire, a grandeza dos phenomenos de uma vida celebre é explicada pelas sublimidades que lhe serviram de berço, como pelas cataractas immensas, que rolam magestosas suas aguas pelas alcantiladas rochas, se adivinha a grandeza dos rios a que vão dar nascença. N'estes casos o desenvolvimento do talento não póde maravilhar-nos ; sua marcha é arrebatada e rapida como a dos genios, que se divisa nas altas summidades : porém quando procede-se de pais cuja gloria foram suas virtudes, cujo renome sua probidade ; quando por berço se ha tido uma opprimida colonia, a quem as limitadas vistas de uma endurecida metropole tratavam de envolver eternamente nas trevas da mais estupida escravidão ; então o crescimento intellectual é um esforço extraordinario, a grandeza do genio, phenomeno espantoso, e as riquezas do talento, thesouro de incalculavel valor ! Por isso com justiça admirareis, Senhores, a espantosa concatenação de factos grandiosos que esmaltaram a vida inteira do illustrado conego J. da C. Barboza, desde a sua aurora até o instante em que o frio sopro da morte apagou a luz da vida e fechou as portas ao tabernaculo do genio.

Nascêra o nosso illustre consocio n'esta cidade aos 10 de Julho de 1780: foram seus pais a Sra. D. Bernarda Maria de Jesus e o Sr. Leonardo José da Cunha Barboza, homem de costumes puros, e que legára a seus filhos, com uma pobreza honrada, os mais bellos exemplos de amor da patria. Orphão de mãi quasi nas fachas infantis, destituido quasi tambem de pai, foi aos desvelos e cuidados de um bom tio a quem deveu elle, e seus irmãos, a educação e o apoio dos primeiros esforços de natural talento.

Rapidos e espantosos foram os progressos da applicação do joven J. da Cunha Barboza; a facilidade de sua comprehensão, o gosto pelo estudo, e os primeiros tempos de seu genio, o tornaram em breve espaço o assombro dos que curaram de sua educação.

Se me fôra necessario, para engrandecer seu louvor, lembrar o distincto nome de suas mestres, porque não poucas vezes a gloria d'estes reverte sobre os discipulos, bastaria apontar d'entre os que cultivaram cuidadosos sua intelligencia a Manoel Ignacio de Alvarenga, Brazileiro celebre pela vastidão de seus conhecimentos, poeta de genio e profundo litterato, para avaliardes quão grande deveria ser o fructo de arvore tão frondoza e tão bem cultivada.

Foi d'este homem superior que bebeu o joven alumno as fecundas lições da arte dos Ciceros, em que mostrava não vulgar aptidão.

Já sua razão formada pela reflexão havia ganho o largo desenvolvimento que fôra mais tarde de tanto vulto, quando ouvira em sua alma o primeiro grito de sua vocação, grito que como o écho na amplidão do espaço se perdêra na confusão de seus triumphos escolares. Porém já tinha chegado a época em que é mister escolher um estado, dando complemento a tão lidados esforços.

Nem sempre o estado que na sociedade adoptamos, ou a profissão que elegemos, é fructo de amadurada reflexão ou de combinados calculos; são as mais das vezes intimas revelações, secretas sollicitações do genio, que parecem conduzir-nos sem que possamos ao menos examinar-lhe as vantagens. Uma d'estas impulsões chamou o joven Januario ao altar da religião. Ha no

estado sacerdotal, com a sublime independencia que o caracterisa, certa nobreza, certa gravidade, que maravilhosamente se dá com a natural grandeza e liberdade do genio, o que sobre modo se ageitava ao caracter de um moço todo talento, e de uma imaginação ardentissima.

E de bom acerto foi sua preferencia, porque a santidade da religião, acendendo em divino fogo a alma do verdadeiro christão, dá àquelle que se reveste do sublime caracter de tão augusto sacerdocio facilidade de adorar a Deus nos mysterios de s ,a santa doutrina com mais folga e com mais uncção; e essa grande responsabilidade, que desce magestosa do seio do Eterno, na imposição das sublimes ordens proporciona ás almas nobres e sensiveis instantes de ineffavel gozo.

Ao passo que a gloria portugueza parecia debater-se em horrorosas contorsões, offerecendo a imagem do moribundo ao exhalar o ultimo suspiro, uma alta mudança nos futuros destinos de nossa patria, Senhores, se apparelhava nos conselhos do Altissimo. Nossos horizontes iam alargar-se; nossa industria se engrandecer; as intelligencias medrarem, e o talento adquirir maior esphera em seu desenvolvimento. A côrte de Portugal deixava o Tejo e vinha, debaixo do sereno céo de um paiz intertropical, abroquelada pelo valor de seus filhos, baldar atrevidas ameaças de um soberbo conquistador.

O Senhor D. João VI, de saudosa memoria, aborda ás nossas praias. Elle quer em derredor de si os talentos do paiz; com os mais lisongeiros affagos busca acoroçoar a todas as aptidões. Este rei, Senhores, que mais de uma vez fizera parar seu magestoso sequito para estender ao artista de genio sua mão real, enthusiasmado pelos triumphos dos homens superiores, não se fartava de apertar junto a seu peito a mão do orador sublime, fazendo-lhe com os mais expressivos termos sinceros elogios.

Ha na bocca dos reis palavras, que são as vezes a mais agradavel e animadora recompensa. O Senhor D. João VI conhecia perfeitamente esta moeda, e a sabia despender muito a proposito.

A piedade d'este bom rei se manisfestára entre nós de um modo grandemente sublime, como numerosos effeitos o compro-

vam. Elle manda preparar a capella real, onde vimos empenhados todos os grandes recursos de nossos talentos artisticos para tornar este templo digno de um rei tão devoto, e de uma terra que tinha a crescida honra de suster em seu solo um tão grande throno. A eloquencia ia pois subir a seu elevado theatro, e trajando suas mais elegantes galas, ella trata de mostrar-se magestosa nos grandes espectaculos do culto que ia engrandecer.

A eloquencia sagrada, essa força que, como um gigante de fogo, faz tremer os mais corajosos e intrepidos reis da terra, no meio de sua orgulhosa grandeza curvarem-se ante as verdades do Eterno e confundirem-se humilhados no pó do sepulcro; essa força finalmente que vira, Senhores, bruxolear sua gloria nos triumphos de S. Christovão, acabava de ser chamada ao templo tão magestosamente edificado, para subir entre nós ao distincto logar que já tinha occupado n'esses paizes de adiantada civilisação.

Ides ver, illustre Principe, n'este vasto e magestoso proscenio, que a mão poderosa e augusta de um rei, como vós amigo das lettras e dos talentos, mandára levantar; ides ver como de um jacto se apresentam grandes figuras, athletas robustos, que buscam combater em uma arena gloriosa disputando os louros de uma victoria, perfeitas glorias de nossas lettras: taes foram um S. Carlos, um Sampaio, o illustrado conego Januario da Cunha Barboza e o eloquentissimo Monte Alverne! S. Carlos era um genio formado dos talentos de um grande orador, e das inspirações de um grande poeta. Seus discursos eram um sublime pleito em nome da religião, sustentado pelos esforços das duas grandes potencias! Sampaio, Senhor, era celebre pela fluidez de sua elocução, que se deslisava de seus labios como a mansa corrente, tinha uma imaginação vigorosa, e um estylo grandioso. Quando estes grandes oradores estrondavam os templos da grandeza de sua eloquencia, as portas de um grande claustro se abriam para deixarem ouvir a voz eloquentissima de um homem verdadeiramente muito inspirado, de um d'esses oradores que, com a fecundidade a mais sublime, dispunha da palavra como Jupiter de seus raios! Dotado de uma imaginação vigorosa e de um talento das maiores dimensões, elle tinha o

grande recurso de possuir um dos mais habeis pinceis que conhecemos para retratar com força e vida os quadros e os caracteres : era este, Senhor, Frei Francisco de Monte Alverne ! Se juntarmos a estes grandes emulos o illustre conego Januario da Cunha Barboza, teremos o grande grupo de oradores celebres que immortalisaram essa brilhante época.

Havia porém no fundo d'esta scena uma figura colossal, cujos olhos brilhavam de uma luz quasi celeste : era o immortal Padre Antonio Pereira de Souza Caldas... o genio de David ! Caldas já tinha dado na cadeira sagrada as fecundas lições de uma eloquencia persuasiva sem pretenções, e brilhante sem o escandalo de uma pompa de mau gosto ; sua solida instrucção, o profundo conhecimento dos dogmas de nossa fé, a força de sua logica, e os encantos de sua elocução facil, grangearam a este illustrado sacerdote todo esse respeito e veneração que lhe tributavam cidades inteiras.

Haviam preludiado, como um cantico sublime, os grandes triumphos do nosso illustrado consocio, Senhores, as fecundas lições de um Caldas. E foram taes suas producções, tal o effeito que sobre o coração do Senhor D. João VI fizera essa oração de graças recitada na festividade solemne de sua feliz chegada á esta terra, que com os applausos de toda a côrte, com os elogios e emboras dos collegas e amigos, lhe viera a nomeação de prégador da real capella, como a primeira prova do apreço do seu talento.

De certo não ha logar, não ha assumpto que mais desmonte o pedantismo e a ignorancia, e faça mais facilmente cahir a mascara ao charlatanismo e á mediocridade, do que a cadeira sagrada. As altas conveniencias de seu decoro, a nenhuma variedade dos objectos, tornando-o um dos generos mais difficeis, baldam os grandes recursos da mocidade, e forçam os espiritos acanhados a se soccorrerem ás riquezas profanas, adulterando assim a gravidade de seu magestoso estylo ; e volvendo sempre as mesmas idéas, tratam de supprir com a sonoridade de palavras vãas, e com a pompa de conceitos mal cabidos, quanto lhes falta de genio e de grandeza.

E' só proprio dos verdadeiros talentos escavar proveitosamente a mina, que parecia de todo explorada.

Assim é que objectos, que pareciam não soffrer mais as bellas transformações operadas pela arte, recebem das do genio um colorido e uma expressão tão nova que pela grandeza nos encanta e nos maravilha.

Tal é a força prodigiosa do genio! como Deus, ella cria! como o sol, vivifica tudo em que toca!

Havia o nosso illustrado socio preparado sua educação pela aturada leitura e reflexivo estudo dos bons modelos sagrados e profanos. A lição dos classicos e dos antigos dá certa energia ao estylo, communica uma força á elocução, engrandece de tal fórma os alcances do genio, que facilmente se deixa conhecer onde ella existe pelo desempeçado do periodo, amena variedade de termos, bello torneado da phrase, e pela grande simplicidade dos ornatos. Aquelle que houver praticado com frequencia estes mestres, será certamente lido com prazer pelos homens illustrados.

Fóra a leitura dos livros sagrados, a paixão com que se entregara ao estudo da poesia cheio de santas inspirações d'esse poeta rei, e á toda a historia da mais santa, mais sublime de todas as religiões, que deram por obra uma eloquencia, que deveria um dia immortalisar o nome de tão erudito sacerdote.

Perdidos para nós os primeiros ensaios do illustre conego Januario da Cunha Barboza, não podem ser avaliados; mas foram taes que lhe grangearam a solida reputação de que gozára desde que appareceu em tão sublime quanto perigoso theatro!... Procuremos fallar d'aquellas producções que viram a luz da tribuna nas brilhantes épocas da sua carreira oratoria. Lembrar-vos-hei d'entre outras a oração por elle recitada em presença d'El-Rei na capella real, no dia de Cinzas, e ahi alcançareis o orador em toda a força do genio, e com toda a seiva da mocidade. Vereis a mais completa erudição sagrada; com a lucidez de um apostolo desenvolvidos os altos mysterios da religião; e todo o discurso cheio de elegantes pensamentos, e ornado de um estylo encantador e bello!

Mais de quatrocentos sermões produziu seu talento, e mais de quatrocentas vezes ouviram os templos de nossa patria as bellezas de seu genio, e os segredos de sua eloquencia sublime. Correm por ahi, talvez em mãos bem impuras, muitos d'esses thesouros de saber e de erudição! Ah! e quantas mutilações, quantas estupidas enxertias não terão abastardado a pureza de tão grandes producções!

Era o nosso collega dotado de uma voz cheia, sem aspereza, e de uma physionomia expressiva e amena. Seu porte tinha essa magestosa conveniencia, que tanto impõe sobre um auditorio. Sua eloquencia era persuasiva sem esforço, encantadora sem affectação, flexivel e apaixonada algumas vezes, como a de Massillon: seus quadros eram traçados com arte, suas imagens cheias de vida e de conveniencia, seus similes revelavam a lição dos grandes mestres e o depurado gosto do orador; frequentes vezes seu pincel traçou elegantes retratos oratorios, que bem deixam ver quanto se nutrira seu genio das fecundas lições dos grandes mestres.

E' o panegyrico especie oratoria em que raras vezes os oradores vulgares deixam de precipitar-se, sobre tudo quando tem de louvar os reis e os grandes.

N'esta especie, Senhores, com que respeito á dignidade de uns, e veneração á saudade de outros, sabia o nosso collega prantear a morte dos reis, diante dos filhos que os choravam! Ahi estão essas orações funebres do immortal rei o Senhor D. João VI, e a da nossa primeira Imperatriz, a augusta e sempre saudosa mãi do nosso precioso Monarcha, para verdes com que verdade louvára elle as virtudes de uma, e o grande coração do outro! Sim, Senhores, é uma grande qualidade no orador o louvar sem baixeza áquelles que tem tido a seu cargo o regimento dos outros homens. E com razão nos diz um celebre litterato, que o louvar a um principe de virtudes que não possuira é insultar-lhe a memoria com a certeza da impunidade. O que ha para admirar com toda a justiça no illustrado conego Januario da Cunha Barboza, é sem duvida a correcção e pureza de seu estylo; são esses vigorosos esforços que fizera para depurar a lingua que fallamos dos in-

numeros vicios que uma educação descuidada tinha deixado medrar com toda a largueza. Verdadeiro philologo, lidou elle sempre, Senhores, por enthesourar as preciosas riquezas de um idioma, cuja maior difficuldade e belleza é a inesgotavel abundancia de variados e elegantes termos. Com razão devem ser considerados, como muito bons serviços, aquelles que se deixam caracterisar por trabalhos e esforços para a conservação e aperfeiçoamento da lingua de um povo; porque nada obsta mais o progresso das lettras de uma nação que a imperfeição e barbaridade da sua lingua.

A vinda da côrte portugueza para o Brazil, alimentando o fervor das artes e das sciencias, acoroçoando a industria pela abertura de nossos portos ao commercio estrangeiro, apressava nossa civilisação, e os talentos como desassombrados já começavam de mostrar-se em todos os generos. A poesia, a eloquencia, a musica, a pintura e architectura, principiaram a engrandecer-se. Assim tambem a educação da mocidade ganhou mais franqueza, e o ensino publico tomou o caracter de um verdadeiro sacerdocio. Creadas escolas regulares em todas as materias, o nosso illustrado collega vai occupar em 1814 uma cadeira de philosophia moral e racional n'esta côrte, tendo dado provas de sua aptidão perante um competente tribunal.

Os grandes recursos, que a philosophia prestára sempre á eloquencia, o haviam habilitado para fazer valiosos serviços á patria, derramando na alma tenra de seus discipulos as sãas doutrinas de uma philosophia esclarecida. Que lucidez, Senhores, em suas prelecções! Que methodo de exposição! Como era n'elle vasta a lição dos antigos tempos e dos velhos philosophos! Com que luz sabia elle destruir os sophismas d'esse materialismo que despontava nas doutrinas de Locke para mais tarde pretender abysmar a felicidade humana no horror da mais completa desgraça! Trinta annos de um magisterio proveitoso é uma verdadeira gloria para o homem; e se algum serviço póde o cidadão fazer á patria, que digno seja de alta recompensa, é sem duvida o que elle presta cuidando da educação intellectual e moral da mocidade.

A vida dos homens celebres é como um grande livro escripto pela mão de um genio superior, onde cada pagina encerra mil bellezas, cada paragrapho uma multidão de idéas sublimes. Assim é que a existencia do nosso illustrado collega tambem offerece paginas cheias de curiosa e util investigação. Ha ahi uma época inteira que, similhante a uma larga cortina recamada de brilhantes estrellas d'ouro, o seu fulgor deslumbra muitas vezes a vista! Sim, Senhores, é uma pagina que a posteridade lerá com espanto, porque é ella expressão de uma das mais altas qualidades civicas. E' hoje que diante de nós existe um tumulo e um sudario de morte que a inveja tolerará condescendente o louvor do merecimento. E' hoje que podemos sem receio fallar dos grandiosos effeitos de seu patriotismo. Vejamo-lo, Senhores, vejamo-lo agora n'este outro theatro não menos vasto, não menos importante, e veremos como ainda se mostra grande e sempre sublime!

O velho Portugal, agitando-se violento ao grito de revolta desatado por toda a Europa, era prêa como de uma d'essas fermentações profundas e medonhas do seio da terra, que dão em resultado grandes catastrophes ou horriveis cataclysmos. Era o grito do povo portuguez, que despertava do pesado somno de uma escravidão de tantos seculos! O écho d'esse estrondóso movimento retumbou horrivel em todas as nossas montanhas como um brado de guerra: nós o ouvimos. Porém elle despertou tambem em nossos corações as reminiscencias de tantas oppressões! Os acontecimentos de 20, Senhores, chamaram o Senhor D. João VI a Portugal, deixando as redeas do nascente Imperio nas mãos de um principe, a quem a historia já assignalára o logar distincto entre os grandes monarchas do mundo. No calculo da liberdade de todos os Portuguezes não entravamos nós. Para nós a escravidão e as trevas da ignorancia.

Brazileiros dignos da patria reuniam-se para neutralisar a acção de tão nefanda cabala. Todos conheceis o que se passára d'ahi; todos vós tendes no coração essas palavras sublimes, que symbolisaram um imperio, proferidas pelo immortal auctor da nossa gloriosa independencia. Por todos os grandes acontecimentos, que a historia registou, o nosso illustre consocio e alguns outros

Brazileiros haviam empenhado alma e coração. Elles trabalham nos circulos sobre as idéas de uma fórma de governo mais conveniente ao paiz, porém não bastava; o povo carecia de enxergar a verdade, destramente coberta pela seductora linguagem de nossos adversarios; era-lhe mister a luz, e o nosso illustre patricio e um outro Brazileiro celebre se incumbem de derramar com a publicação de um jornal politico, o *Reverbero*, escripto no estylo de uma época toda tinta nas paixões que soem desencadear-se nas grandes crises das nações.

Distincta foi a figura do illustre conego Januario da Cunha Barboza em todas as scenas d'este grande drama. E' elle e seus amigos que auxiliam o augusto principe a proclamar nos campos do Ypiranga nossa independencia: é elle quem vôa a Minas Geraes para levantar os obstaculos que se oppunham á realisação do grande plano de um imperio. Elle volta, Senhores, coberto de gloria, e com a satisfação de haver desempenhado tão alta missão!

Sem duvida esperais que a corôa civica tecida dos louros da victoria vai cingir sua fronte gloriosa?... Contais talvez que por entre as acclamações de um povo inteiro entre elle ás portas da cidade?... Não o espereis, o exilio vôa ao seu encontro, porque a calumnia o envolvêra em seus horriveis tramas; e eil-o para França; já lá vai caminho do desterro comer o pão do exilado! Ah! E' bem horrivel ver despedaçadas em um momento todas as mais ternas prisões de nossa alma! Chega finalmente ao logar do seu destino, onde os desvelados cuidados de um precioso irmão, o honrado cidadão o Sr. Manoel da Cunha Barboza, nada havia poupado para lhe cautelar as precisões; as saudades da patria são pouco a pouco suavisadas pelas sublimes impressões de tantas bellezas e prodigios de uma civilisação tão adiantada. Qualquer homem de um caracter vulgar, cuja alma désse accesso ás paixões rancorosas, vingar-se-hia talvez da patria, esquecendo-a; porém o illustre conego, Senhores, vinga-se pensando em seu futuro engrandecimento e nos meios de obtel-o! Elle estuda a actividade industrial, e examina as molas de sua elevação; apalpa o rapido crescimento das artes, frequenta os

grandes estabelecimentos; pratica com os mais illustrados homens de todas essas terras de sua peregrinação, e colhe d'este geito uma somma de conhecimentos que ampliam prodigiosamente a esphera de sua já tão vasta intelligencia. A verdade tinha finalmente destruido os enredados fios do trama que o havia envolvido, e o nosso illustre collega voltando ás terras da patria justificado, recebe das proprias mãos do augusto monarcha, como galardão dos seus serviços melhor apreciados, o titulo de official da imperial ordem do Cruzeiro, e pouco depois o canonicato.

Continuam seus serviços em prol da causa da patria e do throno; duas grandes provincias como que disputam a gloria de o ter por defensor de seus direitos na representação nacional: esta bella e populosa cidade, a fertil e rica patria de tão elevadas capacidades, Minas Geraes, o escolhem ambas para deputado á camara temporaria; porém agradecendo cordialmente uma tão grata prova de confiança e estima, prefere representar aquella onde saudára o primeiro dia de sua preciosa existencia.

Volvem-se os tempos; successos de alta monta tem logar no paiz; seus esforços e sua dedicação não desmentem um só instante a grandeza de seu amor pela patria. Era uma época de terrivel egoismo e abnegação, e nem deve admirar que as fraquezas da condescendencia fossem envenenadas, e que a multidão sempre estupida buscasse apedrejar e demolir os grandes edificios, cuja belleza até ahi tanto a tinham maravilhado! Cabe, Senhores, n'este logar pintar-vos com fidelidade o caracter d'este homem tão admiravel; farei assim um grande serviço a seus detractores, poupando-os á vergonha de uma solemne retractação em frente da posteridade.

Era o illustre conego dotado de uma alma sensivel e de flexibilidade tão excessiva que vergava as vezes ás mais perigosas condescendencias, como o extremo da flexivel vergontea curvada pela fraca mão da criança, que abandonada vai quebrar seu impulso contra quem a desprendêra: dotado de um coração todo bondade, não sabia desenganar quando podia nutrir espe-

ranças. Aquelles que o praticaram com frequencia, sabem quão accessivel e franco era elle, e com que facilidade abria seu coração a todos que o procuravam conhecer.

Era porém a amizade um verdadeiro alimento do seu coração, porque era ella a expressão a mais eloquente de todo esse feudo de bondade em que assentavam tão bellas qualidades. A amizade é para as almas generosas e sensiveis como um d'esses jardins esmaltados de odoriferas flôres, que embalsamando o ar, no doce torpor da deliciosa embriaguez abafam nossas magoas e nossos pezares. Nada tem de extraordinario o amor da humanidade, quando calcula as conveniencias para não aventurar o successo; porém quando enthusiasmado como por uma paixão o homem ama o seu similhante, e a elle se dedica com este amor puro de irmão, então tem esse caracter sublime que lhe deixára plantado sobre o Calvario a morte do homem Deus! Então elle é, Senhores, uma virtude, a caridade. Tal se manifestára sempre no coração do illustrado conego Januario da Cunha Barboza.

Amigo dos homens, curou desvelado sempre de seu bem estar. Ah! e quantos não amparou o seu valimento!? Sua bolsa pouco repleta, mas franca, espancou a necessidade de muitos. Seus olhos se afogavam em jubiloso pranto quando via sahir transportada de alegria a precisão remediada e a fome satisfeita! Talvez, Senhores, podesse outro que não elle amar cabedaes, porém suas mãos se não sabiam fechar quando seu irmão tinha fome, quando o indigente tiritava de frio.

Haveis visto no conego Januario da Cunha Barboza um homem sempre superior, quer nas alturas sublimes da eloquencia, quer no vortice dos medonhos turbilhões da politica, quer ainda no meio de suas virtudes de homem: vêde-o agora por um outro lado, no silencio de seu gabinete, no meio d'essa sociedade de verdadeiros amigos de todos os tempos, no meio de seus queridos livros, e rodeado de uma mocidade cheia de fogo e de esperanças.

Um prolongado reparo escapado às inquietações de sua alma lhe tinha mostrado a necessidade de um acurado cultivo das lettras da patria, tão esquecidas e abandonadas. Via elle com

magoa esparsos fragmentos da nossa nascente litteratura, os esforços de uma mocidade talentosa desvairados por falta de centralisação e unidade, nossa lingua desmaiada á força de adulterações da natural e primitiva belleza, lavrarem vicios de pessimas imitações, em voga a inchada timidez do estylo, superflua abundancia e a ridicula affectação de um estupido francezismo, e os bons modelos esquecidos; então como se despertasse de um somno largo, volta vigoroso aos objectos de suas predilecções, alça o brado, e cerca-se de moços de genio; dicta as leis do gosto, mostra-lhes as bellezas dos grandes modelos, ajunta os espalhados elementos de nossa gloria litteraria; dá publicidade a numerosos escriptos ineditos de nossos melhores poetas, organisando um Parnazo que os eternisasse, e se tornasse centro d'esse grande movimento, que é vida das artes e das lettras. O largo cultivo dos classicos tinha-lhe dado essa aptidão, essa exquisita sensibilidade que auxiliada pela reflexão chamamos gosto em um homem de lettras, e era tão pura n'elle esta faculdade que seus juizos quasi sempre eram coroados pelo successo das producções.

A critica que elle exercia cheio de prudencia e de escrupulo o tornou o nosso oraculo do gosto. Entregue de ha muito ao cuidado de purificar a lingua que fallamos, achou elle nas versões de um idioma, que conquistára a universalidade de todas as litteraturas, um meio assás proprio para similhante mister.

Se ha trabalho do nosso consocio que o honre, é sem duvida o de suas traducções, pela belleza, segurança e correcção do estylo, e a facilidade com que jogava as duas linguas. Bem o sabeis, Senhores, quanto é difficil uma traducção bem acabada; acompanhar o pensamento do poeta, imitar-lhe o vôo sem enfraquecer-lhe a força, pintar-lhe as imagens sem adulterar o colorido, é compôr duas vezes. Sua grande reputação litteraria havia atravessado o atlantico e retinido nas grandes sociedades litterarias da Europa, as quaes como á porfia lhe enviam seus diplomas, dando-lhe parte na gloria que conquistaram.

A poesia, esse sagrado fogo que desce do céo para inspirar a alma sublime do poeta, havia sido desde seus primeiros annos o

objecto de sua constante paixão. Enthusiasta das musas latinas e italianas, admirador da doçura de Virgilio, da triste melancolia de Ovidio, da vigorosa imaginação de Tasso, furtava muitas vezes ás sublimes contemplações da eloquencia momentos para os dar ao estudo da poesia. Numerosas foram suas producções poeticas: perdidas pela maior parte para a posteridade, se não poderam enthesourar. Algumas que por ahi correm são cheias de bellezas e de merecimento.

O genio lyrico foi por elle muito cultivado ; a lyra de Pindaro deixára muitas vezes vibrar suas divinas cordas feridas por seus adestrados dedos. Nunca sua musa fôra mais sublime do que n'essas horas amarguradas do desterro, quando com o coração ralado de desgosto buscára desquitar-se de seu doloroso pungir, cantando em sublime plectro as grandezas e maravilhas d'este fertil paiz. O Nictheroy, esse pequeno poema em que buscava com a mais bella ficção engrandecer e pintar nossas bellezas, basta para immortalisar seu genio. Ahi se encontra quantidade de felizes versos e de imagens grandiosas ; porém o que sobre modo encanta é o sublime da invenção ; invenção só propria dos grandes talentos ! Notava-se-lhe uma particular tendencia para a satyra. Algumas producções d'este genero, mais ou menos apreciadas pelo sal do ridiculo e faceto do estylo, viram a luz da publicidade. E', Senhores, um genero sempre difficil, e nem sempre util, sobretudo quando parte de uma alma envenenada e de um coração corrompido.

Teria o nosso illustre collega, Senhores, perfeitamente imitado o fecundo genio de Molière, se aproveitando o seu talento e sua musa, as vezes tão faceta, cultivasse a comedia, genero de composição de que tanto gostára. Para prova da pureza de seu gosto e vastidão de conhecimentos sobre litteratura dramatica, ahi estão os juizos que como revisor do theatro déra ; ahi estão suas censuras, onde vereis quão forte era elle em materias taes. Foi por seus esforços que se estabelecêra n'esta côrte o Conservatorio Dramatico, instituição de tão proveitosa existencia, quando bem comprehendidos seus fins. Em quanto assim instruia a mocidade, enriquecia tambem nossa industria de tudo quanto seu genio

pensador e continuo estudo encontravam no espantoso progresso da Europa. A Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, convidando-o para seu gremio, lhe entrega logo a redacção de sua util Revista, já de ha muito enriquecida de variadas memorias suas. Escolhido depois, Senhores, seu primeiro secretario, seu ardor toma um nova força e multiplica os seus resultados. Grandes foram ainda os seus serviços n'este novo e vasto empenho: a industria de um povo caracterisa a sua civilisação; o bem estar material não é menos interessante que o desenvolvimento intellectual. Adiantai a industria, facilitai as molas de seu nascimento, e vereis medrar a intelligencia e consolidar-se a felicidade de um povo. Faltava porém ao illustrado conego Januario da Cunha Barboza, no meio de toda a sua gloria, alguma cousa bastante solida e segura, como um d'esses pedestaes de larga base e de boa architectura, para suster o peso do seu renome.

E elle a foi topar no fim mesmo de suas inspirações. Ha idéas tão uteis, concepções tão bastas de consequencias grandiosas, que só ellas formam o maior e mais eloquente elogio do genio que as fecundára. Foi esta academia de lettras, este centro dos esforços de todos os Brazileiros, a grande idéa afagada no seio de um dos mais subidos talentos da patria. Gloria a todos que assim se afadigam em prol da prosperidade das nações!...

Doia-lhe o coração, Senhores, ao ver a indolencia de nossos homens de lettras em frente da escandalosa adulteração dos factos de nossa historia. Inflammava-se de colera ao ver como afoutava o mercenario estrangeiro, levado do interesse, a traçar a historia de um povo, cujos costumes, origem e menos desenvolvimento podia conhecer! Os abusos se multiplicavam, as questões territoriaes começavam de apparecer, animadas talvez pela imperfeição d'essas cartas levantadas pela mal segura mão da ignorancia ou do interesse. Sua alma parece, Senhores, haver recebido uma grande inspiração, elle corre a communicar a seu particular amigo o illustre brigadeiro Cunha Mattos a idéa que se abrigava emsua alma, e de um jacto eil-a em pé; eis architectado o sublime pela força d'esses dous valentes operarios o Instituto Historico e Geographico do Brazil! Sim, Senhores, é aqui,

é aqui que este homem de uma contextura forjada por moldes antigos se desfaz todo em fadigas, e onde se fixaram suas vistas ambiciosas de um futuro de gloria ! Infatigavel em promover todos os meios de progresso de uma associação, que devia tomar um dia proporções gigantescas, seu genio não conhece o repouso. Já sua existencia tem repercutido estrondosa em toda a Europa, que cheia de jubilo afaga a agradavel nova, e busca galardoar aquelle que fecundára uma inspiração tão elevada. Os soberanos que prezam a gloria das lettras, e sabem honrar os que a ellas se dedicam, qual que seja o logar onde hajam visto a luz do dia, não hesitam em condecorar com distinctas medalhas áquelle que por seus serviços ás lettras tanto as tinha merecido. A historia da patria não tem mais que temer a impia mão do barbaro estragador da sua pureza; o Brazil será retratado com as vivas côres da verdade; e os seus bellos acontecimentos da primitiva cessaram de verem-se envolvidos nas loucuras de fabulosas ficções! Nossa grandeza territorial vai a ser livre de perfidas mutilações. E tudo, Senhores, tudo será obra d'esse homem verdadeiramente grande, cujo patriotismo jámais cansára, cujo genio jámais fraqueou, e cujo coração foi cada vez mais da patria !

A mão estragadora dos annos, o peso das contrariedades da vida, os males physicos, fructos infalliveis de continuos reencontros de paixões differentes, haviam enfraquecido e alluido as molas de uma machina, que funccionava de um modo tão admiravel durante sessenta e oito annos. Uma rapida febre, Senhores, vai roubar a nosso coração um sensivel companheiro, á patria um denodado campeão, á igreja o orador eloquente, e á humanidade um seguro protector. A historia tinha acabado de escrever sua ultima pagina, e na serenidade de uma consciencia tranquilla sua alma desatou as prisões da carne e voou para o seio da gloria ! O illustrado conego Januario da Cunha Barboza saudou as portas da eternidade no dia 21 de Fevereiro de 1846.

Nem era possivel que tamanha gloria, que uma alma tão crescida de virtudes continuasse a persistir no limitado de uma habi-

tação mortal. Ella queria a vida em toda a perfeição, o gozo sublime das almas bemaventuradas, a vista perpetua do Altissimo, em summa a eternidade!...

Assim fechou-se a carreira do mais alumiado genio de nossa patria!

Sua vida foi um composto de grandes feitos e de pequenas imperfeições. Viveu como morreu, pobre e respeitado. Sua morte foi placida e tranquilla como a dos homens probos, grandiosa e sublime como a dos sabios. A hora tinha soado nos campanarios da eternidade, era a hora do terrivel passamento, ainda em bem que foi ella solemne!

A patria recebeu o seu eterno adeus, e vendo com o derradeiro sopro da vida estalar a ultima corda d'aquelle patriotico coração, uma lagrima de saudade se deslisou de suas humedecidas palpebras!

Cahiu, Senhor, a cortina sobre uma vasta scena! Terminou por uma catastrophe commum, porém inesperada, o desenlace de um drama sublime, onde figurára um dos homens mais celebres de nosso paiz, e cuja gloria tambem pertence a V. M., porque são os grandes genios quem abrilhantam os grandes reinados, e a gloria que d'elles se diffunde vai reflectir-se, como os luminosos raios de um luzeiro, sobre aquelle cujo apoio e protecção os fizera vigorar! V. M., que durante a vida d'este grande cidadão não cessou de lhe testemunhar consideração e estima, para não deixar equivoca a decidida protecção que tão benigna concede a todos os que se dedicam às lettras e às sciencias, como aquelle rei que prestára seu nome para gloria de seu grande seculo, quiz ainda das alturas mesmo de seu elevado e augusto throno presidir a esta tão sublime como nova solemnidade.

Sim, ó Principe excelso, no dia em que a posteridade vier copiar o programma d'esta gloriosa apotheóse, ella terá de collocar, como a figura mais saliente d'este elegante quadro, a augusta pessoa de um monarcha, que ha posto toda a sua gloria no engrandecimento e progresso das artes, das sciencias e das lettras! E o

renome d'esta Academia, que tantos titulos já conta á admiração dos seculos, não apparecerá n'essas éras do futuro, sem que o augusto nome de V. M. Imperial venha abrilhantar com sua immensa gloria os fastos de sua grandeza.

DISCURSO

Sobre a necessidade de se protegerem as sciencias, as lettras e as artes no Imperio do Brazil

Pelo socio correspondente o Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho.

Que espectaculo, Senhores, que espectaculo augusto em que somos chamados a tomar parte! Que grande victoria, que grande acontecimento, traz hoje ao mesmo recinto o monarcha, o sabio, o artista, o philosopho, os que dirigem a nau do Estado, os que representam as civilisadas potencias do mundo? todas as gradezas que deslumbram e fascinam, a do imperio, a da arte, a do poder, a da intelligencia?

Oh! sim! esplendida victoria, sublime acontecimento as congregou aqui. Victoria de um seculo illustrado sobre os preconceitos de antigos tempos. Acontecimento grandioso, a inauguração solemne de uma éra fecunda e nobre!

Por toda a terra da civilisação achará echo, Senhores, esta reunião memoranda; e na velha Europa calará o assombro nos animos, ao admirar como uma terra nascente soube de chofre arremessar-se á altura que apenas enxergam Estados longa e fortemente constituidos. O culto da sciencia, a veneração pelos seus ministros, a apotheóse dos bemfeitores do genero humano em materia de lettras, são o mais evidente thermometro da verdadeira grandeza de um povo.

Ufane-se o Brazil muito embora — da pasmosa magestade da sua natureza — da illimitada extensão do seu territorio — da sublimidade de suas tropicaes florestas, oceanicos rios, agigantadas serras — ufane-se de ver por tributarias as mais remotas regiões —ufane-se de haver sabido preservar-se dos deploraveis delirios dos dous continentes americanos, conservando o unico elemento de ordem, paz, união e magestade, a fórma monarchica—tem hoje de juntar a tantas joias de brilhante coróa a do sublime exemplo que acaba de dar.

Em duas campas, mal fechadas ainda, vedes vós agitarem-se convulsivamente uns membros tepidos; sentarem-se dous corpos, prestando ouvidos à voz que os evoca; levantarem as suas lousas; e despindo-se das mortalhas, approximarem-se para nós como phantasmas luminosos! Oh! são elles, são elles! acreditemos que á alma immortal é por Deus permittido recordar-se dos prodigios que obrou, baixar das regiões ethereas, premiar com um sorriso ineffavel estas posthumas honras terrestres, e que no banquete opiparo dado pelos vivos aos que não são, vem essa alma dos mortos sentar-se no seu logar de honra.

São estas corôas de mais immarcessivel louro do que as que adornam frontes de conquistadores: ess'outras representam o sangue, e as lagrimas, e o incendio, e a devastação; symbolisam estas o progresso, o espirito, a fraternidade, as obras verdadeiramente de Deus; aquellas esterilisam o terreno, estas fecundam-no.

E por mil modos fecundam tambem estas solemnidades a essas producções do engenho humano. Com ellas, o juizo desapaixonado e recto da posteridade vem recompensar, para a eternidade humana, os desvelos e as fadigas do genio. Com ellas, vem excitar-se, no seio dos escolhidos do Senhor, muito germen abandonado de imperecivel gloria. Com ellas, se accordam muitas nobres emulações, para transformar-se em milagres da intelligencia. Com ellas, e por ellas, pinta um povo a natureza, e o estado das influencias, dos governos, dos tempos, das idéas, dos homens e das instituições.

Gloria pois ao povo a que estas considerações são instinctivamente familiares! Gloria aos seus chefes quando, comprehendendo a sua providencial missão, derem ás lettras e ás sciencias a consideração elevada, a desvelada protecção, sem a qual definham e morrem. Esse povo será grande; porque assentará na mais solida base de grandeza. Esses chefes serão immortaes; porque a sua fama atravessará os tempos, dando nome aos seculos.

Venha um Pericles; e cem astros luminosos de nomes rodeando esse nome formaráõ a mais formosa constellação da historia das lettras e dos povos. Com elle appareceráõ os Sophocles, os Euripides, os Eschylos, os Phidias, os Zeuxis, os Hippocrates e os Socrates... que digo? não surgiráõ homens, não; surgirá o idioma, a tragedia, o pincel, a estrophe, o cinzel, a philosophia, a sciencia e a palavra. Levantar-se-hão as maravilhas do espirito gravadas no papyro, na memoria, e nos marmores, no Parthenon e no Odeon.

Venha um Leão X, e ver-se-ha como o condão magico de um Mecenas soberano, prodigo de honras, de vantagens e de affabilidade para com os homens illustres, levantou os Miguel Angelo, Raphael, Ariosto, Machiavel, Bembo, Sannazaro, Aldo-Manucio, os maiores artistas, admiraveis poetas, profundos publicistas, sabios de primeira ordem.

Morre Mazarino, e um rei, tambem de vinte e dous annos, empunha o sceptro com vigor, e determinado a ver, saber e querer, por si proprio, com uma resolução, durante cincoenta e quatro annos mantida. E em torno do nome de Luiz XIV vereis resumidas todas as glorias. Pascal, Bossuet, Fénélon, Bourdaloue, Massillon, Corneille, Boileau, Lafontaine, Molière, Racine, La Bruyère, La Rochefoucauld, Lebrun, Perrault, Mansart, Lenôtre, Colbert, Vauban...

Basta! N'esta alliança das soberanias do poder e da intelligencia, ambas ganharam sempre. Esses poderosos deram aos sabios amor, honra e favor; aos sabios deveram a mais gloriosa das recompensas mundanas: das suas gerações aprenderam as futuras a chamar essas épocas com o nome dos seus protectores:

seculo de Pericles, seculo de Leão X, seculo de Luiz XIV, são designações consagradas, que os mais remotos tempos acolherão com acatamento e respeito.

Entre os monarchas que, em tempo dos nossos antepassados, deram grande impulso ás lettras, alguns fulguram com particular esplendor.

O Senhor D. João I, dando carta de alforria á lingua portugueza, e protecção ás sciencias e lettras, abriu a época brilhante para ellas, para as artes, commercio, riqueza, virtudes, e espirito nacional, que foi crescendo até á morte do Senhor rei D. Manoel. Foi o seculo de Gil Vicente e Bernardino Ribeiro.

Com o illustrado principe, o Senhor D. João III, se abriu outro periodo glorioso. Sá de Miranda e Ferreira, Côrte-Real e Caminha, Bernardes e sobretudo Camões, que soube morrer com a patria, e com as patrias lettras, que a tão sublime grão exaltára. O Senhor D. José deve depois citar-se como aquelle que, auxiliado por um sabio estadista, aggregou seu nome á muito desvelada protecção litteraria.

Oh ! quão doce deve ser á memoria d'esses augustos principes ver assim ligados seus nomes gloriosos com tudo quanto ha na terra de mais sublime, os productos da intelligencia, com tudo aquillo que, já em si mesmo, já por seus resultados, produz a força, o prestigio, a immortalidade das nações !

Parabens, Senhores e irmãos meus, irmãos em lettras, e irmãos em patria ! parabens de ver sentado em vosso venerando throno o soberano que não esquece o ser homem—o poderoso que tambem se honra de ser sabio—o mancebo que sem custo alcançou a prudencia e o saber das cans — o protector das lettras, que é, ao mesmo tempo, o seu mais competente juiz, mais primoroso cultor. Longo estadio se abre ante esse reinado, que, com taes elementos, não é vaticinio, mas logico rigor, denominar glorioso. Possa para o Brazil litterario preparar-se o que as gerações hajam de chamar o seculo de Pedro II.

Que auspicioso se não abre este periodo, sob a preclara protecção de tal principe ! Creai associações de sciencias, elle as

cobrirá para logo com a sua poderosa egide, e acceitará o primeiro cargo no seu gremio. Precisem essas associações dos meios materiaes para desenvolver-se; será elle o primeiro a espontaneamente offertal-os. Concebam-se estas formosas solemnidades; vêl-o-heis luctar com a enfermidade para apressar-lhe o dia, que são festas essas a que não ha de faltar. Representai-lhe que um homem superior é maltratado da sorte; vereis prodiga munificencia liberalisar-lhe thesouros. Introduzi á sua presença aquelle que houver consumido a vida em labores uteis aos seus contemporaneos; será o bem vindo, o festejado, quasi dirieis o amigo.

Oh! que se esse não fosse o natural pendor de esclarecido animo, devêra de ser o frio calculo de illustrada previsão. Solio que assenta sobre pontas de espadas, facil resvala e cahe. Solio que se firma sobre a intelligencia é inabalavel e eterno. Dão-se então as mãos as duas grandes magestades do globo, e uma pela outra vivem, prosperam e se perpetuam.

E em verdade, Senhores, que se todos os poderosos reflectissem na missão que a Providencia lhes commetteu; se considerassem quanto é facil desempenhal-a; se attendessem á maravilhosa fecundidade da semente que podem lançar á terra, ensoberbecer-se-hiam da excepcional situação em que a sorte os collocou. Aquelle que, por sua influencia, faz produzir os milagres do espirito, que aliás deixariam de existir, quasi comparte n'esse ponto a omnipotencia da divindade. E o genio exige tão pouco! é tão facil cousa amimal-o e animal-o!

Que um rei reparta com este simples palavras de agasalho e consideração; — áquelle, cujo espirito mal se compadece com as necessidades terrenas, e que a fortuna desfavorece, colloque-o em posição de esquecer-se d'essas necessidades; — ao outro, a quem Deus distinguiu pela superioridade aos mais homens, eleve-o proporcionalmente na hierarchia social, que nunca as honras são mais bem cabidas que nos que honram a humanidade. E' por isso que Homero chama aos reis *pastores dos povos;* é por isso que elle proclama immortal a memoria d'aquelles, cuja vida se engrandece com a vida e gloria das nações que regem. Imaginai

fechado o mais divino alaúde; ha ahi dentro uma harmonia celeste, mas não a podeis ouvir: favor de reis e poderosos, abrindo o magico instrumento, faz d'elle extrahir os sons que nos arrebatam.

Felizes os que nasceram em tempos em que taes verdades se tornaram axiomas. Longe vai o seculo XIX d'aquelle em que Carlos Magno, por não saber escrever, sellava os actos regios com o punho da sua espada; ou d'aquelle, bem posterior ainda, em que a ignorancia era o timbre da nobreza. Dizia-se então ao supremo e absoluto senhor de um estado: « O' rei, tu és rei! Essa infinidade de vassallos, cuja vida e sorte depende de um aceno teu, nasceu para adorar-te. O' rei, tu és rei! Confia os teus encargos aos mil braços dourados que te sustentam. Dorme, dorme! nem aprendas, nem estudes, nem medites, que a tua prestigiosa fronte poderia, alargando-se, rebentar a corôa. » Essas abominaveis e regicidas maximas morreram, e o seculo disse: « O' rei, tu és rei! Essa infinidade de subditos, que a Providencia commetteu á tua guarda, são todos teus filhos. O' rei, tu és rei! Vê por teus olhos, ouve por teus ouvidos, julga pela tua intelligencia; estende a tua purpura sobre quanto é grande pelo espirito, e para poderes avalial-o, sê pelo espirito grande tu mesmo! »

E assim se cria, se estende, se multiplica o genio, prodigioso Protheo, revestindo todas as fórmas: muito engenho obscuro desponta a subitas para assombrar o universo, porque o mais forte, o superior, o mais habil torna-se sempre modelo, e o fraco a cópia, como o maior movimento absorve o menor. Produz-se uma excitação sobrenatural, uma fascinação, um contagio moral. E' Mahomet, temperamento de fogo, cabeça volcanica, insuflando no seio dos seus ouvintes o fanatismo que o agita, impregnando-os do seu genio, convertendo a mediocridade em martyres e heróes.

D'essa protecção illustrada são opulentos herdeiros os povos que os protegidos honraram com suas obras: a immortalidade de um povo resulta da immortalidade dos seus genios. As gerações passam, mas ficam os monumentos da pedra, do livro, do

nome; esses transcendem gloriosos os seculos, e servem não raro de escudo ás nacionalidades.

Quem não tem apreciado a omnipotencia das grandes recordações historicas? Inda hontem, quando o feroz e fanatico alfange dos Turcos ceifava a Grecia moderna, não houve, por toda a Europa, senão um grito unisono entre todos os homens de lettras; nem um faltou á chamada n'essa cruzada litteraria, em que todos salvavam uma como patria. Todos esses magestosos vultos da antiguidade pareciam ter-se levantado para invocar-nos, em soccorro da sua posteridade. Eram os Themistocles, os Aristides e os Alexandres que sollicitavam os guerreiros do occidente. Tres vezes Châteaubriand apontou para Leonidas sobre as ruinas de Sparta; com que estremecimento de prazer não se ouvia que á sua voz respondiam novos Leonidas, Botzaris, Canaris e Miaulis! Assim foi a fria politica forçada, no seu ultimo reducto, tanto a Europa litteraria e sabia, tanto o occidente livre se mostraram ardentes no pagamento da antiga e nobre divida.

Essas duas são as fontes d'onde dimana o credito e a immortalidade das nações: — protecção aos seus homens grandes, em quanto vivos, depois apothéose de mortos! E todavia importa que estas flôres, que hoje espalhamos sobre campas illustres, não venham a cobrir a mediocridade poderosa. Cumpre que estas festas se repitam, mas sem indignos panegyricos, que é já tempo de respeitar a verdade. Ha dous mil annos que a lisonja conspurca a humanidade: d'esse crime tem sido complices todos, poetas, oradores, historiadores; poucos são os escriptores por quem se não deva corar. Os quatro seculos da arte, monumentos do genio, são igualmente monumentos de baixeza: nasça um quinto, e seja esse o da verdade. Se esta foi em todos os seculos banida das côrtes; se das sociedades a baniu a molleza de nossos costumes; se o terror a repulsa dos nossos corações; — aché ao menos a desterrada um asylo nas vossas obras, e faça cada um de nós o juramento de não lisonjear, nem enganar jámais. Antes de louvar um homem, interroguemos-lhe a vida; antes de louvar um poderoso, interroguemos

o nosso coração. Dão-vos os vossos talentos direito á fama? Pois bem, pensai que cada linha que escreveis mais se não riscará; mostrai-a pois de antemão á posteridade, que ha de ler-vos, e tremei de que após a leitura ella desvie com desprezo os olhos: não é feito o genio para traficar com a fortuna em troco da mentira.

Sem receio podem dizer-se estas verdades no venerando gremio onde sóa a minha humilde voz. Sem receio, porque os conselhos de futuro são aqui a historia do passado. As duas grandes condições sociaes realisou-as o Brazil. A protecção desvelada e constante ás sciencias e ás lettras symbolisa-se n'aquelle sceptro. O culto dos grandes pela sciencia symbolisa-se n'esta magestosa solemnidade.

São solidas as escoras: é sobre ellas que tem por uso assentar a immortalidade de um povo.

JANUARIO DA CUNHA BARBOZA

CANTO INAUGURAL

Pelo Socio correspondente o Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva

---

I

A INAUGURAÇÃO

O' plaga
Que o céo de bençãos enriquece e exalta!
Clarão de eterna gloria os evos doura,
Despontam mais brilhantes novos dias!

J. DA C. BARBOZA. *Nictheroy.*

Onde estou eu? Na patria ou fóra d'ella?
Celsos varões á Magestade unidos,
Qual de commum accordo, hoje inauguram

Um busto, uma corôa, um louro a um vate !....
Mago sonho, illusão da phantasia
Ah! tudo me parece, onde essas praças,
Onde esses edificios representam
Povo sem tradições, não descendentes
De herões a quem a patria honral-os cumpre ;
Onde marmóreas, bronzicas columnas
Jámais roubam á morte o seu triumpho,
Os homens convertendo em eternos deoses ;
E a rasoura do tempo edaz passando
Nivela as condições — o opprobrio – a gloria,
Deixando tudo em perennal olvido !

Mas parabens, ó patria ! aponta a aurora
De um dia ingente, glorioso e bello,
Qu' hade a treva espancar da longa noite,
E o sol brilhando irá mostrando aos povos
Outro povo de estatuas venerandas
No pantheon que a patria aos filhos deve.

II

ELLE !

.... Um sabio........
.......Da patria amigo ; esteio, adorno
Do throno e da nação ; thesouro excelso
De virtudes sublimes ;................
............................seu nome
Na lembrança dos bons fulgura e vive.

J. DA C. BARBOZA. *Nictheroy.*

E' elle ! — N'aquelle peito
    Palpita-lhe o coração,
O coração sempre affeito
    A pia e elevada acção.

E' elle ! — Nos olhos vejo
A luz de vida brilhar,
Como celeste lampejo
D'alma alli a rutilar.

E' elle ! — Na larga testa
Vaga, rola em turbilhão,
Qu'inda amor á patria attesta,
Sublime concepção.

E' elle ! — Eu lhe ouço ainda
De seus labios trovejar
A dicção tão pulchra e linda,
Dando vida a seu pensar.

E' elle ! — Na sua frente
Serena agora transluz
Corôa, que antigamente
Foi de espinho, e hoje é de luz.

Eu o vi tão sereno como agora,
Com essa graça de seu brando rosto,
Resignado e firme caminhando
A' frente da brazilia mocidade,
Para o templo das lettras acenando,
Sem temer-se da inveja e da calumnia ;
Na cadeira da rigida verdade
Dictou lições da proficua sciencia
Mal acceita dos homens, e no pulpito,
A eloquencia divina trovejando,
Levou a convicção a impias turbas,
Doutrinando-as com maximas sagradas.

Seu coração tão cheio de bondade
Oh era todo puro amor da patria !

E por ella lidava noite e dia;
Sem afan, já no occaso da existencia
Nobre empreza concebe, ergue, levanta,
Dá-lhe vulto e vigor, e congressando
Sabios em torno a si, eis entre o tempo
E a brazileira historia oppõe barreira.

Mas cahiu!.... Ou regato, ou rio ingente,
Tudo se afunda no oceano immenso;
Folha de louro ou myrto o tempo as murcha,
E o sôpro da manhãa, da tarde o sôpro
Leva-as de valle em valle, e as volve ao nada;
Assim é tudo!... A mareada morte
Cortou-lhe o caro fio da existencia.

Toda cheia de susto Guanabara
Ergue os braços aos céos, dos olhos ternos
O pranto da saudade se lhe entorna;
Em delirio de dôr arranca as plumas,
Que a fronte lhe coroam; quebra, esparge
Lá pelo chão seus braceletes de ouro;
Rasga os brancos vestidos; corre, pára;
Escuta, e ouve no espaço os sons rolando
Do bronze, que o convida á sepultura;
E em voz carpida e triste assim prorompe:

« — Nascida em virgem mata americana,
Embalada das auras das florestas
Na rede, que de flores se adornava,
Longo tempo soffri ferros injustos,
Que em cambio das riquezas de meu solo
Trouxe o avaro Europeu da terra sua....»

E calou-se; — silencio! Inda nas torres
Ouviu o bronze gemedor chorando

Com sons mestos, tão lugubres, quebrados,
Que as almas embebia de tristeza
Pesada e má — e terna suspirando
Proseguiu entre ais, entre soluços:

« Oh perdi-o, perdi-o para sempre!
Tambem elle, meu filho predilecto!
Tu foste o que primeiro a voz soltaste
Contra a minha oppressão. Embalde as armas
Lá se embainetam contra a liberdade;
Intrepido athleta, a luz lançando
A teus concidadãos os illustraste;
Fez tua penna o que não póde a espada.
Torvo cometa que nos céos assoma
Não deixa mais terror por sobre a terra,
Como tu espalhaste entre oppressores,
Meus foros, meus direitos pugnando,
Fazendo despontar dias de gloria.

« Oh como inda a saudade m'os relembra
Para mais retalhar-me os seios d'alma!...
Eu vi de em torno a mim surgir um povo,
Auriverdes pendões transpondo ovante;
Era um povo de irmãos, oh sim que eram
Na infancia d'um imperio, como os homens
Na infancia do mundo, a quem a sêde
Do mando e ouro vil não corrompêra.

« Quem o guiava? — Oh nobre era no porte,
Na vasta testa em que turbilhonava
Ingente plano do mais amplo imperio,
Qual não viram Assyrios, nem tiveram:
Seu coração tamanho palpitava
No ancho peito, como se lhe a vida

Corresse mais ligeira e mais intensa:
Gigante do poder, tocou altivo
Com terrivel espada rutilante
De um golpe o Prata, d'outro o Amazonas,
E o reflexo nos ares desdobrado
Longo Iris deixou, de paz emblema,
Laço de amor, que estreita irmãos remotos!
Seus vates, que o cantaram, engrandecendo
Esse nome, que sabem ambos os mundos,
Não maldiceram o genio, nem de espinhos
Foram suas cordas! Elles que viram
Silva affrontar a morte na fogueira,
Foragido Durão, Bazilio errante,
Nos ferros Claudio suffocar a vida,
E outros morrendo em aridos desertos,
Tiveram mais que um louro e honras subidas;
Que o Cruzeiro do Sul symbolisado
Para ornar-lhes o peito foi na terra.
Feliz tempo! em que o genio, em que o talento
Um premio tinham sem que ousasse hardido
Competir-lhes o ouro em primazia!

« E onde está elle? — Em vão, em vão o busco
Por toda a parte, nem se quer descubro
Uma estatua, uma pedra que o assignale.
Si um brado elevo, si interrogo os homens,
Creio ouvir uma voz que me responde
Cheia de magoa: « Perguntai aos mares,
E aos ventos — tão traidores! — que o levaram
A longes terras, tão distantes terras
De seu grato Brazil, que amava tanto. »

« Ai de mim! Ai de mim, tudo hei perdido!
Meus filhos, meus heróes á campa baixam,

E hoje succumbes tu, e tu que entre elles
Tanto te assignalaste os illustrando
Co'a douta penna de immortal memoria!
E jámais te verei? — Não, ó meu filho,
Tu viverás p'ra mim eternamente;
Ao astro que radiou n'esse horisonte
De liberdade não existe occaso;
Além o espaço surca — além se perde
E vai ver os sem fins da eternidade! »

Disse e calou-se, mergulhada em pranto,
E viu ao longe o funebre sahimento
Grave a caminhar; — em dôr pungente
Chorando todo um povo a falta sua.

Sim, morreu cheio de gloria
Quem pela patria soffreu,
Quem no templo da memoria
A tantos ingresso deu.

Sim morreu, mas seu renome
Hade eterno entre nós ser,
Que foi da patria o seu nome
Qu' elle soube engrandecer.

Pela patria elle proscripto
Por entre estranhos vagou,
E com lagrimas, afflicto,
Do desterro o pão tragou.

Mas pela patria em sua frente
Serena agora transluz
Coróa, que antigamente
Foi de espinho, e hoje é de luz.

III

APOTHEÓSIS

Nunca.................................
....
Dos povos mór applauso obteve ; — exulta!...

J. da C. Barboza. *Nictheroy.*

O' Januario, tu honraste a patria,
E hoje a patria te honra desvelada ;
Hoje te vota um busto, hoje te exalta
A par do capitão laborioso,
Companheiro no feito illustre e grande.
A historia, que do tempo agora zomba,
Monumentos de gloria registando,
Nas paginas brilhantes que lhe déste,
O teu nome fará n'ellas perenne.

Oh vive, vive aqui, aqui respira
A existencia de gloria pura e bella,
Sonho dourado, mas que vale a vida
Sem pesadelo de infortunio amargo.
A celeuma infernal da atroz inveja,
Que sobre a campa tua emmudecêra,
Em louvor sempieterno aqui se troca.

Eis lá das frias lousas se alevantam
Os genios d'esta terra americana
Com diadema de luz ao sol roubada ;
Trazem corôas para ornar-te a fronte ;
São Alvarengas, são eximios Claudios,
Bazilios immortaes, divinos Caldas,

Durões, Saldanhas, Cordovís, San'Carlos,
Que fizeste surgir do esquecimento,
Seus cantos arrancando ao negro olvido,
Seus nomes ensinando á propria patria.

Ah vinde, vinde, coroai, ó vates,
Seu busto no pantheon ás lettras caro,
Qu'essa fama, esse nome engrandecido
Só hão de perecer lá quando a patria
Não mais ouvir soar na immensidade
O brado da brazilia independencia.

IV

A S. M. O IMPERADOR

Salve, principe excelso, qu'abrilhantas
Com justo sceptro e c'roa a plaga e o lago
....
Eternisam-te o nome a historia, a fama.
Época illustre assignalando aos povos
No vasto e rico Imperio, qu'ergues sabio.

J. da C. Barboza. *Nictheroy.*

Monarcha americano,
Magnanimo Senhor, alma e esperança
De um povo sempre heroico,
Em cujo peito tens firmado o throno;
Gigante do futuro,
Tu lhe estendeste carinhosos braços:
Terás em paga a gloria
Mais que esses reis que as lettras protegeram,
Embora por vaidade.
Mas completa a missão não é ainda.
Assás fazer te cumpre.

Si é grato ouvir o murmurar da patria,
Sabe que ao desamparo
Ah só nos não fallece o teu influxo,
Doce sopro de vida;
Mas na aridez do valle onde o sol cresta
Novos, tenros pimpolhos,
Nosso porvir tão bello se amesquinha
Em misero presente,
Assim mentindo tão felizes dias.
Lisongeiras promessas,
Qual pomo qu'inda em flôr se murcha e sécca
Hão mangrado até hoje.
Mas o futuro é grande, como a idéa
De Deus, onde repousa;
E tu pódes, embora não te ajudem,
Dá-nos o teu auxilio,
Promove as lettras — Unico, que importa?
Maior brazão te cabe!
Acena, e tu verás sabios e vates
Honrar a nossa idade,
Dar brilho e lustre a teu benigno sceptro.
Tu tens na dextra a força,
Tu tens no teu aceno o teu Imperio.

O AMOR DA GLORIA

HYMNO BIBLICO

Pelo Socio effectivo o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Louvemos o Senhor Deus; porque elle é infinitamente bom, e infinitamente grande.

E nem a vastidão dos mares, e nem a immensidade do universo póde dar uma idéa da sua grandeza.

Porque a grandeza do Senhor Deus está muito superior a todas as grandezas.

E a sua vontade é uma fonte perennal de infinita misericordia, do mesmo modo que o sol, que elle accendeu com o fogo de seus olhos, é o fóco da luz universal.

Mas os raios de luz, que o sol derrama sobre a terra, são muito menos numerosos do que as graças e as misericordias, que a vontade do Senhor Deus chove sobre o mundo.

Louvemos pois o Senhor Deus; porque elle é infinitamente bom, e infinitamente grande.

Porque o dedo sagrado do Senhor Deus vibrou a harpa do céo, e torrentes de harmonia choveram no espaço.

E do nada, e do cahos elle fez a creação universal.

E o mundo em que vivemos, e esse povo de mundos que vemos sobre nós scintillando, como brilhantes do céo,

e muitos outros mundos, que nós não podemos ver, são as harmonias da harpa do Senhor Deus que choveram no espaço.

E a harmonia sagrada foi e é a lei da creação universal.

E no equilibro dos planetas, e na successão das estações, e na procreação das especies, e em tudo emfim sôa o echo das harmonias da harpa sagrada do Senhor Deus.

E a lei divina penetrou até o intimo do homem, e enthronisada na alma e no coração do mesmo homem, foi fazer a sua ventura no exilio temporal da terra, estabelecendo justo equilibrio entre seus sentimentos moraes.

Porque a alma do homem é um sopro do Senhor Deus; e o coração uma rosa, que se desabrocha ao orvalho das madrugadas, e ás auras festivaes da terra.

E a alma do homem tende sempre a voar para a esphera d'onde sahiu; mas está fechada em um carcere de pó.

E o Senhor Deus viu que a vida seria então para o homem um fardo horrivel e pesado, que havia de opprimil-o, como se fôra uma montanha que elle carregasse aos hombros.

E que o homem teria de viver como pobre avezinha enlaçada pelos pés, que sem cessar, mas debalde, bate as azas, querendo escapar de sua prisão.

E que durante o exilio da terra elle havia de chorar lagrimas mil vezes mais amargas do que as que choraram as virgens de Byzancio no valle de Demona, e os pobres captivos de Sião nas margens dos rios de Babylonia.

E para contrabalançar esse desejo ardente, que enche a alma, de voar para o céo, quiz o Senhor Deus que o homem tivesse em si mesmo um principio, que o fizesse amar a terra.

E que fosse como um visgo, que conglutinasse o homem com a terra.

E por isso foi que o homem teve coração, o qual é tambem uma harmonia da harpa sagrada do Senhor Deus.

E o homem tem portanto uma alma com os olhos cravados no céo; e um coração com raizes que se prendem na terra.

Porque a alma é o sopro do Senhor Deus, e almeja ir pairar na atmosphera sagrada; e o coração é formado do pó da terra, e converge por isso para ella.

E o equilibrio dos sentimentos moraes do homem resulta d'esses dous principios de opposta natureza; da alma, que é espirito, e do coração, que é carne.

Porque tanto a alma como o coração tem a faculdade de amar; mas o amor da alma está no céo, e os amores do coração estão na terra.

E o amor da alma, que arde por voar ao céo, é Deus, Deus sómente; porque no altar do Senhor Deus não se póde sentar nenhum outro ser.

E o coração tem um amor, que se multiplica em mil amores, e que são as raizes que o prendem á terra.

Porque o homem ama com o coração a patria, os pais, a mulher, e os filhos; e ama muito mais ainda.

E foi o Senhor Deus quem lhe plantou no coração esses sentimentos para conglutinal-o com a terra; e lhe deu todos esses instinctos generosos.

E deu ao homem a patria com seus bellos campos, onde elle brinca em menino; com suas frondosas arvores,

onde elle saltêa e descansa; com suas limpidas fontes, onde elle sacia a sêde; e que tem um céo com umas estrellas, que se não vêem iguaes em nenhum outro céo; e que tem uns valles com umas flôres, que se não vêem iguaes em nenhuns outros valles.

Porque assim como o céo é a patria da alma, a patria é o céo do coração.

E deu-lhe o pai, que véla ao pé de seu filho, e pelo futuro d'elle amante desvelado, sem dormir nunca, como o anjo invisivel, que guarda a creatura que lhe foi confiada pelo Senhor Deus.

E deu-lhe a mãi, que para matar a fome de seu filho, depois de lhe dar o leite de seus peitos, lhe daria todo sangue de seu corpo, abrindo suas veias como o pelicano.

E deu-lhe a mulher, em quem o amor é fogo, e os desejos são chammas; a mulher a quem se ama, e que ama tambem com esse amor especial, ardente e corajoso; amor que se não parece com nenhum dos outros; amor que é ás vezes vida, ás vezes morte.

E a mulher é para o homem como a flôr é para o valle.

Porque a flôr esmalta o valle, e a mulher encanta a vida do homem; e porque a flôr é promissora dos fructos, e a mulher é promissora dos filhos.

E o Senhor Deus deu ao homem os filhos, em quem este como que deve sentir ir-se renascendo; e aos quaes bem caberiam pronunciadas por labios paternaes as palavras do primeiro homem á primeira mulher.

Porque os pais poderiam dizer a respeito de seus filhos: « Eis-aqui o osso de meus ossos, e a carne da minha carne. »

E os filhos são para os pais como os pimpolhos para as arvores vetustas; porque elles animam e embellezam o tronco velho e cansado, d'onde provieram.

E assim como as exhalações de muitas flôres juntas em um vaso dão em resultado um perfume novo, que é a combinação de todos aquelles perfumes, esses amores todos do coração combinam-se tambem, e formam um novo amor, que é o da gloria.

Porque o amor da gloria é o perfume de todos os amores do coração reunidos em um só amor.

E não é esse mesquinho e odioso sentimento que se chama — egoismo —, o qual não póde nunca ser uma harmonia da harpa sagrada do Senhor Deus.

Porque o amor da gloria é o desejo ardente de honrar á patria, aos pais, á esposa, e de legar um nome illustre aos filhos, e de ser util aos outros homens.

E de ser por isso lembrado pela patria, abençoado pelos pais, e amado pela esposa; e de servir sua memoria de pharol aos filhos, e de ser louvado pelos outros homens.

E esse amor é como um arbusto que se cultiva no presente, e que só floresce no futuro.

E a flôr, que esse arbusto desabotôa, orna o tumulo do jardineiro que o tinha cultivado.

E os odores d'essa flôr, que é muito bella, são sentidos unicamente pelos vindouros.

Porque a gloria é um throno, cujo primeiro degráo é o sepulcro, e é tambem uma corôa, que serve só na fronte do esqueleto.

Mas esse amor é quem accende o sagrado fogo do genio; e sonho ou illusão dá força e animo ao homem para trabalhar dia e noite preparando um futuro, que não será nunca presente para elle; mas que lhe está transluzindo debaixo da lage fria do tumulo.

E era só elle quem inspirava coragem ao vate cego, quando arrimado ao bordão da miseria esmolava pão pelas sete cidades, que depois da sua morte haviam de entre si disputar sobre a honra de ser-lhe patria.

E quem enchia de valor ao maior homem da Lusitania, quando combatendo com as ondas enraivadas, tratava de salvar em cada um de seus braços uma grande vida.

Porque nadando com um braço elle se arrancou á morte; e com o outro braço erguido conservou um livro, que eternisa uma nação.

E era ainda elle quem dourava as grades do carcere do amante de Eleonora, e quem o fez sorrir, na hora do passamento, saudando o triumpho do Capitolio.

E foi esse amor o unico pharol, que na trabalhosa peregrinação da vida guiou os passos dos dous illustres homens, ante cujos bustos curvamos hoje as cabeças.

E quem os animou nas terriveis provas por que passaram, e nas ingratidões que soffreram, quando mesmo pelo bem da patria e dos seus similhantes mais se esmeravam.

Demos graças pois ao Senhor Deus, que nos plantou no coração o amor da gloria e da virtude.

Porque se o Senhor Deus não tivesse chovido sobre nós as harmonias da harpa do céo, aquelles dous homens não teriam sido tão grandes, nem nós viriamos hoje coroar os bustos, que devem attestar sua memoria.

Porque até bem pouco o amor da gloria era entre nós o unico incentivo que animava as lettras.

E o sabio, que o sentiu, chorou no silencio da noite a miseria e a cegueira dos outros homens.

Porque a terra do lenho sagrado estava conquistada pelo egoismo, e manchada pelos vicios.

E a patria era um nome de escarneo, e a liberdade, que o Senhor Deus tinha comprado para os homens no cimo do Calvario, era um nome vão.

E o Senhor Deus viu as lagrimas do sabio, e mandou um anjo para consolar o homem junto em sua afflicção.

E o anjo veio pousar no hombro do sabio, e em nome do Senhor Deus lhe fallou assim:

« As lagrimas do sabio são torrentes de poesia, e nunca elle se faz tão agradavel ao Senhor, como chorando sobre a miseria dos outros homens, e bradando contra seus crimes.

« Porque as plantas odoriferas desprendem mais vivos perfumes quando são maceradas.

« E os pyrilampos jámais brilham tanto como em noites escuras e calmosas.

« E as lagrimas do sabio assemelham-se ao orvalho benefico, que lenteja o sêcco valle, e fertiliza os campos aridos.

« E a tua dôr é a dôr do homem justo; e o Senhor Deus é infinitamente bom, e vê o pranto de seus filhos.

« E elle envia á terra de seu lenho um mancebo predestinado, que hade marcar uma época nova para ella.

« E esse mancebo trará sobre seus hombros a purpura dos reis, e terá nos olhos o fogo do céo.

« E sobre sua cabeça loura descansará um diadema, no qual hão de brilhar dezoito fulgurantes estrellas.

« E o mancebo predestinado hade hastear uma nobre bandeira, na qual, por ordem do Senhor Deus, eu escrevi com lettras de fogo — a gloria !

« E os bons e os justos hão de lançar flôres adiante de seus passos.

« E quando elle tiver passado hão de seguil-o cheios de enthusiasmo.

« Porque só elle é que póde ir na frente de todos, e é o unico que terá valor para vencer os perigos e os trabalhos da grande cruzada.

« Porque elle é o ungido do Senhor Deus.

« E os impios e os egoistas, e os homens do *eu* e do *ouro* hão de tremer e cahir por terra.

« Porque o olhar do mancebo predestinado os hade confundir ; e a lamina de seu gladio foi temperada com o fogo do sol e com o orvalho do céo.

« Porque elle é o maior de todos os homens das terras de Colombo, e sua cabeça se eleva acima de todas as cabeças.

« Porque o mancebo predestinado de diadema de estrellas foi mandado á terra da Santa Cruz pelo Senhor Deus.

« Para que os impios e os traficantes fossem confundidos.

« Para que o ouro do homem sem honra não valesse mais que o merito do homem pobre.

« Para que fossem corridos para longe os profanadores que mercadejam nos sagrados templos.

« E o mancebo predestinado cumprirá a nobre missão que lhe foi confiada pelo Senhor Deus.

« E aquelles que amarem a virtude, a patria e as lettras, serão animados e defendidos contra a prepotencia dos pequenos potentados que abuzam.

« E os sabios que morrerem hão de ser coroados com folhas d'aquella arvore, cujo madeiro é côr de sangue, e deu o nome á terra do Senhor Deus.

« Porque a vontade do Senhor Deus é essa, e hade ser cumprida.

« E os vindouros louvarão a memoria do mancebo predestinado.

« E vós outros os contemporaneos haveis de levantar as mãos para o céo, e clamar:

« Bemdito seja o Senhor Deus; porque o seu dedo sagrado vibrou a harpa do céo, e torrentes de harmonia choveram no espaço.

« Bemdito seja o Senhor Deus, que confunde os máos e premeia os justos.

« Bemdito seja o Senhor Deus, que nos enviou o mancebo predestinado.

« Porque o mancebo predestinado tem a alma voltada para o Senhor Deus, e o coração amorosamente inclinado para seus subditos, como o heliotropio que se volta para o sol, e ao mesmo tempo se inclina para terra.

CANTO INAUGURAL

Á memoria do conego Januario da Cunha Barbosa

Pelo Socio effectivo o Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias

Onde essa voz ardente e sonorosa,
Essa voz que escutámos tantas vezes,
Polida como a lamina d'um gladio,
Essa voz onde está?

No róstro popular severa e forte,
No pulpito serena, amiga e branda
Pelas naves do templo reboava,
Como oração piedosa!

E a mão segura, e a fronte audaciosa,
Onde um volcão de idéas borbulhava,
E o generoso ardor de uma alma nobre
Onde param tambem?

Novo Colombo audaz por novos mares,
A sonda em punho, os olhos nas estrellas,
Co'as bronzeas quilhas retalhando as vagas
Do inhospito elemento;

Porfioso e tenaz no duro empenho,
No manto do porvir bordava ufano,
Sob os tropheos da liberdade sacra,
Os destinos da patria!

Nocturno viajor que andou vagando
A noite inteira, a revolver-se em trevas,
Onde te foste, quando o sol roxeia
Nuvens de um céo mais puro?

Seccou-se a voz nas fauces resequidas,
Parou sem força o coração no peito,
Quando sómente um pé firmava a custo
Na terra promettida!

E a mão cansada fraquejou... pendeu-lhe;
Inda a vejo pendente, sobre as paginas
Da patria historia, onde gravou seu nome
Tarjado em lettras d'ouro.

Pendeu-lhe... quando a mente escandescida
Talvez quadro maior lhe affigurava
Que a luta acerba do Titan brioso,
Ultima prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel valido
Que nos retrata o cataclysmo horrendo,
Que elle — poeta — não achou nos combros
Da ignivoma Tessalia!

Inveja!... mas ás formas do Gigante
Sorri-se o grande Homero; — e o cego Bardo
Da verde Erin, entre os herόes famosos
Prasenteiro o recebe!

Dorme, ó lutador, que assás lutaste!
Dorme agora no gelido sudario;
Foi duro o afan, asperrima a contenda,
Será fundo o descanso.

Dorme, ó lutador, teu somno eterno ;
Mas sobre a lousa do sepulcro humilde,
Como na vida foi, surja o teu busto
Austero e glorioso.

Columna inteira em combros derrocados ;
Rolo encerado, que já beija as praias
Do remoto porvir, — seguro e salvo
Dos naufragios d'um seculo ;

Dorme ! — não serei eu quem te desperte,
Meus versos... não serão : —palmas sem graça,
Ou pobre rama d'arvore funerea,
Pyramidal cypreste.

São flôres que desfolha sobre um tumulo
Singelo, entre um rosal, quasi fagueiro,
Piedosa mão de peregrino extranho,
Que alli seu fado o leva.

ADVERTENCIA

Com a poesia do Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias encerramos os trabalhos lidos na sessão publica de 6 de Abril de 1848, pois que o discurso do Sr. Luiz Antonio de Castro, com que deveria terminar, existia em poder do seu A., que o julga extraviado. Se elle apparecer, publical-o-hemos no fim d'este volume; e em cumprimento da deliberação do Instituto passamos já a imprimir alguns manuscriptos ineditos para que este tomo 4.º supplementar da Revista venha a ter, pouco mais ou menos, o mesmo numero de paginas dos volumes anteriores.

MEMORIA

SOBRE

A CAPITANIA DE MINAS GERAES

SEU TERRITORIO, CLIMA, E PRODUCÇÕES METALLICAS: SOBRE A NECESSIDADE DE SE RESTABELECER E ANIMAR A MINERAÇÃO DECADENTE DO BRAZIL: SOBRE O COMMERCIO E EXPORTAÇÃO DOS METAES, E INTERESSES REGIOS.

Com um appendice sobre os diamantes e nitro natural

(MS. offerecido ao Instituto pelo Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.)

SENHORA.

Foi-me intimado em nome de Vossa Magestade, dezeseis dias faz hoje sobre anno, que *eu vos désse uma exacta relação dos metaes d'esta comarca, e dos interesses regios que dos mesmos se poderiam esperar*. Foram vozes estas que bem assentaram e fizeram toda a impressão em minha alma: vozes da minha soberana e da patria! Puz vontade e diligencia n'esta empreza, suspendi no mesmo instante de proseguir no costumado trilho da minha vida, voei aos picos das serras, desci ás profundezas das cavernas, e recolhi-me da minha peregrinação com as amostras de quasi todos os metaes, que n'este cofre os exponho aos pés do throno.

Fallei dos interesses regios, os quaes nunca os pude separar dos do povo; e como se poderá jámais dividir os interesses entre uma mesma familia, entre o pai e o filho? Se os meus talentos fossem iguaes aos meus desejos de vos bem servir, ninguem no

mundo desempenharia melhor este commettimento do que eu; porém se não assestei o suspirado alvo, recebei, Senhora, ao menos a minha boa vontade, como a mais pura homenagem que vos rende o meu coração. Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito e acatamento,

Senhora, de Vossa Magestade fiel e bom vassallo

José Vieira Couto.

Em Tejuco, aos 3 de Janeiro de 1799.

Le travail des mines a toujours été regardé comme un objet très intéressant et comme une vraie source de richesses pour un Etat.

LEHMANN. *L'Art des mines*. Préface.

PRIMEIRA PARTE

SEU TERRITORIO, CLIMA E PRODUCÇÕES METALLICAS

A capitania de Minas Geraes é uma vasta provincia dos sertões do Brazil, cuja verdadeira posição, com pouca differença, se estende desde dezeseis até vinte e dous gráos de latitude da banda do sul, e cousa de quarenta para cincoenta leguas alongada da costa do mar. Pela parte do sul prende com as capitanias do Rio de Janeiro e S. Paulo, ao oéste lhe fica Goyaz, e a Bahia ao norte. Um extenso cordão de espessas e immensas matas, habitadas sómente de gente barbara e selvatica, corre ao longo de todo o lado oriental, e tolhe a communicação d'esta capitania com a do Espirito Santo e Porto Seguro.

Divide-se em quatro comarcas com quatro ouvidorias e quatro casas de fundições de ouro: a primeira comarca e a que fica mais ao sul é a do Rio das Mortes, e a cabeça a villa de S. João

d'El-Rei. Segue-se a de Villa Rica, que assim ha nome de Villa Rica, sua cabeça, e ao mesmo tempo capital de toda a capitania e residencia do seu governo. A comarca de Sabará, a mais occidental de todas, é a terceira em ordem, cuja cabeça é a Villa Real de Sabará. A do Serro Frio segue-se em ultimo logar, e fica como encravada entre a comarca de Sabará, e cercada d'esta pela parte do sul e do poente: o seu logar chefe é a villa do Principe.

Está situada toda esta capitania, ou ao menos tres partes d'ella, sobre o largo costado de uma immensa serra, que levantando-se primeiramente em S. Paulo, corre ao depois do sul ao norte, lançando seus grandes esgalhos a uma e outra parte, ora abaixando-se, ora elevando-se mais; e d'esta maneira vai varando todo o Brazil, e talvez deverá passar muito mais avante. As tres comarcas do Rio das Mortes, de Villa Rica e de Sabará occupam a parte mais fertil d'esta serra. As suas montanheiras menos ingremes, cobertas de matas e de amenos campos, offerecem aos cultivadores uma fertil superficie, ao mesmo tempo que os seus interiores, passados e repassados de ricas veias de metaes, convidam aos mineiros para as desentranharem. D'esta maneira o numero dos seus habitadores sempre se poderá equilibrar, e igualmente repartir-se entre mineiros e agricultores: mas não assim os do Serro do Frio, que habitando sobre uma porção mais agra, fragosa e esteril, a maior parte dos seus moradores serão sempre mineiros, ou esta comarca em fim será a mais despovoada. Ella pois, por isso mesmo mais interessante, é a que me vai occupar agora com mais particularidade, e a quem respeita a maior parte das cousas que vou a dizer; como tambem a que tem sido o principal objecto das minhas observações, e a que actualmente tenho debaixo dos olhos, emquanto a fielmente copio.

Na altura de dezanove gráos com pouca differença, o viajante que da comarca de Sabará se passa para a do Serro, depois de caminhadas poucas leguas, sensivelmente acorda que o terreno debaixo dos seus pés principia a mudar-se; de uma terra vermelha, pesada e fertil que d'antes era, elle calca um chão arenoso

e coberto de um pedregulho (1) branco ; as matas já não são tão altas e de um verde negro como d'antes as via, ao longe lhe ferem a vista algumas serras escalvadas e que negrejam: prosegue os seus passos, e finalmente as sobe.

Descortina um novo céo, um novo clima : os ares os sente já mais frios, os ventos o importunam mais, o terreno em partes é de uma subtil e branca arêa, em partes é sêcco, ferrenho e todo conglutinado de pedras: a Demarcação Diamantina de longe lhe mostra uma perspectiva negra, arripiada e crespa com mil picos de serras, que se sobrepujam uns aos outros; por um lado montes elevadissimos de uma só (2) pedra e perpendicularmente talhados se elevam ás nuvens ; por outra parte correm serras continuadas, compostas de penedias soltas e accumuladas em ruinas umas sobre outras, cobertas de um musgo pardo, e de um mato rasteiro e barbado, que mal as veste e as compõe. Mil regatos de puras e crystallinas aguas de continuo atravessam o seu caminho ; uns cahem a pique e em fio das altissimas montanhas, outros se vem quebrando e dividindo sobre rochas até o sobpé das serras, d'onde com voltas e revoltas vão demandar os rios maiores. Estes umas vezes correm mansos e serenos sobre espaçosas praias, outras vezes se estreitam entre apertadas e alcantiladas serras com fragor e arruido ; aqui desapparece á vista, e não se vê mais rio ; alli resuscita ao longe, escumando em furia. Taes são os maravilhosos phenomenos que a faustosa natureza expõe em um ponto magestoso e grande ao viajante que observa a Demarcação Diamantina.

Esta Demarcação fórma quasi um circulo de quatorze leguas de diametro, e boja em roda pouco mais ou menos quarenta e duas. Entenderam os primeiros que a demarcaram, em utilidade do patrimonio regio, que tinham comprehendido n'esta circumferencia todos os diamantes do Brazil ; porém a natureza, muito mais

(1) Quartzum 1 hyalinum, 2 lacteum, 5 opacum, 6 cotaceum. Estas são as especies de *Quartzos* que alastram communmente os campos da Demarcação Diamantina, e de uma grande parte da comarca do Serro do Frio. Nos rios e suas vizinhanças se acha, além d'estas, muita abastança do *selecto*.

(2) Saxum 9 undulatum, 33 fornacum, 37 primigenum.

abundante e grande, os espalhou muito além d'estas balisas, e hoje sabido é que elles existem quasi por toda a parte, ou mais ou menos. O arraial do Tejuco, situado quasi em meio d'esta mesma Demarcação, é o primeiro logar d'ella, e residencia de uma intendencia e extracção regia dos mesmos diamantes.

A serra logo fóra d'esta Demarcação de subito principia a tomar nova fórma; os montes já não são de fragas puras, excepto poucos ramos que d'ahi a poucas leguas expiram, e se convertem em campinas. D'esta maneira prosegue a serra até a povoação da Itacambira cousa de vinte leguas, ou pouco mais: ahi, ou nos seus arredores, começa outra vez a fazer-se empinada e fragosa. Pouco adiante corre o rio Itacambirosú, em cuja veia e circumvizinhanças se acham diamantes com abundancia, ainda que inferiores na agua aos da Demarcação. Até aqui acompanharam os meus olhos esta serra, e é natural que d'ahi por diante até a extrema da comarca, ou ainda mais avante, por onde fôr, vá mostrando sempre as mesmas variedades e os mesmos phenomenos.

Quatro maiores rios lavam e recolhem as aguas de toda esta comarca: o Gequitinhonha, o mais celebre entre todos por suas riquezas de ouro e diamantes, e o Arissuahî, tem ambos as suas fontes a léste do Tejuco, correm como emparelhados um longo espaço de terras, com uma direcção constante do sul ao norte, e no sitio chamado o Tocoioz, misturando ambos as suas aguas, perde o Arissuahî o nome. D'ahi por diante são habitadas as suas ferteis margens sómente de gente barbara e indomita. Estes rios recebem todas as aguas da banda de léste da serra. O Paraúna tem a sua origem ao sul do Tejuco, e correndo para o oéste, poucas leguas depois de sahir fóra da Demarcação, se precipita da serra abaixo por uma formosa catadupa, e vai perder suas aguas e seu nome no Rio das Velhas, e este ao depois no de S. Francisco: recolhe e acarreta as aguas da banda de oéste de toda a Demarcação. O quarto rio, e que na sua foz é o celebre rio Doce, tem um dos seus braços seu nascimento nas fraldas da altissima serra do Itambé, cinco leguas distante do Tejuco, rumo de léssueste, e na encosta contraria á que olha para o mesmo

Tejuco. Este braço composto de varios rios, como o do Itambé, do Turvo, do rio Vermelho, de Guaians, do rio do Peixe; todos estes se confundindo ao depois formam o grande braço do rio Doce, que recebe as suas aguas da comarca do Serro do Frio, porque o outro grande braço vem das partes das comarcas de Sabará e Villa Rica.

Tal é, assim mal delineada e como em grosso, a importante e rica serra que fórma uma grande parte da capitania de Minas Geraes: tal é a comarca do Serro do Frio, mais particularmente descripta. Agora cumpre, e vem como em proposito, o dizer em breves palavras algumas cousas sobre o particular clima d'estes paizes.

As quatro estações do anno, tão sensiveis em Europa, são aqui desconhecidas. Apenas se distingue uma sombra da primavera em Agosto, depois dos moderados frios de Junho e Julho: então a maior parte das arvores, sem todavia se acharem de todo descompostas, sobre a mesma ramada velha se cobrem de novas vergonteas e de flôres: o céo bafeja um ar mais quente e criador, e a estes signaes de que se renova a natureza, os animaes tambem acodem cada um a promover a conservação da sua especie. Corre assim n'este mesmo teôr com pouca quebra a maior parte do anno até meiados ou fins de Maio, quando um breve inverno de dous mezes, ou pouco mais, se apresenta e foge (1). Em annos ordinarios o maior frio do inverno é de 58 gráos da escala de Fahrenheit; assim como a maior calma chega e 80, fazendo sómente 22 gráos toda a differença do seu grande calor e frio.

Porém o anno mais sensivelmente se divide em duas estações, a das aguas e a da sêcca. Duram aquellas de Outubro a Março, e no restante domina a sêcca. São acompanhadas as aguas de frequentes e pavorosas tempestades, principalmente nos seus principios. Em um dia sereno e claro a calma se augmenta, o ar de repente se tolda de grossas e escuras nuvens; raio, muitas vezes funestos, se desprendem d'ellas; a terra treme ao estam-

(1) Estas observações, e a maior parte das que se seguem, são proprias do arraial do Tejuco e suas circumvizinhanças, onde foram feitas.

pido dos trovões, que retumbando pelas serras, o som d'estes parece se augmentar e prolongar mais; o céo se desentranha em aguas: e tudo isto passado, tambem tudo de repente se serena; o sol torna a apparecer, os ares se mostram mais claros, puros e lavados; e a natureza, que poucas horas antes parecia tocar já ao cabo, como revivendo outra vez, e respirando nova vida, se deixa ver mais risonha e alegre. As chuvas pela maior parte não são mansas e miudas, porém grossas, e que se precipitam com arruido, e muitas vezes assim aturam dias inteiros, e ainda semanas. A força das aguas, e como continuas, é o mez de Novembro e Dezembro: em Janeiro ha ás vezes um intervallo, a que chamam *veranico:* em Fevereiro e Março ellas se vão fazendo mais raras, e pouco a pouco se despedem. Seguem-se os outros mezes, que são os da sêcca, a qual se passa sem particularidade notavel.

São dous os ventos constantes: o norte assopra no tempo das aguas, e no da sêcca o do nascente. Este nos traz o frio e as neblinas, que augmentando-se cada vez mais, tomam o seu maior vigor nos mezes mais asperos do inverno, que são os de Junho e Julho.

O céo é puro e sadio, e não fomenta doenças particulares do clima, tirado de algumas molestias procedidas da interrupção da transpiração; pois é commum o observar-se, no intervallo muitas vezes de poucas horas, confundidos os frios do inverno com a calma do estio.

Não existem aguas thermaes, não se observam volcões, não ha memoria de terremotos sensiveis. Em nenhuma parte, por onde andei, observei petrificados marinhos, a mesma cal é muito escassa, e ainda essa é sempre misturada de arêa, que é a terra dominante.

Se é verdade que a terra vitrescivel é a primitiva, e que pelo rodear dos seculos todas as mais vão sempre tendendo e forcejando a passarem-se para a natureza da primitiva terra d'onde descendem, como é velha esta montanha! Como pelo contrario essas observações confundem áquelles que pretendem que a America estivesse por muito tempo submergida nas aguas, e que

d'ellas resurgira posterior ás outras partes do antigo continente! O' natureza, ó santa deosa, como zombas dos delirios dos sabios! Eu seguirei sómente os teus vestigios, te observarei sómente nos teus effeitos, e não procurarei entrar nos teus reconditos mysterios! E passando avante principio pela observação dos corpos metallicos, que formam o objecto da presente memoria, expondo o que vi e observei, e é o seguinte.

PRODUCÇÕES METALLICAS

Ouro

O ouro é um metal commum n'estes paizes, e acha-se quasi por toda a parte, ou mais ou menos. A sua matriz é ordinariamente o *quartzo*, ou puro, ou entremeiado tambem com minas de ferro, principalmente da especie *specularis* de Wal. e *hæamatites*. Segue sempre em vieiros, ou mais ou menos grossos, que se entranham pelos montes, ou se ramificam em milhares de outros viveiros capillares e quasi invisiveis, e que se espalham sobre a superficie da terra por entre camadas de quartzos. Tambem se acha em as madres dos rios, e nas suas abas, que em outro tempo foram os seus antigos leitos. N'este ultimo caso o ouro se acha fóra da sua matriz natural, e é rodado dos montes. Acha-se puro pela maior parte, e não mineralisado, cuja especie é a seguinte:

Aurum

Nativum. 1. Lin.

Prata

Existe em as minas de chumbo do Abaité, que logo se descreverão, comarca de Sabará (1). Um quintal d'este chumbo contém duas onças de prata, que é producto (2) consideravel. E' crivel

(1) Todos estes ensaios foram feitos em um ponto em pequeno, no peso de um quintal ficticio, relativo ao quintal portuguez de 128 arrateis, ou de quatro arrobas.

(2) Os Saxonios extrahem com utilidade minas de prata, que contém só quatro oitavas d'este metal em quintal. *Dictionnaire des Arts*. palavra *Mines*. Em Freyberg se fundem tambem d'estas minas, cujo quintal não contém mais que duas oitavas de prata.

que ahi tambem existam as proprias minas de prata; visto que estas sempre acompanham as de chumbo, e as d'este muitas vezes se convertem em as de prata. O logar é totalmente ermo e deserto, e podendo-se fazer n'elle maiores exames e indagações, talvez virá a ser um novo manancial de riquezas para o Estado.

Ferro

E' immenso: acha-se accumulado em montes, em lastros, que occupam leguas inteiras de terreno, em vieiros, e espalhado solitario sobre a terra.

Ferrum

Tesselare. 2—Dá em quintal 56 libras de ferro.
Crystallinum. 3
Chalybeatum. 4
Rhombeum. 6
Selectum. 8
Granosum. 9
Commune. 10
Taleosum. 12
Decupatum. 14
Scamosum. 16
Specularis. Wal.
} Todas estas minas são riquissimas em ferro, e dão em cada quintal de mina de 70 para 108 libras de ferro puro.
Cærulescens. 19—47 libras de ferro em quintal.
Hæmatites. 22—57 para 84 libras em quintal.
Arenosum. 24—29 para 36 libras em quintal.

Cobre

Apparece em varias partes d'esta comarca: rodado no veio dos rios, e já puro e mineralisado em vieiros. As especies são:

Cuprum

Nativum. 2. Lin.
Grisea. Wal. sp. 273. 2. Dá em quintal de mina 39 libras de cobre.

Ochra

Æris. 3. Dá 30 libras de cobre em quintal de mina.
Cupris. 4. Dá 30 libras em quintal.

Chumbo

Existe em as serras qué formam as vertentes do rio Abaité, segue em vieiros guarnecidos e encapados de espatho. A especie é:

Plumbum

Galena. 3. Lin.

Galena tessulis minoribus micans. Wal. sp. 282. 2.

Dá em cada quintal de mina 86 1/2 libras de chumbo, e em cada quintal d'este duas onças de prata.

Estanho

Observei indicios d'este metal em o logar chamado os *Morrinhos*, caminho que vai da *Lavrinha* para a *Itacambira*. Achei n'estes montes abundancia do *Spuma Lupi*, o qual acompanha pela maior parte as verdadeiras minas de estanho, e elle mesmo é uma mistura de ferro e estanho. A especie é:

Molybdænum

Spuma Lupi.

Spuma Lupi, particulis polyhedris, semi-pelucida. Wal. sp. 265. 4.

Enxofre

Observa-se em muitas partes d'esta comarca em vieiros, cuja especie é a seguinte:

Pyrites

Crystallinus. 3.

Sulphur ferro mineralisatum, forma crystallisata Wal. sp. 217.2

Dá em quintal 61 libras de ferro, e 40 de enxofre.

Pyrites

Ferri. 5.

Sulphur ferro mineralisatum, minera difformi, palide flavæ, nitente. Wal. 215.

E' a mesma especie acima, faltando-lhe sómente a fórma crystallisada.

Caparrosa

Depois de extrahido o enxofre dos productos acima, o residuo que fica é abundante em caparrosa. A especie

Vitriolum

Martis. l.

Nitro

Acha-se em varios logares, e principalmente nas lapas sombrias das serras, e já quasi como puro.

Nitrum

Nativum. l.

SEGUNDA PARTE

ESTADO ACTUAL E DECADENTE DA MINERAÇÃO DO BRAZIL. NECESSIDADE DE UMA ARTE NACIONAL METALLURGICA. ANIMAR A MINERAÇÃO ERIGINDO-SE FUNDIÇÕES DE FERRO, E REMOVENDO ALGUNS OBSTACULOS.

Temos visto um territorio rico em producções metallicas, e até hoje em dia a nossa mineração não se tem estendido mais que á do ouro. Esta mesma se diminue a passos contados, e é um clamor geral que tudo está já lavrado e esgotado; a classe dos mineiros na verdade, com a excepção de poucos, é a mais indigente; o ouro se faz cada vez mais escasso, os direitos reaes dos quintos experimentam uma mingua consideravel. Quaes serão pois as consequencias de tanto damno?

Os mineiros em fim desgostosos da sua occupação, e vendo que a fertilidade da terra poderá melhor satisfazer as suas necessidades, largaráõ os picões e as alavancas, e correráõ para a agricultura. O numero dos agricultores crescendo demasiadamente, e se aniquilando ao mesmo tempo o dos mineiros, que são os consumidores, nem os mesmos agricultores acharáõ sahida

aos seus generos; estes tambem por sua vez perecerão; o paiz se despovoará na maior parte, e o restante do povo, que permanecer, será um povo condemnado a viver na miseria, na barbaridade, e o Estado perderá uma provincia das mais ricas que possue. Tal será a sorte d'estes sertões, onde ficando os mares distantes para a exportação dos seus generos de agricultura, o povo de necessidade ou deve diminuir-se, ou quando não repartir-se e equilibrar-se entre mineiros e agricultores.

E ao mesmo tempo olhando-se com reflexão sobre este vasto territorio, vemos que elle tem muito mais para dar em producções mineralogicas, do que tem dado : e deixando de parte os mais metaes, que podem tambem occupar milhares de braços, e cingindo-me só por ora em fallar sobre a mineração do ouro' esta mesma póde ainda ser levada a um auge de grandeza, onde nunca esteve.

Resta-nos primeiramente ainda descobrir e examinar mais terras do que temos visto e examinado, e immensos logares ainda existem que pés humanos não tem calcado : em segundo logar esses mesmos montes, que dizem estarem esgotados e lavrados, não se póde dizer senão que estão arranhados nas suas superficies, e que as veias dos metaes se acham pela maior parte ainda intactas nos seus centros. A ignorancia nos mineiros, e o descuido que houve de se instruir com tempo na sua profissão esta preciosa classe de homens, é a causa unica, e ao mesmo tempo mui bastante, da decadencia actual da mineração. E para fazer mais sensivel isto, que acabo de attestar, cumpre dizer alguma cousa do mesmo estado actual d'esta mineração.

O ouro se extrahe ou nos montes, ou nos rios, e por conseguinte os mineiros se dividem em mineiros de montes, e em mineiros de rios. O leito que os rios occupam hoje, o não occupavam antigamente, e muitos d'elles correm agora muitas braças abaixo do que corriam nos tempos antigos : muitos obstaculos, muitos travessões, que com o andar do tempo foram elles rompendo ; muitas revoluções, que o nosso globo tem soffrido, tudo isto tem sido parte para que estes rios tenham occupado por vezes differentes leitos. Os leitos mais

antigos e mais elevados ao nivel dos mesmos rios, e que se acham mais acostados ás fraldas dos montes, a estes leitos antigos chamam os nossos mineiros *gopidras*. O leito que se segue mais immediato ao rio, e que fica no mesmo nivel ou pouco mais elevado, chamam *taboleiro*, e *veio* á propria madre do rio. Estes tres logares, que todos são ou foram a madre do mesmo rio, são todos elles do objecto d'estes mineiros. As gopiáras se lavram com muita facilidade, não formando estorvos as aguas por correrem baixas: tira-se a capa de terra mais ou menos alta que cobre o cascalho, e finalmente a este, que é o objecto do serviço, e onde reside o ouro. Chamam elles *cascalho* a uma camada densa de pequenos e redondos seixos, da mesma natureza do quartzo, cuja camada pela maior parte compõe o ultimo lastro, que cobre tanto a superficie dos montes, como os leitos dos rios, com a differença sómente que os ditos seixos dos montes são asperos e angulosos, e os dos rios redondos e lisos, por serem batidos e trabalhados das aguas. Por baixo d'este cascalho, que tem mais ou menos palmos, se encontra, ou com lagedos, ou com uma camada de argilla, a qual já principia a degenerar em talco, a que chamam *piçarra*. Chegando-se a esta piçarra, não passam mais avante, e fica findo o serviço.

Os serviços dos taboleiros já tem mais difficuldade, pois que ás vezes é preciso usar da roda para esgotar e seccar as aguas: no mais é como o serviço das gopiáras.

Mas difficultoso sobre todos é o serviço do veio do rio, porém toda esta difficuldade se reduz a duas ou tres operações; é preciso formar primeiro, á força de cavar, um novo leito, que chamam *vallo*, para passar o rio por fóra do seu veio e a um dos seus lados: feito isto, cortam e suspendem o mesmo rio com fachina e terra junto á entrada do vallo, e d'esta maneira o lançam fóra do seu leito: assentam ao depois a roda para seccar a agua que ainda reçuma do cerco e do vallo, e lavram por fim o veio do rio como as gopiáras e taboleiros.

E' de notar n'estes mineiros: primeiramente o uso de uma machina incommoda, como são as suas rodas e mais apparelho de esgotar as aguas. Um dia que é preciso assentar ou mudar

esta machina, occupam-se sómente n'este serviço cincoenta e mais escravos, e esta mudança ás vezes se faz indispensavel o fazel-a uma e muitas vezes em um só serviço. Achega-se a isto que o seu caixão, por onde sobe a agua, nunca se póde pôr a prumo, e deve sempre fazer um angulo mais ou menos agudo com o plano do horizonte; por cuja causa um caixão muito comprido e pesado esgota a agua de uma pequena profundidade, attendendo á linha perpendicular ao mesmo horizonte. Em logar d'esta machina, acho muito mais commodo o uso das bombas, que são muito maneiras, e praticadas em similhantes casos, e á proporção d'agua que ha para se esgotar, póde-se augmentar ou diminuir o numero d'ellas: uma roda póde tocar dez, e vinte, e muito mais bombas por banda.

Em segundo logar deve-se notar a falta de muitas outras bellas machinas, de que podem fazer uso, como os cabrestantes, os guindastes para tombarem as grandes pedras, sem gastar o tempo e a ferramenta em as quebrar: o uso das padiolas e carretas, tanto de mão como tiradas por animaes, e outras infinitas, que deixo de fazer menção. Uma batêa (*) de uma pequena capacidade, posta na cabeça de um escravo, e um andar vagaroso e pausado de manhãa até á noite, suppre todas estas tão uteis machinas.

Não obstante isso, esta mineração dos rios é a que está em um pé mais soffrivel e adiantado; e fóra d'estas observações, que já fiz, no mais pouco ha que notar; ella tambem é a mais facil e menos complicada, e por isso muitos se entregam a ella. D'aqui vem que a maior parte dos rios conhecidos, e que levam ouro, estão quasi todos lavrados. Mas não succede assim aos mineiros dos montes, com os quaes me vou agora occupar.

Os montes são os verdadeiros pais dos metaes, a natureza os formou nos seus centros e nas suas superficies, e d'aqui rodaram para os rios. Os mineiros dos montes são os que bebem as riquezas na sua fonte, poucas braças de uma veia rica os póde

(*) E' um vaso de páo, côvo, de pouco menos de dous palmos de diametro, que representa um cone com a base para cima.

enriquecer para sempre, e isto mesmo tem succedido a muitos. Estes montes do Brazil são riquissimos de ouro; e a prova é que os rios o foram, e por conseguinte muito mais os montes. Poucos d'elles tem sido minerados como devem ser, e as suas entranhas ainda se não patentearam de todo aos seus mineiros por causa de um máo methodo de os lavrar. No principio da descoberta das minas parece que um bom genio guiava os homens; então houveram mineiros; varios montes se minaram como o de villa Rica; e posto que estas minas não tinham ainda toda a perfeição que se requeria, todavia isto bastou para que d'este monte sahissem rios de ouro: e quantos montes d'estes ainda não existem? Quantos se mostram n'esta capitania que fossem minados como elle?

O horror de se soterrar um homem em uma mina por todo um dia, de se despedir ao nascer do sol da sua brilhante luz, e de só se guiar pelo fraco clarão de uma candêa, de ouvir estalar a cada instante a montanha sobre a cabeça, e esperar a cada passo pela morte; parece que estas cousas foram desgostando pouco a pouco os homens do trabalho das minas, e em fim os determinaram por uma vez para a mineração dos rios. E com razão, n'essas éras os rios tambem convidavam da sua parte aos homens, os seus cascalhos se achavam á mostra e sem entulhos, a mineração era mais facil, e ao mesmo tempo tambem rica. Estes rios, e os seus taboleiros, e as suas gopiáras, tudo foi lavrado e relavrado: em fim foi preciso outra vez tornar a subir aos montes, e os mineiros, costumados á mineração dos rios, se persuadiram talvez que poderiam tambem lavrar os montes pelo mesmo methodo e maneira, como tinham já lavrado os rios.

Inventaram portanto um pernicioso methodo a que elles chamaram *levar um monte á talho aberto*, o qual consiste em desmontar e tirara primeiro a terra de cima dos vieiros, assim como faziam nos rios para tirarem o cascalho. Não se fizeram d'ahi por diante mais minas, e perderam essa mesma pouca experiencia, que já tinham adquirido d'aquellas que no principio tinham aberto; tudo foram ao depois rasgões, e este methodo se adoptou por toda esta capitania, e tambem pelas outras. Estes rasgões os

fazem ou ajudados com agua, ou a sêcco carregando a terra á cabeça. Aquelles que são auxiliados pela agua forram todavia muito trabalho, e ás vezes são recompensados de maiores interesses; porém nem todos podem ter essa ventura, e á maior parte d'elles succede o serem privados d'ella: pois que a natureza formou ordinariamente os metaes nos montes e nas serras mais empinadas, onde com muito custo ou raras vezes póde esta agua chegar. Estes mineiros, que se vêem precisados a carregar toda a terra á batêa, nunca, ou muito por acaso chegam a ver o lucro das suas lidas: porém a final tanto os que trabalham com agua, como os que a não tem, todos elles, proseguindo um pouco mais avante pelo interior do monte, se acham embaraçados e impossibilitados de poderem dar mais passo. Quanto mais ingreme é a montanha, tanto mais a prumo se profundam os seus vieiros. Nós habitamos em uma montanha ou serra, a qual os mineralogicos chamam da *primeira ordem*; e segundo a observação d'estes, e o que eu mesmo tenho visto, todos os vieiros d'estas mesmas montanhas pela maior parte são *perpendiculares*, que descem a prumo ao centro da terra, ou *obliquos*, que são aquelles que se precipitam, formando um angulo entre 60 e 80 gráos: raras vezes (ao menos ainda os não vi) se acham vieiros horizontaes.

D'esta mesma verdade se segue a prova do que acabo de dizer; que os mineiros, que diligenciam levar um monte *a talho aberto*, cedo ou tarde se despedirão para sempre d'elles, levando estes comsigo para o centro da terra todas as suas esperanças, todas as suas fortunas, e as suas saudades.

Isto mesmo é o que vemos confirmado todos os dias pela experiencia: muitas e muitas lavras que principiam com esplendor, como o vieiro esteja ainda na superficie da terra, passados poucos tempos ellas são desamparadas; e porque? Porque proseguindo o vieiro poucos passos pelo interior do monte, este se pôz logo com 60 ou 80 palmos de terra por cima de desmonte: todavia esta altura de terra é cousa muito insignificante para um mineiro que souber do seu officio; porém para estes nossos é altura sobeja e assás grande. Estes 60 ou 80 palmos não sómente é preciso caval-os todos para o fundo, como tambem desabafar

para os lados muitos palmos, para poderem com segurança e sem perigo descer abaixo, e que não desabe a terra e os sepulte. Quantos palmos não accrescem de mais além dos 60 ou 80 ? E isto para tirarem um vieiro grosso de um palmo ou dous dedos ! Quantas lavras não consomem seis, oito e dez mezes em desmontar, para se trabalhar sómente uma semana ou quinze dias no vieiro ! E' preciso que estes vieiros sejam riquissimos, e o são na verdade, para poderem fazer alguma pequena utilidade ao seu dono. Não duvido que hajam vieiros, nos quaes uma batêa de terra dos mesmos poderá custar ao mineiro cincoenta ou cem mil superfluas de desmonte !

D'aqui vem a precisão de um extraordinario numero de escravos para similhantes lavras: oitenta ou cem escravos é uma fabrica mui pequena. Que tempo não gastam elles na conducção ou tiradas d'agua, algumas vezes de muitas leguas, para poderem fazer o seu desbarranque! Que repetidos trabalhos não empregam para conservarem estes longos regos sem se arruinarem ! Em fim é um axioma entre estes mineiros, que um monte de ouro não val nada se não tem agua. Agua sim, necessita-se d'ella em uma fabrica de minas, porém é para outros usos mui differentes do que julgam estes mineiros. Estas e outras muitas desordens procedidas de não saberem como se hajam n'estas minerações dos montes, este augmento de escravatura desnecessaria, faz a perdição quasi geral d'estes nossos mineiros; e ao contrario uma mina, aberta como deve ser, póde-se costear com muito menos gente, sem comparação do que requer este máo methodo de minerar, e estes longos regos d'aguas que tanto custam.

Olhando por outra parte para as machinas de que usam, não possuem nenhumas; ignoram até as indispensaveis com que se esgotam as aguas, e sem as quaes não póde dar passo o mineiro; pois que a roda, de que usam nos rios, é incommoda para os montes, e além d'isso o seu caixão demanda pouca altura, como fica já dito, por não se poder pôr jámais a prumo. Remedeam a falta d'estas mesmas machinas com os seus canaes, que vão despejar as aguas do interior do monte na planicie vizinha; porém se o vieiro profunda abaixo do nivel d'essa planicie,

como sempre acontece, pouco mais avante o podem acompanhar, e não resta outro remedio mais em tal caso senão dizer-lhe um eterno adeus.

Si se chamassem estes nossos mineiros, que passam pelos mais atilados na sua profissão, e se lhes dissesse que ha em Europa uma nação, que mais de mil annos ha que é mineira; que ella com seus principes (1) em frente, e homens mui sabedores na mechanica, na hydraulica e na physica soterranea, tem dado remedio a todas estas difficuldades; que a arte de minerar faz um corpo de sciencia, que prende com outras muitas, e que não constitue um mineiro o saber só nivelar, cercar um rio, ou rasgar mal um monte: elles pasmariam! Se estes mesmos mineiros fossem levados pelas mãos, e se os fizessem descer o poço da mina de ouro de Chremnitz (2), e observassem a sua profundeza de cento e sessenta braças, e passeassem ao depois por ella adiante muitas milhas; se descessem a celebre mina de sal de Eperias, (3), cidade da alta Hungria, que só o seu primeiro andar, além de outros que se seguem mais abaixo, tem de altura oitocentas e oitenta braças; se vissem monstruosas machinas moverem-se nos abysmos d'estas montanhas, e seccarem as suas aguas por cincoenta e duas bombas, à vinte e seis por banda, como na mina de azougue de Friul (4); se vissem enormes rodas (5) de trinta e seis e quarenta pés de diametro, cavalgadas umas sobre outras até o numero de quatro e cinco juntas na profundeza da terra, umas movidas por aguas conduzidas de fóra, outras com as mesmas subministradas dos proprios subterraneos; que grandes

(1) O eleitor de Saxonia é tambem mineiro juntamente com os seus vassallos: quando vê que alguma mina de algum particular se acha quasi arruinada, e em ponto de ser desamparada por causa de necessitar de alguma obra mais custosa, como um esgoto, &c., elle acode e faz gratuitamente essa obra; percebendo porém d'ahi por diante do producto d'essa mesma mina, além do decimo, tambem o nono.

(2) *Metallurgie* de Alphonse Barba. T. 2, p. 285. A terra do vieiro d'esta mina contém pela maior parte quatro oitavas de ouro em cada quintal, e tem de antiguidade para cima de mil annos.

(3) Alphonse Barba. T. 2, p. 283.

(4) Idem. T. 2, p. 305.

(5) Lehmann. *L'Art des Mines*. T. 1, p. 58.

milagres não seriam estes objectos para os nossos mineiros! Como não confessariam elles unanimemente que as minas do Brazil estão ainda quasi intactas! Como não conviriam elles que nós Portuguezes, possuindo riquissimas minas, ainda não firmámos os primeiros passos na carreira da mineração!

E na verdade, ainda até o presente não temos lavrado uma parte dos rios; os montes estão só arranhados. Viajei um grande espaço d'esta comarca do Serro, observei quasi todas as suas lavras, que d'ellas conservo fieis descripções, nenhuma das que vi achei que chegasse a duzentos palmos de profundo, a maior parte d'ellas não passavam de cincoenta, immensas a vinte e a trinta, e tudo *a talho aberto*. A isto devemos chamar minas! Cabe antes melhor o nome de lavras que lhes dão, e não de minas, pois que estão bem longe d'isso. O mesmo digo dos nossos mineiros, pois nada lhes quadra menos do que tal nome: são mineiros que jámais perdem o sol da vista. Sei todavia que na comarca de Villa Rica e Sabará existem ainda hoje algumas minas; porém como ellas são rarissimas e mal abertas, não as devo contar por taes. Concluo pois, ou eu me engano, como nunca na minha vida, que a summa ignorancia da nossa mineração tem sido a causa da presente decadencia d'este ramo de riquezas; e que esta mesma decadencia arrastará comsigo a final a mingua geral d'este bello territorio das minas. Mas qual será o meio de obviar a tamanho mal?

ARTE METALLURGICA NACIONAL

E' conveniente que aquella parte do povo, que se deve occupar de um certo genero de profissão, a conheça o melhor que puder ser, e quanto mais relevante fôr o interesse que d'aqui deve resultar para o Estado, tanto mais este mesmo Estado se deve interessar em que esta classe de homens seja instruida. Quasi todas as nações cultas da Europa tem conhecido quanto cumpre ao Estado que se cultivem e se trabalhem as minas: a Suecia, a Russia, a Polonia e sobretudo a Allemanha, são d'este numero.

Estas mesmas nações tem tido o cuidado de encaminhar os seus mineiros por meio de obras uteis, que tem sido espalhadas entre elles; obras que tem dado nome ás mesmas nações, instruido com utilidade os povos e enriquecido o Estado.

Tal é o exemplo que deve seguir a nação portugueza: mais razão tem ella de frequentar e procurar pôr em um bom pé o trabalho das suas minas que nenhuma das outras: ricas terras que abundam em metaes, vastos sertões que nunca serão em termos povoados e cultivados sem este genero de commercio, muita gente já applicada e entretida n'esta maneira de vida, taes são as principaes razões que pedem que este ramo de estabelecimento vá avante e não pereça.

Conseguir-se-ha isto fazendo nós, á imitação d'estas nações, gyrar entre o povo um corpo completo da *arte metallurgica*. Esta arte ou corpo de doutrinas metallurgicas parece-me que se poderia comprehender bem em uma obra de tres volumes: no primeiro se trataria da *metallurgia mechanica*, no segundo da *metallurgia pyrotechnica*, e no terceiro da *metallurgia docimastica*. Fallarei com brevidade como entendo cada uma d'estas divisões.

O primeiro volume, ou a *Metallurgia mechanica*, deve tratar e ensinar o methodo de abrir e trabalhar as minas. Mas antes de entrar em materia convém, como especie de prolegomenos ou introducção, que dê esta arte uma idéa geral da mineralogia. Far-se-ha conhecer ao mineiro a classe das *pedras*, distinguir os seus generos e as suas principaes especies: dos *mineraes*, fazel-os conhecer os saes, os enxofres, os metaes, e da mesma maneira distinguir as especies de cada um d'estes generos: dos *fosseis*, mostrando-lhes o que é petrificado e o que é concreto, e em fim o que é terra, e as especies tambem de todos estes generos. Tudo isto com brevidade e não esmiuçando e multiplicando especies, como fazem os mineralogicos. E' indispensavel a precisão de conhecer e distinguir o mineiro os corpos, que devem formar todo o objecto da sua profissão.

Entrando a pôr isto em materia, deve dar uma idéa da estructura e composição da *terra*, das suas camadas ou lastros: distinguir as varias especies de *montes*, e fazer conhecer quaes

sejam os proprios para a mineração, e quaes não. Deve fallar sobre as *matrizes dos metaes*, e mostrar que tal metal se mineralisa pela maior parte com aquella pedra ou terra, e que aquelle outro com aquella outra pedra ou terra, etc. Este genero de metal se acha em *cumulo*, aquelle em *lastro*, e aquelle outro nunca senão em *vieiros*. Vem por sua ordem ao depois o tratar dos *vieiros*, mostrar o que é propriamente *vieiro*, o que é *fenda*, fazer conhecer e marcar as suas direcções pela *bussola mineralogica*, dar os signaes d'aquelles que devem logo acabar, chamados *venulas*, e dos *capitaes*, que são os que devem permanecer : quaes são os bons e de esperanças, quaes os rebeldes e que nada devam dar.

Isto examinado, é tempo já de fazer descer o mineiro pela sua nova mina. Esta é formada de *poços*, de *galerias*, de *canos* (*), de *azas*, de *canaes de esgotos*. Mostrar quantas qualidades ha de poços; estes pela maior parte descem perpendicularmente ao centro da terra, e ha poços, uns para a serventia de descer e subir sómente a gente; outros para o esgoto das aguas e assentos das machinas para este effeito; outros para o uso dos ventiladores, que devem renovar e purificar continuamente o ar na profundeza da mina. No extremo de cada poço ficam as galerias, que cortam horizontalmente o monte á direita e á esquerda, e servem para descortinar os vieiros, arrumar entulhos, e encaminhar as aguas soterraneas. Os canos são como galerias mais estreitas, que servem para se repassar a montanha, e ir por meio d'elles em busca de novos vieiros. As azas, que são como uns nichos postos ao lado dos poços, servem para arrumar tambem entulhos, descobrir vieiros, e n'ellas separarem os obreiros a verdadeira mina da *ganga* ou pedra esteril. Os canaes de esgotos tem a sua entrada nas fraldas do monte, e vão-se communicar ao depois com as galerias interiores, e receber as aguas exhauridas pelas machinas, e as conduzir para fóra do mesmo monte. Tratará do modo de fortificar e segurar o monte pela carpintaria e alvenaria, que é o objecto da *architectura subterranea ;* como do mesmo modo tra-

(*) Boyaux.

tará da *hydraulica*, tambem *subterranea*, que é a descripção das machinas proprias para o maneio das aguas. Aqui tambem entra o tratar de outras mais machinas do costeio da mina, como são as que servem para os carretos; as machinas puxadas por animaes ou tocadas por aguas, para por ellas se elevarem os pesos e extrahirem-se as terras para fóra da mesma mina; os engenhos de pilões para quebrar a pedra do vieiro; os moinhos de ferro para a moerem: tratará do methodo em fim de se colher e arrecadar o ouro, ou por lavagens, ou pelo azougue, ou pelo chumbo; descrever cada um d'estes methodos, e as suas machinas e as suas manipulações.

Taes são, pouco mais ou menos, as doutrinas que deve conter este primeiro volume da *Metallurgia mechanica:* não sei que haja um corpo seguido e methodico d'esta materia, ella se acha sim dispersa em muitas obras e dissertações allemãas. Lehmann, conselheiro das minas d'El-Rei da Prussia, fez um pequeno tratado, que intitulou *Arte das Minas*, o qual é tão breve que nada satisfaz: o mesmo Lehmann se queixa de não ter havido até o seu tempo um tratado methodico d'esta sciencia.

Aqui se poderia findar a arte metallurgica portugueza, se nós tiveramos sómente o ouro; porém possuimos todos os metaes, e dia virá em que elles apparecerão cada vez mais á proporção que olharmos com mais tento para a terra, e mais profundamente descermos em as suas entranhas. O segundo volume pois, que será da *Metallurgia pyrotechnica*, deve ensinar como se extrahem pelo fogo os metaes das suas pedras; e tratará em primeiro logar da preparação que devem ter as minas para se disporem ao depois para a fusão, e ensinará por conseguinte como se trituram e se lavam; da calcinação e seus fornos, que minas devem ser calcinadas e as que não, aquella a quem basta sómente uma calcinação, e aquella que precisa de oito e dez, como são algumas minas de cobre. Tratará ao depois dos fornos de fusão, os descreverá, dará a sua planta, e mostrará como se funde cada genero de metal e cada especie de mina. Os metaes depois de fundidos são pela maior parte misturados uns com os outros e impuros, e por isso convém separal-os e purifical-os. Esta

separação é toda fundada sobre as leis das affinidades que tem os metaes uns com os outros, e sobre o differente grão de fusibilidade de cada um dos mesmos metaes. Esta materia é mui vasta e miuda, cheia de operações pasmosas e delicadas, e que honrarãõ para sempre o espirito humano que a imaginou; todas estas cousas devem ser explanadas com a maior clareza.

Não basta só que a nossa *Metallurgia pyrotechnica* trate meramente dos metaes: convém demais estender-se aos productos d'estes mesmos metaes, e àquellas drogas precisas para a maneação d'elles. Tratará por conseguinte da fabrica e fornos da distillação do enxofre, dos vitriolos, da pedra hume, e por fim das nitreiras artificiaes e composição da agua forte.

Muitas bellas obras ha sobre esta parte da metallurgia: a primeira e sobre todas é a grande obra de Christovão André Schlutter, intitulada a *Fundição das Minas*, e que foi traduzida por Mr. Hellot por ordem do ministerio de França, para uso das fundições do reino. E' uma obra excellente na verdade; porém o auctor se demora ás vezes demasiadamente com muitas minudencias, como quando entra a tratar de quantas qualidades de fornos ha na Allemanha e em outros reinos, das differentes maneiras de fundir uma mesma mina em cada districto da mesma Allemanha, o que é bastante para confundir a um homem pouco custumado a grandes leituras e miudezas. O fundidor quer sómente que lhe digam como se ha de fundir tal e tal mina do seu paiz; qual é entre todos o melhor forno de que ha de usar; qual o melhor fundente e mais á mão da sua mina; e pouco o embaraça o saber, nem lhe importa como se fundem as minas no Alto e no Baixo Hartz, na Bohemia, na Hungria, na Suecia, etc.; que para as fundições de Goslar se vão buscar as escorias das fundições de S. Nicoláo para lhes servir de fundentes, etc. A nossa arte metallurgica (por isso o digo) deve ser nacional, isto é, fundada em experiencias feitas sobre as proprias minas, e sobre os proprios fundentes do paiz: isto avança muito.

O terceiro volume será consagrado á *Metallurgia docimastica*, ou arte dos ensaios. Esta tem dous objectos: 1.º conhecer o

titulo do ouro e da prata ; 2.° conhecer quanto de metal puro póde haver em um quintal dado de mina. Todos estes conhecimentos são necessarios a um povo mineiro e fundidor. O primeiro objecto da *Metallurgia docimastica* é só mais proprio para as casas de fundições regias de ouro e prata, e casas de moedas. Interessa ao principe que hajam bons ensaiadores, e que entendem profundamente a sua arte, e não sejam d'estes ordinarios ; que saibam por conseguinte ensaiar por differentes methodos para melhor se certificarem dos quilates dos metaes finos nos casos duvidosos ; que saibam purificar os ditos metaes, e separar-lhes as ligas e misturas, quando a malicia ou os casos fortuitos, como os incendios, os misturaram e confundiram : isto pois, segundo eu penso, é que mui poucos ensaiadores que hoje occupam os logares das fundições regias o sabem fazer. Por isso convém que haja um livro nas mãos de todos que forem homens habeis e em abastança para supprirem dignamente estes logares nas conjunções precisas. O segundo objecto é mais proprio do fundidor e do mineiro curioso ; o fundidor pelo ensaio governará a sua fundição : se esta lhe der menos do que o ensaio lhe deu, já sabe que ha erro para emendar, e que parte do metal ou se acha ainda nas escorias mal fundidas, ou perdeu-se e consumiu-se na calcinação. O mineiro, antes de entrar em despezas maiores para o estabelecimento da sua mineração, deve ensaiar primeiro os seus vieiros, para ver se elles são de natureza que recompensem o seu trabalho. Ainda depois de estabelecida a sua fabrica estes ensaios lhe mostram todos os dias o pé em que vai a sua despeza e os seus lucros ; sabe por exemplo que o seu vieiro lhe costuma a dar tanto em quintal, no fim do dia viu quantas carretas tirou de mina (cada carreta contém certo numero de quintaes), e por conseguinte, sabendo o numero dos quintaes de mina extrahidos, sabe tambem quasi ao justo o que tirou de metal n'aquelle dia, que descontando o seu valor da despeza diaria, conhece o que lhe ficou de lucro, quando este o haja: mudando-se o vieiro, ou para mais pobre, ou para mais rico, bem se deixa ver que requer já outro novo ensaio. D'este modo o mineiro

tem sempre diante dos olhos a somma dos seus lucros, ou das suas despezas, e isto mesmo lhe serve para o diante para o ensinar como se deva governar.

Insignes auctores trataram da arte docimastica, e entre todos tem o primeiro logar Schlutter e Cramer.

Eis-aqui, segundo me parece, o remedio mais proprio para suspender o mal, que ameaça a este corpo da nossa mineração; remedio facil, que cura a doença, e que dispõe este mesmo corpo enfermo para uma saude robusta. Eis-aqui uma obra digna do seculo em que vivemos, digna do reinado da nossa soberana, que pede o interesse do Estado, a politica, e a utilidade dos povos. Convém ao Estado que se extraiam os metaes da terra, mas de nenhum modo lhe convém que os particulares se arruinem, que a ruina d'estes espante os outros, e que se fechem para sempre as boccas das minas, e se estanque por esta maneira este precioso arroio de riquezas. Esta obra circulando por entre o povo, aquelles que forem mais atilados e capazes de lição porão em practica aquillo que alcançaram; os outros, que não léem e que não entendem, verão praticar áquelles, e d'elles aprenderáõ; e por fim tudo tomará um novo tom; um novo lustre brilhará sobre a mineração portugueza; os metaes se extrahiráõ em dobro, e na mesma proporção se enriquecerá o Estado. Mas o digo por fim, o homem, que fôr encarregado d'esta escripta, deve ser um grande physico, summo mineralogico, experiente do territorio do Brazil; e ainda mais, deve ter visto primeiro com os seus olhos as minas de Saxonia, Hungria, Transylvania e Austria.

ANIMAR A MINERAÇÃO

1.º

Levantando fundições de ferro.

Não basta sómente ter-se mostrado aos mineiros o como devam abrir e trabalhar as suas minas; cumpre mais administrar-lhes

certos meios, e remover alguns obstaculos que se apresentem, ou possam tolher o expedito gyro d'esta machina.

O ferro, este metal tão necessario a todas as artes, a todos os officios, que rasgando a terra obriga a esta á ornar-se de uma verdura mais amena e alegre, e a desentranhar-se em dons e riquezas; que, levado ás nossas fronteiras, mostra aos nossos inimigos um muro inconquistavel, a morte e o espanto; este metal, mais precioso ao homem do que o ouro e a prata, é o que a Providencia derramou sobre nós com uma prodigalidade espantosa. Não sei porque fatalidade ainda até hoje não nos temos abaixado para levantarmos da terra estas riquezas, que ella tão largamente nos offerece; porque razão estamos a sustentar com o nosso dinheiro as fundições da Suecia, da Allemanha e da Biscaia, nós que as podemos arruinar todas' ou ao menos tirar-lhes grande parte dos seus lucros! Porque razão uma nação de necessidade mineira, como a nossa, esperará que lhe venha do fundo do norte, por um preço exorbitante, o ferro e o aço para poder trabalhar as suas minas! Quanto estas cousas não devem retardar, empecer, e ainda quasi de todo impossibilitar o exercicio de muitas lavras! Isto é patente aos olhos da razão, e nós os moradores d'este continente o vemos todos os dias com os nossos proprios olhos.

E na verdade, sendo o ferro e o aço os generos de maior necessidade e consumo para o mineiro, e sua falta um empecilho para a mineração; logo que o Estado providenciar para que estes mesmos generos hajam em abastança e por um baixo preço, elle terá já dado um grande passo para animar o trabalho d'esta mesma mineração, e para a constituir em um muito melhor pé. O meio porém de termos estes mesmos generos baratos, e sempre promptos, não vejo outro senão lançarmos mão d'aquelle mesmo ferro, que a natureza nos offerta junto ás boccas das nossas minas, estabelecendo nós n'este paiz as nossas fundições. Mas como se levantarão estas fabricas, ou quem as deve primeiro levantar? É o que passo a dizer.

A fabrica do ferro, ou as fundições e forjas d'este metal, é

uma das cousas mais complicadas da arte metallurgica : o ferro, sendo um metal de vil preço, é por conseguinte preciso que a fabrica, para haver de fazer utilidade, o funda muito e em grandes quantidades ao mesmo tempo, e esteja sempre em uma actual actividade ; o que não succede assim nos outros metaes, cujos fornos são mais pequenos, e as suas fundições em menos quantidades, seguindo n'isto mesmo a ordem da natureza, que tambem os criou com maior escasseza, e os doou ao mesmo tempo de maior valor. Por cuja causa taes fabricas de ferro, e taes fundições, tudo deve ser em um ponto bem grande. Os fornos são de vinte pés em quadro e vinte e cinco de alto ; os folles de madeira, e de quinze pés de comprido ; não ha braços que os possam mover, e uma torrente d'agua os agita por meio de uma roda : o forno, similhante a um pequeno Etna, vomita de tempos em tempos uma lava de ferro de quinze pés de comprido, e sobre dous mil arrateis de peso. Esta é conduzida por machinas a uma forja, e ao depois a uma grande bigorna, onde um martello de mil e duzentos arrateis de massa, e tambem movido por outra machina d'agua, a malha, e acaba de a formar em barras. Este exercicio, esta labutação atura sem cessar dez ou doze mezes continuos. Não fallo ainda das manipulações precisas para a conversão do mesmo ferro em aço.

Eis-aqui como estas fabricas podem fazer utilidade, supprindo a quantidade do metal ao seu barato ; e ao revez em um ponto pequeno, e fundindo ás arrobas, nunca o proprietario verá lucro consideravel, e cada libra de ferro lhe ficará por um preço exorbitante.

Pelo que fica dito, cousa consequente é que esta fabrica é muito complicada, que grandes e engenhosas machinas vem ao seu soccorro, que muitos dos instrumentos que hão de servir na primeira, que se haja de se erigir, devem vir de fóra, que ella requer bons mestres e bons directores, o que tudo isto nenhum particular o poderá fazer por falta de meios : Sua Magestade é por quanto quem melhor a póde levantar, e mui particularmente a primeira. N'ella então, como em uma bella escola, se formarão bons fundidores e excellentes artifices, que ao depois poderão ir crear e

estabelecer outras em outras partes. O director d'esta primeira escola ou fabrica regia, da qual devem tomar o tom todas as mais, será um bom physico, um bom chimico, e além d'isso deve ir ver primeiro as fundições de ferro do Maine em França. Este é o caminho mais rapido e breve para elevarmos de repente estas nossas fabricas ao seu maior auge; e um homem, que souber ver, pouco tempo lhe bastará para se pôr corrente em todas estas cousas. Deve observar como se fazem todas estas operações tendentes a taes fundições, tirar planos dos edificios, dos fornos, levantar modelos de varias machinas, de varios instrumentos, descrever o numero e os deveres de cada official ou artifice, o numero dos trabalhadores, as horas de cada fornada, e mil cousas mais d'esta natureza: o que feito se recolherá a Portugal constituido um verdadeiro thesouro para o Estado. Disse que este director seria um bom physico e um bom chimico, diria antes um *Réaumur*, se a natureza não fosse tão esquiva na producção d'estes homens raros; porque um official commum nunca foi, nem será capaz para transportar uma arte de um paiz para outro, e eleval-a ao mesmo tempo a um alto grão de perfeição: esta no seu transporte deve deixar muitas cousas na terra, e adoptar outras muitas do novo clima para onde vai. Sim, depois de termos levantado os nossos edificios, assentado os nossos fornos, e começado a varejar os grandes folles, ainda nos resta muitas observações que fazer: tal mina de ferro é só propria para formar peças fundidas, aquella dá um bom ferro flexivel e proprio para ser forjado antes, aquella outra serve para se converter em bom aço, umas são boas e mui ricas, porém não se fundem ou dão um ferro quebradiço, e misturadas com outras, estas lhes servem de fundentes e bom tempero, e produzem então um bom ferro: o carvão mesmo influe e altera a qualidade do ferro, segundo a sua natureza: quantas miudezas! Como não é preciso caminhar passo a passo e observar attento! Eis-aqui o que um tal fundidor ordinario nunca saberá fazer; sabe sim mui bem como se deva fundir a mina do seu paiz, sabe o grão de fogo que lhe deve dar, sabe os fundentes que lhe deve ajuntar; porém ignora a razão; de tudo o que faz,

obra e não sabe como obra, similhante á materia impellida, que move-se sim, porém que este movimento o recebeu de uma mão estranha.

Varios auctores escreveram muito bem sobre estas fabricas ou fundições, e publicaram excellentes taboas com as plantas d'estes fornos e machinas, como Swedenborg, Réaumur e o marquez de Courterron ; porém a vista val outra cousa, e os conhecimentos que nos entram por ella, entram com muita brevidade.

2.º

Abolindo os dias santos.

Cousa mui sabida é quão prejudiciaes são hoje estes dias festivos que a igreja consagrou á oração e ao ocio. Os nossos pais Alanos, Suevos e Lusitanos, podiam muito bem gastar uma terça parte do anno ou ainda mais em orar : um grosso panno, nenhuns atavios, e esse fabricado em casa, ornava a um nobre, e o punha na rua com asseio n'aquellas boas éras ; mas hoje mil artifices concorrem juntos para vestirem a um simples particular ; mil navios nos conduzem os brocados do Oriente e as pelles do Septentrião ; as nossas mesas se cobrem de iguarias, que nos mandam as quatro partes do mundo ; e o que mais é, este luxo fomenta as artes, attrahe o ouro, que é o nervo e medulla do Estado ; cria a marinha, que na conjuncção da guerra vai ao encontro aos nossos inimigos, e defende as nossas praias e conquistas : mas hoje, digo, se os dias do anno se multiplicassem em dobro, tudo seria pouco para administrar sufficiente tempo ás nossas artes e ás nossas crescidas necessidades. Porém isto são cousas já ditas, e eu não quero, nem devo sahir fóra do meu objecto, expondo sómente o quanto estes dias são prejudiciaes á mineração em particular.

O mineiro que trabalha nos rios, passa já grande parte do anno assentado ás suas margens, calculando e discorrendo sobre a sua futura fortuna, e vendo entretanto correr as aguas sem nada fazer. Chega em fim a sécca, o tempo suspirado, consome ainda

uma grande parte d'elle em fazer o vallo, cercar o rio, assentar a roda, e dispôr outras infinitas cousas precisas ao seu serviço. Quando entra a desmontar e a tirar o cascalho é quasi o fim da sêcca, olha para o serviço que tem feito, vê consumido e empregado n'elle grande parte do seu cabedal, olha para o que resta ainda a fazer, e esmorece porque lhe não cabe no tempo. Os dias santos, que já o atrazaram muito nos seus preparativos, agora lhe aggravam mais os seus sustos, quando elle vê que rara semana se passa sem ser entremeiada d'elles. Em fim as aguas chegam, e quasi sempre a maior parte d'estes mineiros se acham ainda sem ter concluido os seus serviços, que elles os vêem levados de rojo pela furia das mesmas, e juntamente perdida uma grande parte das suas fadigas e esperanças.

Achega-se mais que raro dia santo se passa sem que traga alguma novidade entre a escravatura. N'estes dias da crapula é que se commettem os assassinios e os grandes delictos; n'estes dias os escravos preparam as suas fugidas para o mato; n'estes dias se despedaçam em brincos e se impossibilitam para o trabalho do dia seguinte, e quasi nunca o dono vê a sua fabrica junta no primeiro dia de fazer que se segue ao dia santo. Em fim um d'estes dias arrasta sempre comsigo outros dias perdidos, e é então quando a cousa se passa mais favoravel para os senhores. Já o arcebispado da Bahia, nosso vizinho, deu um pequeno passo sobre estas cousas, abolindo muitos d'estes taes dias em favor da agricultura; e porque razão não chegará aos mineiros, que não são menos uteis ao Estado, tambem esta indulgencia?

E além d'isso não se poderá conciliar a intenção da igreja e a devoção dos nossos maiores com a nossa presente precisão para o trabalho? O parocho, que nos domingos deve celebrar a missa ao meiodia, n'estes dias de festa a poderia celebrar ante-manhãa; o povo se ajuntaria ao romper do dia, louvaria a Deus e os seus santos com o nascer da aurora, com o canto dos passaros, com a alegria da natureza, e ao sahir do sol correriam para os seus trabalhos, sem os quaes as horas se passam vagarosas, a vida fastidiosa e pensativa, e sem os quaes nem ha riquezas, nem em fim saude!

3.º

Oppondo-se ás derrubadas dos matos nos arredores de povoado.

Parece que já é tempo de se attentar n'estas preciosas matas, n'estas amenas selvas, que o cultivador do Brazil com o machado em uma mão, e com o tição na outra, ameaça-as de um total incendio e desolação. Uma agricultura barbara, e ao mesmo tempo muito mais dispendiosa, tem sido a causa d'este geral abrasamento. O agricultor olha ao redor de si para duas ou mais leguas de matas, como para um nada, e ainda não as tem bem reduzido a cinzas, já estende ao longe a vista para levar a destruição a outras partes: não conserva apego, nem amor ao territorio que cultiva, pois conhece mui bem que elle talvez não chegará a seus filhos: a terra da sua parte não se ri para elle, nem o gracioso ondear das louras espigas lhe alegra a vista; um aspero campo, coberto de tócos e espinhos, compõe os seus amenos ferregiaes; a cultura se estende sómente a tres ou quatro generos de sementeiras (1); a lenha principia já a faltar nos logares mais povoados (2), e a madeira de construcção se vai buscar já muito ao longe. Eis-aqui por uma parte as perniciosas consequencias que traz comsigo este máo methodo de cultivar a terra; e por outra, pelo que toca ao objecto de que vou tratando, esta falta de madeiras virá a fazer-se tambem mui sensivel e parte não de menores damnos, quando o Estado um dia se resolver a aproveitar-se d'estas riquezas metallicas, que lhe offerece o paiz.

Uma fundição consome muita madeira de construcção nos seus edificios, e o que é ainda mais, immenso carvão e lenha. Observei em muitos logares riquissimas veias e camadas de excellente ferro, que jámais virão a ser uteis a ninguem pela distancia da lenha.

Parece-me que seria conveniente vedar-se a todos os cultivadores do Brazil, que habitam longe de povoados, o derrubar

(1) Milho, feijão, arroz e mandióca.

(2) Em Tejuco o preço da lenha anda já igual como em Lisboa, e a madeira de construcção vem de dez e doze leguas.

e incendiar mais da metade dos seus matos; e aos que habitam junto aos mesmos povoados, que se lhes deveria intimar uma total prohibição de procederem mais por diante com as derrubadas de matos virgens, que n'estes logares já são mui raros: então elles se veriam constrangidos pouco a pouco a lavrar e estrumar as terras, e o restante dos matos se conservariam em utilidade sua, dos seus proprios filhos e do Estado. As propriedades então ficariam mais permanentes, a povoação fixa e não errante, a agricultura tomaria uma melhor face, e se promoveria em fim para que esta falta de lenhas e madeiras não venha a ser mais funesta para o futuro á erecção das nossas fundições, e tambem ao publico.

TERCEIRA PARTE

DO COMMERCIO E EXPORTAÇÃO DOS METAES, ESTABELECENDO CANAES E BOAS ESTRADAS DE TERRA: INTERESSES REGIOS

Parece-me que já vejo um novo horizonte, um novo céo: milhares de fornalhas cobrem as planicies, que levantam espessos rolos de fumo ás nuvens; os montes já são minados, e por uma bocca estreita vomitam as suas ricas entranhas; o estrondo de mil machinas fere os meus ouvidos, um povo laborioso, contente e alegre, cobre em bandos a superficie da terra; os ricos metaes, á maneira de um rio caudal, que cada vez se engrossa mais, vão demandando como a um mar o thesouro do Estado. Mas que nova e triste perspectiva se apresenta agora á minha vista? As fornalhas se extinguem, as boccas das minas se entulham, o povo vai, como attonito, desapparecendo: genios tutelares, genios conservadores dos povos, genios que presidís á sua mantença, ás suas leis e ao seu commercio, vinde em nossa ajuda!

E' certo que as nossas fundições tarde ou cedo perecerão, principalmente as dos metaes vulgares, se não entendermos na commoda exportação d'elles. O paiz não póde, nem deve consumil-os todos;

o Estado necessita o ferro para instrumentos bellicos e para a marinha, como tambem do cobre; e além d'isso convém que estas mesmas fundições supram a todo o reino.

Como se conduzirão estes metaes até o primeiro porto do mar, de sorte que as despezas do carreto não augmentem muito sobre o principal? Isto é um impossivel, seguindo nós os caminhos e estradas até agora praticados, e os nossos metaes chegaráõ ahi sempre mais caros do que o do estrangeiro. A Bahia nos fica muito longe ao norte, e o Rio de Janeiro muito ao sul. Que faremos pois?

Canaes

Tres grandes rios nos rodeiam e nos convidam a nos carregar sobre suas largas costas ao mar. O rio Doce, que vasa suas aguas a 19, porém que muito antes d'ahi chegar se esgalha em dous ramos e com elles, como com dous braços, quer abranger quasi toda a capitania; por um d'estes braços, que é o do sul, ficam navegaveis os generos de toda a comarca de Villa Rica e parte da de Sabará, e pelo braço do norte os do Serro. O Gequitinhonha, vizinho a este, e que tem a sua foz a 18 com o nome de Rio Grande, seguindo-se pela sua madre acima, que demanda muito para o norte, vai lavar a extrema da comarca do Serro do Frio e da Capitania, e d'ahi formando um cotovello, e como arripiando caminho, vem direito procurando o sul até ás suas fontes, que as tem tambem em a mesma altura de 18, junto a Tejuco. Este canal póde animar o commercio das partes de Minas Novas, Rio Pardo, Itacambira, e ainda chegar muito mais avante para as bandas do mesmo Tejuco. Estes dous rios formarão os canaes de léste da capitania. O rio de S. Francisco, qual outro fertil Nilo, muito conhecido e assás celebre, entranha-se mais pelas terras a dentro da Capitania, corre pelo sobpé da mesma serra pela parte do poente, e é navegavel por differentes ramos quasi por toda a comarca de Sabará, podendo tambem participar d'esta navegação o Serro do Frio, seguindo o Rio das Velhas e Paraúna.

Estes tres rios um dia valerão para o Estado tres grandes thesouros : por meio d'elles toda a capitania de Minas Geraes póde manter uma viva communicação com os portos maritimos; por cima de suas veias lastradas de barcos desceráõ os nossos metaes, os nossos generos raros e exquisitos que a costa não produz ; por elles subiráõ em troco as fazendas das manufacturas da Europa; a consumição se augmentará á proporção da abundancia ; tudo tomará um novo vigor ; cultivadores, mineiros, fabricantes de Portugal, e as alfandegas e portos sêccos encheráõ os cofres do Estado : que tamanhos bens, que novas fontes de riquezas ! E hoje estes rios só servem de bebedouros a monstros feios, e a dispersos bandos de barbara gente que habitam suas sombrias margens !

Estradas e conducções por terra.

Bem se deixa ver que não bastaráõ sómente estes canaes para por via d'elles se sustentar toda a nossa communicação com o mar ; mas antes que deveremos tambem construir caminhos por terra, tanto para nos dirigir logo por elles em direitura ao mesmo mar, como para evitarmos, seguindo nós os mesmos canaes, as cachoeiras e empedrados impraticaveis á navegação, que é natural haver em muitas paragens ; e por isso direi tambem alguma cousa sobre estes caminhos, e o melhor methodo de fazer estas conducções de terra.

Os caminhos por que seguimos no Brazil, sem exceptuar até a grande e frequentada estrada do Rio de Janeiro, são feitos com a maior negligencia possivel, ou para melhor dizer, não se tem empregado n'elles outro artificio que o de roçar o mato, desviar alguma pedra, e de longe em longe fazer alguma pequena cava. Grandes e superfluos rodeios se observam n'elles a cada passo : leva-se ás vezes todo um dia a andar para se vencer tres ou quatro leguas em direitura do rumo : quanto isto não deve trazer de prejuizo ao publico ?

Além d'isto estes máos caminhos são parte para que não se possa usar das carretas, tão uteis ao commercio, e que tanto se

avantajam ao transporte feito em costas de animaes. Não ha certamente serviço tão util e despeza tão bem empregada como a que se faz com as estradas : a facilidade dos transportes anima muito o commercio, amiuda as correspondencias, aproxima as distancias, e tudo isto redunda em grandes utilidades ao Estado. Estas cousas são hoje bem conhecidas e praticadas com summo desvelo por todas as nações polidas : por quanto, pondo isto de mão, passo agora a dizer sómente duas palavras sobre os animaes mais proprios para estes transportes.

No principio das minas eram estes praticados em cavallos, dos quaes abunda o paiz ; mas ao depois os homens se foram desgostando d'elles, e substituiram em seus logares as bestas muares. Hoje está n'este pé, e ellas nos vem quasi todas dos Castelhanos, inda que a terra tambem as produz, e já alguns criadores ha que principiam a multiplical-as.

Porém caminhos tão prolongados e sertões tão vastos necessitam ser auxiliados com mais outros animaes. O camelo, este animal tão util, este bom e verdadeiro escravo do homem, que a sua carga ordinaria é de oito quintaes (1), a sua marcha estando carregado é de dez ou doze leguas, e que viajando escoteiro e com pressa póde bem perfazer quarenta ; este animal tão sobrio no seu sustento, tão soffredor da sêde, e por isso tão proprio para varar os nossos immensos sertões ; este animal, que faz a felicidade do Arabe, seria tambem para nós um dom do céo, se este nosso clima lhe fosse favoravel á sua producção ! E quem sabe se assim póde succeder? Conheço que dous grandes philosophos, um naturalista e outro politico (2), attestam que por varias vezes se tem tentado naturalisar estes animaes na America, porém inutilmente : e quem sabe com que negligencias seriam feitas essas experiencias ! O que se perde em as repetir n'este nosso clima tão variado de Minas ! Quanto se póde ganhar se houver um feliz successo !

Outro avantajado animal ha que o mesmo Raynal aconselha

(1) Buffon. T. 22, Ed. 8.º pag. 305.
(2) Buffon e Raynal.

o seu transporte para a America, e ninguem o póde melhor fazer do que os Portuguezes. Este é o bufalo, de que abundam os reinos de Guiné e Congo (1): assemelha-se muito ao boi, é domestico como elle, porém muito maior e mais grosso, ainda que mais curto : é muito mais proprio do que elle para o trabalho, e principalmente para o uso das carretas, pois empregando no tiral-as todo o peso do seu corpo, um só singel d'estes animaes equivale a quatro fortes cavallos. Accrescenta o não haver duvida sobre a sua multiplicação n'estes paizes; por quanto muito tempo ha que elles se acham naturalisados em outras mais partes fóra do seu clima, como na Italia, na Grecia, e em muitos logares mais da Europa.

Resta-me fallar ainda de um pequeno animal em comparação dos que temos fallado até agora, que possuimos nos nossos matos, e este é a anta (2). Até hoje não nos tem servido senão para os nossos divertimentos da caça; porém um tempo virá que uma geração mais industriosa e esperta saberá tirar d'elle partido reduzindo-o á sua escravidão. Este animal tem muito maiores forças do que uma besta muar; só tem o defeito de ser muito mais baixo, por quanto os maiores podem ter até quatro palmos de alto; são mui grossos á proporção da altura, as mãos e os pés tambem mui grossos e nervosos, a pelle tem quasi um dedo de grossura, é violento na carreira, mui proprio para trepar e segurar-se nas serras, tendo a pata dividida em dedos, e o que não é pouco, dotado de uma natureza mui flexivel. Estas lembranças que faço não são todavia minudencias de gabinete, nem chimeras, quando vemos as nações industriosas do Norte jungirem os debeis cães a maneiros carrinhos, e conduzirem com velocidade e presteza ás cidades o leite e outros carregos tambem leves: quantas maiores vantagens poderemos nós tirar d'estes nossos animaes!

Interesses regios.

Todas as vezes que pelo decurso d'esta memoria tenho fallado sobre o modo de restabelecer a nossa mineração, crear fundições

(1) Buffon. T. 23, p. 135.
(2) Buffon. T. 23, p. 271.

dos metaes, e por conseguinte animar a classe dos plantadores, estabelecer o commercio no interior d'estes sertões, e em fim dar a toda esta capitania um novo ser, uma nova alma; tudo isto é o verdadeiro e mais acertado meio de augmentar os interesses regios. O povo é a fonte e o principio das riquezas do Estado; um povo bem dirigido, um povo laborioso, commerciante e intelligente, é rico; o erario da nação será tambem rico; e ao contrario é um ente que não existe na natureza, um erario rico de uma nação pobre.

Agora só me resta fallar de outro genero de interesses regios, que é o que recebem os soberanos do producto das minas que se extrahem nos seus Estados. Em Allemanha é o decimo dos metaes, e não ha cousa mais bem estabelecida do que o arrecadamento d'estes direitos no eleitorado da Saxonia. Uma grande parte do povo é mineira, esta não se occupa senão em extrahir os metaes da terra, que os conduzem ás fundições, as quaes todas são do principe. Ensaiam-se ahi essas minas com toda a exactidão e verdade para se ver o que ellas contém de metal, e o valor d'este pagam logo ao mineiro descontando o decimo. D'esta maneira a mineração existe n'este paiz sempre animada e em um bom pé, e não ha o menor engano ou duvidas na contribuição dos direitos regios.

Mas isto é só praticavel n'este paiz, onde as minas se acham todas quasi juntas em um pequeno espaço de terreno. No Brazil, onde ellas podem ficar em distancias de cem e mais leguas desviadas umas das outras, fica oneroso multiplicar o Estado tantas fabricas de fundições, e que pela maior parte estarão, agora no principio das cousas, sem ter que fazer a maior parte do anno. O melhor sempre será talvez n'estes começos desonerar Sua Magestade os povos d'este direito, para que elles com a esperança de maior grangearia se afoutem a extrahir estes novos metaes; e até será conveniente animal-os com algumas isenções e privilegios: estabelecidas ao depois estas fabricas, e postas de uma vez de assento, arraigado o gosto d'este genero de mineração, será então mui facil achar-se um verdadeiro meio de se arrecadar estes mesmos direitos.

Appendice

DIAMANTES. NITRO NATURAL.

O diamante é commun em muitas partes do Brazil, ouço dizer que até em outras capitanias, fóra esta, os ha. Porém o logar que se tem feito mais celebre por elles é o Serro do Frio: por toda a parte os ha n'esta comarca, e agora de proximo tambem se tem descoberto na comarca de Sabará, em varios rios e córregos que vertem para o de S. Francisco, como o Abaité e outros.

Esta pedra é toda crystallisada na superficie da terra, e nunca em vieiros que se entranhem pelos montes. Jámais se lhe achou base ou crósta que lhe servisse de assento, como matriz, para a mesma crystallisação; e a fórma das mesmas pedras em pião, pontudas por uma e outra parte, triangulares, arredondadas, e por todas as partes faceadas e lizas, tudo isto prova que a sua crystallização é dispersa, solitaria e não continuada. Por essa razão é que, creando-se esta pedra na superficie da terra, e não se achando presa em uma base ou vieiro, nem entranhada pelos montes, o tempo, os alluviões das aguas, as revoluções da terra, estes grandes agentes da natureza, as tem conduzido já quasi todas aos rios, ás suas baixas e leitos antigos. Estes são os logares mais ordinarios em que se acham os diamantes: n'esta terra tambem os temos visto (ainda que sempre mais raras vezes) nos picos das serras e em algumas planicies elevadas e mui retiradas dos rios, e que nunca foram seus leitos; n'estas paragens se póde dizer que ellas estão ainda no logar natural das suas crystallisações, e por isso sempre á flôr da terra.

A sua mineração é propria, como a que se faz para o ouro nos rios. Esta é hoje feita á custa da fazenda real, e se acha da mesma maneira tão atrasada e imperfeita como as mais minerações dos rios, de que já fiz menção; pois que ella é governada por gente, que tem os mesmos e iguaes conhecimentos.

Parece que até agora o mesmo ministerio tem estado no erro de

que a mineração não é uma sciencia, e que estes nossos mineiros são sufficientes para bem a exercerem. Pois sendo esta mineração dos diamantes uma mineração regia, e podendo ser dirigida por homens intelligentes n'estas cousas, servir como de uma escola, onde se formassem bons mineiros, ao menos de rios, e ao mesmo tempo perceber Sua Magestade maiores interesses d'ella, não tem succedido assim. Tres homens chamados caixas, tirados da classe dos mesmos mineiros, e tão cegos como elles, são os directores e administradores d'este grande e dispendioso corpo de mineração. Dous ministros, um que é o intendente dos diamantes, e outro o fiscal dos mesmos, pertencem para esta administração, e fazem um corpo juntamente com os caixas, a que lhe chamam *Junta da administração geral dos diamantes*. Os ditos ministros, ainda mais cegos do que os proprios caixas pelo que respeita á mineração, e os desprezando por causa da grosseria e estupidez dos mesmos, os dominam, tomam sobre si todo o peso d'esta administração, determinam despoticamente e sem conselho a factura de dispendiosos serviços, superfluas tiradas d'agua, e outras similhantes cousas, de que não conservam idéa (*). Em logar de boas disposições respectivas á mineração, mil ridiculas e insignificantes ordens e contra ordens se expedem a cada passo, tudo affectações de sabença, juizos atilados e zelo, tudo formularios á custa sempre do essencial, tudo em fim ordens mais depressa tendentes para embaraçar e tolher do que para pôr em movimento e expedição esta grande machina. Que utilidades poderá resultar de uma tal administração !

Deve-se notar mais n'esta mineração o máo methodo nas lavagens

(*) Porque as rodas d'estes mineiros são sempre constantemente de um mesmo diametro, que anda por vinte até vinte e dous palmos, segue-se que sempre ha precisão de uma mesma quantidade d'agua para as mover ; ignoram portanto estes taes mineiros o preceito de proporcionarem o diametro da sua roda á quantidade d'agua que tem á mão ; e sendo esta pouca, vão buscar ao longe outra, ás vezes importante em mil cruzados, despeza que com poucos mil réis se evitaria augmentando o diametro da roda, e servindo-se d'aquella mesma pouca agua, que fica-lhe ao pé. Estas desordens se observam todos os dias n'este corpo de mineração.

e colheita dos diamantes. Os nossos mineiros no principio inventaram as lavagens dos diamantes propriamente como as do ouro, que eram as que unicamente conheciam, e onde elles começaram a apanhar os primeiros diamantes, e assim ficaram estas cousas até hoje. De que differente natureza é o ouro e o diamante! E como póde ser que um mesmo methodo de lavar se accommode a uma e outra cousa? O ouro é lançado juntamente com a terra em um lavador, a que chamam *bolinete* quando elle é maior, e *canôa* quando é mais pequeno: uma porção d'agua corre continuamente sobre a terra, e um escravo a mexe com um instrumento que chamam *almocrafe*: n'esta acção a terra se faz como fluida, e o ouro, que tem uma gravidade especifica maior do que a mesma terra e arêas com que se acha misturado, se precipita e se assenta no fundo do lavador, d'onde ao depois o recolhem. Porém os diamantes maneados do mesmo modo, e que a sua gravidade especifica não é maior, ou muito pouco differe dos mais corpos com que se acham confundidos, que razão ha para que elles se depositem no lavador em que se mexe a terra com agua, e não fujam por elle abaixo? Aquelle que observa estes mesmos lavadores, vê que na acção de se mover e manear o cascalho n'elle correm a cada passo pedras, que poderáõ ter mais de meia libra de peso, e como não correráõ os diamantes de meio grão?

As lavagens e colheitas d'estas mesmas pedras, como se fazem nos reinos de Golconda e Vizapour, me parecem muito mais entendidas. Este methodo se acha bem descripto em uma relação sobre as minas de diamantes d'estes mesmos reinos, que foi apresentada á Sociedade Real de Londres pelo grande marechal de Inglaterra, testemunha ocular de todas estas cousas (*), e penso que este mesmo methodo será applicavel com vantagem n'este paiz.

As terras diamantinas n'estes mesmos reinos são tambem do patrimonio regio: aquelles que desejam mineral-as se apresentam a um governador das minas, que pactúa com elles as condições e

(*) Transactions Philosophiques: anno 1678.

o preço: a terra se lhes mede na paragem requerida, depois do ajuste concluido, que sempre é de pagar um tanto á fazenda real, e entregar ao governador todos os diamantes que apparecerem de trinta e seis grãos para cima inclusivamente, e os d'ahi para baixo lhes são livres, e os podem vender a quem bem lhes parecer (*).

Este methodo não seria tambem applicavel no Brazil! Parece-me que lhe acho suas vantagens. 1.º Por este methodo as terras se mineram com uma utilidade sempre certa da fazenda real: 2.º a mineração não é entregue a um só, porém a quantos mineiros apparecem e requerem, e d'esta maneira se evita o odioso privilegio exclusivo dado só a um, pela maior parte com aperreação dos mais: 3.º os diamantes maiores irão com facilidade todos, ou quasi todos, por uma via natural e não forçada, ás mãos de Sua Magestade; pois recebendo-os ella em pagamento da quantia pacteada com o mineiro, não lhe fica incommodo pagal-os por um mais alto preço, a que não poderá chegar qualquer commerciante, e ao mineiro fará summa couta entregal-os pois que com elles paga uma grande parte da sua divida: 4.º a terra, que pretende lavrar, se lhe mede, e onde elle a pede; lavre embora em um anno ou mais, ou lavre-a com vinte ou cem escravos; d'esta maneira se evita o engano dos contratadores antigos, que arrematando o privilegio exclusivo de tirarem diamantes a um tanto por cabeça de cada escravo, em logar, por exemplo, de seiscentos, que era o numero concertado, empregavam seis e oito mil: 5.º tem tambem este methodo a vantagem de embridar os mineiros, para que nem todos se lancem ao mesmo tempo a esta mineração com o prejuizo da dos montes, que é a mais propria para o ouro: 6.º este mesmo freio se estende aos mais mineiros habitantes das outras comarcas para que não as despovoem concorrendo todos para o Serro, onde todavia sempre este genero de pedras é com mais frequencia.

Resta-me agora fazer tambem lembrança do regimento dia-

(*) Transactions Philosophiques: anno 1678.

mantino, que é um accrescimo de leis particulares pelas quaes é governado o povo d'esta Demarcação, e ainda de toda a comarca. Jámais lançaria eu os olhos da reflexão e critica sobre as leis soberanas, se me não vira obrigado a fallar sobre os mesmos soberanos interesses ; e este zelo que me tem guiado até aqui, e como cançado o espirito para discorrer e nada me escapar dos mesmos soberanos interesses, este meu zelo, e além d'isso o regio mandamento me determina agora a fallar tambem ácêrca d'estas mesmas leis. Tendo sido o antigo ministerio mal informado sobre as cousas tendentes a diamantes d'esta comarca por homens, uns que tendo a experiencia do paiz eram incapazes todavia para darem judiciosas informações, sobre as quaes se devesse formar uma perfeita lei; outros, que pretendendo os primeiros logares d'esta administração deram estas mesmas informações, tendo mais em olho os seus interesses particulares do que os do principe e do publico ; d'estas incongruentes e mal entendidas informações pois resultou o regimento diamantino, uma lei toda opposta aos interesses do mesmo principe, toda bem organizada ao contrario para fazer a utilidade de uns poucos, lhes lisongear as suas vaidades, e manter ao mesmo tempo a perseguição e a oppressão de um povo inteiro. Tal é em summa este mesmo regimento, do qual deixando eu o mais, só tocarei em dous pontos principaes, por causa de brevidade.

A prohibição total de todas ou quasi todas as lavras de ouro dentro da Demarcação Diamantina, isto se tem praticado com graves prejuizos do quinto e do povo. Não ha cousa mais facil do que lançar-se uma linha de divisão entre o territorio regio e o que deve ser entregue ao publico. Os diamantes se acham pela maior parte nos rios, e entre estes ha ainda muitos que os não tem de maneira que faça conta, o que tambem é facil de se saber: sejam esses rios diamantinos defesos. Acham-se tambem nas serras, e n'aquellas que são escalvadas, compostas pela maior parte de pura penedia, e cobertas de uma camada de quartzo e arêa : prohibam-se estas, e pouco prejuizo causará isto á mineração do ouro, pois que pela maior parte estas serras ou estes penedos são privados de vieiros metallicos: Algumas chapadas,

algumas planicies ha (o que sempre é mais raro) que tambem os tem; ellas se deixam tambem conhecer pela mesma camada de um quartzo mui fechado e quasi crystallino, e pela esterilidade summa e escalvamento das campinas: assignalem-se tambem estas.

Fóra d'estes tres logares tudo o mais se deve entregar ao povo. Nunca se viram diamantes em barrocaes cobertos de camadas de piçarra misturada de um pedregulho ou quartzo sujo e opaco, e sem ser como meio crystallisado; nunca se viram em vieiros; e porque razão se hão de vedar estes montes ao povo e á real fazenda? Aquelles que deram as informações ao ministerio sobre isto, entre outras mais razões que propozeram, e algumas até indignas de occuparem a seriedade e gravidade do mesmo, allegaram (e é a razão mais plausivel) que os desmontes corriam para os rios diamantinos e os entulhavam (*). Esta razão todavia não é tão prejudicial como elles a faziam; pois se o monte se acha retirado, embora que seja um só quarto de legua, de um rio diamantino, a terra mais pesada se assenta pelas suas fraldas, e ao rio chega cousa mui pouco consideravel; e se elle se acha mais perto ainda, o entulho que se accumula no rio no tempo da sêcca, nas aguas é levado por ellas, e não póde parar senão em poços, que hoje já estão todos cheios e entulhados pela mesma mineração diamantina, tanto antiga do tempo dos contratadores, como pela presente. O fim d'estes homens interessados, que deram taes informações, era o prender d'este modo mais as mãos ao povo, e fazel-o mais seu dependente, como fizeram; era o ter em si o poder de vedar a quem bem lhes parecesse a faculdade de pizar este chão, de colher d'elle o seu alimento, e até de respirar o seu ar.

O outro ponto, que não é menos prejudicial ás utilidades reaes, e que é o flagello mais cruel d'este povo, é o poder que tem o intendente dos diamantes de infligir a pena de morte civil a qualquer individuo d'elle, sem apparelho de justiça, sem appellação,

(*) Regimento diamantino. Art. 25.

aggravo ou recurso algum (*). Uma tal lei, se fosse feita para ser executada em algum tribunal erigido junto ás paredes do paço real, eu recearia que houvesse algum juiz temerario que em uma má hora se atrevesse a abusar d'esta jurisdicção; porém longe do respeito que influe a proximidade do throno, na intendencia de Tejuco, entre a qual e o mesmo throno entremeiam tantas terras e tantos mares; tanta jurisdicção posta nas mãos de individuos, muitas vezes incognitos, e que sem merecimentos se arrastaram até o pé do solio, apoiados em valias; que se póde esperar d'aqui?

A terra se despovôa, o commercio se estanca; uns não se atrevem a fazer gyrar o seu cabedal, porque não sabem a hora em que se verão perdidos, ou elles proprios, ou os que lhes compraram as fazendas. Os commerciantes do Rio de Janeiro, que fiam as suas fazendas ás mãos cheias para qualquer das outras comarcas, recusam ouvir até o nome do Serro do Frio: o escasso povo que resta, descontente e como estupido, se defina e a nada se abalança, emquanto mede com os olhos o logar para onde se retire. Em fim o despotismo feio, magro e escarnado mostrou a sua hedionda cara entre este povo, e o retrato de um pequeno bairro de Constantinopla é o que hoje offerece o Tejuco, a povoação mais linda em outro tempo de Minas.

Não quero dizer todavia que esta lei seja despotica, arrêdo vá de mim tal blasfemia, sei o contrario, e tambem o sabe qualquer d'este povo: do abuso d'ella, da profanação da lei é que nos lamentamos; fulmine a mesma embora sobre a cabeça do contrabandista, porém seja com todo o sagrado apparato da justiça; venham a nosso soccorro as santas providencias das leis portuguezas, e não padeça o honrado e util vassallo sómente porque não cahiu em os agrados do intendente dos diamantes.

Repousem em serena paz no seu quieto jazigo as cinzas do grande principe, do pai das artes e das sciencias, que levou comsigo as nossas saudades, e que firmou e deu valia a uma tal lei: não lhe revolvam hoje as suas pias entranhas as lagrimas

(*) Regimento diamantino. Art. 15.

dos innocentes e opprimidos, o desamparo dos orphãos e das viuvas, e a fome dos perseguidos: sua alma pura e incapaz de entrar nos refolhos da malicia, seu coração tão grande e generoso como o de um rei, pensava que assim seriam puros e incapazes de crimes os seus ministros; e n'isto só se enganou!

Nitro natural.

Cousa mui vulgar é ver-se n'estes paizes a cada passo naturalmente o nitro. Este se acha nas cavernas, nas lapas e nos logares sombrios, e muitas vezes em grossos crystaes e como já purificados. Este nitro porém bem observado não é um nitro que a terra o produza das suas entranhas, e em grandes quantidades; mas sim é todo superficial, e raspada a crósta da terra ou da lapa mais nada fica, e é preciso esperar mezes para se colher outra nova camada. As lapas que vi formavam naturalmente como uma nitreira artificial, e eram pela maior parte quasi todas baixas e sombrias; as terras circumvizinhas formavam quasi sempre um declivio sobre ellas, o que era causa para que no tempo das aguas, estas carreando comsigo as plantas sêccas e meias podres, os estrumes dos animaes silvestres, e outros materiaes proprios para n'elles se formar o nitro, depondo tudo isto sobre as mesmas lapas, e filtrando-se ao depois pouco a pouco pelas suas veias e fendas, venha por esta maneira a formar-se no tempo de sêcca por evaporação o nitro, que se mostra após isto pegado ás ditas lapas pela parte de dentro. O pavimento ou terra, que serve de chão a essas taes lapas, tambem se acha empapado do mesmo nitro que por elle se derrama, porém tudo superficialmente, como fica já dito.

Todos estes nitros todavia não pagaráõ talvez a despeza que será preciso fazer-se para a sua colheita; por quanto, depois de tirada a primeira camada, será indispensavel estar ocioso, e esperar para dar tempo para se formar a segunda; será preciso espalhar a gente por logares distantes a colher aqui e alli, por onde se encontrar o tal nitro; e a mesma quantidade que se colhe em as mais das paragens não é com muita abundancia.

O que eu infiro d'esta facilidade, que ha em se formar este sal n'estes paizes, é que as nossas fabricas ou nitreiras artificiaes terão todo o bom successo, o que não é pequena vantagem.

Eis-aqui, Senhora, o resultado dos meus trabalhos e das minhas observações mineralogicas. No curto espaço de um anno, que empreguei n'este trabalho, e no meio d'este vasto continente, onde tantas cousas se offerecem juntas ao observador, não tive mais tempo do que lançar os olhos em redor de mim: mil cousas restam ainda que ver e observar. Eis-aqui as observações feitas sobre o que podem dar de si estes metaes; nada exagerei, e por ventura passarão um dia estes lucros ainda muito avante ás minhas promessas.

Lançai, Senhora, os olhos sobre a mais rica e a mais formosa porção das vossas possessões, uma terra extremadamente fertil na sua superficie, cheia de variadas producções e varia em climas, rica nas suas entranhas e prenhe de todos os metaes: tal é o Brazil, que se honra de vos ter por Senhora, e que bem merece os vossos paternaes cuidados.

Não rodeem só o vosso augusto throno os valentes genios dos Nunos Alvares Pereiras, dos Castros e dos Albuquerques; as mansas, alegres e pacificas artes o cerquem tambem, e batendo as suas matizadas azas, e se cerrando em pinha umas contra as outras, formem em torno de vós uma variada e densa nuvem, que sirva de um novo lustre e de um novo ornato ao vosso solio. A sublime sciencia do regio Henrique, outra vez revendo as praias lusitanas, chamada e conduzida por vosso augusto pai, leve segunda vez sobre incognitas aguas os afoutos argonautas, gema segunda vez o mar irado, ferva e escume de raiva em roda da descostumada quilha, e pasmado fite sobre as desenroladas quinas os carrancudos olhos; novas estrellas se descubram no immenso espaço, que, condecoradas com o vosso nome, levem á mais retirada posteridade a memoria da protectora das artes e das sciencias. A botanica, a irmãa da medicina, a mãi da agricultura, enrame de peregrinas flôres e de engraçados festões a horrida pinha de duros arnezes, alfanges e escudos, de espeda-

çadas corôas e rotas bandeiras, sobre a qual se eleva e se firma o throno lusitano; soberbo trophéo, que em outras éras, suspendendo e arripiando as suas aguas, admirou o ensanguentado Terges á sua esquerda riba. A chimica, a fecunda madre das artes, rodeada de seus genios metallurgicos, derrame dos degrâos do throno torrentes de rico metal, com o qual o agradecido povo vos levante decorosa estatua, e em roda d'ella engrinaldadas donzellas e meninos façam retinir os ares com festivaes hymnos em vossa honra. Bemdigam-vos os povos, porque os ensinastes a agricultar as terras, a solapar os montes, a navegar os rios, porque lhes facilitastes o commercio, e retirastes do meio d'elles o phantasma da nojosa pobreza. Subam as cousas portuguezas e se elevem ao nivel das mais grandes potencias da Europa: derrame o céo eterna prosperidade sobre vós, sobre vosso augusto filho, com feliz estréa já regente nosso, sobre toda a vossa augusta descendencia, e n'ella eternise o sceptro lusitano. Tal é entre os meus raros votos o maior e o mais fervoroso d'elles, que do alto da minha velha montanha dirijo constantemente ao primeiro dos entes.

MEMORIA

EM QUE SE MOSTRAM ALGUMAS PROVIDENCIAS TENDENTES AO MELHORAMENTO DA AGRICULTURA E COMMERCIO DA CAPITANIA DE GOYAZ.

Escripta e dedicada ao Conde de Linhares

POR

FRANCISCO JOSÉ RODRIGUES BARATA,

Sargento mór da capitania do Pará.

---

1. O estado de decadencia a que se acha reduzida a vasta capitania de Goyaz desde o anno de 1776 promove certamente o desejo de examinar não só as causas que a tem occasionado, mas tambem o de cogitar sobre os meios de a restituir ao seu antigo estado, ou ainda ao de maior prosperidade. E' verdade que para se conseguirem tão interessantes fins não são bastantes as informações dadas ordinariamente ou por pessôas suspeitas, ou por aquellas que, pouco instruidas nos conhecimentos economicos e politicos, attribuem muitas vezes a decadencia de uma capitania ou provincia a cousas bem alheias dos verdadeiros motivos; mas a situação local d'aquella de que vamos a tratar, a combinação dos rendimentos que n'ella tem a real fazenda, e a certeza do quanto as reaes ordens expedidas aos governadores e capitães generaes de Goyaz e Pará se empenham em promover e animar o commercio entre estas capitanias, servirão de principios sobre os quaes apontarei alguns meios, que talvez consigam o fim pro-

posto. Antes porém será preciso que se indiquem as obrigações dos nossos colonos para com a metropole.

2. As necessidades reaes do homem são incontestavelmente o sustento e o vestido, porém tudo quanto póde servir para seu commodo fórma uma terceira necessidade, que elle a si mesmo tem imposto. Estas tres precisões foram as que o obrigaram á cultura da terra, deposito e fonte geral de todas as materias primeiras e proprias para satisfazer ás necessidades physicas a que está sujeito, e mesmo ás que a commodidade tem inventado. Ora como as nações não achassem nas proprias terras em que habitavam com que supprir a estes fins, procuraram por isso adquirir outras proporcionadas á cultura dos generos que lhes faltavam, enviando para ellas uma parte dos seus concidadãos, sem que todavia o Estado perdesse o direito que sobre elles tinha. A estes novos estabelecimentos se deu o nome de colonias, cujo objecto principal é o da agricultura e commercio, ainda que o seu effeito primario e commum é certamente o de enriquecer a metropole e augmentar-lhe o poder.

3. Para isto se conseguir foi preciso e indispensavel que os colonos fossem obrigados a preencher restrictamente duas essenciaes obrigações, quaes são: 1.ª cultivar as terras; 2.ª commerciar privativamente com a metropole. Esta segunda obrigação jámais deve perder-se de vista, porque toda e qualquer omissão que houver sobre este objecto se tornará prejudicialissima ao Estado: ao contrario, da escrupulosa execução de ambas resultarão á metropole os seguintes interesses: 1.º o de ter maior consumo das producções do seu continente: 2.º o de ter maior numero de vassallos occupados nas manufacturas, nas artes e na navegação: 3.º finalmente, o poder fornecer aos outros povos ou nações o superfluo, em proporção do qual se poderá facilmente julgar do seu poder e independencia.

4. Para estes fins ou interesses se conseguirem é necessario adoptar os mais convenientes, os quaes se estendem a muitos e differentes objectos; porém limitando-me aos essenciaes, indicarei aquelles que ou julgo por si sufficientes, ou que ao menos

suscitaráõ a lembrança de outros mais proprios para tão interessante objecto, qual o de promover a prosperidade de uma capitania, que actualmente precisa de positivas e efficazes providencias. Sendo pois a primeira e principal obrigação dos colonos o cultivar as terras que habitam, e não lhes sendo permittido mudar a fórma ás materias primeiras, segue-se que todas as providencias devem encaminhar-se á cultura, da qual emanará o commercio, que a protegerá, elevando-a ao competente auge, satisfazendo assim os colonos á segunda obrigação, que é accessoria da primeira.

5. Conheço que é moralmente impossivel que se possam estabelecer providencias a respeito de qualquer capitania ou provincia sem que se conheça exactamente: 1.º a sua situação local e a de todas as suas partes ; 2.º quaes as suas terras que são ou não capazes de cultura ; 3.º que generos produzem e as suas qualidades ; 4.º que campos tem e para que são proprios ; 5.º se tem logares montuosos e impraticaveis de cultura; 6.º se tem lagos ou pantanos que tambem não admittam cultura ; 7.º se tem gados e suas qualidades ; 8.º se é regada de rios capazes de navegação, e as difficuldades ou commodidades que n'esta se encontram ; 9.º qual é o seu commercio, com quem e com que vantagens ; 10.º finalmente, o estado circumstanciado de sua população. Porém como isto só podia conhecer-se havendo alguma descripção geographica d'esta capitania, por isso apenas estabelecerei os seguintes principios sobre idéas avulsamente (ainda que com algum criterio) colhidas, e sobre as que me ministra a carta geographica feita por Thomaz de Souza, ajudante d'ordens que foi do governo geral da mesma capitania, a qual supponho ser a que actualmente existe mais accommodada á verdade.

6. Segundo a mencionada carta, acha-se a capitania de Goyaz situada entre 6º e 22º de latitude, e entre 326º e 335º de longitude : confina pelo norte com a capitania do Pará, pelo nascente com a de Minas Geraes, pelo sul com a de S. Paulo, e pelo poente com a de Mato Grosso. E' regada pelos rios Araguaya e Tocantins, que n'ella tem as suas nascentes, e por outros menos consideraveis tributarios de ambos, os quaes todos se reunem

no Tocantins, tributario do Amazonas na capitania do Pará. D'aqui facilmente se conclue que o mais importante commercio, que a capitania de Goyaz póde fazer, será com a do Pará pela commodidade que offerecem os mencionados rios, e particularmente o Tocantins, que atravessa quasi toda a dita capitania, tocando a maior parte dos seus arraiaes ou povoações, e navegavel até o rio Uruú. E' verdade que n'esta navegação se encontram algumas difficuldades, das quaes trataremos, porém estas devem vencer-se pelo methodo que tambem se dirá.

7. Abunda esta capitania em muitos generos de suas producções, quaes são a mandióca e milho, de que fazem o pão ordinario, feijão, arroz, café, algodão, assucar, aguardente de canna e outros: tambem produz urucú, anil e trigo, ainda que estes generos se tem olhado com indifferença, quando aliás podia augmentar-lhe utilmente o seu commercio: abunda igualmente em carnes de porco e de vacca, de cujos couros fazem boa e excellente sola. Apezar d'esta fertilidade, é a dita capitania das mais pobres que se podem considerar no Estado do Brazil, procedendo esta pobreza da falta de exportação dos sobreditos generos.

8. E' verdade que uma tal capitania, que abunda em tudo quanto é necessario para satisfazer ás primeiras necessidades de seus habitantes, faz considerar a estes felizes; porém esta felicidade só poderia reputar-se legitima se elles se devessem considerar isolados e inteiramente separados dos interesses sociaes do Estado; mas como elles fazem parte do mesmo Estado, é necessario por tanto concorram para os interesses geraes; é necessario que pelo trabalho da sua cultura promovam o commercio, e que por um e outro principio contribuam com a parte que lhes corresponde na ordem social.

9. Convém por tanto, para que elles possam satisfazer a estes importantes objectos, que sejam protegidos e auxiliados por aquelles meios que forem proprios e analogos ás suas actuaes circumstancias, e capazes de promover e animar: 1.º a necessaria concurrencia; 2.º a economia e boa ordem nos trabalhos; 3.º fazer que seja modico o preço das despezas na exportação e

importação. Estes tres principios serão por si bastantes para felicitar aquelles povos, e augmentar os rendimentos da real fazenda, e por essa razão analysaremos cada um de per si, mostrando de caminho as providencias que parecem opportunas.

10. Primeiro principio. A concurrencia ou é interior ou exterior: a interior é a que se faz em um mesmo reino, capitania ou provincia, entre seus respectivos habitantes, e com os productos da sua propria cultura ou industria : a exterior é a que pelo contrario se faz com outro reino, provincia ou capitania, para onde se transmutam tantas producções quantas possam equivaler áquellas que reciprocamente precisam. A concurrencia interior é pouco interessante, e a exterior não se promove ou alcança por força ; mas sim pelos esforços que faz a industria para apoderar-se dos gostos dos concurrentes, excitando-os pela esperança d'estes ou d'aquelles lucros e vantagens, que são o espirito vivificador que anima uns e outros, quero dizer, aos habitantes interiores pela exportação, e aos exteriores pela importação.

11. No § 6.º se mostrou que a situação local da capitania de Goyaz é das mais centraes do Estado do Brazil, e nos §§ 7.º e 8.º se disse que não obstante o ser fertil dos generos da sua producção, os seus habitantes viviam todavia em summa pobreza ; e o motivo procede certamente da falta de exportação ou concurrencia exterior, a qual é difficultosa pela longitude em que se acha esta capitania das de Mato-Grosso, S. Paulo, Minas Geraes, Bahia, Maranhão e Pará, com as quaes confina. Quando digo que a concurrencia exterior é difficultosa, tenho em vista as graves despezas dos tranportes terrestres, que não podem ser compensadas pelo valor dos generos transportados, embora sejam estes superfluos para o uso dos habitantes de Goyaz. Esta razão é igualmente applicavel ainda que a exportação se faça pelos rios referidos no § 6.º considerada não só a sua grande extensão, mas os obstaculos que se encontram na sua navegação. Póde por tanto deduzir-se do que fica referido, que a concurrencia ou exportação ainda que necessaria e util não existe, e para existir devem proporcionar-se os meios : isto é o que se procurará mostrar no segundo e terceiro principios.

12. Segundo principio. A economia nos trabalhos consiste em supprir pela força de machinas e dos animaes tudo quanto fôr capaz de ajudar e multiplicar a dos homens, o que evitará ao mesmo tempo a diminuição da população, que ordinariamente costuma seguir-se a um trabalho pesado e rigoroso: tambem consiste em que se cultivem os generos que forem mais proprios, ou para o consumo interior, ou para a exportação, regulando-se esta cultura em consideração aos terrenos que habitarem os respectivos lavradores: finalmente a economia das forças e dos trabalhos, e a regularidade d'estas em um corpo politico, depende do maior e melhor emprego dos homens.

13. Para que possa conseguir-se o uso das machinas convém que o governo, tomando em consideração o beneficio publico, haja de examinar quaes serão aquellas que possam ser mais uteis aos lavradores segundo os differentes generos que cultivarem, e conhecida a sua utilidade mande formar os competentes modelos, os quaes devem ser presentes aos mesmos lavradores, premiando logo os seus inventores, regulado o premio pela utilidade e economia que taes machinas ministrarem aos trabalhadores. Similhantemente devem premiar-se todas e quaesquer descobertas que forem relativas ao melhoramento e commodidade da agricultura.

14. Pelo que pertence á economia na regularidade da cultura, deve observar-se a qualidade e aptidão dos terrenos, e procurar que n'elles se cultivem generos proprios e sufficientes para o consumo interior, quando não possa haver o exterior. Para este fim é necessario ao governador o ter um exacto conhecimento do local de toda a sua capitania, e do mais já referido no § 5.º porque assim instruido providenciará mais exactamente o que convier ao bem publico. Não deixará de haver quem diga que o trabalho do lavrador deve ser regulado a seu arbitrio, e segundo os interesses que o esperançam, pois de outra fórma se lhe faria oppressão; porém como estou certificado de que um governador é encarregado de procurar quanto lhe fôr possivel o bem dos povos, que em nome do nosso augusto soberano governa, essa a razão porque me convenço de ser elle quem

prudentemente e com mais segurança póde e deve encaminhar os seus subditos, e dirigil-os n'aquelles trabalhos que tem relação não só com o bem geral, mas com o particular de cada um. E' verdade que não sustentarei que isto se promova pelos meios da coacção, mas sim pelos da persuasão, fazendo ver as vantagens que se lhes hão de seguir, louvando muito, e até premiando aquelles que reconhecerem a direcção e fadiga de um governador, que vigia e trabalha pelos felicitar.

15. Para isto melhor se provar produziremos as seguintes reflexões. Supponhamos que os habitantes de um arraial cultivam com preferencia milho, porque acham ser o seu terreno proprio para este genero, e que os dos outros arraiaes o cultivam tambem, e apezar de não ser tão fertil a sua colheita, todavia corresponde ao que lhes é necessario para o seu consumo, e por essa razão não necessitam recorrer áquelle arraial onde superabunda a producção : logo é evidente que tal superabundancia não póde ser interessante aos proprietarios de tanto milho. Supponhamos tambem que certos lavradores estão situados em logares proprios de facil exportação, e que outros ao contrario se acham em parte onde lhes será difficultosa ; aquelles cultivam generos proprios do consumo interior, e estes do exterior, e por isso uns e outros não tiram vantagem alguma do seu superfluo : logo é evidente que uma tal superabundancia se torna inutil. Consequentemente fará um serviço interessante aquelle governador que procurar quanto lhe fôr possivel desterrar dos seus subditos similhantes abusos, não só pela persuasão, mas atè pela coacção, por ser certo que o bem publico deve preferir ao particular, e tal é a natureza da obrigação a que está ligado todo o homem que vive na sociedade.

16. Ainda que as sobreditas reflexões são bastantes para provar a regularidade e economia que deve haver nos trabalho da cultura, todavia a seguinte será a decisiva. A agricultura sem o soccorro do commercio seria muito limitada no seu effeito essencial, e por consequencia não chegaria nunca á sua perfeição ; e esta a razão porque aquelles povos que não tem considerado a cultura das terras mais do que da parte da subsistencia

viveráõ sempre pobres, quando ao contrario aquelles que simultaneamente a tem olhado como objecto de commercio hão gozado de abundancia e de riqueza solida. Quem nos ministra a prova d'esta mesma reflexão é a propria capitania de Goyaz, a qual só tem olhado a cultura da parte da subsistencia, e por essa razão vivem os seus habitantes em summa pobreza, quando aliás poderiam felicitar-se se a considerassem tambem como dependente do commercio, ou fosse pela commutação interior ou pela exterior, que lhes será sempre a mais vantajosa ; e para isso é que se torna essencialmente necessario o ter regularidade e economia nos seus trabalhos, e que o governador vigie sobre este importante objecto, e promova os meios de lhes facilitar a exportação.

17. No § 6.° fica dito que os rios Tocantins, Araguaya e outros banham parte da capitania de Goyaz, e que admittem navegação para transporte dos generos da sua cultura para a capitania do Pará, e tambem se disse que esta navegação é difficultosa. Agora convém mostrar as difficuldades, que reduzirei a quatro essenciaes. A primeira consiste na que os commerciantes encontram em apromptar as precisas equipagens para as suas embarcações : a segunda em não haver nas margens dos mencionados rios habitantes que os forneçam dos necessarios mantimentos : a terceira na difficultosa passagem das cachoeiras ou cataractas que ha nos mesmos rios, o que os obriga a levar maior numero de Indios (ou outras pessôas) do que aliás necessitariam : a quarta finalmente consiste na precisão que tem de ser acompanhados de tropa, que possa obstar qualquer ataque dos Indios selvagens, que habitam os sertões e margens dos mesmos rios.

18. A primeira procede do horror que os Indios tem a esta navegação pelo muito que n'ella gastam, e pelas molestias que adquirem, não tanto pelo clima como pelo muito trabalho, e muitas vezes pela corrupção dos mantimentos e sua má qualidade, e particularmente da farinha que lhes serve de pão, a qual até lhes chega a faltar : a segunda é occasionada por diversas causas, sendo a principal a de se não haverem adoptado os ne-

cessarios meios para fazer nas margens d'estes rios alguns estabelecimentos : a terceira procede pela mesma razão de não se terem aplanado ou pelo menos suavisado as passagens das mencionadas cachoeiras, para que os commerciantes não precisem de tanta equipagem, ou para melhor dizer, de tantas pessôas que os ajudem a varar ou passar as mesmas cachoeiras : a quarta finalmente provém de se não haver diligenciado escrupulosa e seriamente o descimento do gentio do sertão para aldêas, onde vivam sujeitos ao nosso governo, ou obrigal-o a que se retire para o interior do continente, onde se contenha sem inquietar os nossos concidadãos commerciantes e agricultores. Conhecidas pois estas causas, exige a razão que se appliquem os meios de as remediar, se não absoluta e repentinamente, ao menos quanto fôr compativel com as actuaes circumstancias.

19. Primeiro que tudo devemos entender que os homens são capazes de emprehender todo e qualquer trabalho, com tanto que a este se siga a esperança, pelo menos, de algum commodo ou interesse. Admittido como certo este principio, é facil de persuadir que para se conseguir a facilidade da navegação entre as capitanias de Goyaz e Pará pelos rios mencionados só é necessario dar as providencias, de maneira que haja quem deseje felicitar-se com os premios que se annunciarem, e infallivelmente devem ser conferidos. Supposto que acima disse serem quatro as objecções que se offerecem, e supposto disse as causas que as occasionavam separadamente, todavia não me ligarei á mesma ordem tratando de as remediar, porque considero o objecto tão ligado em todas as suas partes que umas desenvolverão as outras, e finalmente procurarei que se consiga o que se pretende, ainda que não marche com regularidade ordinaria.

20. Do diario da viagem que fez o Ex.mo D. João Manoel de Menezes no anno de 1799, do Pará para Villa Boa de Goyaz, consta que aquella cidade está distante do registo de Arroios, pertencente ao Pará, oitenta leguas.

Do logar onde desemboca o rio Araguaya no Tocantins, limite das duas capitanias. 163

Do registo das Salinas, 1.º de Goyaz 627
Do de Santa Rita 650
Do Sitio das Tesouras. 692
De Villa Boa de Goyaz . . . . , 732

D'aqui se conhece que a povoação mais remota do Pará, que é o dito registo de Arroios, se acha a oitenta leguas de distancia, e a mais remota de Goyaz, que é o registo das Salinas, a cento e cinco, vindo por tanto a observar-se que se acham despovoadas quinhentas e quarenta e sete pelo rio Araguaya, e outras tantas com pouca differença pelo rio Tocantins. Quando se diz que esta grande distancia é despovoada, deve entender-se de habitantes civilisados e sujeitos immediatamente ao nosso governo, porque de Indios selvagens tem muita população, a qual embaraça de alguma fórma a liberdade da navegação, como já ponderei.

21. Em uma memoria que tenho feito sobre a capitania do Rio Negro no Estado do Pará trato tambem sobre o descimento do gentio, e portanto repetirei aqui o mesmo que n'ella tenho dito, e que póde praticar-se igualmente para com o que habita nos sertões e margens dos mencionados rios Araguaya e Tocantins e seus tributarios.

« Promover os descimentos dos Indios que ainda vivem no centro dos sertões e do paganismo é assás preciso, não só para augmentar as povoações, mas para propagar a fé catholica, que ha sido em todos os tempos a principal causa que moveu os Fidelissimos Senhores Reis de Portugal a emprehender as conquistas, não limitando despeza alguma da sua real fazenda, o que provam os muitos monumentos que se encontram em todas as partes do mundo, onde se arvoraram as suas (e particularmente n'este Estado do Brazil) bandeiras; descimentos que se acham enfraquecidos, ou porque erradamente se tinham julgado inuteis, ou porque deixou de achar-se aquella utilidade, que percebiam aquelles que barbaramente os possuiam como escravos: mostrarei por tanto o adiantamento e vantagem que resultará ao Estado dos descimentos, e o modo por que poderáõ animar-se aquelles que os emprehenderem.

« Primeiramente, todo aquelle que se applicar ao descimento

dos Indios será considerado como vassallo util ao Estado, e habilitado para exigir do Principe Regente aquellas mercês com que premia aos benemeritos e que fazem serviços attendiveis. Para desde logo se mostrar o quanto é digno da sua real attenção tão importante serviço se mandará: Que assim que qualquer vassallo da capitania trouxer para ella de com Indios selvagens para cima de um e outro sexo, lhe passe o governador a patente de capitão dos mesmos Indios com os privilegios dos de milicias, que serão inviolavelmente observados, e o mesmo capitão proporá os subalternos, a quem o governador passará tambem patentes, das quaes requererāō a regia confirmação.

« Conferirá o governador com o capitão qual será o logar mais conveniente para o seu estabelecimento, tendo sempre attenção aos desejos dos Indios descidos para que vivam contentes e satisfeitos; como tambem se deve procurar que seja proximo a outros estabelecimentos, e particularmente ás villas e logares principaes, para que os Indios possam communicar-se com os moradores, e aprenderem seus usos e modos de trabalhar, e assistir igualmente aos sagrados actos de religião, que se lhes deve persuadir e ensinar, e será este dever um dos principaes do parocho ou vigario territorial.

« Decidido qual seja o logar onde devem residir, auxiliará o governador o seu arranjamento tanto pelo que pertence ás casas necessarias para suas habitações, como á distribuição das terras que devem cultivar para o seu sustento. No arranjamento das casas se terá todo o cuidado para que, além da regular ordem das ruas, hajam as divisões e separações necessarias para se guardarem as leis da honestidade e policia que se deve á diversidade dos sexos, pois do contrario continuarāō a viver como brutos, resultando uma grande e perniciosa relaxação, que deve evitar-se quanto fôr possivel; como tambem deve procurar-se pelo meio possivel o evitar-se que andem nus, com escandalo da razão e horror da honestidade.

« Como o posto de capitão não seja um premio capaz por si só de animar a emprehender tão util serviço, será interessante o mandar-se: Que todos os Indios que descerem sejam conservados

por tempo de quatro annos na sua administração, durante os quaes não serão empregados em serviço publico ou particular, para o que serão considerados como não existentes na capitania, empregando-os então o capitão nos serviços que bem lhe parecer, para ser compensado da despeza que necessariamente ha de fazer na occasião dos descimentos, no seu sustento e vestuario e mesmo na factura das casas, não obstante o soccorro que lhe der a real fazenda. No fim dos quatro annos apresentará o capitão ao governador o mappa respectivo da população e o resumo da despeza que houver feito, e quando se reconheça que procedeu com zelo e humanidade com os Indios, e que ainda não está cabalmente indemnisado da respectiva despeza, lhe poderá o governador prorogar mais algum tempo de administração; e quando se mostre estar compensada a despeza, n'este caso praticará com os Indios a mesma policia e ordem que com os de mais já civilisados, sendo todavia o capitão e seus officiaes os que devem executar as ordens, que a seu respeito se houverem de dar.

« Como poderá acontecer que algum ou alguns dos sobreditos Indios queiram voluntariamente servir ou estar em companhia de qualquer outro morador, ainda durante os mencionados quatro annos lhe será permittido, ouvindo-se primeiro ao capitão para este informar se os Indios foram seduzidos para isso; e com esta informação e as mais que o governador julgar necessarias, concederá a licença, sendo porém castigado o morador no caso que se verifique haver seduzido o Indio para abandonar ao seu capitão, o qual não obstante a sua administração não terá autoridade alguma coactiva sobre elles, pois esta só pertence ao governador e magistrados, que na imposição dos castigos usarão sempre da possivel suavidade e brandura a fim de evitar que não regressem aos matos, onde viviam em uma liberdade quasi sem limites, da qual se irão esquecendo pouco a pouco pela vantagem de viver em sociedade.

« Ainda que á vista do ponderado pareça ser pouco interessante ao Estado a existencia dos sobreditos Indios e novos colonos, e mui particularmente nos quatro annos em que ficam privilegiados de qualquer serviço publico ou particular que não

seja o do seu capitão; comtudo será grande a utilidade pela extracção dos generos preciosos do sertão e pela cultura das terras, ainda sem attender ao augmento da futura população, a qual melhor se conformará com os usos e costumes do paiz em que nascerem, detestando os de seus pais, que haviam sido criados mais como feras do que como homens.

22. A experiencia tem mostrado ser prejudicialissima ao Estado e contraria á humanidade a remoção dos Indios dos logares em que estão costumados a viver para outros remotos, o que se prova não só com a experiencia de differentes factos acontecidos no Estado do Pará, mas mesmo com o infeliz resultado da mudança do gentio Xavante, que habitando entre os rios Tocantins e Araguaya, e devendo formar-se povoações em suas margens, foram removidos para uma aldêa distante pouco mais de vinte leguas de Villa Boa de Goyaz, onde quasi todos morreram, e outros desertaram, perdendo d'esta fórma o Estado não só a grave despeza que se havia feito no seu descimento e povoação, mas um tão grande numero de vassallos. E com effeito a taes mudanças é que verdadeiramente se póde attribuir a decadencia que todas as povoações indianas principiaram a experimentar de certo tempo em diante, de maneira que umas estão desertas inteiramente, e outras quasi desertas. E' certo que outros attribuem as causas a outros motivos; mas remontando-nos a tempos anteriores, em que existiam esses mesmos motivos que hoje se allegam, achamos que elles não obstaram então que as povoações tivessem todas muita população; e por isso novamente affirmo que a remoção é a causa primaria da decadencia, e para a evitar é certamente o motivo porque os missionarios formaram sempre as aldêas junta aos logares em que faziam os descimentos, para terem os Indios contentes, e para d'elles se servirem na extracção dos preciosos generos do sertão, de que tinham todo o conhecimento como naturaes d'elle, circumstancia esta bem attendivel.

23. E é por isso que estou bem persuadido de que adoptando-se os meios acima referidos relativamente aos descimentos, serão bastantes os Indios que descerem para povoarem a maior parte

das margens do rio Araguaya, o que conseguido, acharáõ então os commerciantes que por alli navegarem os soccorros necessarios de mantimentos, e quem os ajude a transportar as cargas e varar as canôas nas cachoeiras. E' verdade que para isto se conseguir se faz necessaria alguma despeza da real fazenda, e que decorra tempo; porém nada se alcança sem o sacrificio de uma e outra cousa, e sem que se ponham os meios que forem capazes de obter o bem que se deseja e o interesse da real fazenda.

24. Para que as margens do sobredito rio Araguaya, e mesmo as do Tocantins, sejam povoadas por outros moradores, além dos Indios que descerem, será necessario animar os povos por meio de alguns premios, entre os quaes lembro os seguintes :

1.º

A todo aquelle que se offerecêr para ir habitar nas margens de qualquer dos ditos rios se concederáõ por carta de sesmaria as terras necessarias para seu estabelecimento.

2.º

De todos os generos que cultivar proprios de exportação, como são algodão, anil, urucú, café, assucar e outros, pagará sómente meios dizimos, e dos proprios do consumo interior não pagará dizimo algum pelo espaço de seis annos.

3.º

Todo aquelle que houver feito descimento de gentio, e com elle formar algum estabelecimento ou fazenda de cultura, seja qual fôr o genero que cultivar, não pagará similhantemente dizimo algum durante o dito tempo.

4.º

De todas e quaesquer ferramentas, que forem importadas para os habitantes das margens dos mencionados rios, durante o mesmo tempo, se não pagaráõ direitos alguns de entrada, e das mais fazendas e generos se pagaráõ sómente meios direitos.

5.º

Todo aquelle que se offerecer para estabelecer-se no logar que se lhe houver de destinar, levando de trinta escravos para mais, apresentando documento certificado pelo Ex.^me general da capitania por que conste achar-se alli residindo, se lhe conferirá a mercê do habito de Christo, além de gozar dos mais privilegios acima mencionados. Como tambem não poderá ser executado por qualquer divida por espaço de tres annos, e para este fim se lhe concederá a precisa moratoria.

6.º

Todo aquelle que similhantemente se offerecer, levando de vinte escravos para mais, além de gozar dos privilegios referidos, se lhe concederá a mercê do habito de S. Thiago.

7.º

Todo aquelle que no fim de quatro annos mostrar que tem empregado mais de cincoenta escravos nos estabelecimentos das margens dos sobreditos rios, além da mercê do habito da ordem de Christo, será condecorado com o fôro de cavalleiro fidalgo.

8.º

Todo aquelle que pretender estabelecer-se nos mesmos logares com fazendas de gado, este lhe será dado do que pertence á real fazenda com obrigação de conservar sempre igual numero, que entregará quando lhe fôr ordenado, por isso que só lhe pertencerá a producção, do que livremente poderá dispôr. E no transporte dos mesmos gados para os logares que se destinarem será soccorrido por conta da real fazenda pelos meios possiveis.

25. Como a capital de Goyaz se acha mui distante dos logares em que devem fazer-se os mencionados estabelecimentos, e por essa razão se torna impraticavel que o Ex.^mo general possa

examinar pessoalmente os mesmos logares e os trabalhos que devem fazer-se, convém que elle commetta este importante serviço á pessôa, que pela sua probidade e patriotismo ambicione a gloria que lhe ha de resultar de ter concorrido com a sua vigilancia e prestimo para o bem geral dos seus concidadãos e interesse da real fazenda, entre os quaes deve desde logo comprehender-se o que deve seguir-se da bem entendida economia na acertada disposição dos trabalhos e do zelo com que deve vigiar sobre os mesmos.

26. A primeira diligencia que a pessôa nomeada deva fazer, é a de passar-se aos mencionados rios, com algumas pessôas practicas do seu local, a reconhecer todos os obstaculos que se encontram na sua navegação, e as longitudes de uns a outros, para que assim instruido reconheça onde será mais conveniente formar os estabelecimentos, tendo ao mesmo tempo em vista a cultura a que os novos colonos devem applicar-se. Tambem procurará communicar-se com as nações indianas que habitam os sertões e margens dos mesmos rios, ás quaes fará saber o quanto serão protegidas pelo nosso governo se quizerem ir habitar nas povoações, que para ellas se edificarão em logares vizinhos da sua actual residencia, certificando-as de que ao contrario será repellida e castigada severamente toda e qualquer offensa que tentarem ou perpetrarem contra os nossos concidadãos.

27. Reconhecidos assim os locaes proprios para os estabelecimentos, e reconhecidas as difficuldades da navegação, e particularmente as das cachoeiras, procurará o encarregado d'esta diligencia que os mesmos estabelecimentos sejam fundados em logares proprios do fim a que se destinam, fazendo observar n'elles aquella regularidade necessaria para que o util seja simultaneo com o agradavel, o que facilmente se póde conseguir emquanto isto só depende da boa escolha do terreno e da sua propriedade para o fim desejado. Quanto á navegação, diligenciará que os rios se limpem de todos os obstaculos que forem possiveis demolir-se, particularmente as cachoeiras; nas margens d'aquellas que forem impraticaveis pela agua fará construir

pontes ou terraplenos estaveis de madeira, pelas quaes se possa com a maior commodidade fazer o transporte das canôas e cargas, supprindo algumas machinas a força que até agora tem supprido a multidão de homens que acompanham aos commerciantes.

28. Para que os ditos estabelecimentos possam ter a precisa communicação, tanto pelos rios como por terra, convém desde logo que elles sejam regulados de fórma que a vizinhança e proximidade de uns a outros facilitem a factura de estradas. Para este fim as cartas de sesmaria que se concederem serão passadas com recommendação d'esta circumstancia, e jámais se concederá alguma de terre que fique a mais de duas leguas de distancia d'aquella que já estiver concedida, salvo se a que mediar fôr impropria de cultura. Finalmente as sesmarias devem ser distribuidas de maneira que achando-se no centro da povoação, hajam os seus habitantes e moradores de cultivar immediata e successivamente para os lados da mesma povoação. Esta providencia concorrerá para que a communicação interior seja mais facil, e possam todos com menor despeza propria, e mesmo da real fazenda, satisfazer ás suas precisões, e cumprir com aquellas obrigações para que o serviço publico os chamar.

29. Todas as mencionadas providencias, sendo executadas escrupulosamente, são por si capazes de prosperarem os interesses dos habitantes da capitania de Goyaz ; pois a ellas se seguirá a concurrencia interior e exterior, e os commerciantes terão então não só as necessarias equipagens, como tambem quem lhes ministre todo o auxilio e soccorro para intentarem com menos despeza e mais segurança a navegação, aliás tão trabalhosa e difficultosa emquanto se não removerem os obstaculos apontados.

30. Terceiro principio : fazer que seja modico o preço das despezas na importação e exportação. D'aqui nasce a terceira causa ou origem que facilita a venda das producções de qualquer paiz. Estas despezas consistem nas do transporte, e nos direitos que pagam as mesmas producções ou as fazendas com que se commutam. Ora considerando a situação local da capitania de Goyaz, facilmente se conhece que as despezas do trans-

porte dos generos da sua producção são excessivas, e que é esta a causa porque não tem concurrencia interior nem exterior. Se pois a despeza do transporte é por si só bastante para obstar a util e necessaria concurrencia, com mais razão fica ella obstada com os direitos que pagam os generos que á mesma capitania se importam, e mesmo com os que pagam os da producção do paiz. Convém por tanto trabalhar quanto fôr possivel para remover estes obstaculos.

31. Quanto aos transportes: as providencias acima mencionadas para facilitar a navegação pelos rios Tocantins e Araguaya são sufficientes para as despezas se diminuirem, porque consistindo estas nas que emanavam dos salarios, que venciam aquellas pessôas que os viajantes eram precisados a trazer para os ajudar a varar as canôas e transportar as cargas nas cachoeiras, onde não havia quem os ajudasse, estes salarios ficam economisados, e bem assim os mantimentos que com taes pessôas gastavam, e a despeza que consequentemente lhes era indispensavel em razão do maior numero de canôas para transportar assim as mesmas pessôas, como os mantimentos. Tambem a despeza do transporte será tanto menor quanto fôr mais breve a viagem, como ha de acontecer logo que estejam aplanados os obstaculos da navegação. Finalmente tendo os viajantes por meio dos ditos estabelecimentos quem os soccorra de mantimentos, podem portanto encher o vacuo que elles deveram occupar com fazendas proprias do seu commercio; tendo quem os ajude nas cachoeiras torna-se inutil a equipagem excessiva; descido o gentio ou retirado evita-se a despeza da tropa, que aliás era necessaria acompanhar os commerciantes; e por ultimo, aplanados os obstaculos dos rios, a viagem será mais breve, e de todas estas commodidades resulta o provar-se não só a necessidade dos mencionados estabelecimentos, mas o conhecer-se immediatamente a grande utilidade que d'elles se deve seguir pelo augmento da concurrencia interior e exterior.

32. Quanto aos direitos: é evidente aos olhos da razão que da riqueza dos vassallos depende a do soberano: esta riqueza não tem outro fundamento que não sejam as producções da terra, e

consequentemente tudo quanto puzer limites a estas producções diminuirá a riqueza dos vassallos e a do soberano. Ninguem duvida ser necessario que o vassallo pague os devidos direitos, mas convém que estes se regulem conforme as producções da terra, e conforme as circumstancias que occorrerem ; o que deixado de observar servirá de motivo para a decadencia geral, embora os cofres publicos pareçam mui abundantes com a entrega dos primeiros pagamentos, que jámais poderão ser effectivos e permanentes se os mesmos direitos causam a diversão dos vassallos para outros ramos alheios dos que estão sobrecarregados de direitos. Para remediar pois esta decadencia, que actualmente ameaça a cultura e o commercio da capitania de Goyaz, e mui particularmente considerada a sua pobreza, é necessario que de alguma fórma se procure diminuir os direitos que pagam assim os seus habitantes, como os commerciantes das fazendas importadas ou exportadas.

33. Quanto aos habitantes lavradores, já no § 24.° disse que é conveniente dispensar do pagamento dos dizimos em todo ou em parte áquelles que se estabelecerem nas margens dos rios Tocantins e Araguaya, e tambem disse que se não paguem direitos de entrada das ferramentas importadas para o seu uzo, e de outros quaesquer generos se paguem sómente meios direitos. Agora accrescentarei o seguinte :

1.°

Que toda e qualquer pessôa que não habitar nas margens dos mencionados rios pagará meios dizimos dos generos do consumo interior, e do exterior a quarta parte do que pagaria por inteiro, seja qual fôr o genero, e isto pelo espaço de seis annos.

2.°

Todos e quaesquer direitos, que actualmente pagarem os habitantes da mesma capitania impostos em generos de agricultura, lhes serão perdoados durante os mesmos seis annos, bem entendido que por direitos se não devem entender os dizimos, que devem ser pagos na fórma acima regulada.

3.º

De todas e quaesquer ferramentas importadas para o consumo dos que não forem habitantes nas margens dos rios mencionados se pagarão meios direitos de entrada, e de todas as mais fazendas e generos se pagaráõ tres partes do que actualmente se paga, e isto durante os referidos seis annos.

4.º

Dos escravos que forem introduzidos em toda a capitania, sendo transportados pela do Pará, se não pagaráõ direitos alguns em qualquer estação onde se devessem pagar : e sendo transportados por outra qualquer capitania, pagar-se-ha metade dos direitos actualmente estabelecidos, cujo privilegio durará por dez annos.

5.º

Para animar os commerciantes a emprehender a negociação dos escravos para a capitania de Goyaz, se lhes perdoará metade dos direitos (que aliás pagariam) das fazendas ou generos que despacharem para a costa d'Africa, jurando ser para effeito da negociação de escravatura destinada a Goyaz : similhantemente pagaráõ metade dos respectivos generos que entrarem nas alfandegas, os quaes por competentes attestados e despachos mostrarem ser da producção da mencionada capitania, e provenientes da negociação dos escravos a ella transportados, cujo privilegio será pelos mesmos dez annos.

6.º

Para que assim se possa verificar, serão taes commerciantes obrigados a apresentar ao capitão general uma relação dos escravos introduzidos, declarando a quem foram vendidos, e por quanto ; e depois lhe faráõ tambem constar os generos que exportam, cujo valor será regulado pelo da arrematação dos

que pertencerem aos dizimos, para evitar que o despacho das fazendas e generos exportados exceda o capital dos escravos introduzidos. Para facilitar o despacho, logo que os commerciantes apresentarem as relações se remetterāõ cópias d'ellas aos commandantes dos registros por onde ultimamente devem passar os taes generos, a fim de que instruidos do valor dos mesmos deneguem os despachos de sahida aos que excederem á respectiva lista, que será registada, bem como o despacho, em competentes livros.

34. Estou bem persuadido que concedendo-se os mencionados privilegios assim aos lavradores, como aos commerciantes, se conseguirá a diminuição das despezas que actualmente sobrecarregam a exportação e importação, economisadas as quaes se tornarāõ em utilidade da agricultura e commercio, ao que necessariamente se ha de seguir em breves annos o interesse geral do Estado. Tenho-me lembrado que seria vantajoso o perdão geral dos dizimos a todos os habitantes por alguns annos, porém julguei mais proprio fazer as distincções acima referidas, para que haja um motivo de estimulo e animação para os que houverem de ir residir nas margens dos sobreditos rios, estimulo que julgo capaz de promover o objecto essencial, que é o da cultura no vasto terreno que por ora se acha inculto. Supposto que as providencias indicadas me parecem capazes de restituir a capitania de Goyaz a melhor estado de prosperidade, todavia passarei ainda a apontar outras como necessarias e proprias para promover o bem geral, assim dos habitantes como da real fazenda.

35. Fundado em um mappa da receita e despeza da real fazenda da dita capitania, desde o anno de 1762 até 1802, affirmei no § 1.° da presente memoria que a sua decadencia tivera principio em 1776, pois desde então excedeu sempre a despeza á receita, ao que ao contrario havia acontecido anteriormente; porém agora direi, fundado em outra razão extrahida do mesmo mappa, que a decadencia teve principio no anno de 1766, por isso que no antecedente montou o rendimento em 87:078$402 rs., quantia ue successivamente foi diminuindo, de tal fórma que no anno de

1802 se achava reduzida á de 32:978$330 rs., differença esta tão consideravel que requer um maduro exame da causa que a motivou.

36. E' constante que em outro tempo concorriam para Goyaz muitas pessôas com o destino de se applicarem á extracção do ouro, para o que levavam a necessaria escravatura. A noticia de que as suas minas eram abundantes, e de que os privilegios dos mineiros eram escrupulosamente observados, serviu de incentivo para que outros muitos imitassem aquelles. Com effeito em poucos annos a população se augmentou, e o commercio floresceu animado pelo ouro, em cujas fabricas os mineiros trabalhavam com satisfação, não só porque correspondiam ao seu trabalho, mas porque eram protegidos e auxiliados. Foi n'este ditoso tempo que os rendimentos da real fazenda excederam á sua despeza.

37. A noticia de minas mais abundantes, quaes as descobertas em Paracatú, deu motivo a que aquelles que aliás passariam a Goyaz o não fizessem, e que muitos mineiros d'esta mesma capitania, menos movidos do interesse que obrigados pela inobservancia de seus privilegios, se passassem tambem para aquellas novas minas, circumstancia que concorreu positivamente para a decadencia, e até mesmo para a total destruição de muitas fabricas de mineraes; destruição talvez devida ao monopolio que certas pessôas, esquecidas dos seus importantes deveres, fizeram nos differentes ramos do commercio, e ainda da cultura, monopolio que chamou a si o ouro, o qual, a não haver sahido d'esta capitania, circularia entre os seus habitantes, onde apenas ficou a pobreza enchendo o vasuo que deixou o ouro arrebatado pelos effeitos da cega e sordida avareza, que não podia cevar-se em quanto se olhasse respeitosamente para as leis sempre protectoras do bem publico.

38. Eis-aqui as causas a que positivamente se deve attribuir a decadencia dos rendimentos da real fazenda, e o misero e deploravel estado dos povos da sobredita capitania, que afastou d'ella não só a concurrencia de novos habitantes, mas mesmo os commerciantes, cuja falta ha obrigado áquelles a recorrer á industria para fazerem algumas manufacturas com que cubram a

sua nudez e suppram as suas necessidades, recurso este bem prejudicial aos interesses commerciaes, aos da agricultura, e consequentemente aos da real fazenda.

39. Talvez se diga que a pobreza que represento existente n'esta capitania é referida com exageração; porém quando as razões expostas não provassem esta verdade, bastaria olhar para o mappa mencionado, e ver-se que os dizimos do anno de 1802 apenas importaram em 14:389$000 rs., e logo se evidenciaria que não é exageração; porque supponde que a capitania de Goyaz só tem vinte mil habitantes, verifica-se que o consumo diario de cada um em viveres das suas producções não chega a reputar-se no valor de 20 réis, pois n'este caso o consumo total diario seria de 400$ rs., que deveriam produzir o dizimo annual de 14:400$000 rs., quando cada habitante pagasse 720 réis por anno, importancia de 2 réis do dizimo diario correspondente aos ditos 20 réis. Consequentemente uma capitania, onde os generos da producção da sua cultura e os mantimentos valem tão pouco, não póde deixar de reputar-se pobre, e isto pela falta do numerario, ou para melhor dizer do ouro, e tanto mais se reconhecerá esta verdade sabendo-se que o numero dos habitantes excede aos ditos vinte mil; e sabendo-se que não se attende n'este calculo ao dizimo do gado cavallar e de outros generos, que não se comprehendem em viveres, e sabendo-se finalmente que não se attende ao importante artigo de algodão, ainda o do consumo interior: de que tudo se paga dizimo.

40. A falta do numerario ou do ouro, a que é devido o menor valor dos generos, procede sem a menor controversia da exportação que d'elle se ha feito, como fica mostrado no § 37, por ser certo que o dinheiro sahindo do commercio, e não passando ás mãos aonde costumava ir, as compras ordinarias se deixam de fazer por faltarem tambem as vendas, unico meio de reverter aquelle dinheiro exportado, e como por esta suspensão do gyro do numerario se deixa de exportar, pela mesma razão se não importa. Uma tal suspensão occasionada pela exportação do numerario ainda é mais prejudicial que a da retenção feita pelo avarento, pois a respeito d'este ha o recurso de fazer sahir o

dinheiro dos seus cofres offerecendo-lhe certo lucro por tempo determinado, recurso de que ficam privados os habitantes de qualquer reino ou provincia logo que o numerario seja exportado; e portanto a parte dos generos, que correspondia por equivalente ao valor do dinheiro exportado, se deve reputar tambem exportada porque o numero dos cultores e dos compradores deixa de ser o mesmo. Finalmente póde dizer-se como principio certo que é muito mais deploravel para qualquer capitania o sahir d'ella o dinheiro que gyrava no seu commercio, do que se jámais tivesse circulado n'ella; pois n'este caso não experimentaria a deserção dos habitantes, que passam para outras capitanias após do numerario, diminuindo-se d'esta fórma a população, e com ella todos os interesses sociaes.

41. Sendo pois, como acima se mostrou, a exportação do ouro, a diminuição da população e a falta do commercio as causas da decadencia da capitania de Goyaz, segue-se que deve diligenciar-se que torne a circular o equivalente ao ouro tirado do seu gyro, e que se augmente o numero dos seus habitantes a fim de renovar-se a antiga cultura e commercio. Quanto ao dinheiro não ha senão dous meios de o adquirir e introduzir, e são o trabalho das minas e o commercio exterior. Para que se trabalhe nas minas, convém primeiro que tudo saber que quando se trata d'este importantissimo objecto, a primeira cousa que deve ter-se em vista é a introducção da necessaria escravatura, sem a qual todas e quaesquer providencias se tornarão inuteis, e mui particularmente a respeito de uma capitania onde os trabalhos mineraes se acham amortecidos, já pela destruição que hão soffrido as suas fabricas pela razão acima ponderada, e já por não se haverem introduzido escravos ha muitos annos, que suppram a falta dos que tem morrido, circumstancia que ha concorrido para muitos dos mineiros se applicarem á agricultura.

42. Ora consideradas as circumstancias actuaes da capitania de Goyaz tanto pelo que pertence á real fazenda, como aos seus habitantes, é difficultoso de acertar em estabelecer um methodo capaz de conseguir a introducção dos mencionados escravos; porém como na concurrencia de muitos males (não sendo moraes)

sempre será acerto escolher o menor, consequentemente direi o que por agora me parece conveniente que se faça sobre este objecto. Conheço a necessidade que ha de grande instrucção nos negocios economicos, politicos e commerciaes, para acertada e utilmente se tratar de objectos de finanças; conheço que não é bastante o saber melhor arranjar a escripturação de uma casa publica ou particular para se entender até onde chega a vantagem de qualquer providencia tendente a finanças, á qual deve ser presente a relação que terá com os interesses ou desinteresses da propria nação e das estrangeiras; conheço em fim que não tenho forças para estabelecer um principio certo, invariavel e proprio do bem e utilidade que me proponho mostrar a favor da referida capitania; mas suppra a minha boa intenção para conseguir a desculpa da animosidade com que me atrevo a propôr os meus sentimentos sobre um tal assumpto, e são os seguintes.

43. Pelo mappa de que acima se fez menção, consta que a real fazenda no anno de 1802 era devedora a diversos da quantia de 134:024$548 réis, cuja divida se tem augmentado nos annos seguintes, e pela razão referida no § 40 este capital tem faltado no gyro do commercio, e occasionado por isso a sua correspondente decadencia. E' verdade que esta divida se ha tornado indispensavel, visto que os rendimentos da capitania não tem chegado para supprir a sua despeza; mas assim como muitas nações hão augmentado a sua riqueza effectiva com outra artificial, que faça as mesmas funcções do ouro e prata, o que entre nós se verifica nas apolices ou dinheiro papel, da mesma fórma póde haver quem na capitania de Goyaz represente o correspondente á dita divida, sem que o tal representante seja odioso áquelles entre quem hade gyrar como dinheiro effectivo; pois que sendo certo que este é um signal recebido por convenção unanime dos povos, segue-se que havendo esta convenção no valor e recebimento, seja qual fôr a materia, ella fará os effeitos do ouro e da prata, que no seu fundo tambem são riquezas de convenção. Para que haja o mencionado representante seria util que se auctorisasse ao Ex.mo governador para mandar pagar aos credores da real fazenda com cedulas ou letras assignadas

pelos deputados da junta da fazenda, as quaes serão lançadas em receita e despeza ao thesoureiro geral das rendas reaes. Para que estas cedulas possam circular com commodidade geral dos habitantes, se regularáõ de maneira ás quantias de 600 réis, 800, 1$600, e gradualmente até 12$800, que será a de maior valor entre as apolices pequenas ; e outras corresponderáõ desde 20$000 réis até 100$000 réis, que será a de maior valor entre as grandes. A fim de que tenham toda a fé e credito serão recebidas como se fosse ouro em todos os pagamentos que se houverem de fazer por qualquer titulo que seja á real fazenda, á excepção dos que pertencerem á repartição das casas de fundição, que se continuaráõ a pagar como actualmemte se pratica.

44. O papel em que as ditas cedulas ou letras devem ser feitas ha de ter gravadas as armas reaes, e em circulo d'estas a inscripção — *Para utilidade da capitania de Goyaz* — e a apolice será por esta ou similhante fórma.

N. 1.° — 600 —

Ao portador d'esta se ha de pagar em tempo competente pela Junta da administração e arrecadação da real fazenda d'esta capitania de Goyaz a quantia de seiscentos réis, de que para sua clareza se lhe passou a presente apolice, a qual será recebida em pagamento de igual quantia em qualquer repartição da mesma real fazenda, com reserva das casas de fundição, na conformidade das ordens do Principe Regente Nosso Senhor. Villa Boa de Goyaz, em Junta da real fazenda de de

Rubrica do Presidente.

F. Thesoureiro.— F. Escrivão.

O numero das apolices deve regular-se de sorte que haja uma terça parte do capital da divida nas do valor de 50 a 100$000 réis,

outra terça parte nas de 20$ até 40$000 réis, e as demais serão todas das menores. Estas apolices devem ser feitas n'esta côrte e remettidas á dita Junta da fazenda, a cujo thesoureiro se devem carregar em receita como se fosse effectivo numerario, e como tal conservado nos reaes cofres ; e isto ainda quando não estejam assignadas, por isso que devem ser impressas mais um terço de cada valor, a fim de se poderem entregar em logar d'aquellas que por velhas estiverem incapazes do gyro, e a que se deve dar consumo queimando-se publicamente com assistencia da referida junta, de que se farão os competentes assentos nos respectivos livros.

45. D'esta fórma se augmentará a circulação do dinheiro, e á proporção se augmentará tambem o commercio exterior, pois ainda quando a respeito d'este não sejam admissiveis, todavia circularáõ dentro da capitania, e suppriráõ a falta do ouro que d'ella houver de sahir a beneficio do mesmo commercio, por meio do qual se introduziráõ os necessarios escravos, que applicados ao trabalho das minas renovaráõ as fabricas destruidas, e com ellas a antiga abundancia do ouro, á qual se hão de seguir os interesses dos habitantes e os da real fazenda, cujos direitos e reaes contractos perceberáõ o competente augmento.

46. Disse no § 43 que um tal representante do numerario não será odioso, e na verdade eu assim o julgo ; pois ainda quando não considerasse a sua circulação admissivel (como a considero) entre os particulares em seus negocios, bastaria o credito que lhe ha de resultar por effeito dos contractos e direitos reaes. Finalmente para se reconhecer o quanto será de summa satisfação para aquelles povos este pagamento feito na apontada fórma, basta lembrar que elles não tem interesse algum em quanto o capital de tão grande divida se lhes não pagar, o que tarde se poderá realisar pelos rendimentos da capitania, os quaes ha mais de trinta annos não chegam para a sua despeza annual ; e com o rendimento das ditas apolices se habilitam para as negociar, embora tenham o prejuizo de 20, 25 ou 30 °/₀, o qual poderáõ indemnisar, ou seja pelo augmento de sua agricultura, ou do commercio.

47. Supposto que no § 44 e na apolice se disse que ellas serão recebidas em qualquer estação publica da real fazenda, todavia deve recommendar-se ao capitão general e junta de arrecadação que nas arrematações dos officios se offereçam as condições que se julgarem proporcionadas, pagando os arrematantes ou tudo em apolices, ou uma ou mais partes. Da mesma fórma se lhes deve fazer saber que as dividas activas preteritas da mesma real fazenda devem ser pagas em dinheiro effectivo, pois que as mencionadas apolices só devem ter logar em arrematações e outros objectos futuros, e assim mesmo pracurarão quanto lhes fôr possivel que o producto de objectos de pequena importancia se não reuna a fim de evitar sem descredito a possibilidade do pagamento em apolices.

48. E sem duvida que aquelle dos vassallos, que concorre em qualquer tempo para as urgencias do Estado, é cidadão benemerito e digno d'aquellas graças, mercês ou recompensas, com que os nossos augustos soberanos tem recompensado e remunerado aos que se hão distinguido no serviço real e no da patria. Por tanto para que as sobreditas cedulas possam circular com mais satisfação, e ao mesmo tempo amortisar-se não só pelo excesso dos rendimentos da mencionada capitania, que devem ser applicados inteiramente para este fim, e ao seu total desempenho, será tambem conveniente que se pratique o seguinte:

A todo aquelle que entrar nos reaes cofres da dita capitania com a quantia de 16:000$000 réis em apolices de donativo para as urgencias do Estado, se lhe concederá a mercê do fôro de fidalgo cavalleiro.

A todo aquelle que similhantemente entrar com 12:000$000 réis se lhe concederá o de fidalgo escudeiro.

A todo aquelle que entrar com 6:000$000 réis o de cavalleiro fidalgo.

Ao que entrar com 2:000$000 réis o habito da ordem de Christo, e ao que entrar com 1:600$000 réis o da ordem de S. Thiago da Espada.

Supposto que a distribuição dos postos militares exige uma grande attenção, a fim de conservar-se sempre não só a boa

ordem do serviço, mas ainda aquella louvavel emolução que faz a principal base da indispensavel honra militar, todavia parece-me opportuno que tambem se pratique o seguinte nos corpos de milicias e ordenanças.

A todo aquelle que entrar na sobredita fórma com a quantia de 4:000$000 réis se lhe passará a patente de coronel aggregado de milicias: ao que entrar com 3:800$000 réis a de tenente-coronel ou a de capitão-mór: ao que entrar com 1:000$000 réis a de sargento-mór de ordenanças: ao que entrar com 800$000 réis a de capitão: ao que com 600$000 réis a de tenente: ao que com 300$000 réis a de alferes.

Estas graças ou mercês devem porém ser distribuidas de fórma que se não abuse d'ellas; isto é, devem ser conferidas á requisição do governador e capitão general, o qual sem que faça publico este meio de recompensa, a insinuará áquelles que julgar capazes e no estado de poderem fazer as mencionadas entradas, offerecendo-se elle para proteger as suas pretenções, e sendo elle que faça constar a verificação da graça por meio do louvar, que deve dar em acção publica a um tal vassallo, a quem por isso Sua Alteza Real se dignou attender com os effeitos da sua real magnanimidade.

49. Para que as ditas apolices possam animar o commercio exterior, as ditas mercês se concederão não só aos habitantes da mencionada provincia de Goyaz, mas ainda aos de outra qualquer, logo que verifiquem o terem alli entrado nos reaes cofres com as indicadas quantias; mas isto mesmo se fará constar sempre com aquelle ar de decencia que é devida assim á distribuição das graças, como áquelles sobre quem recahem, em cujas circumstancias se admira a actividade e perspicacia de um politico e habil general, o qual ainda quando conhece a fórma porque se conferiu a mercê, sabe todavia insinual-a como devido premio de um justo merecimento, e como effeito da grandeza do nosso amavel soberano.

50. Persuado-me que as providencias apontadas são assás capazes para conseguir o melhoramento da capitania ou provincia de Goyaz; porém talvez que obste á sua execução na parte

relativa á navegação dos rios Tocantins e Araguaya a grande despeza que se julgará necessaria; e por essa razão seria justo que eu apresentasse o calculo aproximado da mesma despeza, o que não faço, contentando-me com affirmar que não será, nem póde ser grande, considerando que os viveres e os jornaes são alli muito modicos, e mui particularmente se a pessôa encarregada d'esta importante commissão tiver sempre presente que o principal interesse de um vassallo empregado no real serviço consiste na gloria de satisfazer aos desejos do seu augusto principe.

51. Concluo finalmente a presente memoria, affirmando que é necessario que as paternaes vistas de Sua Alteza Real se dilatem sobre a desgraçada capitania ou provincia de Goyaz, auxiliando-a com as suas reaes providencias, ou seja pela fórma exposta, ou por outra que se julgar mais accommodada ás suas actuaes circumstancias. Eu só tenho a desejar se me conceda a desculpa da animosidade com que me propuz a tratar de um objecto que, além de alheio da minha profissão, é superior ás minhas forças; porém espero merecer a devida indulgencia, com a certeza de que os meus desejos são os de ser util á patria, e ao serviço do nosso augusto principe, no qual tenho a honra de empregar-me.

(Segue o mappa que se acha no fim d'este volume.)

DIARIO ROTEIRO

DA DILIGENCIA DE QUE FOI ENCARREGADO EM 1791

MANOEL JOAQUIM DE ABREU,

Ajudante da praça de Macapá,

POR ORDEM DO GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL DO ESTADO.

(MS. offerecido ao Instituto pelo Socio correspondente o Sr. Antonio José da Serra Gomes.)

Março 22. — Larguei do porto d'esta praça fazendo viagem no principio da vasante, e reconhecendo-me falto de practico sufficiente e de mais adequada canôa para montaria, tive de demorarme á espera de que chegassem de Chaves e de Rebordêllo, o que só pude conseguir no dia 1.º de Abril, atravessando pelas seis horas da manhãa para o furo do Gurujú, dando principio á diligencia que me foi commettida.

Este furo é largo na sua foz, tendo a distancia pouco mais ou menos de meia legua, e logo depois da sua entrada á mão direita tem um furo, que vem por detraz de uma pequena ilha sahir à esta costa; porém com a maré meia vasia ambos estes furos do referido Gurujú ficam em sêcco : a referida ilha cercada pelo dito furo tem na sua frente dous pequenos igarapés ou riachos, e o mesmo pela parte opposta ; defrente fica a referida ilha do Curuá, e bem parallelo o dito furo ou igarapé do Limão, o qual de meia maré cheia por diante é vadeavel á outra banda do Curuá, tendo n'esta sua foz uma pequena ilha, que divide a sua entrada em dous pequenos igarapés.

Continuando do segundo e pequeno furo do Gurujú costa abaixo, se acham em pequenas distancias tres successivos igarapés, e depois, á distancia pouco mais ou menos de um quarto de legua, se acha o igarapé Pixuno, assim chamado por sahir d'elle a agua

preta ; é largo na sua foz, porém depois vai estreitando até acabar em pequenos braços em um grande igapó á similhança de lago.

Toda esta margem, desde o furo Gurujú até este igarapé Pixuno, tem na sua frente um grande baixo que excede o meio do rio, ficando o canal encostado á ilha Curuá ; porém d'aqui para diante se divide este em dous, sendo um pela margem de Macapá, e o outro pela fronteira ilha, ficando então no meio do rio dous baixos, um mui comprido, e o outro pequeno e estreito. Continuando a digressar do referido Pixuno para baixo, se acham em pequenas distancias quatro igarapés pequenos, sendo o terceiro d'estes chamado o Pixuno-merim, os quaes todos quatro acabam no mato ; depois está o furo pequeno de Araguary, assim chamado por ir acabar no furo grande do dito rio, mas é sómente com a maré meia cheia por diante: seguem-se mais dous igarapés pequenos, que acabam no mato, e logo depois o furo grande que sahe ao Araguary ; a sua entrada é larga, tendo da parte de cima, antes da entrada, um baixo.

Defronte, na mesma ilha do Curuá se acha um largo furo chamado Jaranduba, cujo nome herda das muitas moitas que tem d'este mato na sua foz, que é á similhança de aturiás ; este furo vadêa esta ilha até á margem opposta.

D'aqui para baixo já não ha sêccos, sendo todo o rio um canal. Por conselho dos practicos mandei a canôa grande com o cabo de esquadra Clemente da Silva pelo furo grande a esperar-me no rio Araguary, por não ser sufficiente para navegar n'esta rasa costa, e esquipando a montaria me embarquei com os dous soldados.

Continuando do referido furo costa abaixo, achei em pequenas distancias tres igarapés pequenos, que acabam no mato, e depois um igarapé grande chamado Carauátatuba, o qual é largo na sua foz, sendo navegavel a qualquer canôa ainda na sua baixa-mar ; porém vai estreitando, e dividindo-se em pequenos braços, acaba em igapó.

Defronte d'este referido igarapé acaba a ilha do Curuá, e principia a ilha chamada Goayá, e logo nas costas d'esta se acha uma dita pequena, a que chamam Goayá-merim, e pelas costas d'esta principia a ilha de Bailique.

Passando ao referido igarapé Carauátatuba e seguindo costa abaixo se acham em pequenas distancias tres igarapés pequenos, que acabam logo no mato em differentes braços.

Defronte d'este terceiro igarapé acaba a ilha de Goayá, principiando outra chamada a ilha do Jaburú: seguindo dos referidos tres igarapés para baixo deita uma aguda ponta de terra ao mar, e logo voltando-a está um pequeno igarapé, que á pouca distancia da sua foz acaba no mato: segue-se uma grande enseada guarnecida pela sua frente de um grande baixio, e no fim deita uma extensa ponta de terra ao mar, e voltada esta, está um igarapé largo na sua foz, porém estreita e acaba no mato em pequenos braços: segue-se uma quasi ilha redonda, e depois o igarapé chamado Pacobasureroca, que acaba distante da sua foz em um grande igapó, e seguindo costa abaixo está um pequeno igarapé, que acaba no mato.

Defronte d'este referido igarapé acaba a ilha de Jaburú, ficando fazendo frente á ilha de Bàilique; porém em distancia de uma legua com pouca differença da dita ilha do Jaburú, e na frente da de Bailique, principia uma pequena ilha chamada das Cotias por haver alli muita caça d'esta qualidade, que logo acaba, tendo de comprido pouco menos de um quarto de legua, fazendo para a parte do oceano um comprido baixo junto com a de Bailique, que tambem acaba na mesma linha.

Continuando do dito igarapé pequeno costa abaixo, se acha depois de grande distancia um igarapé grande chamado Meritituba, que acaba tambem em igapó; a sua foz é larga, fazendo um pequeno baixio ao longo da costa para a parte de baixo: segue-se um igarapé pequeno, e depois em igual distancia está outro grande igarapé chamado dos Pretos, que tambem acaba em igapó; em igual distancia costa abaixo se acha outro dito tambem bastantemente largo na sua foz, chamado Urucuricaya, o qual tambem acaba em igapó. Entre este dito e o antecedente dos Pretos nos deu uma trovoada tão forte que durou quatro horas, sendo necessario a todos saltarmos ao mar a segurar a canôa, para que se não alagasse e partisse no sêcco, o qual principia no igarapé dos Pretos e acaba na ponta d'esta margem que vira

para o rio Araguary. E continuando costa abaixo está outro igarapé chamado Jejutuba, tambem largo na sua foz, e acabando tambem em igapó: aqui saltei em terra com os dous soldados e um dos practicos, mandando a canôa esperar-me na foz do rio Araguary, porque como queria indagar com exacção esta margem, o não podia fazer por mar pela distancia em que me ficava a terra. Marchei pela praia com os referidos, e quasi no fim achei o igarapé chamado Assahituba, o qual passámos com agua pelos peitos na sua baixa-mar; e observando na sua foz á entrada do mato da parte de cima signaes de casa ou tujupar, perguntei ao practico e soldados, pelo tambem serem, se n'aquelle logar houve alguma casa ou sitio; e elles me responderam que alli costumavam vir os Indios das villas de Chaves e Rebordêllo fazer salga de pirahiba no tempo proprio, armando então um pequeno tujupar em que se recolhiam e ao peixe: o que achei certo pelos vestigios que do mesmo encontrei. Logo mais abaixo, cousa de meia legua, fica a extremidade da margem d'esta costa de Macapá.

Toda esta margem e costa, de que tenho dado a exacta noticia, desde o rio Gurujú até esta referida extremidade, são terras alagadas nos crescimentos das aguas.

Esta indagação foi feita no decurso de dez dias, e mais abreviada seria se não achasse as quasi incessantes trovoadas e ventos ponteiros, que por tantas vezes me impediram a viagem, porque houve dias em que sómente se andavam algumas horas: não ha duvida que os practicos me dizem ser este o tempo em que aqui dão bastantes e maiores trovoadas, e que só depois do Espirito Santo até ao fim de Julho é que se podia navegar, pois é o tempo das melhores bonanças em todo o anno.

Abril 11.— Na extremidade ou fim da costa de Macapá, depois da referida marcha pela praia, me embarquei na canôa pelas quatro horas da tarde do dia 11 de Abril, e com vento favoravel fui indagando a margem do grande rio Araguary, a qual fui achando rasa e cheia de abatidos por causa da sua grande correnteza e maresia que lhe entra do Oceano; e pelas seis horas e meia da tarde cheguei á foz opposta do furo, onde se achava o cabo de

esquadra á minha espera na canôa grande, conforme lhe tinha ordenado. Em toda esta pequena indagação sómente achei tres pequenos igarapés, que acabam a pouca distancia da sua foz, assim como tambem as lindas e diversas aves que povoam as praias, servindo ao mesmo tempo de recreio á trabalhosa viagem.

12.— Pelas seis horas da manhãa largámos as duas canôas, e seguindo a mesma margem do rio por uma funda enseada, á distancia de um quarto de legua está um pequeno igarapé, que acaba logo no mato pouco distante da sua foz; e voltando esta dita enseada e no principio de outra está o igarapé chamado do Limão, o qual é bastante largo na sua foz, porém acaba no mato em diversos braços em um grande igapó. Passada esta referida enseada e voltando a outra se acha um igarapé pequeno, e acabando esta ultima faz uma larga volta, dando principio outra muito maior, onde se acham dous igarapés, a saber: o primeiro pequeno e o segundo muito largo na sua foz, e ambos elles acabam, aquelle logo depois da sua foz, e este em um grande igapó: continuando a referida enseada, elle vai finalisar defronte do furo do lago d'El-Rei. Para este furo mandei o cabo de esquadra na canôa grande a esperar-me, em quanto eu viajava o restante do rio até ás suas cachoeiras e voltava pela margem opposta, ordenando-lhe que no decurso d'este tempo devia aprompar uma pequena canôa chamada ubá (o que assim succedeu, pois a sua boa actividade a fez aprompar em tres dias) para com as mais canôas entrar no grande lago a fazer n'elle a averiguação necessaria, segundo o que me havia dito o practico Francisco Soares—que haveria trinta annos ou mais veio elle aqui em uma diligencia do serviço, e acharam um pequeno furo dentro do dito lago, o qual furo foi dar a um rio, que elle não sabe que rio era, mas que em partes fôra preciso saltarem ao mar para puxarem a canôa; porém do meio do referido furo para diante foi alargando e lhes deu boa passagem até ao dito rio: razão porque mandei fazer a referida ubá, além da canôa ser ronceira e fazer-me prolongar a viagem, e ser este logar proprio de me esperar por n'elle não dar a horrorosa e medonha pororóca. Aqui pernoitámos a noite do dia referido 12 de Abril.

13.— Pelas seis horas da manhãa me embarquei na montaria com os dous soldados, e seguindo a mesma viagem dei principio á outra enseada, na qual ha um igarapé pequeno, e logo depois uma pequena ilha, a qual dá tambem passagem por entre si e a margem voltando esta enseada a um igarapé pequeno, que logo a pouca distancia acaba no mato. Segue-se outra enseada mui comprida e funda, a qual tem tres igarapés pequenos e um grande e largo na sua foz, a que os practicos dão o nome de igarapé da Sumaúmeira porque na sua entrada ha uma grandiosa arvore d'este genero; e continuando a mesma enseada se acha a pouca distancia um pequeno igarapé, e logo em igual distancia outro dito largo, que tanto este como o da Sumaúmeira acabam em grandes igapós, e os pequenos em diversos braços. Logo a pouca distancia dá fim esta dita enseada, seguindo-se outra pequena e funda; depois faz um extenso direito, o qual acabado dá principi o outra enseada grande voltando para a esquerda, na qual tem quatro igarapés pequenos, que logo acabam no mato; e voltando a dita enseada dá principio outra pequena, e depois d'esta uma dita muito comprida e funda tambem para a esquerda, aonde ha seis igarapés pequenos, os quaes dão fim como os antecedentes: depois faz a margem um pequeno fundo, seguindo uma grande volta, e succedendo a esta uma enseada pequena, onde estão dous pequenos igarapés da mesma fórma que os referidos. Segue-se uma grande volta que o rio faz, maior que a antecedente, na qual segue-se uma funda enseada, onde se acham cinco igarapés, a saber: o segundo e quinto largos na sua foz, que acabam em igapós, e os mais logo no mato. Acabada esta dita enseada, segue-se um quasi direito extenso, no qual mostra tres pequenos fundos, em cujo extenso ha quatro igarapés pequenos e da natureza dos antecedentes: depois segue-se uma grande enseada, na qual se nota sómente um igarapé pequeno, depois uma volta muito larga, e após esta um grande fundo, e d'elle a continuação de uma comprida enseada, que no seu principio e fim tem dous pequenos igarapés da mesma referida natureza. Aqui pernoitámos.

Até aqui são as terras d'este rio alagadas nos crescimentos das aguas, mas boas vargens, e d'aqui para cima são terras firmes e em partes montuosas, promettendo tanto estas como aquellas uma boa correspondencia de lavoura.

14.— Segui viagem pelas seis horas da manhãa, e acabada a dita enseada segue-se um grande fundo, que á primeira vista parece rio, continuando outra enseada grande, na qual ha dous pequenos igarapés, que a pouco da sua foz acabam no mato em pequenos braços; segue-se voltar uma estreita lingua de terra, e depois uma pequena enseada, na qual ha um igarapé pequeno; depois segue-se outra igual enseada, em que não ha igarapé, e acabando esta em larga volta segue um estirão direito, onde ha um pequeno igarapé, e no fim d'este estirão um grande fundo, no qual tem outro similhante. Segue-se outro extenso direito, depois uma larga volta do rio, fazendo um fundo em que se acha um pequeno igarapé; segue-se uma comprida e funda enseada, que tem no fim, voltando para outra dita, um pequeno igarapé, porém largo na sua foz, o qual acaba em igapó; depois segue-se um comprido estirão, o qual voltando com uma grossa ponta de terra se acha um pequeno igarapé. Aqui pernoitámos, porém no largo do rio; e ainda assim mesmo nos não foi possivel descansar por causa da muita praga.

15.— Pelas seis horas da manhãa segui o dito estirão, havendo no fim d'este um fundo, no qual tem um igarapé pequeno, que logo a pouca distancia da sua foz acaba no mato em diversos braços; depois segue-se uma grossa volta, e logo uma enseada que vai acabar na primeira cachoeira, a qual enseada se acha alagada por estar o rio meio cheio das muitas aguas dos montes, na qual ha tres moitas que ao longe parecem ilhas, e chegando á esta cachoeira a observei ser toda de pedra preta de um lado ao outro e sem canal. Dizem os practicos que no verão, em o tempo de maior secca, fica quasi toda descoberta, despedindo a sua corrente por diversos riachos, o que já no dia de hoje, por ser inverno, se não conhece; porém os lados da dita cachoeira se acham ainda descobertos, e no meio uma ponta de pedra, por onde bem se collige o deduzido; e atravessando quasi pela pan-

cada d'agua para a parte opposta do rio faz uma aguda lingua de terra com um grande fundo de uma pequena enseada. Defronte d'esta referida enseada ha uma ilha pequena, e continuando pela referida margem opposta para baixo faz uma pequena volta, seguindo-se um estirão comprido, em que está um igarapé pequeno, e voltando o dito estirão faz uma comprida enseada, seguindo-se logo outra referida, em que ha um igarapé pequeno: acabada esta enseada faz uma aguda lingua de terra, e logo um igarapé largo em sua foz, porém que estreita e vai acabar em igapó; e mais adiante está outro dito pequeno, que acaba no mato. Acabada esta dita enseada segue-se outra, que tem dous pequenos igarapés; segue-se outra dita, na qual não ha igarapé algum; porém seguindo-se outra dita tem dous pequenos igarapés, e fazendo esta enseada um grande fundo, e depois um direito extenso, ha um igarapé muito largo na sua foz, porém estreita de repente, fazendo dous braços que vão acabar em igapó. Aqui ficámos.

16.— Seguimos viagem pelas seis horas da manhãa, e fazendo esta margem uma grande volta, se acha no meio um igarapé largo na sua foz, que parece um grande rio, porém a pouca distancia estreita e acaba em igapó; e voltando para a dita ou seguinte enseada está outro igarapé pequeno, e voltando esta dita segue-se outra que tem no principio um igarapé largo na sua foz, que tambem acaba em igapó, e no fim ha um pequeno que acaba logo depois da sua foz: depois segue-se um estirão comprido, fazendo no fim um fundo ou pequena enseada, tendo todo este comprimento cinco igarapés todos pequenos; e voltando uma grossa ponta de terra dá principio uma pequena enseada, na qual ha tres igarapés, sendo o primeiro e ultimo largos na sua foz, que logo estreitam e vão acabar em igapós, e o do meio pequeno, acabando logo no mato a pouca distancia. Segue-se uma comprida e funda enseada, a qual tem dous igarapés, um pequeno logo no seu principio, e outro no fim, porém maior, que acaba em igapó. Acabada esta referida enseada dá principio outra não tamanha, a qual tem sómente um pequeno riacho, e seguindo-se outra dita mais pequena, tambem tem

outro pequeno riacho; e fazendo agora esta margem uma larga volta, n'ella tem dous igarapés, um pequeno e outro largo e fundo, o qual vai acabar na terra firme em umas pequenas collinas, e onde tem cachoeiras; e voltando para a enseada, que é bastante comprida, tem esta cinco igarapés, sendo o segundo largo na sua foz e acabando em igapó, e os mais pequenos; e quasi na ponta d'esta referida enseada está uma ilha pequena, que dá passagem por entre si e a margem. Voltando a ponta d'esta enseada principia outra muito mais comprida que as antecedentes, e logo no seu principio ha um igarapé largo, que tambem acaba em igapó, e logo adiante ha outro pequeno, e defronte uma ilha comprida, a qual tambem tem passagem por entre si e a margem, cuja ponta da ilha da parte de baixo aponta para o grande fundo da enseada. Aqui pernoitámos.

17.— Pelas seis horas da manhãa fiz viagem, e depois de passar mais duas pequenas linguas de terra da mesma dita enseada, dá-se uma grande volta para entrar em outra; porém no fim d'esta volta, avistando já toda a enseada, ha um pequeno igarapé que acaba logo no mato: seguindo abaixo ha uma pequena volta para entrar em outra dita, a qual tem na sua frente uma ilha estreita porém comprida, que como as antecedentes dá a mesma passagem, havendo nesta enseada dous igarapés pequenos; e continuando rio abaixo cheguei ao furo do já referido lago d'El-Rei, onde me esperava o dito cabo de esquadra. Este furo é largo na sua foz, fazendo duas entradas por causa de uma pequena ilha, que na sua entrada se acha. Aqui pernoitámos, porque ainda que eram cinco horas da tarde, comtudo havia chovido todo o dia, e achava-se a gente muito molhada e fria.

18.— Pelas oito horas da manhãa, depois de passar a referida e terrivel pororóca, fizemos viagem pelo dito furo, no qual gastámos todo o dia e noite para chegar ao referido e grande lago; sendo que a pouca distancia da sua foz já dá principio tanto de uma margem como da outra o dito lago, porém sem se poder n'elle entrar, porque ambas as margens são compostas de umas

delgadas resteas de mato e canarana, e quasi no fim esperâmos em quanto a gente comia.

19.— Pelas sete horas da manhãa chegámos a dar fim ao dito furo em uma pequena ilha, onde mandei descansar a gente. Pelas duas horas da tarde [me embarquei na montaria a fazer uma pequena indagação a outras muitas pequenas ilhas circumvizinhas a esta, e pelas seis horas da tarde me recolhi á canôa grande, mandando-a sahir para o lago, onde dormimos.

20.— Ao romper do dia me embarquei na montaria com os dous soldados e o practico Francisco Soares, levando juntamente a ubá para a indagação do referido furo, que o dito practico me havia dito ter achado n'aquelle tempo em que aqui veio; porém guiando-nos elle á tal paragem, achámos tudo tapado com um grosso xiriubal, canarana e outros rasteiros matos: mandei subir a varias arvores altas, para que d'alli vissem se acaso havia por detrás d'este mato algum regato ou igarapé que désse sahida para a outra parte, porém apezar da boa actividade dos soldados, ainda do mesmo referido practico,' não foi possivel descoberta alguma, dizendo todos unanimemente que nem signal havia de ter havido passagem alli, e se a houvesse seria factivel que pelo decurso dos annos se tivesse tapado: fomos mais a outras incognitas resacas do mesmo lago, porém com o mesmo effeito. Voltámos para a canôa, chegando á referida pelas nove horas e meia da noite.

21.— Partimos ao romper do dia a indagar outras ilhas e algumas resacas, e logo que chegámos á primeira ilha achâmos tres tujupares, onde havia estado gente fazendo salga de peixe; e voltando á outra ilha achei onze tujupares grandes, e alguns vestigios de que, haveria quinze dias ao muito, havia alli estado gente a fazer peixe, achando n'estes tujupares dous barris d'estes de tres em pipa, porém desconhecidos e com marca differente, e ainda no seu talho. Sahimos a diligenciar outras ilhas, não sendo possivel achar mais cousa alguma que a este mesmo respeito me désse melhores conhecimentos, mas ficando sempre persuadido que aquelles barris eram francezes, como

depois soubemos de certeza, e que adiante se verá: voltámos para a canôa grande, onde chegámos pelas oito horas da noite.

22.— Sahimos em viagem ao romper do dia para outra differente paragem e bosques mais occultos, onde fizemos as mesmas indagações; porém não houve mais novidade alguma a este respeito ou outro similhante, recolhendo-nos á canôa pelas oito horas da noite.

Este lago é muito grande, cercado todo de terra firme, de fórma que de léste a oéste ainda se avista de uma margem a outra; porém de norte a sul não se vê terra, só sim depois de sahir um bom espaço ao largo, e então se avista a margem opposta. E' todo cheio de pequenas ilhas de terra firme; além d'estas ilhas tem tambem seus extensos de mato alagado, chamado xiriubal, sendo alguns d'estes do comprimento de mais de uma legua; tem outros similhantes ou maiores espaços de canarana, da qual é bastantemente inficionada toda a maior parte d'este referido lago, porém muito farto de varias qualidades de peixes, assim como tambem de aves; mas insupportavel de n'elle se existir pela muita praga que acommette a gente de dia e de noite; e dizem que de verão quando o lago está sêcco em muitas partes é muito peior, sendo ao mesmo tempo o mais abundante de todo o deduzido

23.— Pelas seis horas da manhãa partimos do dito lago, e regressando chegámos á foz do furo pelas nove horas da noite, gastando por esta fórma menos tempo que na antecedente digressão, porque a correnteza que sahe do lago ajuda muito a viagem. A este furo chamam os practicos Mayacaré.

24.— Pelas seis horas da manhãa fiz viagem pela referida margem opposta do rio Araguary, achando na primeira e pequena enseada dous igarapés pequenos, que a pouca distancia acabam no mato Aqui principia um grande baixo de lôdo tão flexivel, que cahindo um homem n'elle fica logo submergido até os peitos, e forcejando a tirar-se fica de todo submergido.

Continuando a margem faz grande fundo, no qual tem dous pequenos igarapés, qne tambem logo acabam no mato ; aqui finalisa o dito baixo : depois passando uma grossa ponta de terra ha um pequeno riacho, segue-se um pequeno e direito estirão, no fim do qual ha um grande igarapé a que lhe chamam do Andirobal, que é largo e fundo na sua foz, porém acaba em diversos braços em um grande igapó d'onde procede : depois continuando outro estirão se acha o furo chamado Urucú, que ia sahir a outro lago tambem grande, porém acha-se agora tapado de fórma tal que nem a mais pequena canôa póde por elle passar ao referido lago. Esta tapagem fez a natureza no decurso de oito dias, segundo asseveram os que n'aquella occasião se achavam no dito lago, custando-lhes muito puxarem as canôas por cima do formado sêcco, em cuja diligencia gastaram oito dias por serem as ditas pequenas, que a serem grandes lá ficavam: hoje se acha a tal tapagem cheia de mato, parecendo que nunca alli houve tal furo, ou para melhor dizer rio, segundo a sua largura. Continuando para baixo a referida margem segue-se um pequeno igarapé, que acaba no mato a pouca distancia da sua foz ; segue-se uma comprida enseada, a qual concluida está um pequeno igarapé, o qual acaba como o antecedente. Aqui dá principio um grande baixo, que vai acompanhando esta margem e a seguinte costa : continuando outra referida enseada muito maior, ha no seu fundo dous pequenos igarapés, e na grossa ponta de terra que faz ao mar está outro referido pequeno, que tanto este como aquelles acabam como os mais da mesma natureza. Esta referida ponta de terra faz a foz do rio Araguary, onde pernoitámos.

Este grande rio Araguary é muito abundante de diversas caças tanto do ar como do chão, assim como tambem de muitas qualidades de peixes e especiaes tartarugas, além da muita abundancia que occupam os bellos e circumvizinhos lagos d'este rio : elle tem especiaes terras para a cultura, tanto a que se beneficia nas varzeas como na terra firme, sendo alguma d'esta montuosa, que nos seus planos offerece uma boa edificação de sitio, logar ou

villa ; porém faz-se sensivel que logares e presidio tão fertil e agradavel seja tão inficionado das muitas diversas pragas, que fazem quasi impossivel o socego e tranquillidade do homem : em fim não é possivel expressar-se o continuado desasocego em que sempre a gente se acha de dia e de noite com similhante flagello, sendo de dia atacado por todas as referidas sevandijas e de noite por algumas, havendo entre ellas as seguintes qualidades : mutucas grandes e pequenas, varejeiras, piúm, carapanã, moresoca e muruim ; á excepção da horrorosa pororóca nas aguas grandes, a qual dura sete dias, dando em todos os principios da enchente.

25. — Pelas seis horas da manhãa fiz viagem, e continuando a dita costa por um grande extenso ha no meio d'este um igarapé chamado Guaraquiçaba, que é grande e largo na sua foz, a qual porém da meia maré vasia por diante fica em sêcco ; tem varios braços que acabam no mato, e elle dito em um grande igapó : continuando o mesmo estirão faz um fundo, no qual ha um pequeno igarapé que logo acaba no mato, e na continuação da mesma enseada está outro similhante igarapé. Aqui pernoitámos porque do meiodia para a noite foram as trovoadas incessantes. Aqui se perde de vista o mato que faz a foz do Araguary, ficando em frente o oceano d'esta rasa e brava costa, na qual continuam os grandes baixios já acima referidos, que são cheios de poços fundos e varios riachos.

26. — Sahimos antes das seis horas da manhãa, e seguindo costa abaixo, voltando a ponta de terra que faz a referida enseada, se acha um grande igarapé chamado Urubuacanga : este referido é largo na sua foz, porém logo estreita e vai acabar em igapó, e seguindo-se um extenso comprido se acha no fim d'elle um pequeno riacho. Voltando uma pequena ponta segue-se uma enseada grande, e no fim d'ella a foz do rio Piratuba, onde esperei a enchente, saltando em terra e conduzindo-me a um tujupar ou casa que serve de feitoria de peixe, onde costumam os Indios de Chaves e Rebordêllo vir assistir, e n'ella beneficiarem o peixe chamado gurujú, por ser esta paragem muito abundante d'elle. Chegada a enchente fiz viagem pelo rio acima, e ao virar

a primeira ponta para a esquerda ha um igarapé largo, porém logo acaba em pouca distancia : ainda que sem socego, por causa da muita praga, aqui pernoitâmos.

27.— Pelas cinco horas da manhãã continuei a viagem rio acima, e depois de passado um grande estirão volta-se uma grossa ponta, fazendo aqui o rio uma larga volta, e n'ella dous igarapés da parte esquerda e um da direita, este dito bem fronteiro ao segundo da esquerda, porém todos pequenos acabam logo no mato ; e continuando outra volta que o rio faz á direita, achei tres successivos igarapés da mesma qualidade, e continuando o rio á esquerda se acaba no mato em um grande xiriubal alagado, que á sua grandeza chamam os practicos Igapóuna, fazendo por entre este referido mato varios braços pequenos : porém entretendo-me na dita indagação me vasou a maré, e não pude já sahir, porque este rio vasa de todo, e pouco antes da baixamar já se acha de todo sêcco, ficando-lhe uns pequenos riachos, que em partes mal cobrem o artelho do pé ; porém de meia maré cheia por diante mostra ser um grande rio por ser muito largo na sua foz.

Este rio nada tem de agradavel, fazendo-se inutil a qualquer habitação por ser todo alagado, e o seu mato ser um cerrado xiriubal e mangue.

28.— Chegando-nos a enchente pela uma hora da noite, regressámos rio abaixo, chegando á sua foz pelas nove horas do dia ; continuei costa abaixo, fazendo esta um extenso comprido, no fim do qual uma grossa ponta de terra, dando depois principio a uma funda enseada, no fim da qual se acha um pequeno igarapé: depois segue-se segunda enseada e comprida, seguindo-se depois d'esta um estirão comprido, no fim do qual se acha o rio chamado Sucurujú. Aqui tambem esperámos a enchente, e seguimos logo que repontou rio acima, o qual faz logo uma grande volta á direita, em que tem um pequeno igarapé, e fazendo outra grande volta á esquerda, separa-se este rio em dous braços iguaes; seguindo o direito achei, logo depois de uma grande volta á direita no estirão que seguia, outro igarapé, que acaba em tres pequenos braços ;

e continuando o rio depois de tres voltas com os seus competentes extensos o achei tapado de mato e de arvores grossas nascidas do fundo do mesmo braço do rio, d'onde bem deixava-se ver que já aqui dava principio o igapó em que ia acabar. Voltando para baixo vim a entrar pelo outro igual braço que me ficou á esquerda, e logo no seu estirão achei á direita um igarapé e outro á esquerda, ambos pequenos, e voltando o rio á direita achei no seu extenso da parte esquerda dous similhantes igarapés, que todos acabam logo no mato: continuei a seguinte volta que faz à direita, onde achei os mesmos obstaculos que no antecedente: voltei para baixo chegando à sua foz quasi pela meia noite, onde esperámos o dia para seguir viagem.

Este rio é estreito, e na verdade não é senão um igarapé, porque outros de que tenho fallado são incomparavelmente maiores e mais largos, tanto na sua foz como extensão de rio.

No que respeita ao mato é da mesma fórma que o antecedente de Piratuba, sendo tambem abundante de muitas qualidades de peixes e muitas aves de differentes qualidades, tanto grandes como pequenas.

29.— Pelas seis horas da manhãa sahimos da foz do referido rio, e continuando costa abaixo, depois de andar duas horas avistei a ilha do Turury muito mal, porém com a continuação da viagem me fui a ella avizinhar com bastante trabalho por causa dos baixios, aonde andámos ás apalpadelas, valendo de muito o tempo estar de boa bonança, e poder-se andar por cima dos ditos baixios, os quaes ignoravam os practicos, dizendo que no tempo em que elles alli haviam ido taes baixios não haviam, certificando que do rio Sucurujú para baixo seguia-se um canal fundo encostado á terra : porém assim que vimos o contrario procurámos o canal, que se achou bem ao largo, e por elle seguimos indo encostar na ponta da dita ilha do Turury da parte de cima ; e portando n'ella achámos ser uma ilha bem funebre toda alagada, sendo o seu mato um continuado xiriubal e mangue, mas muito abundante de jabotins, que certamente parecem pedras pelo mato; e depois de indagada me disseram os que chegavam das

differentes partes, por onde lhes havia ordenado fossem indagal-a —que pelo meio da dita ilha haviam seus atasqueiros e alguns poços, sem que vissem logar de habilitação de gente, ou vestigios de que alli a houvesse. Largámos do dito porto, e como a maré já enchia fizemos boa viagem por entre a terra e esta ilha, a qual dista da terra mais de uma legua, porém não é muito grande, e o maior comprimento que póde ter será de legua e meia e a largura de meia legua. Depois de passar esta referida vi outra dita ilha mais ao mar que esta, a que os practicos dão o nome de Japioca, e querendo ir a ella portar nos custou bem por causa dos grandes remansos e rebojos d'agua que faz a correnteza vinda do oceano por entre estas ilhas; porém a todo o custo chegámos a ella pelas tres horas da tarde, onde pernoitámos, levando o resto do dia na indagação da mesma ilha, a qual é mais comprida que redonda, e muito mais agradavel que a antecedente: ainda que o seu mato é o mesmo, com tudo tem melhor terreno e muita abundancia de veados. Ella nunca foi habitada de gente, nem era possivel por ser ilha nova, e dizem os practicos que quando ha annos por aqui passaram era esta ilha muito pequena, e d'ella despedia um grande sêcco, e que o resto de que hoje se acha povoada de mato era então capim: ella ha de ter de comprido duas leguas ou mais, e de largura menos de meia legua.

30. Sahimos ao romper do dia continuando o canal que vai dar á terra por uma direcção obliqua, e por outra opposta a esta vai encostar á grande ilha chamada Maracá-assú.

Defronte do segundo furo de enseada vindo do rio Sucurujú fica a ilha do Turury; defronte da terceira a ilha Japioca; e defronte da quarta, que é mui comprida e acaba na foz do rio Carapaporis, dá principio a referida ilha grande de Maracá-assú, onde portei, e me detive o resto do dia 30, e o 1.° e 2.° do mez de Maio na sua indagação, e depois me dirigi em direitura ao cabo do Norte para na regressão indagar os rios e paragens em que os practicos me diziam haver habitantes.

Esta ilha é toda alagada, tendo no seu centro dous grandes lagos, nos quaes ha muito peixe de diversas qualidades, sendo a

maior parte peixe-boi e pirarucú ; o seu terreno é abundante de caranguejos, siris e caramujos : todos estes mariscos são muito grandes e saborosos. A dita ilha é incapaz de habitação por ser muito alagada, e só se poderá habitar por alguns dias em quanto se fazem algumas caçadas ou pescarias, de que achámos bastantes vestigios, como são tujupares, barris, etc., d'onde se vê que aqui vem gente ao referido fim.

Esta ilha ha de ter de comprido, com pouca differença, quatorze para quinze leguas, e de largo sete.

Maio 3.— Pelas seis horas da manhãa fiz viagem, atravessando d'esta ilha para a grande e funda enseada, que segue a costa depois da foz do rio Carapaporis, e continuando costa abaixo fui entrar na foz do rio Macayaré pelas cinco horas da tarde, e com uma grande tempestade. Aqui pernoitámos, e fazendo pelo decurso da noite diversas indagações a respeito do resto e fim da nossa diligencia, me disseram os practicos que d'aqui até Vicente Pinçon se podia ir pela praia; e affirmou o practico Cypriano que vindo uma vez com o tenente Leonardo, e não sabendo bem onde era o tal rio, viram que pela praia vinham algumas pessôas passeando, por cuja razão saltou em terra, e lhes foi perguntar onde ficava o referido rio, ao que elles lhe responderam era mais adiante, depois que virasse aquella enseada (esta referida gente eram Indios e Indias moradores do mesmo rio): o que assim fez, achando certo o que lhe haviam dito, e que agora poderia ser se encontrasse tambem alguma gente, e que esta me désse noticia dos meus pretos : à vista do que saltámos em terra logo que amanheceu.

4.— Ao romper do dia, eu, os dous soldados e o practico Cypriano, e outro Indio chamado João Antonio, nos aprompthámos dando principio a marchar por terra às oito horas, a qual marcha foi custosa por nos ser preciso passar dous igarapés e um riacho, assim como tambem um atasqueiro de lodo pelo joelho ; porém o mais tudo bella praia de arêa, e bem cultivada de aves de muitas qualidades. Chegámos à foz do referido rio pelas tres horas da tarde, e a canôa pelas seis por causa dos muitos ventos ponteiros.

5.— Partimos pelas seis horas da manhãa, e seguindo rio acima achei logo à esquerda um igarapé pequeno, o qual acabou em um pequeno igapó: fez o rio uma grande volta á direita, depois da primeira que foi á esquerda está um pequeno riacho, segue o rio outra volta, onde achei à esquerda um pequeno igarapé, e logo adiante um pequena canôa postada, mas sem gente. Mandei chegar ao dito porto, e desembarcar o practico Francisco Soares com outro Indio mais, para irem ver a gente d'aquella canôa, ou alguma roça que por alli houvesse; e tardando-me estes mais de duas horas sem apparecerem, mandei então o soldado Manoel Felippe com dous Indios, o qual chegou no fim quasi de uma hora, trazendo comsigo os nossos Indios e dous mais que haviam ido na dita canoinha. Estes Indios foram dar com elles depois da passagem de um lago em uma pequena roça, por qual razão houve a dita demora: entraram os referidos na minha canôa, e fazendo-se-lhes algumas perguntas, nos responderam e noticiaram o seguinte: « Que este rio se chamava Calçoene, no qual não havia gente nenhuma, porque dando alli muitas molestias graves, das quaes iam morrendo, se retiraram para o rio Quananin; que elles sómente alli se achavam e mais seis camaradas fazendo uma pequena canôa da parte opposta; porém n'aquella manhãa haviam ido áquella sua antiga e pequena roça ver algumas frutas. » Isto sómente responderam a respeito d'este rio: despedi-me d'elles, e continuando rio acima, o qual faz uma grande volta à direita, achei tres grandes casas ou tujupares, que haverá um anno ou dous que os seus habitantes as terão desamparado; continuei a viagem, e depois do espaço de uma hora achei um igarapé pequeno, que a pouca distancia da sua foz acabou no mato; e fazendo este rio outra volta muito maior, achei á direita um furo que acaba em um pequeno lago, onde no fim estavam outros dous tujupares da parte esquerda, sem gente, assim como os primeiros. Voltei do dito lago, e continuando rio acima, depois de uma volta que o rio faz á esquerda, ha um pequeno igarapé, que acaba no mato, e logo fazendo o rio mais duas voltas, uma á direita e outra à esquerda, ha d'esta mesma parte um pequeno igarapé, que vai acabar em um pequeno lago;

voltando na continuação do rio da parte direita, achei quatro ditos tujupares compridos, mas sem gente e quasi cahidos; fui continuando, e depois de duas proximas voltas que o rio faz, sendo uma á direita e outra á esquerda, está um pequeno igarapé, que acaba no mato, e depois de outra volta do rio á direita segue-se um pequeno e direito estirão, depois do qual faz o rio um largo, em que ambas as margens fazem enseadas, porém logo estreita, onde dão principio algumas terras firmes. Aqui pernoitámos no meio do rio por haver muita praga, mas nem ainda assim se livra a gente d'ella.

Um Indio da minha equipagem chamado João Antonio (que eu já referi na marcha que fiz por terra da foz do rio Mayacaré até este Calçoene) me disse: « Senhor, vamo-nos depressa d'este rio porque é muito doentio; eu já aqui estive com toda a minha familia, e logo que aqui cheguei me morreram dous filhos e outros mais parentes, causa porque me tornei a ir embora; aqui nunca houve povoação mais que tão sómente uns poucos de sitios, em que habitavam algumas familias, as quaes se iam desobrigar ou confessar todos os annos á povoação do rio Quananin; e como aqui davam todos os annos grandes carneiradas, tudo se foi embora: estas eram tão fortes que anoitecia a gente boa, amanhecia inchada, e não durava mais que até ao meio dia: assim vamo-nos embora, quando não ha de nos succeder o mesmo. » Este requerimento do tal Indio foi feito diante dos mais, que logo ficaram suppondo se achavam todos doentes, e que infallivelmente morreriam: ao que me foi preciso fazer-lhes nova falla para os animar e persuadir do contrario, asseverando-lhes que nada nos havia succeder.

6.— Pelas seis horas da manhãa continuei a viagem rio acima, achando á direita cinco casas das referidas, e logo a pouca mais distancia duas, mas tudo cahindo: seguindo rio acima, depois de ter andado hora e meia avistei a cachoeira, a qual tambem é pequena; mas os Indios me dizem que tem mais e maiores. Esta cachoeira é tambem de pedra preta, porém mais rasa que a do rio Araguary, tendo por um lado e outro boas terras firmes.

Voltei rio abaixo, não me sendo necessario advertir os Indios para que remassem, pois o medo das ditas molestias fez com que chegassemos á sua foz pelas quatro horas da tarde, onde fiquei o resto do dia e toda a noite. No dia 7 não fiz viagem pelo vento estar muito forte e ponteiro, e por consequencia muita maresia, havendo n'esta foz um grande baixo, que fazendo pela parte do oceano um semicirculo vai acabar no rio Mayacaré.

De tarde, pelas duas horas, avistámos uma embarcação da parte de baixo, a qual fazia viagem para cima ; mas pela distancia não se podia distinguir que qualidade de embarcação era, parecendo primeiramente navio : porém tanto que se nos foi avizinhando nos pareceu um hiate, segundo mostrava o seu velame, e depois de passar ao largo da ponta d'este grande baixo, pondo-se-nos todo a barlavento voltou ao mar, e depois na direcção de procurar o canal d'este rio, o que assim fez, chegando a nós pelas cinco horas da tarde. Vimos que era um bote armado á hiate, o que eu já havia observado quando deu principio a entrar pelo canal, e que não trazia gente mais que a equipagem, e essa constava de seis homens, vindo tambem em cima da tolda tres mulheres Indias, assim como a equipagem. Quando eu vi esta embarcação, que me pareceu hiate, suppuz ser a guarda-costa de Cayena, porque os practicos e o Indio João Antonio me haviam dito que a referida guarda-costa costumava ás vezes vir até esta altura ; mas logo vi que o não era, tanto que me deu logar á referida observação.

Aportou o dito barco, saltando logo em terra um homem mamaluco e outro amulatado, aos quaes fomos logo encontrar n'esta praia, e saudando-nos uns aos outros, fiz logo a um a pergunta:—Se para aquella parte d'onde elles vinham teria passado alguma canôa com pretos : elle respondeu que não, mas poderia ser que tivessem passado para diante do rio em que elle assistia: ao que logo acudi:—Que rio era ?—assim como outras mais succintas perguntas, que pelas seguintes respostas se poderão mui bem colligir.

Primeiramente respondeu que assistia na povoação do rio Quananin, a qual povoação elle governava com o posto de tenente,

tendo patente passada pelo seu governador: que ia a Carapaporis fazer salga de peixe para levar a Cayena, por assim lh'o ter mandado ordenar o referido seu governador: que havia ido aportar alli porque de onde nós o vimos voltar lhe repontou a enchente, pois ainda que esta fosse favoravel, comtudo a sua embarcação não podia trabalhar n'aquella costa com os grandes mares que a enchente costuma enviar á praia, vindo estes do oceano, e que nem nós nos expuzessemos ao mesmo, pois nos haviamos de alagar na referida costa: que se nós quizessemos acompanhal-o pela manhãa, quando elle sahisse, nos ensinaria como por alli se navegava em taes embarcações, e que juntamente entrariamos pelo rio Mayacaré a ver os pretos, e do mesmo rio nos ensinaria um atalho que vem sahir á costa defronte da ilha Maracá-assú, e que depois navegariamos para Carapaporis e iriamos até á povoação que lá havia, onde poderia muito bem ser nos dessem noticia dos pretos.

Eu lhe acceitei toda a equidade offerecida, accrescentando que os meus practicos não sabiam aquelles caminhos, e que do rio Sucurujú para baixo viemos sem saber por onde; mas como nos haviam dito que para aquellas partes havia gente, razão porque viemos a ver se nos dariam noticia dos taes meus escravos; que já haviamos entrado pelo Calçoene, porém que não achámos ninguem a quem perguntar, admirando-me muito de ver aquellas casas sem gente; ao que nos insinuou da mesma fórma que os antecedentes.

8.—Pelas sete horas do dia, já a maré vasava havia duas horas, sahimos as duas embarcações e fomos rodeando este grande baixo, fazendo aqui a margem um pequeno estirão direito; depois faz uma grossa ponta e logo uma funda enseada; depois d'esta faz uma maior grossura e volta a um extenso comprido; acabado este uma resaca e depois outro dito estirão muito comprido, o qual vai até ao rio Mayacaré, onde ficámos esperando a enchente.

Em toda esta costa ha tres pequenos igarapés, ainda que um d'estes lhe chamam riacho, porém todos acabam no mato.

Chegou a enchente á noite, porém como não era conveniente fazer viagem senão de dia, pedi ao tal tenente que se quizesse

demorar para pela manhã, pois me achava incapaz do estomago: elle logo condescendeu, rendendo-me a fineza de que por meu respeito ia por aquelle caminho detendo a sua viagem.

9.— Pelas seis horas da manhãa fizemos viagem pelo rio acima, e logo á esquerda ha um igarapé que acaba em igapó, pois o mesmo tenente nos ia fielmente insinuando ; e dando o rio volta para a esquerda acha-se outro dito pequeno, e andando outra volta á direita acha-se outro dito muito pequeno, e continuando acima faz o rio mais duas voltas, uma á direita e outra á esquerda, e defronte d'esta se acha um largo fundo com um furo, e querend indagal-o disse ao referido tenente: — Quem sabe se os pretos estarão por aqui escondidos ? — ao que elle respondeu que se queriamos ir, que elle nos acompanhava : o que assim se fez, entrando pelo dito furo, o qual logo acaba em um pequeno lago. Voltámos e continuámos rio acima, e fazendo uma grande volta á direita e outra á esquerda se acham dous pequenos igarapés um defronte do outro, e ambos de nenhuma consequencia, e mais adiante á direita ha outro similhante seguindo o rio acima, o qual dá tres pequenas voltas : ha á direita outro dito igarapé, os quaes todos acabam logo no mato perto da sua foz. Seguindo mais duas pequenas voltas do rio acham-se dous igarapés, a saber, um defronte do outro, sendo o da esquerda muito pequeno e o da direita largo, que tambem vai acabar em um pequeno lago, aonde fomos debaixo do antecedente pretexto ; porém quando sahimos anoiteceu, e aqui ficámos no meio do rio por causa da já referida praga.

10.— Pelas seis horas da manhãa continuámos rio acima, e depois de tres voltas de rio ha á direita um pequeno igarapé, que logo acaba no mato ; segue-se uma grande volta á esquerda, onde se entra pelo dito furo que vem sahir á costa, e o rio continúa voltando á direita, indo dar fim em espaçosos igapós, que um principalmente parece lago, e certamente assim ha de ser pelo que adiante observei do mesmo rio. Vindo pelo dito furo abaixo, depois de duas voltas do dito está á direita um pequeno igarapé ; segue-se outra volta a outro dito tambem á direita, e continuando para baixo um estirão, estão dous ditos pequenos á es-

querda, e dando o dito furo uma grande volta á esquerda faz outra similhante á direita, onde tem outro similhante igarapé á direita; depois de outra volta á esquerda segue-se um estirão comprido, e n'este ha á esquerda outro pequeno igarapé; depois segue mais duas pequenas voltas e faz outra dita muito larga á direita, a qual sahe á costa, onde chegámos pelas quatro horas da tarde.

Este rio Mayacaré e o seu furo são inhabitaveis, porque na maré cheia ou preamar sobe a agua até uma braça pelo mato acima, parecendo tudo um fundo igapó, sendo êste mato um puro xiriubal, e muito abundante de toda a qualidade de praga.

Esta margem onde sahimos fica fronteira á ponta da ilha de Maracá-assú da parte de baixo. Aqui ficámos na foz d'este furo até ao dia seguinte, porque ambas as equipagens não haviam ainda comido desde o dia antecedente, e tambem por ficarmos abrigados.

11. — Pelas seis horas da manhãa sahimos com vento favoravel, e fomos entrar pela foz do rio Carapaporis pela uma hora da tarde.

Esta costa é toda uma funda enseada, e outra similhante e muito mais funda defronte na ilha de Maracá-assú, fazendo aqui uma grande largura de mar.

Continuámos rio acima, e logo fazendo o rio volta para a esquerda, que é bastante larga, faz um fundo onde ha um igarapé que acaba em igapó; virando para a direita faz um grande braço, que tambem acaba em igapó. Aqui faz o rio um largo, que de uma margem á outra ha de ter mais de meia legua, porém tornando a estreitar ha á esquerda um pequeno igarapé que acaba no mato, e continuando um comprido estirão tem no meio um grande fundo, onde está o furo que vai ao lago em que se acha a povoação. Aqui pernoitámos.

12. — Pelas seis horas da manhãa seguimos o dito furo para cima, e depois de um continuado estirão achámos á direita um furo, pelo qual entrámos com a mencionada ficção dos pretos, e á pouca distancia démos em um pequeno lago que depois voltámos,

e continuando rio acima ha outro grande braço ou furo á esquerda, que tambem vai acabar em pequeno lago, tendo da parte esquerda dous pequenos igarapés e outro dito da parte direita.

Este referido furo e outro mais que se segue foram indagados na volta que fiz da povoação, por não ser tão molesto ao dito tenente, e elle não percebesse o fim a que me dirigia. Continuámos rio acima, e depois de duas pequenas voltas, uma á direita e outra á esquerda, segue um grande estirão para a direita, o qual dando volta segue outro dito á esquerda, no fim do qual ha outro furo muito largo, que vai acabar em outro similhante lago que os antecedentes : voltando este dito estirão para a direita segue outro, e no fim entra-se no lago da povoação, á qual chegámos pelo meio dia ; e na continuação de seguir pelo lago para chegar á referida gastámos duas horas, advertindo porém que assim que entrámos no lago logo avistámos a villa, mas sem a ella nos ser possivel o conduzirmo-nos mais breve, nem tambem que deixassemos de ser vistos d'ella.

Chegados que fomos á referida villa, e desconhecendo-nos aquella gente, houve um tal motim e alarido que á primeira vista me pareceu cousa mais séria : mandei á terra o soldado Manoel Felippe e o practico Francisco, os quaes não entenderam aquella giria ; porém logo á carreira vimos vir um Indio, que fallou a lingua geral com os referidos, e foram vindo mais selvagens, que fallavam a lingua aroan. Aqui não se achava o tal tenente, porque ainda no furo nos mandou adiante, temendo que o principal d'esta villa lhe notasse o ter-nos ensinado o caminho ou ir em sua companhia, porém chegou depois hora e meia.

Ao referido soldado mandei á terra ver se ahi se achava o principal ou capitão que governava, para lhe ir fallar ; e vendo ahi não estava, mandei dizer que o fossem chamar, e sem demora correram logo uns poucos de Indios, e deitando ao lago uma canôa pequena se embarcaram, indo chamar o capitão que governa a referida, o qual chegou ao pôr do sol, indo portar em uma grande casa que se acha no lago e distante um pouco da povoação. Mandando á sua casa buscar o seu fato para se vestir,

depois de o haver fèito se tornou a embarcar na sua pequena canôa, e veio a bordo da minha, na qual o recebi com muito agrado e attenção, ao que elle correspondeu com a mesma abraçando-me e beijando-me na face.

Dei principio expondo-lhe qual era a minha diligencia, e a causa que me havia obrigado a ir alli: elle me respondeu que de taes pretos não sabia, e poderia ser tivessem passado para baixo indo até Cayena; mas que primeiramente era preciso que eu lhe dissesse se levava ordem ou outro qualquer papel para poder alli chegar, porque alli não havia ordem de hospedar pessôa alguma sem que mostrasse licença do seu governador, e quando não, serem por elle levados a Cayena. Respondi-lhe por interprete, que é o soldado Manoel Felippe, que não levava papel algum por ter vindo a toda a pressa atraz dos meus pretos, nem faziamos tenção de alli chegar; porém como iamos vendo o logar que os pretos deixavam, fomos em seu seguimento até ao Calçoene, e lá nos haviamos encontrado com o Sr. tenente (o qual já a este tempo se achava presente), e elle nos dissera que sua mercê é que nos podia dar noticia, pois poderia mui bem ser que para alli tivessem ido por haver gente. Tornou elle a responder que não, mas que se informaria da sua gente para ver se alguem lhe dava noticias de ter visto a tal canôa com pretos; e além de outra mais conversação a este mesmo respeito, em a qual se foi o homem compungindo da minha desgraça e falta que os ditos escravos me faziam, me perguntou quando fazia eu tenção de partir: eu disse que não tinha pressa, que pela manhãa partiria, pois queria primeiro ver se achava alguma farinha que comprar, pois me não chegava a que estava na canôa para a torna viagem, por ter vindo longe sem que este fosse o meu primeiro projecto: ao que elle dito capitão logo me disse que ficasse descansado, que pela manhãa havia ter a farinha que necessitasse prompta para a minha viagem; e voltando para o tenente lhe disse que pela manhãa muito cedo lhe fallasse. Despediu-se de mim e dos mais, e se embarcou na sua canôa e foi para a referida casa do lago: o tal tenente tambem largou no seu barco para o lago, porque no porto da villa ou em terra não

se póde dormir com praga: eu fiz o mesmo procurando no dito lago uma livre paragem para que pudessemos bem ver quem se quizesse a nós avizinhar.

A este tempo já eu sabia bem de toda a villa, das suas utilidades e estabelecimento, não só pelo observar, mas sim porque o dito tenente, com quem havia travado amizade e juntamente os soldados, tudo que se lhe perguntava depunha com sinceridade, o que na verdade depois achámos verdadeiro quanto elle havia dito: porém eu sempre reparava que este referido tenente encarava muito em mim, ainda mesmo quando não fallavamos um com o outro, e achando-se n'esta mesma tarde conversando com o soldado Miguel de Freitas, em quanto se havia ido buscar o tal capitão, lhe perguntou: Que posto tem este homem? Respondeu-lhe o soldado:— este homem não é militar; ao que o outro logo acudiu:— pois eu não o conheço? este é filho do tenente Abreu, que no tempo em que eu fui a Macapá ha muitos annos era elle sargento: logo o soldado respondeu: — não ha duvida, é esse mesmo, porém o pai morreu, e elle deu baixa e casou-se com a filha do cirurgião-mór, e alli se acha estabelecido, &c.: e por aqui o foi desimaginando de ser eu militar, e tanto que se póde d'elle despedir me veio logo participar, não me deixando esta noticia nada gostoso, segundo a antecedente conversa que com o capitão houve, chegando-me a dizer que se eu era algum official que lhe mostrasse a minha patente, pois que elle alli mostrava a sua, tirando-a ao mesmo tempo da algibeira e mostrando-m'a, a qual eu vi; razão porque não gostei da tal novidade, e partimos logo para o lago, como já acima referi.

13.— Logo pelas cinco horas da manhãa mandou o referido tenente chegar o seu barco para a casa em que se achava o capitão, e sendo oito horas do dia e vendo que do tal capitão nada resultava do que no dia antecedente havia dito, mandei tirar os marás e remar para a dita casa, em que os referidos se achavam bem acompanhados de Indios, os quaes haviam de ser para cima de sessenta, porém desarmados. Cheguei á dita casa, e disse ao soldado Manoel Felippe que fosse ter com o capitão,

e lhe dissesse que eu queria fazer viagem, se havia farinha a embarcaria, quando não se me fazia tarde e não podia mais esperar : toda esta falla foi de fórma que todos os que estavam em cima do giráo da casa ouviram. Foi o soldado e deu o recado : mas o capitão, que a este tempo já se achava aconselhado com os seus e o tal tenente o como se devia haver a nosso respeito (ainda que quando cheguei à tal casa já elle estava vestido, e querendo-me vir buscar eu não consenti, rogando-lhe que não tivesse incommodo, que eu ahi ia já) disse : Senhores, Vms. não sabem que aqui não póde vir ninguem, e que eu tenho ordem para prender todas as pessôas que aqui vierem, e leval-as a Cayena ? Que me dirá o meu governador sabendo que eu os deixei ir e os não prendi ? Acudiu logo o soldado : e quem é que lá lhe ha de dizer ? Além de que nós não sabiamos d'essas ordens, e ainda que Vm. tenha as ditas ordens, é para as executar com as pessôas estranhas, e não para nós que somos Portuguezes e temos pazes com os Francezes, e somos muito amigos não só d'elles, mas tambem de Vms., porque se nós soubessemos que Vms. eram inimigos, então não vinhamos cá, e tanto que aqui está o Sr. tenente, a quem hontem perguntámos se Vm. era bom homem, se a sua gente nos não offenderia, e elle nos disse que podiamos vir sem receio, que a não ser assim cá não vinhamos. Vendo eu o tal argumento, e antes que passasse a mais, gritei logo pelo capitão, e fui-me dirigindo à casa, o qual logo me veio receber, e depois de nos cortejarmos, com tudo lhe esquecendo o que o soldado lhe havia dito, lhe continuou a responder : Se Vms. fossem nossos amigos não viriam a estes rios furtar a minha gente, e sabe Deus o que Vms. lhe fariam ! Eu nunca tal fiz, nem havia consentir que os meus o fizessem, e que nos fariam a nós se lá fossemos á sua villa ? Acudi logo para que o soldado lhe dissesse o seguinte : Far-lhe-hiamos muito bem, e haviamos tratal-os com todo o agrado ; e esse porta-bandeira que aqui veio buscar a sua gente, parecendo-lhe que n'isso fazia algum serviço, enganou-se, porque assim que chegou logo foi castigado pelo meu governador, e depois remettido ao nosso general do Estado com toda a gente que levou,

sendo lá tambem castigado, e a gente mandada pôr em boas casas e com grande recommendação no seu tratamento. Aqui ficaram todos muito satisfeitos, louvando a boa acção tanto do meu governador como de S. Ex.ª o Sr. general; e sem perda de tempo disse logo o capitão que ahi se achavam dous alqueires de farinha, porém que pediam a duas patacas por cada um; e mandando-lhe logo dar o dinheiro, o não quizeram e só sim effeitos, assim como panno de algodão, polvora e chumbo: então lhe mandei dar duas libras de polvora e quatro de chumbo com algumas balas entremeiadas, e vieram dous alqueires de farinha para a canôa, do que em verdade bem necessitavamos.

D'aqui por diante ficámos muito amigos, desterrando de si todo o panico medo que antes mostrava na sua irresolução, dando-me todo o logar de lhe fazer todas as perguntas e indagações, que pelas seguintes noticias se podem bem colligir, promettendo-me com instancia de que se os meus escravos alli fossem os havia de prender, porém sempre os havia levar a Cayena, assim como já havia levado outros.

Disse elle que os pretos de Macapá haviam passado pelas terras firmes do rio Araguary ás cabeceiras d'aquelle rio Carapaporis e descido pela margem abaixo, onde tiveram uma grande pendencia com a gente pertencente á sua povoação, querendo-lhes furtar as mulheres, porém foram mortos cinco e prisioneiros quatro, os quaes elle havia levado a Cayena, e o seu governador lhe recommendára muito que todos os que podesse apanhar lh'os levasse para depois serem remettidos a seus donos; e no caso que brigassem e matassem alguns lhe levassem um signal, como a cabeça, mão ou pé, pois os queriam pagar a seus donos quando remettessem os mais: que os ditos pretos eram muitos, dando o numero de mais de oitenta, que ninguem lh'o havia contado, elle mesmo os havia visto, de sorte que a maior parte da sua gente morava por aquelle rio acima, e que tudo havia já fugido para o lago com medo dos pretos, que elle se não admirava d'elles fugirem, e nem aquillo era nada a respeito do que succedia em Cayena. Que em Cayena se levantaram os ditos pretos, e custou muito a ficar bem e prender alguns, fugindo a maior parte para

um mocambo grande, que ha dos mesmos pretos na raia de França e dos Hollandezes, de sorte que no rio Maroni se acham dous grandes mocambos mui fortificados de boas estacadas, com muitas armas, sendo os da margem de Cayena escravos dos Francezes, e os da de lá dos Hollandezes, e tendo uns com outros communicações e commercio. Já de Cayena lhe foram dar, mas elles os fizeram retirar, porém pretendem agora dar-lhe por fórma que ou hão de vir ou morrer. Que agora, depois que os Francezes os castigaram rijamente, já não fugiam tanto. Que a esta villa veio um preto baixo e gordo, e aggregando-se á casa do padre o foi servindo, e o padre o foi adjectivando até que o levou a Cayena; porém o velhaco do preto disse ao padre que era escravo em Macapá de uma velha tecelôa chamada Catharina Novaes, e que elle queria tornar com o Sr. padre para se recolher á casa de sua senhora, pois já estava velho e aborrecido d'aquella vida; e com taes gestos e insinuações de verdade que fez com que o padre tambem d'isto participasse, e lhe implorasse o seu regresso para o fim que o dito negro tanto protestava: com effeito condescenderam com a proposta ou representação do padre, deixando voltar com o referido padre o dito preto, o qual assim que chegou á povoação d'ahi a tres dias desappareceu, ficando o padre e os mais todos na intelligencia de que o negro se havia recolhido á casa de sua senhora: o que eu lhe certifiquei ser mentira, e que se elle por lá tornasse apparecer o agarrassem.

Que em Cayena não havia novidade a respeito de guerra, que o anno passado fôra rendido o governador, existindo este que o veio render, o qual era de bom genio e muito caritativo.

Que depois da foz, dando o rio uma volta n'este de Carapaporis, se fez alli uma fortaleza, a qual era pequena com cinco peças de artilharia, e a sua guarnição constava de um capitão, um sargento, vinte soldados, um cirurgião e um escrivão; fortificação que foi feita para impedir a passagem do rio a toda e qualquer pessôa que não fosse dos limites de Cayena, de sorte que quando passavam as canôas lhes fallava a sentinella por uma bozina, e se estas não respondiam, indo logo á falla, lhes atiravam um tiro de peça com bala para mettel-as no fundo.

Que n'esta povoação se achava um grande armazem pertencente a esta fortificação, o qual ardeu pela razão do seu fiel querer matar umas cobras com fogo, mas com tão máo successo que logo lhe pegou no armazem, o qual ardeu com tudo quanto n'elle havia, e este se ausentou para o não castigarem, pedindo a um soldado nosso, que então ahi se achava ausente, que lhe viesse ensinar o caminho, o que assim succedeu embarcando-se ambos em uma canoinha; e trazendo-o pelo já referido lago d'El-Rei o veio deixar ao pé da feitoria, onde se achava o tenente Leonardo, que então era porta-bandeira, e sendo achado pelo soldado Manoel Felippe o trouxe em sua companhia a entregar.

Este armazem constava de todas as munições de guerra e de bocca pertencentes á referida fortaleza, assim como tambem dinheiro com que o capitão fazia pagamento aos soldados e comprava quanto fosse necessario áquella guarnição.

Vendo o governador de Cayena o máo successo do armazem e as incessantes molestias e mui graves que acommettiam a guarnição d'este forte, pois não bastava haver ahi um cirurgião para que deixassem de continuadamente serem os doentes levados a Cayena, os quaes quando lá chegavam iam a maior parte d'elles mortos, além do grande horror que já os soldados haviam tomado a este destacamento: mandou prudentemente retirar para Cayena este destacamento com todas as suas competentes munições e arrasar o mesmo forte, e até ao presente se não tem cuidado em fazer outro, nem n'isso se falla em Cayena, onde é sempre abominado tal presidio. Esta referida retirada dizem haver oito para nove annos que foi feita.

A respeito das mesmas molestias, disse que o seu vigario tambem se havia ido curar a Cayena de uma grande enfermidade, que repentinamente o atacou.

Esta povoação tem vinte e nove casas, ou para dizer melhor tujupares, pois só são cobertas por cima, a qual cobertura é de folha de pacoba sororoca, sendo-lhes d'esta fórma necessario cobril-as todos os annos: igualmente é a sua construcção de madeiras mui podres, assim como são tocumaseiros e outros simi-

lhantes de que são erigidas; porém em cada casa ou tujupar d'estes se recolhem muitas familias por serem compridos e todos de girão. O seu orago é S. Francisco Xavier, e o templo ainda que tem melhor madeira é coberto da mesma palha ou folha de pacoba, porém mais bem separada, tanto na tal cobertura como na sua circumferencia.

Estes habitantes, ainda que baptisados, com tudo o seu tratamento é em todo gentilico: elles andam nús, trazendo sómente uma pequena tanga ou reparo á sua desnudez, sendo o cordão que segura esta tanga duas meiadas compridas de differentes missangas, untando-se na cara e em varias partes do seu corpo com tinta de urucú; excepto o capitão, o qual se chama Francisco Xavier, que sempre me appareceu vestido de farda encarnada, com bandas, cabeção, canhões e forro azul, pendente no pescoço, na altura do peito, uma gola de metal amarello dourado, e n'ella as armas de França: na farda da banda esquerda pendente de um bom laço de fita uma veronica de prata, que elle mesmo disse lhe havia dado o seu governador por ser uma das distinctas insignias de França, na cintura uma banda encarnada similhante á dos officiaes militares, seu chapéo com galão, e a sua bengala com castão liso de prata, tudo muito aceiado, assim como tambem a mais roupa toda. As mulheres cheias de missangas pelos braços e pernas, e ao pescoço uma grande immensidade de dentes de diversas qualidades de bichos, sendo a sua total compostura um curto saiote, á excepção de todas terem a sua roupa com que vão á missa; mas logo que sahem do templo se põem n'este traje, por ser ainda o que mais amam.

Estes individuos vivem ociosamente, porque sómente fazem as roças de maniba, e essas mui pequenas, quanto só lhes chegue ao anno, usando muito da mandióca nos payúarús e outros similhantes vinhos e bebidas da sua especialidade.

Os lucros d'esta povoação são as muitas salgas de peixe e potes de manteiga, que vão fazer aos nossos lagos, o qual peixe e manteiga vão vender a Cayena; pagando-lhes lá o peixe a tres patacas a arroba, e os potes de manteiga a quatro patacas, sendo este negocio quasi todo do capitão e vigario da villa, e vindo

por este modo a lucrar o nosso prejuizo. Esta referida povoação tem para cima de duzentas pessôas, segundo o calculo da minha observação, por não achar quem bem me informasse do seu numero; e a razão é porque sómente no recinto d'esta villa achei mais de cem pessôas, incluindo homens, mulheres e crianças de ambos os sexos, além de haver pelo decurso d'este mesmo lago muita mais gente repartida ao governo de dous principaes que ha mais, porém subordinados a este capitão, o qual governa em tudo e por tudo responde.

Achando-nos em acção de nos despedirmos uns dos outros, fallámos a respeito da ilha Maracá-assú e das terras em que elles habitavam, sendo-me preciso para os ouvir formar-lhes a simples duvida do seu senhorio : ao que elles logo responderam que aquellas terras eram de França, pois os mesmos Francezes lhes diziam que elles podiam vir até á margem do rio Araguary, onde finalisavam os seus limites, porém que não entrassem no rio, pois já era dos Portuguezes.

A respeito da ilha de Maracá disseram, tanto o capitão como o referido tenente chamado Valentim, que aquella ilha era muito farta, que haviam dentro dous lagos grandes e abundantes de peixe; porém que no dia de hoje se achavam algum tanto destruidos dos Francezes, pois quando os navios sahiam de Cayena costumavam ir alli fundear, mandando nas lanchas gente á dita ilha pescar os peixes-bois, porém só a fim de se utilisarem da sua manteiga, deixando então os cadaveres dos ditos peixes em sêcco, dos quaes se seguia haver tal fedentina que nem pelo pé da ilha podiam passar; á vista do que fizeram os principaes e commandantes das villas circumvizinhas um requerimento ao seu governador, propondo-lhe aquella destruição e o damno que fazia aquella podridão, ao que deferiu prohibindo aos navios de lá tornarem; isto succedendo ha dous para tres annos, até ao presente não tem tornado. Despedi-me dos referidos com toda a amizade e attenção, ao que tambem me corresponderam com o mesmo, e sahindo ás quatro horas da tarde, vim chegar á foz do furo pelas dez horas da noite, ajudado da boa correnteza do lago e dos mais que se acham vizinhos ao rio.

14.— Pelas seis horas da manhãa larguei, e passei á outra banda do rio a ver o logar em que foi edificada a referida fortaleza ; e saltando em terra achei uns pequenos montes de barro ou tejuco, vindo bem a perceber que a dita fortificação fôra feita de fachina, achando-se presentemonte em estado de se não conhecer a sua qualidade por causa das chuvas e o mato nascido desde o tempo que a deixaram até ao presente, parecendo do rio pelo crescimento do mato que tal roçado para a referida edificação alli se não fez ; porém segundo os visos que percebi, parece-me que seria um pequeno reducto. Continuei rio acima, e depois de um grande fundo de enseada se acha um largo furo, que vai acabar em um pequeno lago ; defronte da foz deste furo está um pequeno igarapé, que acaba no mato, e seguindo rio acima, depois de uma pequena volta á direita ha um pequeno igarapé, e logo defronte cinco tujupares já meio cahidos e sem gente, e continuando acima achei quatro pequenas roças de maniba, mas de todo destruidas e cheias de mato. Seguindo acima achei na ponta que o rio faz á esquerda outro largo furo, e seguindo-o achei logo á direita um pequeno igarapé, e a pouca distancia outro referido á esquerda, e seguindo-se um estirão á direita fui chegar a um lago não pequeno, que na sua circumferencia tem tres pequenos igarapés ; virei pelo furo abaixo, e na sua foz pernoitei.

15.— Pelas cinco horas da manhãa segui o rio para cima, achando á esquerda um pequeno igarapé, e continuando o referido rio, depois de duas largas voltas e fundas enseadas faz o rio um largo, havendo á direita um furo, que vai acabar em um pequeno lago bem proximo ao rio ; depois de passar o dito largo do rio e este estreitar, ha á esquerda um pequeno riacho, e defronte duas casas pequenas similhantes, e fazendo uma volta grande á direita dão principio umas terras firmes da parte esquerda, d'onde avistei umas serras, que são as em que este rio faz as cachoeiras, as quaes serras são a guia dos pretos de Macapá que se acham na margem do rio Araguary, vindo pela sua direita dar n'este rio. Aqui pernoitámos, e me adoeceram tres Indios com bastante febre.

16.— Pelas seis horas da manhãa voltei rio abaixo, e vim pernoitar na foz do furo antecedente a este referido; porém como a noite estava boa, a gente adoecendo, e no dia seguinte já havia de dar a pororóca, mandei puxar até sahir a foz do rio, e sendo-me o vento favoravel, vim pernoitar ou quasi amanhecendo na ilha Turury, onde a gente descansou e fez de comer.

Este referido rio de Carapaporis é muito largo na sua foz, a qual ha de ter uma legua, e assim continúa um grande espaço, e depois vai estreitando, mas sempre largo. Elle é agradavel, muito farto de caças e peixe, e tem excellentes terras para a cultura.

Quando viemos do cabo do Norte com o tenente Valentim, e entrando por este de Carapaporis, me contou a novidade seguinte: « Que de Cayena, haverá cousa de seis annos, sahiu uma tropa com um engenheiro e mais officiaes militares, e entrando por certo rio, que elle não disse por não saber, e saltando em terra fizeram marcha até ao rio Araguary antes das suas cachoeiras, e lá haviam feito canôas, e descendo pelo dito abaixo se recolheram a Cayena » : e foi sómente o que disse a este respeito, dizendo que não sabia mais nada. E tendo-lhe nós contado que indo em certo tempo ao lago d'El-Rei haviamos lá achado uns barris estranhos, elle nos affirmou serem da gente que lá ia fazer peixe, e que os taes barris costumavam vir de França para Cayena cheios de sal; e que os que eram de doze almudes até treze custavam em Cayena duas patacas, e outros de dobrada porção quatro, certificando haver furo pelo rio Carapaporis.

17.— Depois da gente ter comido e descansado cousa de duas horas, partimos com tenção de irmos chegar ao rio Sucurujú e fugir d'esta ilha, onde principia a tal grande pororóca; porém o tempo pôz-se bom e o vento favoravel, de sorte que pelas seis horas da tarde entrava pela foz do rio Araguary, e indo passar pelo furo cheguei á canôa grande pelas duas horas da noite, em que se achava á minha espera o cabo de esquadra, pois assim lh'o havia ordenado pela canôa grande não poder fazer a referida viagem, que eu sómente fiz na montaria com os soldados e dez Indios.

18.— Pelas cinco horas da manhãa, achando-se que estava boa e que o terral favorecia, fiz largar as duas canôas costa acima, e sendo onze horas da manhãa ou pouco mais sahiu do igarapé da ponta do Pixuna o porta-bandeira Gregorio José Rodrigues Chaves a encontrar-me, e chegando a bordo da minha canôa me fez entrega das novas ordens do Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Sr. general do Estado expedidas pelo meu governador, em virtude das quaes segui viagem em direitura á cidade.

Belém do Pará, 26 de Maio de 1791.

Manoel Joaquim de Abreu,

Ajudante da praça de Macapá.

VIAGEM

DE THOMAZ DE SOUZA VILLA REAL

PELOS RIOS TOCANTINS, ARAGUAYA E VERMELHO

Acompanhada de importantes documentos officiaes relativos á mesma navegação

(Copiada do manuscripto original offerecido ao Instituto pelo Sr. Dr. Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.)

Ill.mo e Ex.mo Sr.— Com dous annos quasi de demora chegou nos fins do mez passado a esta cidade Thomaz de Souza Villa Real, cabo da expedição mercantil, que d'ella havia sido feita pelos negociantes Ambrozio Henriques e seus socios, a fim de explorar e reconhecer a navegação dos rios Vermelho e Araguaya, que se julgava poderia permittir a communicação e commercio para a capital de Goyazes, e para a mais importante parte d'aquella capitania.

A dita exploração e reconhecimento, de que vou a dar conta, não só correspondeu, mas excedeu, quanto a mim, ao que se pudera desejar; e se em toda a occasião fôra esta descoberta de grande interesse pelo notavel accrescimo que deve produzir na cultura e no commercio de uma e outra capitania, na presente conjunctura ainda a considero mais importante pela facilidade dos promptos soccorros, que esta póde receber d'aquella offerecendo-se a occasião de os precisar.

Na participação n.º 1 e no diario n.º 2 vê V. Ex.ª a digressão que fez o dito Thomaz de Souza Villa Real á custa de seus constituintes e sua, em virtude da recommendação que lhes fiz; e pelo mesmo diario e participação se vem a reconhecer que se a navegação e communicação d'esta com aquella capital é um pouco mais extensa que a navegação e communicação com

Barcellos, ao que se póde julgar da estimativa, em que desde já apparece algum excesso, se tem mais do que esta o incommodo de se haverem de conduzir por terra os generos que se remetterem por algumas poucas leguas de distancia, e tambem alguns passos mais estreitos e difficeis pelos canaes em que desemboca o rio entre cachoeiras e pedras ; tem por outra parte a incomparavel vantagem de permittir o commercio e communicação não só com aquella capital, senão tambem com os habitantes do Cuyabá, que precisamente ha de ser cada um de per si muito mais importante que não é o commercio da capitania do Rio Negro, e talvez mesmo que o da capitania de Mato Grosso, apezar de todas as grandes difficuldades da sua navegação extensa quasi em dobro do que esta de que se trata. Accresce a estas circumstancias outras de não menos ponderação, e vem a ser que o commercio e navegação do Mato Grosso pelo rio Madeira não vem a padecer detrimento algum, porque os habitantes do Cuyabá se não proviam d'aquelle commercio, mas do que vinham buscar a Villa-Boa por estrada de terra; que a navegação pelo Araguaya não é por climas doentios, de que possa provir inconveniente ás esquipações das canôas ; que para estas subirem e descerem ha na capitania de Goyazes muitos Indios e mestiços até agora inuteis, com que se podem esquipar, resultando-lhes conveniencia proporcionada á que resultará á capitania em que vivem, e a esta cujos habitantes não vem a distrair-se de outras repartições para se entregarem áquella ; e finalmente até nas margens d'este grande rio temos ainda onde fazer importantes serviços á Sua Magestade, augmentando o numero de seus vassallos com os muitos gentios que as povoam, e que depois de aldeados podem vir a ser as suas povoações tão uteis para a commodidade d'esta navegação, como presentemente são, e tem sido desde muito tempo as que temos pelo Amazonas e outros rios tributarios d'elle.

Entre estas nações de gentios ha a dos Carajás, que costumando nos verões descer até Alcobaça, eu pude conseguir no anno passado que viessem a esta cidade em numero de doze ou treze comprehendido o seu principal, e sendo tratados com o

agazalho e humanidade que elles merecem e que determinam as reaes ordens de Sua Magestade, resultou que descendo o mencionado Thomaz de Souza n'este anno, não só achou n'elles todo o bom tratamento e amizade, mas até vieram os principaes de duas aldêas com mais de sessenta Indios acompanhal-o, ensinando-lhe os canaes das cachoeiras, e servindo-lhe de guarda contra os seus inimigos Apinagés, que habitam na bocca do Araguaya, e que nos tem algumas vezes offendido vindo acommetter os moradores de Cametá em seus sitios. Dos dous ditos principaes um ficou em Cametá com o maior numero de Indios, com que regressou; o outro veio á esta cidade, e promettendo assistir e soccorrer com Indios as esquipações que subissem, voltou muito satisfeito por se lhe ter dado um insignificante vestido de durante, e algumas camisas e calções de panno de algodão aos outros, além de trinta machados e outras tantas fouces que lhe foram dadas, e pediu para fazer as suas roças e lavouras. Diz Thomaz de Souza que esteve nas povoações d'elles, que vira em uma mais de seiscentos homens de serviço; e os Apinagés, que é nação muito mais poderosa e industriosa do que aquella, talvez poderemos sem difficuldade conciliar pelo commercio, visto que nos roubos que tem feito em Cametá se contentam com as ferramentas que precisam, e que lhes poderemos dar, e visto que a exemplo de uns os outros se hão de successivamente reduzir pelo decurso do tempo, quando percebam as vantagens que lhes podem resultar.

O principal dos Carajás, que veio no anno passado á cidade, requerendo-me auxilio para se recolher livre dos insultos que houvera de receber dos Apinagés, e requerendo-me que queria descer e vir situar-se perto de Alcobaça, mandei um furriel com cinco ou seis soldados em duas montarias ou igarités a reconhecer a povoação d'elles e a navegação d'aquelle rio: no seu regresso apresentou com effeito o diario n.º 3, e referindo-se ao que lhe disseram aquelles Indios da navegação da parte superior do mesmo rio, veio a fazer-me crer que era impraticavel pelas muitas cachoeiras que interceptavam a sua corrente. Agora o mesmo diario serve para se ver que se elle em trinta e dous dias de uma navegação intentada de novo chegou á povoação dos Ca-

rajàs, depois da qual só ha uma cachoeira de facil passagem; com outros tantos e menos ainda chegaria a Villa-Boa, vindo a ser de dous mezes o tempo necessario para se mandar um aviso d'esta áquella capital, em quanto não fôr mais frequentada a navegação, pois então será muito mais breve; e quanto ao tempo necessario para o regresso, como Thomaz de Souza gastou cincoenta dias vindo a descobrir, devo crer que em vinte até trinta dias póde descer qualquer expedição. Em tres mezes consequentemente podem estar n'esta capitania os soccorros que se pedirem d'aquella, estando prevenidos e dispostos, e esta é a mesma demora de tempo que será precisa para chegarem os do Maranhão, a estar occupada a costa, impedida a navegação d'ella, e livre sómente a communicação de terra, tanto mais difficil do que aquella pela falta de povoações e de viveres.

Por estes motivos, independente do accrescimo da cultura que deve experimentar a da capitania de Goyaz encerrada até agora nos limites que prescrevia o consumo interior de seus habitantes, me parece de summa importancia para o serviço de Sua Magestade que a navegação pelo dito rio Araguaya seja frequentada, povoando-se e cultivando-se as suas margens. Eu para este fim vou a concorrer quanto posso, animando aos mesmos negociantes que mandaram fazer tão importante descoberta a que façam expedir já algumas canôas com negocio, e assim ficaram de o fazer, supposto experimentem bastante desembolso e risco não só pelo que mandarem agora, como pelo que mandaram para supprir as despezas d'aquella navegação, e ainda não receberam: da parte de Goyazes está o mais não só por ser do seu districto, como por faltarem n'esta os meios que não ha para distrahir agora menos que nunca, e por esta mesma causa me parece que pela dita capitania se deve pôr na confluencia dos dous rios Araguaya e Tocantins algum registo, que virá a servir para o commercio que se fizer com a capital e com os arraiaes por ambos elles, como escrevo ao governador e capitão general da dita capitania na carta n.º 4, em resposta á que me dirigiu n.º 5.

A serem estas disposições conformes á real intenção de Sua Alteza, como me esperanço e devo crer, devo tambem pôr na

presença de V. Ex.ª que assim o capitão Ambrozio Henriques e seus socios o capitão Feliciano José Gonçalves e Manoel José da Cunha, como Thomaz de Souza Villa Real, tendo emprehendido e conseguido fazer á sua custa e com despeza não insignificante uma descoberta, que aliás custaria bastante cabedal á real fazenda, se vieram a fazer dignos da real consideração de Sua Alteza com a mercê que fôr servido fazer-lhes, e que haja de animar a outros para similhantes emprezas, de que possa provir igual utilidade ao seu real serviço e ao interesse publico. Usando da jurisdicção que me é concedida, eu nomeei ao dito Thomaz de Souza capitão de uma companhia de auxiliares do terço em cujo districto reside, mas é certo que elle carece de alguma mercê de que lhe possa provir utilidade, e que tudo quanto Sua Alteza Real determinar ha de ser mais conveniente e util.

Deus guarde a V. Ex.ª, Pará 8 de Março de 1793.— Ill.mo e Ex.mo Sr. Martinho de Mello e Castro.— *D. Francisco de Souza Coutinho.*

N.º 1.

Ill.mo e Ex.mo Sr.— No dia 25 do mez passado veio aportar n'esta cidade Thomaz de Souza Villa Real, e por elle nos foi entregue o diario da sua navegação pelos rios Vermelho e de Araguaya, que foi a explorar e reconhecer em satisfação do que V. Ex.ª nos havia recommendado quando nos convocou para darmos principio ao commercio e navegação que Sua Magestade havia permittido pelo rio Tocantins para a capitania de Goyazes, e que até esse tempo só era praticavel para os arraiaes de S. Felix, Natividade e outros adjacentes, de que pouco interesse pudera resultar pela decadencia das suas minas, pobreza dos seus habitantes, e grande trabalho d'aquella navegação.

Este diario é o que apresentamos a V. Ex.ª, e como comprehende só o espaço que navegou o mesmo Thomaz de Souza Villa Real desde o porto da Barra do Ferreiro, em que embarcou no Rio Vermelho, até á povoação do registo de Alcobaça, nos pare-

ceu acertado informar a V. Ex.ª, de toda a sua digressão, e tambem de algumas outras circumstancias attendiveis, que fazem mais importante a descoberta d'esta navegação, e communicação d'esta capital com a de Goyazes.

Sahindo d'esta cidade no dia 5 do mez de Fevereiro de 1791, seguiu o mencionado Thomaz de Souza Villa Real a sua viagem até ao arraial do Carmo, onde demorando-se o pouco tempo, que lhe foi indispensavelmente preciso para despedir as canôas e a gente, com que havia subido para aprromptar a que devia levar comsigo para Villa-Boa para construir as canôas, em que havia de descer, e para entregar ao correspondente que procurámos a insignificante carregação de tres contos de réis, que lhe haviamos confiado mais para o fim de supprir as despezas avultadas, que elle fez e havia de fazer, do que para utilidade que houvessemos esperar, ultimamente partiu, e atravessando por terra o espaço de cento e oitenta leguas chegou a Villa-Boa em 21 do mez de Abril do dito anno de 1791, em que se apresentou ao Sr. Tristão da Cunha e Menezes com as cartas de V. Ex.ª

Desde logo achando em S. Ex.ª toda a protecção e favor, começou a dispor-se para a viagem que devia fazer, mas sempre teve que demorar-se n'aquella villa oito mezes, não tanto para se aprromptar, como para esperar que o Rio Vermelho tomando aguas permittisse a navegação. Todos aquelles habitantes lhe asseveraram as muitas difficuldades que devia encontrar, e que receavam não pudesse vencer, consistindo ellas principalmente na vigorosa resistencia que havia achar nas muitas e muito barbaras nações de Indios, que povoavam as margens d'aquelles rios, e que já haviam insultado uma bandeira, que o Sr. barão de Mossamedes governando aquella capitania havia mandado a diversos reconhecimentos, supposto que sómente houvesse navegado no rio de Araguaya o espaço que decorre desde o sitio chamado do Bananal, onde embarcaram, até pouco abaixo das povoações dos Carajás, deixando para reconhecer todo o restante espaço para baixo e para cima tambem, por terem vindo por estrada de terra, que então havia desde os arraiaes de Amaro

Leite e do Crixá até á dita situação do Bananal, em que tambem havia fazenda: mas S. Ex.ª o Sr. general d'aquella capitania sempre o procurou animar a que emprehendesse a sua descoberta, e para o mesmo fim mandou em sua companhia o ajudante João Barreiro Rangel, que residia em sua casa, e que infelizmente veio a fallecer em viagem.

Provido do que lhe foi necessario, sahiu Thomaz de Souza Villa Real do porto da foz do Ferreiro no Rio Vermelho em 22 de Dezembro do anno passado, ficando aquelle porto quatorze leguas abaixo da villa o mais proximo d'ella que permitte navegação mesmo a pequenos botes, como eram os que elle tinha feito: assim mesmo as restantes trinta e quatro leguas que estimou navegar até á foz do Rio Vermelho lhe deram bastante trabalho por ser este rio pouco rico de aguas, e por ser o seu fundo em partes de pedra, que ainda oppondo grande obstaculo á navegação, vem a ser este menor do que é o de passar as canôas ou botes nas paragens em que o fundo é de arêa, e tão brando que não aguenta as estivas sobre que se poderão arrastar as canôas; e accrescendo a estas circumstancias as que tambem pondera o mesmo Thomaz de Souza, de ser a navegação d'este Rio Vermelho só praticavel até aquelle porto em tempo de aguas, e d'ahi até á villa só em muito pequenas embarcações e na maior força das aguas, occasião que raras vezes se poderá aproveitar pela promptidão com que as despeja este rio, vem a ser certo o que elle pondera, e é que sempre se ha de effectuar por terra em cavalgadura a conducção dos generos, que se houverem de remetter d'esta cidade, supposto seja facil a providencia que se precisar.

Tres dias de viagem em canôa pelo rio Araguaya e acima da foz do Rio Vermelho fica a fazenda do Zeda, d'onde passam os negociantes que vem do Cuyabá a buscar generos de commercio ou a Villa-Boa, ou quando os não ha n'essa villa ás Minas Geraes e a S. Paulo com grandes viagens por terra; e como o rio não offerece obstaculo algum até aquella situação, está já reconhecido, e de uma ou outra fórma sempre se hão de descarregar as canôas em distancia da villa, com o que vem

a ser necessaria e indispensavel a conducção de terra, devemos crer que aquella fazenda distante de Villa-Boa oito dias de viagem é o mais proprio porto para se descarregarem, e para se conduzirem os generos ou para a dita villa capital ou para o Cuyabá, circumstancia que bem compensa o descommodo da conducção de terra, e que faz mais importante a descoberta d'esta navegação, sendo talvez não menos avultado que o de Goyaz o commercio dos habitantes do Cuyabá, até agora obrigados a buscar por terra com grandes riscos e despezas os generos de que careciam, e de que não eram providos, como são e podem ser os habitantes do Mato-Grosso pela navegação dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé para Villa-Bella, cujo commercio não vem em consequencia d'esta navegação a experimentar detrimento algum.

Mais abaixo da foz do Rio Vermelho fica a do Rio dos Ferreiros e do Crixá, que admitte a navegação até certa distancia conforme a estação das aguas, sendo sempre necessaria a conducção por terra para Villa-Boa, supposto se possa encontrar mais alguma commodidade por haver perto das cabeceiras d'estes rios fazendas d'aquelles habitantes, e depois d'estes não tem este rio de Araguaya outros alguns que desaguem n'elle, e apenas alguns lagos pela sua margem oriental, que foi a que navegou o dito Thomaz de Souza Villa Real, desde que o rio se divide nos dous braços com que vem a formar a grande ilha de Santa Anna. O que decorre pela margem oriental, e se chama Bananal, não tem cachoeira alguma, nem todo o rio para cima, e o segundo da margem occidental da ilha é desconhecido, e só se sabe que desaguam n'elle varios rios, cujas cabeceiras se presumem proximas ao Cuyabá, e que esta margem do Araguaya é muito povoada de gentio de diversas nações.

Muito abaixo da ilha de Santa Anna estão situados os Carajás, e passando a primeira situação d'elles se encontra a primeira cachoeira do rio de Araguaya, que além de algumas entaipavas vem a ter quatro cachoeiras até confluir com o Tocantins. D'estas quatro a mais difficil é aquella a que Tho-

maz de Souza denominou Carreira grande; todas ellas porém tem canal, em tempo de aguas estão cobertas, e em tempo algum é preciso varar as canôas por terra, como succede na trabalhosa navegação do Mato-Grosso. Da confluencia dos dous rios Tocantins e Araguaya para baixo ha as tres cachoeiras que são bem conhecidas, mas que tambem tem canal, e todo o trabalho maior que se vem a encontrar é o de descarregar as canôas e passal-as á sirga na Praia grande, no furo da Itaboca e na cachoeira do Tauary em tempo de sêcca, e no das aguas só no furo da Itaboca, passando as cargas por terra para evitar algum risco maior no impeto da corrente.

D'esta navegação até á confluencia dos ditos dous grandes rios todos tem noticia por ter sido já frequentada a de Tocantins até ao Pontal, e de Araguaya já V. Ex.ª tinha tambem noticia pela que haviam dado os Carajás no anno preterito quando V. Ex.ª os attrahiu a esta cidade, e quando V. Ex.ª os mandou acompanhar á sua povoação para os preservar do insulto dos outros gentios, e para certificar-se do que annunciavam e promettiam: mas d'ahi para cima sempre se julgou o Araguaya impraticavel pelo que diziam estes mesmos gentios das suas cachoeiras, quando presentemente se vem a saber que da ultima povoação d'elles para cima não ha mais obstaculo, e que até o rio tem muito fraca corrente, pelo que tanto mais se facilita a subida. Concorre tambem presentemente para mais se facilitar a boa intelligencia em que estão os Carajás, que até promettem auxiliar com Indios para remeiros as esquipações que subirem; e tambem concorrerá muito a mesma boa intelligencia com os Apinagés que habitam na bocca do Araguaya se puder conseguir-se, porque se reputam muito mais industriosos e applicados á cultura, e se diz que tem grandes roças de farinhas, genero muito util para soccorrer as expedições, que poderão destinar para carga grande parte do porão das embarcações, que aliás occuparáõ com mantimentos, que em tal caso não vem a precisar senão para pouco tempo, tendo onde se refazer do que lhes falte.

Segundo o diario que apresentamos a V. Ex.ª, reputa Thomaz de Souza Villa Real em quarenta e oito leguas a distancia de

Alcobaça até á confluencia dos rios Araguaya e Tocantins, em sessenta e uma a que é preciso andar da bocca d'este rio até chegar á primeira povoação dos Carajás, e em duzentas e onze a restante até á foz do Rio Vermelho ; vindo a ser de trezentas e vinte a total distancia de Alcobaça até á foz do dito Rio Vermelho, á qual addindo-se cincoenta ou sessenta leguas, que será pouco mais ou menos distante Alcobaça d'esta cidade, e bem assim quinze ou vinte que distará a fazenda do Zeda da foz do Rio Vermelho, será conseqüentemente a navegação d'esta cidade até á fazenda sobredita de quatrocentas leguas pouco mais ou menos, com tão poucos obstaculos, quaes os que se referem.

Esta distancia pouco excede á que é preciso navegar d'esta cidade até Barcellos, e muito menos se não é mais prolongada e trabalhosa a do Alto Rio Negro e a do Solimões ; consequentemente os habitantes da capitania de Goyazes virão a ter, além da maior commodidade nos preços dos generos da Europa que precisarem e comprarem, a facilidade de os satisfazerem com os productos da sua cultura, que até agora eram obrigados a encerrar nos limites que prescrevia o seu consumo interior. D'estes generos o assucar, de que S. Ex.ª o Sr. general d'aquella capitania queria que Thomaz de Souza Villa Real trouxesse logo alguma porção, dizem que póde fazer objecto não só para o consumo d'esta capital, mas para a exportação ; e tambem o café e o algodão, que supposto tenham por agora preço mais subido, poderáõ vir a ficar mais commodos, havendo maior abundancia pela maior cultura ; e não só poderáõ aquelles habitantes vender estes e outros generos aos que levarem os da Europa, mas tambem vir a esta cidade trazer aquelles e buscar estes, não carecendo esta navegação de grandes comboys e menos de numerosas expedições, uma vez que não ha varadouros em que seja preciso arrastar as canôas.

Ajuntamos aqui uma cópia da carta que o Sr. Tristão da Cunha Menezes teve a bondade de escrever a nosso socio o capitão Ambrozio Henriques, encarregado d'esta expedição, e à vista d'ella e do que fica referido ousamos persuadir-nos que satisfazendo á recommendação de V. Ex.ª, tivemos a fortuna de conse-

guir da despeza que empregámos o feliz resultado que procuravamos, e era o de fazer um importante serviço a Sua Magestade, e aos habitantes d'aquella e d'esta capitania, que tem como nós temos a honra de ser fieis vassallos da mesma Senhora.

Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos. Cidade de Belém do Grão Pará, em o 1.º de Março de 1793.— *Feliciano José Gonçalves.— Manoel José da Cunha.— Ambrozio Henriques.*

Sr. capitão Ambrozio Henriques.— O pardo Thomaz de Souza Villa Real, encarregado por Vm. da exploração dos rios navegaveis d'esta capitania, por insinuação do Exm.º Sr. general d'esse Estado, me entregou com as cartas de S. Ex.ª a que Vm. me dirigiu datada de 5 de Fevereiro do anno preterito: e supposto eu tenha procurado todos os meios de abreviar a referida expedição, ainda agora é que me é possivel fazel-o seguir para essa cidade, onde de viva voz exporá a Vm. as vantagens que podem resultar do commercio á que Vm. se propõe; os generos de mais consumo, os preços em que ordinariamente se reputam, a permutação que dos mesmos se poderá fazer com os produzidos no paiz; e finalmente a grande exportação que terão para as capitanias de Mato-Grosso e Cuyabá, cujos commerciantes precisamente hão de passar por esta villa, e achando generos em que possam preencher as suas receitas, certamente os não irão buscar aos portos de mar. Queira Vm. contar sempre comigo para tudo quanto fôr do seu obsequio.

Deus guarde a Vm. muitos annos. Villa-Boa 6 de Outubro de 1792.— De Vm. attento venerador e servo — *Tristão da Cunha Menezes.*

N.º 2.

Diario da navegação que fez Thomaz de Souza Villa Real pelos rios Tocantins, Araguaya e Vermelho, desde Villa Boa, capital de Goyazes, até á cidade do Pará.

Rio Vermelho.

Dezembro de 1792.

Sabbado 22.— Embarquei-me na Barra do Ferreiro, em distancia de quatorze leguas de Villa-Boa, por não ter agua o rio para

descer do porto d'ella; e navegando um quarto de legua topei uma cachoeira sem canal, onde foi preciso tirar toda a carga e passal-a á mão encostada á parte direita: ahi fiz pousada.

Domingo 23. — Sahi pelas sete horas, logo em pouca distancia uma entaipava e canal encosta á parte direita, e não muito fundo; passei as canôas com toda a carga, e logo mais abaixo uma cachoeira, onde me foi preciso tirar toda a carga das canôas; esta tem comprimento e sem canal, muito rasas as pedras: ahi fiz pousada, e andei n'esse dia uma legua.

Segunda feira 24. — Não fiz viagem por chover todo o dia.

Terça feira 25. — Sahi pelas seis horas, andando uma legua topei uma cachoeira comprida, onde me foi preciso tirar toda a carga e passar as canôas e canal: ahi fiz pousada: andei uma legua.

Quarta feira 26. — Sahi pelas seis horas e meia, rio bom sem embaraço: fiz pousada pelas quatro horas da tarde: andei nove leguas.

Quinta feira 27. — Sahi pelas seis horas, e andei até ás tres da tarde, rio bom sem embaraço, com duas boccas de lago da parte direita, e fiz pousada: andei dez leguas.

Sexta feira 28. — Sahi pelas seis horas, e andei todo o dia até ás quatro horas da tarde, e fiz pousada: andei oito leguas.

Sabbado 29. — Sahi pelas seis horas do logar chamado a Bocca dos Tiguezes, fórma um rio á esquerda, andando hora e meia abre o rio um estirão direito, logo em pouca distancia apparece a bocca do Rio Grande, que lhe chamamos Aragó: pelas nove horas andei cinco leguas.

Aqui finda a navegação do Rio Vermelho com trinta e quatro leguas e um quarto.

Principia a navegação pelo rio chamado Araguaya.

No mesmo dia sabbado 29. — Sahi pelas nove horas e meia do dia, e naveguei até ás quatro da tarde, rio bom sem embaraço: andei quatro leguas.

Domingo 30. — Sahi pelas seis horas, e logo em pouca distancia ha uma praia da parte direita e outra á esquerda, suas ilhas grandes e pequenas: fiz pousada: andei nove leguas.

Segunda feira 31.— Sahi pelas seis horas e meia, vão logo apparecendo suas praias e suas ilhas com boa navegação, da parte direita uma bocca do Rio Grande, julgo ser lago: fiz pausa: julgo andar sete leguas.

Janeiro de 1793.

Terça feira 1.— Sahi pelas sete horas e meia, vão apparecendo suas praias e ilhas pelo meio do rio; julguei andar sete leguas, por trazer parte da gente doente.

Quarta feira 2.— Sahi pelas seis horas e meia, vão apparecendo suas praias e ilhas, umas grandes e outras pequenas, em distancia grande, bocca de lago á direita: fiz pousada para tratar dos doentes: julgo andar seis leguas.

Quinta feira 3.— Sahi pelas seis horas, em pouca distancia da parte direita uma bocca de lago, suas praias e ilhas cobertas de mato da mesma parte, abre o rio um estirão muito comprido, e no fim do campo á beira do rio, á direita com suas ilhas, outro estirão comprido, campo á parte direita á beira do rio, suas ilhas da parte esquerda: fiz pousada, e julgo andar seis leguas.

Sexta feira 4.— Sahi pelas seis horas e meia, foram apparecendo suas praias e ilhas, barranco de campo á direita, e da parte esquerda um lago grande com duas ilhas na bocca, e mais abaixo outro da mesma parte, e da parte direita bocca do rio grande, que julgo ser o rio de Guixrá, onde por elle dentro tem Sua Magestade uma fazenda de gado com uns poucos de pedestres para tratar dos doentes: julgo andar cinco leguas.

Sabbado 5.— Sahi pelas seis horas, logo bocca de rio á direita, que julgo ser lago, ilha grande á esquerda, e seguindo á parte direita entrei, sem saber, pelo rio chamado Bananal, seguindo sempre a ilha grande á esquerda: fiz pousada para tratar dos doentes: julgo andar quatro leguas.

Domingo 6.— Sahi pelas seis horas, campinas á vista do rio á imitação de arrozaes, estas campinas vão continuando, e fiz pousada para tratar dos doentes: julgo andar quatro leguas.

Segunda feira 7.— Sahi pelas seis horas e meia, seguindo sempre a mesma ilha da parte esquerda, procurando o rio muito ao nascente, e fiz pousada para tratar dos doentes por estar um purgado : julgo andar tres leguas.

Terça feira 8.— Sahi pelas cinco horas e meia, seguindo sempre a mesma ilha á esquerda, faz o rio duas boccas, por qualquer d'ellas que se passar se ajunta o rio em distancia de uma legua, bocca do lago grande á direita, e faz o rio uma volta muito grande buscando o poente : fiz pousada para tratar dos doentes : julgo andar cinco leguas.

Quarta feira 9.— Sahi pelas seis horas, e do rio se avista uma ponta de serra de parte direita, suas ilhas pelo meio do rio, campinas de arrozaes de uma e outra parte : fiz pousada : julgo andar nove leguas.

Quinta feira 10.— Sahi pelas seis horas, seguindo sempre a mesma ilha da parte esquerda, grandes campinas de arrozaes da mesma parte, bocca de lago á direita, outra bocca de lago ; e pelas sete horas do dia passei pelo logar chamado Nova Beira, que pela lingua dos Indios chamamos o Bananal, em distancia de quatro leguas parei no primeiro arranchamento feito pelos christãos : fiz pousada : julgo andar dez leguas.

Sexta feira 11.— Sahi pelas seis horas, seguindo sempre a mesma ilha, campina grande á esquerda, e da parte direita suas abertas, avista-se uma serra da parte direita perto do rio : fiz pousada : julgo andar nove leguas.

Sabbado 12.—Sahi pelas seis horas, seguindo a mesma ilha vai o rio todo alagado, campina grande á esquerda, estreito o rio : fiz pousada, estando o rio todo alagado : julgo andar oito leguas.

Domingo 13.— Sahi pelas seis horas, seguindo a mesma ilha, campina grande á esquerda e muito bonita com seus arvoredos á imitação de laranjeiras, campina grande á direita com seus terrões altos : fiz pousada : julgo andar dez leguas.

Segunda feira 14.— Sahi pelas seis horas, e logo em pouca distancia bocca de lago grande á direita, com agua muito negra, seguindo-se suas ilhas e seus lagos de uma e outra parte, bocca de lago grande, e mais abaixo fiz pousada: julgo andar dez leguas.

Terça feira 15. — Sahi pelas seis horas, seguindo sempre a mesma ilha grande, bocca de lago grande à direita, volta o rio muito ao poente, bocca de lago à esquerda, bocca de lago à direita, ilha de serrão na bocca, repete seus lagos de uma e outra parte; fiz pousada: julgo andar nove leguas.

Quarta feira 16. — Sahi pelas seis horas, seguindo sempre a mesma ilha grande, lago grande à esquerda, da parte direita outro grande, barranco de terra à esquerda, ilha redonda no meio do rio, lago grande à esquerda coberto de serrão na bocca, barranco alto da mesma parte, fórma o rio sua largura, e fiz pousada: julgo andar oito leguas.

Quinta feira 17. — Sahi pelas cinco horas, seguindo sempre a mesma ilha grande, lago grande à esquerda, em pouca distancia barranco alto da mesma parte, bocca de lago grande à esquerda, barranco alto da mesma parte, bocca de lago à esquerda, praia à direita comprida coberta de serrão, lago grande à direita, barranco alto de terra vermelha à direita, o rio alagou em partes: fiz pousada, julgo andar nove leguas, e depois de estar arranchado falleceu pelas cinco horas e meia da tarde o ajudante João Barreiro.

Sexta feira 18. — Pelas oito horas e meia lhe dei sepultura e lhe puz uma cruz, e sahi pelas nove horas, seguindo sempre a mesma ilha grande à direita, barranco de campina da mesma parte, faz o rio duas boccas, e na distancia de uma legua se torna a juntar: fiz pousada: julguei andar cinco leguas.

Sabbado 19. — Sahi pelas seis horas, seguindo a mesma ilha, praia grande à esquerda, bocca de lago da mesma parte, barranco de campina à esquerda, alarga muito o rio, e com esta largura findou a ilha grande pelas dez horas do dia, onde se encontrou os dous braços, e fórma só um rio com largura muito grande, com suas ilhas tambem grandes pelo meio, n'esta repartição faz o rio tres boccas pela razão das ilhas que tem pelo meio em distancia de duas leguas, praia grande à direita: fiz pousada: julgo andar oito leguas.

Domingo 20. — Sahi pelas seis horas e meia, logo ilha grande á direita, alarga muito o rio com jotirões muito compridos, com suas ilhas pelo meio do rio, praia grande á esquerda, e fiz pousada para tratar dos doentes: julgo andar seis leguas.

Segunda feira 21. — Sahi pelas seis horas, praia á esquerda da ilha grande da mesma parte, barranco de campina á esquerda, ilha redonda no meio do rio, praia no fim d'ella, á direita ilha grande com repartições pelo meio, outra ilha grande á direita, que julgo ter mais de duas leguas de comprido, e no fim fiz pousada : n'este logar achei rastejo do gentio, e tambem algumas flechas : julgo andar oito leguas.

Terça feira 22. — Sahi pelas seis horas, e logo praia muito grande á direita, e no fim ilha grande á esquerda, barranco de campo á direita, ilha de serans pelo meio do rio, praias da parte direita, o canal é á esquerda, avista-se muito longe dous morros da parte esquerda, e pelo meio do rio suas ilhas de serans, e no fim uma entaipava rasa ficando os morros na beira do rio com barranco de campina á esquerda, alarga muito o rio : fiz pousada : julgo andar oito leguas.

Quarta feira 23. — Sahi pelas seis horas, logo avistei outro morro da parte direita abeirando o rio, ilha redonda á esquerda, o rio deita muito ao poente, terras altas á direita com campo na beirada limpo á direita, a campina é muito bonita, é o logar mais proprio que achei para um arranchamento, com suas ilhas e praias pelo meio do rio : fiz pousada : julguei andar dez leguas.

Quinta feira 24. — Sahi pelas onze horas por causa da muita chuva, bocca de lago á direita, e em pouca distancia avistei fumaça de fogo de gentio ; fui procurando o logar que me ficava á parte esquerda, e assim que eu botei ao seu logar se embarcaram e me vieram encontrar ao caminho em duas canôas, mandei fallar-lhes pelo lingua, que eram os seus camaradas, e fui portando em uma ilha da parte da sua morada, e elles fizeram o mesmo perguntando-lhes o que faziam, disseram se tinham mudado por se não darem bem com o principal porque o tinham por feiticeiro, e ahi os contentámos com o que pudemos, e elles

ficaram muito satisfeitos ; tornaram para o seu logar, e trouxeram mulheres e filhos, e tudo o mais, e ahi me fizeram ficar até á noite, e me assistiram até parte d'ella : julguei andar uma legua.

Sexta feira 25.—Sahi pelas seis horas e meia, logo ilha grande á direita, e na distancia de duas leguas uma cachoeira já no fundo, mais abaixo outra em que me foi preciso portar e mandar ver o canal, que o tinha bem pelo meio do rio, e andando uma legua avistei uma praia á parte esquerda : indo passando me gritou o gentio ; mandei deitar para lá as canôas, e me veio encontrar com cinco homens, aportei, e alli fiz pousada : julguei andar cinco leguas.

Sabbado 26.—Falleceu um camarada por nome Antonio João, que vinha molesto de maleitas : mandei-o dar á sepultura e puz-lhe uma cruz ; toda esta acção foi á vista do gentio, e mandando-lhe fallar pelo lingua que não desenterrassem o fallecido, elles responderam que tambem costumavam enterrar os seus quando morriam: fui-me despedindo d'elles, e sahi pelas onze horas, praia grande á esquerda, ha recife de pedras grandes no meio do rio todas de fóra, praia grande, e tendo andado quatro leguas topei um dos principaes em uma canôa, e sendo horas fiz pousada, e elle ficou junto comigo : julgo andar seis leguas

Domingo 27. — Sahi pelas seis horas e o principal comigo, e chegando no logar do gentio, ilha defronte com suas pedras, e o principal mostrando-me o porto, deram elles suas salvas, e eu tambem mandei corresponder com o mesmo ; perguntando-lhe eu quem lhe tinha dado aquellas armas, respondeu o principal que lh'as tinha dado o Ex^{mo}. Sr. D. Francisco, vindo elle ao Pará: eu lhe mandei dar quatro alqueires de farinha, tres machados, duas fouces, duas e facas, de que ficaram muito contentes, e fiz pousada: julguei andar tres leguas.

Segunda feira 28.— Sahi pelas seis horas e meia, e se embarcou comigo o principal da aldêa do meio, chamado João : na sahida ha suas ilhas e pedras pelo meio do rio, vem a navegação

até á aldêa do tal principal, que fica distante da primeira cinco leguas, e que a tinha em uma ilha, e aportei defronte em uma praia, e fiz pousada : julguei ter andado cinco leguas.

Terça feira 29. — Sahi pelas seis horas e meia, ilha grande á direita, o rio muito largo, indo de viagem veio uma trovoada muito forte, choveu todo o dia, e fiz pousada : julguei andar tres leguas.

Quarta feira 30. — Sahi pelas seis horas, rio largo sem embaraço, ha recifes de pedras no meio do rio á parte esquerda, ilha da mesma parte ; ahi avistei uma canôa do gentio á parte direita pelo rio abaixo, buscando a sua aldêa, e fui-me ajundando com ella, e chegando ao porto da aldêa appareceu o principal calçado de meias, sem sapatos, e foi sahindo, e o principal me foi levando para sua casa, e estive com elle pouco tempo, e tornando para as canôas fui-me arranchar defronte em uma praia : julgo andar duas leguas.

Quinta feira 31. — Sahi ás seis horas, rio largo em distancia de tres leguas, tem no meio do rio cinco ilhas pequenas á esquerda, uma entaipava no fundo, só apparecem as arvores, ilha comprida á esquerda, apparece da mesma parte uma serra grande a que acompanha o rio, barranco alto da parte direita, capoeira do gentio, largo da ilha grande á esquerda, e mais abaixo fiz pousada : julguei andar oito leguas.

Sexta feira 1.º de fevereiro. — Sahi ás seis horas, e logo avistando sete canôas do gentio da parte esquerda, uma d'ellas se adiantou atravessando o rio e buscando a parte direita por onde eu vinha, tocaram suas bozinas, e o lingua lhe fallou, e elles vieram chegando mais perto, e logo me disseram que não tinha gente sua adiante, caso visse algumas canôas que eram do Pinagé, que eram matadores ; ahi me despedi d'elles. Mais abaixo ha no meio do rio cinco ilhas pequenas que fazem a forma de cinco boccas, e uma que fica á direita é comprida com cachoeira á esquerda, pedras de fóra com canal bom á mesma parte, ilha redonda no meio do rio, e fiz pousada ainda cedo para apromptar as armas, que não vinham todas promptas : julguei andar cinco leguas.

Pela meia noite chegou o principal com duas canôas, e me disse vinha-me servir de guia para passar a cachoeira grande.

Sabbado 2.— Sahiu logo o principal diante, e eu pelas onze horas do dia ; rio largo sem embaraço, ilha redonda á erquerda, ilha grande á direita, no meio tem tres ilhas pequenas, faz o rio quatro boccas, praia grande de serrão, ahi achei o principal, e fiz pousada : julgo andar quatro leguas.

Domingo 3.— Sahi ás seis horas, rio largo, entaipava que atravessava o rio de uma a outra parte, pedras de fóra, á direita canal, tranco á esquerda, apparece uma serra grande á direita, e a pouco espaço apparece outra grande á esquerda, entaipava no fim do canal pelo meio do rio, e vai botando á parte esquerda fazendo suas voltas e é muito comprido, com seus rebojos estreita o rio, e torna a apparecer a serra á direita fazendo dous boqueirões, e torna a alargar o rio, ilha grande á esquerda, e n'ella fiz pousada e o principal : julguei ter andado oito leguas.

Segunda feira 4.—Não fiz viagem por chover muito.

Terça feira 5.— Sahi pelas seis horas e meia, logo entaipava, serra á direita, canal franco á direita abaixo da entaipava ; chegou o principal de cima em uma canôa, estreita muito o rio, e torna apparecer a serra da esquerda, a cachoeira tambem á esquerda muito brava de mares, tem desvio á direita chamado os Martyrios, e alli fiz pousada : julguei ter andado seis leguas.

Quarta feira 6.— Sahi ás oito horas e meia, e logo em pouca distancia se ouve roncar a cachoeira grande ; foi o principal buscando a parte esquerda, fazendo guia com o practico do rio e eu acompanhando, entrando pelos garanzaes, sempre á beirada da terra firme, e nos levou o tempo de duas horas e meia ; ilha á direita, no fim da cachoeira com bom arranchamento acabaram-se as serras de uma e outra parte ; barranco alto no estreito, ilha pequena á esquerda, praia grande á direita, rastejo de gentio Pinagé : fiz pousada : julguei andar nove leguas.

Quinta feira 7.—Choveu todo o dia, não pude sahir senão pelas duas horas, e andei até ás dez e meia da noite junto com o principal : julgo andar dez leguas.

Sexta feira 8.—Sahi pelas seis horas, ilha grande á direita, e

disseram os principaes que da parte direita tinham os Pinagés a sua aldêa ; encostado á terra firme estavam duas canôas postadas, sahiram os Carajás á terra e os fizeram correr, e tomaram uma mulher com duas filhas pequenas, e as embarcaram, como tambem conduziram as canôas. Ilha grande á esquerda, e n'ella fiz pousada : julgo andar quatro leguas.

Sabbado 9.— Sahi pelas seis horas, ilha grande á direita, segue-se ontra grande á direita, da parte esquerda estavam duas canôas postadas do Pinagé, e os principaes se deitam a ellas, e sahindo á terra não acharam ninguem, carregaram tudo que acharam, como tambem as canôas : ilha grande á direita, comprida e em pouca distancia ; outra grande á direita, e no fim d'ella parei para descansar : n'este tempo chegou o principal do meio com cinco canôas muito contente, dizendo que as tinha tomado ao Pinagé, e querendo eu partir me pediu o dito principal que não sahisse, que queria a sua gente descansar, pois vinham morrendo de fome ; assim o fiz, e fizemos pousada : julgo andar cinco leguas.

Domingo 10.—Sahi pelas seis horas junto com o principal ; ilha grande á esquerda, no largo ilha, e outras mais que se seguem ; e pelas oito horas do dia sahi á bocca dos Tocantins, parei para descansar, e ficaram todos os camaradas contentes ; sahi pela ilha direita pequena, e outra á esquerda : rio largo, cachoeira no fundo, ilha redonda no meio do rio á parte direita, ilha grande á esquerda, cachoeira no fundo : abaixo d'ella fiz pousada, e julgo andar nove leguas.

Segunda feira 11.— Sahi pelas cinco horas, ilha grande á direita, bocca do rio Facauná á esquerda, rio bom sem embaraço, praia de serrão á direita, mais abaixo fiz pousada á esquerda : julgo andar seis leguas.

Terça feira 12.— Sahi pelas seis horas e meia, rio bom sem embaraço ; ilha grande á esquerda, outra pequena no fim d'ella, e logo a entrada da cachoeira chamada Tauraje, que de longe se ouve a zoada d'ella ; a entrada é á esquerda com muitos rebojos, e a segunda entrada mais brava que a primeira com pancadas d'agua muito grandes, o canal é á esquerda, e segue a

correnteza sem rebojo, em partes com sombrio de arvores que tem pelo meio do rio, com muitas ilhas á direita, indo sempre pela parte esquerda até sahir fóra do lago : fiz pousada ; julgo andar dezeseis leguas.

Quarta feira 13.— Sahi pelas seis horas em decurso de duas leguas, á entrada do furo da cachoeira chamada a Itaboca, o canal de correnteza sempre á esquerda comprido, e no fim da correnteza, antes de chegar á cachoeira, entrei em um igarapé chamado da Paciencia, ahi se descarregaram as canôas ; vão os Carajás por terra : julgo andar duas leguas.

Quinta feira 14.— Passei as canôas vazias de todo, e em algumas partes foi preciso puxal-as á corda, e n'este logar se ajuntaram outra vez comigo os Carajás, e fiz pousada: julguei andar uma legua.

Sexta feira 15.— Acabei de conduzir as canôas e Carajás, e sahi pelas duas horas da tarde, logo em pouca distancia correnteza grande, rebojo continuado pelo canal da parte esquerda, ilhas á direita, rio logo sem embaraço: fiz pousada: julgo andar cinco leguas.

Sabbado 16.— Sahi pelas cinco horas, rio bom com suas ilhas pequenas pelo meio do rio, bocca do rio chamado Pecoury á esquerda, e na distancia de duas leguas roça nova mandada fazer pelo Ex.mo Sr. D. Francisco no logar chamado Araparytapera ; á esquerda portei, e pouco me demorei; ilha direita, entrada da Praia grande, cachoeira no fundo, ilhas pequenas pelo meio do rio, logo se avistou a fortaleza de Alcobaça, e n'ella fiz pousada: julgo andar nove leguas.

N'este logar findou o meu roteiro.

Taboada das leguas de distancia das situações mais notaveis na navegação de Goyazes para o Pará pelos rios Tocantins, Araguaya e Vermelho, segundo a estimativa de Thomaz de Souza Villa Real.

De Villa-Boa á Barra do Ferreiro....................	14
Da Barra do Ferreiro á foz do Rio Vermelho..........	34 1/4

Da foz do Rio Vermelho á do Rio dos Ferreiros, que tambem se chama Rio do Peixe	20
Da foz do Rio dos Ferreiros á do rio Crixá	19
Da foz do rio Crixá á ponta do sul de Santa Anna, na entrada pelo braço do Araguaya a que chamam Bananal	9
Da ponta meridional da ilha á situação chamada Bananal, onde embarcou a bandeira expedida pelo barão de Mossamedes, sendo governador e capitão general d'aquella capitania	23
D'esta situação á ponta septentrional da ilha de Santa Anna, onde os dous braços do Araguaya se reunem	82
D'esta ponta meridional a uma povoação nova dos Carajás	35
D'esta á primeira cachoeira	3
D'esta cachoeira á primeira aldêa dos Carajás	12
Da primeira aldêa dos Carajás á segunda	5
Da segunda á terceira aldêa	5
D'esta aldêa á segunda cachoeira chamada Carreira grande	25
D'esta cachoeira á terceira que chamam dos Martyrios	6
Da cachoeira dos Martyrios á quarta, que chamam Cachoeira grande, e que é a ultima	1
Da Cachoeira grande á confluencia do Tocantins e Araguaya	31
Da confluencia dos dous ditos rios a entrar na cachoeira de Tauari	13
Da entrada até sahir fóra d'ella	13
D'esta á da Itaboca	3
D'esta á da Praia grande	9
Da Praia grande a Alcobaça	6
De Alcobaça ao Cametá	30
De Cametá á cidade	26
De Villa-Boa á cidade do Pará	424 1/4

N.º 3.

Diario da viagem que se fez pelos rios Tocantins e Araguaya a transportar os Indios silvestres de nação Carajás ás suas habitações.

Em o dia quarta feira, que se contaram 11 de Abril de 1792, pelas nove horas e meia da manhãa, partimos do porto de Alcobaça, cujo logar fica na margem do rio Tocantins, da parte do occidente, que é o registo das canôas dos mineiros de Goyazes. Na distancia de uma legua, pouco mais ou menos, na mesma margem desemboca um igarapé chamado Caraipé, cuja bocca terá seis braças de largo, que na vasante do rio fica com diminuta agua, e se não póde por elle navegar, ainda em canoinhas : da dita bocca entrando-se quatro horas de viagem se encontra uma cachoeira, que se não póde por ella subir, mas sim varando-se canôas por terra : da dita cachoeira cresce a largura do mesmo igarapé com dobrada distancia da sua bocca, cortando sempre ao sul, ao parecer bastante consideravel por se não saber de certo onde finda. Defronte do mesmo igarapé da parte do oriente desemboca um igarapé chamado Caganxa, assim chamado porque em outro tempo esteve n'elle situado um fulano Caganxa; sua bocca terá tres braças de largo. Na distancia de meia legua está uma ilha chamada Tauàjurim, que no rio vasio faz uma grande praia de arêa, e entre ella uma pequena cachoeira. Defronte da dita ilha está um continente de terra firme, bastante alta e dilatada, d'onde se fórma uma grande planicie, sendo da parte do oriente, á qual chamam Tapayuna-cuara : fronteiro d'esta paragem está um pequeno igarapé chamado Mucuroca, pouco consideravel. Na distancia de um quarto de legua faz no meio do rio uma ilha, a que chamam ilha das Pacas, assim nomeada por dizerem que n'ella havia muitas pacas: distante d'esta meia legua está um igarapé chamado do Arco, que tem quatro braças de largo e cursa muito longe, que rompe pelas serras que d'aquella parte do oriente se acham para o centro ; e defronte do dito igarapé está uma ilha

no meio do rio, a que chamam tambem a ilha do Arco, assim nomeada pela razão de que os primeiros que viajaram este rio acharam na dita ilha páos de fazer arcos de flechar, que é d'onde vem denominado aquelle nome de arco ao igarapé, por lhe ficar vizinho.

Em 12 partimos da ilha do Arco, e na distancia de um quarto de legua principia a Praia grande, encostada á margem da parte do occidente: das suas cachoeiras não se póde agora fazer particular especulação pela razão de estar o rio cheio, e navegar-se sempre encostado á terra. Defronte d'esta praia se acha um igarapé chamado Ipitinga, que terá tres braças de largo, porém dilatado no comprimento, que dizem vai conquistar as terras do Mojú. Pouca distancia d'este igarapé fica no meio do rio a ilha de Arapapá, assim chamada por dizerem ser aposento de uns passaros chamados arapapás: logo immediato está a ilha de Maguariroca, e n'ella uma grande pedra bastante alta, que de longe se avista: segue-se logo a ilha de Uariuacuara, que na ponta d'ella tem uma grande pedra ôca por dentro, que sem impedimento póde um homem por ella entrar: defronte d'esta ilha se acha outra chamada ilha das Antas. A ultima ilha que defronte da Praia grande ha, subindo para cima, é a ilha de Tucumandeua, assim chamada por n'ella haver muitas frutas silvestres chamadas tucumans. No fim da sobredita Praia grande está fundada a nova povoação de Arapari, cujo logar está sentado em um pequeno terrapleno, que sómente occupa as casas, porque subindo-se para cima quasi tudo é vargem ou alagadiço, e para trás torna a descer, fazendo um grande concavo: aqui finalisa a Praia grande, tendo de comprimento duas leguas e meia, pouco mais ou menos.

Em 13 não se fez viagem por ser necessario fazerem-se cordas para puxar as canôas pelas correntezas e cachoeiras.

Em 14 partimos do porto da nova povoação, e na distancia de um quarto de legua fica o igarapé chamado Arapari, que de largo tem quatro braças, e de comprimento sómente se sabe que vai acabar entre as serras que ha d'esta parte. Na margem da outra parte está outro igarapé chamado Cunauá, que tambem

dizem rompe as serras d'aquella parte perto das cachoeiras do Mojú. Na distancia de duas leguas, pouco mais ou menos, do igarapé Arapari se acha outro chamado Pucuruhí, que terá de largo vinte braças, e entrando por elle quatro horas de viagem se encontra uma cachoeira, que para passar-se as canôas para diante dizem que necessariamente se hão de varar por terra; e depois de grande distancia de comprimento faz um repartimento, subindo sempre da mesma largura para o sul, e o braço, que já é mais estreito, segue sempre cortando ao occidente, que se suppõe por varios indicios vai conquistar as cabeceiras de Pacajaz.

Em 15 partimos defronte da ilha Pitauanoca, e em pouca distancia fica o igarapé de S. Miguel, que terá seis braças de largo e alguma cousa dilatado, e no meio do rio um poção, no qual no tempo das tartarugas dizem ha com abundancia, e que do poção ou ilha é que vem este nome ao igarapé: fronteiro a este fica outro igarapé chamado Macauari, que de largo terá seis braças, e de comprimento dizem ser bastante dilatado, que rompe as serras por mais altas que sejam, e vão tambem dar ao Mojú. Na distancia de meia legua fica um igarapé chamado Guayapi com seis braças de largo, bastante comprido, que nas cabeceiras d'elle dizem que habita uma nação de gentio Jacundá, que algumas vezes apparecem por aquellas margens da parte do oriente. Desde defronte do igarapé Arapari principiam no meio do rio umas ilhas, sendo umas parallelas e outras fronteiras, que naturalmente no rio vasio virá a ficar em uma só ilha, por estarem todas sentadas em arêa.

Em 16 partimos defronte da ilha dos Cocos, a penultima antes de chegar ao furo da Itá-uoca, e logo principia a ilha chamada de Tocantins, que é grande, que indo a dita ilha subindo com o rio depois de bastante extensão faz uma fórma de triangulo, e vai quasi encostar á terra firme da parte do oriente.

Em 17 entrámos pelo furo, a saber: defronte da dita ilha de Tocantins fórma no meio do rio uma ilha, que toma de uma parte á outra, sendo a maior parte pedras, tendo sómente os canaes por onde devem passar as canôas, que por isso se lhe chama furo de

Itá-uoca, que é o mesmo que dizer na lingua geral, racha ou vão de pedra: a dita ilha tem seus arvoredos, porém todos sentados entre pedras. Os furos são quatro: o primeiro, que fica encostado á terra firme na parte do occidente, chama-se o furo dos Mineiros por ser o canal por onde fazem a sua navegação, e todos os que sobem e descem pelo rio Tocantins; o segundo chama-se o Frechal, por ter defronte um frechal onde vão esbarrar todas as suas correntezas; o terceiro chama-se o furo dos Capitariz, por elle ter uma porção de tartarugas machos a que chamam capitariz; o quarto chama-se Tapera dos Padres da Companhia, por ficar vizinho ao estabelecimento que tiveram os ditos padres, que fica encostado á margem da parte do oriente: todos os tres furos são innavegaveis pela rapidez das suas correntezas e desformidades das cachoeiras, porque os primeiros que tentaram por elles navegar uns pereceram, e outros deram graças a Deus de escaparem com vida, salvando-se em cima de algumas pedras, e nunca jámais constou serem frequentados: o primeiro acima dito dos Mineiros é o melhor canal, e comtudo é arriscadissimo, por ser certo que desde a sua entrada até á sahida se póde dizer que é uma só cachoeira, onde gastámos dous dias em puxar as canôas pelas cachoeiras e entre pedras, sem jámais descansar em andar com sirga. No fim da ultima cachoeira está um igarapé, que é habitação do gentio Jandiahi.

Em 19 partimos perto d'este igarapé, e fomos pernoitar na praia dos Jacundás, assim chamada por lhe ficar fronteiro um igarapé que é o porto do dito gentio. Em o dia 15 já se fez menção d'este gentio no igarapé Guayapi, e agora se torna a mencionar por serem ambos os igarapés por elles frequentados.

Em 20 partimos da praia dos Jacundás, e fomos pernoitar na ilha dos Patos, e d'aquelle logar a este não houve cousa particular ou de novidade mais que as grandes correntezas, que quasi todo o dia andou a canôa á sirga para assim se poder romper.

Em 21 partimos da ilha dos Patos, e na distancia de uma legua, pouco mais ou menos, está um igarapé chamado Agua da Saude, assim conhecido pela fé que os antigos faziam n'aquellas aguas,

pois diziam eram saudaveis. Os gentios tambem tem grande fé nas ditas aguas, porque tendo alguma enfermidade grave, por mais distantes que habitem, alli se vão lavar, e dizem tornam a recuperar a sua antiga saude. Desde a sahida do furo continuam no meio do rio umas pequenas ilhas, seguem-se algumas parallelas e outras fronteiras áquellas, com pequeno intervallo.

Em 22 partimos de uma ilha, que fica acima do dito igarapé da Saude, continuando-se sempre a navegar por entre ilhas, porém differentes d'aquellas por serem estas mais altas e mais encorpadas, que não deixavam avistar a terra firme da parte do oriente.

Em 23 partimos da Feitoria dos Mineiros, e depois de alguma distancia está uma cacheira grande, que toma o rio de uma parte á outra, a que chamam cachoeira de Itá-uiri.

Em 24 partimos de uma ilha que fica logo acima da dita cachoeira, e n'este dia pouco se navegou por ser necessario reformar a corda.

Em 25 partimos da ilha tambem chamada de Itá-uiri, que igualmente é Feitoria dos Mineiros: depois de grande distancia, que é um dia de viagem d'esta ilha, desemboca na margem da parte do occidente um igarapé, cuja bocca terá qurarenta braças de largo, a que chamam Tacuayuna por n'elle habitar uma nação de gentio assim chamado: continuando para dentro este igarapé é muito mais largo e faz outro repartimento de braço, que nas cabeceiras d'elle dizem os Carajás está outra nação de gentio Mudrucú.

Em 26 partimos de uma ilha que fica defronte da bocca d'aquelle igarapé, chamada tambem a ilha de Tacuayuna por lhe ficar fronteira; d'esta paragem para cima cresce o rio com mais largura.

Em 27 partimos de uma ilha que fica perto á terra firme da parte do occidente, e faz n'este intervallo da ilha á terra firme uma pequena cachoeira, o que não tem da outra parte do oriente, e n'este dia se passaram cinco entaipavas de pedras, umas maiores e outras mais pequenas.

Em 28 partimos da penultima ilha do rio Tocantins Pelas onze horas da manhãa entrámos pelo rio Araguaya, que subindo-se

fica á direita, e Tocantins já á esquerda; a sua barra é larga: n'este dia pouco se andou porque parámos logo na sua entrada em uma praia de arêa que tem encostada á margem, onde tem seus lagos, por quererem alli os Carajás fazer matalotagem.

Em 29 partimos da dita praia da entrada do rio, e n'este dia se passaram sómente duas ilhas grandes, e no fim da ultima pernoitámos: já d'aqui vai o rio com menos largura da sua bocca.

Em 30 partimos d'aquella ilha e passámos cinco ilhas, porém d'estas a ultima muito extensa, onde o gentio Pinaré tem uma aldêa.

Em o 1.º de Maio partimos defronte da dita ilha, e fronteiro a ella da parte do oriente fica outra aldêa dos mesmos: logo adiante da parte do occidente está outra aldêa, onde os Carajás chegaram, fallaram, dançaram e negociaram com os ditos Pinarés.

Em 2 partimos do logar onde pernoitámos, que foi acima da aldêa em que os Carajás aportaram: quasi acima fica um igarapé que terá seis braças de largo, e de comprimento não se sabe onde vai dar, sendo na margem da parte do oriente: de manhãa passámos por uma campina extensa na margem da parte do occidente, e de tarde por outra da margem contraria, e n'esta ha muitas arvores de mangabas.

Em 3 partimos da ilha dos Tamuatás, e entre esta ilha tem seus lagos, onde dizem os gentios que no rio vasio vem fazer mantimento de alguns peixes, e especialmente de tamuatás pelos haver com abundancia, ficando mais vizinha a margem da parte do occidente.

Em 4 partimos da ilha chamada Canana, paragem tambem onde o mesmo gentio vem fazer provimento de peixe, em um igarapé que lhe fica muito vizinho, que tem muitos jacarés, a que elles chamam canana, sendo da margem do oriente.

Em 5 partimos do principio da ilha chamada pelo gentio Tanaxime, que é grande, d'onde principia a primeira cachoeira grande, similhante ao furo da Itá-uoca, que tudo é pedra, que toma de uma parte á outra do rio; e todo o dia se gastou em puxar canôas por entre pedras e arvoredos, sempre encostado á margem da parte do occidente.

Em o dia 6, pelas onze horas da manhãa, foi que se acabou de passar a dita cachoeira : de tarde encontrámos outra cachoeira tambem grande, porém não da qualidade da primeira, pois na mesma tarde a passámos : quasi no fim da dita primeira cachoeira da parte do occidente desemboca um igarapé, cuja bocca terá oito braças de largura. Logo do principio da mesma primeira cachoeira principiam de uma parte umas serras altas, algumas chegadas ás margens e outras mais retiradas para o centro, e assim continuam fazendo bem vistosas as margens d'este rio.

Em 7 partimos de uma paragem muito abaixo de um igarapé que desemboca na margem da parte do occidente, cuja bocca terá seis braças de largura, ao parecer bem consideravel no comprimento, que corta por entre as serras, e que por este igarapé se vai dar a um grande flechal onde todos os gentios d'este rio vão buscar para o seu uso ; não sendo estas flechas da natureza das que usam os domesticos, mas sim de umas a que chamam *camayuva :* de tarde passámos uma entaipava de pedras que toma o rio de uma parte á outra, e n'este sitio já é o rio muito estreito.

Em 8 partimos da ilha dos Jabotins, e no mesmo dia se passou a terceira cachoeira, que tambem é grande como a segunda : torna outra vez o rio a alargar como do seu principio.

Em 9 partimos de uma ilha que logo immediata lhe fica uma formidavel entaipava de pedras, que toma o rio todo, similhante á cachoeira: na margem da parte do occidente se acha uma ponta de pedras brancas á imitação das de cantaria: as serras que vinham continuando acabaram-se, ainda que n'esta tarde se avistaram algumas, porém já muito distantes e retiradissimas para o centro.

Em 10 partimos de uma ilha chamada Tauairi : já sobre a tarde chegámos a uma ilha que é feitoria dos Carajás, e no mesmo sitio encontrámos tres ubás com homens e mulheres da mesma nação, que vieram á factura do peixe.

Em 11 partimos de uma ilha, que ficará distante da dita feitoria meia legua, e não houve mais nada que mencionar.

Em 12 partimos de uma ilha, a maior que vimos n'este rio, e n'este dia tambem não houve que notar.

Em 13 partimos de uma ilha similhante áquella, e passámos mais duas pequenas. Pelas dez horas da manhãa chegámos á primeira povoação dos Carajás, que é do principal Teducurabedú, o qual logar está plantado em um sitio aprazivel na margem da parte do oriente: a dita aldêa tem sómente tres casas, porém compridas, cobertas e tapadas de palha a que chamam Euá-uassú: cada casa tem unicamente na frente uma pequena abertura, que lhe serve de porta. O numero de pessôas que se deixaram ver foi de cento e quarenta pouco mais ou menos, entre homens, mulheres e crianças, que as mais, disse o principal, estavam uns nas roças, outros nas caças e pescarias (e alguns talvez escondidos): parece limitado o numero de casas para as suas accommodações, porém maior quantidade poderia accommodar pela razão de entre elles não haver alli quasi ordem ou regularidade: dormem sobre o chão em cima de umas esteiras de palha feitas pelas suas idéas: as mulheres andam tambem nuas, mas como os homens trazendo sómente cobertas com embiras aquella parte que a honestidade faz occultar. De agricultura nada se viu, e deram a razão pela abundancia das aguas que houveram, e que não deu logar a cousa nenhuma. Pela uma hora da tarde partimos do porto da dita primeira aldêa, vindo já de regresso, e viemos pernoitar na ilha em que no dia 11 dormimos.

Depois que se principiou a navegar por este rio se observou a mudança que houve em fazer mais frio de noite que no de Tocantins: as aguas são muito mais crystallinas e frias que as d'aquelle rio, ainda que tambem não desmerecem, porém sempre as de Araguaya lhe são muito superiores. O rio e os ares parecem saudaveis, pois se não experimentou qualidade de molestia alguma, assim como acontece nos mais sertões, onde nas enchentes e vasantes costumam ser atacados os que por elles navegam de varias enfermidades: é muito fertil tanto de carnes como de peixes.

Em 14 partimos da ilha em que dormimos, e passámos a cachoeira mais vizinha aos Carajás, que é a terceira subindo o rio acima, e viemos pernoitar á ilha dos Jabotins, em que no dia 7 dormimos.

Em 15 partimos d'esta ilha, e passámos a outra cachoeira immediata, e ambas se passaram pelos seus verdadeiros canaes; n'este dia tambem se passou a cachoeira grande, porém não pelo seu respectivo canal, pela razão de quasi se não poder descobrir por estar o rio cheio e ser arriscadissimo, e viemos saltando por um canal encostado á terra da margem da parte do oriente, tambem muito perigoso por não ser direito, e das muitas voltas a fugir das pedras que ha com muita abundancia: viemos pernoitar na ilha dos Tamuatás, em que no dia 2 dormimos.

Em 16 partimos d'esta ilha e passámos as aldêas dos Pinarés, e pernoitámos na praia que fica na entrada do rio de Araguaya, em que no dia 28 do mez antecedente fizeram os Carajás matalotagem.

Em 17 partimos da praia acima dita, e viemos pernoitar na feitoria em que se reformou a corda no dia 24.

Em 18 partimos d'aquella ilha, e todo o dia se navegou por entre pedras, e se passou a cachoeira de Itauiri, que é terrivel o seu canal na sahida a que chamam a volta do Cajú, pelos formidaveis caldeirões que n'elle ha, e viemos pernoitar em uma ilha que fica perto da bocca do furo de Itá-uoca.

Em 19 partimos da ilha acima e entrámos nas cachoeiras do furo, que se passaram com grande perigo por serem os seus saltos muito terriveis, e viemos pernoitar na ilha de Tocantins.

Na margem da parte do oriente, entre a ilha de Tocantins e o furo, se viu uma capoeira, que dizem fôra estabelecimento dos padres Jesuitas, e não se descobriu vestigio algum de edificio; e somente se percebe que houve alli situação pela razão de estar o mato chegado á praia menos crescido que para o centro.

Em 20 partimos da dita ilha de Tocantins e passámos pelas cachoeiras da Praia grande, que principiam da ilha de Tucumandeua e acabam na ilha de Uariuá-cuara, sendo mais encostadas á parte do oriente, e n'este mesmo dia chegámos a Alcobaça.

NOMES DOS PRINCIPAES QUE HABITAM EM O RIO ARAGUAYA.

Nação Carajá. Auribedú, o principal chefe de todos: Aranabedú: Tuida: Baturi: Jaribedú: Quatibedú: Teducurabedú: Tuixaua-mirim.

Nação Pinaré. Tebore : Dacuacoriti : Uatira.
Nação Jacundá. Uoriniuera : Claxira.
Nação Tacuayuna. Areman.
Nação Aruaque. Uaraja : Irajá.
Nação Uacuruhá. Ijomo : Aimati.
Nação Amaueré. Xererure : Xereroto.
Nação Carauadú. Beti : Ariuajoze.
Nação Carauaú. Rinorino : Hemaquere : Joathime.
Nação Carajahi. Tuida : Briuera : Aricabedú : Jaina.
Nação Tapirasse. Macarasseu: Camaira : Uarinim: Cauerena: Itaira : Iborahi: Auacatu : Yauarayu.
Nação Iparanim. Pajahi : Peparanim.
Nação Turiuara. Tatahi : Areuanajú.

N.º 4.

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Em resposta á carta de V. Ex.ª datada em 27 de Setembro do anno passado, com que V. Ex.ª foi servido honrar-me, tenho a satisfação de annunciar a V. Ex.ª a feliz chegada e navegação de Thomaz de Souza, com pouca maior demora de cincoenta dias, apezar da que forçosamente havia ter para explorar e descobrir o caminho de que não tinha nem havia conhecimento ; e tenho-a não menor em considerar as grandes vantagens, que ao real serviço e ao publico interesse de uma e outra capitania podem desde logo provir da mesma navegação.

O diario d'ella ha de ser presente a V. Ex.ª, e a mesma facilidade que elle achou para o seu regresso, é a que o anima a voltar depois das instancias que fiz com os seus constituintes para estabelecerem e proseguirem com este importante commercio, e é a que julgo ha de animar os commerciantes e lavradores d'essa capital para o frequentarem, e para darem extracção aos seus effeitos, que de outra fórma ficariam inuteis.

A respeito do registo que V. Ex.ª pretende mandar estabelecer para o fim de se evitar todo e qualquer descaminho ou fraude,

eu o tenho por muito necessario, e muito mais pela impossibilidade em que considero esta capitania para fazer outra igual despeza na fundação de um similhante estabelecimento. O logar em que confluem os dous rios Araguaya e Tocantins parece ser o mais proprio, e tambem porque servirá para conter em respeito aos Apinagés e outras nações de Indios, que aldeados e reduzidos podem vir a formar n'este rio importantes estabelecimentos.

Creio tambem que será do maior interesse ao serviço de Sua Magestade que as margens d'elle sejam cultivadas e povoadas quanto ellas permittem e promettem, e creio que assim como esta navegação se póde já considerar mais facil que a do Alto Rio Negro ou Solimões, com o tempo virá a ser quasi tão breve como a de Barcellos, se V. Ex.ª conforme ao que entendo julgar igual interesse n'esta descoberta navegação qual eu considero, e se dignar de distribuir as providencias que forem mais convenientes ao real serviço.

Deus guarde a V. Ex.ª Pará 7 de Março de 1793.— Ill.mo e Ex.mo Sr. Tristão da Cunha Menezes.— *D. Francisco de Souza Coutinho.*

N.º 5.

Ill.mo e Ex.mo Sr.— Por Thomaz de Souza Villa Real, a quem V. Ex.ª foi servido encarregar o exame de alguns rios navegaveis d'esta capitania, por ter Sua Magestade permittido livre e franca a navegação e commercio dos seus vassallos pelos mesmos rios, recebi o officio que V. Ex.ª me dirigiu datado de 2 de Fevereiro do anno preterito : e agradeço a V. Ex.ª o favor e amizade com que me trata, e a participação que me faz de ter Sua Magestade attendido com esta permissão ás repetidas supplicas que sobre este importante objecto se fizeram chegar á sua real presença.

Passo a dizer a V. Ex.ª os meus sentimentos sobre os justos receios em que V. Ex.ª entra de poder haver algum malevolo ou malevolos, que intentem pela sua ambição e temeridade extraviar ouros em pó sem os manifestarem.

Ao que sou a dizer a V. Ex.ª, que entrando para esta capitania o capitão Paulo Fernandes Bello com permissão da mesma Senhora, cuidei logo no meio de os evitar, mandando estabelecer um registo muito abaixo do arraial do Pontal, onde se obrigavam a irem portar as canôas, para effeito de se examinarem as pessôas, legalisando-se com os seus competentes passaportes, e dando-se-lhe as buscas que prescrevem as reaes determinações.

Agora porém que accrescendo o commercio crescem os receios, é por certo tambem deverem-se augmentar as cautelas: tenho determinado mandar levantar outro registo no logar que parecer mais proprio e conveniente, de que já dei conta á Soberana pela repartição competente.

Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos. Villa-Boa de Goyaz, 27 de Setembro de 1792.— Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. D. Francisco de Souza Coutinho.— *Tristão da Cunha Menezes.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.— Em officio n.º 16 do anno de 1793, datado a 5 de Março, e acompanhado dos roteiros e informações que pude haver, dei conta do resultado de uma expedição mercantil, que a rogos e persuasões minhas emprehenderam para a capitania de Goyazes Ambrozio Henriques, Feliciano José Gonçalves e Manoel José da Cunha, fazendo-a subir pelo rio Tocantins até o seu primeiro arraial do Pontal, para d'alli o cabo d'ella atravessar por terra á Villa-Boa, e descer depois pelos rios Vermelho e Araguaya a reconhecer se a navegação d'elles, até então incognita, era praticavel. No mesmo officio participei tambem que eu ficava a reiterar com elles negociantes iguaes instancias para que aproveitando a feliz descoberta, que tão louvavelmente haviam emprehendido e conseguido á sua custa, fizesssem subir por estes ditos rios nova expedição de commercio dirigido já á sua capital e districtos mais importantes, não só em continuação do mesmo grande serviço, mas porque dos lucros d'ella pudessem indemnizar-se das despezas que haviam feito.

Servindo de pouco esta consideração de interesse, prevaleceu a de servirem a Sua Magestade e ao publico, e com effeito diri-

giram nova expedição, indo por cabo d'ella o mesmo Thomaz de Souza Villa Real, que o tinha sido na descoberta; mas conduzindo-se este tão mal então, como da primeira vez se tinha conduzido bem, teve estranha demora de muitos mezes no seu sitio com diversos pretextos, e quando desvanecidos todos o fiz partir, indo já de viagem voltou com outros de novo, e por fim perdida a melhor occasião de navegar pelos rios, que é depois que estão cheios, veio a chegar á referida capital com quasi dous annos de viagem, contados desde que d'aqui foi despedido, que pudera ter feito em tres até quatro mezes; resultando mais d'estes desmanchos, que das causas ponderadas na carta do governador e capitão general d'aquella capitania n.º 1, que ajunto por copia, não só a perda de grande parte da carregação que levava, mas ainda o descredito d'esta navegação, e o temor que a emprehendel-a conceberam aquelles habitantes.

A esforço porém e diligencia do mesmo governador e capitão general, já em Março d'este anno chegaram os comboieiros d'aquella capitania, que refere a carta n.º 2; e com terem partido da capital em estação mui sêcca, que lhes fez ter demora de mezes no Rio Vermelho para vencerem a distancia que em tres ou quatro dias venceriam na que é propria, desde que sahiram no Araguaya vieram com mui breve e feliz viagem até Cametá, onde chegaram em Fevereiro d'este anno, e successivamente depois a esta cidade, convencidos e admirados da commodidade da navegação em todo o tempo, mas principalmente nas estações proprias. Estas noticias, que espero já tenham chegado á aquella capitania pelo soldado que expedi a levar as ordens de Sua Magestade, creio deixarão inteiramente desvanecidas as preoccupações que tem obstado a que os povos d'ella desfrutassem as vantagens d'esta communicação desde que se descobriu; e que assim como aquelles comboieiros pobres, além das barras de ouro, se animaram a trazer assucar, couros, sola e tabaco, estes mesmos e outros mais opulentos desçam com mais avultadas carregações d'estes e dos mais generos que produz aquella capitania. Elles já regressaram, ainda que não muito providos pela carestia e falta que tem aqui havido na

presente conjunctura, e não obstante prometteram voltar com brevidade.

Como pois esta navegação e commercio indica consolidar-se, e a de Tocantins para os seus arraiaes, ainda que pobres, continúa tambem, sendo em todo o tempo indispensavel o estabelecimento de um registo para evitar os extravios do ouro, ainda mais do que para descanso e refresco dos que utilmente se empregam e empregarem em tão longas viagens, considerei tambem que na conjunctura presente não devia perder tempo em o fundar em razão da defeza d'esta e d'aquella capitania, e em razão de evitar maiores despezas à real fazenda com a tropa que descer de cima. A razão da defeza facil é de comprehender nas circumstancias actuaes, nas de não haver em todo o rio Tocantins obstaculo algum de resistencia, e nas de ser já hoje muito conhecida a navegação d'aquelle rio e do Araguaya. A razão da economia da fazenda real só se comprehende ponderando que a passagem mais difficil d'esta navegação é a da cachoeira da Itaboca, d'onde para descer ao Pará poucos dias são precisos, quando para voltar do Pará se carecem muitos, e de muito trabalho em todo o tempo, e principalmente quando o rio traz grande peso d'agua ; em consequencia do que havendo estabelecimento na dita paragem, como aliás a mais propria por ser a que melhor se póde defender, e a em que os viajantes mais carecem auxilio, póde conseguir-se que n'elle se aquartele a tropa que descer da capitania de Goyazes sem vir ao Pará, a não ser precisa, sustentando-se da abundante caça e pesca d'aquellas situações, sem carecer mais soccorros que os de farinha, polvora e chumbo, e empregando-se em tanto na mui importante diligencia de pôr inteiramente de paz o gentio d'aquelle rio, como muito convém por todos os motivos, e mormente pelo da defeza, que seria mui custosa se a um mesmo tempo tivessemos inimigos pela frente e pelas costas.

Taes foram os motivos porque não attendendo, nem aos de azer despezas, nem aos de dividir as forças que até agora obstaram, e presentemente se desvaneceram, puz em execução este farbitrio, encarregando-o ao alferes do regimento da cidade Joa-

quim José Maximo, official conhecido pela sua actividade e desembaraço. As ordens que lhe dei são as da copia inclusa n.º 3, e as faço presentes a V. Ex.ª para que em vista do que tenho ponderado e disposto haja Sua Magestade de resolver o que fôr servida.

Devo ainda informar a V. Ex.ª que da sobredita situação da Itaboca consta haver communicação por agua para o rio Capim, e como este por desaguar a duas marés de distancia d'esta cidade no Guajará, que banha as praias d'ella, facilita a entrada dos soccorros de Goyazes interiormente, ainda que um inimigo superior possa embaraçar as boccas dos rios e a navegação por fóra d'elles pela costa, fica evidente a importancia d'aquella posição, e a necessidade de a pôr em defeza.

Deus guarde a V. Ex.ª Pará 24 de Junho de 1797. — Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho. — *D. Francisco de Souza Coutinho.*

N.º 1

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Com dous annos quasi de viagem chegaram a esta capitania e districto da sua capital as canôas que V. Ex.ª, em virtude da permissão de Sua Magestade, houve por bem fazer expedir pelo rio Araguaya com o destino de demandarem esta villa, quanto mais lhe fosse possivel, navegando pelos rios que da mesma e seus suburbios vão desaguar no sobredito do Araguaya.

As cachoeiras e baixios, obstaculos mais difficultosos de vencer pela impropriedade da estação, o pouco ou nenhum conhecimento que d'elles tinha o capitão Thomaz de Souza, foi uma das principaes causas de tão demorada viagem, obrigados os navegantes a fazer de novo todas as tentativas e observações, principiando umas depois de frustradas outras, com dispendio de muitos mezes, e grande oppressão da gente occupada no transporte dos generos por terra, a fim de alliviar as canôas nas cachoeiras, que a abundancia d'aguas quando desceu o mesmo Thomaz de

Souza lhe tornou imperceptiveis, ignorando pela facilidade d'essa navegação os obstaculos que na subida encontrou, e sem conhecer a extensão, largura e profundidade das cachoeiras, e muito menos os canaes que offereciam mais commoda subida das canôas. A experiencia porém mostrou ao dito capitão serem navegaveis todas as cachoeiras pelos canaes que todas tem, só com o incommodo de lhe alliviar a carga; e este mesmo incommodo cessará em todo, ou em grande parte, fazendo-se a expedição em tempo de maior abundancia d'aguas, e fabricando-se as canôas de sorte que demandem menor profundidade, bem á similhança dos bateis de riba Tejo, e sem prejuizo do commercio, compensando-se o logar da carga que se diminuir na altura com outro tanto ou ainda maior de bocca e comprimento, o que admittem bem as cachoeiras.

A unica cachoeira que offerece maior difficuldade, denominada do furo da Taboca, está muito proxima a essa cidade e no rio Tocantins, e a sua distancia de uma legua faz trabalhosas não só a presente navegação do Araguaya, mas tambem a da Natividade, Carmo e Pontal. Só dá passagem ás canôas vasias, e é indispensavel conduzir por terra as cargas em outra tanta distancia. Comtudo não é tão trabalhosa como a da Camapoam, pelos differentes rios por d'onde navegam da capitania de S. Paulo para Cuyabá. N'esta se faz preciso conduzir as proprias canôas por terra de um para outro rio em distancia de tres leguas; mas apezar d'isso é summamente frequentada, vencendo tão consideraveis incommodos avultado numero de canôas vindas todos os annos da referida capitania áquella villa, suavisando o referido obstaculo o soccorro que aos navegantes dá um homem estabelecido n'aquella paragem com carretas e mais instrumentos promptos para os transportes por terra; e este mesmo percebe tão avultado interesse, que attrahido do mesmo se sacrifica a viver situado quasi no centro da referida viagem, cercado por um lado do indomito Cayapó, e pelo outro do valente Cavalleiro, mais conhecido pelo nome de Aycurú, e é bem certo que os lucros e agencias provenientes do referido soccorro lhe adoçam todos estes perigos, e supprem ainda com lucro ás avultadas despezas de que depende a sua conservação e defeza.

Este mesmo meio, facil de se adoptar, suavisaria igualmente a navegação de Tocantins e Araguaya na referida cachoeira. Qualquer alli estabelecido, com menor perigo de vida pela proximidade da povoação, sem dependencia de tantas forças, tanto para a defeza propria, como para o prompto soccorro dos navegantes, por ser o transito de terra duas partes menos, e dar a dita cachoeira passagem ás canôas vasias, póde com maior razão fazer mais avultados interesses em um continente, segundo dizem, bem situado, e beneficiar com grande utilidade do publico e dos particulares todo o commercio de Tocantins e Araguaya; e V. Ex.ª que tanto se tem interessado pelo mesmo commercio, não deixará de promover o referido estabelecimento com as providencias vantajosas ao interesse de ambas as capitanias e reaes cofres.

Não concorreu menos para a demora da viagem o caso fortuito das enfermidades, mortes e fugas dos remeiros, contingencias estas que sem razão talvez representem a algumas pessôas pouco vantajosa a navegação do Araguaya, quando é certo terem acontecido em Tocantins; e supposto não faça impressão este acontecimento aos commerciantes d'essa praça acostumados já a similhantes e maiores prejuizos, o contrario se observa nos d'esta capitania, sendo todo o seu fim desfigurar a vantagem da navegação, para livremente continuarem a extorquir dos povos tudo quanto possuem, nos excessivos preços por que lhe introduzem as bagatellas que por terra fazem conduzir dos portos de mar.

Interessado, como devo, pelo commodo publico e utilidade d'estes povos, me penalisa a indifferença com que olham para as vantagens da navegação, quando palpavelmente se conhece a differença do commercio pelo menor risco e mais diminutas despezas, com que necessariamente podem chegar a este paiz tão central sendo conduzidos pelo Araguaya; muito principalmente sortindo-se as receitas na maior parte de fazendas sêccas, que pelo seu maior valor, sem tantas despezas, com o mesmo numero de pessôas empregadas na conducção e sem se augmentar tambem o numero das canôas, e até com menos perigo, podem conduzir duas, tres e mais partes no capital do seu preço, a que necessa-

riamente ha de corresponder proporcional quantidade de lucros: porém todas estas vantagens deixo á experiencia para desengano dos povos, e a mesma lhe ha de mostrar a utilidade na permuta dos seus generos, fazendo d'elles por este meio uma venda facil sem incommodos pessoaes e á vista, principalmente em um terreno, que só não produz com muita abundancia aquillo que se lhe não semêa: e para que V. Ex.ª possa plenamente conhecer a extensão a que póde chegar este commercio, passo a fazer a narração seguinte.

O direito senhorial do quinto nas duas casas de fundição estabelecidas n'esta capitania chega presentemente a dez arrobas de ouro, e sendo este extrahido do que se funde vem a ser o total extrahido das minas cincoenta arrobas, que com a diminuição das dez de quinto ficam quarenta, que todas se empregam no commercio, além dos muitos extravios, que talvez se façam apezar das muitas efficazes diligencias em os acautelar; e supposta a referida quantia, que somma bem perto de quinhentos mil cruzados, se empregar no commercio todo precario, ainda esta capitania se acha empenhada; argumento evidente do excesso no commercio, o qual crescerá e se augmentará á proporção que se facilitar a permutação dos effeitos proprios com os da importação; accrescendo á somma ponderada do ouro extrahido n'esta capitania o que o mesmo commercio augmentado pela frequencia da navegação póde e necessariamente ha de attrahir das povoações e arraiaes das capitanias confinantes com esta, d'onde aquelles commerciantes escolherão antes sortir as suas receitas nas carregações vindas d'esse porto, do que continuar a conduzil-as por terra da Bahia, S. Paulo e Rio de Janeiro com excessivas despezas, lucros cessantes, e damnos emergentes: eis-aqui, segundo me parece, um poderoso motivo e argumento capaz de convencer aos commerciantes d'essa praça a continuarem nas remessas das canôas, que conduzindo abundancia de todos os generos attrahirão a essa praça todo o ouro extrahido n'esta capitania, e grande parte das minas nas capitanias confinantes. Sendo assim, e continuando a navegação, como espero, em beneficio do bem publico e utilidade dos povos, tomo a meu cargo não

só continuar no auxilio que couber nas minhas limitadas forças, como tambem no estabelecimento do registo na parte mais propria para evitar os extravios e prover as necessidades da mesma navegação, o que V. Ex.ª póde segurar aos interessados nella.

Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos. Villa-Boa 18 de Junho de 1795.— Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Francisco de Souza Coutinho.— *Tristão da Cunha Menezes.*

N.º 2.

Ill.mo e Ex.mo Sr.— Entre povos, quaes os d'esta capitania, tão preoccupados de prejuizos, e pouco acostumados a tentativas, das quaes por experiencia só se podem esperar vantagens consideraveis, mais imperio induz o terror panico sobre as difficuldades e obstaculos na frequencia da navegação pelo Araguaya para esse Estado, do que os meus esforços, prevalecendo a invenção de alguns, que tendo por agencia o commercio se empenham em desvanecer o da carreira do Pará, só a fim de manterem a sordida cobiça extorquindo dos povos a troco dos generos, ainda da primeira necessidade, sommas sem proporção ao justo valor, bem certos de cessar avanços tão excessivos como iniquos logo que se offereça a todos a venda ou permutação lucrosa dos fructos da sua cultura por este meio de tão facil disposição.

Por esta causa apenas se conduzem a instancias minhas alguns de menos forças, dando principio ás suas negociações com a conducção de limitados effeitos, que promettem alguma utilidade na troca com os generos ao valor dos quaes fôr equivalente o dos transportados.

Entre estes descem em canôa propria o alferes de infantaria auxiliar Miguel Alves de Oliveira e o porta-estandarte José Eustaquio Lobão, e como me persuado que o exemplo de uns será o melhor mestre para desengano de todos, conhecendo quanto interessa não só á subsistencia do Estado, como tambem á opulencia de seus habitantes este meio de commercio activo, vou a rogar a protecção de V. Ex.ª em beneficio dos referidos.

Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos. Villa-Boa de Goyaz 1 de Julho de 1796.— De V. Ex.ª o mais attento collega e fiel captivo — *Tristão da Cunha Menezes.*

N.º 3.

A communicação da capitania de Goyazes com esta do Pará faz indispensavel o estabelecimento de um registo no rio Tocantins, não só para evitar os extravios do ouro, as fugas dos escravos, e as invasões e insultos dos gentios que povoam as margens d'aquelle rio, como para o descanso e refresco das pessôas que utilmente se empregam e empregarem em tão longas como trabalhosas viagens. Concorre além d'estas causas a de ser preciso em quanto é tempo pôr em defeza aquella navegação, e fortificar um posto que a domine, e que a faça impenetravel a qualquer invasão de inimigos.

Para todos esses uteis fins tenho determinado que na margem do dito rio Tocantins, na situação em que elle é occupado pelos rochedos que conhecemos pelo nome de cachoeira da Itaboca, e na que fôr mais sadia, vá Vm. a estabelecer o dito registo, regulando-se na escolha do sitio pelas considerações seguintes:

1.ª Que seja o passo mais estreito do dito rio, o mais facil de defender e guardar, o mais difficil de atacar, dominante e inaccessivel.

2.ª Que seja da parte oriental, isto é, na mesma terra firme que corre d'esta cidade.

3.ª Que tenha immediatas e contiguas boas terras para as lavouras dos gentios do paiz, sobretudo para as de mandioca, e boas campinas para criações de gados, em que logo se deve cuidar.

4.ª Que seja abundante de caça e pesca.

5.ª Que fique na conveniente distancia para soccorrer assim os viajantes que descerem, como os que subirem, porque se espera que uns e outros hão de navegar com as suas embarcações carregadas, e que por tanto precisem ter promptos soccorros.

6.ª Que a todas estas e outras mais vantagens que se possam colher devem sempre preferir as que em primeiro logar descrevi

e recommendo, pois ainda quando ou não seja a mais sadia, ou não tenha boas terras para lavoura e criações, a que fôr mais propria para se guardar e defender deve-se occupar para este fim, e os outros se procurarão nas que lhe ficarem mais immediatas.

Escolhida a situação, cuidará Vm. logo em se intrincheirar para que não tenha que temer insultos do gentio, e gastando n'este trabalho e no de armar as casas e armazens precisos o menos tempo que puder, passará logo toda a gente ao de fazer grandes roçados, plantando n'elles aquelles generos que mais promptamente possa colher, como são além de outros milho e legumes de diversas qualidades, mas em abundancia; e depois n'estes e em outros fará as plantações de maniba, arroz, e mais generos do paiz, occupando n'estes serviços todo o tempo que a estação permittir.

Dispostas estas lavouras, passará Vm. novamente ao de fazer as mais casas e officinas necessarias, como tambem as fortificações de campanha que o terreno permittir.

Como pretendo que esta situação se povôe, terá Vm. grande cuidado de distribuir a cada casal a extensão de terras que puder lavrar, mas de modo que fiquem todos contiguos para que se possam mutuamente soccorrer e preservar nas invasões do gentio, e tambem para que facilmente se possam achar nas occasiões em que fôr preciso chamal-os.

A gente que em outro tempo esteve em Alcobaça e nas Pederneiras, presentemente reunida em uma só situação, ha de passar para esta, logo que possam achar n'ella casas e roças de que subsistam, o que Vm. fará executar em tempo proprio, indo para este fim autorisado, assim como para haver de Azevedo e de Baião pelas ordens inclusas o maior numero de Indios que fôr possivel, além de vinte que mando ir de Oeyras, e outros tantos ligeiros de Cametá, [illegible] para que Vm. possa ter gente bastante para adiantar as disposições recommendadas com a maior celeridade e efficacia.

Os soccorros de farinhas, de plantas, sementes, e quaesquer outros requererá Vm. ao juiz ordinario da villa de Cametá, a quem ordeno haja de os fazer aprомptar e remetter na fórma

que lhe declaro na carta inclusa, que Vm. achará a sello volante, e depois de a ler lhe entregará cerrada. E do coronel do regimento auxiliar da mesma villa haverá Vm. duas peças de calibre dous com as suas competentes munições e palamenta, de que passará recibo, entendendo-se com o mesmo coronel a este respeito.

Inclusa achará Vm. uma carta de prego, que Vm. sómente abrirá depois que o soldado João Paulo do seu regimento, que subiu a Goyazes, tiver descido, e se encontrar com Vm. onde quer que esteja; mas se elle não chegar antes de 10 do mez que vem, Vm. no dito dia abrirá a referida carta.

Deus guarde a Vm. Pará 12 de Junho de 1797.—*D. Francisco de Sousa Coutinho.*—Sr. Joaquim José Maximo.

Da capitania de Goyazes hão de descer differentes corpos de tropa, e aos seus respectivos commandantes logo que forem chegando fará Vm. saber que eu determino não passem d'essa situação para baixo em quanto não receberem novas ordens, ou Vm. as não tiver contrarias a esta para lhes intimar.

Como o soldado João Paulo, que subiu para a dita capitania, poderá saber as disposições e movimentos que n'ella se faziam, e os proprios tempos em que poderão chegar os differentes corpos de tropa, Vm. procurará informar-se por elle do que respeitar a estes objectos, mas de sorte que se elle não souber nada a tal respeito não o venha a saber pelas suas perguntas.

De qualquer modo Vm. se haverá de prevenir com as precisas accommodações e mantimentos para que nada lhes falte durante a sua demora, e logo que cheguem me expedirá aviso. Em tanto, tratará Vm. com o respectivo commandante ou commandantes sobre as explorações, que os seus respectivos corpos podem fazer d'essa situação em quanto n'ella persistirem, principalmente a reconhecer a communicação interior para as cabeceiras do Capim, e a tentar alguns descimentos de gentio, que venham reforçar essa nova povoação.

Deus guarde a Vm. Pará, 12 de Junho de 1797.

INVENTARIO

DE TODOS OS PAPEIS OFFICIAES

QUE POR OBITO DO TENENTE-GENERAL

Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara,

Governador do continente do Rio Grande de S. Pedro,

Ficaram a cargo do sargento-mór ajudante d'ordens José Ignacio da Silva.

(Copiado do manuscripto original offerecido ao Instituto pelo 1.º Secretario perpetuo Manoel Ferreira Lagos.)

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.—Ainda agora posso levar á respeitavel presença de V. Ex.ª o inventario, tal qual pude formalisar, dos papeis que ficaram em meu poder pelo fallecimento do Sr. tenente-general Sebastião Xavier da Veiga Cabral, tendentes a este governo e á demarcação de limites, esperando da grandeza de V. E.ª se digne relevar similhante demora procedida, além de me não dispensar das outras minhas obrigações, da confusão em que se achavam os ditos papeis, amontoados a maior parte d'elles sem ordem ha muitos annos por causa das frequentes viagens d'aquelle Ex.^mo^ ás fronteiras d'este continente, não se lhe conhecendo quartel certo, nem secretario, ou outro amanuense, que não fosse o mesmo official encarregado da distribuição das suas ordens.

Em conformidade das de V. Ex.ª fico a entregar ao brigadeiro commandante d'este continente tudo quanto encerra o referido inventario, fazendo-lhe ver que os livros e impressos, em que

apenas n'elles toco, remettidos da côrte com o destino de se repartirem por estes moradores, gratuitamente uns e pelo seu valor outros, foram para este fim e pelo mesmo Ex.^mo entregues, uma pequena porção d'elles ao coronel engenheiro Alexandre Eloy Portelli, outra maior porção ao sargento-mór do dito corpo José de Saldanha, e todos os mais que restaram ao escrivão dos armazens reaes d'esta intendencia Felippe José dos Passos, para que o dito brigadeiro commandante dê ou espere de V. Ex.^a a providencia que convier respeito aos mencionados livros, dos quaes é constante existir ainda em ser a maior parte.

Reitero aos pés de V. Ex.^a a minha profunda obediencia e escravidão, continuando a aspirar á incomparavel fortuna de merecer a poderosa e singular protecção de V. Ex.^a, cuja Ex.^ma pessôa guarde Deus muitos annos. Porto Alegre 20 de Setembro de 1802—Ill.^mo e Ex.^mo Sr. D. Fernando José de Portugal.— De V. Ex.^a, meu Senhor, muito humilde subdito—*José Ignacio da Silva*.

Inventario

Papeis do tempo do governo do brigadeiro José Custodio de Sá e Faria.

1. Uma carta de Sua Magestade sobre a prohibição e uso das bestas muares, datada em 19 de Junho de 1761.

2. Uma lei sobre não passarem a Portugal pretos escravos, com provisão do conselho ultramarino sobre o mesmo, de 12 de Outubro de 1761.

3. Um bando impresso assignado pelo Sr. conde de Bobadela sobre a declaração da guerra, datado a 9 de Setembro de 1762.

4. Uma carta de Sua Magestade recommendando muito a criação dos cavallos n'este continente, datada em 22 de Dezembro de 1764.

5. Uma carta de Sua Magestade sobre a permissão de crias de bestas muares, não sendo introduzidas dos dominios de Hespanha, datada em 24 de Dezembro de 1764.

6. Uma carta do Sr. conde de Oeyras para se remetterem ao real erario os cabedaes pertencentes á real fazenda, e da mesma sorte as letras, conhecimentos e mais papeis, datada em 24 de Dezembro de 1764.

7. Uma provisão do tribunal da junta da fazenda do Rio de Janeiro para se administrarem os dous registos de Viamão e Curitiba por este governo, passada em 7 de Janeiro de 1765.

8. Um bando sobre a criação das bestas muares, lançado a 29 de Agosto de 1765.

9. Uma carta do Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que manda conservar na secretaria d'este governo, com a collecção impressa, a lei de 6 de Maio de 1765 sobre os regulares da companhia denominada de Jesus, datada de 20 de Maio de 1765.

10. Uma provisão do tribunal da junta do Rio de Janeiro sobre as remessas das contas dos thesoureiros da fazenda d'este governo, passada em 9 de Junho de 1766.

11. Uma provisão do conselho ultramarino para que todos os contractos sejam rematados no 1.º de Janeiro, exceptuando os dos dizimos, que se devem rematar no 1.º de Julho, passada em 15 de Julho de 1766.

12. Uma carta por copia do Ex.mo Sr. marquez vice-rei do Estado, sobre a formalidade da despeza da real fazenda, datada a 11 de Junho de 1771.

13. Uma provisão de Sua Magestade, pelo conselho ultramarino, para que se faça fechar todas e quaesquer casas de sortes que se achem estabelecidas no districto d'este governo.

Varios officios do Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza, sendo vice-rei do Estado, todos relativos ao governo d'este continente do Rio Grande de S. Pedro.

14. Um officio datado a 7 de Abril de 1780, que contém a nomeação de governador para o dito continente.

15. Um officio datado a 14 do sobredito mez, sobre a soltura, restituição ao seu posto e regresso do coronel Raphael Pinto Bandeira para o referido continente.

16. Idem com a mesma data, sobre remetter-se logo informados os requerimentos dos officiaes e mais individuos militares que forem á presença de S. Ex.ª

17. Idem de 17 de Junho. — Para mandar extrahir uma relação da qualidade e quantidade dos gados que os prisioneiros portuguezes trouxeram para este continente, e dos que deixaram nos dominios de Hespanha.

18. Idem de 22 de Setembro. — Sobre os auxilios e rações diarias que se devem fornecer aos casaes vindos das Ilhas.

19. Idem de 24 de Setembro. — Mandando praticar com as familias da Colonia, vindas do dominio de Hespanha, o mesmo que se pratica com os casaes remettidos das Ilhas.

20. Idem de 27 de Setembro. — Sobre pertencer á capitania de S. Paulo, por resolução de Sua Magestade, a arrecadação dos direitos do registo de S. Jorge ; e determina a creação de dous escripturarios para as fronteiras do Rio Grande e Rio Pardo.

21. Idem de 30 de Setembro. — Participa ter nomeado ouvidor para a comarca da ilha de Santa Catharina, advertindo que se faça observar na correição, quando passar a este continente, toda a moderação necessaria.

22. Idem de 5 de Dezembro. — Ordena a remessa de uma relação dos officiaes que pretenderem reforma, como a pretendem, de todos os que merecerem, dos que estão accommodados, e se serão precisos em alguns commandos extraordinarios.

23. Idem de 11 de Dezembro. — Recommendando a remessa, para a fazer para a côrte, de toda a qualidade de passaros grandes e pequenos, e de animaes quadrupedes que houver e se puderem descobrir.

24. Idem de 30 de Dezembro. — Decidindo dever ser Porto Alegre a residencia da capital d'este continente pelas vantagens da sua situação.

25. Idem de 7 de Maio de 1781. — Ordenando se desoccupe o rincão de Christovão Pereira para entrar na posse d'elle, pagando as bemfeitorias que lhe forem uteis, o capitão Pedro Nolasco Pereira da Cunha, a quem foi concedido pelo Ex.mo Sr. marquez de Lavradio.

26. Idem de 12 de Maio. — Manda suspender a execução do art. 2.º do tratado de alliança, pelo que respeita ás participações e auxilios que n'elle se mandam fornecer.

27. Idem de 12 de Maio. — Trata de uma relação dos rendimentos annuaes dos officios publicos da justiça e fazenda para ser remettida a Sua Magestade.

28. Idem de 12 de Maio. — Determina a remessa de um mappa exacto de todos os effeitos da real fazenda d'este continente, em que se possa conhecer por um golpe de vista quanto existe, o seu prestimo e serventia, ou a sua inutilidade.

29. Idem de 23 de Maio. — Respeito a providencias sobre a defeza d'este continente.

30. Idem de 26 de Maio. — Approva a compensação da parte que

se occupou no rincão de Pelotas, pertencente ao capitão-mór Manoel Bento da Rocha, com sessenta e quatro familias portuguezas, restituidas dos dominios de Hespanha.

31. Idem de 16 de Junho.— Sobre a remessa de uma collecção de instrumentos mathematicos que Sua Magestade manda entregar ao vice-rei do Rio da Prata, fazendo-se a conducção por conta da real fazenda.

32. Idem de 2 de Outubro.—Approva empregar o tenente de dragões Manoel Carvalho de Souza no commando da freguezia do Triumpho.

33. Idem de 6 de Outubro.—Trata da plantação da cochonilha, do preço por que deve pagar-se cada libra da primeira, segunda e terceira sorte, e de uma instrucção para a cultura da dita cochonilha.

34. Idem de 8 de Outubro.—Inclue copia do decreto em que Sua Magestade amplia e declara os capitulos decimo do novo regulamento de infantaria e undecimo de cavallaria, no qual se trata dos interrogatorios e conselhos de guerra.

35. Idem de 22 de Dezembro.—Prohibe a entrada dos Hespanhóes n'estes dominios, excepto no caso de haver um motivo tão attendivel e tão especial que não deva ser comprehendido n'aquella geral prohibição.

36. Idem de 8 de Fevereiro de 1782.—Torna novamente a recommendar a exacta observancia do que determina o art. 2.° do tratado de alliança.

37. Idem de 20 de Fevereiro.— Sobre não se dever apoiar uma representação da camara para Sua Magestade, em que pretendia o estabelecimento de um hospicio de missionarios capuchinhos Italianos n'esta villa.

38. Idem de 23 de Abril.— Faz menção do livro mestre que se remette para o regimento de dragões.

39. Idem de 12 de Agosto.— A respeito do modo de promover os postos vagos dos auxiliares, e de os armar a exemplo da capital, approvando umas instrucções para regularidade e disciplina dos mesmos auxiliares.

40. Idem de 8 de Fevereiro de 1783, com mais tres officios.— Sobre uma representação do Sr. vice-rei de Buenos-Ayres, attribuindo aos Portuguezes as hostilidades feitas em uns ervaes hespanhóes, que ao depois se verificou procederem das irrupções que costumam fazer os Indios barbaros nos confins da Vaccaria.

41. Idem de 31 de Março.— Trata de passar a este continente o ouvidor da comarca a devassar da morte do major José da Nobrega, pelas insanaveis nullidades da primeira devassa, e que o dito ministro traz ordem de voltar para o logar da sua residencia sem praticar acto algum de correição, visto a boa regularidade e subordinação em que se conservam os habitantes do mesmo continente.

42. Idem de 10 de Abril.— Ordenando a remessa de uma conta do estado dos Indios e das suas povoações.

43. Idem de 20 de Julho.— Sobre o official que deve commandar o continente na ausencia do governador para a demarcação de limites.

44. Idem de 28 de Julho.— Mandando estabelecer uma feitoria para a cultura e fabrica do linho canhamo no rincão de Canguçú debaixo da inspecção do padre Francisco Xavier Prates, ao qual acompanharão, além do paisano Antonio Gonçalves Pereira de Faria, um furriel para almoxarife, quatro soldados europeos, e quarenta escravos de Sua Magestade, e inclue as instrucções que recebeu o dito padre Prates.

45. Idem de 5 de Agosto.— Sobre corredorias de gado, suppondo havel-o em abundancia nos campos de Vaccacahy.

46. Idem de 6 de Outubro.— Para auxiliar os transportes das

madeiras encarregados ao capitão-mór das ordenanças d'este continente, com as copias da instrucção e exemplar remettido ao dito capitão-mór.

47. Idem de 8 de Janeiro de 1784.— Sobre os auxilios que se devem dar aos contractos do quinto, municio e dizimos, e aos seus administradores, permittindo a estes o uso de pistolas e outras armas para a natural defeza, ainda que prohibidas.

48. Idem de 19 de Outubro.— Manda reclamar ao Sr. vice-rei de Buenos-Ayres os vassallos Portuguezes comprehendidos no crime de contrabandistas, trazendo-lhe á memoria os sete artigos que foram publicados em ambas as fronteiras no tempo de seu antecessor.

49. Idem de 30 de Julho de 1785.— Manda engrossar as nossas patrulhas, não só para evitar os contrabandos e prender os culpados, mas para vigiar sobre qualquer designio das partidas hespanholas que possa ser prejudicial a nosso respeito.

50. Idem do 1.º de Agosto.— Sobre praticar-se com os contrabandistas hespanhóes o mesmo que se observa em Buenos-Ayres com os contrabandistas portuguezes, visto não condescender na entrega ou restituição d'estes, como se lhe reclamou, o Sr. vice-rei de Buenos-Ayres.

51. Idem de 28 de Janeiro de 1786.— A respeito de acautelar os extravios dos reaes direitos que devem pagar as pessôas que mandam ou trazem escravos para os diversos districtos d'este continente.

52. Idem de 30 de Outubro.— Manda ir ao Rio de Janeiro a uma particular conferencia o coronel Raphael Pinto Bandeira, e commandar em seu logar o continente o coronel Joaquim José Ribeiro da Costa.

53. Idem de 29 de Janeiro de 1788.— Sobre a apparição de um cometa annunciada pela Real Sociedade de Londres.

54. Idem de 29 de Abril de 1790.—Trata de voltar para este continente, restituido ao commando d'elle, o brigadeiro Raphael Pinto Bandeira.

55. Oito ditos datados de 28 de Setembro de 1780 até 14 de Outubro de 1782.—Todos concernentes á entrega ao commissionado de Hespanha D. Vicente Ximenes, da artilharia e mais generos pertencentes á corôa da sua nação, que ficaram no Rio Grande no tempo da restauração d'este pelas tropas portuguezas.

56. 65 officios dos quaes uns acompanharam conhecimentos de differentes remessas de armamento, fardamento e generos para os armazens reaes, e outros comprehendem varias determinações e ordens relativas a este governo, que pareceu desnecessario substancial-as.

Demarcação de limites da America Meridional.

57. Copia de uma carta regia para o Ill.mo e Ex.mo Sr. vice-rei do Brazil Luiz de Vasconcellos e Souza, datada a 25 de Janeiro de 1779, como fundamental de toda a obra da demarcação de limites.

58. Copia de uma carta secretissima da mesma data acima, como instrucção particular, dirigida pelo Ex.mo Sr. ministro e secretario de estado Martinho de Mello e Castro ao mesmo Sr. vice-rei.

59. Um papel em hespanhol com o titulo—Plano para executar la demarcacion de esta America.

60. Copia de uma carta do Sr. conde de Fernão Nunes, datada a 20 de Dezembro de 1781, e escripta ao dito Ex.mo Sr. Martinho de Mello e Castro.

61. Nomeação para o primeiro commissario de limites, passada na data de 11 de Janeiro de 1783 pelo Ex.mo Sr. vice-rei Luiz de

Vasconcellos e Souza, autorisando o dito primeiro commissario com o poder e faculdade expressada n'ella.

62. 31 officios do mesmo Ex.mo Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza para o primeiro commissario, dirigidos antes e em todo o decurso da demarcação de limites até o fim do seu vice-reinado, que comprehendem as mais instructivas ordens sobre o modo de se preencher inteiramente o que Sua Magestade foi servida ordenar a respeito da mesma demarcação; e junto aos quaes se acham as copias da correspondencia, discurso, reflexões e respostas entre o sobredito Ex.mo Sr. vice-rei e o do Rio da Prata sobre as duvidas occorridas na separação dos terrenos que medeam entre as margens occidentaes da Lagôa Merim e as cabeceiras ou vertentes do Rio Negro.

63. Um officio de S. Ex.a que acompanhou o roteiro, derrota e plano remettido pelo Sr. general de S. Paulo, de resulta da diligencia feita por aquella capitania sobre os rios que mostram ser o Igurey e Iguary.

64. Quatorze mais que tratam das pessôas destinadas para a demarcação, das gratificações que se mandaram dar, e de diversas remessas de dinheiro e generos para a mesma diligencia.

65. Oito mais para o referido primeiro commissario, do Ill.mo e Ex.mo Sr. vice-rei conde de Rezende, os quaes contém iguaes instrucções e ordens relativas principalmente ao progresso e inteira execução do art. 8.º da mencionada demarcação.

66. Tratado preliminar de paz e de limites datado no 1.º de Outubro de 1777, ao qual anda annexo por copia o tratado de Hespanha, e a concordata feita entre os Senhores vice-reis do Brazil e do Rio da Prata.

67. Averiguação particular sobre alguns objectos da demarcação de limites praticada pelo segundo commissario da mesma demarcação no anno de 1783.

68. Copia de um bando ao sahir para a demarcação de limites a 24 de Janeiro de 1784, e das instrucções do primeiro commissario para governo da partida da sua inspecção.

69. Copia de um officio do primeiro commissario de limites, participando ao Ill.mo Sr. vice-rei a chegada com a partida de seu mando a Chuy, a 5 de Fevereiro de 1784, e ter acampado junto á margem septentrional d'aquelle arroyo, á curta distancia da partida hespanhola.

70. Copias da nomeação do primeiro commissario hespanhol D. José Varella e Ulloa, das instrucções que este apresentou da sua côrte sobre a demarcação de limites, e de um termo de apresentação de titulos e reconhecimento feito entre os primeiros e segundos commissarios de ambas as nações.

71. Copias de dous extractos das primeiras conferencias que tiveram em Chuy, a 12 de Fevereiro de 1784, os dous primeiros commissarios de Portugal e Hespanha, estando presentes os segundos de ambas as nações, em cujas conferencias consistiu a opinião do commissario hespanhol (na qual o commissario portuguez não conveio por absorver uma muito consideravel porção de terreno e de vertentes que o tratado não cede á Hespanha) em traçar a linha divisoria seguindo todas as margens occidentaes da Lagôa de Merim, até encontrar o primeiro arroyo meridional que entra no sangradouro d'ella.

72. Copias de um officio do primeiro commissario portuguez para o Ex.mo Sr. vice-rei, datado a 2 de Abril de 1784, e da correspondencia em quatro officios que suscitou o commissario hespanhol, insistindo, ao depois de concluidos os trabalhos de Chuy até ás margens meridionaes da Lagôa Merim, na demarcação do seu dictame, e em promover a practica das subdivisões, então intempestiva.

73. Copias de dous officios do primeiro commissario hespanhol para seu concurrente, e das respostas d'este, sobre as duvidas

que se poderáõ originar no progresso da demarcação de limites desde as cabeceiras do Rio Negro até a barra do Pepiriguaçú, e sobre o Igurey; incluindo a conta para o Ill.^mo Sr. vice-rei a este respeito pelo commissario portuguez, datada de 20 de Maio de 1784.

74. Copias de tres officios do primeiro commissario portuguez, e de outros tantos de seu concurrente, a respeito de se collocarem os marcos da linha de Tahim, do termo d'esta demarcação assignado por ambos os commissarios; e da conta dada a este respeito ao Ex.^mo Sr. vice-rei na data de 10 de Outubro de 1784.

75. Copias de dous officios do commissario hespanhol, nos quaes pretende escurecer a necessidade de averiguar com individuação todos os terrenos das vertentes da Lagôa Merim; das respostas do commissario portuguez; e da conta ao Ex.^mo Sr. vice-rei, datada de 22 de Outubro de 1784.

76. Copias de um officio do commissario hespanhol, reclamando que se desalogem os estabelecimentos portuguezes sitos d'outro lado do Piratini na fronteira do Rio Grande; da resposta do commissario portuguez, reputando por injusta e intempestiva a dita reclamação; e da conta ao Ex.^mo Sr. vice-rei a este respeito na data de 10 de Março de 1785.

77. Copias de sete officios do commissario hespanhol, e oito de seu concurrente o commissario portuguez, oppondo-se este ás idéas com que aquelle pretende complicar a diligencia da demarcação de limites, e frustrar principalmente o reconhecimento da Lagôa Merim; e de seis officios para o Ex.^mo Sr. vice-rei sobre este mesmo assumpto, datados a 28 de Fevereiro, 16 de Março, 24 de Junho, 8 de Julho e 30 de Outubro de 1785.

78. Copia de uma parte ao Ex.^mo Sr. vice-rei, com data de 29 de Novembro de 1785, sobre a inesperada resolução que tomou o commissario hespanhol embarcando para o reconhe-

cimento da Lagôa Merim sem o accôrdo do commissario portuguez, que imitando-o se pôz em marcha para o mesmo destino, seguindo por terra ao rio Jaguarão.

79. Copias de tres officios do commissario hespanhol, e de dous em resposta do commissario portuguez, sobre a mudança do acampamento de Tahim para o Piratini, a qual se verificou a 11 de Março de 1786; incluindo varias partes ao Ex.^m' Sr. vice-rei, e entre ellas a de estar inteiramente concluido o reconhecimento das vertentes da Lagôa Merim, ou terreno em disputa.

80. Copias de tres officios do commissario portuguez, e cinco do hespanhol seu concurrente, a respeito de um insulto praticado por alguns individuos da partida d'este em um champão portuguez na Lagôa Merim, e juntamente da conta ao Ex.mo Sr. vice-rei a este respeito, datada de 4 de Abril de 1786.

81. Copias de dous officios do primeiro commissario para o Ex.mo Sr. vice-rei, datados a 5 e 9 de Dezembro de 1786, participando haver levantado o campo de Piratini, e achar-se acampado nas cabeceiras do arroyo Pirahy, a pouco mais de uma legua distante do alojamento hespanhol e do forte de Santa Tecla, e juntamente a separação das segundas subdivisões.

82. Copias de um officio do commissario hespanhol para seu concurrente sobre a assignatura do plano das vertentes da Lagôa Merim; da resposta do commissario portuguez, oppondo-se por se acharem estes terrenos em disputa; e da conta ao dito respeito dirigida ao Ex.mo Sr. vice-rei na data de 10 de Janeiro de 1787.

83. Copia de um officio para o Ex.mo Sr. vice-rei, datado a 21 de Fevereiro de 1787, que trata dos trabalhos dos facultativos, desde as cabeceiras do Rio Negro até ás ultimas do Pirahy, e da discordia entre os dous primeiros commissarios respeito ao espaço de terreno neutro, por causa da vizinhança do forte de Santa Tecla, que o hespanhol insiste, e o portuguez defende estar situado em terrenos d'aquella nação.

Continuação da correspondencia entre os primeiros commissarios relativa á demarcação desde Pirahy até á entrada do Pepiriguaçú no Uruguay.

84. Copia de um officio para o Ex.mo Sr. vice-rei, datado a 14 de Abril de 1787, sobre ter a primeira subdivisão levantado o campo de Pirahy a 28 de Março, e ir acampar a 7 do dito mez de Abril a curta distancia do Monte Grande; com uma noticia dos trabalhos feitos pelos facultativos das duas nações desde o referido Pirahy, continuando o Albardão ou Coxilha-Grande.

85. Copias de um officio ao Ex.mo Sr. vice-rei, datado a 26 de Novembro de 1787, e da correspondencia entre os dous primeiros commissarios, com o motivo de pretender o hespanhol que se reconhecesse pelas primeiras subdivisões o rio Pepiriguaçú.

86. Copias de seis officios em que consiste a correspondencia entre os primeiros commissarios portuguez e hespanhol, sobre a facha de terreno neutral desde Monte Grande até ás cabeceiras do Pirahy; da instrucção para a collocação dos marcos, e de um officio dirigido ao Ex.mo Sr. vice-rei, na data de 25 de Novembro de 1787, que acompanhou a referida correspondencia.

87. Copias das instrucções passadas pelos seus respectivos commissarios aos facultativos que foram reconhecer os terrenos entre a falda septentrional do Monte Grande e a barra ou entrada do Pepiriguaçú no Uruguay, e de um officio para o Ex.mo Sr. vice-rei, datado a 29 de Novembro de 1787, que acompanhou as ditas instrucções.

88. Copias de quatro officios do primeiro commissario para o Ex.mo Sr. vice-rei: os dous primeiros, de 1 e 20 de Dezembro passado, tratam da subida do Monte Grande, e da entrada da primeira subdivisão a 13 do dito Dezembro no povo de S. João Baptista de Missões; o terceiro de 30 de Janeiro de 1788 acompanhou um plano e termo da demarcação entre

as vertentes do Ibicui-guaçú e a falda meridional do Monte Grande ; e o quarto de 8 de Abril encerra a continuação dos trabalhos dos facultativos.

89. Copias de um officio ao Ex.mo Sr. vice-rei, datado de 9 de Maio de 1788, e da segunda instancia do commissario hespanhol, e resposta do portuguez sobre ser reconhecido e demarcado pelas primeiras subdivisões o rio Pepiriguaçú.

90. Copias de dous officios para o Ex.mo Sr. vice-rei, datados a 27 de Maio e 8 de Setembro de 1788, em que o primeiro commissario circumstanciadamente informa das diligencias praticadas para se descobrir a barra do verdadeiro Pepiriguaçú assignalado pelos demarcadores passados.

91. Copias de dous officios do primeiro commissario para o Ex.mo Sr. vice-rei, datados a 15 de Junho e 9 de Novembro de 1788, noticiando no primeiro a retirada de seu concurrente para Buenos-Ayres com a subdivisão do seu mando logo que se concluam os trabalhos da dita subdivisão, e respondendo no segundo á ordem de S. Exa. para elle se conservar em Missões dirigindo a demarcação do art. 8.o

92. Copias de um officio para o Ex.mo Sr. vice-rei, datado a 20 de Janeiro de 1789, e de dous entre os primeiros commissarios, nos quaes o de Portugal se offerece a abraçar o reconhecimento do rio Pepiriguaçú, visto estar concluido o trabalho das primeiras subdivisões, e o de Hespanha se nega ao dito reconhecimento, sem embargo de o haver antecedentemente por duas vezes proposto.

93. Copias de um officio para o Ex.mo Sr. vice-rei, datado a 10 de Fevereiro de 1787 ; de tres ditos do commissario hespanhol, e outros tantos do portuguez em resposta, refutando este as razões com que seu concurrente pretende substituir o verdadeiro Pepiriguaçú, attribuindo a haverem-se equivocado a respeito d'este os antigos demarcadores por um rio que do mesmo Pepiriguaçú dista mais de quatorze leguas.

94. Copias de um officio para o Ex.mo Sr. vice-rei, datado a 6 de Abril de 1789, e de seis ditos entre os dous commissarios portuguez e hespanhol, encerrando as differentes opiniões de ambos sobre a demarcação dos terrenos comprehendidos entre Monte Grande e o rio Pepiriguaçú.

95. Copias de dous officios para o Ex.mo Sr. vice-rei, datados a 16 de Agosto e 3 de Novembro de 1789, e de quatro ditos dos dous commissarios portuguez e hespanhol, proseguindo na discordia das suas opiniões sobre a referida demarcação ou direcção da linha divisoria, tanto antes como ao depois do expediente interino a que recorreram.

96. Copia de um officio para o Ex.mo Sr. vice-rei, de 4 de Novembro de 1789, acompanhando o diario e plano geral da demarcação desde a barra do arroyo Chuy até á do rio Pepiriguaçú, um termo d'esta demarcação assignado pelos respectivos commissarios, um extracto das notas postas pelo commissario portuguez no plano hespanhol, e pelo commissario d'esta nação no plano portuguez, e finalmente outro plano de parte da dita demarcação entre as cabeceiras do rio Tapactuá e o referido Pepiriguaçú.

97. Copia de um officio do commissario portuguez, em que participa ao commissario hespanhol a necessidade da sua pessoal assistencia por mais algum tempo em Missões, a fim de promover a demarcação do artigo 8.º: copias da resposta do dito commissario hespanhol, e do Sr. vice-rei de Buenos Ayres, á outra similhante participação; finalmente de um officio para o Ex.mo Sr. vice-rei do Brazil, datado a 7 de Novembro de 1789, com a parte de haverem regressado as duas primeiras subdivisões, quasi toda a portugueza para o continente do Rio Grande, e a hespanhola para Montevideo, indo á testa d'ella o seu primeiro commissario.

Artigo 8.º

98. Copia de um officio do primeiro commissario para o Ex.mo Sr. vice-rei, datado a 16 de Dezembro de 1786, sobre a separação

das segundas subdivisões, e das instrucções passadas ao segundo commissario encarregado da segunda subdivisão portugueza.

99. Copias de tres officios do segundo commissario de limites para o seu primeiro commissario, informando-o exactamente da marcha e chegada com a partida do seu commando ao povo de S. Francisco de Borja : da resposta do dito primeiro commissario, e da parte que este dirigiu ao Ex.mo Sr. vice-rei ao dito respeito na data de 16 de Abril de 1787.

100. Copia de um officio do primeiro commissario para o Ex.mo Sr. vice-rei, datado a 6 de Julho de 1787, com a correspondencia entre os dous segundos commissarios sobre pertencer ás primeiras subdivisões, como pretendeu o segundo commissario hespanhol fundado na resolução a seu favor do Sr. vice-rei de Buenos-Ayres, o reconhecimento do rio Pepiriguaçú, e se dever tomar o rio Iguatimi pelo Igurey.

101. Copia de um officio do primeiro commissario para o Ex.mo Sr. vice-rei, com data de 3 de Maio de 1787, remettendo a correspondencia entre os dous segundos commissarios, sobre pretender o de Hespanha ser reconhecido pelo portuguez primeiro commissario da segunda subdivisão hespanhola, independente da primeira subdivisão da dita nação.

102. Copias de tres officios do primeiro commissario para o mesmo Ex.mo Sr. concernentes á demarcação do art. 8.º, incluindo o ultimo a correspondencia entre os commissarios das segundas subdivisões, desde que o portuguez propôz ao seu concurrente em 19 de Agosto de 1787 estar restabelecido da molestia que o atacou, e prompto para emprehender a dita demarcação, até o dia 26 de Abril de 1788, em que se verificou o embarque e sahida das referidas subdivisões do povo da Candelaria para o porto de Corpus.

103. Copias de um officio do primeiro commissario para o dito

Ex.mo Sr., datado a 2 de Agosto de 1788, e da correspondencia que houve entre os commissarios das segundas subdivisões, de resulta ou immediatamente depois da sua chegada ao rio Iguaçú, tratando d'aquella parte da demarcação, e principalmente do rio Igurey.

104. Copia de um officio para o mesmo Sr., do referido primeiro commissario, datado a 16 de Outubro de 1788, em que informa acharem-se reconhecidos pelas segundas subdivisões os rios Paraná, Iguaçú e de Santo Antonio, e da exploração a respeito do Igurey, remettendo a correspondencia suscitada entre os dous commissarios, sobre insistir o hespanhol na arbitraria substituição do rio Iguatimi em logar do dito Igurey, que terminou em darem conta; voltando aquellas partidas a 26 de Dezembro do dito anno ao povo da Candelaria, d'onde seguiram para o de Santo Angelo a promover os ulteriores trabalhos relativos ao citado artigo.

105. Copias de dous officios do primeiro commissario para o Ex.mo Sr. vice-rei, datados a 2 de Outubro de 1789 e 29 de Abril de 1790, tratando o primeiro da reclamação que S. Ex.a determinou sobre a volta das segundas subdivisões ao Paraná com o motivo de procederem a novas investigações a respeito da situação do Igurey; e o segundo da correspondencia ou controversia entre os commissarios das ditas subdivisões sobre o reconhecimento do Pepiriguaçú e do rio Caudaloso, que os Hespanhóes querem que prevaleça pelo tal Pepiriguaçú.

106. Copia de um officio do primeiro commissario para o mesmo Sr., datado a 30 de Abril de 1790, acompanhando a correspondencia entre o segundo commissario portuguez, seu concurrente, e o governador de Missões sobre as despezas feitas no reconhecimento do Paraná.

107. Copia de um officio do primeiro commissario de limites para o Ex.mo Sr. vice-rei conde de Rezende, datado a 27 de Julho de 1790, em que lhe participa os acontecimentos mais notaveis da demarcação de limites desde o seu principio.

108. Copias de um officio do primeiro commissario para o Ex.^mo Sr. vice-rei, datado a 28 de Julho de 1790, participando haver-se completado o reconhecimento do rio Pepiriguaçú ; e de outro de 12 de Novembro do dito anno, que acompanhou a larga e interrompida correspondencia entre os commissarios das segundas subdivisões, não só a respeito do completo exame do rio Caudaloso, como da tenaz repulsa com que o hespanhol se nega ao novo reconhecimento do Paraná e investigação do Igurey.

109. Copias de um officio para o dito Sr., de 21 de Julho de 1791, reiterando as necessidades do cofre da demarcação, e de outro officio, datado a 8 de Novembro do dito anno, sobre haver-se repetido e completado, a instancias do commissario hespanhol, o reconhecimento do rio Caudaloso, a que elle obstinadamente dá o nome de Pepiriguaçú.

110. Copias de um officio do primeiro commissario para o Ex.^mo Sr. vice-rei, datado a 25 de Novembro de 1791, e de nove ditos do segundo commissario portuguez, e outros tantos do hespanhol, impugnando este aos esforços com que seu concurrente pretendeu movel-o a convir no reconhecimento do Paraná.

111. Copias de uma carta do primeiro commissario portuguez, datada a 3 de Novembro de 1792, participando ao Sr. vice-rei de Buenos-Ayres os motivos da sua retirada de Missões para o continente do Rio Grande, tendo sempre em vista a demarcação do art. 8.º ; e do officio ou instrucção, datado a 9 do dito mez, que deixou ao seu segundo commissario sobre a mesma diligencia, dispondo-o a convir no reconhecimento do rio Santo Antonio Guaçú da nova e mais moderna invenção dos Hespanhóes.

112. Copias de um officio do primeiro commissario para o Ex.^mo Sr. vice-rei do Brazil, datado a 24 de Junho de 1794, e da diffusa e varias vezes interrompida correspondencia entre os

commissarios das segundas subdivisões, sobre pretender o hespanhol reconhecer o rio Santo Antonio Guaçú, sem admittir a condição proposta por seu concurrente de convir no dito reconhecimento, mas nunca na união e enlace das cabeceiras ou vertentes do dito rio com outro qualquer que lhe fique fronteiro.

113. Copias de quatro officios do primeiro commissario para o Ex.mo Sr. vice-rei, com datas de 19 de Fevereiro e 3 de Maio de 1793, 23 de Outubro de 1795, e 20 de Março de 1796, tratando e incluindo iguaes copias da sua correspondencia com os Srs. vice-rei de Buenos-Ayres D. Nicoláo de Arredondo e seu successor D. Pedro de Mello, sobre os successos e tropeços da demarcação do art. 8.º; exigindo de ambos, com as mais vivas instancias, que o commissario hespanhol se prestasse ao pretendido reconhecimento do Paraná e reclamação do Igurey, em cujas respostas o ultimo d'aquelles generaes concluiu — que se verificaria o citado reconhecimento ao depois que por parte de Portugal se désse concurso ao do rio Santo Antonio Guaçú, e ao enlace referido das suas cabeceiras.

114. Copias de um officio do primeiro commissario para o mesmo Ex.mo Sr., datado a 16 de Março de 1796, e da ultima controversia entre os commissarios das segundas subdivisões, com o motivo de instar o hespanhol pela continuação e remate do reconhecimento do rio Santo Antonio Guaçú, e persuadil-o o portuguez das ordens com que se achava para prestar-se ao dito reconhecimento debaixo das condições prescriptas; cuja disputa terminou recorrendo ambos ao expediente interino.

115. Copia de um officio do primeiro commissario para o mesmo Ex.mo Sr. vice-rei, datado a 12 de Novembro de 1797, acompanhando a extensa correspondencia em que entrou o commissario hespanhol, e fez entrar ao seu concurrente, na qual pretendendo defender o despotismo de mudar-se repentinamente do povo de Santo Angelo em que se achava vinte leguas para o interior d'aquelles dominios, levando a partida

do seu commando sem consultar ao dito seu concurrente, se atreveu a declamar contra a mudança a seu exemplo da partida portugueza para os dominios de Sua Magestade Fidelissima, nas immediações da primeira guarda avançada que confronta com o territorio hespanhol.

116. Um maço da correspondencia entre o primeiro e segundo commissario portuguez, tendente aos auxilios e providencias da demarcação, achando-se toda e qualquer outra sobre os principaes assumptos d'esta incluida nos artigos a que pertence.

N. B. Os proprios officios do primeiro commissario hespanhol, do Sr. vice-rei do Rio da Prata em resposta aos assumptos da demarcação de limites, e ainda os do segundo commissario portuguez acompanhando por copia a correspondencia entre elle e o commissario hespanhol seu concurrente sobre a execução do art. 8.º, foram remettidos nos seus devidos tempos ao Ill.mo e Ex.mo Sr. vice-rei do Brazil, por cuja causa se fez tão sómente menção dos seus extractos ou copias.

Cinco planos ou duplicados, excepto do plano geral dos trabalhos das primeiras subdivisões, que ainda se conserva em mãos do coronel engenheiro Alexandre Eloy Porteli, com os titulos seguintes.

1.º

117. Plano geographico individual do Rio Grande de S. Pedro, das Lagôas de Merim e da Mangueira, linguas de terra que medeiam entre ellas e a costa do mar, e arroyos que desaguam na mesma Lagôa de Merim, incluso o rio Piratini que desagua no sangradouro com seus arredores correspondentes, no qual se mostram as linhas de divisão estabelecidas no anno de 1784 pelos primeiros commissarios das duas coroas de Portugal e Hespanha em consequencia do tratado preliminar de limites do 1.º de Outubro de 1777, e juntamente o trabalho averiguado nos annos seguintes de 1785 e 1786, nas vertentes dos mesmos

30

rios e arroyos para a Lagôa de Merim, na fórma accordada pelos ditos commissarios, sobre a duvida entre elles questionada e intelligencia dos diarios e relações dos mesmos terrenos.

2.º

118. Plano geographico de uma parte dos confins do Brazil até o Rio da Prata, elevado pelos officiaes da expedição de 1750, em que está marcada a raia estabelecida n'aquelle tempo entre os dominios de Portugal e Hespanha, desde Castilhos Grandes até ás vertentes do rio Ibicuy.

3.º

119. Plano topographico e individual que comprehende os arroyos de Itaim, do Baeta e seus arredores, e uma parte das Lagôas da Mangueira e Merim, em o qual se manifesta a linha da raia pertencente aos dominios de Portugal, estabelecida em cumprimento do tratado preliminar de limites do 1.º de Outubro de 1777 pelos primeiros commissarios das corôas de Portugal e Hespanha, no anno de 1784.

4.º

120. Plano topographico e individual dos arroyos de Chuy e de S. Miguel, e seus arredores até Castilhos Pequenos, em o qual se mostra a raia pertencente aos dominios de Hespanha, estabelecida em 1784 pelos primeiros commissarios das duas corôas de Portugal e Hespanha, em execução do tratado preliminar de limites do 1.º de Outubro de 1777.

5.º

121. Plano topographico e individual, que comprehende os arroyos de Chuy, de S. Miguel, de Itaim, e do Baeta, as Lagôas da Mangueira e Merim, e linguas de terra que medeiam entre ellas e a costa do mar e seus arredores, em o qual se manifestam as linhas de divisão pertencentes aos dominios das corôas de Portugal e Hespanha, estabelecidas

pelos primeiros commissarios das mesmas corôas no anno de 1784 em cumprimento do tratado preliminar de limites na America Meridional do 1.º de Outubro de 1777.

Officios do Ill.mo e Ex.mo Srs. vice-rei conde de Rezende pertencentes ao mesmo governo do Rio Grande.

122. Um officio datado a 21 de Agosto de 1791.— Acompanhou uma memoria sobre se seria ou não necessario conservar a tropa na sua actual situação, remetter os desertores para a capital do Estado, e consentir no paiz os Curitibanos que descem de S. Paulo; e umas reflexões a respeito dos interesses d'estes habitantes, com alguns artigos a favor da fazenda real.

123. Idem de 15 de Junho de 1792. — Prohibe possessões nos terrenos duvidosos, e ordena que sejam desalojados os intrusos ao depois do tratado, ficando estes com direito aos ditos terrenos para n'elles se verificar a sua possessão quando forem privativos da corôa de Portugal.

124. Idem de 26 de Julho. — Sobre reservar-se para uma das freguezias apontadas o terreno de que está de posse e requer sesmaria Vicente Venceslão, ordenando a remessa das competentes informações, a fim de o compensar com outro.

125. Idem do 1.º de Outubro.— Sobre a má fé dos Hespanhóes, que simuladamente procuram adiantar os limites privativos da sua nação. Julga da ultima importancia o regresso de Missões do marechal governador a fim de remediar as tristes consequencias que poderão seguir-se, e ordena entre outras providencias se conserve uma embarcação armada nos rios que desembocam na Lagôa de Merim, á imitação dos Hespanhóes, e successivas patrulhas.

126. Idem de 27 de Outubro.— Determina que havendo oppositores a uma mesma data de terras se prefira o mais capaz.

127. Idem de 4 de Março de 1793. — Manda dar vigor a uma sesmaria de Nicoláo Cosme dos Reis, e expulsar o intruso no terreno que ella comprehende.

128. Idem de 28 de Julho. — Ordenando persuadir aos mestres de embarcações, que sahem d'este porto para os de outras capitanias, a fazer escala pelo Rio de Janeiro, porque sem embaraçar o commercio livre cresceráõ os rendimentos da alfandega com os direitos que n'ella pagarem.

129. Idem de 29 de Setembro. — Sobre os estabelecimentos que tanto os Portuguezes como os Hespanhóes tem adiantado, mandando tratar esta dependencia de modo que se o Sr. vice-rei de Buenos-Ayres não duvidar retirar as suas guardas, &c., se evacuem aquelles, mas se insistir na teima de as conservar, devem então permanecer os ditos estabelecimentos portuguezes, e serem defendidos de qualquer violencia.

130. Idem do 1.º de Dezembro. — Resolvendo que os mestres de embarcações, para evitar o prejuizo que allegam, passem letras seguras a fim de pagarem os devidos direitos n'aquella alfandega ; e em officio de 30 de Setembro de 1794 ordona que fique sem effeito esta providencia e a da pretendida escala.

131. Idem de 18 de Outubro de 1794. — Sobre dever pagar os direitos da entrada e os da sahida de Africa, se por algum pretexto tocar este porto e fizer n'elle descarga uma embarcação que exporta escravos para o Pará.

132. Idem de 17 de Janeiro de 1795. — Ordenando a remessa de uma porção de semente de linho canhamo para promover a sua cultura no Rio de Janeiro, e repete em outros officios a mesma ordem, em razão de não ter produzido a dita semente.

133. Idem de 4 de Março. — Cedendo S. Ex.ª a sua regalia, para que se conceda licença registada a qualquer official,

ou a todo aquelle que tenha justa causa para pretender ir ao Rio de Janeiro.

134. Idem de 21 de Junho.— Ordenando, em conformidade das reaes ordens, que á imitação do que praticaram os Hespanhóes estabelecendo em differentes sitios do terreno neutro postos de tropa, e fazendo gyrar na Lagôa Merim uma ou mais embarcações armadas em guerra, com o pretexto de embaraçar o contrabando, se faça estabelecer nos ditos sitios, na outra extremidade do terreno neutro em proporcionada distancia, um corpo de tropas portuguezas da força que parecer conveniente ; e que esta mesma precaução se observe a respeito da Lagôa Merim, estabelecendo algumas embarcações em quanto os Hespanhóes conservarem n'ella as que trazem.

135. Idem de 4 de Setembro.— Determina que para reforçar a guarnição da ilha de Santa Catharina faça pôr em marcha aquelle numero de homens que fôr possivel, tirados do batalhão de infantaria e artilharia.

136. Idem de 11 de Dezembro.— Vendo S. Ex.ª disposta a execução do que ordenou a respeito dos postos de tropa e embarcações armadas, determina que se não consinta aos Hespanhóes perturbar os nossos estabelecimentos, devendo-se recorrer n'este caso, quando assim o pretendam, áquelles meios que constantemente exige a precisão e o dever.

137. Idem de 12 de Dezembro.— Revogando a ordem a respeito da tropa do batalhão de infantaria e artilharia, attendendo a ser mais necessaria no Rio Grande que na ilha de Santa Catharina.

138. Idem de 25 de Outubro de 1796.— Recommenda as mais exactas e acertadas disposições a respeito do contrabando dos escravos, por quanto os mestres das embarcações mudam os nomes nos portos para onde se destinam, e até se desconfia que fingem despachos falsos.

139. Idem de 29 de Março de 1797.— Ordena que os chefes dos corpos regulares remettam no fim de todos os seis mezes uma relação da conducta dos seus officiaes, e officiaes inferiores graduados e cadetes, com sobre capa ao secretario do Estado.

140. Idem de 24 de Abril.— Approvando as providencias sobre os bem fundados receios de ser accommettido este continente.

141. Idem de 9 de Maio.— Ordena se auxilie a cobrança de varias letras passadas sobre alguns negociantes d'este paiz, applicando o seu valor para pagamento das tropas.

142. Idem de 9 de Maio.— Determina a creação de todas as companhias de cavallaria auxiliar que forem precisas: que se publique logo a promoção dos officiaes que forem propostos, e se lhes dê exercicio, remettendo a S. Ex.ª relação dos seus nomes e graduações para lhes mandar passar patentes.

143. Idem de 9 de Maio.— Trata da estreita alliança em que entrou a côrte de Hespanha com a França, de que resultou uma ruptura entre aquella potencia e a Gran-Bretanha, e previne todas as cautelas para evitar qualquer acontecimento.

144. Idem de 9 de Maio.— Inclue copia de um aviso de Sua Magestade, exigindo uma informação dos meios que são necessarios para formar d'este continente e da ilha de Santa Catharina uma capitania separada das outras.

145. Idem de 16 de Maio.— Ordenando a remessa em relações circumstanciadas ou em mappas da descripção geographica e topographica d'este governo; do estado actual da sua povoação; da qualidade e quantidade dos productos; do que os povos pagam seja ao soberano, seja á igreja; do que montam as despezas em geral; do estado da tropa regular e auxiliar; dos petrechos e munições de guerra, e de outros muitos e differentes objectos etc.

146. Idem de 17 de Maio.— Sobre o emprestimo de dous mi-

lhões, e manda animar aos que tiverem possibilidades a interessarem-se no dito emprestimo.

147. Idem de 18 de Maio.— Manda ordenar á camara que proponha tres sujeitos para capitão-mór das ordenanças, segurando haver de confirmar aquelle sobre quem recahir com preferencia a informação do governador; e que para capitães e mais officiaes das companhias que novamente se creasse n'este corpo, nomeasse elle dito governador os sujeitos mais idoneos, dando-lhes logo exercicio, e remettendo a relação dos contemplados para obterem a sua confirmação.

148. Idem de 8 de Agosto.— Trata do embarque de tres companhias do regimento de Estremoz para reforço das tropas d'este continente, e da remessa de varios generos.

149. Idem de 14 de Setembro.— Trata da expedição de dous bergantins artilhados, e com todas as mais provisões necessarias, para defeza da barra do Rio Grande.

150. Idem de 18 de Setembro.— Ordena a remessa de um mappa de todos os effeitos que no anno de 1792 sahiram d'este continente para os portos do Brazil, Africa e ainda para o Reino, com distincção do que se remetteu para cada porto; o preço medio por que então corriam os ditos effeitos, e ultimamente o seu valor total, ordenando igual remessa dos annos de 1793 a 1797, e d'estes em diante.

151. Idem de 27 de Outubro.— Sobre os logares mais abundantes de matas, exigindo uma informação do modo de as conservar e de promover a sua cultura, dos sitios mais proprios para córtes, e se nos seus portos se poderão construir embarcações capazes de conduzir as madeiras em direitura a Lisboa.

152. Idem de 29 de Novembro.— A respeito de uma ordem de Sua Magestade para que os navios que exportarem effeitos para o Reino se incorporem de tres a tres mezes no porto do

Rio de Janeiro, Bahia etc., a fim de serem escoltados por embarcações de guerra.

153. Quatro ditos de 5, 12, 16, e 23 de Dezembro.— Sobre a factura de carnes salgadas para provimento da esquadra, e do methodo mais efficaz de se fabricarem.

154. Idem de 11 de Janeiro de 1798.—Sobre promover o adiantamento da estancia de Bujurú, convidando aos sesmeiros d'este continente a concorrerem com aquella porção de vaccas e eguas que por uma distribuição igual a cada um ficar pertencendo.

155. Idem de 12 de Janeiro.— A respeito de persuadir e animar aos fazendeiros, que tiverem terrenos proprios para a cultura do linho canhamo, a plantar uma certa porção de semente, na certeza de lhe ser promptamente pago pela fazenda real todo quanto levarem ao Rio de Janeiro.

156. Idem de 3 de Março.—Trata da remessa de duzentos cavallos para o esquadrão da cavallaria da guarda de S. Ex.ª

157. Idem de 12 de Março.— Desapprova o methodo das despezas feitas com a feitoria do linho canhamo, ordenando que o conhecimento e fiscalisação d'ellas para o futuro ficaria pertencendo á junta da real fazenda.

158. Idem de 20 de Março.— Manda auxiliar o ouvidor provedor dos defuntos e ausentes para devassar e proceder, na fórma das ordens de Sua Magestade, contra os comprehendidos na prisão e mais factos absolutos, que o juiz ordinario de Porto Alegre praticou com João Braz Jordão, provedor dos ausentes.

159. Idem de 21 de Agosto.—Determina a volta para a capital do Estado de um dos dous bergantins armados em guerra, visto estar prompta uma barca canhoneira e concluindo-se as outras que se mandaram fazer para a defeza d'este porto; e trata da remessa em direitura a Lisboa de algumas antennas de pinho.

160. Idem de 18 de Setembro.— Inclue uma copia do alvará pelo qual Sua Magestade foi servida permittir que os negociantes portuguezes possam interessar-se no commercio e pesca das balêas.

161. Idem de 24 de Outubro.— Trata da vinda do intendente para a marinha d'este porto e da ilha de Santa Catharina.

162. Idem de 22 de Fevereiro de 1799.— Annunciando a volta ao Rio Grande do bergantim *Invencivel*, com o fim de proteger as embarcações de commercio, e de se unir ao bergantim *Hercules*, com o que se conseguiria guarnecer as barcas que já se suppunham construidas.

163. Idem de 28 de Julho.— Sobre a vinda de um official em diligencia do serviço de Sua Magestade, recommendando se lhe dê todos os auxilios de que careça para fazer a sua viagem com a maior brevidade e todo o segredo.

164. Idem de 14 de Dezembro.— Incluindo a copia da carta regia a respeito de continuar o Principe nosso Senhor no governo do Reino e seus dominios, debaixo do proprio nome e suprema autoridade do mesmo Senhor.

165. Idem de 10 de Maio de 1800.— Approvando tudo quanto se praticou com uma balandra hespanhola que deu á costa nas praias de Capão Comprido.

166. Idem de 16 de Outubro.— Inclue por copia duas cartas regias para a creação da quarta companhia para a legião d'este continente, e igualar os soldos dos capitães e officiaes subalternos do dito corpo ao que percebem os officiaes de igual graduação do regimento de dragões.

167. Idem de 30 de Novembro.— Exige uma segunda via da informação sobre o artigo das madeiras de construcção e conservação das matas, por quanto da primeira via que se remetteu para a côrte não ficára copia.

168. Idem de 30 de Novembro. — Sobre a necessidade de pôr em uma solida e permanente consistencia o estabelecimento das carnes salgadas.

169. Idem de 31 de Maio de 1801. — Inclue por copia o manifesto de Sua Magestade Catholica sobre a declaração da guerra a Portugal, e recommenda prevenir com anticipação qualquer sorpresa do inimigo.

170. Idem de 27 de Julho. — Trata da declaração da guerra entre Portugal e Hespanha com dous editaes, um sobre a dita declaração e outro para serem embargados todos os Hespanhóes, navios e cargas d'estes que se acharem nos portos da capitania do Rio de Janeiro, ou a elles vierem.

171. Idem de 31 de Julho. — Trata da recommendação de Sua Alteza Real para combinar um ataque sobre os estabelecimentos do Rio da Prata; remettendo em um papel as noticias mais exactas da situação e estado actual das forças dos Hespanhóes nos estabelecimentos do Sul.

172. Idem de 21 de Agosto. — A respeito do soccorro que se deverá esperar da capitania de S. Paulo, e de tratar da defeza d'este continente de commum accôrdo com o governador da ilha de Santa Catharina, d'onde á primeira ordem se poriam em marcha para o dito continente as tres companhias de Estremoz que alli se achavam.

173. Quarenta officios mais do Ill.mo e Ex.mo Sr. vice-rei conde de Rezende, expedidos em varias datas, e constam não só da remessa de alguns individuos e varios conhecimentos de generos, como de diversas ordens, cuja substancia se omitte por parecer desnecessario.

174. Quatro officios do Sr. general da capitania de S. Paulo, datados a 16 de Outubro de 1800, e a 15 de Julho, 16 de Agosto e 17 de Outubro de 1801, os quaes tratam da intelligencia que de commum accôrdo devia haver relativa á promptificação das

tropas que se deviam applicar para defensa de qualquer parte dos dominios de Sua Magestade que fosse atacada, e dos soccorros que por aquella capitania se destinavam para este continente.

Tribunal da Junta da real fazenda do Rio de Janeiro.

175. Quinze provisões passadas nos seus devidos tempos com as condições com que tem sido rematados os contractos dos dizimos reaes, quinto de couros e gado em pé, e municio de farinha e carne á tropa.

176. Nove ditas relativas ao contracto das passagens de animaes pelos registos de Viamão e Santa Victoria.

177. Quatro ditas sobre o novo estabelecimento do contracto das passagens dos rios e portos d'este continente.

178. Quatro ditas relativas ao estabelecimento do correio, na conformidade da lei e instrucções que uma das referidas provisões inclue por copia.

179. Dezeseis ditas com varias ordens e providencias a respeito da real fazenda, dos officiaes empregados n'ella, das nomeações dos almoxarifes, e do que se deve observar com a feitoria do linho canhamo, incluindo umas instrucções para este fim.

180. Trinta e quatro dita acompanhando diversas parcellas de dinheiro que se destinaram para os cofres d'esta provedoria e da thesouraria da demarcação de limites, e alguns generos remettidos para fornecimento dos armazens reaes.

181. Copia das leis, alvarás, provisões, instrucções e formularios respectivos ao estabelecimento da intendencia da marinha d'este continente.

Cartas regias assignadas pelo real punho.

182. Uma carta datada a 13 de Março de 1797.— A respeito de ser da propriedade exclusiva da real corôa todas as matas e arvoredos á borda da costa do mar ou dos rios que n'elle immediatamente desembocam; prohibe todo o procedimento arbitrario, e que se possam dar para o futuro sesmarias em taes sitios: manda demarcar estes, levantar mappas e informar sobre os meios de restituir á real corôa as sesmarias já dadas, e sobre outros muitos objectos relativos a este mesmo artigo.

183. Uma dita a 11 de Outubro de 1797.— Com a copia do alvará de 12 de Agosto do dito anno para a creação do logar de intendente da marinha nas differentes capitanias de Ultramar, ordenando se auxilie o d'esta capitania, e se informe regularmente dos effeitos que resultarem d'este novo estabelecimento, e do que a experiencia fôr mostrando que será conveniente alterar.

184. Idem de 3 de Setembro de 1800.— Sobre a necessidade de augmentar o corpo da tropa de infantaria e artilharia d'este continente, ordenando a remessa de um plano pela repartição competente a respeito das forças que póde e deve ter o referido corpo, e dos meios para o seu recrutamento.

185. Idem de 6 de Fevereiro.— Ordenando que se tomem as precauções convenientes para não ser sorprendido dos Francezes, e para ajudar e acudir logo com todas as forças a quaesquer pontos que possam ser invadidos, etc.

Provisões do Conselho ultramarino.

186. Uma datada a 7 de Janeiro de 1779.— Sobre o modo por que se poderia mais facil e commodamente pôr em practica, evi-

tando novas questões e processos, a sabia lei das sesmarias, de que inclue um exemplar.

187. Idem de 17 de Setembro de 1784.— Participando a reforma de tres officiaes do batalhão de infantaria e artilharia, para que mandassem tirar as suas patentes.

188. Duas ditas de 15 de Julho e 4 de Setembro de 1793.—Sobre os contractos dos dizimos reaes, quinto de couros e gado em pé, e municio á tropa, incluindo as condições por que foram então rematados.

189. Uma dita de 30 de Julho de 1796.— Em que Sua Magestade ordena se remetta áquelle tribunal uma copia do regimento ou regimentos d'esta capitania, como todas as ordens que os tenham alterado, ampliado ou restringido.

190. Uma provisão de 24 de Março de 1797.— Em que Sua Magestade manda se ponham os corpos auxiliares d'este continente no mesmo pé em que existem os da Europa, com um exemplar do decreto sobre o dito estabelecimento, e copia de uma carta regia para o Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza.

191. Idem de 14 de Março de 1798.— Participando a real resolução sobre a responsabilidade pela prisão e remessa para o Reino de qualquer magistrado, e as penas impostas a este a respeito da obediencia que devem aos governadores.

192. Idem de 14 de Março.— Acompanhando as leis, alvarás e decretos que até o presente tem sido promulgadas, para serem publicadas e registadas nas cabeças das comarcas.

193. Idem de 24 de Setembro.— Ordenando que o soldo que devem vencer indistinctamente em todas as capitanias os sargentos-mores de auxiliares é o de 26$000 rs. por mez, e não o de 36$000 rs., que indevidamente se lhes tem pago.

194. Idem de 18 de Fevereiro de 1800.— Com um requerimento do coronel dos auxiliares Carlos José da Costa e Silva para

informar, no qual pretende o dito coronel, em remuneração dos seus serviços, um dos officios publicos d'este continente, ou o seu soldo pelas vidas que fosse do real agrado de Sua Alteza Real.

195. Dous avisos do Ex.mo Sr. mordomo-mór, datados a 6 de Outubro de 1797, remettendo as condições por que foram rematados ultimamente por tres triennios os contractos dos dizimos reaes, quinto e municio pertencentes a este continente.

Pela secretaria dos negocios da marinha e dominios ultramarinos.

196. Um aviso do Ex.mo Sr. Martinho de Mello e Castro, datado a 12 de Outubro de 1787, sobre as isenções e favor que devem gozar os navios destinados a carregar trigos e farinhas d'este continente em direitura a Lisboa, cujo ramo de commercio manda Sua Magestade promover.

197. Um aviso do Ex.mo Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho, datado a 9 de Dezembro de 1796.— Em que Sua Magestade manda informar sobre os meios de estabelecer uma capitania do Rio Grande e Santa Catharina, separada das outras, e que systema se deve seguir para segurar com povoações os nossos limites da parte dos Hespanhóes.

198. Idem de 23 de Março de 1797.— Sobre o modo de estabelecer toda ou parte da legião de voluntarios reaes de S. Paulo nos campos de Curitiba : de pôr em vigor a companhias soltas de aventureiros que se formaram até o anno de 1775, e uma especie de milicias ou pedestres compostos de homens de meia côr e de pretos.

199. Idem de 31 de Março.— Sobre o descobrimento da terra propria para extrahir o salitre, com um impresso que ensina o modo de conhecer as terras onde o ha, e de fazer o dito salitre.

200. Idem de 21 de Outubro.— Acompanhou varios mappas ou exemplares, para annualmente se darem á côrte noções exactas dos habitantes d'este continente, das suas occupações, dos casamentos, nascimentos e mortes ; da importação, exportação, etc.

201. Idem de 21 de Novembro.— Ordenando se auxilie o provedor dos defuntos e auzentes para devassar e proceder contra os comprehendidos na prisão e mais factos absolutos praticados com João Braz Vidal Jordão.

202. Idem de 28 de Novembro.— Participando que sendo incerto acceitarem os Francezes a ratificação do tratado da paz, ordena Sua Magestade se conservem as maiores precauções, e se continue as hostilidades.

203. Idem de 28 do dito mez e anno.— Sobre a remessa de uma porção de sebo d'este continente, que sirva para amostra da sua qualidade, declarando o preço que aqui custa.

204. Idem de 4 de Janeiro de 1798.— Ordena se introduza n'esta capitania o uso dos bois e arado para cultivar as terras, e que se remetta á secretaria de Estado uma descripção dos methodos que actualmente se praticam para a cultura e manipulação dos generos, &c.

205. Idem de 7 de Janeiro e 23 de Abril.— Recommendando a manufactura da salga das carnes e dos páos ou tabeletas de caldo.

206. Idem de 22 de Março.— Trata da vinda do intendente da marinha José Fidelis da Costa, remettendo copia da carta regia expedida a 11 de Outubro de 1797.

207. Idem de 27 de Abril.— Sobre o embarque de alguns páos de pinho para o arsenal de Lisboa, no caso de poderem servir para uso das nãos, informando do seu custo, e se póde fazer conta á fazenda real a continuação d'estas remessas.

208. Idem de 23 de Abril.— Ordenando que se examine com

exacção o numero de gente branca e Indios que os Hespanhóes tem nas duas margens do Rio da Prata, e na margem do norte junto aos rios Paraná, Uruguay e Paraguay, e igualmente que culturas fazem e que minas tem, e o producto que a fazenda real tira de taes estabelecimentos. Que se não consinta que os Hespanhóes avancem e estendam a sua fronteira da nossa parte, e que antes se procurem, sem comprometter a côrte, todos os meios de estender os nossos limites.

209. Idem de 22 de Setembro.— Com um requerimento para informar dos actuaes contractadores José Rodrigues Pereira de Almeida e seus socios, no qual pretendem obter por graça para estabelecimentos de varias fabricas o rincão de Bujurú, satisfazendo á real fazenda os edificios e animaes que no dito rincão existirem.

210. Idem de 24 de Setembro.— Sobre não deixar passar escravos para os dominios de Hespanha, pondo em execução com o maior vigor as leis que prohibem este commercio.

211. Idem de 27 de Setembro.— Sobre se deverem guardar os privilegios da bulla da cruzada, e auxiliar as cobranças dos rendimentos da dita bulla.

212. Idem de 2 de Outubro.— Com um requerimento da camara da ilha de Santa Catharina para informar, ouvindo o seu governador; e se as rendas do subsidio litterario podem supprir as despezas que fará n'aquella villa a creação de um juiz de fóra, que pretende a dita camara.

213. Idem de 6 de Outubro.— E' resposta sobre differentes assumptos, autorisando Sua Magestade para propôr tudo o que julgar mais conveniente, e manda agradecer as offertas que voluntariamente fizeram os habitantes d'este continente.

214. Idem de 2 de Novembro.— Recommendando novamente as maiores vigilancias a respeito dos Francezes e Hespanhóes, tendo tudo prompto não só para repellir qualquer ataque, mas para obrar activamente, &c.

215. Idem de 19 de Novembro.— Inclue um catalogo das plantas que se acham no horto botanico do Pará, á cuja imitação manda Sua Magestade recommendar que se procure estabelecer um jardim botanico n'esta capitania.

216. Idem de 18 de Dezembro.— Com a noticia de estar se preparando no porto de Passagens uma fragata corsaria de dezoito canhões, & c., com o destino de fazer desembarque na costa do Brazil.

217. Idem de 22 de Abril de 1799.— Com uma representação dos lavradores e estancieiros d'este continente para informar, em que se queixam dos arrematantes e administradores do contracto dos dizimos reaes e quinto dos couros, por impetrarem e obterem condições, que deixando de ser uteis ao real erario, redundam em notavel prejuizo dos ditos estancieiros e lavradores.

218. Idem do 1.º de Maio.— Sobre a maior precaução respeito ás tentativas hostis que possam tentar os Hespanhóes, cuja má fé e adhesão aos principios francezes é cada vez mais manifesta.

219. Idem de 10 de Maio.— Recommendando tres Irlandezes e os estabelecimentos a que estes se dirigem, remettidos pelo negociante José Rodrigues Pereira de Almeida, que os mandou vir da Irlanda.

220. Idem de 4 de Setembro.—Acompanhou uma memoria para informar sobre os objectos alli notados, e respectivos a augmentar as povoações d'este continente, crear n'elle um ministro de vara branca, e serem tomadas as contas dos almoxarifes pela provedoria do mesmo continente.

221. Idem de 7 de Outubro.—A respeito de haver toda a razão para crer que em Inglaterra se tem falsificado os sellos das nossas alfandegas, e manda comparar as remessas das mercadorias com as notas e avisos do superintendente geral das alfandegas.

222. Idem de 31 de Outubro.— Confirmando a proposta da legião, o igualamento do soldo dos seus officiaes com o dos officiaes de dragões, e a creação da 4.ª companhia para a mesma legião. Trata da necessidade da separação d'esta capitania, e ordena a resposta dos seguintes artigos: Quaes são os limites naturaes que deve ter o governo, reunindo-se as capitanias do Rio Grande e ilha de Santa Catharina: Que rendimento em dizimos, em alfandega: Que tropa deve ficar, e qual será a sua despeza: Qual deve ser o logar da residencia dos governadores e da junta, e quaes as alfandegas que podem estabelecer-se.

223. Idem de 8 de Novembro.— Que Sua Alteza Real determina se não mandem presentes pelos empregados no real serviço da America, nem se recebam pelos da Europa.

224. Idem de 8 de Janeiro de 1800.— Sobre não se consentir fazer á véla embarcação alguma, assim de guerra como mercante, sem levar a seu bordo as malas das cartas que se dirigirem pela administração do correio.

225. Idem de 2 de Fevereiro.—Inclue providencias para evitar qualquer tentativa que os Francezes procurem fazer sobre a costa do Brazil ou d'Africa, servindo-se de pavilhão ou embarcações hespanholas.

226. Idem de 10 de Fevereiro.— Com um requerimento dos moradores d'este continente para informar, em que pretendem que os tres almoxarifes de Porto Alegre, Rio Pardo e Rio Grande, não sejam obrigados a ir dar contas ao Rio de Janeiro, podendo-se estas legalisar na provedoria do dito continente.

227. Idem de 8 de Abril.— Para se não pôr embaraço á volta de dous bergantins vindos em direitura de Lisboa.

228. Idem de 20 de Maio.— Prevenindo o desembarque de toda a qualidade de embrulhos ou pequenos pacotes das embarcações despachadas de Lisboa.

229. Idem de 7 de Novembro. — Recommendando a cultura da farinha de páo, e que se faça d'esta a maior exportação para os portos do Reino.

230. Idem de 19 de Novembro. — Ordenando a remessa para a côrte de toda a qualidade de semente de plantas, com as etiquetas dos nomes que tem no paiz.

231. Idem de 30 de Dezembro. — Ordenando a remessa para o Reino de todas as especies e variedades de aves d'este paiz.

232. Idem de 20 de Março de 1801. — Ordenando combinar um ataque, de accôrdo com os Srs. vice-rei do Brazil, commandante da nossa esquadra, e general de S. Paulo, sobre os estabelecimentos hespanhóes do Rio da Prata.

233. Idem de 3 de Junho. — Com o exemplar do decreto expedido ao desembargo do paço sobre a declaração da guerra com Hespanha.

234. Idem de 2 de Dezembro de 1796, 22 de Março de 1797, 16 de Fevereiro de 1798, 28 de Janeiro e 11 de Fevereiro de 1801. — Sobre a cultura do linho canhamo, recommendando com a maior efficacia o seu progresso; e o ultimo inclue por copia a carta regia datada a 16 de Agosto de 1799 para o Ex.mo Sr. vice-rei do Estado providenciar o pagamento do dito linho canhamo.

235. Quatorze ditos. — Acompanharam differentes remessas de livros e impressos para se distribuirem e vender na fórma indicada nas relações que tratam dos ditos livros, pelos quaes hão de responder aquellas pessôas que foram encarregadas da dita distribuição.

236. Vinte e tres ditos. — Sobre propostas, requerimentos, informações e licênças respectivas á tropa regular e irregular d'este continente.

237. Quatro ditos.— Acompanharam outros tantos requerimentos de particulares para informar, sendo um d'elles relativo ao estabelecimento que se formou na barra do Rio Grande para soccorro das embarcações que por ella entram e sahem.

---

238. Um copiador em que estão lançadas as contestações ou respostas ás provisões do conselho ultramarino e aos avisos do Ex.mo Sr. ministro e secretario de estado d'esta repartição.

239. Um dito dos officios, informações e contas dirigidas aos Ex.mos Srs. vice-reis do Brazil e ao tribunal da junta da real fazenda, aggregando-se-lhe juntamente todas as copias que estão por lançar.

240. Um dito da correspondencia com os commandantes das fronteiras e mais dependentes d'este governo, e um maço de copias por lançar que lhe corresponde.

241. Um maço de copias das informações dadas nos requerimentos para sesmarias feitos aos Ex.mos Srs. vice-reis, com as informações que precederam do major engenheiro José de Saldanha, sobre a situação e confrontações dos terrenos comprehendidos em cada um dos ditos requerimentos.

242. Um maço de copias dos officios passados ao inspector da real feitoria do linho canhamo ; das representações d'este, e mais papeis relativos áquelle estabelecimento.

243. Um dito de copias tanto dos officios dos Srs. vice-reis do Rio da Prata e commandantes hespanhóes, cujos originaes foram opportunamente remettidos aos Ex.mos Srs. vice-reis do Brazil, como das respostas sobre o estabelecimento das guardas e postos, que não só os Portuguezes, mas com maior excesso os Hespanhóes tem avançado ao depois do tratado de 1777.

244. Um dito que comprehende as copias dos officios e ordens

tendentes à defensa d'este continente, e as partes dos commandantes das fronteiras e postos avançados dirigidas na proxima precedente guerra com Hespanha.

Tres padrões ou listas dos Indios dos povos de S. Miguel, S. João Baptista e Santo Angelo das Missões orientaes do Uruguay, remettidos ao tempo d'aquella conquista, com quatro estandartes dos ditos povos, duas pequenas chapas de prata, e um remate com as armas de Sua Magestade Catholica.

Um caixão de papeis antigos e modernos, que encerra a correspondencia com o governo da ilha de Santa Catharina, um grande numero de officios, mappas e partes dos commandantes das fronteiras do Rio Grande, Rio Pardo e da repartição de Porto Alegre; varias representações dos parochos, e bastantes cartas do provedor da fazenda real, camara, do brigadeiro Vicente José de Velasco relativas á sua commissão, e do governador de Montevidéo e commandantes hespanhóes com diversas reclamações.

50 oitavas de ouro em granito dentro de um canudo, acompanhado de um termo, cuja copia ou extracto vai appenso a este inventario.

Porto Alegre 20 de Setembro de 1802.

José Ignacio da Silva.

Pelo Illm. e Exm. Sr. Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, tenente-general e governador d'este continente do Rio Grande, me foi proposto que o tenente de dragões Antonio Pinto da Fontoura lhe apresentára uma porção de ouro em granitos e uns pedaços mais volumosos, dizendo tel-os achado nas campanhas d'este continente, a qual descoberta como tão interessante a participava para tomar sobre o objecto as medidas que lhe pa-

recessem mais ajustadas; e porque queria proceder com toda a legalidade em materia de tanta ponderação, me requeria procedesse á ella pelo meio mais authentico: por cujo motivo, em concurrencia com o mesmo Sr., foi por mim deferido o juramento dos Santos Evangelhos ao sobredito tenente para que declarasse o como teve noticia de haver alli aquelle mineral, qual era o logar, que trabalho empregava, que lucros promettia, e quaes os avanços d'estes sobre o trabalho necessario; e tendo prestado o juramento debaixo d'elle declarou: — Que um seu escravo por nome Antonio, que tinha morado em Minas, lhe dissera que todo o terreno que banha o arroyo do Salço indicava ter ouro por ser a terra em tudo igual á que nas Minas Geraes o produzia; e querendo elle tenente ver se era isto caminho de fazer serviço a S. M., lhe permittira licença de o examinar, de modo que o fizesse com toda a cautela sem ser visto nem suspeito, e que indo o escravo lhe tornára pedindo-lhe outro que o acompanhasse, o que fez dando-lhe dous outros escravos, e indo elle mesmo assistir para evitar todo o desvio; e que só com tirar terra das margens do arroyo, cada lavagem n'uma pequena escudella nunca dava menos de cento e sessenta réis, outras ainda maiores e uma de seis oitavas, sahindo da sobredita experiencia feita uma só vez e a furtos o ouro que apresentava: que d'aqui se conhece o grande interesse que promette, o que bem se póde julgar certo pelo muito que produziu tão pequena fadiga: que o logar é toda a margem do arroyo do Salço, distante das terras castelhanas seis até dez leguas, conforme a serpentação do arroyo: e que sempre foi voz vaga haver ouro por todos aquelles contornos. Depois do que se obrigou, debaixo do mesmo juramento, a guardar um inviolavel segredo até ultima decisão d'este negocio, cuja deposição assignou com o mesmo Ill^{m}. e Ex^{m}. Sr. tenente-general governador, e comigo ouvidor geral e corregedor da comarca. Porto Alegre 30 de Abril de 1799.— *Lourenço José Vieira Souto.— Antonio Pinto da Fontoura.*

Compilação

Dos objectos mais essenciaes e permanentes de que está encarregado o commandante do Rio de S. Francisco Xavier, como ha de constar das ordens que existem no archivo do mesmo commando : e alguns apontamentos de instrucção para regular a sua conducta no mesmo commando.

(Manuscripto original offerecido ao Instituto pelo 1.º Secretario perpetuo Manoel Ferreira Lagos.)

Perolas.

Deve ter actualmente quatro soldados do destacamento empregados em extrahir as perolas dos mariscos denominados *sururús*, que se acham no lôdo dos mangues, e fazer que no fim de cada oito dias elles dêem conta das que acharam, as quaes separadas se devem embrulhar em papel com os rótulos—Bairro de Saguasú, Rio das Arêas, etc. Depois de completar dous mezes n'esta pescaria, devem-se acondicionar em uma aceiada boceta todas as perolas, que serão enviadas ao Illm. Sr. governador. Continuará a mesma diligencia com o methodo referido, fazendo a remessa de dous em dous mezes, até receber ordem para suspendel-a.

Pelles.

Deve ter sempre dous soldados na caçada dos guarás, os quaes devem dar conta no fim de cada oito dias, e não consentirá que no verão matem os filhos que ainda não estão bem empennados e tem pennas negras ; devem só matar os que as tem todas vermelhas : e pelo inverno (que é quando ha mais e com a côr perfeita) deve occupar mais um soldado n'essa diligencia. As sobreditas pelles devem ser penduradas em uma corda separadas umas das outras, e expostas á ventilação do ar, que lhes faz

beneficio, além de se pôrem ao sol de dous em dous dias. Igualmente mandará caçar tocanos para se lhes tirar as pelles, com as quaes se praticará o mesmo, cortando a uns e outros as pernas e bicos: e tambem mandará caçar maitácas e papagaios do sertão, dos quaes só se aproveitam as azas. Depois de ter uma boa collecção das sobreditas pelles, na vespera de partir a embarcação cuidará em apromptar as remessas, mandando descarnar bem alguns fragmentos de gordura, lavando-as com aguardente da terra, e pulverisadas com uma mistura de alcanfor triturado com a pimenta combari, immediatamente se põem ao sol a seccar. Depois recolhem-se em uma caixa feita de proposito, arrumando-as carnaes com carnaes, e pulverisando todas as camadas com o mesmo mixto. A polvora para esta caçada vem do Rio de Janeiro, remettida por Francisco Xavier Cardozo Caldeira, e os mais generos que são precisos para se apromptarem as remessas, que todas irão dirigidas ao dito Caldeira com carta e relação da despeza feita, que será paga pelo capitão-mór João Pereira Lima. Tambem mandará matar lontras para fazer remessas das pelles, e dos buchos de pescadas, que devem ser sêccos ao sol, abrindo-os primeiro quando estão frescos.

Insectos.

Terá grande cuidado em comprar os insectos dourados logo que principia o verão, os quaes se pagam a cinco réis, mas é necessario animar aos rapazes com alguns vintens, além da paga ordinaria, para procurarem com diligencia : não comprará os que tiverem as azas brandas porque assim não servem, mas sim os que as tiverem duras, que é signal de estarem com a brilhante côr na sua verdadeira perfeição, e de terem chegado ao ordinario crescimento. Sómente deve aproveitar as azas : guardará porém alguns inteiros dos maiores, que com as azas irão na remessa. Os denominados *Rubis* conservam-se inteiros, e não se lhes tiram as azas. Guardam-se todos em latas, misturando-se com alguns pedaços de alcanfor e entre algodão para se não quebrarem.

Serão da mesma fórma incluidos na remessa todos os insectos que apparecerem de côr brilhante e feitio exquisito : em quanto vivos estarão separados, embrulhados em algodão ou papel, para se não devorarem ou despedaçarem uns aos outros.

Não consentirá que alguma outra pessôa compre insectos dourados que não sejam para a remessa ; e quando lhe conste que houve algum extravio, os mandará tomar por ordem do Illm. e Exm. Sr. vice-rei, pagando-os para ajuntar á remessa.

Borboletas.

No 1.º de Fevereiro mandará dous soldados, cada um com a sua rêde, apanhar borboletas, que devem ser as azues, assetinadas, as de côr de perola, brancas rendadas, amorcegadas, e as verdes com riscos negros ; e n'esta diligencia devem-se empregar todos os dias para aproveitar o tempo em que as ha, apanhando-as com delicadeza, sem lhes quebrarem as barbas ou as pernas, e muito menos mancharem o mimoso pello que ellas tem, onde está a engraçada côr que as faz tão estimaveis, pois com estes defeitos para nada servem : não se apanharáõ as velhas, que se conhecem por terem as azas rotas, antes devem-se deixar para não extinguir-se a sua propagação. As borboletas se pregam nas caixas com alfinetes em boa ordem, pondo-as com as azas levantadas e os pés direitos como se estivessem vivas, deitando-se na caixa alcanfor, e assim se remettem para o Rio de Janeiro.

Animaes.

Deve diligenciar o apanhar-se algum animal raro, para ser remettido com toda a segurança para a capital á presença do Ill.^mo^ Sr. governador, com a relação da despeza ao provedor da real fazenda, conforme as ordens de Sua Magestade e do Sr. vice-rei do Estado : e com toda a brevidade aprompatará e remetterá tudo o que lhe pedir o Caldeira, conforme a ordem de S. Ex.ª porque é da

sua inspecção o arranjamento dos objectos ou generos acima já expendidos. Para nenhuma das sobreditas remessas se occupam os paisanos sem ordem superior, só sim pagando-lhes o seu trabalho.

Cochonilha.

Como os lavradores já sabem beneficiar sufficientemente a cochonilha, que produz bem n'este districto, é necessario mandar algumas vezes passar revista ás suas plantações e fazer colher a cochonilha, porque alguns individuos por preguiça o não fazem, perdendo o lucro que esta dá; e quando a trouxerem, deve-se pesar na sua presença e pagar-lhes logo, e não demorar para outro dia, porque perdem a viagem para seus sitios que são distantes, e tambem precisam do dinheiro para remediarem as suas necessidades. Os nomes dos lavradores serão lançados em um quaderno, assim como o logar onde moram, e a cochonilha que trouxerem, a qual deverá pôr-se ao sol algumas vezes. Antes de fazer a remessa para a capital, a pesará na presença do anspeçada ou cabo que a conduzir, e a lata deve ir amarrada e lacrada para não haver profusão d'ella pelo caminho.

Café.

O reverendo vigario Bento Gonçalves Cordeiro e o capitão-mór João Pereira Lima ficaram de fazer cada um a sua plantação com numero de pés que chegue para repartir pelos lavradores mais curiosos em tempo competente, do que então deve dar parte ao Ill.^{mo} Sr. governador para determinar como fôr servido.

Despachos dos escravos.

Por pretexto algum deixará passar os escravos para as partes do Sul sem que seus senhores prestem fiança, e vão debaixo de guia, conforme o alvará de Sua Magestade. Os das embarcações que vierem do Rio de Janeiro mettidos na intendencia como

marinheiros, se quizerem seguir viagem para o Sul igualmente devem ir debaixo de guia, não a trazendo do Rio de Janeiro, porque a intendencia foi estabelecida para outro fim. Assim tambem não deixará passar escravo algum (excepto crioulos e mulatos) para as partes da capitania de S. Paulo, sem mostrar seu senhor certidão do provedor da real fazenda do Rio de Janeiro de que tem pago os direitos a Sua Magestade por ir para terras mineraes.

Ouro.

Não consentirá se tire ouro nos rios de Itapucú e Sájaí sem apresentarem licença do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. vice-rei do Estado, mandada cumprir pelo Ill.^{mo} Sr. governador, e deve ter uma pessôa de confidencia dos mesmos moradores em cada um dos rios, para o avisarem de qualquer tentativa que haja sobre este objecto, para dar as providencias necessarias, além da recommendação que deve ter o cabo da guarda da barra de Araquarem, e o official das ordenanças da costa de Itapacoroia.

Madeiras.

Por pretexto algum consentirá que se cortem páos de paroba, senão conforme o alvará de Sua Magestade; e aquellas pessôas que quizerem negociar com esta qualidade de madeira, só o poderáõ fazer com licença sua: quando as madeiras forem para os arsenaes do Rio de Janeiro, devem-se conduzir debaixo de guia passada pelo mesmo commandante.

Terras incultas.

Não deve consentir que pessôa alguma se estabeleça, e deite matos abaixo para fazer roças em terras de Sua Magestade, sem apresentar legitima concessão ou titulos primordiaes.

Páos de canôas.

Deve conceder a interina licença immediatamente por escripto ao morador que quizer fazer alguma canôa, tirando-a dos matos

d'El-Rei, se achar que é justo; porém deve apresentar-lhe uma petição feita ao Illm. Sr. governador, onde peça a confirmação da licença obtida, especificando as dimensões e qualidade do páo, e enviará á presença de S. S.ª em carta fechada com a sua informação.

Farinhas.

Dará preferencia, na conformidade da ordem, para a compra das farinhas aos contractadores que estão encarregados do soccorro das tropas do Rio Grande, auxiliando aos mestres das embarcações para carregarem com brevidade pelo justo e commum preço que correr na terra; porém deve ter feito primeiro um calculo da necessaria para a tropa militar d'esta repartição e povo, e depois deve preferir a qualquer negociante d'este genero o procurador do contracto das armações na compra da que fôr necessaria para fornecimento das mesmas armações reaes.

Despachos.

Não deve demorar os despachos das embarcações que vem commerciar a este porto, porque causa grave prejuizo ao commercio; antes deve politico e urbano estimular a que voltem outras vezes.

INSTRUCÇÕES PARA REGULAR A SUA CONDUCTA.

1. Deve cuidar e fazer todo o possivel para que o Dr. ouvidor, camara, vigario e povo respeitem no ultimo gráo de perfeição ao Illm. Sr. governador e ás suas ordens com grande submissão e fiel obediencia, sem jámais consentirem em tempo algum que qualquer individuo, tanto na ausencia como na sua presença, dê suppostas e sinistras interpretações ás suas respeitaveis ordens; porque a restricta observancia d'esta regra, além de ser obrigação inherente ao estado de subdito, tem por legitima consequencia a tranquillidade e socego dos povos, a quem o respeito e

temor do castigo faz conter nos seus deveres sem suscitarem murmurações e desobediencias, e facilmente se conduzem para a sua felicidade e augmento ; e com um meio insinuante se lhes vai persuadindo da grande vantagem que tiram da sincera vontade com que obedecem ao superior, que Deus lhes deu para cuidar nos seus interesses, e castigal-os pelos seus crimes, sempre a fim de felicital-os.

2. Conservará uma harmoniosa amizade com o Dr. ouvidor de Parnaguá, obsequiando-o civilmente, e procurará tel-a tambem com os commandantes das villas confinantes para os ter propicios nas diligencias do real serviço, quando fôr necessario deprecar a sua auctoridade.

3. Não deve ultrapassar os limites da sua jurisdicção, mas sim estudal-a para não aviltar a auctoridade depositada na sua pessôa, liberalizando os seus poderes a individuos que representam outros empregos ; subtrahindo-se tambem quanto lhe fôr possivel de armar a sua jurisdicção contra outra, porque estes conflictos são origens de funestas consequencias e causam grandes incommodos e perplexidades ao povo, ao qual se deve convencer com a lei e a razão.

4. Deve conservar a amizade do Reverendo vigario, e igualmente tel-a com a camara, capitão-mór e capitães de auxiliares, deixando-lhes livres as suas privativas jurisdicções, das quaes deve-se instruir quanto lhe fôr possivel, para que não deixe usurpar as que lhe pertencem na qualidade militar, que representa n'esta villa no poder a pessôa do Ill.^mo^ Sr. governador d'esta capitania, pois abandonar a sua auctoridade é offender ao sagrado respeito que se deve ao mesmo Sr.

5. Deve cuidar e trabalhar para profundar e radicar bem no seu espirito a prudencia e humanidade, e não se deixar levar dos enthusiasmos suggeridos de idéas cerebrinas, decidindo os casos ou factos de vulto que succederem fóra do commum, sem primeiro os levar á respeitavel presença do Ill.^mo^ Sr. governador com toda a verdade, singeleza e circumstancias, esperando a sua decisão ; e só em caso de imminente perigo e tristes circumstancias é que deve decidir, consultando primeiro as ordens sobre

casos identicos com toda a reflexão e prudencia, dando immediatamente parte ao Ill.^{mo} Sr. governador.

6. Os povos do Rio de S. Francisco (fallando genericamente) são muito humildes, obedientes e generosos, ainda que não deixam de ser desconfiados, de que parece causa a sua grande pobreza, que os põe na necessidade de andarem de humildes trajes. E' necessario tratal-os com bom modo, soffrendo as suas ignorancias e rusticidades, na consideração de que n'esta villa ainda tudo está na infancia, ao mesmo tempo que elles naturalmente não deixam de ter habilidade : é necessario ensinal-os com paciencia, e despertal-os da inercia e estupidez em que os tem posto o máo e lamentavel exemplo dos seus antepassados, que como mal epidemico tem grassado por um funesto encadeamento até ao presente. Isto se não póde fazer em pouco tempo, porque além de se não conseguir, é imprudencia com a humana força querer fazer mudar em um instante todos os costumes encanecidos de um povo ; porém gradualmente se virá a conseguir, applicando todas as forças com o intuito de o fazer feliz.

7. Deve nos requerimentos de queixas que lhe fizerem ouvir e informar-se bem dos officiaes de auxiliares ou ordenanças d'aquelle bairro onde succedeu o facto, e ver se póde, á força de persuasão e industria, restabelecer a boa sociedade e amizade ; e quando fôr caso em que se não possa usar d'este bello e sublime antidoto, deve usar com cautela (cabendo na sua jurisdicção) do triste e ultimo remedio da prisão, sem comtudo se tornar inflexivel, conforme a natureza do delicto, aos rogos e peditorios do Reverendo vigario, juiz, capitão-mór, &c.

8. Deve tratar com bom acolhimento aos Curitibanos que descerem pela serra a fazer negocio, porque voltam outra vez para fazerem exportação, como são trigos, carnes, sebo, congonha, &c., e assim se attrahe e reanima este commercio, sem o qual quasi que não póde subsistir o Rio de S. Francisco: tratará da mesma maneira aos que vem da villa de Parnaguá com negocio.

9. Ainda que é sciencia quasi incomprehensivel a de conhecer os homens, todavia deve vigilantemente, como um objecto mais

essencial para o bom governo, affastar de si com inflexivel constancia os maledicos e mentirosos detractores, que com as suas intrigas e imposturas fazem castigar e desprezar os innocentes e premiar os seus cumplices; pois estes pessimos individuos, como monstros da sociedade, só cuidam para os seus sordidos interesses em calumniar, deturpar e incommodar a gente sensata, alterando assim a tranquillidade e santa paz publica.

10. Finalmente, nos officios dos Ill.^mos^ Srs. governadores achará uma plena instrucção, e as ordens por onde se deve dirigir e governar: lendo-as repetidas vezes, se encherá de luzes e sciencia para manter os povos em uma perfeita harmonia e paz; nos sobreditos officios aprenderá a dissipar as intrigas e enredos nos seus principios, para que não cheguem a entrelaçar-se com profundas raizes, das quaes os fructos são bem amargosos; e tambem não fatigará a respeitavel presença do Ill.^mo^ Sr. governador com intempestivas, pueris e enfadonhas partes.

Villa de Nossa Senhora da Graça, 1.° de Março de 1791.— *José de Castro Ramos*, alferes.

BIOGRAPHIA

Dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

MANOEL DIAS, O ROMANO

Na historia das Bellas Artes, occorrida n'esta cidade, não póde desapercebidamente passar o nome d'este pintor, que foi o primeiro professor regio de desenho, e o que mais luctou contra a indifferença do governo que o havia nomeado, mais por deferencia aos usos das nações civilisadas, do que para preencher uma necessidade real.

Na outr'ora florescente villa de Macacù nasceu este artista pelo meiado do seculo passado, e ahi passou a sua primeira idade até que veio para o Rio de Janeiro a fim de aprender a arte de ourives.

A presença das obras de Leandro Joaquim, de Raymundo e do mestre Valentim, fizeram transviar o seu espirito do fim a que se propuzera, procurando mais desenhar do que trabalhar na sua arte. O seu desejo era ver Lisboa, onde então as artes estavam em algum apreço, e onde o seu espirito acharia o manancial que procurava.

Um negociante d'esta praça, para quem elle havia feito alguns trabalhos de prata, o levou comsigo para a cidade do Porto; mas esta felicidade foi de pouca duração, porque morreu pouco depois, e deixou Manoel Dias em tal estado de penuria, que se viu na obrigação de ser criado de um outro negociante, que tambem havia estado no Brazil. Em uma viagem que fizera com seu amo a Lisboa, póde Manoel Dias alcançar a protecção do celebre Manique, que o mandou estudar na Casa Pia, e o matriculou depois na Academia do Castello.

Os seus progressos foram taes que mereceu a honra de ser mandado para Roma, conjuntamente com o celebre Siqueira, para na grande metropole das artes se aperfeiçoar como convinha. Tomou por mestre o celebre Pompeo Battoni, principe da Academia de S. Lucas, e um dos que mais cooperou para a revolução artistica então prégada por Winkelmann e Raphael Mengs.

Na invasão franceza foi Manoel Dias para Genova, aonde provou toda a sorte de contrariedades imaginaveis, e se viu reduzido ao extremo da miseria.

De volta a Portugal, alcançou ser nomeado professor regio de desenho e pintura para esta cidade, onde exerceu o magisterio até jubilar-se.

A esforços seus póde estabelecer em sua casa a aula do nu, que era frequentada pelos poucos artistas que então havia. Entre os discipulos, os que mais se distinguiram foram Manoel José Gentil e Francisco Pedro do Amaral : o primeiro foi retratista e bom miniaturista, e o segundo deu-se á decoração, e fez obras de muito valor.

A chegada da colonia franceza, que veio em 1816 fundar a Academia das Bellas Artes, nada influiu na sorte de Manoel Dias; mas não aconteceu assim na de Francisco Pedro do Amaral, que deixou o estylo e maneira dos pintores portuguezes que vieram com a côrte, para tomar a nova escola á cuja frente estava Mr. Debret, pintor historico e membro correspondente do Instituto de França.

A Manoel Dias, durante o reinado, foram encommendados alguns quadros, que elle executou com mais ou menos pericia, e com as difficuldades que apresentam os paizes onde se não estimam as artes.

Conhecemos d'elle uma Senhora Santa Anna, que está na Casa da moeda, a qual foi mandada retocar, e só conserva do original a idéa da composição.

Uma Nossa Senhora da Conceição, que está actualmente na Academia das Bellas Artes, e que faz parte da galeria dos quadros : este painel tem um colorido agradavel.

Na sacristia da ordem terceira de S. Francisco existem dous paineis arruinados igualmente do seu pincel : um representa S. Francisco recebendo as chagas, e o outro o nascimento do mesmo santo : grande suavidade de colorido tinham estes dous paineis ha vinte e sete annos, mas hoje se acham muito deteriorados.

Na galeria de quadros do Sr. Manoel José Pereira Maia, um dos homens mais curiosos e que tem maiores preciosidades em todo o genero de Bellas Artes, existe um painel de Manoel Dias representando a caridade romana. A composição é boa, o colorido suave e n'uma escala propria, e o desenho muito soffrivel, e soffrivelmente anatomisado.

Fez muitos retratos, paisagens, flôres, e sobretudo uma grande quantidade de bosquejos representando factos historicos e allegorias. Entre estes bosquejos haviam dous, representando um o nascimento da Senhora D. Maria II, rainha de Portugal, e outro allegorico á morte da imperatriz Leopoldina, que eram de um effeito prodigioso de luz, e onde se grupavam figuras com uma grande felicidade de invenção e muito gosto no desenvolvimento dos accessorios.

Mas de todas as obras de Manoel Dias, aquella que o classificava no numero dos bons artistas era uma cabeça de S. Paulo, que elle executára em uma grande chapa de marfim. Como desenho, expressão, colorido e trabalho ponteado, era uma obra admiravel e digna de fazer parte de qualquer collecção estimada.

As qualidades moraes d'este excellente artista, pai de uma numerosa familia, eram superiores a todo o elogio. A independencia do seu caracter, o respeito que consagrava á sua arte, o fizeram luctar com a sua época, e viver o mais modestamente que lhe era possivel.

Depois do anno de 1831 foi para Campos, onde estabeleceu um collegio, e ahi morreu deixando uma grata recordação da sua pessôa e do seu talento como mestre de desenho.

São mui curtas as noticias que aqui dou d'este artista brazileiro, certamente, mas julgo não dever omittil-as, por quanto nada se sabe, nem se procura saber ácêrca dos homens que

exercem as artes : a adulação consigna sempre o nome do mandatario e nunca do executor ; ora se a Italia assim tivesse obrado, por certo que ignorariamos hoje o nome d'esses mestres primitivos que ornaram aquella terra de tantos primores, ou das primeiras tentativas que fizeram depois que as artes se emanciparam do estylo chamado grego, que é aquelle que trouxeram os artistas de Constantinopla para Veneza, para a côrte dos reis lombardos, e que ainda se conserva nos muros de S. Marcos, S. Ambrozio e outras igrejas veneradas em toda a Italia.

Quando o Brazil tiver o seu Vasari, estas curtas noticias hão de servir de base para trabalhos mais amplos, e desafiarem pesquizas ácêrca dos nossos artistas primitivos.

A cal cobriu as pinturas da sala d'armas da Conceição, feitas pelo mestre Rosa ; o tempo destruiu as que elle fez no palacio do conde de Bobadella ; e a mania dos retoques, feitos por homens inhabeis, estragou as pinturas do tecto da capella mór de S. Bento, feitas por Fr. Ricardo do Pilar, do qual felizmente ainda existe o Christo na sacristia, que é uma obra admiravel pela poesia do colorido e pela expressão.

Na secretaria do imperio haviam uns frescos pintados por J. B. Debret, e esses foram cobertos por papeis pintados, e os outros caiados !

Que exemplo p'ra futuros escriptores ! ! !

, ca
to, e

INDICE

DOS ARTIGOS CONTIDOS NO 4.º VOLUME DA 2.ª SERIE

Pag.